



Universidade do Minho
Instituto de Educação

**A Formação do Homem: a relação entre
educação e política no pensamento
filosófico-educacional de Jean-Jacques
Rousseau**

António Pedro Moura de Oliveira

António Pedro Moura de Oliveira

**A Formação do Homem: a relação entre
educação e política no pensamento
filosófico-educacional de Jean-Jacques
Rousseau**

UMinho | 2016

setembro de 2016



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Antônio Pedro Moura de Oliveira

**A Formação do Homem: a relação entre
educação e política no pensamento
filosófico-educacional de Jean-Jacques
Rousseau**

Tese de Doutoramento em Ciências da Educação,
Especialidade em Filosofia da Educação

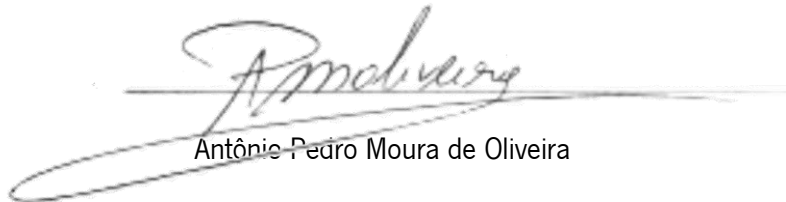
Trabalho realizado sob a orientação da
Doutora Custódia Alexandra Almeida Martins

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração da presente tese. Confirmando que em todo o trabalho conducente à sua elaboração não recorri à prática de plágio ou a qualquer forma de falsificação de resultados.

Mais declaro que tomei conhecimento integral do Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Universidade do Minho, 22 de Setembro de 2016



António Pedro Moura de Oliveira

Para Dilma Filgueiras de Santana Oliveira

AGRADECIMENTOS

Percorrer a estrada da vida utilizando as ferramentas da investigação e do diálogo é construir, dia após dia, o caminho para poder voltar a todos os lugares onde já cheguei. Mas me seria difícil especificar todos os contentamentos. Alguns foram partilhados, a grande maioria solitário. Para tornar esse trabalho uma realidade, o itinerário foi uma vivência que, ano após ano, aprendi ouvir atentamente; considerar, seriamente, as ideias dos demais.

No plano profissional, agradeço o apoio concedido pelas instituições de ensino e pesquisa a que me encontro vinculado hoje: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e a Universidade do Minho.

No plano pessoal, meus agradecimentos vão para minha esposa, com ela aprendi que se depende sempre: Dilma Filgueiras de Santana Oliveira; e meus filhos, com eles aprendi que é tão bonito quando agente vai à vida sentindo cada momento: Miréia Santana de Oliveira e Pedro Santana de Oliveira.

Por fim, quero expressar minha imensa gratidão à Professora Doutora Custódia Alexandra Almeida Martins, minha orientadora, que tendo percorrido um longo caminho na vivência educacional e na investigação, pode partilhar o seu profissionalismo, dedicação, competência, desde o momento inicial desta pesquisa.

RESUMO

Este trabalho, intitulado *A Formação do Homem: a relação entre educação e política no pensamento filosófico-educacional de Jean-Jacques Rousseau*, é a dissertação de Doutorado em Educação, área de especialização em Filosofia da Educação. É constituído por três capítulos, um índice, uma introdução e uma conclusão.

Na introdução apresenta-se o tema, apresentam-se e justificam-se os objectivos da investigação, explicando-se a metodologia aplicada e a forma como o trabalho foi estruturado.

No primeiro capítulo apresentamos as influências e os episódios que determinaram a identidade de Jean-Jacques Rousseau promovendo, desse modo, o gosto pelo sentido da autonomia e da liberdade.

No segundo capítulo abordamos o pensamento filosófico-educacional de Jean-Jacques Rousseau de forma a compreender o modo como foi determinante na elaboração do discurso pedagógico enquanto discurso político.

No terceiro capítulo tratamos da relação entre os conceitos de ética, pedagogia e política com a intenção de inferir qual o lugar que o homem ocupa na sociedade e, na medida do possível, compreender a importância da natureza da sua formação.

Na conclusão apresentam-se as considerações principais resultantes da investigação desenvolvida bem como dos objetivos previamente anunciados.

No que concerne à bibliografia, organiza-se em três pontos: I. De Jean-Jacques Rousseau; II. Sobre Jean-Jacques Rousseau; III. Complementar.

Palavras-chave: Educação, Política, Homem, Autonomia e Afastar.

RÉSUMÉ

Cet ouvrage, intitulé *La formation de l'homme: la relation entre l'éducation et la politique dans pensée philosophie éducative de Jean-Jacques Rousseau*, est la thèse de Ph.d en éducation, zone de spécialisation en philosophie de l'éducation. Il se compose de trois chapitres, un index, une introduction et une conclusion.

Dans introduction présente le thème et justifier les objectifs de recherche, expliquant la méthodologie appliquée et la façon dont le travail a été structuré.

Dans le premier chapitre, nous présentons les influences et les épisodes qui ont déterminé l'identité de Jean-Jacques Rousseau, favorisant ainsi le goût par le sens d'autonomie et de liberté.

Dans le deuxième chapitre, nous discutons le pensée philosophique-l'éducation de Jean-Jacques Rousseau afin de comprendre la façon dont a été décisive dans le développement du discours pédagogique dans le discours politique.

Dans le troisième chapitre, nous traitons de la relation entre les notions d'éthique, pédagogie et la politique avec l'intention d'en déduire ce qui la place que l'homme occupe dans la société et, dans la mesure du possible, comprendre l'importance de la nature de leur formation.

En conclusion présenté les principales considérations découlant de la recherche développée ainsi que les objectifs précédemment annoncés.

En ce qui concerne la bibliographie, organisé en trois points : I. De Jean-Jacques Rousseau ; II. Sur Jean-Jacques Rousseau ; III. Complémentaires.

Mots-clef: Education, Politique, Homme, Autonomie.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	vii
RESUMO.....	ix
RÉSUMÉ.....	xi
ÍNDICE.....	xiii
INTRODUÇÃO	17
1. Tema, objetivos e título.....	17
2. Organização do trabalho	18
3. A Metodologia.....	25
4. Procedimentos de ordem técnica	26
CAPÍTULO PRIMEIRO: IDENTIDADE, AUTONOMIA E EDUCAÇÃO	27
I – JEAN-JACQUES ROUSSEAU: FORMAÇÃO E IDENTIDADE	28
1. A identidade	28
1.1. A infância.....	35
1.2. Educação e afectividade.....	41
1.3. Aprendizagem em Bossey.....	45
2. Formação do educador	52
3. A chegada em Annecy.....	62
3.1 Aprendizagem com Madame Warens.....	65
3.2 A caminho para Turim.....	66
3.3 O neófito.....	69
3.4. Etapa formativa: o padre Gouvon	72
II – JEAN-JACQUES ROUSSEAU: APRENDIZAGENS.....	75
1. O reencontro com Madame de Warens	75
1.1. O sentimento na arte de educar: Rousseau e madame Warens	78
1.2. As viagens e novas aprendizagens.....	83
2. Um novo caminho rumo ao afastar-se: Chambéry	86
2.1. Rousseau e um novo estilo de formação	89
2.2. Rousseau e Mamã: da profissão a momentos íntimos	92
2.3. Os conflitos internos	96

1. A Vida uniforme e simples.....	100
1.1. A convivência com a natureza.....	101
1.2. Experiência afetiva em Monteppllier.....	103
2. O Reencontro com Madame Warens.....	105
2.1. O apartar-se de tudo.....	107
2.2. A primeira experiência como preceptor.....	108
IV – JEAN-JACQUES ROUSSEAU: A PARTIDA PARA PARIS E O HOMEM NOVO.....	113
1. A chegada em Paris.....	113
2. Amizades e envolvimento com a vida parisiense.....	115
3. Rousseau como diplomata.....	117
4. O regresso a Paris e o encontro com Thérèse Le Vasseur.....	121
4.1 O ambiente intelectual parisiense.....	123
5. O homem novo.....	126
CAPÍTULO SEGUNDO: O DISCURSO PEDAGÓGICO COMO DISCURSO POLÍTICO... 131	
I - JEAN-JACQUES ROUSSEAU: O PENSAMENTO FILOSÓFICO-EDUCACIONAL.....	132
1. Uma leitura da educação e da sociedade.....	132
1.1. A educação natural versus a educação pública.....	133
2. O homem natural, a lei natural e a bondade natural.....	141
2.1. O homem natural.....	143
2.2. Lei natural.....	151
2.3. A bondade natural.....	155
II – JEAN-JACQUES ROUSSEAU: O PEDAGOGO E O POLÍTICO.....	158
1. O modelo de formação: a contemplação e a felicidade da vida simples.....	158
2. O Discurso pedagógico se faz político.....	161
3. O pacto social: a vontade geral.....	166
4. Educação e forma legítima de poder.....	169
4.1 Educação e lei positiva.....	174
III – JEAN-JACQUES ROUSSEAU: CAMINHOS PARA FORMAÇÃO DO HOMEM.....	178
1. A teoria pedagógica.....	178
1.1. A educação negativa.....	181
1.2. A obra O Emílio.....	192
1.2.1. Livro I (0 -5 anos).....	192

1.2.2 Livro II (06 a 11 anos)	194
1.2.3 Livro III (12 a 15 anos).....	197
1.2.4 Livro IV (15 a 20 anos).....	199
1.2.5. Livro V (19-25 anos)	203
2. Educação e sentimento	206
3. A figura do preceptor/governador.....	213
4. O educando: um homem livre e feliz	225
IV – JEAN-JACQUES ROUSSEAU: O ESTADO DE AFASTAMENTO.....	230
1. Jean-Jacques Rousseau: o solitário.....	230
2. O liame entre o ser sensível e o afastar-se	244
3. O afastar-se.....	253
CAPÍTULO TERCEIRO: ÉTICA, PEDAGOGIA E POLÍTICA.....	267
I – JEAN-JACQUES ROUSSEAU: SER ÉTICO PARA UMA SOCIEDADE ÉTICA	268
1. A Ética.....	268
2. Ética e sociedade	279
II - JEAN-JACQUES ROUSSEAU: ÉTICA, O CONTRATO E A RELIGIÃO CIVIL	292
1. A ética e o contrato	292
2. O contrato e a religião civil.....	298
III – JEAN-JACQUES ROUSSEAU: DO PERCURSO ÉTICO-POLÍTICO AO AFASTAR-SE EDUCACIONAL	306
1. A Solidão e o Afastar-se	306
2. O homem Jean-Jacques Rousseau e o afastar-se.....	308
CONCLUSÃO	325
1. Conclusões quanto à vida e à obra.....	326
2. Conclusões quanto às obras estudadas para a pesquisa.....	329
3. Conclusões quanto às concepções pedagógicas	329
4. Conclusão quanto aos fundamentos filosóficos da educação de Rousseau.....	331
BIBLIOGRAFIA	333

INTRODUÇÃO

1. Tema, objetivos e título

Com o intento de contribuir com uma reflexão crítica sobre o pensamento filosófico-educacional de Jean-Jacques Rousseau no que se refere à formação do Homem e a relação entre educação e política apresenta-se esta dissertação, cujo objetivo, no plano institucional, visa tornar efetivo o Doutorado em Ciências da Educação, área de conhecimento de Filosofia da Educação, pela Universidade do Minho.

Decidiu-se neste desígnio, abordar a educação e a política no pensamento filosófico-educacional de Rousseau, sempre levando em consideração a relação existente entre ambas quer na sua forma mais direta, a partir da obra do autor, quer na sua forma mais indireta a partir de uma revisão crítica dos seus principais estudiosos.

Podemos afirmar que Jean-Jacques Rousseau durante a sua vida trilhou dois caminhos: O primeiro caminha no que podemos denominar de partida, que ocorre no instante do episódio relativo ao fechamento do portão de Genebra. Este é o momento em que Rousseau inicia um movimento em direção à sociedade, vivencia e experimenta diversos estados de alma: alegria, prazer, dor, incompreensão. Em diante desse momento que começa a estabelecer com a natureza uma relação de pertencimento e se volta para si mesmo, considerando o início do segundo caminho o qual podemos denominar de retorno.

Este momento de retorno tem como principal símbolo o afastamento da sociedade. É a partir deste gesto que Rousseau vai caminhar ao encontro do seu eu interior. Afastar-se da sociedade e dos outros não implica uma atitude de rejeição a tudo e a todos, para o autor esta é a forma de tomar a justa medida para que o amor-de-si se complete. Daí origina-se a experiência de vida que prevaleceu e que se manifesta nos seus escritos autobiográficos: o afastar-se da vida social e a conseqüente solidão. Jean-Jacques Rousseau encontra nesta experiência, a fonte inspiradora para elaborar o seu pensamento filosófico-educacional sobre a formação do homem e mostrar a relação existente entre educação e política. No que se refere à educação, o fato de deixar os filhos na roda dos expostos foi uma experiência marcante. Esta vivência foi um motivo que pesou muito na elaboração da sua proposta pedagógica na medida em que se sentia

obrigado a justificar o seu comportamento. Já no campo político foi o entendimento do descaso da sociedade para com aqueles que não tinham uma condição social sustentável que fez com que Rousseau repensasse a condição da natureza humana. Diante deste cenário Rousseau propõe uma teoria educacional e política totalmente interligadas, a qual possa oferecer as condições necessárias para que o homem atue com o que a natureza e a sociedade civil lhe dão enquanto possibilidade, de forma a que garanta a sua autenticidade bem como a sua liberdade.

Assim sendo, no conjunto dos três capítulos que compõem esta dissertação, começa por trabalhar e expressar vários objetivos determinantes à temática filosófico-educacional do pensamento de Jean-Jacques Rousseau. No primeiro capítulo, os nossos objetivos são os seguintes: (a) conhecer as vivências socioafetivas que influenciaram e constituíram a identidade da pessoa Jean-Jacques Rousseau; (b) compreender como alguns episódios da sua vida foram marcantes e essenciais para desenvolver nele o gosto pela autonomia e liberdade; c) analisar as diferentes fases de crescimento do autor na perspectiva da educação.

No segundo capítulo os nossos objetivos são os seguintes: (a) descrever a natureza quer do discurso pedagógico, quer do discurso político de forma a (b) entender a sua relação no pensamento filosófico-educacional do autor.

No terceiro capítulo os nossos objetivos são: (a) relacionar as três dimensões: ética, pedagogia e política na perspectiva da formação do homem; (b) questionar e (c) problematizar o lugar do homem na sociedade à luz das três dimensões enunciadas em (a). Tendo em consideração o exposto é consequente que o título do trabalho seja: “A Formação do Homem: a relação entre educação e política no pensamento filosófico-educacional de Jean-Jacques Rousseau”.

2. Organização do trabalho

Resultante dos objetivos apresentados anteriormente o trabalho organiza-se em três capítulos, nomeadamente: (I) Identidade, Autonomia e Educação; (II) O Discurso Pedagógico como Discurso Político e (III) Ética, Pedagogia e Política.

Um primeiro capítulo será dedicado à identidade, autonomia e educação em Jean-Jacques Rousseau. Este principia com a apresentação do contexto social da época denominada como fase áurea, período das luzes. Este tempo transcorrido foi marcado não somente pela beleza, mas pela desigualdade entre os homens, corrupção, bem-estar e excesso de riqueza existente entre aqueles que faziam parte do status quo, um setor da

sociedade, enquanto isto, outra parte vivia à margem das benesses sociais. Essa sociedade, para o genebrino, vivia de aparência, uma névoa que acobertava a essência social, o que se via era a aparência, um modo de acobertar os desvios de uma sociedade corrompida, aquilo que parecia realidade, na verdade, reduzia a visibilidade, escondia os vícios que pervertiam o homem e o levava a perda dos valores morais.

De fato, a situação social despertava o homem para a luxúria, ambição, uma busca desenfreada pelo poder. O ser humano que Rousseau estava propondo para aquela sociedade era um homem dotado de moralidade, compelido por um processo formativo que agiria de forma ética. O ponto de partida para o equilíbrio social era uma sociedade ética e um homem moralmente bom. Com isso, foi necessário especular de forma hipotética, um antecedente, aquilo que se aproxima da origem sobre o qual deduz-se a explicação do mundo.

O genebrino, ao lado do comportamento ético e moral, ergue a voz a favor do sentimento, faculdade que não era levada em consideração em uma sociedade formada por homens que privilegiavam a racionalidade. A sensibilidade, a paixão, a renúncia ao mundo da luxúria não significava o aniquilamento do homem, ao contrário, tornava-o mais autônomo, mas identificado consigo mesmo. Sem querer destruir o avanço da sociedade moderna, sem se contrapor ao progresso e a civilização, Rousseau apresenta o homem natural, o estado natural. O homem dos primeiros tempos ensina como viver na simplicidade e ao mesmo tempo ser feliz, ele é a antítese do homem moderno.

Encontra-se também, no primeiro capítulo a apresentação de um filósofo que foi protagonista histórico, os sinais indeléveis que marcaram a infância: os infortúnios, as peraltices, os encontros e desencontros, os amores esquecidos e aquele que o acompanhou por toda a vida, o amor da saudosa *Mamã*, tudo isto compôs a sua memória, que o fez dotado de um caráter único, não desfigurado pelas maledicências e conflitos. A construção do comportamento do homem, Rousseau traz as marcas das experiências dos primeiros anos de vida, dos tempos de criança quando foi educado com métodos perversos, do período em que foi orientado pelos religiosos católicos.

O contato com o mundo, apenas, aperfeiçoou a formação intelectual, pois Rousseau, desde os tempos de criança, foi um estudioso inveterado. A formação durante a juventude, as viagens, os contatos, a vida errante e as primeiras experiências como educador contribuíram para a formação do seu caráter.

Ainda no primeiro capítulo chamamos atenção dos leitores para dois episódios da vida de Rousseau. O primeiro, fato notável é aquele que o fez conhecer o mundo dos

homens e a sociedade, o momento em que Rousseau faz a experiência de ser impedido de entrar em Genebra. O fato se dá após o passeio com outros colegas adolescentes. A partir daquele momento, acontecimento verídico ou não, o episódio passa a ser entendido, neste trabalho, como uma linguagem metafórica do pórtico. Lembrando que todos os grandes oradores da antiguidade, todos os políticos anunciavam seus feitos nos pórticos, isto tem um simbolismo forte.

Quando o vigilante, capitão Monsieur Minutoli, vê o sol dobrar o poente, fecha o pórtico da cidade de Genebra, no mesmo instante, oriundo das belas paisagens natural, chega o jovem Jean-Jacques totalmente cansado, pleno de suor, ofegante, querendo ter acesso à cidade, mas a porta tinha se fechado e o que restou àquele jovem, qual a alternativa, senão, olhar o mundo e partir?

Abre-se uma saída, o único caminho a trilhar é aquele que leva à sociedade, portanto, uma saída de si e a visão da totalidade das coisas que não mais pertencem a um mesmo domínio, a uma mesma família, Rousseau nasce para a sociedade, se abre para o mundo, não olha para trás, se dirige a tudo aquilo que é externo, vê apenas o que está fora de si, preocupa-se com a sociedade. Após longo período de convivência na vida social percebe que ali não é o seu lugar, retoma o caminho inverso. Desta vez o pórtico não se fecha, ao contrário, abre-se o destino, e é o seu eu à natureza, passa a viver sozinho, afasta-se de tudo e de todos.

O segundo fato notável é a primeira experiência como preceptor dos filhos de Jean Bonnot de Mably. Desta experiência recolhe os primeiros dados que mais tarde será utilizado na sua teoria da educação; embora, com enorme bagagem, pleno de conhecimentos teóricos para ser preceptor e julgando-se com enorme talento, logo se desiludiu com os desafios da arte de educar. Por não ser compreendido, e a falta de paciência, assim como a pressa da família Mably em obter resultados, desestabilizaram-no. Rousseau sentiu a necessidade de reformular toda metodologia. Com a transformação ou nova visão que obteve sobre a sociedade e o homem como muito bem narra no episódio da estrada de Vincennes, somado às experiências como aluno e preceptor, Rousseau tem na memória elementos práticos que serão desenvolvidos no *Emílio*.

Um segundo capítulo será dedicado à natureza da relação que estabelece entre o discurso pedagógico e o discurso político. Assim, apresentam-se temas relacionados à Rousseau como homem integrado, muito atento aos acontecimentos do seu tempo, da história, dos meandros da política, da sociedade de modo geral. Não por acaso mantém

estreita ligação com os intelectuais mais famosos da *Enciclopédia*, bandeiras do Iluminismo e após se tornar famoso com a publicação do *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*, passou a ter mais acesso à vida social.

Os trabalhos artísticos voltados para a composição: óperas, cantatas e outras tantas peças musicais, todas elas voltadas para o aspecto melodioso em detrimento das tríades harmoniosas com acordes dissonantes, ponto forte da música francesa da época, tomam posse de espaços até então ocupados pelas obras de outro grande compositor à época, Rameu. Logo vieram as atribuições, desentendimentos não somente com o maior destaque da música francesa mas também, como outros artistas. O mesmo acontece com os intelectuais, enfim, se sabe que Rousseau não foi uma pessoa de fácil convivência. Devido a sua personalidade difícil, sempre oposta, Rousseau passa por um penoso estado de consciência devido às inúmeras colisões com tanta gente e tantos diferentes grupos; em função destas oposições desenvolve uma mentalidade de perseguição, sente-se importunado, acossado, perturbado, com sérias consequências que duram até o final de sua vida.

Se já possuía desde os tempos de criança um olhar autônomo, uma identidade própria, marca característica de uma personalidade singular, essa particularidade vai se moldando com os desafios da sociedade. A compreensão dos problemas sociais e, conseqüentemente, a crítica à sociedade burguesa faz com que ele não sinta necessidade de participar ativamente da vida social, o ensinamento faz com que chegue ao momento da solidão. Nesta fase, como muito bem transcreve nas *Confissões*, a única companhia foi Thérèse Le Vasseur.

Aquilo que Rousseau leva consigo na elaboração do projeto educacional e na fundamentação das abordagens pedagógicas, bem como nas ideias filosóficas, está entrelaçado com o que ele entende sobre o homem natural, a bondade natural, a sociedade, a moral, a ética e a política. As diferentes formas e etapas de trabalhar o caminho formativo encontra no modelo de educação pública o principal alvo de oposição, logo faz a distinção, dentro da educação moderna, entre a educação pública e a educação privada. Nesta diferenciação pretende deixar como objetivo a arte de formar homens virtuosos e moralmente corretos.

Sem dúvida que a proposta educacional apresentada por Rousseau visa formar o homem para viver livre, autêntico, íntegro em uma sociedade justa, ética e apropriada para esse homem. Para isto, educar não é por uma grande quantidade de crianças dentro de uma sala de aula e durante um bom número de horas transmitido conhecimentos

diversos: matemática, latim, conhecimentos gerais, etc. Educar é, sobretudo, formar o homem para a liberdade e para isto é preciso que o aprendiz participe do processo formativo não como ouvinte, mas como sujeito autônomo.

Entende-se que é preciso identificar e perceber a importância de um homem que seja o paradigma para a sociedade. Não importa formar o intelectual que tenha finalidade de cumprir funções nos quadros sociais, isso é adestrar e/ou domesticar; o que o genebrino pretende é tornar o homem capaz de ser sujeito, ter autonomia, liberdade e não se corromper frente às ameaças sociais. Neste processo, o preceptor tem um papel fundamental porque é a experiência de superar desafios, enfim, a formação é que vai contribuir com a construção do caráter do homem social.

O que está contido no projeto educacional do *Emílio*, as diferentes etapas do processo formativo, visa alcançar com a inteligência que a educação não se faz sem esforço contínuo, é uma etapa longa, disciplinada, mas quando bem feita se obtém resultados satisfatórios. A educação e o processo de aprendizagem precisam ter um sentido para o educando. Como não poderia deixar de ser, o apelo do genebrino é que se valorize a educação que passa pelo sentimento.

O aprendiz não pode ficar descuidado, mesmo que a educação seja livre e no campo, o papel do preceptor é de extrema importância, é ele que assume a inteira responsabilidade mesmo que aquele que aprende não dê conta das tarefas. O preceptor de pulso firme, porém, gentil, exerce forte autonomia, por isso pode, de modo educativo unir a teoria com a prática e construir uma aprendizagem participativa, alegre e prazerosa. Por ser uma nobre missão, o preceptor pode contagiar o educando e fazer com que ele descubra qual o seu lugar e qual o papel social que pode ser desempenhado.

Naquilo que é atinente aos fundamentos filosóficos, os objetivos são o de apresentar a importância do agir livremente. Rousseau chega a um estado que não está sujeito a nenhum senhor, que não está privado de sua liberdade e toda a proposta de educação, por ele desenvolvida. Está voltada para a liberdade e toda a fundamentação política está voltada para a prática da justiça. Esta etapa que recobre o trabalho de dissertação principia aquele caminho inverso apresentado no primeiro capítulo. Se aquele tem início com as críticas à sociedade, com os traumas vivenciados com os detratores, com apresentação da nova proposta de educação para a sociedade e com a defesa do pacto social, este dar início a um Rousseau que sente o peso e sabor da vida solitária.

Como prazerosamente passa a viver isolado restabelece consigo um diálogo profundo. O pântano, ponto de partida para a vida em sociedade, que um dia o impulsionou ao longo caminho, parece ter chegado a termo, fecha-se; Rousseau redescobre o caminho que o conduz ao mais íntimo da alma. É um período em que muito produz e as obras escritas após 1758 apontam aos homens a direção para encontrar a própria interioridade. As viagens são mais paradisíacas, presença na Ermitage, no Jardim de Mont Louis, sempre em meio à natureza, sozinho e a experiência mais emblemática é o passeio no lago tranquilo e verdejante de Saint Pierre. Durante esta estadia no lago, período que aqui se denomina de encontro consigo mesmo, ou seja, o espaço em que se apresenta o liame entre a solidão e o afastar-se.

Durante o período em que foi solitário soube conviver de modo sereno com as pessoas, com pequenos grupos, pensava na sociedade, nos amigos mais próximos. Mas, a partir das obras de 1760 temos um Rousseau completamente afastado de tudo e de todos. O pântano para sua interioridade se abre definitivamente a ponto de ser incapaz de olvidar de si mesmo. A férvida imaginação conduz o seu pensar em estreita relação com os sentidos. Rousseau parece ter encontrado a felicidade que procurava quando se afastou e sem este afastamento não seria capaz de nos proporcionar com tanta leveza e riqueza de simbolismos obras tão maravilhosas como o *Do Contrato Social*, o *Emílio* ou *Da Educação*, as *Confissões*, etc.

O acrisolamento e o retorno a si mesmo, a confluência e semelhança com o homem natural fez com que seu estado de alma fosse imensamente simples, aí encontra com a felicidade que é a descoberta do seu próprio eu. A maior expressão do existir, para o filósofo genebrino é o encontro consigo. Um exame severo o fez defrontar com o seu sentimento de homem puro e homem natural. Sendo assim, a sociedade não mais lhe pertencia, não lhe cabia a não ser que passasse a ser como outros tantos homens, ou seja, inautênticos, que usassem máscara, como não se prestava a tal feição, Rousseau defendeu a sua autenticidade optando por outro caminho, assim, afastou-se definitivamente da sociedade.

O pensador genebrino vivenciou diversas crises enquanto esteve presente na vida em sociedade. Resolve afastar-se e sob o invólucro da mãe comum, a natureza, repousa com ternura. A compreensão da volta ao interior de si, o afastar-se, passa por todo um complexo: paixão, sensibilidade, instinto, apetites, sentimento, razão, enfim, todo o ser estava envolvido. Daí a distinção entre a solidão e o afastar-se; enquanto ser solitário ele convivia, se bem que, com poucas pessoas; no afastar-se ele se desposa de

tudo e de todos, despe-se de qualquer outro apego e sobre si mesmo lança o manto sagrado do amor-de-si, banha-se do sentimento precioso de contentamento e paz, de modo sublime retrata a leveza do ser, torna-se Jean-Jacques Rousseau, aquele que é e tem autenticidade sobre esta decisão.

Concluindo o segundo capítulo tem a solidão, o afastar-se e a educação. Há que se considerar que, viver de modo prazeroso e feliz é o ofício que Rousseau quer ensinar, para se chegar a termo é preciso ter conhecimento de si. Tanto a política quanto a educação, ambos não existem para privar o homem ou apagar a liberdade, ao contrário, subsistindo à sociedade corrompida possibilitam ao homem a conservação da sua essência, que é boa. A educação e a política tornam possível ao educando dispor das informações e instruções que lhe possibilita a vida feliz, para isto, tanto os conteúdos ensinados quanto o senso crítico sobre a sociedade são necessários se quer o homem livre e ético.

Um terceiro capítulo será dedicado a questionar e a problematizar o lugar do homem na sociedade à luz das três dimensões: da ética, da pedagogia e da política.

A filosofia educacional e a política de Rousseau não podem estar desvinculadas do pensamento ético. Da mesma forma, o pensamento ético encontra-se entrelaçado com a filosofia do sentimento. Ao convocar o homem para a sua interioridade, o filósofo genebrino aponta o caminho para uma liberdade e a contemplação do estado natural. O estado de natureza deve ser o habitat para o homem livre. O estado natural contrasta com o mundo das máscaras, fantasias, luxúria e o homem livre, ético e educado, de acordo com os princípios apontados no *Emílio*, contribuem para o exercício da vida pública, para a cidadania, está, sempre, ao dispor do bem social.

É necessário que o homem esteja preparado para enfrentar as armadilhas sociais com denodo, persistência e moral. A sociedade corrupta não pode obscurecer o brilho dos indivíduos. Se a sociedade corrompe o homem e a educação tem um papel fundamental na formação, é natural que esta educação contribua para que os educandos sejam mais autônomos e capazes de dizer não a todo tipo de corrupção. É imprescindível que o homem exerça a faculdade de se reger por leis próprias para não sofrer os abusos da vida em sociedade; a formação do sentimento e os atos de consciência não devem ser descurados no processo de formação.

Por fim, a possibilidade de um sistema político alternativo, fundado no pacto social estabelecido entre os cidadãos não pode dispensar, na sociedade, o elemento religioso. A religião não consiste na presença de rituais vazios, mas na total participação

do homem na sociedade. A vinculação da religião com a moral passa pelos atos, ações, comportamentos que revelam o respeito às leis, o exercício da liberdade e à prática da justiça. A religião não deve ser um estorvo para o exercício da liberdade, por isso, propõe a religião civil que deve ser simples, em pequeno número, ter os enunciados exatos e eficientes para que não precise de interpretes Deus como aquele que sendo todo poderoso assume papel importante na estruturação do universo.

Todas as temáticas abordadas ao longo do trabalho não fogem do eixo fundamental da pesquisa: relação educação e política na obra educacional de Rousseau. É este o ponto que norteia, seja na defesa do homem frente às instituições corruptas, seja nas etapas de formação do homem autêntico, livre e capaz de buscar a felicidade em si mesmo. O educando de Rousseau está preparado para não sucumbir e se deixar ser levado pela corrupção social.

Para além do que se expõe nesta introdução, o trabalho apresenta ainda uma conclusão e bibliografia. Na conclusão serão expressas as ideias principais que surgiram em cada capítulo, na medida em que as consideramos determinantes para a boa compreensão do pensamento filosófico-educacional do autor. Por sua vez, a bibliografia será apresentada em três momentos: o primeiro momento é relativo às obras de Rousseau; o segundo momento relativo à bibliografia sobre Rousseau; o terceiro momento relativo à bibliografia complementar.

3. A Metodologia

Ao longo do desenvolvimento da nossa investigação, várias foram as fontes bibliográficas a serem consultadas. Assim, a nossa reflexão emergiu após um incansável e prazeroso momento de leituras das obras de Jean-Jacques Rousseau. Destas leituras decorreu a necessidade de uma organização do texto da dissertação de acordo com os temas a serem estudados em cada capítulo. Os eixos temáticos que nortearam a investigação foram os seguintes: (I) identidade, autonomia e educação; (II) o discurso pedagógico como discurso político e (III) ética, pedagogia e política. Para uma melhor compreensão dos conteúdos dos referidos eixos adotaram-se diversos procedimentos metodológicos. Destacaremos os seguintes: o histórico, o hermenêutico, o analítico, o comparativo, o sintético e o reflexivo.

No que concerne ao procedimento histórico este foi utilizado para poder datar episódios da vida do autor que tiveram significado na formação do seu pensamento filosófico-educacional. Este procedimento possibilitou-nos situar factos, acontecimentos

da vida que, posteriormente, com o auxílio do procedimento hermenêutico permitiu-nos fazer interpretações, dos textos do autor, sobre o sentido e significado do pensamento filosófico-educacional. Com efeito, para realizar a nossa investigação, recorreremos ainda quer ao método analítico quer ao método sintético. Pelo primeiro, fizemos o filtro das mensagens filosófico-educacionais mais importantes, pelo segundo fizemos sínteses temáticas de forma a criar um conjunto de concepções filosóficas e concepções educacionais estruturantes do pensamento do nosso autor.

Desta forma, tais concepções possibilitaram-nos comparar e confrontar diversas interpretações resultantes da leitura de textos do e sobre o autor. Em forma de conclusão, mas não de ordem de importância, utilizamos o método reflexivo. Este procedimento perpassou por todo o nosso trabalho na medida em que as respostas que fomos propondo para as questões colocadas resultaram de uma reflexão pessoal crítica.

4. Procedimentos de ordem técnica

Nas referências em nota de rodapé e na bibliografia final optou-se pela identificação completa da fonte sempre que a citação imediatamente anterior se refira à obra diferente. Quanto ao modo de citar optou-se pelo tradicional: autor, título do texto citado, título e número do volume, tradutor (quando necessário), editora, local de edição, ano de edição e página. A ausência de qualquer um destes itens dever-se-á ao fato de ele não constar na obra.

Em determinados momentos, raros, cita-se por mais de uma vez determinados excertos, total ou parcial; isso se dá devido ao valor que o fragmento representa na compreensão do pensamento de Jean-Jacques Rousseau.

As citações dos textos de Jean-Jacques Rousseau far-se-ão em língua portuguesa, surgindo na correspondente nota de rodapé, logo após a referência, a respectiva referência textual da edição De La Pléiade.

CAPÍTULO PRIMEIRO
IDENTIDADE, AUTONOMIA E EDUCAÇÃO

I – JEAN-JACQUES ROUSSEAU: FORMAÇÃO E IDENTIDADE

1. A identidade

A compreensão do pensamento político-educacional de Jean-Jacques Rousseau encerra muitas ideias estruturadas e caracterizadas por fortes impregnações emocionais, sentimentais e sociais. A complexidade é de tal natureza que, para entendê-lo, é necessário visitar os escritos e trabalhar os conceitos de sociedade, a formação do homem, estado de natureza e cultura. Há aquele tema que não pode passar despercebido pois, desde sua primeira obra, *Discurso Sobre as Ciências e as Artes*, composto entre os meses de outubro de 1749 e março de 1750, cujo objetivo foi responder à famosa questão proposta pela Academia de Dijon: *se o renascimento das ciências e das artes contribuiu para melhorar os costumes*, propõe a crítica ao excesso de preciosismo da racionalidade e a corruptibilidade social.

Por ter sido a sociedade francesa do século XVIII marcada pelo progresso, bem-estar, riqueza, exaltação, mesmo com todo esplendor, não quer dizer que o ato ou efeito de corromper, praticado pelos homens que compunham aquela sociedade, não existia. A sociedade francesa, ao exprimir com veemência sua pompa, suntuosidade econômica, intensidade intelectual e grandeza cultural, mais manifestava vícios que corrompiam o homem, tal comportamento social era uma expressão de decadência dos valores que Rousseau acreditava.

Esta sociedade impunha aos homens uma forma artificial de comportamento levando-os a ignorar as necessidades naturais e os deveres humanos, tornando-os vaidosos e orgulhosos: “como seria doce viver entre nós, se a contenção exterior sempre representasse a imagem dos estados do coração, se a decência fosse a virtude, se nossas máximas nos servissem de regra, se a verdadeira filosofia fosse inseparável do título de filósofo”¹ e, enfim, a falta de simplicidade, de autogoverno e, sobretudo a busca incessante de uma racionalidade sem fim, e o grande apego aos interesses pessoais, por parte dos membros daquela sociedade, dificultava a existência de uma vida onde o bem comum fosse considerado um valor, a felicidade fosse para todos.

As medidas de incerteza provocadas pelas normas e princípios sociais, associadas a desacertos, inexatidão, desregramento em relação às condutas tornaram os

¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discurso sobre as Ciências e as Artes*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997b, p. 191. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discours sur les sciences et les arts*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 07.

homens perversos, mas, conforme diz *Rousseau* “seriam piores ainda se tivessem tido a infelicidade de nascerem sábios”². Foi preciso que a má índole fosse combatida. Por ter um olhar profundamente crítico e demonstrar uma atenção à sociedade, ao homem. Percebem-se nos escritos de Rousseau, uma profunda imbricação entre política e educação com os demais temas que constituem a sua obra filosófica, justamente, para possibilitar o entendimento da sociedade e, conseqüentemente, apontar uma saída para os problemas.

A ferrenha crítica à sociedade corrompida e a análise minuciosa dos fatos sociais deram azo a nova reflexão sobre a sociedade a partir do estado de natureza:

“Assim a doce voz da natureza não mais constitui, para nós, um guia infalível, nem a independência que dela recebemos pode ser considerada um estado desejável. Paz e inocência se foram para sempre, antes de havermos degustado a delícia. Não advertida dos homens estúpidos dos primeiros tempos e evitadas pelos homens iluminados dos tempos posteriores, a feliz vida da idade de ouro foi sempre uma condição estranha à razão humana; ou para tê-la perdida quando poderia conhecê-la”³.

O homem natural é o autêntico e genuíno habitante do estado de natureza e a situação em que se encontrava em tal ambiente, chegava a tal ponto que se tornava impossível saber a identidade pessoal, era impossibilitado de se comunicar com os outros, isolado, buscando satisfazer suas necessidades imediatas. O homem de natureza tinha:

“A menor necessidade um do outro; (...) não tendo nem casa, nem cabanas, nem propriedade de nenhuma espécie, cada qual se abrigava a esmo e em geral por uma única noite; os machos e as fêmeas uniam-se fortuitamente conforme o caso, a ocasião e o desejo (...). Logo que tinham forças para procurar seu alimento, [os filhos] não tardavam em deixar a própria mãe e, como quase não havia outro meio de encontrar-se senão o de não se perder de vista, logo chegavam ao ponto de nem se quer se reconhecerem uns aos outros”⁴.

De fato, a situação primitiva, mais simples possível, não despertava o homem para a luxúria, exuberância de poder, lascívia. Ao pronunciar tais palavras no extraordinário segundo *Discurso*, gerou uma tensão, desentendimento entre o filósofo

² Ibidem, p. 199. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur les sciences et les arts”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 15.

³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Manuscrito de Genebra”, in *Obras Políticas*, Editora Globo, Porto Alegre, 1962, p. 171.

⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997a, pp. 69-70. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les Hommes”, Première partie, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 247.

de Genebra e os pensadores do Iluminismo; recebeu críticas, foi chamado de conservador, conviveu com os conflitos, mas uma questão perseguia o filósofo: como conviver em uma sociedade que corrompe o homem?

Para se realizar, o homem precisava viver em sociedade, mas por outro lado, como viver em comum numa sociedade corrompida? É da natureza do homem ser produtor de cultura, transformar, criar, satisfazer-se, construir o seu meio, portanto, é indispensável à vida social. Se a sociedade é imprescindível para o completo desenvolvimento social e moral do homem, logo, é necessário que se pense em uma sociedade ética, conseqüentemente, deseja-se um ser moralmente bom. Para chegar a tal intento é necessário um processo formativo para que o homem viva em sociedade e não distante, isolado da vida social.

Pensar numa sociedade ética e um homem moralmente bom, significava encontrar um ponto de partida, um paradigma, está querendo, o genebrino, voltar aos tempos iniciais? Quando Rousseau propôs a volta ao estado de natureza, será que desejava um recomeço de tudo, da cultura, sociedade e do homem? O intento do filósofo jamais foi aquele de compactuar com posicionamentos que buscassem um retrocesso da sociedade, um conservadorismo que impedisse o avançar da ciência, das artes e da técnica. Não, não era este o propósito, mas, então, qual era?

Frente ao paradoxo que lhe causava um verdadeiro incômodo: ao ingressar na sociedade o homem se corrompe, mas sem se fazer presente na vida social, o homem não poderia agir moralmente, Rousseau precisava dar uma resposta. Não queria que o homem se isolasse, vivesse, apenas, com o meio natural; não queria aniquilar o avanço da época moderna, sobretudo, do relevo da cultura francesa, não. Nada de se opor ao progresso e a civilização, mas apresentar o parâmetro para o homem moderno: o homem natural; apresentar a medida para o estado moderno: o estado natural.

Todos que foram protagonistas da sociedade do século XVIII eram orgulhosos por contribuir com o período do progresso, do bem-estar, da riqueza, da exaltação da individualidade do homem, enfim, construtores do tempo da “idade das luzes”. O maior movimento, sem dúvida, foi aquele que veio a ser delineado de movimento cultural chamado Iluminismo, que teve como centro de difusão a França, graças à capacidade intelectual e visão política de filósofos como Voltaire, um dos maiores expoentes,

Montesquieu, Diderot, D'Alembert e tantos outros colaboradores da grande Enciclopédia⁵.

Os realizadores desta transformação cultural, social e política foram dirigidos pela nova classe burguesa que manifestava a sua insatisfação com as velhas regras e padrões de um modelo social e do poder das classes privilegiadas, sobretudo, nobres e o clero. O homem começou a pensar em uma sociedade que defendesse princípios que afetassem a todos os seres humanos como igualdade, liberdade, fraternidade, laicização do poder, etc. As mudanças aconteceram também, no âmbito educativo. Priorizou-se mais a ciência em detrimento da teologia, a formação não era mais voltada para os princípios religiosos autoritários do passado e a partir das novas e brilhantes ideias do Iluminismo o que importava era a formação do homem como cidadão, artífice do próprio destino.

Toda esta mudança de pensamento levou a concretização de uma sociedade denominada “moderna” entendida em sentido burguês, dinâmica e estruturada em torno de muitos centros: econômico, político, social, cultural e individualidade. É esta sociedade moderna, segundo Rousseau, que todos veem como avanço, que precisa ser remodelada, é sobre ela que deita suas críticas porque degrada a natureza humana e não possibilita a esta mesma natureza a manifestação da sua bondade.

O genebrino não tem dúvida em apresentar sua ideia, incisivo ao tomar como referência um antecedente, no interior da história humana, que não se trata de um momento utópico onde reina a felicidade perfeita fora do tempo, mas sim daquilo que se aproxima à origem e parece coincidir com as culturas primitivas e simples, assim afirma *Starobinski*:

“O Estado de natureza é, pois, tão-somente o postulado especulativo que uma “história hipotética” se confere, princípio sobre o qual a dedução poderá apoiar-se, em busca de uma série de causas e de efeitos bem encadeados, para construir a explicação genética do mundo tal como ele se oferece aos nossos olhos”⁶.

⁵ O projeto do maior movimento cultural da Idade Moderna, o Iluminismo, liderado pelos filósofos D'Alembert e Diderot, foi a criação da “Encyclopédie”. O Movimento tinha o interesse de libertar o ser humano da idade das trevas, pois, conforme Kant, (1724-1804), era preciso buscar o esclarecimento e a educação era o caminho apontado, então, a Enciclopédia apontava os esclarecimentos sobre os principais temas da ciência, da cultura, das artes e da filosofia, possuía 35 (trinta e cinco) volumes. A convite de Diderot, o nosso genebrino, Jean-Jacques Rousseau, se encarregou de construir alguns conceitos, dentre eles o verbete sobre a música.

⁶ Cfr. Starobinski, Jean, “*Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o Obstáculo*”, trad. Maria Lúcia Machado, Companhia das Letras, São Paulo, 1991, p. 25.

Por não viver aqueles princípios apresentados pelo homem natural, diz-se do homem social que está degenerado. A perda das qualidades ou das características primitivas por parte do homem social, conforme o olhar rousseauiano, se dá na história e a responsabilidade é totalmente da sociedade, por esta razão, o genebrino hipoteticamente fala da existência de uma cultura vizinha, bem próxima à natureza original, completamente dominada pela felicidade, pela pureza de consciência e limpidez de conhecimento. A diferença entre a sociedade hipotética e aquela moderna não se dá pela característica ontológica, de fato a natureza não tem modificações na sua essência, mas está na capacidade dos homens de conhecê-la sem ter a pretensão de dissimulá-la ou até mesmo destruí-la.

Aquilo que o homem perdeu devido as suas próprias invenções pelo excesso de soberbia, saber, de uma mentalidade ligada ao domínio e ao controle de tudo, é a simplicidade, a amizade e a confiança:

“Não mais amizade sincera e estima real; não mais confiança cimentada. As suspeitas, os receios, os medos a frieza, a reserva, o ódio, a traição esconder-se-ão todo o tempo sob esse véu uniforme e pérfido da polidez, sob essa urbanidade tão exaltada. (...) a ignorância desprezada será substituída por um pirronismo perigoso. (...) Elogiará, quem desejar, a sobriedade dos sábios de hoje, quanto a mim, não vejo nisso senão um rebuscamento da intemperança, tão indigno do meu elogio quanto a simplicidade artificiosa de tais sábios”⁷.

A simplicidade da sociedade antiga parece coincidir com um momento plenamente realizado e realizável da humanidade, no qual o olhar daquele homem simples tem a possibilidade de penetrar no outro, ser sincero e superar qualquer tipo de dissimulação. Esta condição não elimina o mal, mas torna mais fácil o seu reconhecimento e permite ao homem viver mais feliz e expressando aquilo que está próximo à divindade:

“Não se pode refletir sobre os costumes sem se comprazer com a lembrança da imagem da simplicidade dos primeiros tempos. É uma bela praia, ornada unicamente pelas mãos da natureza, para qual incessantemente se voltar os olhos e da qual com tristeza se sente afastar-se. Quando os homens inocentes e virtuosos amavam ter os deuses como testemunhas das suas ações, moravam junto na mesma cabana, mas, assim que se tornaram maus, cansaram-se com esses espectadores incômodos e os isolaram em templos

⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discurso sobre as Ciências e as Artes*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997b, p. 191. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discours sur les sciences et les arts*”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, pp. 8-9.

magníficos. Escorraçaram-nos por fim para aí se estabelecerem eles próprios, ou, pelo menos, os templos dos deuses não se distinguiram mais das cassas dos cidadãos”⁸.

Rousseau propõe a ideia de um tempo antigo, segundo ele, um período memorável da história que possibilitou aos homens o direito de viver de modo simples e inocente, porém felizes. Mas, na nova sociedade a mudança aconteceu de modo imediato e aquela pureza que o homem levava consigo é substituída, irrompe a má-fé e o estilo de vida não permite o bem viver, a manifestação da singeleza inicial. Tudo parece ir de encontro à representação do homem natural; o comportamento é diferente, os desejos são individuais, o egoísmo prevalece, o que se busca é o prazer e a utilidade, enfim, tudo o que apetece ao homem social está em desacordo com o homem do estado de natureza. O homem natural não traz inspiração ao homem social, são opostos.

Aproximar-se do discurso filosófico do genebrino sem formulações preconceituosas, é buscar contribuição para o entendimento do campo da política, da educação e do homem, enfim, para o conhecimento. Por não existir um hiato entre o seu modo de viver e a sua doutrina pode-se compreender o porquê não se preocupa em fazer um tratado de história, mas envolvido na história, naquele mundo marcado pela desigualdade social entre homens, marginalização da mulher e péssima educação passada para as crianças.

Ao lado do comportamento ético e moral, o ponto nevrálgico da sociedade que é digno da crítica de Rousseau é a completa desvalorização do sentimento em detrimento da razão. O genebrino foi capaz de criar as condições para que o ser humano buscasse outro paradigma para nortear a vida, pelo ideal que apresentou a valorização do homem, assim expressa Cassirer, sobre Rousseau: “Ele acaba sempre se impondo a nós e sempre acaba nos arrastando consigo”⁹.

Jean-Jacques foi um pensador que teve a coragem de se manifestar ao mundo sem medo. Revela-se com suas tensões, conflitos, seja amoroso, seja de relacionamento com amigos, ora alegre, na maioria das vezes triste e solitário, sem pudor. A tensão no mundo dos homens é nítida e tudo principia no seu interior. Rousseau, homem altivo, traz como intento questionar o que parece sólido, mobilizar as estruturas quando estas parecem rígidas e pela alta distinção entre racionalidade e sentimento compreende que:

⁸ Ibidem, p. 207. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur les sciences et les arts”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 23.

⁹ Cfr. Cassirer, Ernst, “A questão de Jean-Jacques Rousseau”, trad. Erlon José Paschoal e Jézio Gutierrez, Editora UNESP, São Paulo, 1999, p. 38.

“O século XVIII repousa – em sua literatura, bem como em sua filosofia e ciência – num mundo da forma fixo e pronto. Nesse mundo, se encontra fundamentada a realidade das coisas e o valor dela determinado e assegurado. (...) Rousseau é o primeiro pensador que não somente questiona essa segurança, mas também a abala em seus alicerces. Ele nega e destrói na ética e na política, na religião, na literatura e na filosofia as formas estabelecidas que encontra”¹⁰.

Ao ter uma visão sobre os homens e a sociedade bem diferente daquela que os iluministas tinham, Rousseau apresenta suas reflexões com um contraponto, uma nova forma de pensar: dinâmica e não estática, crítica e não dependente, sentimental e não apenas, racional. A sociedade para o genebrino era uma realidade completamente feita de desordem, injustiça e dependência; é esta sociedade responsável pela degeneração e corrupção dos homens. A sociedade precisa ser revista a partir dos seus fundamentos internos e possibilitar ao homem o encontro com as coisas mais simples e naturais.

Falamos anteriormente da unidade do seu pensamento que coincide com a unidade da sua pessoa, pois, o filósofo foi um protagonista histórico, desde os tempos de criança passando por momentos que deixaram sinais indelévels em toda a sua trajetória, na sua personalidade, assim escreve:

“Este é o único retrato de homem, pintado exatamente segundo o natural e em toda a sua verdade, que existe e que provavelmente existirá jamais. Quem quer que sejais, vós a quem o meu destino ou a minha confiança fizeram árbitro deste caderno, pelos meus infortúnios, pelas vossas entranhas, e em nome de toda espécie humana, conjuro-vos a não destruir uma obra útil e única, que pode servir de primeira peça de comparação no estudo dos homens, certamente ainda por começar, e a não furtar a honra da minha memória o único monumento seguro do meu caráter não desfigurado pelos meus inimigos.”¹¹

Esta revelação não é apresentada como um colorido em sua obra autobiográfica. Quer o genebrino mostrar e desvelar as experiências desde os tempos de criança, o significado e as densas caracterizações que puderam delinear o comportamento do homem Rousseau, mas sobretudo, tirar o véu, desnudar-se. É com este intuito, que se deseja apresentar as experiências de vida, fatos que ajudaram a formar a personalidade do homem, relacionamentos, as frustrações e crises vivenciadas até sua chegada à Paris.

¹⁰ Ibidem.

¹¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 19. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Les Confessions de J.J Rousseau*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 26.

Quando se afirma a relação autor e obra entende-se que o princípio de tudo está na sua formação quando criança, sobretudo, nas leituras feitas na companhia do pai, a formação com a Madame Warens, com os padres católicos desde a convivência com os intelectuais. Vamos percorrer algumas etapas do seu trajeto antes da chegada à Paris. A capital francesa marcou a sua vida de homem e de pensador e, segui-lo nas evoluções do seu caráter, do sentimento e, prazerosamente das suas ideias, é a trajetória que tomaremos nas reflexões a seguir.

1.1. A infância

Durante o século XVIII a cidade de Genebra era um centro de formação calvinista e república independente. Nas escolas, igrejas, famílias além da disciplina moral, se prezava o respeito às leis da cidade. A família de Jean Jacques Rousseau é oriunda desta tradição. Em meio à austeridade educacional propiciada pela formação calvinista, independentemente da classe social em que vivia a família, ensinava-se outros valores: o canto, de modo especial os hinos religiosos que passavam uma formação moral, tocar um instrumento, a arte de modo geral. Sabe-se que o senhor Isaac, pai de Rousseau, da mesma forma, tinha formação na arte de dançar, além de ser um exímio relojoeiro, conforme afirma Rousseau. Sobre o pai do genebrino, Isaac, diz Trousson¹².

A mãe de Rousseau, Suzanne Bernard, mulher distinta e prendada, dotada de enorme sensibilidade, formação musical desenho e canto, herdara da família o gosto pela leitura dos clássicos¹³. Mulher de personalidade forte, determinada, após a morte do pai recebera a educação do pastor Samuel Bernard, seu tio, sobre a mãe do genebrino, diz Trousson¹⁴.

O casamento de Suzanne com Isaac não se realiza sem antes passar por dificuldade. Mesmo apaixonados desde a idade dos oito anos, quando passeavam juntos

¹² De acordo com Trousson: “(...) le dizénier peu conformiste, dont il avait hérité le franc-parler et les attitudes contestataires. Né en 1672, il était horloger, comme son père et son grand-père et son grand-père. Bon artisan peut-être, mais aussi, confesse Jean-Jacques, “homme de plaisir” et manifestement instable (...). Isaac Rousseau avait le sens de l’honneur et le sang vif, une nature impulsive et querelleuse propre à lui attirer des ennuis(...)” Cfr. Trousson, Raymond, “*Jean-Jacques Rousseau*”, Éditions hachette, La Flèche, 1993, p. 14.

¹³ As fontes utilizadas na obtenção de dados bibliográficos para a investigação, neste capítulo, têm a sua origem nos principais estudiosos do século XVIII, sobretudo aqueles que se debruçaram no estudo rousseauneano, especialmente no campo da política e da educação. Notadamente, Raymond Trousson; Pierre Maurice Masson; Ernest Cassirer; Jean Starobinski e N.J.H. Dent.

¹⁴ Conforme Trousson: “Elle était intelligente, goûtait la lecture et laissa des romans que Jean-Jacques dévora dans son enfance. Fort jolie, paraît-il, elle aimait plaire et rire, regrettable faiblesse(...)” Cfr. Trousson, Raymond, “*Jean-Jacques Rousseau*”, Éditions hachette, La Flèche, 1993, p. 14.

na Treille todas as tardes, eis que um convite partindo de Suzanne aconselhando-o a viajar. Viajou, mas a distância só fez aumentar o amor e quando regressa os corações apaixonados passam a amar-se por toda a vida. O entrelaçamento matrimonial acontece no dia 02 de Junho de 1704. Assim o genebrino descreve esse momento:

“Ambos eles, naturezas ternas e sensíveis, só esperavam o momento de encontrar noutrem a mesma disposição, ou, antes, tal momento esperava-os a eles próprios, e cada qual atirou com o coração ao primeiro que se abriu para o receber. (...) Encontrou a sua amada carinhosa e fiel. Depois desta prova, só lhe restava amarem-se toda a vida; juraram-no, e o Céu abençoou o seu voto”.¹⁵

Fruto do amor entre Isaac Rousseau e Suzanna Bernard, em 15 de março de 1705, um ano após o casamento, nasce o irmão mais velho de Rousseau, François Rousseau. O primeiro distanciamento entre o casal acontece neste período, o senhor Isaac, no intuito de fazer fortuna parte para Constantinopla, mas atendendo os anseios amorosos de Suzana Bernard e constantes pedidos para retornar, eis que em 1711, desembarca na terra querida, para alegria da família Rousseau. Deste encontro, nasce após sete anos do nascimento do seu irmão, François e dois dias antes da morte de sua mãe, o que ocorrera no dia 28 de Junho de 1712, em Genebra, aquele que se chamara Jean-Jacques Rousseau. A respeito de François, diz o próprio Jean-Jacques:

“Tinha um irmão mais velho do que eu sete anos. Aprendia o ofício de meu pai. A grande afeição que tinha por mim fazia que o descurassem um pouco a ele, coisa que não apavoro. A sua educação sentiu-se deste descuro. Enveredou pela libertinagem, antes mesmo de atingir a idade de ser um autêntico libertino. Puseram-no em casa de outro patrão, donde desaparecia, como fazia na casa paterna. Quase que não o via e mal posso dizer tê-lo conhecido; contudo, não deixava de o amar com ternura, e ele amava-me tanto quanto um valdevino pode amar qualquer coisa. Recordo-me que de uma vez em que meu pai, encolerizado, o castigava violentamente, me lancei impetuosamente entre os dois, abraçando-me muito com ele. Desta maneira, cobri-o com o meu corpo, recebendo o soco que lhe eram dirigidos; e tanto me obstinei nesta atitude, que necessário foi, por fim, que meu pai lhe perdoasse, desarmado quer pelos meus gritos e pelas minhas lágrimas, quer para não me maltratar mais do que a ele. Enfim, meu irmão acabou tão mal que fugiu e desapareceu de todo. Algum tempo depois, soubemos que estava na Alemanha. Nem uma só

¹⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 22. Cfr. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 6.

vez escreveu. Desde então, nunca mais tivemos notícias suas, razão por que fiquei sendo filho único.”¹⁶

Apresenta-se, Rousseau, nas Confissões como o “Fui eu o triste fruto deste regresso. Dez meses depois, vim ao mundo, fraco e doente. O meu nascimento custou à vida de minha mãe, e foi a minha primeira desgraça”¹⁷. A fase que antecedeu o nascimento de Rousseau foi vivenciada por amor, ternura, saudade entre os pais, mas após o parto e, conseqüentemente, o falecimento da mãe, irrompe, com ímpeto, a dor no seio familiar. O pai, Isaac é quem mais demonstra o sofrimento, algo que perpassa toda a vida “Quarenta anos depois de tê-la perdido, morreu nos braços de uma segunda mulher, mas com o nome da primeira na boca e a sua imagem no fundo do coração”¹⁸. A dor que atinge profundamente o pai é sentida pelo filho de tal modo que assim expressa:

“(…) Julgava ver minha mãe em mim, sem poder esquecer que eu lha tinha tirado; nunca me beijou sem que eu, graças aos seus suspiros e aos seus abraços convulsivos, não sentisse que um amargo pesar se misturava às suas blandícias: por isso mesmo elas eram mais ternas. (...) dizia ele a gemer – restitui-ma, consola-me dela, enche o vazio que ela deixou na minha alma.”¹⁹

A relação do filho para o pai e do pai para o filho é marcada por uma ternura e a saudade eterna. O frágil menino crescia, tendo como companhia uma imensa saudade, uma nostalgia marcada pela perda da mãe, pelas lembranças rememoradas pelo pai; ambos recompensavam tal situação nas noites em claro, que o menino Rousseau aprendeu a contemplar o raiar do dia após longas horas de leituras dos textos clássicos. As aprendizagens angariadas na leitura dos sábios habituaram-no a viver entregue a si mesmo, a ter um olhar contemplativo sobre seu autoconhecimento e a deter-se na concretude do mundo em que vive seus semelhantes.

Rousseau não está preocupado com as sutilezas metafísicas, mas no plano sensível que toca a humanidade busca tomar partido sobre a realidade que o cerca;

¹⁶ Ibidem, p. 25. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp 9 -10.

¹⁷ Ib., p.23. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 7.

¹⁸ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 7.

¹⁹ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 7.

atentos aos acontecimentos e preocupado com o bem estar da pessoa humana busca se aproximar “daquelas verdades que importam à felicidade do gênero humano”.²⁰ O desejo da felicidade parte do seu interior e o caminho para encontrá-la não era a busca de verdades abstratas. Era preciso percorrer o terreno que levasse a respostas concretas para os problemas práticos, vinculados a realidade do cotidiano: “Todavia, queremos compreender tudo, conhecer tudo. A única coisa que não sabemos é ignorar o que não poderemos saber”²¹.

Os acontecimentos que se sucedem com o passar do tempo provocam uma ebulição desordenada na personalidade de Rousseau; às vezes no processo de autoculpabilização: “Trazia comigo o germe de uma indisposição que os anos reforçaram, e que no presente só me abandona por vezes para mais cruelmente me fazer sofrer de outro modo”²², às vezes aproximando-o do homem em seu nível mais elevado de sensibilidade: “De todos os dons que o Céu lhes concedeu, o único que me legaram foi um coração sensível; tinha feito toda a sua felicidade, mas para mim foi a causa de todas as desgraças da minha vida”²³. É com esta sensibilidade que passa a se interessar pelos problemas morais, políticos, enfim, questões não solvidas pelo estado.

Com habilidades adquiridas, fruto desta ebulição, o genebrino toma ciência que o seu relacionamento com a leitura dos clássicos, com o desenvolvimento de uma perspicaz sensibilidade, tem como primeiro resultado desse processo o fato de ser aprendiz, toma consciência de si e que “senti antes de pensar: é o destino comum da humanidade. Experimentei-o mais do que qualquer outro. (...) é desse tempo que eu dato, sem interrupção a consciência de mim mesmo”²⁴.

Esta foi a sua primeira formação educacional e intelectual, os problemas humanos abrangem todas as esferas de sua reflexão, sobretudo quando centra suas meditações sobre o conhecimento humano “toda obra de Rousseau está centrada no

²⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discurso sobre as Ciências e as Artes*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997b, p. 183. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discours sur les sciences et les arts*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 01.

²¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 376. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 568.

²² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques. “*Confissões*”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio D’Água, Lisboa, 1988, p. 23. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Les Confessions de J.J Rousseau*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 7.

²³ *Ib.*. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Les Confessions de J.J Rousseau*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 7.

²⁴ *Ib.*, p. 24. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Les Confessions de J.J Rousseau*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 8.

conhecimento do homem. Rousseau leva ao estudo do homem todas as questões que se coloca”²⁵.

Nasceu e cresceu, Jean-Jacques Rousseau em um ambiente marcado pelo misto entre a dor e o amor, entre o choro e o sorriso, entre a beleza do nascer e a desventura da morte. A história deste homem que se empenhou em diagnosticar os males causados ao homem pela vida em sociedade, que todos os sentimentos lhe eram conhecidos, que “ainda não tinha ideia alguma das coisas, e já todos os sentimentos me eram conhecidos. Nada tinha concebido, tinha sentido tudo”²⁶, justifica-se não por um saber puramente intelectual, comum entre os pensadores de sua época, mas pelo ideal ético e político resultado do período inicial onde “Graças a este perigoso método adquiri em pouco tempo uma extrema facilidade em ler e compreender-me como uma inteligência das paixões única para minha idade.”²⁷.

Por volta dos sete anos de idade, ano de 1719, encerra-se uma etapa de formação e no inverno seguinte, inicia-se outro estágio, porém, aquele com quem partilhava o choro e o sorriso ali estava; o apreço, a simpatia e o carinho entre pai e filho se misturavam com as leituras e interpretações que propiciaram o conhecimento sobre a possibilidade do homem viver em sociedade com garantia, tranquilidade e bem estar. Rousseau passa a ter contato com autores que motivaram ações de homens públicos que tinham gosto e espírito:

“A História da Igreja e do Império, por Le Seur; o Discurso Sobre a História Universal, de Bossuet; Os Varões Ilustres, Plutarco; A História de Veneza, por Nani; as Metamorfoses, de Ovídio; La Bruyère; os Mundos, de Fontenelle, Os Diálogos dos Mortos, deste, e alguns volumes de Molière foram transportados para o gabinete de meu pai, e eu lia-lhos todos os dias enquanto ele trabalhava”²⁸.

Na medida em que obteve conhecimentos diversos, o pensador genebrino formava alguns conceitos que seriam fundamentais para a formação do pensamento político-educacional, a ética, a política etc. Colocam-se como um imperativo na

²⁵ Cfr. Derathé, Robert, “L’homme selon Rousseau”, In: *Pensée de Rousseau*, Éditions du Seuil, Paris, 1984, p. 109.

²⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio D’Água, Lisboa, 1988, p. 24. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 8.

²⁷ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 8.

²⁸ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 8.

construção do espírito livre e republicano do filósofo as leituras que marcaram a formação teórica:

“Foi através destas interessantes leituras e das conversas que elas ocasionavam entre meu pai e mim que se formou este espírito livre e republicano, este caráter indomável e altivo, impaciente do jugo e da servidão, que toda a minha vida me atormentou nas situações menos próprias para o deixar expandir-se.”²⁹

A formação do caráter e a construção do conhecimento político teve um alinhamento com a fase precedente: o reconhecimento do âmbito interior, principalmente, o sentimento, a sensibilidade para as questões humanas, tendo como substrato uma atitude subjetiva que, juntas, tornam-se fundamentais na formação da conduta de Rousseau, assim como para elaboração do seu pensamento moral e ético. Tendo a pretensão de demonstrar a aprendizagem obtida nos conteúdos retirados das leituras clássicas, não refuta a discussão sobre a liberdade, o civismo, a natureza, a república, o patriotismo, temas que surgiram antes do período helenístico da cultura greco-romana. Sobre o assunto diz Trousson³⁰.

Rousseau aprendeu que era necessário ter consciência de que provinha de uma organização política de um Estado que prezava pela coisa pública, pelo interesse comum, dado notável desde o período de formação infantil quando recebera lições de civismo e moral com seu papai. Esta visão não somente era encontrada nos clássicos: “constantemente imbuído de Roma e de Atenas, vivendo por assim dizer com os seus grandes homens inflamava-me com seu exemplo, julgava-me grego ou romano”³¹, mas na vivência familiar.

Este modelo imitado fez com que incorporasse e aliasse à atitude subjetiva quando entrou na problemática ética o retorno à interioridade, mas não aquela interioridade apresentada pelos metafísicos, promotores das filosofias racionalistas e intelectualistas, mas aquele sentimento interior, decorrente daquelas leituras, ou seja,

²⁹ Ib., p. 25. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 9.

³⁰ Conforme Trousson “Dans ces anecdotes, il découvre l’héroïsme antique, la vertu romaine, la liberté des républiques grecques, Brutus et Agélilas revivent sous ses yeux, il entend leurs discours, s’enflamme à leur exemple. Sous l’influence de son père, Genève gardait pour lui quelque chose de Lacédémone et du civisme à l’antique. Héroïsme antique, idéalisme romanesque, patriotisme et orgueil républicain se conjuguent en lui pour nourrir as double nature”. Cfr. Trousson, Raymond, “*Jean-Jacques Rousseau*”, Éditions hachette, La Flèche, 1993, p.18.

³¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Confissões”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 25. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 9.

uma interioridade pautada em “uma vida feliz é a que está em conformidade com a natureza”³².

Embora tenha dito “ignoro o que fiz até aos cinco ou seis anos”³³, percebe-se que a educação recebida, as vivências e aprendizagem com seu pai têm uma história; uma educação diferente, sim, entretanto, válida porque passa pelo sentimento, pela conversação, pelo gesto amoroso, neste sentido, seu pai era um preceptor que passou enormes benefícios, ensinamentos que lhe valeram uma autonomia, independência e altivez. Assim, é completada a primeira fase educacional do genebrino que, na verdade, não deixa de fazer uma comparação com a educação do seu irmão mais velho:

“Tinha um irmão mais velho do que eu sete anos. Aprendia o ofício de meu pai. A grande afeição que tinha por mim fazia que o descurassem um pouco a ele, coisa que não aprovo. A sua educação sentiu-se deste descuro. Enveredou pela libertinagem, mesmo antes da idade de ser um autêntico libertino”³⁴.

1.2. Educação e afectividade

Se por um lado foi extremamente relevante para formação educacional do menino Rousseau a experiência de conviver próximo ao pai durante os encontros de leitura, noites a fio, diferente não foi o modo afetivo que ambos demonstravam no relacionar-se. Uma vivência íntima, privada, mas não narcisista. Mergulhados estavam em profundo amor entre pai e filho, num instante presente como tempo único e último, como crianças conduzidas ao leito: “Algumas vezes meu pai, ouvindo de manhã as andorinhas, dizia, cheio de vergonha: vamos deitar-nos; ainda sou mais criança do que tu”³⁵. Este texto não se trata de um diário sentimental, de uma escritura íntima narrada de forma contínua.

O pai expressa, ao se colocar no mesmo nível do filho, um sentimento puro. A pequenez do ser criança revela aquilo que sentia: uma afetividade. Há entre eles a inclinação para dar e receber afeto, esta é uma dimensão fundamental para que haja

³² Cfr. Sêneca. “De la constance sus age; De la tranquillité de l’âme; De la brièveté de l’avie; De l’a vie heureuse; De la providence”, trad. Emile Bréhier. In: *Les Stoiciens*, Gallimard, Paris, 1962. T. II.

³³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Confissões”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 24. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 8.

³⁴ Ibidem, p. 25. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 9.

³⁵ Ib., p. 24. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 8.

educação. Ao comentar sobre o relato rousseaneano de sua biografia, *Starobinski* assim expressa: “Não se preocupa em retrazar o histórico de suas ideias; deixa-se invadir pela lembrança afetiva: sua existência não lhe parece constituída como uma cadeia de pensamentos, mas como uma cadeia de sentimentos, um encadeamento de afeições secretas”³⁶.

O ato educativo marcado pela afetividade mais que aspirar uma verdade de fato, de eventos descritos pela realidade exterior, deve-se considerar verdades feitas de eventos descritíveis a partir de uma realidade interior, que diz respeito à alma, e, por acréscimo, uma vez que não existe, ainda, a foto da realidade interior, da alma, tem-se como ponto de partida uma metodologia educacional originária de afeições íntimas, de recordações vivas. Estas afeições faltaram no relacionamento do pai com o irmão mais velho. O que diz Rousseau a respeito da educação dada pelo seu papai ao irmão que ele diz amar? “Quase que não o via, e mal posso dizer tê-lo conhecido; contudo, não deixava de o amar com ternura, e ele amava-me tanto quanto um valdevinos pode amar qualquer coisa”³⁷. Rousseau faz uma crítica feroz à educação que o pai concedia ao irmão:

“Recordo-me que de uma vez em que meu pai, encolerizado, o castigava violentamente, me lancei impetuosamente entre os dois, abraçando-me muito com ele. Desta maneira cobri-o com o meu corpo, recebendo os socos que lhe eram dirigidos; e tanto me obstinei nesta atitude, que necessário foi, por fim, que meu pai lhe perdoasse, desarmado quer pelos meus gritos e pelas minhas lágrimas, quer para não me maltratar mais do que a ele”³⁸.

Dois filhos, dois irmãos. Modos diferentes de educar. Para quem, até então, vivenciara a experiência do sentimento, não poderia deixar de comparar e reconhecer que François não foi educado com a diligência devida. A educação para o menino Rousseau foi uma; para seu irmão, outra. Mesmo com pouca idade, foi capaz de fazer o confronto a partir da sua natureza. Educar, desde os primeiros tempos da vida de Rousseau, é estar apto a confrontar-se com a realidade, defrontar-se com o outro e as ideias que se formam sobre nós mesmos, doravante da educação que recebemos, ajudam a construir o autorretrato.

³⁶ Cfr. Starobinski, Jean, “*Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o Obstáculo*”, trad. Maria Lúcia Machado, Companhia das Letras, São Paulo, 1991, p. 18.

³⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques. “*Confissões*”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio D’Água, Lisboa, 1988, p. 25. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 9.

³⁸ *Ib.*. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 9 - 10.

A educação afetiva recebida nos tempos de criança não o torna prisioneiro do círculo fechado da sua interioridade, como num ato reflexivo apenas; há a necessidade de sair de si mesmo, ir ao encontro de uma consciência perfeita de sua interioridade que acontece no confronto com o outro interior, sendo assim, reclama da não oportunidade que lhe deram de correr, brincar, saltar e pular com outras crianças, algo tão comum na natureza infantil, então, distingue a posição de menino adorado daquela de menino mimalho:

“(…) e os filhos dos reis não poderiam ser tratados com mais desvelos do que eu o fui durante os meus primeiros anos, idolatrado por tudo o que me rodeava e, o que é mais raro, sempre tratado como um menino adorado, não como um menino mimalho. Até sair da casa paterna, nem uma só vez me deixaram correr na rua sozinho com as outras crianças; nunca tiveram que me repreender nem satisfazer um destes caprichos fantásticos que se atribuem à natureza, quando nascem todos unicamente da educação (…)”³⁹.

Rousseau extrai da própria experiência pessoal, do juízo que faz sobre ele mesmo e do desejo de união com os outros um valor pedagógico. Ele pensa a si mesmo a contar de um processo de transformação. Este valor é caracterizado não por uma essência, mas por uma prática, pois, ao brincarem, as crianças expressam a aprendizagem em progressão, uma aprendizagem natural. A racionalização da existência individual dá lugar a capacidade que o homem tem de modificar-se; uma coisa é a aprendizagem proveniente daquilo que é ensinado, outra, bem diferente, é aquela oriunda da própria natureza humana: aptidões para brincadeiras, peraltices que são próprias do tempo de criança, estas, o menino Rousseau, não deixou de tê-las, apesar do zelo protetor:

“(…) os defeitos da (...) idade: era tagarela, lambareiro, algumas vezes mentiroso; teria roubado fruta, bombons, comida; mas nunca senti prazer em praticar o mal, em fazer estragos, em acusar os outros, em atormentar os pobres animais. Recordo-me, porém, de ter urinado uma vez na marmita de uma vizinha nossa, chamada Madame Clot, enquanto ela se achava na prédica (...) Aqui está a curta e verídica história de todos os meus delitos infantis”⁴⁰.

³⁹ *Ib.*, pp. 25-26. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 10.

⁴⁰ *Ib.*, p. 26. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 10.

Percebe-se nos textos que acompanham o valor pedagógico o potencial humano de aprender, criar e construir que existe em cada criança. É com esta visão que se entende a importância de todo homem voltar a ser criança, de considerar-se criança em meio a outras crianças, e é fundamental que a educação que perpassa os sujeitos que dela fazem parte: pai, mãe, tio, tia, preceptor etc. Todos sintam a importância de amar e ser amado, dar afeto e recebê-lo, estar feliz, estar contente, pois, a prática pedagógica não é voltada para atender aquilo que a sociedade espera dela, mas aprender para interagir em seu meio, ser feliz.

O que mais se pode acrescentar, no ato pedagógico, quando se está imbuído de construir o autorretrato? Preparar-se para transformar tudo que compreende como injusto, tudo que não é condizente com aquilo que acredita. É imprescindível para compreender e educar as crianças cercá-las de pessoas com caráter, que demonstrem exemplos de brandura, sentimento de amor e fervor pela ética: “Meu pai, minha tia, minha ama, os meus parentes, os nossos amigos, os nossos vizinhos, tudo o que me rodeava não me obedecia, na verdade, mas amava-me; e eu amava-os igualmente”⁴¹.

É tarefa pedagógica saber preservar na criança aquilo que ela tem de melhor, fazendo com que aprenda e viva tudo que for necessário e interessante a sua realidade, porém sem perder sua ternura e simplicidade. É por aí que se inicia a trajetória de ajudar a criança a ser um homem e, ao tornar-se homem nunca apagar a imagem de criança que um dia ele foi e se fazer criança quando estiver entres elas: “Fora das horas passadas a ler ou a escrever junto de meu pai ou em que ia passar com minha ama, estava sempre com minha tia, a vê-la bordar ou a ouvi-la cantar, sentado ou em pé ao lado dela”⁴².

Trazendo para o campo pedagógico o reconhecimento da riqueza interior que toda criança traz consigo na formação do seu caráter, concebendo-a como ser carregado de afeições e de potencialidades podemos considerar as palavras do autor a partir deste ponto de vista:

“Foram estas as primeiras afeições à minha entrada na vida; assim começava a formar-se e a mostrar-se em mim este coração a um tempo tão altivo e tão sensível, este caráter efeminado e todavia indomável que, flutuando sempre entre a fraqueza e a coragem, entre o desleixo e

⁴¹ Ib., p. 27. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 10.

⁴² Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 10.

a virtude, me pôs em contradição comigo mesmo até ao fim e foi causa de que tanto a abstinência e a voluptuosidade como o prazer e a prudência me hajam igualmente fugido”⁴³ .

Este momento educativo, proposto pelo genebrino, na fase que perpassa dos sete aos doze anos, antes da sua partida para casa do seu tio Bernard, em Bossey, é indispensável para que se compreenda que a educação e a afetividade podem se diluir dentro de uma corrente pedagógica que não se preocupe tanto com a valorização do aparecer do homem social, mas que se cuide do ser homem, que se volte para formação de uma pessoa feliz.

1.3. Aprendizagem em Bossey

Desentendimentos levaram o pai, Isaac, a ser condenado por crime que não cometera e, não tendo como pagar a fiança nem provar sua inocência, este, assim como o seu filho François, desapareceu, depois de se estabelecer em Lyon após a sua fuga de Genebra, tendo aí casado novamente. Jean-Jacques ficara só. Cresceu sem desfrutar da presença da mãe e, por fim, abandonado pelo pai quando criança. Passara a viver sob a tutela do tio Gabriel Bernard. Em Outubro de 1722 se dirige com seu primo Bernard, enviado como pensionário à casa do pastor Lambercier, em Bossey, lugarejo próximo a Genebra, onde estuda as primeiras noções do latim e outras disciplinas, tornando-se vítima de um modelo de educação que mais tarde dobraria suas críticas.

Abrem-se neste momento duas experiências que marcarão o pensamento do genebrino na área da educação e que serão trabalhados nas suas obras pedagógicas, sobretudo o *Emílio*. Em primeiro lugar a experiência no campo: um espaço de gozo, prazer, brincadeiras, é aí que adquire uma profunda dedicação às coisas naturais da aldeia, o convívio com o que é original da terra mãe e perene amor à ordem natural de tudo quanto existe, um místico amor à natureza:

“Em Genebra, onde não me obrigavam a coisa alguma, gostava de aplicar-me, de ler; era quase a minha única distração; em Bossey, o trabalho levou-me a amar as brincadeiras que lhe serviam de folga. O campo era para mim de tal maneira nova que não me cansava de o gozar. Ganhei-lhe um amor tão vivo que nunca mais se pode extinguir”⁴⁴ .

⁴³ Ib., p. 28. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 12.

⁴⁴ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 12.

A segunda experiência é originária da instrução, é aí que exalta a pedagogia do Monsieur Lambercier: hábil, competente, capaz e fino no trato com as crianças, sempre fazendo com que elas nunca descuidem da instrução em favor de desmedidos trabalhos, esta prática educacional o afetou profundamente: “Dois anos passados na aldeia adoçaram um pouco a minha severidade romana e fizeram-me regressar à condição de garoto”⁴⁵. Embora Rousseau fosse avesso a todo tipo de constrangimento fruto da imposição, um trabalho sem aborrecimento era o ideal, isto é, a aprendizagem deve ser prazerosa, em conjunto, harmoniosa, deve envolver o sentimento de ternura e afeição, jamais a violência: “A prova da sua habilidade a este respeito reside no facto de que, apesar da minha aversão pelas obrigações, nunca me lembrei com aborrecimento das horas de estudo, e se não aprendi com ele muitas coisas, o que aprendi foi sem custo, nada tendo esquecido”⁴⁶.

O testemunho rousseauneano sobre a aprendizagem se reveste de enorme importância para compreensão e aprimoramento da educação, sobretudo, os ensinamentos ministrados para as crianças de hoje:

“A simplicidade desta vida campestre fez-me um bem de um preço inestimável, abrindo o meu coração à amizade. Até então, eu só havia conhecido sentimentos elevados, mas imaginários. O hábito de viver em companhia, num ambiente de paz, ligou-me afetuosamente a meu primo Bernard”⁴⁷.

A educação proposta por Rousseau acontece dentro de um processo de relacionar-se e a criança é um ser em condição, à espera de orientação, carinho e formação. Menos do que criar conceitos para serem assimilados, Rousseau compreende, entende a condição infantil como plena de potencialidades, de sentimentos nobres como o de adquirir amizades profundas. Este momento é expresso no convívio com Bernard. Viver a infância é, sobretudo, relacionar-se de modo saudável, ter sentimento de amizade, é aproximar-se de outras crianças. E Rousseau nos mostrou que isso é possível. Criança é criança e não pode ser considerada adulto em miniatura, daí escrever no *Emílio*:

⁴⁵ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 12.

⁴⁶ Ib., pp. 28 – 29. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 13.

⁴⁷ Ib., p. 29. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 13.

“Amai a infância; favorecei suas brincadeiras, seus prazeres, seu amável instinto. Quem de vós não teve alguma vez saudade dessa época onde o riso está sempre nos lábios, e a alma está sempre em paz? Porque quereis retirar desses pequenos inocentes o gozo de um tempo tão curto que se lhes foge, e de um bem tão precioso, de que não poderiam abusar? Porque quereis encher de amargura e de dores esses primeiros anos tão velozes, que não mais voltarão para eles, assim como não voltarão para vós? Não fabriqueis remorsos para vós mesmo retirando os poucos instantes que a natureza lhe dá. Assim que eles puderam sentir o prazer de existir, fazei com que o gozem, fazei com que, a qualquer hora que Deus os chamar, não morram sem ter saboreado a vida”⁴⁸.

Mas, Jean-Jacques passa, no período em Bossey, por experiências que vão além do místico amor ao campo e das descobertas metodológicas que influenciaram a sua pedagogia, trata-se de momentos que deixarão sinais permanentes na sua vida, na sua personalidade, é aí que sente profundamente o que é uma autoridade, pior, uma autoridade perversa, proveniente de uma mulher, a Mademoiselle Lambercier que, dentre outras atitudes rigorosas na arte de educar, principalmente a ameaça. Desencadeou na criança uma atitude contrária “contudo, após a sua execução, achei que experimentá-lo era menos terrível que a sua expectativa; e o que é mais curioso é que o castigo me afeiçoou ainda mais a quem mo havia aplicado”⁴⁹.

Tal experiência foi tão significativa, tão marcante no modo como estimulou a sensualidade, se sobressaiu tanto que desenvolveu uma lesividade contundente:

“Quem havia de acreditar que semelhante castigo infantil recebido aos oito anos das mãos de uma rapariga de trinta decidiria, para o resto da minha vida, dos meus gostos, dos meus desejos, das minhas paixões, de mim próprio (...) Ao passo que meus sentidos despertaram, os meus desejos enganaram-se a tal ponto que, confinados no que houvera experimentado, não trataram de procurar outra coisa. Com um sangue escaldante de sensualidade desde que nascera, conservei-me puro de toda mácula até a idade em que os mais frios e os mais lentos temperamentos se desenvolvem (...), a minha recordação recordava-as a todo o passo; unicamente para pô-las a servirem-se à minha moda, e fazer delas outras tantas donzelas Lambercier”⁵⁰.

⁴⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, pp. 72-73. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 302.

⁴⁹ Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 30. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Les Confessions de J.-J. Rousseau*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 15.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 31. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Les Confessions de J.-J. Rousseau*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 15-16.

A passagem por Bossey marca a vida do filósofo de modo indestrutível. Período que vai das punições da Mademoiselle Lambercier ao que mais lhe dava prazer: a contemplação das belas paisagens campestres que circundava a Vila; um período apaixonante que não mais se extinguiu da memória, “se alguma vez houve educação honesta e casta, foi seguramente a que eu recebi”⁵¹. Dois anos que foram provavelmente os mais felizes da vida do genebrino, apesar dos contratempos:

“Foi assim, pois, que, com um temperamento bastante ardente, bastante lascivo, bastante precoce, não só passei toda idade da puberdade sem desejar, sem conhecer outros prazeres além daqueles de que Mademoiselle Lambercier tão inocentemente me havia dado a ideia, como foi ainda assim que, quando o progresso dos anos me fez homem, aquilo que devia perder-me me preservou”⁵².

Apesar da bela educação recebida, das inúmeras aprendizagens com o seu primo Bernard, do modo gentil com que o Monsieur Lambercier educava, o jovem Rousseau se depara com uma contrariedade, um aborrecimento. Expressar tal acontecimento foi difícil para Rousseau “Dei o primeiro e o mais difícil passo no labirinto obscuro e lodoso das minhas confissões”⁵³. Rousseau, nas suas Confissões, narra o fato, mas buscando remediar a situação e paralelamente, lança mão do tema da sua relação com as mulheres, mas avança:

“Um dia, estava eu sozinho a estudar a lição num quarto contíguo à cozinha. A criada pusera a secar no nicho da parede da lareira as travessas de mademoiselle Lambercier. Quando voltou por elas, havia uma com uma fiada de dentes todos partidos. Quem acusar de semelhante estrago? – ninguém, além de mim, havia ali dentro. Interrogam-me: nego ter tocado na travessa”⁵⁴.

Tratando-se de um contexto biográfico, escrito pelo próprio autor em um determinado momento, por volta de cinco décadas depois, mesmo assim, ele afirma sua inocência tal qual fizera nos tempos de outrora, mas isto não impede que o Monsieur e a Mademoiselle Lambercier acusem o jovem:

⁵¹ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J -J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 15-16.

⁵² Ib., p. 32. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J -J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 15-16.

⁵³ Ib., p. 33. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J -J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 15-16.

⁵⁴ Ib., pp. 33-34. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J -J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p 18.

“Há quase cinquenta anos que a aventura se passou, e não receio ser punido doravante pelo mesmo delito: pois bem! Declaro à face do Céu que estava inocente, que não tinha quebrado nem tocado na travessa, que me não tinha aproximado do nicho, e que nem se quer nisso tinha pensado. Não me perguntem como se deu o desastre, ignoro-o e não posso compreender como a coisa se passou; o que sei de absoluta certeza é que estava inocente”⁵⁵.

É a narração de um episódio que revela a essência da natureza humana, ela é capaz de mudar. Será que foi o ambiente que impulsionou os familiares a acusá-lo de ter cometido um ato que não revela a nobreza, coerência e autenticidade que ali era ensinado? Se foi uma acusação feita por pessoas que conviviam com o jovem Rousseau e esta acusação não é verdadeira é sinal de que, aqui, está o início da sua teoria, ou seja, o mal está na sociedade.

Ao negar, veementemente, a participação naquele episódio, e saber que ninguém acreditava na sua inocência e o faz insistentemente: “Não puderam arrancar-me a confissão que exigiam de mim. Voltando à carga várias vezes e deixando-me no mais lastimoso estado, permaneci inabalável”⁵⁶, em tal circunstância admite a existência de uma tendência a degeneração interior, própria do ser humano, que se expressa de modo violento quando o ser humano vive em sociedade.

O jovem Rousseau vivia naqueles dias momentos prazerosos, tempos de realização infantil no momento em que recebia uma educação positiva e natural, companheirismo, o que o fez manifestar uma tendência tão negativa a ponto de marcar profundamente a alma? “Este primeiro sentimento da violência e da injustiça gravou-se tão profundamente na alma, que todas as ideias que se lhe ligam me trazem a minha primeira emoção”⁵⁷. Houve perversão do coração do homem e pode-se dizer que, mesmo tendo uma boa educação, nenhum educando está livre do processo de degeneração. Os erros provenientes de uma má educação podem, apenas, acelerar aquilo que está presente na natureza humana e que se manifesta quando está na vida social.

O fato é que o problema aconteceu, foi narrado pelo autor e põe um limite naquele belo relacionamento existente entre as pessoas daquela localidade. Um episódio

⁵⁵ Ib., p. 34. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J -J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 19.

⁵⁶ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J -J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 19.

⁵⁷ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J -J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 19.

negativo se sucede entre aqueles que acusam e aquele que é acusado. O interessante é que o fato acontece, exatamente, no lugar onde Rousseau viveu a experiência da máxima felicidade durante a sua infância. Não está querendo, o autor, demonstrar que esta máxima felicidade não existe? Todas as degenerações sucessivas partem desse exemplo, de fato, é intrigante para um jovem compreender o trauma causado pela contradição entre ser inocente, afirmar isto com veemência e ao mesmo tempo ser acusado, considerado culpado por aqueles com quem conviveram os melhores momentos.

As aparências enganam e por não compreender com total plenitude a posição daqueles que o possibilitaram beber na própria fonte a ideia de injustiça cai em uma “desordem de sentimentos! Que revolução no seu coração, na sua cabeça, em todo seu pequeno ser inteligente e moral (...) sinto-me incapaz de destrinçar, de seguir o mais pequeno vestígio de tudo o que se passou então em mim”⁵⁸. Uma recordação que o homem Rousseau jamais esqueceu, gerando uma série de consequências negativas que assinalam imediatamente a ruptura do equilíbrio natural, até mesmo “A dor do corpo, apesar de viva, era-me pouco sensível; só sentia indignação, raiva, desespero”⁵⁹.

O exemplo dado pela Mademoiselle Lambercier, aquela, cuja forma com que o educara a fez nutrir uma profunda relação de afetividade, faz diminuir a solidez daquele sentimento de gozo de uma felicidade plena. A aprendizagem proveniente do sentimento de decepção⁶⁰ começa, desde cedo, a sedimentar a ideia de que o processo educativo é perpassado por um momento denominado de saber suportar os bens e os males que acontecem em qualquer processo de aprendizagem, aliás, a educação deve nos preparar para os acontecimentos da vida:

“Nosso verdadeiro estudo é o da condição humana. Aquele de nós que melhor souber suportar os bens e os males desta vida é, para mim, o mais bem educado; donde se segue

⁵⁸ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J -J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 19.

⁵⁹ Ib., p. 35. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J -J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 20.

⁶⁰ De acordo com Dent, o acontecimento da travessa do cabelo fez com que um “(...) incidente aparentemente trivial, mais do que qualquer precocidade sexual, constitui a verdadeira perda da inocência de Rousseau(...)”. E acrescenta, ainda, que Rousseau “(...) foi falsamente acusado de quebrar os dentes de um pente, e como o seu ressentimento por essa injusta acusação o tornou desconfiado, furtivo e manhoso(...)” cfr. Dent, N.J.H., *Dicionário Rousseau*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1996, p. 75.

que a verdadeira educação consiste menos em preceitos do que em exercícios. Começamos a nos instruir quando começamos a viver; nossa educação começa junto conosco⁶¹.

A sensibilidade rousseauiana foi marcada com grande intensidade, a pureza dos sentidos lhe faz mirar a mais tenra idade humana e ter um olhar de complacência sobre o universo da criança. Tal descrição, relativa a acusação injusta, escrita em terceira pessoa tem um significado, além da autonomia, tem o caráter da universalidade:

“(…) e tal sentimento, na sua origem relativo a mim, tomou tal consistência em si mesmo, e desligou-se de tal maneira de qualquer interesse pessoal, que o coração se me exalta com o espetáculo ou com o relato de qualquer ação injusta, seja qual for o seu objeto e o lugar em que ela se cometa, como se o seu efeito caísse sobre mim”⁶².

Entre a máxima realização da felicidade e o trágico desentendimento que marcou sua vida resta uma ideia que será central no seu pensamento político-pedagógico: é preciso o respeito à idade infantil, nada pode encobrir ou impedir o florescimento daquilo que já existe na criança, nem mesmo o mal que vem acobertar o momento de felicidade vivido em Bossey. A valorização da afetividade, reconhecer a qualidade estimável da convivência com outras crianças, o desfrutar a natureza, garantir a autonomia e a liberdade dos infantes significa colher, em curto espaço de tempo, sujeitos históricos éticos e responsáveis, aptos a viverem em qualquer sociedade.

O jovem Rousseau parece compreender a impossibilidade de demonstrar sua inocência e isto desencadeia um golpe emocional sofrido pela sensibilidade provocando um distanciamento dos outros e uma rebelião interna:

“(…) tínhamos menos vergonha de fazer mal e mais medo de ser acusados: começávamos a esconder-nos, a insubordinar-nos, a mentir. Todos os vícios da nossa idade corrompiam a nossa inocência e envileciam as nossas brincadeiras. O próprio campo perdeu a nossos olhos aquela sedução de doçura e simplicidade que vai direto ao coração: parecia-nos deserto e sombrio; tinha-se como que coberto de um véu que nos escondia as suas belezas (...) perdemos o gosto a semelhante vida; perderam-nos o gosto a nós”⁶³.

⁶¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 15. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 245.

⁶² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 35. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Les Confessions de J.-J. Rousseau*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 20.

⁶³ *Ibidem*, p. 36. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Les Confessions de J.-J. Rousseau*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 21.

Distancia-se porque os que com ele se relacionam não são capazes de entendê-lo, de acreditar em sua verdade, contudo, em nenhum momento desiste de mostrar sua inocência e por outro lado é acusado a todo instante. Após esta descoberta visibiliza a sua primeira experiência do afastar-se da companhia dos outros, esse distanciar-se o faz sentir solitário, afastado do mundo, é sua existência que é afetada: “O episódio de Bossey termina pela destruição da transparência do coração e, simultaneamente, por um adeus ao brilho da natureza. A possibilidade quase divina de ler nos corações não existe mais, o campo se vela e luz do mundo se obscurece”⁶⁴.

Rousseau permanece em Bossey por mais alguns meses, mas o ambiente não era mais aquele espaço harmonioso, aconchegante, no qual, ele e o primo Bernard viviam. Aquela relação de cumplicidade estava, a partir daquele momento, dividida entre o campo, a relva e o mundo circundante. A primeira experiência do afastar-se concretamente do mundo natural e das pessoas, do ambiente de serenidade lhe possibilita o término da experiência da sua meninice, ter cessado o tempo do gozo, na realidade: “era, na aparência, a mesma situação, mas, com efeito, uma maneira de ser inteiramente diferente”⁶⁵.

2. Formação do educador

No ano de 1724, com doze anos de idade, Rousseau retorna a Genebra. Passa a residir na casa do seu tio Bernard, irmão de sua mãe. Sob a batuta do tio Bernard, tanto Rousseau quanto o seu primo tiveram encaminhamentos para um tipo de educação que visava atender a demanda social: “como meu tio destinava o filho à engenharia militar, mandou-o aprender um bocado de desenho e ensinava-lhe os *Elementos* de Euclides”⁶⁶; ao jovem Rousseau é apresentada algumas profissões: “Entretanto, deliberava-se sobre se haviam de fazer de mim relojoeiro, magistrado ou pastor”⁶⁷. Com esta citação nota-se, desde já, que a finalidade da educação era dar ao aprendiz o

⁶⁴ Cfr. Starobinski, Jean, “*Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o Obstáculo*”, trad. Maria Lúcia Machado, Companhia das Letras, São Paulo, 1991, p. 22.

⁶⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 35. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.-J. Rousseau”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 20.

⁶⁶ Ibidem, p. 39. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.-J. Rousseau”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 25.

⁶⁷ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.-J. Rousseau”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 25.

conhecimento necessário para desempenhar uma profissão, não havia a preocupação com a formação do homem, com a sua felicidade.

Devido a pouca condição econômica, o jovem Rousseau não fez a formação para ocupar a função eclesiástica: “Eu gostava mais de ser pastor, porque achava muito belo pregar, mas os pequenos rendimentos de minha mãe, os quais tinha de ser dividido entre mim e meu irmão, não chegavam para continuar os meus estudos”⁶⁸, restando à casa, gozando de inteira liberdade e tendo os devidos cuidados para não aproveitar-se da liberdade concedida. Tirava proveito da convivência do primo para desfrutar das brincadeiras que não deixavam de ser um momento educacional, viviam juntos, inseparáveis:

“Bastávamo-nos um ao outro, e não sendo tentados pelas companhias dos gaiatos da nossa idade, não apanhámo-nos nenhum dos vícios que a sociedade nos podia inspirar (...), e o que nos tornava mais felizes é que todos os divertimentos por que sucessivamente nos apaixonamos nos mantinham ocupados um e outro em casa (...). Fazíamos gaiolas, flautas, volantes, tambores, casas, seringas de sabugueiro, arbaletas”⁶⁹.

O tio Bernard, “homem dado aos prazeres como meu pai, não sabia, como este, prender-se com os seus deveres e pouco cuidava de nós”⁷⁰, exercia forte influência sobre a família, dirigia a educação inicial das crianças. Tanto Rousseau como seu primo estavam sempre próximos, embora, fisicamente, em nada semelhantes, eram totalmente diferentes; Rousseau fala de uma facilidade de moldar as crianças e que estas sejam bem orientadas: “... mas mostram a que ponto era preciso que a nossa primeira educação fosse bem dirigida, para que, quase senhores do nosso tempo e de nós próprios em idade tão tenra, não tivéssemos tão pouca tentação de abusar”⁷¹. Em nenhum momento Rousseau se queixa da bela amizade entre ele e o primo e até toma as dores quando alguém ou algum colega tende a zombá-lo:

“Os rapazes troçavam dele (...) zangava-me, queria lutar: era o que os velhos desejavam. Bati e eles bateram-me (...). Eu enfurecia-me então (...), a minha fúria turbulenta aumentava,

⁶⁸ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.-J. Rousseau”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 25.

⁶⁹ Ib., p. 40. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.-J. Rousseau”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 25.

⁷⁰ Ib., p. 39. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.-J. Rousseau”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 25.

⁷¹ Ib., p. 40. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.-J. Rousseau”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 26.

porém, de tal maneira o mal, que, com medo de que os rapazes da escola nos seguissem e nos vaiassem, só ousávamos sair às horas das aulas”⁷².

Aparecem, neste episódio, pela primeira vez, dois momentos da personalidade rousseaneana que acompanharão o genebrino, de acordo com Martins: “a primeira mostra-nos um Rousseau colérico, mas protector; a segunda mostra-nos um Rousseau determinado, mas envergonhado”⁷³. Com esta atitude protetora faz valer aquilo que sempre apontou nos seus escritos, o sentimento, a solidariedade, a justiça, pois bem, diante deste fato, o próprio genebrino se apresenta como: “Eis-me já vingador de injustiças”⁷⁴.

Ainda em Genebra, além da experiência educacional com o tio e na convivência com o primo Bernard, as lições tiradas com as mulheres, a aprendizagem se dá, também, no trabalho profissional, passa a trabalhar como escrivão para que aprendesse “o útil ofício de rato de justiça”⁷⁵:

“Tal alcunha desagradava-me soberanamente, a esperança de ganhar muitos escudos por vias ignóbeis lisonjeava pouco o meu feito altivo; a ocupação, parecia-me aborrecida, insuportável; a assiduidade, a sujeição, acabaram por desgostar-me dela, e nunca entrava no cartório sem o horror que ia crescendo de dia para dia”⁷⁶.

O exercício de uma primeira profissão acontece em um cartório jurídico, quiçá, visando à futura profissão de advogado. Decepcionado com as posturas e maus tratos do tabelião, Monsieur Masseron, que terminou por despedi-lo, não desenvolvia a gosto suas tarefas. O mesmo acontece em outro trabalho, em Abril de 1725, desta feita em uma oficina de gravação onde o patrão, Monsieur Ducommun, rude e grosso o assombrava. Neste trabalho exerceu algumas criatividadeas, diz o próprio Rousseau:

“O ofício em si mesmo não me desagradava: eu tinha um pronunciado gosto pelo desenho, o manejo do buril divertia-me bastante, e, como o talento de gravador-relojoeiro é muito

⁷² *Ib.*, pp. 40 - 41. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.-J. Rousseau”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 27.

⁷³ Cfr. Martins, Custódia Alexandra Almeida, “*A pedagogia de Jean Jacques Rousseau: Praxis, Teoria e Fundamentos*”, CIED, Braga, 2009, p. 50.

⁷⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 41. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.-J. Rousseau”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 26.

⁷⁵ *Ibidem*, p.44. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.-J. Rousseau”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 31.

⁷⁶ *Ib.*. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.-J. Rousseau”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 31.

limitado, tinha a esperança de chegar à perfeição. Talvez lá houvesse chegado se a brutalidade do meu patrão e a excessiva mortificação me não tivessem desgostado do trabalho”⁷⁷.

Habitado a perambular com outros tantos adolescentes pelos arredores de Genebra, a vivenciar uma educação e aprendizagem sem pressões, livre, jamais iria se submeter à arrogância dos patrões que, sempre ávidos pela lucratividade, dispostos a tratar de modo servil seus empregados, se preciso fosse à base do açoite e, de fato isto vem a acontecer quando, através de um “trabalho furtivo e moeu-me à pancada, dizendo que eu me treinava a fazer moeda falsa, visto que as nossas medalhas tinham as armas da república”⁷⁸.

Como acontece em um processo de aprendizagem que se dá com os pés no chão, vivenciando a realidade, o menino aprende certas artimanhas no ambiente de trabalho que não foi aceita e sobre tal experiência diz: “a tirania do meu patrão acabou por me tornar insuportável o trabalho de que viria a gostar, e por me inculcar vícios que me haviam de ser odiosos, tais como a mentira, a preguiça, o roubo”⁷⁹. O traçado, até aqui desenhado pelo genebrino, passa, rigorosamente por momentos diversos: “Era atrevido em casa de meu pai, livre em casa de Monsieur Lamercier, discreto em casa de meu tio; em casa de meu patrão tornei-me medroso, e desde então fui um rapaz perdido”⁸⁰.

Sem dúvida que novos componentes são agregados à sua formação, afirma Trousson⁸¹. O questionamento sobre si mesmo, as dúvidas oriundas de comportamentos que até então, com a educação recebida e a liberdade na aprendizagem, não aconteciam, tudo isto leva o autor a voltar-se para si, ir ao mais profundo de sua intimidade e dizer: “(...) mas eu havia gozado de uma liberdade honesta, que até então só gradualmente

⁷⁷ Ib., pp. 44-45. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.-J. Rousseau”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 31.

⁷⁸ Ib., p. 45. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.-J. Rousseau”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 31.

⁷⁹ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.-J. Rousseau”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 31.

⁸⁰ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.-J. Rousseau”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 31.

⁸¹ Afirma Trousson “Jean-Jacques est blessé, solitaire, malheureux. Il apprend donc à mentir, à dissimuler. Lui qui était bon, la méchanceté des autres le corrompt: voilà, dit-il pourquoi tous les laquais sont fripons, et pourquoi tous les apprentis doivent l’être. Naïf, il se laisse exploiter...”. Cfr. Trousson, Raymond, “*Jean-Jacques Rousseau*”, Éditions hachette, La Flèche, 1993, p. 93.

sofrera restrição, e que, por fim, desapareceu inteiramente”⁸². Aqui é o próprio filósofo estranhando o seu agir, num processo de autoconhecimento dos comportamentos que passara a adotar.

Tais ações levam o filósofo a revisitar saudosamente o processo formativo que adquiriu: “O meu latim, as minhas antiguidades, a minha história, tudo foi esquecido por muito tempo; já não me lembrava sequer que tivesse havido romanos no mundo”⁸³. Não deixa de ser um enorme mérito, apesar de tão pouca idade, deixar veicular dentro de si a educação recebida na infância e perceber que, nos tempos atuais, os não tão velhos valores faziam muita falta. As críticas dirigidas a si próprio devido aos vícios considerados odiosos: mentira, preguiça e roubo, afetaram o seu eu, desfigurou aquela imagem feliz que trazia dentro de si e aos olhos daqueles que o rodeavam e assim expressa:

“Meu pai, quando o ia visitar, já não via em mim o seu ídolo, para as damas eu já não era o galante Jean-Jacques; e eu próprio sentia tão bem que Monsieur e Mademoiselle Lamercier não reconheciam em mim o seu aluno, que tive vergonha de lhes voltar a aparecer, e nunca mais os vi desde então. Os gostos mais abjectos, a garotice mais baixa, sucederam as minhas inofensivas distrações, sem delas me deixarem mesmo a mais pequena ideia”⁸⁴.

Embora seja tão jovem ao fazer estas considerações, percebe-se com base no reconhecimento de sua riqueza interior, que tais afirmativas não deixam de ser uma privação do seu eu interior, enquanto, na verdade gostaria de vivenciar a alegria de ser criança e ser valorizado. Conceber a criança como um ser de potencialidades, capaz de boas ações e de sentimentos necessários à construção de laços humanos solidários é fundamental para principiar uma educação duradoura, bem dirigida. O genebrino aponta, com base em sua atitude reflexiva, que a criança constrói a si mesmo.

O processo auto construtivo passa por uma educação de qualidade e, mesmo assim, correm-se os riscos dos bons sentimentos serem mal dirigidos e, se isto acontece, com certeza “leva a criança a dar o primeiro passo no caminho do mal”⁸⁵, daí o conflito

⁸² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 45. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.-J. Rousseau”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 31.

⁸³ Ibidem, p. 44. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.-J. Rousseau”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 30.

⁸⁴ Ib., pp. 44 – 45. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.-J. Rousseau”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 30.

⁸⁵ Ib., p. 46. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.-J. Rousseau”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 30.

com o mundo que o rodeia, pois, este deseja impor suas vontades, conseqüentemente, provoca mudanças físicas e psíquicas quando o comportamento dos adultos é imposto, mesmo que sorrateiramente, à criança, sobretudo na educação que se baseia mais na ideia do ter e não do ser, valoriza-se a luxúria, o dinheiro: “e se não me transformei num gatuno em forma foi porque nunca me senti muito tentado pelo dinheiro”⁸⁶. A ambição pela pecúnia em demasia não o afetou por que:

“O dinheiro nunca me pareceu essa coisa que acham tão preciosa. Ainda mais – nunca me pareceu uma coisa muito cômoda; não serve para nada em si mesmo, é preciso transformá-lo para gozarmos dele; é preciso comprar, regatear, ser-se enganado, pagar bem, ser mal servido. Queria obter uma coisa de boa qualidade: com o meu dinheiro estou certo de que é má. (...) Compreendido isto, compreender-se-á sem dificuldade uma das minhas pretensas contradições: a de aliar uma avareza quase sórdida com o maior desprezo pelo dinheiro. Adoro a liberdade. Detesto a mortificação, a fadiga, a submissão (...) o dinheiro que temos é instrumento da liberdade; aquele que se busca é instrumento da servidão. Eis a razão porque aferrolho bem e nada cobiço”⁸⁷.

Por ter tido uma educação fecunda, desde os primeiros anos de vida, deixou transparecer e tal atitude foi até o final de sua vida, que se os valores economicistas eram respaldados por alguns membros e setores da sociedade, isto não acontecia com ele, os valores humanos se sobrepõem. Pelo menos neste quesito, a boa orientação recebida conduziu seus passos: “Creio perfeitamente que este horror do dinheiro e do que serve para fazê-lo me vem em grande parte da educação”⁸⁸.

A mudança não é somente externa, como vimos, ela também afeta o campo interior, produz abalo no mais profundo do seu eu e isto se dá quando rancores, paixões desenfreadas, a busca desordenada por prazeres “Fazem-me mister só prazeres puros, e o dinheiro envenena-os a todos”⁸⁹, tais posturas fazem a criança perder sua singularidade infantil passando, sem mesmo se dar conta, a imitar os adultos quando busca concretizar seus impulsos. Mais uma vez, sem dúvida, que a educação recebida,

⁸⁶ *Ib.*, p. 48. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.-J. Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 35.

⁸⁷ *Ib.*, pp. 50 – 51. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.-J. Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 37-38.

⁸⁸ *Ib.*, p. 49. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.-J. Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 35.

⁸⁹ *Ib.*, p. 50. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.-J. Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 36.

baseada na afetividade, na promoção da alegria foi a responsável por protegê-lo e ressalvá-lo de um conjunto de circunstâncias que lhe poderiam ser dolorosas:

“As minhas paixões são muito ardentes (...) deixo de conhecer consideração, respeito, temor, decência; sou cínico, descarado, violento, intrépido: não há honra que me detenha, nem perigo que me atemorize (...) mas tudo isto não dura mais que um momento, e no momento seguinte caio abatido. Apanhem-me calmo – sou a própria indolência, a própria timidez, tudo me assusta, tudo me desconcerta; uma mosca a voar faz-me medo; uma palavra a dizer, um gesto a fazer apavora a minha preguiça; receio e a vergonha subjugam-me a tal ponto, que o meu desejo era eclipsar-me aos olhos de todos os mortais. Se é preciso agir, não sei o que hei-de fazer; se é preciso falar, não sei o que hei-de dizer; se olham para mim, fico atrapalhado.”⁹⁰

Por tudo que foi até aqui exposto, é impossível não asseverar com firmeza a aprendizagem dos imperativos éticos que perpassam a natureza íntima de Rousseau, conteúdo este muito bem assimilado, resultado daquela educação inicial, cujo conteúdo estava voltado para a realidade da própria criança. Não é, pois, nesta etapa, que são transmitidos valores e princípios fundamentais para o equilíbrio do homem? Não é com a presença do homem íntegro e bem formado que se constrói a sociedade justa e igualitária? Na medida em que não temos clareza de nossa concepção de infância, de igual modo não sabemos em função de que e de quem vamos planejar a prática.

As reflexões oriundas das próprias ações, dos feitos mostram as bases para compreensão de quem foi Rousseau. É o seu próprio eu que principia uma privação para bem viver a fase infância-adolescência. Tanto na relação com outras crianças quanto frente aos adultos, foi o próprio filósofo que, já, neste período, entendeu que a vida social o aborrecia. Decisões assim nos dão inúmeras pistas para que compreendamos o seu comportamento quando adulto. A sensibilidade e o sentimento o levam a uma postura de isolamento, um afastar-se:

“(…) permite-nos observar como o autor começa a dar os primeiros sinais de uma predisposição natural para se isolar. Tal torna-se evidente quando confessa não ter vontade de estar com os seus companheiros de trabalho pois tudo o aborrecia. Acabou por canalizar o seu tempo e interesse para o hábito da leitura”⁹¹.

⁹⁰ Ib., p. 49. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.-J. Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 36.

⁹¹ Cfr. Martins, Custódia Alexandra Almeida, “A pedagogia de Jean Jacques Rousseau”: Praxis, Teoria e Fundamentos, CIED, Braga, 2009, p. 55.

A atitude extrema de buscar refúgio nas leituras: “Bons e maus [refere-se aos livros], tudo ingeria, não escolhia; lia tudo com a mesma avidez. Lia à banca, lia quando ia fazer recados, lia no vestiário, esquecendo-me horas inteiras na leitura; a cabeça andava-me à roda, não fazia senão ler.”⁹² pode ser compreendida, dentro do pensamento do genebrino, como um daqueles momentos de solidão onde, olhando para si mesmo é capaz de revelar:

“Ei-los, portanto, estranhos, desconhecidos, inexistentes enfim para mim, visto que o quiseram. Mas eu, afastado deles e de tudo, que sou eu mesmo? Eis o que me falta procurar. Infelizmente, essa procura deve ser precedida por um exame da minha situação. É uma ideia por que devo necessariamente passar para chegar deles a mim”⁹³.

A solidão não parece ser algo distinta de si mesmo, pois, se manifesta nestes primeiros momentos da juventude como um afastar-se de todo contato com o mundo. A sensação de viver isolado é uma demonstração da separação do convívio com os seres que formavam o círculo de amizade. A falta deste convívio humano, em dado momento, foi preenchida por uma forte capacidade imaginativa que se tornou determinante no seu pensamento; em outras circunstâncias foi substituída por um estado fictício que lhe proporcionava se não a tranquilidade, mas pelo menos esquecer o estado real e assim escreve:

“Nesta estranha situação, a minha imaginação inquieta tomou uma decisão que me salvou de mim mesmo e me acalmou a sensualidade incipiente; começou a alimentar-se com as situações que me tinham interessado nas minhas leituras, a recordá-las, a variá-las, a combiná-las, a apropriá-las a mim de maneira tal que eu me transformasse numa das personagens que imaginava, que me visse sempre nos lances a meu gosto mais agradáveis, que o estado fictício em que acabara por me lançar me fizesse, enfim, esquecer o meu estado real, que tanto me aborrecia”⁹⁴.

Sem dúvida que é um olhar para o seu interior, uma avaliação da respectiva vida que o levou a afastar-se, a viver só: “Este amor aos objetos imaginários e esta facilidade

⁹² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 52. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Les Confessions de J.-J. Rousseau*”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 39.

⁹³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Os Devaneios do Caminhante Solitário*”, trad. Fúlvia Maria Luíza Moretto, Editora da Universidade de Brasília, Hucitec, Brasília, 1987, p. 23. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Rêveries du Promeneur Solitaire*”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 995.

⁹⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 54. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Les Confessions de J.-J. Rousseau*”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 41.

de me prender a eles acabaram por me desgostar de tudo o que me rodeava e, determinaram aquele amor da solidão que de então para cá sempre me acompanhou.”⁹⁵; a partir daí, apresenta-se como dotado de um descontentamento de tudo que é externo a si e ao mesmo tempo pleno de autonomia a partir das suas próprias imaginações, isto significa completar aquele vazio que o rodeava. Nesta fase da vida o autor já previra aquilo que em sua fase madura, no último trabalho, *Rêveries*, será muito bem exposto: “Com o desdém que me inspiraram, suas relações me seriam insípidas e mesmo um motivo de desgosto, e sou cem vezes mais feliz em minha solidão do que poderia ser vivendo com eles”⁹⁶.

Qual o sentido da vida quando uma pessoa se coloca como segregado? O mundo deixou de ser a referência para aquele jovem, as pessoas o deixam tedioso, apenas o seu eu e suas imaginações o satisfaz. Viver uma vida tendo como base um solitário prazer é fazer do mundo algo rarefeito e fazer de si um espetáculo de intimidade que se desnuda, colocar-se como portador de uma pureza originária: “(...) com efeito, provém de um coração demasiado afável, demasiado amoroso, demasiado terno que, à mingua de encontrar seres semelhantes, é obrigado a alimentar-se de ficções”⁹⁷. Ao apontar para a própria solidão de uma maneira tão sincera ele acaba por responder sobre o sentido da vida a partir do momento do afastar-se de tudo e de todos.

Ficar convencido da profundidade da solidão e aí encontrar o acalanto para aquela situação, ao invés de deixá-lo animado, esperançoso para continuar trilhando seu caminho, faz o nosso autor permanecer triste e sem laços afetivos tanto a terra quanto às pessoas que o circundam, tomando como base numa profunda simbologia. É aquele momento em que se distraíndo com outros colegas vê o portão da sua querida Genebra se fechar, um caso fortuito muito bem apresentado nas *Confissões*:

“A minha vigilância foi posta em xeque por um maldito capitão chamado Monsieur Minutoli, que fechava sempre a porta a que estava de guarda meia hora antes dos outros. Eu regressava com dois colegas. A meia légua da cidade, ouço tocar a recolher; dobro o passo; ouço tocar o tambor, desato a correr: chego esbofeado, alagado de suor, o coração pulava-

⁹⁵ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.-J. Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 41

⁹⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Os Devaneios do Caminhante Solitário*”, trad. Fúlvia Maria Luiza Moretto, Editora da Universidade de Brasília, Hucitec, Brasília, 1987, p. 25. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Rêveries du Promeneur Solitaire*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 995.

⁹⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 54. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 41.

me; vejo ao longe o soldado na forma, corro, grito com voz ofegante. Era muito tarde a vinte passos das avançadas, vejo levantar-se a primeira ponte. Tremo ao ver no ar aqueles terríveis cornos, sinistro e fatal prenúncio da inevitável sorte que começava para mim nesse momento. (...) Ali mesmo jurei nunca mais voltar para casa de meu patrão; e no meio dia seguinte, quando, a hora de abrir as portas, entraram na cidade, disse-lhes adeus para sempre, pedindo-lhes apenas que avisassem, às escondidas, meu primo Bernard da resolução que tinha tomado, e do local onde ainda uma vez me poderia ver”⁹⁸.

A narrativa é feita no Livro I das Confissões. Se o fato aconteceu ou não da forma que o filósofo de Genebra narra não nos cabe aqui julgar. Sabe-se que Rousseau ornamentava os textos não somente com sábias palavras e criação de símbolos e imagens, com vocábulos emocionantes e de sentimentos íntimos e com eles nos dava a possibilidade de interpretações. Como poucos em sua época, tinha ciência de como aperfeiçoar ideias e ensinamentos a partir da imaginação e lirismo. Está o leitor rousseauiano diante de um rico simbolismo, tendo a possibilidade de fazer suas interpretações. A porta é o local de passagem entre dois estados, dois mundos, entre o desconhecido e o conhecido, duas situações, a interna e a externa.

O pórtico de Genebra se fecha para o jovem de dezesseis anos. Mas a riqueza e o valor dinâmico do interprete ao ver a porta se fechando, rapidamente, avista o lado oposto e imagina o outro lado da porta. Esta imaginação faz com que se distenda outra abertura que vai dar caminho para o desconhecido, ao mundo externo; ora, se uma passagem se fechou, para quem tem um olhar esperançoso, automaticamente, outra porta se abre sem relutância e o convida a atravessá-la, uma convocação à viagem rumo à sociedade de grandes proporções. Uma improrrogável trilha, um prognóstico inevitável que principiava naquela viagem. O genebrino não mais voltaria nas mesmas circunstâncias em que saiu. O raio de luz que embelezou a decisão o fez tomar partido, atravessou a outra porta pela qual se chega à sociedade.

Ainda jovem, muito jovem, enfrenta um futuro carregando uma forte determinação. Com a idade de dezesseis anos, o afastamento provoca o rompimento de mais uma relação iniciada na infância com alguém que ele amava: o término da relação com seu primo Bernard. Assim, acontecera na época do nascimento, com a morte da mãe, logo em seguida com a perda do irmão e do pai e, conseqüentemente, de todos que o rodeava. A profundidade da solidão intimamente se mescla, de maneira tão franca, tão

⁹⁸ Ibidem, pp. 54 -55. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.-J. Rousseau”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 42.

aberta com a extensão do sofrimento provocado por mais um afastamento. Um excessivo tormento, cujas feridas abertas o tempo parece não ter conseguido cicatrizar, ao contrário, fazia aumentar-lhe a dor do abandono com o decorrer dos anos. Afastou-se de Bernard:

“Ao corrente da minha resolução, aconteceu, não para me dissuadir ou tomar parte nela, mas para de certo modo adoçar a minha fuga, mediante uns pequenos presentes (...). Quanto mais refleti depois na maneira como ele se comportou comigo neste momento crítico, mais me convenço de que segui as instruções da mãe, e talvez do pai; porque não é possível que por si mesmo ele não tivesse qualquer esforço para me reter, ou que não tentasse seguir-me: mas nada. Encorajou mais o meu propósito do que me dissuadiu dele; depois, quando me viu absolutamente resolvido, partiu sem grandes lágrimas. Nunca mais nos vimos nem nos escrevemos. É pena: tinha um caráter essencialmente bom; tínhamos nascidos para nos amarmos”⁹⁹.

Rousseau partiu para não mais voltar. Quando no auge da sua adolescência, sem dinheiro e sem nenhum bem exceto os hábitos que havia às costas, toma uma decisão não tanto prazerosa como a que foi citada anteriormente, consequências terão, exemplo, para onde ir?

3. A chegada em Annecy

O caminhante solitário, ao se deparar com o portão fechado, aquele que guardava a cidade de Genebra, dirige-se à *Confignon*, Sabóia católica: “a duas léguas de Genebra”¹⁰⁰, doze quilômetros de distância, quando ainda adolescente, era 15 de maio de 1728. Esta é a primeira partida de Rousseau rumo a uma nova vida, sozinho, desejava um estado ou condição de quem ou do que é independente, dava o primeiro passo para conhecer a vida e se defrontar com os desencantos sociais:

“A independência que julgava ter adquirido era o único sentimento que me impressionava. Livre e senhor da minha pessoa, julgava tudo poder fazer, tudo conseguir (...). Bastava uma sociedade amável, sem me preocupar com o resto (...). Favorito do senhor e da dama,

⁹⁹ *Ib.*, pp. 55 - 56. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.-J. Rousseau”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 42-43.

¹⁰⁰ *Ib.*, p. 58. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.-J. Rousseau”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 45.

enamorado da donzela, amigo do irmão e protector dos vizinhos – isso me contentava; não precisava de mais”¹⁰¹ .

Em condições aventureiras pode vagar pela localidade por alguns dias, foi acolhido, recebeu alimentos, caminhava. Enfim, chegou a Confignon. Dirige-se à casa do prior, Monsieur Benoit de Pontverre que o acolhe fraternalmente, mas não sem deixar de inculcar naquele jovem temerário e audacioso, em situação de penúria, necessitando de tudo, principalmente alimentação, os ensinamentos católicos e desdenhar da Genebra protestante: “Fui visitar o Monsieur de Ponteverre. Este me recebeu muito bem, falou-me da heresia de Genebra, da autoridade da Santa Madre Igreja, e deu-me de jantar”¹⁰² .

Por ser um jovem fadado a valorizar ações provenientes do sentimento sincero, acaba por reconhecer a boa hospitalidade e pelo padre Pontverre, manteve sincera simpatia e reconhecimento a ponto de querer cultivar a sua estima: “(...) a única coisa que pretendia era não magoar quem acariciava a meu respeito semelhante vistas; queria cultivar a sua estima e dar-lhe esperança de êxito, parecendo menos coraçoado do que na realidade estava”¹⁰³ .

Os dias foram se passando e ao invés de encaminhá-lo para casa dos seus familiares, coisa que o jovem não desejava: “Em vez de pensar em mandar-me para casa, aproveitou o desejo que eu tinha de me afastar dela para me tirar as possibilidades de lá voltar, mesmo que tal me viesse à cabeça”¹⁰⁴ e o Monsieur Pontverre o encaminhou a Annecy. No trajeto falava dos adjetivos da senhora que ele passaria a estar sob os cuidados, da atenção que tinha para com as crianças e da sábia decisão que a Madame tomou, ou seja, a conversão ao catolicismo.

A bela mulher, católica, que naquelas paragens cuidava das crianças chamava-se: Françoise Louise de La Tour du Pil, nome de casada: Madame de Warens. Aquela distinta e jovem mulher, com apenas vinte e oito anos, viria a tratar de Jean-Jacques, ministraria ensinamentos que se deslocava da educação familiar à religião, da botânica à

¹⁰¹ Ib., pp. 57 – 58. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.-J. Rousseau”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 45.

¹⁰² Ib., p. 58. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.-J. Rousseau”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 46.

¹⁰³ Ib., p. 59. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.-J. Rousseau”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 47.

¹⁰⁴ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.-J. Rousseau”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 47.

arte de conviver e exerceria fortes influências na formação do caráter de Rousseau. A Madame de Warens também, cuidava das almas daqueles que ali chegavam para que não tomassem outro rumo, senão, o da igreja católica.

A Madame de Warens era conhecida por ter sido uma protestante pietista, separada do marido, sem filhos, que passou a viver às expensas do rei da *Sardenha*, *Vittorio Amadeo II*. *Pierre Maurice Masson* sobre esta mulher afirma: “a jovem baronesa de Warens fez muitas pessoas se tornarem católicas em Annecy. Ela mesma foi, em efeito, católica, sem hipocrisia”¹⁰⁵. E o próprio Rousseau relata:

“Tratava-se de Madame de Warens, recém-convertida, a quem, com efeito, os padres forçavam a partilhar com a canalha que aí vinha vender a fé uma pensão de dois mil francos dada pelo rei da Sardenha. Sentia-me bastante humilhado por precisar de uma excelente senhora muito caridosa”¹⁰⁶.

Outros adjetivos foram declinados pelo jovem Rousseau à figura de *Louise-Éléonore de Warens*, sinalizando o seu encantamento, vislumbre, não deixando de palpitar certa paixão à primeira vista:

“Vejo um rosto repleto de encantos, uns lindos olhos azuis cheios de suavidade, uma tez fascinante, uma garganta encantadoramente modelada (...). Tinha um ar carinhos e terno, um olhar muito doce, um sorriso angélico, uma boca à medida da minha, cabelos cendrados de uma beleza pouco vulgar, e a que ela dava um jeito de desleixo que a tornava muito interessante. Era de pequena estatura, baixa mesmo, e um pouco atarracada de busto, mas não disforme; era impossível, porém, ver-se cabeça mais linda, seio mais belo, mãos e braços mais bonitos”¹⁰⁷.

Rousseau canta as suas emoções e sentimentos íntimos através de um vocabulário extremamente lírico, são as primeiras impressões para aquela senhora. Dona de uma intrepidez semelhante à de Rousseau, a senhora Warens havia decidido anteriormente abandonar a família, marido e a terra natal, ajoelhando-se aos pés do Rei da Sardenha, pede a sua proteção, ao ser favorecida converte-se ao catolicismo e tem a tarefa de cuidar de crianças recém-convertidas ou abandonadas.

¹⁰⁵ Masson, Pierre Maurice, “*La formation religieuse de Rousseau*”, Paris, Librairie Hachette et C.ie, 1916, p. 63. Texto original: Mademoiselle la baronne de Warens faisait alors dans Annecy très catholique figure. Elle était, em effet, catholique, et sans hypocrisie”.

¹⁰⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 59. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 47.

¹⁰⁷ *Ib.*, pp. 61 – 62. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.-J. Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 49-50.

3.1 Aprendizagem com Madame Warens

Assim, revelando-se através de seu vasto vocabulário, depara-se com a nova vida de forma branda, mas esperançoso. Encantado com a jovem Madame de Warens, imagina um futuro, um recomeço, tudo é novidade em relação ao mundo que se depara: novas pessoas, novo lugar, realidade diferente que abrange não só os costumes, mas sobretudo as leis provenientes da religião, o ambiente, agora, era o católico, apostólico, de confissão romana, a moral e o ensinamento da religião de Genebra, o calvinismo, ficou para trás.

Acentua-se o confronto entre o mundo interior fortificado pela aprendizagem adquirida diante dos livros e dos relacionamentos até então experimentados e o mundo exterior que se anuncia ora de forma descontínua, ora apresentando rupturas, contudo, aqui e acolá, preenchido pelo desejo de experimentar o novo, não teve medo, recomeça a nova vida. Na passagem que abre o ensaio Rousseau e a busca das origens, Starobinski escreve:

Com ele não se termina nunca: é preciso sempre recomeçar de maneira nova, reorientar-se ou desorientar-se, esquecer as fórmulas e as imagens que no-lo tornavam familiar e nos davam a tranquilizadora convicção de tê-lo definido de uma vez por todas. Cada geração descobre um novo Rousseau, em quem encontra o exemplo do que ela quer ser, ou do que recusa apaixonadamente¹⁰⁸.

Rousseau não se opõe a este novo mundo, a esta nova realidade que ele mesmo buscou; a princípio, sedento do novo, parece ter esquecido as fórmulas e as imagens de um tempo não tão distante: lembranças da educação, do convívio com o pai e do relacionamento com seu primo Bernard, da descoberta de que mesmo tendo uma boa educação é possível agir de modo contrário, mas estes fatos estão marcados no seu interior e expressos no sentimento. Naquele momento de encontro com o novo foi preciso ajustar a direção, vejamos como o jovem Rousseau se apresenta neste momento:

“Chego por fim; vejo Madame de Warens. Esta época da minha vida decidiu do meu caráter; não posso resolver-me a contá-la superficialmente. Tinha dezesseis anos e meio. Sem ser o que se chama um bonito rapaz, era bem parecido na minha pequena estatura; tinha os pés bonitos, pernas finas, um ar desembaraçado, uma fisionomia viva, boca engraçada, sobrancelhas e cabelos pretos, olhos pequenos e fundos, mas que despediam com força o fogo que me abrasava o sangue (...). Tinha assim, junto com a timidez da minha

¹⁰⁸ Starobinski, Jean, “*Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o Obstáculo*”, trad. Maria Lúcia Machado, Companhia das Letras, São Paulo, 1991, p 277.

idade, a timidez de um natural amoroso, constantemente perturbado pelo receio de desagradar”¹⁰⁹.

Se já carregava dentro de si certa timidez, pior seria com a participação em um grupo de pessoas que não conhecia; acanhado, reconhece que esta é a sua primeira participação em uma vida social: “(...) como nunca tinha frequentado a sociedade (...),”¹¹⁰; constatar que sua educação não foi para este estilo de vida não deixa de ser uma atitude coerente, o fato é que a esta maneira de viver elegante e com linguagem aprimorada, esquecendo das coisas simples e naturais, ele se opôs.

Aqui, nas entrelinhas, revela uma falha na sua educação: “Aliás, se bem que fosse dotado de um espírito bastante formoso (...), era totalmente falto de maneiras, e os meus conhecimentos, longe de me ajudarem, só serviam para mais me intimidarem, fazendo-me sentir bem a ausência delas”¹¹¹. A intimidação é aqui apresentada como a expressão de certo movimento que vai nortear a existência do genebrino, quiçá, o destino de uma consciência singular. A repetição desse termo virá de várias formas, o afastarem-se é uma delas, sobretudo, debaixo dos conceitos construídos, seja como ficção, seja como narrativa autobiográfica.

3.2 A caminho para Turim

O primeiro período de Rousseau convivendo próximo à Madame de Warens é eminentemente curto, é verdade, mas não deixa de ser uma relação de convivência agradável a ponto de despertar no jovem Rousseau o desejo de fazer um paralelo entre a vida da Madame e o seu cotidiano:

“A sua educação tinha sido bastante desordenada: havia, como eu, perdido a mãe à nascença, e, recebendo indiferentemente lições como calhava estas apresentarem-se, tinha aprendido um pouco com a governanta, um pouco com o pai, um pouco com os mestres, e muito com os amantes, sobretudo com um “Monsieur de Tavel, que, possuindo gosto e conhecimentos, havia com eles embelezado a pessoa que amava”¹¹².

¹⁰⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 60. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 48.

¹¹⁰ Ibidem. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 48.

¹¹¹ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 48.

¹¹² Ib., p. 62. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 50.

Salta os olhos à crítica feita à educação desordenada que recebera a Madame, aquele ensinamento que privilegia a racionalidade em virtude de valores provenientes do coração, do sentimento: “mas se esses vis tratantes abusaram assim da sua educação mal dirigida para obscurecer lhe as luzes da razão, mas o seu excelente coração ficou à prova e conservou-se sempre o mesmo (...)”¹¹³. A coincidência de gostos ou de sentimentos entre ambos parece não ter fim de forma que, um não se aparta do outro desde o primeiro momento:

“Os que negam a simpatia das almas que expliquem, com é que logo na primeira entrevista, à primeira palavra, ao primeiro olhar, Madame de Warens me inspirou não somente a mais viva afeição, como uma perfeita confiança que nunca veio desmentir-se. Suponhamos que o que senti por ela foi verdadeiramente amor, o que parecerá quando menos duvidoso, a quem seguir a história das nossas relações; - como é que tal paixão foi, logo que nasceu, acompanhada pelo sentimento que esta menos inspira: a paz do coração, a calma, a serenidade, a segurança, a confiança?”¹¹⁴

Esta aproximação imediata não impediu o afastamento do jovem; como se dá esse processo? Na medida em que a Madame conhecia Rousseau e por ele passava a ter uma atenção especial, seja por conhecer a história de vida por ele contada, seja por perceber o enorme talento que aquele jovem tinha com as palavras: “quanto mais ia interessando esta excelente alma em meu favor, mais ela lastimava a sorte a que eu me ia expor .”¹¹⁵, sugeria ao jovem que retornasse para Genebra, mas quanto mais ela falava: “mais as suas palavras me iam diretas ao coração e menos podia resolver-me a afastar-me dela”¹¹⁶.

Em solene refeição, à casa da Madame de Warens, ao lado de um lapuz esfomeado, o jovem lá estava, pleno de um sentimento jovial, contrastando com um vilão que jantava por todos e que de repente emite um parecer: “que dizia vir-lhe do Céu, e que, a julgar pelas consequências, vinha antes do lado oposto, era que fosse para Turim, onde, num hospício fundado para instrução dos catecúmenos, eu obteria, dizia

¹¹³ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 50.

¹¹⁴ Ib., p. 63. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 52.

¹¹⁵ Ib., p. 64. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 53.

¹¹⁶ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 53.

ele, a vida temporal e espiritual (...).¹¹⁷ Após conversas com o Arcebispo da localidade, sob as expensas da igreja católica e com a carta de recomendação, o jovem Jean-Jacques se dirige ao asilo dos catecúmenos, casa do Asilo do Espírito Santo, em outra cidade, Turim, em outro país, Itália. Ali, Rousseau deveria estudar o catecismo, aprender os dogmas do catolicismo, em seguida abjurar o protestantismo.

A partir de uma simples opinião proveniente do Monsieur e Madame Sabran, Rousseau deixa a companhia da Madame Warens, esta, por sua vez não ficou satisfeita com a proposta e se limitou a dizer: “que cada qual devia contribuir para o bem segundo as suas forças, e que falaria no assunto a monsenhor”¹¹⁸. Com pequenos emolumentos e bolsa reforçada com as contribuições partia Rousseau numa “Quarta-Feira Santa”¹¹⁹. Já consagrado por uma vida de ambulante, um itinerante, em cada paragem, mesmo sem dinheiro e roupas apropriadas, a aprendizagem se ampliava, os referenciais se tornavam claros para uma verdadeira tomada de posição e ao mesmo tempo formar a sua própria ideia.

A estadia em Turim, junto aos formadores católicos, vai atingir a raiz profunda da sua formação calvinista. Algumas certezas inabaláveis até aquele momento se dissolviam sob a ação erosiva do ambiente católico e, não por acaso, o problema do mal, seja na visão metafísica, seja na visão social era uma obsessão. Também lhe causava transtorno e vivia constantemente examinando temas relacionados com o pecado, a verdade, a felicidade, conceitos que a moral e a teologia debatiam e que, nas pesquisas rousseaneanas, em fase bem madura, se aquietava nas evidências do coração e nas expressões de retórica.

Dotado de uma memória privilegiada e de boa formação:

“Nascido numa família cujo costumes a distinguiam do povo, só tinha recebido lições de prudência e exemplos honrosos de todos os meus parentes. Meu pai, embora gostasse dos seus prazeres, era não só homem de uma firme probidade, mas de grande religião. Homem galante na sociedade, cristão na intimidade, muito cedo me havia inspirado os sentimentos de que se achava imbuído. Das minhas três tias, todas discretas e virtuosas, as duas mais

¹¹⁷ Ib., p. 65. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 53.

¹¹⁸ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 53.

¹¹⁹ Ib., p. 66. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 54.

velhas eram devotas, e a terceira, rapariga a um tempo cheia de graça, de espírito e de senso, era-o talvez ainda mais do que elas, embora com menos ostentação”¹²⁰.

Logo contestou, ou melhor, pode examinar simultaneamente o conteúdo católico e aquele calvinista, antes de abjurar sua fé: “no dia seguinte de manhã, reuniram-nos novamente para a instrução, e foi então que, pela primeira vez, comecei a refletir no passo que ia dar e nos preliminares que ali me haviam arrastado”¹²¹. Quis o filósofo fazer uma escolha justa e para isto, na declaração solene da verdade, que agradasse a si mesmo e ao público, abjurou o protestantismo no dia 21 de abril de 1728 e no dia 23 do mesmo mês e ano, foi batizado na religião católica.

3.3 O neófito

A partir de um misto de sentimento, emoções, necessidade, Rousseau é cristão católico. A princípio parecia acolher a nova doutrina religiosa, mas sempre manteve o senso crítico frente ao excesso de caridade e com absoluta convicção mantinha reservas sobre os dogmas, que sem dúvida, contribuiu para que obtivesse suas ideias próprias sobre religião. A mudança de crença não afetou valores preservados desde os tempos de criança, sobretudo, o sentimento de liberdade:

“Novamente senhor de mim mesmo, e das minhas ações, depois de longa escravidão, via-me no meio de uma grande cidade farta de recursos, cheia de pessoas de condição, pelas quais não podia deixar de ser acolhido, graças aos meus talentos e ao meu mérito, logo que estes me tornassem conhecido. (...) A primeira coisa que fiz foi satisfazer a minha curiosidade, percorrendo a cidade, quando mais não fosse para pôr a minha liberdade em acto”¹²².

Mas o jovem Rousseau precisava de ajuda, era sinal de que aquela apressada conversão, uma decisão de caráter eminentemente prático, visando atender uma exigência do momento, em tão curto espaço de tempo, minguava, não serviu para suas intenções. Com pouco tempo na cidade católica de Turim, sob as vistas dos padres, lá estava o jovem Rousseau sem o dinheiro da coleta que recebera na missa de conversão,

¹²⁰ Ib., p. 72. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 61-62.

¹²¹ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 61-62.

¹²² Ib., p. 80. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 70-71.

estava da mesma forma que chegara: pobre, sem dinheiro, sem trabalho e para pessoas deste porte, logo é apelidado de vagabundo:

“(…) puseram-me na rua com um pouco mais de vinte francos em moedas que tinha rendido a minha colecta. Recomendaram-me que vivesse como bom cristão, que fosse fiel à graça, desejaram-me boa sorte, fecharam-me a porta nas costas, e tudo desapareceu. Desta sorte se eclipsaram num instante todas as minhas esperanças, e da tentativa interessada que acabava de fazer, só me restava a recordação de haver sido ao mesmo tempo apóstata e burlado”¹²³.

Na sociedade moderna, as famílias abastadas ofertavam diversos cargos nas atividades caseiras, dentre estas funções a de criado de *libré* era considerada bastante baixa na hierarquia social, justamente esta tarefa cabe ao jovem incauto, que a partir de então é obrigado a usar um uniforme “O uso de um uniforme de lacaio e sempre aguardando ordem dos outros causarem nele um grande embaraço, e a memória disso o atormentou até bem mais tarde na vida”¹²⁴. Para quem gostava de fazer uso da liberdade não era nada viável viver submisso às ordens alheias. Não por muito tempo passa a trabalhar na casa de uma nobre família que preparava o filho para ter um cargo na Igreja católica, tornou-se um secretário e para orientá-lo devidamente, com rara inteligência, aprendeu rapidamente o idioma italiano.

Um último episódio iria marcar de modo contundente a permanência de Rousseau na casa da Madame de Vercellis: “Porque não terminei eu tudo o que tinha a dizer sobre a minha permanência em casa (...). Posto que a minha situação aparente continuasse idêntica, não saí, contudo, da casa dela da mesma maneira como para lá havia entrado”¹²⁵, logo o genebrino que durante longo tempo de sua vida aprendeu conceitos clássicos nos livros de moral, ética e política se vê atormentado por um episódio de caráter moral: “Trouxe de lá as longas recordações do crime e o insuportável peso de remorsos com os quais, ao fim de quarenta anos, a minha consciência ainda se acha carregada, e cujo amargo sentimento, longe de se atenuar, mais se irrita à medida que envelheço”¹²⁶.

¹²³ Ib., pp. 79 - 80. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 71.

¹²⁴ Cfr. Simpson, Matthew. “*Compreender Rousseau*”, trad. Andréa Drumond. Vozes, Petrópolis, RJ, 2009, p. 19.

¹²⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 92. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 84.

¹²⁶ Ibidem. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 84.

Se a vida como servo já lhe trazia tormentos, tal atitude o fez ainda dotado de profunda insensatez, eis que o jovem se depara com uma “fitazita cor-de-rosa e prata já velha. Outras coisas muito melhores se achavam ao meu alcance: apenas esta fita me tentou: roubei-a”¹²⁷. Ao ser questionado sobre a origem da fita, responde sem pestanejar: “foi Marion que ma deu”¹²⁸. A pobre rapariga e cozinheira, Marion, de uma fidelidade a toda prova aos senhores da casa: “e eu acuso-a descaradamente”¹²⁹. Esta, sem dúvida, foi a maior expressão do fracasso de Rousseau, durante os tempos em Turim, quiçá, um dos mais relevantes em vida. Se havia enorme dificuldade para conviver com as pressões oriundas do ambiente externo, a partir daquele momento, teria que viver com um constrangimento interno que o persuadiria e assim se expressa:

“A pobre rapariga desatou a chorar, e só disse estas palavras: Ah, Rousseau, julgava que tínheis um bom carácter; causais a minha desgraça; mas não queria estar no vosso lugar. Foi tudo. Continuou a defender-se com tanta simplicidade como firmeza, mas sem nunca ter para mim a menor invectiva. Tal moderação, comparada com o meu tom decidido, foi-lhe prejudicial. Não era natural supor-se de um lado uma tão diabólica audácia, e do outro uma tão angélica brandura”¹³⁰.

Diante da formação que recebera, o episódio conhecido como o do roubo da fita rosa e prateada foi uma falta que, ao ser lembrado e publicado de forma tão detalhada, é uma demonstração do compromisso de Rousseau com a mais absoluta verdade sobre si próprio: ser sincero; a revelação é um modo de reparar o erro, é uma confissão que demonstra a sua origem a partir da sua subjetividade, mas que repercute profundamente na objetividade:

“Lembro-me de ter lido num livro de filosofia que mentir é esconder uma verdade que deve ser manifestada. Conclui-se perfeitamente dessa definição que calar uma verdade que não se é obrigado a dizer não é mentir; mas aquele que, não contente, em semelhante caso, em não dizer a verdade, diz o contrário, mente então ou não mente? Segundo a definição, não se

¹²⁷ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 84.

¹²⁸ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 84.

¹²⁹ Ib., p. 93. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 85.

¹³⁰ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 85.

poderia dizer que mente; pois se dá uma moeda falsa a um homem ao qual nada se deve, sem dúvida, engana esse homem, mas não o rouba”.¹³¹

Ao revelar-se pleno de sinceridade e ao mesmo tempo trilhando o caminho do autoconhecimento, o genebrino não escapou do confronto com a verdade. Proceder coerentemente é possível, ser verdadeiro com início de uma sequência ordenada de fatos é tarefa que cabe ao homem, eis o que Rousseau procura ser de forma lógica e racional, mas em nenhum instante deixa de saber que o sentimento nutre esta vontade de ser sincero consigo e com os outros. Ao seguir os passos desse homem verdadeiro, Rousseau se depara com a justiça para com o outro: “Além disso, ao examinar o que se deve fazer aos outros, terei examinado suficientemente o que se deve a si mesmo, o que se deve à verdade? Se não faço o mal a outrem, enganando-o conclui-se que não o faço a mim mesmo e basta nunca ser injusto para ser sempre inocente?”¹³².

Quem trilha o caminho da verdade está num processo de aprendizagem constante. Com Rousseau não foi diferente; não há a tese de que se aprende em determinado tempo, por exemplo, quando se é jovem, e não se aprende na senilidade; tomar conhecimento mediante estudo ou com a experiência é um processo educativo, por isso não há como distinguir aprendizagem dos trilhos da justiça e da verdade, é um caminho que precisa ser percorrido, sempre, por isso ela é constante. Seja como remorso ou arrependimento, ingenuidade ou timidez, falta ou fraqueza o episódio da fita rosa apresentar-se-á de modo relevante na noção de formação do educando e do educador na obra do genebrino.

3.4. Etapa formativa: o padre Gouvon

Durante o período que o jovem Rousseau perambulava pelas ruas de Turim, enfrentou grandes desafios: copista, lacaio, servo; em meios às atividades em troca de emprego, soube preservar o antigo amor pelo conhecimento. Quando trabalhava na casa da senhora Madame de Vercellis teve a oportunidade de desfrutar, inicialmente, da companhia do Monsieur Gaimé que percebeu o enorme talento daquele jovem para o

¹³¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Os Devaneios do Caminhante Solitário*”, trad. Fúlvia Maria Luiza Moretto. Editora da Universidade de Brasília, Hucitec, Brasília, 1987, p. 56. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Rêveries du Promeneur Solitaire*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1026.

¹³² Ibidem, p. 58. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Rêveries du Promeneur Solitaire*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1028.

mundo das letras e com ele dialogava sobre diversos assuntos, sobretudo moral e religião:

“Era ainda novo e pouco conhecido, mas cheio de bom senso, de probidade, de luzes, e um dos homens mais honestos que conheci. De nada me pode valer quanto ao que me trazia a sua casa: não gozava de suficiente reputação para me colocar, mas encontrei junto dele outro proveito mais precioso de que beneficiei toda a vida – lições de sã moral e máximas de recta razão”¹³³.

Com o decorrer dos dias a amizade foi se estreitando. Dos diálogos sobre diversos temas em momentos esporádicos se passou para uma convivência constante, instantes de instrução e daí para experiências educativas foi uma questão de momento. Por um lado, um jovem sedento de conhecimento e ao mesmo tempo carente de uma pessoa mais amadurecida como companheiro, talvez para rememorar a figura do pai que àquela altura estava distante, ávido pela companhia de um intelectual para lhe fazer companhia, entendê-lo; por outro, um homem experiente nesta tarefa, pois já fizera a experiência de preceptor: “Entre outras pessoas, ia às vezes ver um padre saboiano chamado Monsieur Gaime, preceptor dos filhos do conde de Mellarède”¹³⁴.

Nas instruções através de diálogos com o Monsieur Gaime, o jovem aprendiz se deleita com o bom senso e honestidade do preceptor, para com este retribui, para além dos elogios, o título de mestre no momento que se considera seu discípulo:

“Falou-me muito honrosamente do meu natural e dos meus talentos (...). Disse-me uma coisa que frequentemente me acudiu à memória, a saber: que se cada homem pudesse ler no coração de todos os outros, haveria mais pessoas a quererem descer do que a quererem subir. Semelhante reflexão, cuja verdade me impressionou, e que não é nada exagerada, foi-me proveitosíssima no decurso da vida, fazendo-me manter tranquilamente no meu lugar”¹³⁵.

O Monsieur Gaime foi o responsável por fazer o jovem Rousseau resgatar o sentimento de estima pelos homens e ao mesmo tempo fazê-lo enxergar o mundo e as pessoas no início do seu mundo e do seu lugar: “me colocar no meu lugar e de me

¹³³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 99. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 91.

¹³⁴ Ibidem. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 91.

¹³⁵ Ib., pp. 99 - 100. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 91-92.

mostrar a mim mesmo, sem me poupar nem me desanimar”¹³⁶. Este é o papel do orientador que também age como um pai. Trousson reconhece a importância do Monsieur Gaime, quando escreve em seu brilhante texto *Jean-Jacques Rousseau*¹³⁷.

Pelas orientações dadas pelo mestre Gouvon, embora demonstrando sólida formação teológica, pois, até este momento Rousseau não fizera nenhuma crítica com sentido pejorativo à formação intelectual do Monsieur, não era um doutrinador como boa parte dos religiosos daquela época, nos seus ensinamentos se preocupava com a ética, com a vida em sociedade, com a moral, com os conteúdos oferecidos pelos clássicos da literatura greco-romana, com esta prática seus ensinamentos se tornaram fontes inspiradoras que mais tarde vai delinear a figura do Vigário saboiano, exposto no capítulo IV do *Émile*:

“Deu-me as primeiras ideias verdadeiras da honestidade, que o meu género enfático só tinha aprendido nos seus excessos. Fez-me sentir que o entusiasmo pelas virtudes sublimes era de pouco uso na sociedade; que, elevando-nos muito alto, estávamos sujeitos a cair; que a continuidade dos pequenos deveres sempre desempenhados não exigia menos ânimo do que as ações heroicas; que delas se tirava melhor partido para a honra e para a felicidade; e que valia infinitamente mais ter sempre a estima dos homens do que uma vez por outra a sua admiração.”¹³⁸

Pode-se nos constatar diversos escritos rousseauianos a influência do debate no campo moral. Sobre este tema pode-se considerar a influência dos clássicos, seja através das leituras, seja através das aulas com o Monsieur Gouvon. Qualquer interpretação que se queira dar não há como não notar a importância da educação moral recebida na casa do conde Gouvon, sobretudo por ter sido um empregado diferenciado:

“Este não me recebeu como um criado; mandou-me sentar ao pé do lume, e, interrogando-me com a maior doçura, viu em breve que a minha educação incipiente em tantas coisas não havia terminado nenhuma. Achando, sobretudo, que sabia pouco latim, decidiu ensinar-mo

¹³⁶ Ib., p. 99. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 91.

¹³⁷ Afirma Trousson “Mais il fréquentait aussi un homme qui se comportait avec lui comme son père aurait dû le faire. Il sut s’ intéresser à ce garçon abandonné, capable de quelques sottises sans être un vaurien, et dont le jugement était un peu troublé par des lectures désordonnées. Il entreprit de lui montrer que les vertus sublimes ne sont pas d’usage quotidien, que le monde n’est pas peuplé de dames en détresse et de héros de Plutarque et qu’il est déjà bien beau de s’appliquer à remplir, en honnête homme, les petits devoirs de tous les jours”. Cfr. Trousson, Raymond, “*Jean-Jacques Rousseau*”, Éditions hachette, La Flèche, 1993, p. 34.

¹³⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confessions*”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 100. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 91.

melhor (...) Era discípulo e servo na mesma casa, e que a minha servidão tinha no entanto um preceptor, que por nascimento só o devia ser dos filhos dos reis”¹³⁹.

A herança recebida deste período de aprendizagem na casa do conde Gouvon, sobretudo, nas aulas de latim como o Monsieur Gouvon, reserva uma mescla de caráter humanista, de forte tenacidade e ternura para com a natureza humana e, como consequência, a valorização da bondade natural do homem, tema que será constantemente referendado no conjunto de sua obra. Pois bem, com uma aprendizagem suscetível de aplicações práticas, voltadas para o mundo da vida, foi marcante a aprendizagem de Rousseau a partir do exemplo de um homem culto e de gosto apurado:

“Estava destinado a reaprender frequentemente o latim e a nunca mais o saber (...). Passava em companhia dele boa parte da manhã, tanto por amor da minha instrução, com para o servir; não se tratava do serviço da sua pessoa, pois não consentia que lhe prestasse nenhum, mas de escrever ditando ele e fazer cópias; e a minha função de secretário foi-me mais útil do que a de discípulo. Desta maneira, aprendi não só o italiano em toda a sua pureza, mas ganhei gosto à literatura e certo discernimento acerca de bons livros (...)”¹⁴⁰.

II – JEAN-JACQUES ROUSSEAU: APRENDIZAGENS

1. O reencontro com Madame de Warens

Dentre as resoluções tomadas pelo homem Rousseau, até este momento, percebe-se que houve uma consonância com o seu desejo, uma autodeterminação que revela conhecimento de si, dos seus atos e sabendo das consequências, age impulsionado por uma capacidade de escolha, por vontade própria; juntamente com a sua liberdade apresenta-se uma coragem abrasadora proveniente do seu interior, aquilo que sente, faz. Mas Rousseau sempre nos surpreende com posições inusitadas, diz *Starobinski*:

“(...) mas no próprio momento sua autoridade é absoluta, e adquire um valor inaugural. O eu se descobre e se possui de uma só vez. Neste instante em que toma posse de si mesmo, ele põe em dúvida tudo que sabia ou acreditava saber a seu próprio respeito: a imagem que

¹³⁹ Ibidem, p. 105. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 99.

¹⁴⁰ Ib., p. 106. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 97-98.

tinha anteriormente de sua verdade era turva, incompleta, ingênua. Apenas agora a luz se faz, ou se vai fazer (...)”¹⁴¹.

Ele vai tomar uma decisão que é fruto de uma atitude de quem se conhece, mas quer se conhecer mais ainda, se afasta. Se em outro momento de sua vida, decide sair sem roupa, dinheiro ou alforje e vai procurar auxílio, desta vez, delibera a respeito de sua saída em circunstância contrária, era querido tanto pelo conde quanto pelo abade, tinha a possibilidade de uma carreira promissora como embaixador, estava estudando, tinha as refeições e simples moradia, mas afasta-se e quem o guia não é uma racionalidade, um cálculo programado para se chegar a tal conclusão, quem o dirige é uma autenticidade individual.

Fundamenta sua decisão: “(...) assentei pôr-me em campo, abandonando sem pesar o meu protector, o meu preceptor, os meus estudos, as minhas esperanças, a expectativa de uma fortuna quase certa, para começar uma vida de verdadeiro vagabundo”¹⁴² pautada em atender a sua sensibilidade, portanto uma vontade interior, recusando intelectualizar suas decisões e não dá azo à racionalidade, resolve sair com o genovês que lhe proporcionava alegria, comicidade, diversão:

“Eis-me subitamente apaixonado por Monsieur Bâcle, mas apaixonado a ponto de o não poder abandonar (...) esquecendo tudo, menos o meu amigo Bâcle, não aparecia nem ao senhor Abade nem ao senhor Conde, e não me viam mais em casa. Deram-me repreensões que não escutei. (...) Dessa altura em diante não vi outro prazer, outra sorte, outra felicidade que não fosse fazer tal viagem, ao fim da qual, de resto, entrevia Madame de Warens, mas imensamente distante”¹⁴³.

No verão de 1729 chega a Annecy e à casa da Madame de Warens sem o companheiro de vagabundagem: “Mal havíamos posto o pé em Annecy, diz-me ele: “cá estás em tua casa” – e abraçou-me, disse-me adeus, fez uma pirueta e desapareceu (...) nosso conhecimento e a nossa amizade duraram ao todo cerca de seis semanas”¹⁴⁴. Após andanças que serviram de amadurecimento para um processo de autoconhecimento, mas

¹⁴¹ Cfr. Starobinski, Jean, “*Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o Obstáculo*”, trad. Maria Lúcia Machado, Companhia das Letras, São Paulo, 1991, p. 187.

¹⁴² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 109. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 101.

¹⁴³ Ibidem, p 107. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 99.

¹⁴⁴ Ib., p. 111. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 103.

pelo visto, não de esquecimento da Madame de Warens, inicia a segunda estadia, torna-se companheiro nos trabalhos da farmácia, nas leituras e passeatas e, principalmente, dedica-se à música, aliado a isto Rousseau se sente protegido e acalentado pela índole materna:

“Logo no primeiro dia se estabeleceu entre nós a mesma doce familiaridade que subsistiu até o fim da sua vida. Deu-me o nome de filho; o seu era o de mamã; e ficamos sempre filhos e mamã, mesmo quando o número de anos quase fez desaparecer a diferença que entre nós havia. Acho que esses dois nomes dão maravilhosamente a ideia do nosso tom, da simplicidade das nossas maneiras, e sobretudo da ligação dos nossos corações”¹⁴⁵.

A relação mãe-filho se estreita seja pela carência afetiva de Rousseau, seja pelo desejo da *mamã* de protegê-lo cuidadosamente, uma ternura filial se estabelece nesta fase inicial, ainda distante daquela relação de encetar a sexualidade, sobre o tema Trousson comenta com o seguinte argumento¹⁴⁶.

Na fase inicial do segundo encontro com Madame Warens, Rousseau não desfruta daquela afetividade que é própria dos amantes, mas os contornos amorosos são provocados nos giros pelos jardins, pela maneira amável com que cuidava do jovem, nos incentivos da leitura, no saborear o vinho ou na plantação de ervas, para um amor filial, mas com indícios de uma paixão duradoura, dizia Rousseau:

“Madame Warens foi para mim a mais carinhosa das mães, sem jamais procurar o seu próprio prazer, mas sempre o meu bem; e se os sentidos contaram na minha dedicação por ela, não foi para mudar a natureza desta, mas simplesmente para a tornar mais delicada, para me embriagar com o encanto de ter uma mamã jovem e bonita a quem era delicioso acarinhar: digo acarinhar ao pé da letra, visto que ela nunca pensou em evitar os beijos ou as mais ternas carícias maternas, nem nunca entrou no meu coração a ideia de abusar delas”¹⁴⁷.

¹⁴⁵ Ib., p. 114. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 106.

¹⁴⁶ Diz Trousson : “Pour lui, elle est idéale et tutélaire; dans son ombre il trouve protection, tendresse et ses propres sentiments s’exaltent jusq’à l’extravagance. As présence lui met les larmes aux yeux, son absence, même brève, lui serre le Coeur. Il baise son lit, se prosterne sul le plancher qu’elle a foulé. Il la caresse, la cajole sans pourtant imaginer d’autres étreintes. Au contraire, il a même renoncé à la masturbation, ce “dangerous supplément”, la ressource des timidéz imaginatifs, dont il avair pris l’habitude”Cfr. Trousson, Raymond, “*Jean-Jacques Rousseau*”, Éditons hachette, La Flèche, 1993, p. 39.

¹⁴⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 114. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 106.

1.1. O sentimento na arte de educar: Rousseau e madame Warens

Durante o período em que permaneceu hóspede na casa da Mamã, Rousseau pode usufruir de inúmeros momentos de silêncio para leituras e reflexões, às vezes completamente só, algumas vezes com a companhia delicada e afetiva da Madame Warens. Pairava no ambiente uma descrição longa das ações e sentimentos mútuos. Toda esta atmosfera respalda a sensibilidade com que ambos nutriam um pelo outro: “junto dela não tinha nem entusiasmos nem desejos; conservava-me numa serenidade encantadora, gozando sem saber de quê”¹⁴⁸; havia uma importância recíproca que desaguava numa responsabilidade pelo outro, o sentimento estava implícito e tanto os diálogos como as leituras se tornavam momentos de aprendizagem constante. O desejo de ficarem juntos era tão forte quanto à aspiração pelo saber, comenta Trousson¹⁴⁹.

Na arte do estudo, Rousseau não era mais aquele autodidata inexperiente, trouxe consigo os ensinamentos do abade Gouvon que consistia, tal qual faz o bom latinista, numa leitura mais atenta, deixando fruir a delicadeza das palavras, a graça, o encanto e o garbo da construção e o prazer íntimo das ideias: “O abade Gouvon tinha-me ensinado a ler com menos avidez e com mais reflexão. A leitura fazia-me mais proveito. Acostumei-me a refletir a respeito da elocução, a respeito da elegância da construção”¹⁵⁰. Pelo fato de dialogar com uma mulher plena de sofreguidão pelo conhecimento e carregada de ternura por aquele com quem falava alternadamente em um ambiente extremamente propício a instrução, o produto não poderia ser outro senão o aperfeiçoamento de ideias sobre a solidariedade entre os homens, a justiça social, a sociedade perfeita, enfim sobre os problemas existenciais das pessoas e sobre o mundo: “tal era o gênero da instrução de que eu tinha a maior necessidade, em vista do quimérico das minhas ideias”¹⁵¹.

Sempre dado às mudanças bruscas e que atendesse seu coração, o jovem Rousseau não esperava por mais uma decisão ao seu respeito. Eis que o Monsieur

¹⁴⁸ Ibidem. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 106.

¹⁴⁹ Afirma Trousson: “Ensemble ils commentent, discutent. Il a laissé les romans pour des ouvrages plus sérieux: la Henriade, le Dictionnaire de Bayle et, déjà, les livres de droit naturel de Puffendorf. Avidé de s’instruire, il lit plus posément, réfléchit, s’efforce de mettre de l’ordre dans son savoir désordonné Cfr. Trousson, Raymond, “*Jean-Jacques Rousseau*”, Éditions hachette, La Flèche, 1993, p. 40.

¹⁵⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 118. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 111.

¹⁵¹ Ibidem, p. 119. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 111.

d'Aubonne, um “homem de muito espírito, intrigante, genial em projectos com ela, mas que se não arruinava com eles, uma espécie de aventureiro”¹⁵², tem o primeiro contato com o filho dileto da Mamã. Após algumas idas e vindas à casa da anfitriã, eis que apresenta as seguintes admoestações:

“O resultado das suas observações foi que eu, apesar do que prometia o meu exterior e a minha fisionomia viva, era, se não completamente inepto, quando menos um rapaz de fraco espírito, sem ideias, quase sem experiência, numa palavra, muito limitado de todos os pontos de vista, e que a hora de vir um dia a ser cura da aldeia era a mais alta fortuna a que podia aspirar”¹⁵³.

Obviamente, Rousseau não cogitava tal proposta em um momento da vida em que reunia em um só instante toda a sua capacidade de sentir o que a vida amorosa lhe proporcionava e o pensar oriundo daquele ambiente notadamente diferenciado, seja pelo conteúdo que estudava prazerosamente, seja pela aprendizagem prática no convívio com a Mamã e, afirma com flama:

“Em mim juntam-se duas coisas quase inalienáveis, sem que eu possa imaginar um meio termo: um temperamento assaz ardente, paixões vivas, impetuosas, e ideias que nascem lentamente, irresolutas e que só me vêm feitas as coisas. Dir-se-ia que o meu coração e o meu espírito não aparecem ao mesmo indivíduo. O sentimento, mais rápido do que o relâmpago, vem encher-me a alma; mas em vez de me iluminar queima-me e deslumbra-me. Sinto tudo e nada vejo. Sou arrebatado, mas estúpido; preciso de sangue frio para pensar. O que mais admira, porém, é que possuo um tacto bastante seguro, penetração, finura mesmo, logo que me dêem tempo: faço com vagar excelentes improvisos, mas no momento devido nunca fiz nem disse nada que valesse a pena”¹⁵⁴.

A vida lhe parece ser muito apazível naquele momento, tal proposta viria perturbar a manifestação de paz que vivia, então, não aceitando tal proposta estava desenvolvendo um princípio que permite distinguir o erro da verdade para o crescimento humano e, conseqüentemente, um critério para qualquer progresso, sobretudo, tratando-se de instrução e capacidade para saborear a vida. Não aceitando de nenhuma hipótese tal proposta estava a afirmar o ritmo da aprendizagem que tinha e que

¹⁵² Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 112.

¹⁵³ Ib., p. 120. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 113.

¹⁵⁴ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 113.

cada um deve ter, todos têm o seu próprio tempo: “Para Rousseau, então, o ritmo de aprendizagem e a manifestação das suas qualidades obedecem a um tempo próprio. O seu percurso de vida é uma prova cabal disso mesmo. E isto não só enquanto escritor, mas também em outras situações (...)”¹⁵⁵.

Nota-se um Rousseau atento, cuidadoso, zeloso com a aprendizagem e com o processo de instrução a ponto de ler e reler os seus trabalhos buscando o máximo de perfeição naquilo que escreve, mesmo assim, sente-se como um escritor que tem grandes dificuldades na produção dos seus textos:

“Provém daqui a grande dificuldade que tenho de escrever. Os meus manuscritos, riscados, gatafunhados, confusos, indecifráveis, são testemunha do trabalho que me deram. Não há um só que não me tivesse sido necessário escrevê-lo quatro ou cinco vezes antes de entregá-lo ao prelo”¹⁵⁶.

Mas onde buscar inspiração? Uma parte do processo formativo desenvolvido por Rousseau tem uma enorme ligação com a natureza, ali se aprende a saborear a vida, é um caminho seguro para deixar a criança livre, tranquila, afetuosa, para isto é preciso espaço e tempo, o espaço está na natureza. É o convívio com a natureza, e o tempo está nas mãos do educador, depende da disponibilidade do preceptor; de fato, Rousseau medita bastante em suas longas caminhadas, é daí que retira as brilhantes ideias:

“Nunca pude fazer nada de pena na mão, em frente de uma mesa e de papel: é passeando no meio das rochas e dos bosques; é à noite, na cama, durante as minhas insónias, que escrevo mentalmente, imagine-se que lentidão, sobretudo para um homem absolutamente falho de memória verbal, e que nunca na vida pode decorar seis versos. Um que outro dos meus períodos virei-o e revirei-o cindo ou seis noites de seguida na cabeça, antes de achá-lo em estado de ser confiado ao papel”¹⁵⁷.

Se por um lado há o contato com a natureza, pode-se perceber que, por outro há o olhar para a sociedade. Em meio à natureza e sociedade há a visão de homem, seja enquanto aquilo que ele é em si, sua natureza original, aquilo que ele é essencialmente, seja o que o estabeleceu desde sempre como homem, e o que nele é acidentalmente:

¹⁵⁵ Cfr. Martins, Custódia Alexandra Almeida, “*A pedagogia de Jean Jacques Rousseau: Praxis, Teoria e Fundamentos*”, CIED, Braga, 2009, p.71.

¹⁵⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 121. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Les Confessions de J.J Rousseau*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 114.

¹⁵⁷ Ibidem. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Les Confessions de J.J Rousseau*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 114.

“E como o homem chegará ao ponto de ver-se tal como o formou a natureza, através de todas as mudanças produzidas na sua constituição original pela sucessão do tempo e das coisas, e separar o que pertence à sua própria essência daquilo que as circunstâncias e seus progressos acrescentaram a seu estado primitivo ou nele mudaram?”¹⁵⁸

Mas, em meio a todo discurso pronunciado a respeito de si, o cuidado que tem com aquilo que escreve e, conseqüentemente, sobre suas ilações, mesmo assim, prevaleceu para Madame de Warens a opinião daqueles que sugeriram a ida de Rousseau para o seminário, período de estudo e oração que o candidato ao sacerdócio perfaz até chegar o momento da ordenação presbiteral. Após o pagamento da mensalidade feito pelo bispo da localidade, o jovem Rousseau é entregue ao Monsieur Gros, o primeiro a instruí-lo: “Que mudança! Tive de me sujeitar-me. Ia para o seminário como se fosse ao suplício. Com é triste um seminário, sobretudo quando se sai de casa de uma mulher gentil!”¹⁵⁹.

Rousseau obteve algumas noções de música enquanto esteve na casa da mamã, ora cantarolando e ouvindo melodias tiradas do cravo, ora solfejando as lições pautadas em notações musicais, sozinho. No alforje com destino ao seminário levou, apenas, o livro com as cantatas “o livro que levei nem se quer era dos mais fáceis; eram as cantatas de Clérambault”¹⁶⁰. Prosseguia entusiasmado pelo canto, mas no seminário, tinha que cantar os salmos em latim. O método de ensino desenvolvido pelo padre da congregação lazarista o atormentou tanto que passou a odiar tanto o método musical quanto ao latim e nem sequer o nome do padre ele cita. Em situação de abatimento moral, físico e intelectual é encaminhado para prosseguir nos estudos e lições de salmos sob o cuidado formativo do Monsieur Gâtier.

Sob os cuidados do Monsieur Gâtier, o jovem Rousseau desenvolveu alguns atributos já adquiridos quando esteve sob a orientação do Monsieur Gaime. Dois dignos sacerdotes. O Gâtier era dotado de alma sensível, tema extremamente trabalhado por Rousseau em suas obras, com dotes: “afectuosos e de extrema dedicação, paciência e

¹⁵⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997a, p. 43. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les Hommes”, Première partie, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 122.

¹⁵⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Confissões”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 124. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 117.

¹⁶⁰ Ibidem, pp. 124-125. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 117.

deferência”¹⁶¹. Para quem nunca teve simpatia para com seus mestres, encontrar nos superiores valores que foram trabalhados em sua proposta educacional é de se considerar. Nas entrelinhas o genebrino diz que não é possível ensinar sem se tornar um aprendiz, aquele que ensina deve aprender e ensinar ao mesmo tempo, transmitir conhecimento com o objetivo de formar o homem tem que está implícito, em primeiro lugar, um gesto de amor:

“É singular que possuindo eu bastante compreensão, nunca tivesse aprendido nada com os mestres, salvo meu pai e Monsieur Lambercier. O pouco mais que sei aprendi-o sozinho (...) O meu espírito, rebelde a toda espécie de jugo, não pode sujeitar-se a lei do momento; o próprio receio de não aprender impede-me de estar atento; com medo de impacientar quem me fala, finjo ouvir, ele prossegue, e eu nada ouço. O meu espírito quer regular-se pela sua hora, não pode submeter-se à de outrem”¹⁶².

Um dos pontos fundamentais para aprendizagem, ora apresentado, é o desenvolvimento da vontade, uma disposição para aprender, pois, a educação tem um fim em si mesmo e não pode ficar restrita a um estágio da vida e vontade de outrem. Tratando-se do tomar conhecimento, prazerosamente, sabe-se que a natureza humana não pode ser violentada com a pressa, se assim age o preceptor, joga-se por terra o princípio da autonomia do educando. Há um ritmo próprio que precisa ser levado em consideração na medida em que se quer que o aprendiz leve para a vida social a liberdade que possui.

Enfim, Rousseau chega a esta etapa de formação profundamente marcado pela educação que recebera de dois grandes mestres, Monsieur Gâtier e Monsieur Gaime e não por acaso, quando escreve o tratado educacional encontra a referência nestes preceptores que souberam respeitar, na etapa de formação, o tempo, o espaço, a autonomia e a liberdade do genebrino: “(...) mas o sentimento do seu infortúnio, profundamente gravado no meu coração, veio a memória quando escrevia o *Emílio*, e, juntando Monsieur Gâtier e Monsieur Gaime, fiz destes dois dignos sacerdotes o original do vigário saboiano”¹⁶³. Ao fim deste tempo reconhece a importância que teve o acompanhamento dado pela Mamã para que seu comportamento fosse elogiado por

¹⁶¹ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 118.

¹⁶² Ib., p. 126. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 118.

¹⁶³ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 118.

todos, um tempo em que o espírito rebelde não o fez cometer desatinos: “Aos meus progressos nada faltava que dependesse de mim; para cometer, contudo, novas loucuras, bastava apenas que um motivo qualquer mas viesse inspirar”¹⁶⁴.

1.2. As viagens e novas aprendizagens

As viagens realizadas entre 1730 a 1740 lhe valeram mais que uma simples diversão, foram momentos de construção de identidade autêntica, um caminho percorrido, ora para obter a consideração e admiração dos outros, ora para caminhar por um simples prazer de ser andarilho vagabundo, na maioria das vezes para afastar-se. A pé, sozinho ou acompanhado, cruzando caminhos, sentia a alma liberta, isenta de obrigações. Senhor de si, construindo um pensamento mais audacioso, sabia afastar-se daquilo que havia construído: amizades, conhecimentos, emoções, mas levava sempre consigo a lembrança da mamã que muito lhe fez falta, inclusive, causando mudança de comportamento: “portei-me muito mal”¹⁶⁵.

Por não gostar de obrigações e amar a liberdade o filósofo pode ser considerado um homem de aventuras. Estas experiências arriscadas que lhe deram a possibilidade de conhecer a bondade humana, as contradições existentes nas sociedades, analisar o sistema cultural de cada povo, enfim, a conviver com a natureza e o estado natural, a simplicidade das coisas. Todas estas experiências contribuíram para formação da sua filosofia. Não por acaso, os anos de 1730 e 1731 fez inúmeras andanças, deslocamentos sucessivas:

“Logo que deixei Monsieur Le Maître, tomei a minha resolução, e voltei para Annecy. (...) Nada me encantava, nada me tentava, nenhum desejo tinha senão voltar para junto de Mamã (...) voltei, pois, logo que me foi possível. (...) Não me lembro absolutamente de nada, a não ser a minha partida de Lyon e a minha chegada a Annecy. (...) ao chegar, não encontrei Madame de Warens: tinha partido para Paris”¹⁶⁶.

Seja lamentando as incompreensões, seja caminhando solitariamente é no refúgio do seu eu, na consciência de sua solidão absoluta, no afastar-se de tudo e de todos que procura encontrar a felicidade e o equilíbrio. A timidez o fez trilhar o

¹⁶⁴ Ib., p. 130. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 123.

¹⁶⁵ Ib., p. 140. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 133.

¹⁶⁶ Ib., p. 136. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 128.

movimento da regressão, isolar-se constantemente, fugir. Tal posição acaba repercutindo sobre suas ações na sociedade. Todos estes deslocar-se, torna-se uma característica visível da sua personalidade: “posto que naturalmente tímido fui algumas vezes atrevido em rapaz, nunca em idade avançada. Quanto mais conheço o mundo, menos me afaço ao seu tom”¹⁶⁷.

Quando percebia a luta dos seres humanos para viver em sociedade perdia a confiança nos homens; quando percebia que a civilização vivia de aparências e ficções, passava a desacreditar na sociedade. A saída foi o caminhar, viajar, se movimentar, ver o mundo, uma forma de protesto tanto contra a civilização da superficialidade quanto ao homem com sua ambição e avareza. Ao fazer o caminho inverso, demonstra buscar um princípio que estava nele mesmo, um movimento que o levou a afastar-se de tudo aquilo que o faz dependente:

“Nunca pensei tanto, nunca vivi tanto, nunca fui tanto eu, se assim ousar exprimir-me, como nas que fiz só e a pé. Andar tem qualquer coisa que me anima e aviva as ideias: quase não posso pensar quando estou parado; preciso pôr o corpo em movimento para que o espírito o esteja também. A vista dos campos, a sucessão dos aspectos agradáveis, o bom ar e o bom apetite, a boa saúde que adquiro andando (...), tudo isto desoprime a minha alma, me dá uma maior audácia de pensar, me lança na imensidade dos seres, para os combinar, escolher, fazê-los meus à minha vontade, sem constrangimento e sem temor”¹⁶⁸.

Este princípio é a liberdade, a natureza do homem é a sua liberdade, e transcender à ordem natural daquela sociedade fadada ao esfacelamento, foi para Rousseau a construção de si mesmo e cada homem tem a possibilidade de autoconstruir-se, porém, são poucos que têm a coragem de descobrir a sua condição solitária no mundo. Durante as viagens que mantinham as ideias vivas, o que fez o genebrino? Além de examinar os próprios pensamentos e sentimentos, mais do que observar a sociedade com todos os seus tormentos, passou a identificar com mais intensidade a vida interior e se fez um homem pleno de sua existência em relação imediata com a natureza.

Esta solidão pode ser definida como uma solidão absoluta porque não podem ser interrompidos pelos desastres, pelas queixas, infortúnios ou as dores do amor: “Não a amava nem por dever, nem por interesse, nem por decoro: amava-a porque tinha

¹⁶⁷ Ib., p. 161. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 156.

¹⁶⁸ Ib., pp. 166 - 167. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 162.

nascido para amá-la. (...) saberá mais tarde ou mais cedo que ando errante e dar-me-á seja como for sinais de vida; hei-de encontrá-la tenho disso a certeza”¹⁶⁹. Fez o filósofo um grande exercício místico à busca da felicidade e esta foi o prêmio por um esforço de eremita, tão solitário que nos lugares ermos ou despovoados foi capaz de exprimir-se nas composições de forma mais sentimental possível:

“Oh! Se tivessem visto as da minha primeira mocidade, as que fiz durante as minhas viagens, as que compus e nunca escrevi! Por que não as escrevo, dizeis vós? E por que hei-de escrevê-las, responderei eu? Por que hei de roubar a mim próprio o encanto presente do prazer, para dizer aos outros que tive esses prazeres? (...) sentia que um novo paraíso me esperava à porta. Só pensava ir em sua busca”¹⁷⁰.

A felicidade na solidão é força perfeita. Quando esta ventura ou contentamento, em meio à natureza, se torna um bem para o homem, uma possibilidade de ser senhor de si é indício que a liberdade pousará. O próprio Rousseau aspirava apaixonadamente ser livre, solitário e senhor “disponho da natureza inteira como seu senhor”¹⁷¹. O fato de dispor da natureza não significa tê-la nas mãos para moldá-la; nem tão pouco o homem livre significa abandonar-se no mundo, não é este o sentido. Tanto a natureza quanto o homem quando estão livres, ou seja, quando não são forçados, têm a possibilidade de atingir seus objetivos. Naturalmente solitário o homem é aquele que não é desfigurado na sua natureza; semelhante atitude deve ter com a natureza, ela tem a sua própria lei.

Por querer moldar a natureza humana com os padrões da racionalidade perfeita e por querer destituir os valores naturais, Rousseau deita sobre a sociedade da época ásperas críticas, como não é compreendido e aceito busca o olhar distante, isola-se, afasta-se visando antecipar as necessidades daquele modelo social. Ambos, homem e natureza, muito mais que uma realidade histórica, torna-se uma conjectura, são referenciais encontrados dentro de si e que utiliza para compreender o significado da riqueza humana, obscurecida pela sociedade moderna.

¹⁶⁹ Ib., p. 156. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 151.

¹⁷⁰ Ib., p. 167. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 152.

¹⁷¹ Ib., p. 167. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 152;

2. Um novo caminho rumo ao afastar-se: Chambéry

Se a “vida de ambulante é a que lhe convém”¹⁷², ou seja, a vida de eterno caminhante entre montes e florestas, serras e montanhas era a que lhe dava prazer, a que lhe convinha, ao aproximar-se de Chambéry sentia além disso, um êxtase fora do comum e lá chegou por volta dos seus vinte anos “e entrei para o meu emprego no cadastro real. Tinha vinte anos feitos, quase vinte e um. Pelo que diz respeito à inteligência, estava desenvolvido para a idade.”¹⁷³, quanto à maturidade intelectual estava apto, mas com as lições que recebera necessitava, ainda, “e estava bem precisado das mãos em que caí para aprender a conduzir-me”¹⁷⁴. A negação convicta do racionalismo progressista, a apologia do sentimento e a integração com a natureza não foram o suficiente, o jovem Rousseau queria mais, desejava, ardentemente, um progresso na sua educação:

“Foi durante este precioso período que minha educação, embrulhada e sem continuidade, tomando consistência, fez de mim o que nunca mais cessei de ser através das tormentas que me esperavam. Tal progresso foi insensível e lento, pouco rico de sucesso memoráveis; mas, merece, todavia, ser seguido e desenvolvido”¹⁷⁵.

Em meio as atividades desenvolvidas no trabalho, que aos poucos foram transformando-se em rotina, o jovem Rousseau sentiu necessidade de preencher o seu espírito inquieto com os estudos “a leitura tornou-se novamente necessária, e como tal gosto se fosse continuamente (...)”¹⁷⁶. O tempo livre passeando com a Mamã lhe propiciou muita alegria e felicidade, quando as leituras eram realizadas com a presença da Mamã se tornavam um “estudo agradável”. Desta forma, motivado, o intelecto ia-se maturando, se fazia necessário um preceptor, neste momento assume papel principal Claude Anet:

¹⁷² Ib., p. 176. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 174.

¹⁷³ Ib., p. 179. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 176.

¹⁷⁴ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 176.

¹⁷⁵ Ib., p. 181. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 179.

¹⁷⁶ Ib., p. 182. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 180.

“Como era sério, grave mesmo, e como eu era mais novo do que ele, tornou-se para mim uma espécie de preceptor, livrando-me de muitas loucuras, porque me inspirava respeito, e eu não me atrevia a esquecer-me de mim próprio na sua presença (...) associando à estima o respeito por ele, tornei-me de certo modo seu aluno, e não me dei pior”¹⁷⁷.

Neste terceiro período com Louise Eleonora, o amor incondicional só aumenta; a proximidade, o aconchego, as passeatas pelos jardins aromáticos, enfim, tudo leva a uma intimidade, narra Rousseau:

“Tudo o que me dizia era tão interessante para mim, comovia-me a tal ponto, que, curvando-me sobre mim mesmo, reverti em meu próprio proveito as suas confidências mais do que houvera feito com as suas lições. Quando se sente verdadeiramente que é o coração que fala, o nosso abre-se para lhe receber os desabafos, e nunca toda a moral de um pedagogo valerá a tagarelice afetuosa e meiga de uma mulher sensata por quem temos afeição...”¹⁷⁸.

Mas, àquela mulher, Mamã, dotada de meiguice e sinceridade, pela qual o jovem Rousseau ficou tão afeiçoado, naquele momento vivia um romance secreto com o jovem especialista e estudioso das plantas, seu empregado. Rousseau perdia o sôlio real protagonizado pelo afeto da Mamã, tornou-se secundário, o mais novo amante passava a ser o botânico. Embora convivessem juntos, obviamente, o comportamento de Rousseau tornou-se mais arredo, fechado, aponta os textos das *Confissões* que o seu refugio foi a dedicação intensa aos estudos da morfologia e da fisiologia das plantas¹⁷⁹, a aritmética¹⁸⁰, o desenho¹⁸¹ e, sobretudo, à música:

“Aliás, crescia gradualmente em mim um gosto diferente e bem oposto àquele, o qual em breve absorveu todos os outros. Refiro-me à música. Devo ter nascido certamente para esta arte, pois que desde criança comecei a amá-la, ele é a única que constantemente amei todo o tempo. O que admira é que uma arte para qual nascera me desse contudo tanto trabalho a aprender, e com progressos tão lentos, que, depois de uma prática de toda a vida, nunca

¹⁷⁷ Ib., p. 180. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 177-178.

¹⁷⁸ Ib., p. 200. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 199.

¹⁷⁹ Ib., p. 180. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 177.

¹⁸⁰ Ib., p. 182. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 179.

¹⁸¹ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 179.

consegui chegar ao apuro de cantar com segurança e correctamente tudo. O que me tornava então sobretudo o seu estudo agradável era o facto de poder fazê-lo com mamã...”¹⁸².

Até então, os conhecimentos teológicos sejam de matiz calvinista, seja de ornamentos católicos predominavam em sua memória. Apesar da pouca idade foi marcante o aprendizado naquelas leituras iniciais feitas durante a noite com o pai, durante as caminhadas com a Mamã nos primeiros encontros, estudos pessoais, todos estes vão perdendo o vigor. Quando se dá conta de que depararia com uma sociedade, cujos valores eram impostos pela racionalidade, busca outros caminhos para consolidar seu aprendizado, é aí que ganha força a questão da política, da moral, dos problemas sociais como um todo:

“Até então, nunca me havia dado para pensar nos negócios públicos, e pus-me, pela primeira vez, a ler os jornais, mas com uma tal parcialidade pela França, que o coração me batia de contentamento aos seus menores triunfos, ao passo que meus reveses me afligiam como se tivessem abatido sobre mim”¹⁸³.

Embora todo o conhecimento e capacidade crítica sobre as questões sociais tenham sido desfraldados pela larga experiência que teve o genebrino ao conhecer culturas, povos, localidades diferentes, é no desvelar das leituras feitas neste período que rememora os conceitos clássicos sobre questões sociais, políticas, econômicas, dando-lhe o lastro suficiente para a análise da sociedade da época. A simples verdade é que uma sociedade hedonista, com foco na razão não pode ser uma sociedade livre nem tão pouco formar homens felizes.

Com os novos estudos, Rousseau adquire outra visão da sociedade, os elementos para compreendê-la partem de novos paradigmas: a origem da luxúria, a busca desenfreada pelo poder, a ambição capitalista, a sede de enriquecimento. O substrato necessário para começar a analisar os fatos sociais leva a conclusão de que é preciso educar o homem para a vida social, esse é um novo ingrediente que o genebrino começa a desenvolver nos seus estudos. Encantada com o novo canal de estudos do genebrino e pelas reflexões produzidas, Mamã considera a proposta do jovem Rousseau como de

¹⁸² Ib., p. 183. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 180-181.

¹⁸³ Ib., p. 184. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 182.

grande envergadura¹⁸⁴. Mas, com aquele comportamento silencioso e mais voltado para si mesmo, sobretudo, após saber que sua Mamã amava outro homem e com este repartia o seu leito, era capaz de realizar tal proeza? Naquele contexto, nem mesmo o próprio Rousseau vai se considerar apto para desenvolver tal intento:

“Com a intimidade que vivia com Mamã lhe dava maiores possibilidades de me apreciar do que até então, pensou ela que, apesar do mau ar desajeitado, valia a pena cultivar-me para a vida de sociedade, e que se eu um dia nesta me mostrasse com uma certa preparação, estaria apto a singrar nela. Nesta ideia, começo não só a formar o meu juízo, mas o meu exterior, as minhas maneiras, a tornar-me tão amável quanto estimável (...) sabia pô-la melhor em prática do que ensiná-la, e eu era a pessoa no mundo menos apta para aprendê-la”¹⁸⁵.

2.1. Rousseau e um novo estilo de formação

Que Rousseau foi um homem que se dedicou aos estudos em diversas áreas desde a mais tenra idade os biógrafos, comentadores, interpretes comprovam, mas a aprendizagem que demonstra ter adquirido ao longo do tempo, revela um estudioso muito preocupado com as questões morais, éticas e políticas, por isso, torna a temática educacional como uma inquietação. Tomar conhecimento sobre o ensino-aprendizagem chama sua atenção, torna-se um desafio e o faz de modo único, contrapondo aos métodos de ensino tradicionais. Não se aprende a estudar tomando as ideias dos outros, sem fazer uma reflexão própria, se assim proceder corre-se o risco da perda de tempo e desmotivar-se:

“Almoçávamos de ordinário café com leite (...) depois de uma hora ou duas de conversa, ia-me aos meus livros até o jantar. Começava por qualquer livro de filosofia, como a *Lógica* de Port-Royal, o *Ensaio* de Locke, Malebranche, Leibnitz, Descartes, etc. Dava cabo da cabeça, e não andava para frente. Renunciei também por fim a este método, e adotei outro infinitamente melhor, ao qual atribuo todos os progressos que consegui fazer, apesar da minha deficiência de capacidade, pois o certo é que tive muito pouca para estudar”¹⁸⁶.

Entende-se que a forte preocupação de Rousseau, além do conteúdo a ser estudado, sobretudo no período de formação individual que se procede na Les

¹⁸⁴ Sobre o assunto afirma Scholz que “according to Rousseau, Mme de Warens, or Mamma as he called her, was especially adept at the skills of society. For practical purposes she encouraged Rousseau to learn them although his bent was to reject the proprieties of society in favour of natural virtues...” Cfr. Scholz, Sally, *On Rousseau*, Wadsworth, Belmont, 2001, p. 15.

¹⁸⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 200. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 200.

¹⁸⁶ Ibidem, p. 236. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 237.

Charmettes e na convivência com a natureza, era a questão da metodologia. Seja estudando:

“Daí passava à geometria elementar (...). Não gostei de Euclides, que procurava mais o encadeamento das demonstrações do que da ligação das ideias; preferi a geometria do P. Lamy (...). Seguiu-se a álgebra, e o P.Lamy foi sempre quem tomei por guia (...). Depois disto vinha o latim. Era o estudo mais difícil, e no qual nunca fiz grandes progressos. Atirei-me primeiramente ao método latino de Port-Royal, mas sem resultado. Aqueles versos bárbaros causavam-me vômitos, e não conseguiam entrar-me no ouvido. Perdia-me naquela chusma de regras, e, ao aprender a última, esquecia tudo o que ficava para trás”¹⁸⁷.

O procedimento do estudo é fundamental. Aprendendo nos textos áridos da filosofia do século XVI ou XVII, por exemplo, o *Discours de la Méthode, Traité de l'Homme* ou *Méditations Méthaphysiques* com Descartes; *Traité de la Nature et de la Grâce*, Malebranche; ou nos métodos experimentais baseado sobre a correspondência entre estímulo externo e as paixões, livro intitulado *Diálogo sobre as Ciências* do padre Bernard Lamy¹⁸⁸; e das pesquisas experimentais do doutor Jean-Baptiste Salomon¹⁸⁹, médico da Madame de Warens: “homem de bem, homem de espírito, grande cartesiano, dissertando muito bem acerca do sistema do mundo”¹⁹⁰, seja com um ou com outro Rousseau sempre esteve preocupado com a questão do homem e de suas imperfeições, da subjetividade ou do sentimento, da sabedoria divina, da ordem física como um todo, da ordem moral ou racional, a compreensão de todos estes problemas requer um método e sobre isto ele diz:

“A ideia errada que tinha das coisas convencia-me de que para ler um livro com proveito era necessário possuir todos os conhecimentos que ele supunha (...). Esta ideia disparatada obrigava-me a parar a cada instante, a correr constantemente de um livro para o outro, e por vezes, antes de chegar à décima página do que desejava estudar, ter-me-ia sido preciso esgotar bibliotecas inteiras. Contudo, temei tanto neste extravagante método, que perdi um tempo infinito, e acabei por transformar a cabeça ao ponto de nada mais poder ver sem

¹⁸⁷ Ib., pp. 236 - 237. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 238.

¹⁸⁸ Ib., p. 231. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 233.

¹⁸⁹ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 233.

¹⁹⁰ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 233.

saber. Felizmente a apercebi-me de que o caminho errado por onde me metia me fazia perder num enorme labirinto, e saí dele antes de me haver inteiramente extraviado...”¹⁹¹.

A amizade com estes intelectuais impulsionou o jovem genebrino a interessar-se pelos livros que: “Os que me convinham mais eram os que aliavam a devoção às ciências”¹⁹², sobretudo do padre Lamy que se tornou um dos seus autores preferidos: “Li-o e reli-o mil vezes; resolvi fazer dele o meu guia”¹⁹³. Já que o reverendo se tornou o seu autor predileto e sabendo de outras obras do padre, Rousseau inicia a leitura do livro *l’Arte de Palar*, publicado em várias edições, sendo a primeira datada em 1675. Este livro exerceu forte influência pela sua metodologia a ponto de utilizá-lo no planeamento de estudo dos filhos do Monsieur Mably¹⁹⁴ e, também utiliza amplamente no *Essai sur l’origine des langues*¹⁹⁵.

Rousseau se propõe a delinear um verdadeiro método de estudo que esteja incluso o processo de síntese, a meditação e ao mesmo tempo uma reflexão que ajudasse a guiar o aprendiz nos seus conhecimentos, isto é, um método para orientar sistematicamente as disposições morais através do ambiente físico:

“Tomando primeiro a enciclopédia, ia-a dividindo nos seus ramos. Vi que era necessário fazer precisamente o contrário, tratar separadamente cada um, e prosseguir à parte com cada um até ao ponto onde eles se juntassem. Desta maneira, voltei à síntese comum, mas voltei a ela como homem que sabe o que faz. Nisto, a meditação servia-me de conhecimento, e uma reflexão deveras natural ajudava-me a guiar-me como devia ser.”¹⁹⁶.

Buscando superar toda forma de empecilho, seja no aspecto físico, seja naquele psicológico para o bom desenvolvimento dos estudos e no cumprimento da

¹⁹¹ Ib., p. 233. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 234.

¹⁹² Ib., p. 231. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 232.

¹⁹³ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 232.

¹⁹⁴ No Projeto para a Educação do Senhor de Sainte-Marie, Rousseau condena todos os livros de estudo que induzem o jovem a um estudo repetitivo a exceção da Lógica de Port Royal e da Arte de Falar do padre Lamy. ROUSSEAU, Jean-Jacques. Projeto para a Educação do Senhor de Sainte-Marie. Edição bilingue. Tradução Dorothee de Bruchard, São Paulo, Editora Parula, 1997, p. 97. ROUSSEAU, Jean-Jacques, *Emílio ou Da Educação*, trad. Roberto Leal Ferreira, Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 5.

¹⁹⁵ Sobre a influência do padre Lamy sobre *Essai sur l’origine des langues* cfr. G. Rodis-Lewis, *L’Art de parler et l’Essai sur l’origine des langues*, in *Revue internationale de philosophie*, 21, 1967, n° 4, pp. 407-420.

¹⁹⁶ *Ibidem*, p. 233. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 234.

aprendizagem que assinalou, irreversivelmente, a sua formação filosófica, escreve nestes termos:

“Levantava-me todas as manhãs antes do nascer do sol. Subia através de um pomar vizinho até a um caminho formosíssimo que ficava da parte de cima da vinha, e seguia a encontra até Chambéry. Aí, enquanto passeava, fazia a minha oração, a qual não consistia numa vã balbúcia dos lábios, mas numa sincera elevação do coração ao autor daquela risonha natureza, cujas belezas tinha diante dos olhos. Nunca gostei de orar no meu quarto; parece-me que as paredes e todos estes insignificantes trabalhos dos homens se interpõem entre Deus e mim. Gosto de contemplá-lo nas suas obras, enquanto o meu coração se eleva a Ele”¹⁹⁷.

Sem dúvida que o método demonstra a importância da disciplina, da concentração, da meditação e da especulação, entretanto, não se pode esquecer, em meio às atividades intelectuais o período de entretenimento, descanso para a mente num ambiente diverso e até mesmo leituras diletantes ou geográficas:

“Antes do meio-dia largava os livros, e se o jantar não estava pronto, ia visitar os meus amigos pombos, ou trabalhar no horto à espera da hora (...). Voltava aos meus livros: as minhas ocupações da tarde deviam, todavia, merecer menos o nome de trabalho e de estudo do que o de recreação e entretenimento (...). Entretinha-me, pois, sem me esforçar e quase sem método, a ler sem estudar. O que mais exatamente seguia era a história e a geografia, e como estas exigiam nenhuma contenção de espírito, progredi nelas tanto quanto a minha fraca memória permitia...”¹⁹⁸.

2.2. Rousseau e Mamã: da profissão a momentos íntimos

Pelo fato de ter perdido a mãe nos primeiros dias de vida, a única mulher que parece ter suprido esta carência com aconchego, carinho, atenção e ao mesmo tempo tê-lo iniciado nos prazeres do sexo foi Madame de Warens, eterna Mamã: “Contudo obtive-a. Pela primeira vez me vi nos braços de uma mulher, e de uma mulher que adorava. Fui feliz? Não, apreciei o prazer”¹⁹⁹. A carência, por ele manifestada, se faz presente até os últimos dias de sua vida. Não por acaso, a Madame Warens foi a única

¹⁹⁷ Ib., p. 235. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 234.

¹⁹⁸ Ib., p. 238. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 239-240.

¹⁹⁹ Ib., p. 198. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p.197.

figura feminina com a qual o escritor pode se sentir, verdadeiramente, a vontade, escreve no seu último texto:

“Esta volta determinou meu destino e, por muito tempo ainda antes de a possuir, só vivia nela e para ela. Ah! se eu tivesse bastado a seu coração com ela bastava ao meu! (...). Não há dia em que não lembre com alegria e enternecimento essa única e curta época de minha vida em que fui eu mesmo, plenamente, sem mistura e sem obstáculos e em que posso realente dizer que vivi”²⁰⁰.

O cuidado e a atenção da Madame Warens fizeram com que Rousseau tivesse uma profissão, aliás, precisava exercitar o que aprendera sobre melodia, harmonia, a arte é assim, precisa ser manifestada ao público; tornou-se professor desta bela arte junto a filhas de família de Chambéry: Mademoiselle de Mellarède, Mademoiselle de Menton, Mademoiselle de Challes, Madame de Charly, aquela que ele diz ser a mais linda mulher de Chambéry²⁰¹, Mademoiselle Lard²⁰² etc. Ao perceber o encanto do magister as alunas, bem como algumas mães, começaram a ter pelo mestre uma simpatia que ultrapassava os limites da boa amizade: “todas as manhãs, ao chegar, achava o café com leite pronto, e a mãe nunca deixava de me receber com um beijo bem pesgado na boca, e que eu por curiosidade gostaria de restituir à filha (...)”²⁰³.

As aulas se tornavam aprazíveis na medida em que a intensidade da atração que as alunas e admiradoras tinham, aumentava. Madame Warens, experiente e atenta aos passos daquele que dissera: “era para mim mais do que uma irmã, mais do que uma mãe, mais do que uma amiga, mais do que uma amante, razão por que não era uma amante”²⁰⁴, antes que ele sucumba aos encantos das mulheres, revela, sorratamente, o sentido e o gosto do prazer carnal e o desejo da continuidade:

“Seja como for, Mamã viu que, para me arrancar aos perigos da mocidade, tempo era de me tratar como homem, e foi o que fez, da maneira, porém, mais singular, que em semelhante circunstância jamais ocorreu a mulher alguma. (...) empregou-me em preparar-me às

²⁰⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Os Devaneios do Caminhante Solitário*”, trad. Fúlvia Maria Luiza Moretto, Editora da Universidade de Brasília, Hucitec, Brasília, 1987, p. 131. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Rêveries du Promeneur Solitaire*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1098 - 1099.

²⁰¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 191. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Les Confessions de J.J Rousseau*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 190.

²⁰² *Ibidem*, p. 192. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Les Confessions de J.J Rousseau*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 190.

²⁰³ *Ib.*. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Les Confessions de J.J Rousseau*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 191.

²⁰⁴ *Ib.*, pp. 197 - 198. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Les Confessions de J.J Rousseau*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 195-196.

bondades que queria ter comigo. (...) por meio de conversas cheia de sentimento e de razão, mais próprias para me instruírem do que para me seduzirem, e que me falava mais ao coração do que aos sentidos”²⁰⁵ .

Pois bem, Madame de Warens iniciou o jovem Rousseau na arte do amor antes mesmo que a principal concorrente, Madame Lard gozasse de tal privilégio²⁰⁶ . Embora tivesse imbuído de tamanha serenidade com os afagos e beijos da Madame e da Mademoiselle Lard, considerando gestos de profunda admiração e amizade, a eterna Mamã, dotada de profunda sensibilidade no trato com os homens, diz Rousseau que ela pondera da seguinte forma:

“Mamã não aceitou inteiramente a coisa com a mesma simplicidade que eu. Viu investidas onde eu só tinha visto amizade (...); e além de que não era justo que outra mulher se encarregasse da instrução do seu discípulo, tinha outros motivos mais dignos dela para me proteger das ciladas a que a minha idade e o meu estado me expunham.”²⁰⁷ .

Ao falar da simplicidade e do modo como compreendeu as investidas da Madame Lard, o genebrino expressa uma transparência interior que pode ser reconhecida pelo seu leitor, entretanto, ao descrever sua experiência íntima com Madame de Warens o filósofo exprime um sentimento de mal-estar que também é proveniente do seu interior, mas com uma visão de ternura familiar, de quem põe o amor acima de um prazer momentâneo. A questão não é posta pelo filósofo, tratando-se da Madame Warens, no sentido de querê-la possuir, há uma afetividade sem desejos de recompensas:

“O longo hábito de vivermos juntos, e vivermos inocentemente, longe de enfraquecer os meus sentimentos a seu respeito, havia-os reforçado, mas havia-lhes dado ao mesmo tempo uma outra forma, que os tornava mais afectuosos, porventura mais ternos, mas menos sensuais. A força de lhe chamar Mamã, a força de proceder para com ela com a

²⁰⁵ Ib., pp. 194 - 195. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 192-193.

²⁰⁶ Sobre o tema, afirma Trousson: “La confidence eut une singulière conséquence. Em femme d’expérience, Maman ne se méprit point sur les intentions de l’ardente épicière et conclut qu’il était “temps de [le] traiter enhomme”. Um beau jour, ele recommande qu’on les laisse seuls, le mène dans le petit jardin di faubourg et lui tient un grave discours au terme duquel Jean-Jacques finit par comprendre qu’elle s’offrait à tenir le rôle ququel prétendait Madame Lad, à la fois pour qu’il ne tombât psd rn fr msubsidr msind ry psstvr wu”il n’était pas juste qu’une autre femme se chargeât de l’instruction de son élève.” Comme pour la signature d’un contrat, ele lui accorde huit jours de reflexion...” (cfr. Trousson, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*, Éditions Hachette, La Flèche, 1993, p. 53).

²⁰⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 193. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 191.

familiaridade de um filho, acostumara-me a considerar-me como tal. Creio que está nisto a verdadeira causa do meu pouco ardor em possuí-la, embora a amasse tanto”²⁰⁸.

A dimensão afetiva testemunha a visão antropológica de Rousseau e o seu desejo de harmonizar a transparência do seu sentimento com uma prática de auto formação ética e social. O primeiro encontro deixou algumas marcas desta dimensão afetiva, dentre elas a serenidade da Mamã que lhe causou espanto: “Quanto a ela, não se mostrava nem triste, nem ardente; conservava-se carinhosa e calma. Como era pouco sensual e não havia a voluptuosidade, não lhe senti as delícias e nunca lhe senti os remorsos”²⁰⁹. Com tal postura se avalia o lado ético da Madame Warens e Rousseau passa a desculpabilizá-la, afirma Martins: “Para o nosso autor, Monsieur de Tavel, apesar de ter corrompido a razão de Madame Warens, não conseguiu, porém, corromper o seu coração, o qual era naturalmente bom. Assim se justifica o comportamento da Mamã”²¹⁰.

Percebe-se, na medida em que os anos avançam que o envolvimento está além da necessidade de uma mãe, de uma aventura que ultrapassa os encantos de mulher, mas é o reconhecimento autêntico da humanidade da sua Mamã, a consolidação de um intenso sentimento de afeto, um amor incondicional demonstrado na capacidade de perceber a bondade interior que é manifestada na natureza e no caráter de Mamã. Este reconhecer atinge o ponto mais elevado que nem mesmo a convivência a três: “Assim se estabeleceu entre nós três uma sociedade porventura sem exemplo na terra. Todos os nossos desejos, os nossos cuidados, os nossos corações eram em comum.”²¹¹ Lhe causou desgosto, esta bondade interior, um caráter moral, influencia não somente o homem, mas também o filósofo, político e educador.

Rousseau experimenta, cada vez mais, um sentimento de autêntica humanidade e esperança de crescimento na convivência com a Mamã, ingredientes necessários quando se está pleno de confiança no outro e naquilo que o outro realiza: “O que evitava entre nós constrangimentos e era uma confiança recíproca externa, e o que

²⁰⁸ Ibidem, p. 197. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 195.

²⁰⁹ Ib., p. 198. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 196.

²¹⁰ Cfr. Martins, Custódia Alexandra Almeida, “*A pedagogia de Jean Jacques Rousseau: Praxis, Teoria e Fundamentos*”, CIED, Braga, 2009, p. 80.

²¹¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 202. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 200.

evitava que nos aborrecêssemos era acharmo-nos bastante ocupados”²¹². Aqui está um princípio rousseauiano fundamental no processo educativo: a confiança. Com esta atitude a Mamã considera os gostos de um dos seus acompanhantes que no desejo de realizar os seus projetos: “Infelizmente, orientando meus projetos no sentido dos meus gostos, teimava loucamente em buscar fortuna na música, e sentindo nascerem-me ideias e cantos na cabeça (...)”²¹³, parte para Besançon a fim de estudar composição com o professor Abade Blanchard.

Devido à “(...) uma daquelas inconseqüências de que se encontra cheia a minha vida e que tantas vezes me fizeram marchar contra os meus fins, mesmo quando pensava para eles me dirigir diretamente...”²¹⁴ Rousseau resolve voltar para Chambéry, sendo muito bem recebido pela sua Mamã: “Recebeu-me como se eu fosse portador de tesouros, restabeleceu a pouco o meu guarda-roupa, e a minha desdita, tão grande para um como para outro, foi quase logo esquecida assim que cheguei...”²¹⁵. O sentido de absoluta felicidade que Rousseau conhece durante este período, sempre ao lado da sua Mamã, ensinando, dedicando-se a longas leituras e meditações, conhecendo pessoas, sendo admirado, mantendo contato com a natureza etc. num determinado momento é interrompido por um dos sérios problemas de saúde.

2.3. Os conflitos internos

O período de inquietude proveniente do estado de saúde começa a ter repercussão nas atitudes e decisões rousseauianas após uma frustrada experiência: “a efervescência começou com bastante violência quase imediatamente. Corri para a garrafa para desarrolhá-la, mas não cheguei a tempo; rebentou-me na cara como uma bomba. Engoli ouro-pigmento, cal; ia morrendo”²¹⁶. Deste episódio veio à lição de que não se deve intrometer em assuntos que não se tenha pleno domínio: “aprendi a não me

²¹² Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 202.

²¹³ Ib., p. 207. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 207.

²¹⁴ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 207.

²¹⁵ Ib., p. 209. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 209-210.

²¹⁶ Ib., p. 217. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 218.

intrometer com a física experimental sem lhe conhecer os rudimentos”²¹⁷. O aprendizado se estendeu em outras áreas.

O desejo de ter profundo conhecimento sobre temas que mais cedo ou mais tarde viria a desenvolver pode ter vindo desta lição; a vasta formação e versatilidade ao lidar com a literatura, política, educação e música lhe proporcionou um aprendizado constante. Sempre é tempo de se aprender e não por acaso suas ideias eram recheadas de profunda erudição, um trabalho de autodidatismo; a busca pelo conhecimento ao longo da vida só intensificou diante dos desafios e críticas de opositores.

Rousseau, consciente das dificuldades que viriam com a saúde abalada:

“Não sei como é que tendo eu o peito bem conformado, e não fazendo excessos de nenhuma espécie, enfraquecia a olhos vistos. Sou bastante largo de ombros, tenho o peito amplo, os pulmões devem nele funcionar à vontade, no entanto, respirava mal, sentia-me oprimido, suspirava involuntariamente, tinha palpitações, escarrava sangue, sobreveio uma febre lenta, e nunca mais me livreí completamente dela. Como é que na flor da idade se pode cair em tal estado, sem termos nenhuma víscera estragada, sem nada havermos feito para reinar a saúde?”²¹⁸.

Começa a construir a própria identidade subjetiva. Ordena os seus pensamentos e expressa a sua personalidade forte baseada naquilo que fora enquanto criança e jovem: a coerência com seus princípios o faz denunciar a degeneração da sociedade; o amor à vida natural o faz delatar o descaso com a natureza; o respeito ao outro o faz revelar a bondade existente em cada indivíduo, ou seja, a natureza humana é boa; a busca incansável pela verdade o faz criticar a sociedade da aparência. Como manifesta aquilo que pensa de modo livre não poderia ser um sujeito acomodado, ao contrário, os enormes desafios dão impulso à insatisfação seja em relação à sociedade, sejam em relação aos que causam influência nociva, aqueles que o deixa frustrado.

Não deixa de ser um enorme desejo de Rousseau a vontade de mostrar, sobretudo nas *Confissões*, a própria natureza transparente e boa; essa bondade original o impulsiona a querer erguer-se enquanto homem, entretanto, as inquietações oriundas das circunstâncias de saúde e das paixões: “as minhas paixões me fizeram viver, e as

²¹⁷ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 218.

²¹⁸ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 218-219.

minhas paixões me mataram”²¹⁹ o deixava em situação abalada, fazendo com que desconfiasse e se tornasse descontente e em certos momentos volúvel:

“Destá maneira passei dois ou três anos entre a música, os magistérios, os projectos, as viagens, vacilando permanentemente entre uma coisa e outra, procurando fixar-me sem saber em que, todavia seduzido gradualmente pelo estudo, vendo gente das letras, ouvindo falar de literatura, mantendo-me eu mesmo por vezes a falar dela, e apreendendo mais a gíria dos livros do que a ciência do seu conteúdo”²²⁰.

Esta tensão constante caracteriza a subjetividade do autor, cada vez mais individual, ora frágil e dotado de uma singularidade, mas carregado de uma profundidade intelectual, com ideias fecundas sobre si mesmo e a verdade que o faz o fio condutor de sua própria obra, um escritor capaz de propor as próprias ideias vivendo a experiência de solidão; ora apresentando-se como homem de natureza que tende a universalidade, mas sempre resguardando a dimensão do sentimento puro sobre si e da piedade em relação ao outro.

Não foi somente a saúde abalada que levou o jovem Rousseau a tomar atitudes que influenciaram a formatação da sua individualidade e, conseqüentemente, uma pessoa de não fácil convivência, dotado de um princípio que afirma uma existência única, pleno de atitudes paradoxais, nem somente as mulheres, “primeiro, as mulheres. Quando possuía uma, os sentidos acalmaram sê-me, mas o coração nunca”²²¹, mas um conflito interno provocado pelo:

“Amor sem objecto me queimava, pois, e é porventura assim que ele mais consome. Inquietava-me, atormentava-me com o mau estado dos negócios de Mamã, e com a imprudente conduta dela, que não podia deixar de acarretar a sua ruína total dentro de pouco tempo. A minha cruel imaginação, que vai sempre ao encontro das desgraças, fazia-me constantemente ver aquela com toda a sua violência e com todas as suas conseqüências. Via-me de antemão forçosamente separado pela miséria daquela a quem havia consagrado a minha vida, e sem a qual não poderia gozá-la. Era por isto que a minha alma se encontrava sempre agitada. Dos desejos e os receios devoravam-me alternadamente”²²².

²¹⁹ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 218.

²²⁰ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 218.

²²¹ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 218.

²²² Ib., p. 218. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 219.

Rousseau tinha consciência do momento que estava vivendo: um conflito entre a realidade subjetiva, interna e aquela objetiva produzida por todos estes fatores. Age como se não quisesse buscar a solução dos problemas e cada vez mais se refugia na solidão ou num estado de introspectividade procurando encontrar a resposta na dedicação total da aprendizagem de um esporte: o xadrez. Uma experiência fracassada que o levou a um agravamento dos problemas de saúde, chegando a afetar profundamente o lado emocional. Este fato é expresso no episódio com Monsieur Bagueret, um genebrino que trabalhava na Rússia que, após apoderar-se da sua Mamã, ensina-lhe as primeiras lições do xadrez:

A alteração da minha [refere-se à cabeça] agiu sobre o meu caráter, e temperou o ardor das minhas fantasias. Sentindo-me enfraquecer, tornei-me mais calmo e perdi um pouco o furor das viagens. Mais sedentário, fui atacado não de aborrecimento, mas de melancolia; os vapores sucederam-se às paixões; o meu abatimento transformou-se em tristeza; chorava e suspirava a propósito de nada; sentia a vida a fugir-me sem a ter gozado. (...) Caí por fim verdadeiramente doente²²³.

O grande confronto experimentado por Rousseau não se dá entre suas atitudes e o modo de proceder dos outros, mas o comportar-se consigo próprio. Deste conflito interno nasce um descalabro entre o seu emocional e o estado físico. Um penoso estado de consciência devido ao choque entre tendências opostas encrostadas na sua personalidade, experiência que não mais o abandonará, vai dificultar a harmonização do seu eu na vida social. Superar, ao mesmo tempo os limites dessas paixões desafiadoras e o prazer provocado pela paixão mais notável que é a música, representará o grande desafio de Rousseau. As primeiras paixões impedem a abertura do coração ao outro; a música, segunda paixão, o impulsiona a iluminar o espírito e a torná-lo com consciência útil e prazerosa:

“A música era outra das minhas paixões, menos ferosa, mas não menos devastadora pelo ardor com que a ela me entregava, pelo estudo obstinado dos obscuros livros de Rameau, pela minha invencível teimosia em querer encaixá-los na memória, que continuava a recusar-se a isso, pelas minhas contínuas correrias, pelas enormes compilações que amontoava, passando frequentemente as noites inteiras a copiar”²²⁴.

²²³ Ib., p. 220. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 221.

²²⁴ Ib., p. 218. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 219.

III – JEAN-JACQUES ROUSSEAU: CONSTITUIÇÃO E CARÁTER

1. A Vida uniforme e simples

O ambiente onde reina a bondade e a felicidade existentes em Charmettes, localidade próxima de Chamberié, vivenciado por Rousseau e Madame de Warens mais parece uma introdução e desenvolvimento do verdadeiro paraíso na terra: “Começa aqui a breve felicidade da minha vida; chegam agora os tranquilos mas rápidos momentos que me dão direito a dizer que vivi. Momentos preciosos e tão suspirados!”²²⁵. A experiência consiste em uma bondade conforme apresenta o léxico filosófico rousseauiano, ou seja, ela acontece afastada do mundo da cidade, neste novo éden os prazeres com tudo aquilo que o cercava leva à aproximação de si:

“Levantava-me com o sol, e era feliz, passeava, e era feliz; via Mamã, e era feliz; deixava-a, e era feliz; percorria os bosques, os outeiros, vagueava pelos vales, lia, permanecia ocioso; trabalhava no horto, colhia frutos, ajudava à lida da casa, e a felicidade seguia-me por toda a parte: não existia em coisa nenhuma precisa, estava inteiramente em mim mesmo, não podia abandonar-me um só momento”²²⁶.

O fato de estar em um lugar aprazível, reverenciando a felicidade, gozando de um sentimento puro faz com que o genebrino encontre-se consigo mesmo. Deixa-se ser conduzido por uma vida de homem livre. A solidão lhe apraz. Esta experiência o faz superar as fraturas e as aparências impostas pela vida do mundo social, afastando-se dele faz uma conciliação consigo: “Nada do que me sucedeu durante esta época adorável, nada do que fiz, disse e pensei todo o tempo que ela durou me saiu da memória”²²⁷. O que aconteceu aí foi uma aprendizagem educativa.

Se por um lado aprendeu a ficar independente das coisas da cidade, saboreando ao máximo a vida no campo, a liberdade frente aos homens o fez se tornar um sujeito autônomo, ou seja, a convivência com os seres da mesma espécie estava levando o genebrino a um estado de nulidade. A convivência com a Mamã em um contexto de campo, de vida simples foi a fonte de uma alegria e de uma satisfação muito grande que pode ser denominada de sentimento de existência feliz: “Mais uma vez: a verdadeira

²²⁵ Ib., p. 225. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 225.

²²⁶ Ib., p. 226. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 225-226.

²²⁷ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 226.

felicidade não se descreve; sente-se, e sente-se tanto mais quanto menos se pode descrever, porque não resulta de um concurso de factos, é um estado permanente”²²⁸.

Além de lidar com os conflitos provenientes de relações humanas e da convivência na área urbana, Rousseau esforça-se para conviver bem ou até suportar com paciência, o seu estado de saúde, uma tendência hipocondríaca²²⁹ que o deixou atormentado por longo tempo:

“Posso bem dizer que só comecei a viver quando me supunha um homem morto. Dando às coisas que ia deixar o seu verdadeiro valor, comecei a ter preocupações mais nobres, como que antecipando aquelas que em breve devia satisfazer e que até então havia fortemente descurado”²³⁰.

Inquietações provenientes das dores físicas, de uma saúde frágil, que fazem parte da própria condição humana, perturbaram o espírito do genebrino a ponto de produzir um sofrimento moral e, não se pode desacreditar, que isto tenha sido um empecilho para que alcançasse a condição de liberdade tal qual ele próprio acreditava. Como resguardar a tranquilidade da alma e preservar uma vida feliz em meio a impedimentos que não propiciavam uma vivência saudável? Eis aí uma preocupação para a sua liberdade interior e juntamente com ela ainda restavam às paixões, o interesse particular dos homens, a religião: “havia frequentemente troçado da religião em moda, mas nunca tinha perdido inteiramente a religião. (...) Mamã foi-me mais útil do que o poderiam ser todos os teólogos”²³¹.

1.1. A convivência com a natureza

Dentro do léxico filosófico que compõe o discurso rousseauneano, o termo natureza traz, implicitamente, o seu oposto, ou seja, a sociedade. Deixando de lado a

²²⁸ Ib., p. 235. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 236.

²²⁹ Ib., p. 227. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 226-227.

²³⁰ Ib., p. 228. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 228.

²³¹ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 228.

polêmica existente no século XVIII sobre a ambiguidade ou não do termo natureza²³², o conceito a partir de Rousseau é aqui interpretado como emancipação daquele espaço que deixava o homem sem autonomia, sem viver a verdade para consigo, enfim, vivendo de uma aparência, é justamente isto que o autor não aceita, não quer. Além da emancipação, a vinculação que se estabelece com o espaço denominado natureza vem apresentado como: “a relação que estabelece com a natureza é uma relação de pertença”²³³, pois ali recobra a vida, o sentimento de existir.

O certo é que o conceito pode ser entendido como aquele local para onde o homem se dirige em protesto àquela estrutura de mundo histórico tradicional onde impera os valores e a moral do regime dominante; por outro lado, a natureza é uma hipotética condição inicial do homem que precede esta história. Ainda um terceiro princípio pode ser considerado: natureza com nexos total dos fenômenos. Assim Kant, no livro *Metaphysischen Anfangsgrunden der Naturwissenschaft*, distingue a “natureza em sentido material” como:

“Essência de todas as coisas, na medida em que essas podem ser objeto dos nossos sentidos, logo também da experiência, na qual vem entendida a totalidade de todos os fenômenos, isto é, o mundo sensível, como exclusão de todos os objetos não sensíveis. E a natureza em sentido formal como o princípio interno de tudo aquilo que pertence à existência de uma coisa”²³⁴.

A experiência de Rousseau em meio à natureza lhe devolve a vontade de viver, recobra a saúde com mais rapidez: “Quando me virdes quase a morrer, ponde-me à sombra de um carvalho, que eu vos prometo voltar de lá”.²³⁵ O autor descreve a sua relação com animais, plantações, passeava pelo herbário, caminhava ao lado das fontes

²³² No século XVII e XVIII o conceito de natureza se torna um problema ambíguo. David Hume define da seguinte forma: “um vago termo indeterminado, sobre o qual a multidão atribui de tudo”; HUME, *Dialogues concerning natural religion*, in *Philosophical Works*, Vol. II, London, 1886, p. 423. Robert Boyle quis abolir este termo e substituir por “mecanismo”, R. Boyle, *De ipsa natura sive libera in receptam naturae nozione disquisitio ad amicum*, Typis H. Clark, impensis Johannis Taylor, Londra, 1687. Viceversa Leibniz: *De ipsa natura sive de vi insita*. Cfr. G.W. Leibniz, *Philosophische Schriften*, Vol. IV, C.J. Gerhardt, Berlino, 1890. Johann Christoph Sturm no seu escrito *De naturae agentis superstitioso conceptu* escreve: “Nullum fere universam philosophiam naturalem accurrat vocabulum magis ambiguum et aequivocum eo ipso, quod isti nomen dedit et appellationem, phis nemp vocula, quam Latini Naturae nomenclatura expresserunt” tradução: em toda filosofia da natureza dificilmente há um termo que seja ambíguo e equívoco quanto ao que se atribui a este, e isso é o termo physis, que os latinos têm entendido como “natureza”; J.C. Sturmius, *Philosophia eclectica*, vol. II, Francoforte, 1698, p. 359.

²³³ Cfr. Martins, Custódia Alexandra Almeida, “A pedagogia de Jean Jacques Rousseau: Praxis, Teoria e Fundamentos”, CIED, Braga, 2009, p. 89.

²³⁴ I. Kant, “*Metaphysische Anfangsgrunde der Naturwissenschaft*”, Vol IV, Cassirer, Berlino, 1913, p. 369. Cfr. trad. It. “*Primi principi metafisici della scienza della natura*, Giardini, Pisa, 2004.

²³⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p.p. 232. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Les Confessions de J.J Rousseau*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 233.

de água límpida, meditava e retirava da natureza aquelas ideias que tornariam fundamentais quando expõe o pensamento sobre o estado de natureza, tanto no segundo *Discurso* quanto no *Emílio* e sobretudo nas *Confissões*. Assim narra:

“(…) tinha eu outra pequena família ao cabo do horto: eram as abelhas. Nunca deixava de ir visita-las, frequentemente na companhia de Mamã. (...) Todos os animais desconfiam do homem, e têm razão; uma vez, porém, convencidos de que lhes não queremos fazer mal, a sua confiança torna-se tão grande que é mister ser-se mais bárbaro para se abusar dela”²³⁶.

O certo é que Rousseau ao conviver neste espaço de felicidade denominado de natureza, em profundo contato com tudo aquilo que é proveniente do mundo natural sente-se dotado de uma plenitude a ponto de bastar a si mesmo, é caracterizado como homem natural. É um modo de existir e de ser que lhe dá uma sólida posição no universo. Assim diz Rousseau no *Emílio*: “o homem natural é tudo para si mesmo; é a unidade numérica, o inteiro absoluto, que só se relaciona consigo mesmo ou com seu semelhante”²³⁷. Dotado de uma autossuficiência ou não o que importa é que Rousseau recobrou a saúde: “(…) chegamos às Charmettes suficientemente cedo para termos as primícias do rouxinol. Desde esse momento não mais acreditei que morria, e é realmente singular que nunca tivesse tido grandes doenças no campo”²³⁸ apesar da continuidade daquelas enfermidades ao longo da vida.

1.2. Experiência afetiva em Montepellier

Conforme apresenta nas suas *Confissões*, “assentou-se que na primavera próxima iria a Genebra reclamar a herança de minha mãe ou ao menos a parte que me cabia”²³⁹, consegue recobrar a sua parte na herança e com este dinheiro, sob o auxílio e cuidados da Mamã, Rousseau foi investido a um tratamento de saúde, pois estava:

“Entretanto, a minha saúde não havia maneira de se restabelecer; ao contrário, enfraquecia a olhos vistos; encontrava-me pálido como um morto e magro como um esqueleto; as pulsações das artérias eram terríveis, as palpitações mais frequentes, sentia-me

²³⁶ Ib., p. 238. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 239-240.

²³⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p.11. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 249.

²³⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 232. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 233.

²³⁹ Ibidem, p. 244. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 245.

continuamente oprimido, e por fim a minha fraqueza aumentou tanto, que só com dificuldade me movia; não podia apressar o passo sem sufocar, não podia baixar-me sem ter vertigens, não podia levantar o mais leve peso; para um homem tão remexido como eu, estava reduzido à mais torturante inacção”²⁴⁰.

Àquela altura o estado de saúde do genebrino inspirava cuidados, acreditava estar possuído de uma enfermidade “À força de procurar, de reflectir, de comparar, estava em acreditar que a base do meu mal era um pólipó no coração (...)”²⁴¹; em tal situação é encorajado pela Madame Warens a se dirigir ao médico: “Longe de me desviar do meu projecto, Mamã exortou-me a que o realizar-se, e eis-me a caminho de Montepplier”²⁴², era 11 de setembro de 1737. Ao longo do caminho se depara com duas senhoras que eram encarregadas de guiar os senhores transeuntes em macas: Madame du Colombier e Madame de Larnage²⁴³. Se a primeira Madame não despertou sentimentos no doentio Rousseau, o mesmo não se pode dizer da segunda Madame. Como necessitava angariar provisões para a viagem, eis que a Madame Larnage dirige-se ao encaço do doentio, que reage: “adeus febre, fumos, pólipó; tudo desaparece ao pé dela, excepto certas palpitações que me ficaram e de que ela não queria curar-me. O mau estado da minha saúde constituiu o primeiro texto das nossas relações”²⁴⁴.

Totalmente envolvido pela galantaria e pelas atenções amorosas oferecidas pela Madame Larnage, o jovem noviço se sentia rejuvenescido, afetuoso, sentindo os prazeres propiciados pela experiente mulher e pronunciava: “Ah! Porque não é tudo isto verdade! Seria o mais feliz dos homens. Creio que a minha simplicidade de noviço não fez mais que excitar-lhe a fantasia; não quis ter disso o desmentido”²⁴⁵. Dono de um carácter próprio, tomado pela naturalidade e franqueza consigo mesmo, e com a senhora que lhe comprazia, Rousseau estranhava o porquê, nos momentos íntimos, aquela “era,

²⁴⁰ Ib., pp. 244-245. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 245-246.

²⁴¹ Ib., p. 245. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 246.

²⁴² Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 246.

²⁴³ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 246.

²⁴⁴ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 247.

²⁴⁵ Ib., p. 248. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 249.

contudo, uma mulher de espírito”²⁴⁶, apesar de tudo, não percebia que ainda existia uma falta de expressividade, daí, a comparação entre as formas de amor inimagináveis da Madame Larnage e o modo de se relacionar com a sua querida e amada Mamã era inevitável:

“Só uma vez na vida senti o verdadeiro amor, e não foi ao pé dela, também não a amava como tinha amado e como amava Madame de Warens; mas era por isso mesmo que a sua posse era cem vezes melhor. Junto de Mamã, o meu prazer era sempre perturbado por um sentimento de tristeza, por uma secreta angústia do coração que não conseguia dominar sem desgosto; em vez de me felicitar por a possuir, censurava-me por a aviltar. Ao contrário, junto de Madame Larnage, orgulhoso de ser homem e de ser feliz entregava-me aos meus sentidos com alegria, com confiança; compartilhava a impressão que despertava nos dela; estava suficientemente em mim para contemplar com tanta vaidade como volúpia o meu triunfo e para dele tirar com que o redobrar”²⁴⁷.

2. O reencontro com Madame Warens

Chega ao fim um curto e envolvente período em Montepellier. Sem dúvida que, tanto no sentimento afetivo quanto na busca de uma saúde melhor foi por assaz gratificante, mas restava à saudade, as lembranças, a ansiedade para encontrar com sua Mamã: “queria gozar em todo o seu encanto o prazer de a voltar a ver”²⁴⁸. Deixando Montepellier, põe os pés na estrada nos “fins de Novembro”²⁴⁹. O caminho se tornava distante, mesmo avançando em direção a Charmettes, sua memória era consolada pelas visões provenientes daquele sentimento, imaginação e desejo de reencontrar a sua Mamã, o resultado foi: “coração batia-me cada vez mais à maneira que me aproximava”²⁵⁰. Depara-se com sua amada no Inverno, mais precisamente entre os meses de Fevereiro/Março de 1738.

Sem maiores favorecimentos a chegada se dá sem reservas, surpresas ou algo que lhe possibilitasse a sensação de que fez muita falta. Dobra-se diante da Mamã que,

²⁴⁶ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 249.

²⁴⁷ Ib., p. 251. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 253-254.

²⁴⁸ Ib., p. 257. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 260.

²⁴⁹ Ib., p. 255. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 258.

²⁵⁰ Ib., p. 257. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 260.

não tão fervorosamente lhe acolhe: “Ah! Chegaste, pequeno, disse-me ela abraçando-me, fizeste boa viagem? Como estás?”²⁵¹. Se o genebrino imaginava algum festejo ou recepção calorosa, com o acolhimento dado pelos criados e pela Mamã estava decretado que a primavera²⁵² viria de forma bem diferente daquela de anos anteriores:

“Cheguei estafado, pois havia deixado a carruagem na cidade; não vejo ninguém, nem no pátio, nem à porta, nem à janela: começo a tremer, receio qualquer acidente. Entro; tudo tranquilo; os trabalhadores ceavam na cozinha; de resto, nada de preparativos. A criada pareceu surpreendida de me ver; ignorava que eu estava para chegar”²⁵³.

Toda a esperança, imaginação e sentimento de ternura foi manifestado em um único pensamento:

“Subo, e vejo-a por fim, àquela querida Mamã, tão ternamente, tão vivamente, tão puramente amada; corro, lanço-me aos seus pés. Ah! Chegaste, pequeno, disse-me ela abraçando-me, fizeste boa viagem? Com estás? Semelhante acolhimento deixou-me um pouco interdito. Perguntei-lhe se não tinha recebido a minha carta. disse-me que sim. Julgava que não, disse eu, e a explicação ficou por ali. Estava com ela um rapaz novo. Conhecia-o por já o ter visto em casa antes de partir; mas desta vez parecia encontrar-se instalado; e encontrava-se de facto. Numa palavra, achei o meu lugar ocupado”²⁵⁴.

O termo lugar quer dizer muito mais que um espaço físico, significa o coração da Madame Warens que estava substituindo o afetuoso carinho pelo jovem genebrino por outro amor, moço convertido, um novo amante. Será que àquela altura, com vinte e seis anos, estava preparado para uma nova experiência a três? Um diálogo interior fez aquele coração sentimental expressar, após, inúmeros momentos de gozo naquela paisagem idílica:

“O primeiro fruto de tão desinteressada disposição foi arrastar do meu coração todo e qualquer sentimento de ódio e de inveja contra quem me havia suplantado. Ao contrário, quis, e quis sinceramente, afeiçoar-me àquele rapaz, formá-lo, trabalhar para a sua

²⁵¹ *Ib.*, pp. 257-258. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 261.

²⁵² No Hemisfério Norte a Primavera inicia em 21 de Março e termina em 21 de Junho.

²⁵³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 257. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 260-261.

²⁵⁴ *Ibidem*, pp. 257-258. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 261.

educação, fazer-lhe sentir a sua felicidade, torna-lo digno dela se tal era possível fazer por ela, numa palavra, tudo o que Anet havia feito por mim em circunstâncias análogas...”²⁵⁵.

Ora, para quem viveu, quando criança, o trauma da perda da figura materna, se vê, tantos anos depois, substituído e relegado não somente no amor da eterna Mamã, mas também nos afazeres de coisas simples. Experiência a privacidade que lhe trará enormes consequências: “Destá maneira, começaram com as minhas desgraças”²⁵⁶. De fato, partilhar o amor para com um “ilustre cavalheiro tanto fez que passou a ser tudo naquela casa, e eu nada”²⁵⁷ foi doloroso. O sentimento de nada ser provocou a separação, o afastamento da Mamã, tudo provocado por alguém que designou como: “tinha uma inteligência tão estreita e gosto tão baixos, que era difícil falar-lhe razoavelmente e quase impossível agradarmo-nos dele”²⁵⁸. Movido por este sentimento, Rousseau assim definiu o senhor Wintzenried que, mais tarde, querendo obter títulos da nobreza e respeito dos pobres lavradores e camponeses passa a se chamar: “Monsieur Courtilles”²⁵⁹.

2.1. O apartar-se de tudo

O conceito de apartar-se, abandonar-se, afastar-se vem aqui tematizado não como àquela atitude de saída definitiva para nunca mais olhar ou pensar, não para limpar a poeira daquela localidade que restava nos pés, não para se fechar o portão da localidade como se não quisesse mais olhar para trás, não é neste sentido. O próprio Rousseau justifica tal tomada de posição quando afirma:

“Senti que a presença pessoal e o afastamento de coração de uma mulher que me era tão querida irritavam a minha dor, e que deixando de a ver sentir-me-ia menos cruelmente

²⁵⁵ Ib., pp. 260-261. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 264-265.

²⁵⁶ Ib., p. 260. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 264.

²⁵⁷ Ib., p. 261. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 265.

²⁵⁸ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 266.

²⁵⁹ Ib., p. 261. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 265.

separado dela. Formei o projecto de abandonar a casa; comuniquei-lho, e ela, longe de lhe pôr obstáculos, favoreceu-o”²⁶⁰.

Viveu esta experiência, mas em nenhum momento quis desmerecer ou tornar a imagem da Mamã como desprezível, soube entendê-la, seja por ter sido considerado uma criança “respondeu-me que eu era uma criança”²⁶¹, seja por descurar os trabalhos de casa ou até mesmo pelas aventuras ou vagabundagens. No que diz respeito à companhia se sabe que a presença traz a deferência, a consideração e quanto a isto, aquele que sofria de mal de amor, de solidão ou abandono, sentiu que não era mais o seu lugar ali naquelas paragens nem tão pouco necessário:

“Insensivelmente, senti-me isolado e só naquela mesma casa de que dantes era a alma, e onde por assim dizer vivia em duplicado. A pouco e pouco acostumei-me a apartar-me de tudo o que ali se fazia, daqueles que ali habitavam, e para me poupar a constantes dilacerações, fechava-me com os meus livros, ou então ia para o meio dos bosques suspirar e chorar à minha vontade”²⁶².

Evidentemente que o clima para convivência não era mais o mesmo. Chegava o momento da partida e Rousseau leva em consideração todas as assimilações até então adquiridas. A aprendizagem dos livros lhe dava consolo e alegria, mas as conseqüências oriundas da aprendizagem do mundo da vida lhe valeram o sentimento de ternura, paixão e simpatia que tanto desenvolverá nas experiências educativas, ora como preceptor, ora como político.

2.2. A primeira experiência como preceptor

Nota-se que Rousseau não descuidou da sua liberdade pessoal e como essa liberdade possibilitou uma satisfação, felicidade e sabedoria. Amadureceu a visão sobre a autonomia do indivíduo e as expectativas deste em relação à sociedade justa. Rousseau sente-se pronto para buscar outros caminhos e o primeiro posto para suas novas experiências é a cidade de Lyon. Neste local dá continuidade ao seu trabalho,

²⁶⁰ Ib., p. 262. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 266.

²⁶¹ Ib., p. 260. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 264.

²⁶² Ib., p. 262. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 266.

desta vez não somente ensinando música, mas principia a tarefa como preceptor, tenta pôr em prática seus ideais sobre educação.

Partiu para Lyon em 1740. Acredita-se que por força da necessidade acabou sendo preceptor dos filhos de Jean Bonnot de Mably: François, de 05 (cinco) anos e Jean, de 4 (quatro) anos, por tradição familiar e manutenção de nomes representativos da família eram chamados Saint-Marie e Condillac²⁶³, respectivamente. Enquanto exerceu esta função com os filhos de Monsieur *Bonnot de Mably* teve a oportunidade de idealizar a sua teoria educativa, mais tarde estes ideais se tornaram de grande envergadura nos escritos do *Emílio*. Entretanto, essa experiência como preceptor não durou muito.

Sabe-se que a experiência como preceptor dos filhos do Monsieur De Mably, preboste-geral da cidade de Lyon²⁶⁴, durou o suficiente até que ele se irritasse, no entanto, esta foi a primeiro exercício do genebrino como educador:

“Eu tinha pouco mais ou menos os conhecimentos necessários a um preceptor, e julgava-me com talento para tal. Tive tempo para me desiludir durante o ano que passei em casa de Monsieur de Mably (...). Enquanto tudo marchava bem, e eu via frutificarem os cuidados e as penas, a que então não me poupava, era um anjo; era um diabo quando as coisas marchavam mal. Quando os meus pupilos me não compreendiam, disparatava, e, quando se mostravam maus, seria capaz de os matar: o que não era o processo de os tornar sábios e ajuizados”²⁶⁵.

Do ofício de jovem preceptor, necessariamente, brotou a primeira reflexão sobre temas educativos. O jovem Jean-Jacques aceita a tarefa de preceptor porque acha que tinha inclinação para o âmbito educativo, como escreveu ao pai na carta de 1735²⁶⁶. Se a experiência como preceptor foi considerada falida pelo mesmo Rousseau seja pela sua inexperiência, seja pelo temperamento difícil dos jovens aprendizes, a prática direta de

²⁶³ Rousseau, Jean-Jacques, “*Projeto Para Educação do Senhor de Sainte-Marie*”, trad. Dorothée de Bruchard. Editora Paraula, São Paulo, 1997, p. 3.

²⁶⁴ O *Prévôt Général* na França pré-revolucionária tinha como tarefa cuidar da segurança pública da cidade e da província da qual tinha a competência para tanto. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 262. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Les Confessions de J.J Rousseau*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 267.

²⁶⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. p. 263. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Les Confessions de J.J Rousseau*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 267.

²⁶⁶ Rousseau, com a idade de vinte anos, residindo na casa de Madame Warens, projeta o próprio futuro refletindo sobre a possibilidade de trabalho “poderei, enfim, no futuro próximo, com um pouco mais de experiência, me tornar educador de jovens de qualidade. [...] enfim, no que diz respeito à tarefa de educar um jovem aristocrático, confesso que tenho habilidades e sinto certa predileção” (Cfr. E. Nardi, “*Oltre l’Emilio*”, *Scritti di Rousseau sull’educazione*, Franco Angeli, Milano, 2005, pp. 193-194).

ensinar o faz refletir sobre temas educativos e escreve a *Mémoire présente a Mr. De Mably sur l'éducation de M. son Fils*. O texto é composto por volta de 1740, após a convivência com a família Mably, texto endereçado ao pai das crianças. Afirma o autor nas *Confissões*:

“O meu natural brando ter-me-ia tornado apto para desempenhar esta profissão, se a exaltação com as suas borrascas não tivesse intervindo. [...] Tinha dois; eram de feitio muito diferente. Um, de oito a nove anos, chamado Sainte-Marie, tinha uma figura bonita, um espírito bastante aberto, bastante vivo, bastante estouvado, divertido, malicioso, mas de uma malícia alegre. O mais novo chamado Condillac, quase parecia estúpido, amigo da laré, teimoso que nem um jerico, e não era capaz de aprender nada. Está-se a ver que com dois sujeitos destes nada podia fazer”²⁶⁷.

Nesta experiência Rousseau admite não ter encontrado em si o equilíbrio necessário para aplicar as próprias estratégias educativas. O que evidencia nestas reflexões é a própria incapacidade para lidar com as dificuldades provenientes da arte de educar, sobretudo quando os alunos são de comportamento agitado e pouco dado à disciplina que o estudo requer. A nível biográfico, emerge um destaque, frequentemente inquieto, entre dois aspectos contrastantes da alma de Rousseau: a doçura da natureza que traz consigo e ser um bom preceptor e a facilidade para se aborrecer que o distancia da tarefa que estar por fazer.

A dificuldade no gerir suas emoções pode ser facilmente justificada pela inexperiência e da falta de um projeto educativo sistemático, que, de fato, Rousseau inicia a construção, partindo justamente desta experiência. Além do mais, os escritos postos nas *Confissões* apresentam duas crianças com comportamentos diferentes, difícil de lidar, sobretudo, o menor que demonstra dificuldade na aprendizagem. Por ser jovem, a dificuldade para enfrentar os insucessos com a experiência educativa e os obstáculos impostos pelas crianças, bem diferente das características comportamentais do Emilio, são as causas que Rousseau aponta ou particulariza como responsáveis pela falência da sua experiência com o projeto educativo e do abandono de tal atividade.

Em outro momento de sua vida, com maturidade, sustenta a tese de ter compreendido e aprendido com os próprios erros sem ter a pretensão de retornar e corrigi-los:

²⁶⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 263. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 267.

“Via todas as minhas faltas, senti-as; estudava o espírito dos meus alunos, penetrava-os muito bem, e não creio que nenhuma só vez as suas manhas me tenham enganado. Mas de que me servia saber ver o mal se não sabia aplicar-lhe o remédio? Penetrando tudo, nada evitava, nada conseguia, e tudo quanto fazia era precisamente o que não deveria fazer”²⁶⁸.

Emergem, nestas poucas linhas, as primeiras perguntas que impulsionam Rousseau a construção de um projeto educativo que esteja em grau de sintetizar a fratura entre compreensão racional e resolução prática. O preceptor-Rousseau é um observador que compreende as ações dos alunos e as exigências provenientes da consciência, mas não consegue agir e utilizar suas observações para resolver os problemas e ajudar os alunos. Ele erra se deixa ser envolvido pelas instabilidades das próprias emoções e dos sucessos ou insucessos que, constantemente aparecem, toma forma, e por esta razão, se comporta de modo contrário com respeito daquilo que é justo executar.

Percebe-se com este posicionamento a enorme capacidade de Rousseau para ter um olhar crítico sobre suas limitações, fato muitas vezes não observado pelos críticos. Com tal senso, busca o recolhimento quando se depara com certos desafios; a consciência de não está adaptado ao exercício de preceptor, devido ao seu próprio temperamento, vem insistentemente apresentado, vejamos esta passagem do *Emílio*:

“Sou muito consciente da grandeza dos deveres de um preceptor e sinto demais a minha incapacidade, para aceitar semelhante emprego, de qualquer parte que me seja oferecido, e o próprio interesse da amizade seria para mim apenas mais um motivo de recusa. Acredito que, após terem lido este livro, poucas pessoas serão tentadas a me fazer esta oferta, e peço a quem poderia sê-lo que não faça a inútil proposta. Fiz outrora um ensaio suficiente desse ofício para ter certeza de que não sou capaz, e minha condição me dispensaria dele se meus talentos me tornassem apto”²⁶⁹.

Aqui, Rousseau toma a decisão de não colocar em prática a sua teoria educativa, como preceptor, não obstante os inúmeros convites recebidos, após a publicação do *Emílio*. Se por um lado as experiências práticas não foram coroadas por absoluto sucesso, o mesmo não acontece com a reflexão teórica. Isto acontece graças à imensa capacidade de observar e intuir a natureza do homem. A experiência negativa adquirida

²⁶⁸ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 267.

²⁶⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 29. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 219.

com a prática revelou insucessos e, conseqüentemente, a solidão muito dada ao autor, ocupa o centro, ponto ideal para restaurar o insucesso com questões teóricas que tomam forma na *Mémoire* e antecipa o projeto educativo do Emílio.

Mesmo demonstrando esta tendência para a formação teórica, a proposta educativa expressa por Rousseau jamais deixou de ativar a crença na capacidade do indivíduo, na busca da felicidade, na potencialização dos sentimentos, na solidariedade e na justiça. De acordo com Martins podemos encontrar três eixos educacionais que estão intrinsecamente interligados na obra educacional do nosso autor: “O primeiro eixo refere-se à qualidade da relação pedagógica; o segundo eixo, respeita a finalidade do ensino e o terceiro eixo concerne aos conteúdos a lecionar”²⁷⁰. Para cada um desses eixos que favorecem a concretização de uma prática educativa voltada para a formação de pessoas humanas integradas e autônomas, a leitura de Trousson corrobora decisivamente.

No primeiro eixo afirma Trousson:²⁷¹. No segundo eixo²⁷². Como não poderia deixar de ser, os conteúdos tornam-se uma preocupação vital para o processo de ensino aprendizagem, portanto são dignos de observação por parte do comentador²⁷³.

O programa de educação rousseauiano foi articulado a partir da experiência com os filhos de Mably. O zelo nas relações do professor com o aluno, a perseverança no ato de entender o educando quando a aprendizagem não é frutífera. Saber esperar o tempo certo, a paciência do mestre, tudo isto se tornou fundamental na elaboração da sua obra de maior fôlego, o Emílio. Essa fase inicial como preceptor, com erros e acertos foi fundamental para que Rousseau compreendesse que a função do preceptor consiste também em saber acolher com coragem as imperfeições do aluno e dar-lhe instrumentos de análise sobre a vida social, a ética e a moral.

²⁷⁰ Cfr. Martins, Custódia Alexandra Almeida, “A pedagogia de Jean Jacques Rousseau: Praxis, Teoria e Fundamentos”, CIED, Braga, 2009, p. 99.

²⁷¹ Conforme Trousson, no primeiro eixos afirma: “Um précepteur, expliquait-il, doit être aimé, mais aussi redouté, et il demandait à être investi de l’autorité nécessaire. Pas de châtements corporels, car l’horreur de la brutalité, mais un subtil système de recompenses” Cfr. Trousson, Raymond, “Jean-Jacques Rousseau”, Éditions hachette, La Flèche, 1993, p. 67.

²⁷² “Quant à l’enseignement, il est supposé “former le coeur, le jugement et l’esprit” – dans cet ordre, car l’apprentissage moral doit précéder l’acquisition du savoir. Ce savoir lui-même appelée revision. Rousseau voit les choses autrement. Pas de cours de morale, mais des remarques simples, ponctuelles, au hasard d’une promenade; préserver une droiture de coeur qu’affermira plus tard la raison, car “le bon sens dépend encore plus des sentiments du coeur que des lumières de l’esprit”; former le jugement de l’enfant en l’introduisant de bonne heure dans la société...” Cfr. Trousson, Raymond, “Jean-Jacques Rousseau”, Éditions hachette, La Flèche, 1993, p. 67.

²⁷³ De acordo com Trousson: “Pour l’instruction, le latin em version seulement et créer des centres d’intérêt; de l’histoire et de la géographie, mais en bannir toute aridité. Ni rhétorique ni philosophie scolastique, peu de logique, mais des mathématiques, de l’histoire naturelle et, pour l’adolescent, des éléments de droit naturel; pour le corps, escrime et équitation. Au bout de tout cela: “un honnête homme, un cavalier poli, un brave officier, et un bon citoyen. Cfr. Trousson, Raymond, “Jean-Jacques Rousseau”, Éditions hachette, La Flèche, 1993, p. 67.

IV – JEAN-JACQUES ROUSSEAU: A PARTIDA PARA PARIS E O HOMEM NOVO

1. A chegada em Paris

O retorno àquele ponto de partida, onde parece sentir segurança, no qual, verdadeiramente, sente a si mesmo é uma saída estratégica, é uma busca de inspiração para superar o momento em que faliu como preceptor. A recordação e o desejo de dirigir-se a Charmettes a fim de encontrar respostas imediatas para os problemas do presente foi uma tentativa de satisfazer a sua sabedoria e ao mesmo tempo buscar o consolo, pois deitado nos braços da Mamã ou ajoelhado aos seus pés se sente o melhor dos homens, ali encontrava o seu porto seguro:

“A recordação das minhas queridas Charmettes, do meu horto, das minhas árvores, da minha fonte, do meu pomar, e sobretudo daquela para quem eu nascera, que dava alma a tudo isto. Ao pensar nela, nos nossos prazeres, na nossa inocente vida, apertava-se-me o coração, sufocava a ponto de perder a coragem para fazer fosse o que fosse. (...) Arquitecto os mais belos projectos do mundo, morro por realiza-los. Abandono tudo, renuncio a tudo, parto, voo, chego precisamente com todos os entusiasmos da minha primeira mocidade, e acho-me aos seus pés”²⁷⁴.

A localidade com toda beleza o fez recobrar as forças, mas o sentimento interior estava machucado; a fonte inspiradora, o que lhe possibilitava viver o presente de forma plena não acontece: “Ah! Teria morrido de alegria se encontrasse no seu acolhimento, nos seus afagos, no seu coração, enfim, a quarta parte do que nele encontrava noutros tempos, e que por mim ainda lhe trazia”²⁷⁵. A recepção obtida faz, mais uma vez, experimentar a inexistência daquela figura materna, doce e afetuosa, a ausência daquela amante que o inicia nos prazeres amorosos, que o faz sentir e provar o momento mais feliz da vida. Madame Warens não lhe proporcionou aquilo que guardava na imaginação, como consequência, deixa de viver na companhia da única mulher com a qual pode sentir-se verdadeiramente ele mesmo.

Partindo do princípio de que o valor do homem deve ser determinado por si mesmo, levando em consideração as insatisfações, a inquietude e a dificuldade de

²⁷⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa, 1988, pp. 265-266. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 270.

²⁷⁵ Ibidem, p. 266. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 270.

inserir-se, acreditando nos seus talentos e na força do conhecimento que adquirira até então, posiciona-se:

“Uma nova ideia que se me apresentou inspirou-me a confiança que a mediocridade das minhas capacidades me não podia dar. Não tinha abandonado a música, embora houvesse deixado de a ensinar; pelo contrário, estudara bastante teoria para me poder considerar um sábio ao menos neste aspecto. (...) Só pensava em partir para Paris, sem duvidar de que apresentando o meu projeto à Academia viesse provocar uma revolução”²⁷⁶.

Em Julho de 1742 com o coração entristecido toma a estrada até Paris: “partia desgostoso para Paris, deixando o meu coração nas Charmettes”²⁷⁷ levando consigo a esperança do sucesso com seu *Projet concernat de nouveaux signes pour la musique*, na certeza de que obteria, com o trabalho musical, o pleno êxito. Rousseau chega a Paris no outono de 1741. Com cartas de apresentação e reencontro com amigos, dentre eles o Monsieur Bordes²⁷⁸. Novas e influentes amizades foram feitas. Em um dos jantares em casa de amigos tem contato com o Monsieur Réaumur, membro da Academia de Ciências que o levou à instituição: “e no mesmo dia, 22 de agosto de 1742, tive a honra de ler à Academia a Memória que havia preparado para esse fim”²⁷⁹.

Mesmo como autodidata e poucas orientações dos grandes maestros, Rousseau obtinha uma enorme vantagem no quesito estudo da música frente aos membros da Academia e, como de costume, não perdeu a oportunidade de encaminhar as críticas aos membros da banca, embora tenha recebido elogio: “A Memória teve êxito, e valeu-me cumprimentos, que me surpreenderam tanto quanto me lisonjearam”²⁸⁰. Mas vieram também as observações: “a Academia outorgou-me um certificado cheio de amabilíssimos cumprimentos, mediante o qual se esclarecia que, quanto ao fundo, não julgava o meu sistema nem novo nem útil”²⁸¹. Enfim, o trabalho de Rousseau foi reconhecido, mas não houve notoriedade pelo fato de não ter sido visto como original:

²⁷⁶ Ib., p. 267. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 271-272.

²⁷⁷ Ib., p. 11. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 280.

²⁷⁸ Ib., p. 12. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 281.

²⁷⁹ Ib., p. 15. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 284.

²⁸⁰ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 284.

²⁸¹ Ib., p. 16. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 284.

“passei sempre da facilidade com que, graças a algumas frases sonoras, me refutaram sem me haver compreendido”²⁸².

Isto não desanimou o genebrino, mas o fez mudar de foco. Devido ao círculo de amizade que fizera logo foi procurado para ser professor. Com a boa formação em música passa a lecionar para jovens aprendizes da arte musical e assim obter alguns rendimentos para sobreviver. Ao mesmo tempo amadurece o conhecimento em harmonia, aprimora o seu sistema de notação musical conhecido como *Dissertation sur la musique moderne*, chega a apresentá-lo na Academia. Neste trabalho recebe as críticas do maior nome da música francesa da época: Rameau, declarando-a de difícil aprendizagem, mas Rousseau continuava convicto do seu trabalho e prosseguiu aperfeiçoando o seu sistema de notação musical.

2. Amizades e envolvimento com a vida parisiense

Após o episódio da Academia, Rousseau vive a vida parisiense como um cidadão integrado à sociedade, sempre atento a todos os acontecimentos artísticos: teatro, música, literatura e aos poucos foi se sentindo membro de uma elite artística e intelectual:

“As frequentes visitas que eu fazia aos meus comissários e a outros académicos habilitaram-me a travar conhecimentos com tudo o que Paris conta de mais distinto na literatura; e graças a isso tal conhecimento tornou-se realmente efectivo quando, posteriormente, me vi de súbito inscrito entre eles(...)”²⁸³.

Trava amizade com aquele que abrirá às portas para a literatura, o jovem e intelectual, Dennis Diderot, companheiro que durante muitos anos compartilhou a sua experiência, dentre elas, o momento em que abandona a função de preceptor e passa a escrever, a restar mais em casa e levar uma vida de intelectual que tem seu próprio sustento:

“Em vez de me entregar ao desespero, entreguei-me tranquilamente à preguiça e aos cuidados da providência, e, para lhe dar tempo a operar a sua obra, pus-me a comer, sem pressa, alguns luíses que ainda me sobravam, regulando sem a cercear a despesa dos meus

²⁸² Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 284.

²⁸³ Ib., p. 17. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 286.

descuidados prazeres, só indo ao café de dois em dois dias, e ao teatro duas vezes por semana.”²⁸⁴ .

Este jovem filósofo exerceu forte influência sobre Rousseau, através dele foi publicado o sistema de notação musical rousseauneano, momento em que lhe deu grande visibilidade entre os nobres intelectuais, pois, a edição foi divulgada na coletânea de dados científicos denominada de Enciclopédia²⁸⁵ . Nenhum estipendio recebeu por esta tarefa. Ao lado de Diderot, o nome do genebrino passou a ser ventilado entre aqueles que frequentavam a Academia e nobres salões.

Como que sabendo que chegaria a algum lugar dentro da sociedade parisiense e no meio da elite intelectual, Rousseau tinha o privilégio de estudar, passear, decorar trechos de obras dos grandes clássicos greco-romanos: “(...) antes de ser forçado a mendigar o meu pão: pois a estudar de cor passos de poetas (...) Todas as manhãs, aí pelas dez horas, eu me ia passear para o Luxemburgo, com um Virgílio ou um Rousseau na algibeira”²⁸⁶ .

Vivendo a experiência de indolente e acalentando a preguiça, próximo à chegada do último soldo, eis que um amigo, padre Castel propõe a saída da inércia, da apatia sugerindo algo que a princípio lhe é familiar “já que nem os músicos nem os sábios cantam unísono convosco, disse-me ele, mudai de corda e vede as mulheres”²⁸⁷ . Com seu jeito galanteador vira o olhar para a sociedade parisiense, antenado com as Madames de grande influência na corte: Madame Beuzenval, Madame de Broglie e Madame Dupin, Rousseau instila o seu porte sereno nos jantares:

“Madame Beuzenval levantou-se para me reter e disse-me: Espero que nos dará a honra de jantar na nossa companhia. Entendi que mostrar-me soberbo seria mostrar-me idiota, e

²⁸⁴ Ib., p. 18. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 287.

²⁸⁵ Importante obra de coletânea de dados científicos visando a produção de conhecimento e descrever o estado do conhecimento humano durante a época das luzes. Diderot foi um dos coordenadores e divulgadores do primeiro volume da Enciclopédia.

²⁸⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, Vol II. trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 19. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 288.

²⁸⁷ Ibidem, p. 20. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 288.

fiquei. (...) Fiquei muito satisfeito por jantar com ela, e esperei que em me conhecendo melhor não tivesse que lamentar haver-me proporcionado essa honra’²⁸⁸.

3. Rousseau como diplomata

Sob a influência da Madame De Broglie vai trabalhar na embaixada francesa na cidade de Veneza. Vagava o papel de secretário do embaixador, após as negociações, termina por indicado para o cargo de secretário do Monsieur Montaigu²⁸⁹, nomeado embaixador em Veneza. Ali pode viver uma das principais virtudes do homem público:

“Entregue apenas a mim mesmo, sem qualquer amigo, sem conselho, sem experiência, num país estrangeiro, servindo uma nação estrangeira, no meio de uma caterva de gatunos, que, tanto no seu interesse como para afastar o escândalo do bom exemplo, me incitavam a imitá-los, longe de o fazer alguma vez, servi bem à França, à qual nada devia, e ainda melhor ao embaixador, como era justo, em tudo o que dependia de mim...”²⁹⁰.

A experiência como secretário, o exercício do cargo público de tamanha responsabilidade fez de Rousseau um homem destinado à sociedade, categórico na sua missão de servir à pátria, sua meta era a utilidade pública e o servir aqueles que o procurassem, enfim, deseja o bem-estar dos cidadãos. Desse modo, Rousseau parece garantir o reconhecimento do seu trabalho através dos elogios recebidos:

“Irrepreensível num posto que dava bastante nas vistas, mereci, obtive a estima da República, a de todos os embaixadores com nos correspondíamos, e a afeição de todos os franceses estabelecidos em Veneza, sem exceptuar o próprio cônsul, que com pesar suplantava em funções que sabia serem-lhe devidas, e que me causavam mais embaraço do que prazer”²⁹¹.

Nesta função Rousseau teve a oportunidade de expressar os ensinamentos aprendidos com os grandes mestres da filosofia helenística e romana, sobretudo na defesa da justiça, no ser honesto no exercício da coisa pública, respeitar o cidadão e reconhecê-lo como digno de uma sociedade justa. Sem dúvida que toda a sua formação anterior contribuiu para suas ideias e o zelo com a Res-pública.

²⁸⁸ Ib., pp. 20 - 21. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 289.

²⁸⁹ Ib., p. 25. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 297-298.

²⁹⁰ Ib., p. 31. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 301.

²⁹¹ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 301.

Em um episódio marcante, detestou a atitude do Monsieur Montaignu quando o preteriu em detrimento do bandido de Pádua, chamado Domenico Vitali, a quem o embaixador confiou o governo da casa. Exatamente por ser justo e honesto no trato da coisa pública exigia: “confesso que não evitava as ocasiões de me tornar conhecido, mas também as não procurava fora de propósito; e, servindo bem, parecia-me justíssimo aspirar ao prémio natural dos bons serviços, que é a estima daqueles que se acham em situação de os julgar e recompensar”²⁹².

Para Rousseau, a justiça não pode sucumbir e da maneira que a sociedade política está organizada é preciso que existam homens capazes de defendê-la; o que ele experimentou enquanto era secretário, vendo prevalecer os interesses individuais frente ao bem comum, tinha que ser moralmente forte e defender os valores éticos; com este viés é preciso educar o homem para viver em sociedade. Por defender a ideia de justiça granjeou apoio e assim expressa:

“O embaixador não teve absolutamente ninguém por ele. O Cônsul contou o meu caso à sociedade. Só um grito respondeu ao relato, e não foi a favor de sua Excelência (...) e enquanto esperava a partida, fui hospedar-me em casa do chanceler do consulado, para demonstrar bem ao público que a nação não era cúmplice das injustiças do embaixador (...) Tinham visto e aprovado a minha conduta; era universalmente estimado”²⁹³.

A cidade de Veneza vivia rodeada de políticos; por ser centro comercial e cidade portuária, via a qual transitava representantes de diversas denominações partidárias, ouvia problemas de natureza diversa, tudo isto foi amadurecendo o ideário filosófico e político de Rousseau. O motivo de não aceitar a intransigência e as injustiças do embaixador não era somente pelo fato de ser uma intriga individual, ia muito além, a revolta de Rousseau era porque ele ia de encontro a um princípio muito defendido pelo genebrino, uma sociedade livre e a liberdade do indivíduo. Uma sociedade corrompida jamais defenderia o interesse dos justos.

É contra esta sociedade corrompida que Rousseau se revolta. A liberdade, fundamento do viver humano, é tomada de assalto pela coação, repressão da individualidade, abuso de poder:

²⁹² Ib., p. 36. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 307.

²⁹³ Ib., pp. 41. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 312-313.

“Toda a gente estava de acordo comigo em que eu me achava ofendido, lesado, desgraçado; que o embaixador era um insensato cruel, iníquo, e que toda esta questão o desonrava para sempre. Mas quê! Era o embaixador; eu era apenas o secretário. A boa ordem, ou o que assim se intitula, exigia que não me fizesse justiça alguma, e de facto não ma fizeram (...). Deixaram-me dar a língua, incitaram-me, faziam chorus; mas a questão nunca passou daqui, até que, cansado de ter sempre por mim a razão e nunca a justiça, perdi por fim a coragem, e abandonei tudo”²⁹⁴.

Depois desta experiência como secretário do embaixador desencadeia uma severa crítica a hierarquização do poder público, as instituições, as contradições sociais, a falsidade e a mentira que campeiam no meio social, o julgamento se torna cada vez mais ácido. É forte o seu grito contra as injustiças sociais daí se entender porque para Rousseau a desigualdade reina na sociedade:

“A justiça e inutilidade das minhas queixas deixaram-me na alma um fermento de indignação contra as nossas estúpidas instituições civis, onde o verdadeiro bem público e a verdadeira justiça são sempre sacrificados a não sei que ordem aparente, destruidora na realidade de toda ordem, e a qual não faz senão acrescentar a sanção da autoridade pública à opressão do fraco e à iniquidade do forte”²⁹⁵.

É esta sociedade corrupta e pervertida que vai sufocar o homem e dificultar a criação de uma ordem social justa e igualitária. No plano social os homens se distanciam devido à corrupção. Com esta visão está lançada as bases para a construção da tese sobre a origem da desigualdade entre os homens, daí as interpretações de Martins e O’Hagan:

“Movendo-se em círculo de considerável poder e privilégio, a carreira de Rousseau tomou uma nova mudança de rumo, quando foi colocado como secretário do embaixador francês em Veneza, uma nomeação que durou menos de um ano (1743-1744). Jean-Jacques separou-se do seu empregador entre acrimónia e recriminações, um padrão que se repetiria muitas vezes na fase posterior da sua vida. Embora um desastre pessoal e profissional, a sua

²⁹⁴ Ib., p. 53. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 326.

²⁹⁵ Ib., p. 54. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 327.

breve carreira diplomática ensinou-lhe muito sobre a realidade do poder político e sobre as relações entre indivíduos desiguais”²⁹⁶ .

No mesmo diapasão sobre a posição rousseauniana, Trousson anuncia:

“Onde estão o direito e a Justiça nessa sociedade fundada sobre os privilégios? M. de Montaignu forneceu-lhe matéria para as primeiras reflexões o levaram ao *Discurso sobre a desigualdade*. A própria Veneza, decadente e a morrer permitirá, dentro de dez anos, denunciar a indigência da música francesa”²⁹⁷ .

Não podemos esquecer que Rousseau tinha formação em música e a cidade de Veneza, não somente por ser uma cidade comercial, portuária, mas, sobretudo, por ser uma cidade onde a comercialização das artes era frequente, propiciava a aprendizagem musical nas praças, a cada esquina, era uma cidade musical. Com isto, Rousseau teve contato com a música erudita e popular oriunda de artistas italianos, não somente dos grandes mestres, mas principalmente dos artistas de rua: “Vi em Veneza um armênio, homem de espírito, que jamais havia ouvido música, e diante da qual executou, em um mesmo concerto um monólogo francês (...)”²⁹⁸ .

Como retrata na *Carta sobre a Música Francesa* atribui características próprias da música italiana. Torna-se um fiel ouvinte e apreciador da melodia. A influência da música italiana que aprendeu nas terras venezianas será sentida nas suas composições. Falando sobre a música francesa, assim expressa o artista genebrino:

“Assim, a nossa música é quase insuportável aos nossos próprios ouvidos, quando é executada por vozes medíocres desprovidas de arte necessária para valorizá-la. São precisos os Fiéis e os Jeliotte para cantar a música francesa, mas toda voz é boa para a italiana, porque as belezas do canto italiano estão na própria música, ao passo que as do canto francês, se é que eles a possui estão apenas na arte do cantor”²⁹⁹ .

²⁹⁶ De acordo com Hogan: “Moving in circles of considerable power and privilege, Rousseau’s career now took another change of tack, when he was posted as a secretary to the French Ambassador to Venice, na appointment which lasted less than a year (1743-1744). Jean-Jacques parted from his employer amid acrimony and recriminations, a pattern which would be repeated many times in his later life. Though a personal and professional disaster, his brief diplomatic career taught him much about the realities of political power and about relations between unequal individuals”. Cfr. O’Hagan, Timothy, “*Rousseau*”, Routledge, London, 1999, p. 2.

²⁹⁷ Conforme diz Trousson: ‘Où sont le droit et la justice dans cette société fondée sur les privileges? M. de montaignu lui a fourni matière aux premières réflexions qui mèneront au Discours sur l’inégalité. Venise ele-même, decadente et mourant sur sono r, le fera réfléchir sur les principes du Contrat social. Sans parler de cette nouvelle musique qui lui permettra, dans dix ans, de dénoncer l’indigence de la musique française’. Cfr. Trousson, Raymond, “*Jean-Jacques Rousseau*”, Éditions Hachette, La Flèche, 1993, p. 85.

²⁹⁸ Rousseau, Jean-Jacques, “*Carta Sobre a Música Francesa*”, trad. de José Oscar de Almeida Marques e Daniela de Fátima Garcia, Campinas: 2005, p. 47.

²⁹⁹ Ibidem.

4. O regresso a Paris e o encontro com Thérèse Le Vasseur

As injustiças que penetram o mundo da política desencantaram o nobre Rousseau que não mais continuou no ambiente diplomático. Triste, com certa frustração, decepcionado e com poucos recursos, retorna a Paris. Teve que superar os conflitos e o trauma da violenta discussão com o embaixador.³⁰⁰

Com a sensação de quem não foi reconhecido pelos favores prestados, em Outubro de 1744 chega a Paris, instala-se no hotel Saint-Quentin, bairro que fica nas proximidades do jardim de Luxemburgo e inicia outra batalha, pretendia obter um julgamento justo da situação problemática que envolvia sua presença na embaixada, o pagamento de seu salário, o que conseguiu com muita dificuldade por não ser ele mesmo francês.

Desiludido, pensava Rousseau não mais se afeiçoar a ninguém, continuar os estudos, retomar a composição de sua ópera, mas eis que aparece aquela que será sua companheira por toda vida: “Tínhamos uma nova hospedeira, que era de Orleans. Para tomar conta da roupa branca mandou vir da sua terra uma rapariga de vinte e dois a vinte e três anos aproximadamente (...). Esta rapariga chamada Thérèse Le Vasseur”³⁰¹. Não era mais um jovem, entretanto, aquilo que cultivara na infância e na adolescência, em nenhum momento deixou de acompanhá-lo, sempre o genebrino demonstrou um sentimento, uma compaixão, um olhar de ternura ao se deparar com alguém vítima de uma situação, sobretudo, social. Pois bem, ao sentar à mesa junto com a patroa e os hóspedes, a jovem Thérèse, mulher simples, modesta, desperta em Rousseau este sentimento de compaixão e a ela se afeiçoou:

“Provocavam a pequena; eu tomei a sua defesa. (...) Ainda que não sentisse naturalmente nenhuma atracção pela pobre rapariga, por compaixão, por contradição, tê-la-ia ganho (...). Era muito tímida; eu também. (...) A afinidade dos nossos corações, o concurso das nossas disposições em breve produziu o costumado efeito (...). Ela julgou ver em mim um homem honesto; não se enganou. Eu julguei ver nela uma rapariga sensível, simples, sem tafulice; e

³⁰⁰ De acordo com Trousson : “Bafoué, Humilié, encore et toujours, par un ordre social qui cautionne une injustice permanente, il a trouvé du réconfort auprès d’un jeune Espagnol, Manuel Ignacio Altuna Y portu, connu à Venice, qui lui a offert de partager son appartement, rue Saint-Honoré. Rousseau s’attacha à ce garçon dévot et tolérant, timide et sérieux, tout fêru d’étude et de savoir”. Cfr. Trousson, Raymond, “*Jean-Jacques Rousseau*”, Éditions hachette, La Flèche, 1993, p. 87.

³⁰¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, Vol II, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 57. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Les Confessions de J.J Rousseau*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 331.

também me não enganava. Declarei-lhe de antemão que nunca a abandonaria nem a desposaria”³⁰².

Embora tenha sempre se definido um homem a parte, como que querendo afirmar-se e ao mesmo tempo dizer para os outros que é uma pessoa autêntica, apesar de todas as suas contradições e temperamento difícil, não se pode afirmar que Rousseau não fosse um homem de natureza e de verdade. Nas circunstâncias em que aparece aquela mulher modesta e simples, pobre e trabalhadora, Rousseau demonstra um sentimento puro, natural:

“O receio que ela tinha de que eu me desgostasse por não encontrar nela o que ela julgava que eu procurava retardou a minha felicidade mais do que nada. Ela esteve a ponto de me julgar inteiramente doido; eu estive a ponto de já não saber que pensar dela. Por fim, explicámo-nos: chorando, confessou-me uma só falta cometida ao sair da infância, fruto da sua ignorância e da habilidade de um sedutor. Mal a compreendi, larguei um grito de alegria: Virgindade! Exclamei eu (...) Ah! Minha Teresa, sou suficientemente feliz por te possuir ajuizada e sã, e não encontrar o que não procurava”³⁰³.

Thérèse Le Vasseur, com quem passa a viver até os últimos dias de sua vida, e que por fim terminou por esposá-la em 30 de Agosto de 1768, já na maturidade. Thérèse era uma mulher que em muitos aspectos não apresentava atração nenhuma e ainda por cima, como a maioria das mulheres que frequentavam a corte, não era dotada de um cabedal artístico, científico, cultural, não obstante, tornou-se para o genebrino irresistível. Mesmo com a convivência não foi capaz de conquistar o sentimento de Rousseau como fez Madame Warens. Sem dúvida que estas duas mulheres foram as mais importantes, uma por ser substituta da mãe e a outra por satisfazê-lo sexualmente.

Com Thérèse teve cinco filhos, mas jamais foi marido nem pai, ou seja, não viveu a vida de família. Viveu, intensamente, exclusivamente, a única vida possível, aquela do encontro com intelectuais do seu tempo com a mesma intensidade que o caracterizou nas muitas fugas a solidão aberta, às vezes, somente as suas ideias convictas de absoluta necessidade de ajudar o homem, e certamente a si mesmo de libertar-se dos vínculos paralisantes de certa cultura distorcida e ineficaz para revigorar, ao mesmo tempo, a si mesmo.

³⁰² Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 331.

³⁰³ Ib., p. 58. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 332.

O fato de tê-lo acompanhado, suportado o mau humor, compreendido seu arrogo, tendo encontrado quem organizasse o quarto de dormir e pusesse à mesa as refeições, fez com que Rousseau tenha entendido como benéfica³⁰⁴ a sua companhia. Rousseau já estava com mais de trinta anos e passava por algumas dificuldades econômicas, apesar disso a companhia de Thérèse lhe dava tranquilidade, não cobrava nada, uma amabilíssima serviçal, presença constante nos muitos momentos difíceis e na sua simplicidade e ignorância, às vezes era, também, conselheira:

“Mas esta criatura tão limitada e, se quiserem, tão estúpida, é de um excelente conselho nas ocasiões difíceis. Na Suíça, na Inglaterra, em França, nas catástrofes que caíram sobre mim, muitas vezes viu ela o que eu próprio não via; fez-me seguir os melhores conselhos; tirou-me dos perigos onde cegamente me precipitava; e diante das damas da mais alta situação, diante dos grandes príncipes, os seus sentimentos, o seu bom senso, as respostas e a sua conduta valeram-lhe a estima universal, e a mim, a respeito do seu mérito, cumprimentos cuja sinceridade sentia”³⁰⁵.

4.1 O ambiente intelectual parisiense

A trajetória de Rousseau como um pensador paradoxal, característica daquele que pensa em paralelo ao pensamento hegemônico, se inicia durante sua estada em Paris. É na França que Rousseau, a partir de 1740, faz algumas ligações, especialmente com os principais enciclopedistas: Voltaire, Diderot, Condillac, d'Alembert e outros artistas importantes, motivo pelo qual é convidado para escrever verbetes sobre música na Enciclopédia. Esta situação de coautoria da Enciclopédia é que exigiu de Rousseau manifestar-se contra d'Alembert, quando este, influenciado por Voltaire, escreveu um verbete sobre Genebra.

Neste verbete, d'Alembert entre outros temas, fala sobre o teatro suscitando o povo genebrino a quebrar alguns princípios morais daquela cidade contra aquela manifestação da arte. Pressentindo que, sob esta iniciativa de d'Alembert, havia a influência de Voltaire, contra o qual nutria certa antipatia pelo fato deste pretender ser referência no teatro tal qual ele mesmo, Rousseau escreve este manifesto. A sua

³⁰⁴ Para Trousson a relação de Rousseau com Thérèse fez com que “Surtout til [Rousseau] se sent à l’aise avec ele, délivré de l’obligation de tenir un rôle. Enfin, ele est, comme il dit, le ‘supplément’ dont il avait besoin – c’est le terme don’t il désigne ailleurs son vice solitaire d’adolescent auquel il n’a jamais tout à fait renoncé: les complaisances qu’il n’oserait demander à d’autres, Thérèse peut les lui procurer. La vie s’organisera donc cahin-caha, Thérèse continuant, les quatre premières années, à vivre avec ses parentes”. Cfr. Trousson, Raymond, Jean-Jacques Rousseau, Éditions Hachette, La Flèche, 1993, pp. 88-89.

³⁰⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, Vol II. trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, 1988, p 59. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 331.

contestação, onde afirma que a contribuição do teatro é inócua ou prejudicial às virtudes do homem, constitui a obra chamada *Carta a d'Alembert*, escrita em 1758.

O entrevero entre Rousseau e Voltaire foi precedido de uma amabilidade desde quando Rousseau foi autorizado por Voltaire a apresentar na íntegra e publicamente, *Les Muses galantes*, escreve Voltaire:

“Vós reunis, senhor, dois talentos que até agora têm andado separados. Eis já duas boas razões para que eu vos estime e procure amar-vos. Pesa-me por vós terdes de empregar estes dois talentos numa obra que não é muito digna de isso (...). Felizmente, acha-se nas vossas mãos, sois senhor absoluto dele; perdi tudo isto absolutamente de vista”³⁰⁶.

Esse momento de colaboração entre os intelectuais não durou muito. Anos depois o estilo foi impróprio e deselegante: “não se admirem da grande delicadeza desta carta, comparada com as outras semi-insolentes que mais tarde me escreveu”³⁰⁷. Os conflitos espalharam-se entre amigos e amigas, sobretudo com Rameu, seu concorrente. Com o olhar estendido para as questões sociais e a valorização do homem dentro da sociedade, o genebrino não tardou em explicitar a função social e o papel pedagógico do espetáculo no intuito de recuperar a unidade perdida:

“É ao ar livre, sob o céu que é preciso reunir-vos e entregar-vos ao doce sentimento da vossa felicidade [...] Que o sol ilumine vossos inocentes espetáculos; vós mesmos constituireis um, o mais digno que ele possa iluminar. Mas, quais serão, enfim, os objetos desses espetáculos? O que aí se mostrará? Nada, se se quiser. Com a liberdade, por toda parte onde reina a afluência, o bem estar reina também. Plantai no meio de uma praça uma estaca coroada de flores, juntai ali o povo, e tereis uma festa. Fazei melhor ainda: apresentai os espectadores como espetáculo; tornai-os eles próprios atores; fazei que cada um se veja e se ame nos outros, a fim de que com isso todos estejam melhor unidos”³⁰⁸.

Dentre os enciclopedistas, sem dúvida que Rousseau teve como amigo mais próximo o Diderot. Este era profundamente inserido no ambiente literário, dotado de uma profunda formação filosófica e voltado para as questões éticas, para o problema de Deus, das relações entre os homens e o problema do ser³⁰⁹. Entre Rousseau, Diderot e

³⁰⁶ Ibidem, p. 62. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 336.

³⁰⁷ Ib, p. 63. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 335-336.

³⁰⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Carta a D' Alembert*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Unicamp, São Paulo, 1993, pp. 224 - 225.

³⁰⁹ Cfr. Wilson, A. M, “*Diderot: Gli anni Decisivi*”, Feltrinelli, Milano, 1971, p. 77.

D'Alembert nasce uma verdadeira congregação intelectual e um forte companheirismo descrito em uma célebre página das *Confissões*:

“Como morávamos em bairros muito afastados um do outro, reuníamo-nos três vezes por semana no Palais-Royal, e íamos jantar juntos ao hotel do Panier-Fleuri. Tais jantares hebdomadários deveriam agradecer sobretudo a Diderot, pois que ele, que faltava a quase todos os encontros, nunca faltou a nenhum destes”³¹⁰.

Os comentários e conversas, rapidamente, tomavam um rumo filosófico, durante as quais, Rousseau, quer seja pela formação de autodidata, seja pelos interesses teatrais ou musicais participava ativamente. Sabe-se da influência empirista em Condillac e Diderot e daí pode ter nascido um dos pontos que perpassa o ideário filosófico rousseauiano: “para nós existir é sentir, e nossa sensibilidade é incontestavelmente anterior à nossa própria razão”³¹¹. Dos encontros e da amizade cada vez mais sedimentada nasce o convite para Rousseau trabalhar com eles: “Em 1747 Diderot e d'Alembert são designados diretores do projeto de tradução dos quatro volumes da Cyclopaedia d'Ephraim Chambres. (...) Rousseau também foi convidado para colaborar, tendo inicialmente escrito artigos sobre música”³¹².

Acompanhando o movimento intelectual da época, Denis Diderot, publica a “*Carta sobre os cegos*”, (1749), com forte intuito de mostrar ao espírito humano a amplitude dos seus domínios, indicando caminhos para a emancipação da razão, a crítica mordaz às Instituições e organização social em geral, sobretudo à religião; não muito tempo após a publicação, Julho de 1749, Diderot, àquele momento um grande companheiro do genebrino, vem para surpresa de todos, aprisionado entre as quatro paredes da cadeia de Vincennes:

“Nada poderá jamais descrever as angústias que me causou a desgraça do meu amigo. A minha funesta imaginação que me causou a desgraça do meu amigo. A minha funesta imaginação, que exagera sempre o mal, exasperou-se. Julguei que ele ficaria lá para o resto

³¹⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, Vol II. trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d'Água, Lisboa, 1988, p. 73. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 346.

³¹¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 309. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l'éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 1109.

³¹² Cfr. Martins, Custódia Alexandra Almeida, “*A pedagogia de Jean Jacques Rousseau: Praxis, Teoria e Fundamentos*”, CIED, Braga, 2009, p. 109.

da vida. Andei para perder o juízo. Escrevi a Madame de Pompadour, conjurando-a a que o mandasse soltar, ou conseguir que me encarcerassem com ele”³¹³.

Rousseau nutre pelo companheiro uma verdadeira estima, amizade. Ao adentrar o local onde Diderot estava preso, expressa com sentimento: “Ao entrar só vi a ele; dei apenas um salto, um grito, encostei a minha cara à sua, abracei-o com força sem nada lhe dizer a não ser por intermédio das lágrimas e dos soluços, a ternura e a alegria asfixiavam-me”³¹⁴. Mesmo se considerando aquele que mais sentiu a prisão do amigo: “como era eu certamente o que mais se condoía do seu desgosto, julgando ser igualmente aquele cuja visita lhe seria mais reconfortante, apesar das minhas ocupações (...)”³¹⁵; não foi com a mesma deferência que Diderot o tratou:

“Ao desprender-se de mim, o primeiro movimento de Diderot foi voltar-se para o eclesiástico, para lhe dizer: veja, monsenhor, como os meus amigos me amam. Completamente entregue à minha emoção não refleti de momento nesta maneira de se servirem dela. Mais tarde, porém, meditando algumas vezes no caso, pensei sempre que, no lugar de Diderot, não teria sido aquela a primeira ideia que me ocorreria”³¹⁶.

5. O homem novo

Na convivência com os nobres franceses, Rousseau teve a oportunidade de amadurecer as impressões sobre a civilização do seu tempo, sobre a sociedade, a cultura de outros povos e desenvolveu um senso crítico sobre aquela sociedade racionalista e dotada de egocentrismo, que só passou a ser clarificado a partir do momento em que vivenciou a crise enquanto estava a caminho de Vincennes. A manifestação violenta de um sentimento, episódio traumático, um momento decisivo, uma revelação improvisada acontece por volta de setembro – outubro de 1749.

Tal situação vem apresentada como o resultado de um processo, como a clarificação das dúvidas preexistentes, como a passagem da noção confusa a uma sublime clareza. Percebe-se, conforme o escrito abaixo, que se trata de uma situação de

³¹³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, Vol II. trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, 1988, p. 74. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 347.

³¹⁴ Ibidem, p. 76. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 350.

³¹⁵ Ibidem. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 350.

³¹⁶ Ibidem. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 350.

oposição entre a constituição do homem e aquela da sociedade. O texto é a expressão de um sentimento obscuro, uma noção confusa, não havia um juízo claro e isto o marcou profundamente:

“Eu iria visitar Diderot, então prisioneiro em Vincennes; trazia no bolso um *Mercur de France* que me pus a folhear ao longo do caminho. Caiu-me sob os olhos a questão da academia de Dijon que ocasionou meu primeiro escrito. Se alguma coisa já se assemelhou a uma inspiração súbita, foi o movimento que se fez em mim diante desta leitura; de repente, sinto meu espírito ofuscado por mil luzes; multidões de ideias vivas nele se apresentavam ao mesmo tempo, com uma força e uma confusão que me lançaram numa perturbação inexprimível; sinto a cabeça tomada por um atordoamento semelhante a embriaguez. Uma violenta palpitação me oprime e ergue meu peito; não podendo mais respirar ao caminhar; deixo-me cair sob uma das árvores da avenida, e passo meia hora em uma tal agitação que, ao levantar-me, percebi toda a frente do meu casaco molhado de minhas lágrimas sem ter sentido que as derramava”³¹⁷.

Após deste instante nasce um homem novo mais concentrado e com o olhar atento sobre a sociedade. O caos que havia na mente daquele que adormeceu embaixo da árvore, por longos 30 minutos, dá lugar a uma visão autêntica de uma sociedade habitada por homens simples, sábios, felizes, sem vícios e misérias, um gênero humano não corrompido. Este homem traçado por Rousseau é apresentado de forma totalmente oposta ao modelo de homem da sociedade francesa. Neste homem simples, sábio e feliz que ainda não é o homem do estado de natureza, Rousseau depõe a esperança de renovação da sociedade.

Rousseau tinha pleno conhecimento dos vícios de um capitalismo emergente, pelos quais podia ver a configuração do mundo da cultura e da civilização. Tratava-se da corrupção dos valores genuinamente humanos, que, no seu entender, expressavam a vinculação com a natureza. Mas, esta natureza fora corrompida quando alguns homens passaram a dominar os outros na medida em que foram se apossando dos recursos naturais, transformando-os em propriedades. A passagem da inocência, representada pela pureza do modo pelo qual lidavam com a natureza, para a inveja, a cobiça, a ganância e a exploração da maioria pela minoria passou a ser compreendida pelo genebrino como a destruição da sociedade e do homem.

³¹⁷ Rousseau, Jean-Jacques, “*Textos Autobiográficos e Outros Escritos*”, trad. Fúlvia M. L. Moretto, Editora Unesp, São Paulo, 2006, p. 28.

A partir do momento de infelicidade da vida de Diderot e de uma visita que se predispunha a fazer ao companheiro aprisionado, por uma fatalidade, é que o genebrino passa a se notabilizar no mundo elitizado, acadêmico, intelectual, político e filosófico, mundo dos salões e das reverências aos iluminados, até então era um simples frequentador desse ambiente e amigo dos intelectuais.

Um fascículo do “*Mercure de France*” encontrado casualmente e posto debaixo dos braços, único instrumento de prazerosa diversão, quando lido sob uma frondosa árvore que lhe serviu de sombra após uma fatigante caminhada, mudou sua vida para sempre. Neste jornal, eram publicados, constantemente, os concursos e datas de entrega dos prêmios para os vencedores. Em um destes concursos que teve como tema *As Ciências e as Artes têm contribuído para corromper ou purificar os costumes?* Como reagiu Rousseau à leitura desta página de jornal?

Após a leitura, Rousseau expressa em carta enviada a Malesherbes, em 12 de janeiro de 1762, onde narra às sensações experimentadas:

“Oh! Senhor, se tivesse podido alguma vez escrever a quarta parte do que vi e senti sob aquela árvore, com que clareza teria feito ver todas as contradições do sistema social, com que força teria exposto todos os abusos de nossas instituições, com que simplicidade teria demonstrado que o homem é naturalmente bom e que é somente por tais instituições que os homens se tornam maus”³¹⁸.

Partindo da tese da bondade da natureza e da sociedade como promulgadora do que há de mal no homem, Rousseau, encontra a tese central para a resposta da questão levantada pela Academia de Dijon com o *Discurso Sobre as Ciências e as Artes*, reconhecido como vencedor em julho de 1750. O Discurso é dividido em duas partes, desde o seu início Rousseau mostra o seu estilo e conteúdo do qual encontraremos em toda a sua produção filosófica, política, pedagógica ou ainda quando fala especificamente da natureza humana. A elaboração deste trabalho exigiu do autor muita dedicação, concentração ao extremo a ponto de lhe trazer perturbações e indisponibilidade com a saúde:

“Trabalhei o discurso de uma maneira muito singular, que quase sempre segui nas minhas outras obras. Consagrei-lhe as insónias das minhas noites. Na cama meditava de olhos fechados, e com incríveis dificuldades moía e remoía na cabeça os meus períodos: depois, quando conseguia achar-me satisfeito com eles, alojava-os na memória até que pudesse

³¹⁸ Ibidem, pp. 28-29.

trasladá-la ao papel: mas enquanto me levantava e me vestia, esquecia tudo, e quando me achava de frente ao papel, quase nada me ocorria do que havia composto”³¹⁹ .

Tendo uma preocupação nitidamente política e pedagógica procura-se investigar o pensamento rousseauiano depois deste primeiro *Discurso* porque nele está contido um problema central que será exposto em todos os seus escritos: a sociedade moderna vai de encontro ao progresso moral e civil da humanidade.

Ao fim do primeiro *Discurso*, Rousseau insere um elemento que se tornará central na sua especulação filosófica, o elemento político e este elemento é cultivado, especificamente, nas linhas das ciências e das artes. Princípios e noções que serão desenvolvidos no Segundo *Discurso*, *no Contrato*, *na Economia Política* já têm aqui a sua fonte. Encontramo-nos, claramente, diante de um pensamento autenticamente existencial onde as contradições estão no homem e não nas elaborações de sua doutrina. O homem e o pensador, em Jean-Jacques, se confundem, ou melhor, se fundem admiravelmente.

Quantas vezes temos tido experiências de autores que parecem querer renunciar parte de si mesmo só para respeitar o pensamento que, com muito trabalho e empenho, certamente, construiu de forma bela e rompeu com aquilo que parecia lógico? Mas quantas vezes temos provado a repugnância por pensadores que, mesmo servindo a história das ideias, tem maltratado a própria personalidade? Isso, em Rousseau, não acontece, não pode acontecer, porque ele não renuncia ao seu próprio EU. Ele é na sua unidade incindível de natureza e cultura; e jamais cede espaço privilegiado a um dos elementos, separando-lhe porque ambos são coessenciais.

Deseja-se afirmar que não se pode olhar para Rousseau com o intento de compreendê-lo somente lendo as tramas do seu discurso. Muito mais que isso, é preciso compreendê-lo nos labirintos do seu ser e do seu viver as próprias condições de existência. Suas literais considerações sobre as ciências e as artes, evidenciam a figura de um romântico que denuncia e ensina um crítico notável de uma sociedade corrupta e permissiva que valoriza o progresso e esquece do homem. No âmbito individual, do homem Rousseau, propriamente ditos, doravante, duas faces precisam ser consideradas: a primeira é que os discursos se tornam mais autônomos e recheados da profunda

³¹⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, Vol II, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 77. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Les Confessions de J.J Rousseau*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 352.

formação moral e ética; o segundo é que vai se tornando um homem mais reflexivo e para isto precisa de um estado solitário³²⁰.

³²⁰ De acordo com Scholz: "He also turned his back on public opinion, otting not to be swayed by so fickle a force, he would follow virtue instead..." cfr. Scholz, Sally, *On Rousseau*, Wadsworth. Belmont, 2001, p. 19.

CAPÍTULO SEGUNDO

O DISCURSO PEDAGÓGICO COMO DISCURSO POLÍTICO

I - JEAN-JACQUES ROUSSEAU: O PENSAMENTO FILOSÓFICO-EDUCACIONAL

1. Uma leitura da educação e da sociedade

Compreender Rousseau nos labirintos do seu ser e do seu viver é dirigir-se à instauração de uma consciência moral soberana, à formação de um povo virtuoso enquanto homem, enquanto cidadão. A total da desconfiança nos governos, na educação pública fez o genebrino pensar em reformular a sociedade pelo homem. Para tal intenção se concretizar acreditava que a formação do homem era fundamental. O ponto de partida é a educação doméstica ou da natureza. Pois, uma sociedade que tem por base a desigualdade não tem aptidão moral para educar e formar dignamente seus filhos. Então, Rousseau chega à conclusão que é preciso construir um projeto de sociedade justa, com base na soberania popular. Para Jean-Jacques Rousseau *a relação entre educação e política torna-se o eixo central do pensamento filosófico-educacional que apresenta nos seus escritos.*

A construção do projeto *filosófico-educacional* fez com que o filósofo passasse por um estado de inquietação e angústia, mas tal estado não o impediu de ir à busca de resposta para os problemas do homem e da sociedade. Talvez por essa razão o paradigma que surge enquanto resposta às suas inquietações encontre os seus fundamentos na pessoa do nosso filósofo. Assim retrata nas *Confissões*:

“Vou empreender uma coisa sem exemplo, e cuja realização não será imitada. Quero mostrar aos meus semelhantes um homem em toda a verdade de sua natureza, e esse homem serei eu (...). Que a trombeta do Juízo Final soe quando bem entender, eu virei, com esse livro na mão, apresentar-me diante do Juiz Supremo (...). Reúne ao redor de Ti a inumerável multidão de meus semelhantes, que eles escutem as minhas confissões, que deplorem as minhas indignidades, que enrubesçam diante das minhas fraquezas. Que cada um deles, por sua vez, com a mesma sinceridade, ponha a nu o coração diante do Teu trono e depois que um só diga, se o ousar: Fui melhor do que esse homem”³²¹.

Fazendo uso da reflexão crítica à sociedade moderna, o autor condena o efeito nefasto da arte e da ciência, as quais infundem a hipocrisia entre os homens. Sobre esta questão escreve o autor:

³²¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Confissões”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 21. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 5.

“Enquanto se multiplicam as comodidades da vida, as artes se aperfeiçoam e o luxo se espalha, a verdadeira coragem se debilita e as virtudes militares desfalecem: é ainda a obra das ciências e de todas as artes que atuam nas sombras dos gabinetes (...). Todos os exemplos nos ensinam que, nessa política marcial e em todas as que lhe são semelhantes, o estudo da ciência é muito mais adequado a afrouxar e afeminar a coragem do que a fortalecê-la e a animá-la”³²².

Neste sentido, tanto as ciências quanto as artes tornam-se sem préstimos: “Se nossas ciências são inúteis no objeto que se propõem, são ainda mais perigosas pelo efeito que produzem”³²³, pois não estimulam o sentimento pátrio e o pior, juntamente com o excesso de luxo leva a dissolução dos costumes³²⁴. Para Rousseau o progresso científico privava o cidadão de participar da vida social, bem como o destituía das decisões políticas, tornava-o individualista. Mesmo com tais posicionamentos críticos, nenhum comentador deixa de levar em consideração que Rousseau é um moderno, na medida em que admira a liberdade de pensamento e a individualidade, é contrário aos espaços predominantemente fechados, hierarquizados; e porque alimenta a vivência cultural e efetiva participação do homem e sua relação com o campo.

Dentro do pensamento moderno de Rousseau não se pode misturar desordenadamente ou confundir a individualidade do homem com individualismo. O conhecido comentador *Vaughan*, editor dos *Political Writings of Jean-Jacques Rousseau* (1915), encontra uma incoerência no *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*, mas, mesmo assim, retrata o caráter anti-individualista do genebrino, assim afirma o filósofo *Vaughan*³²⁵.

1.1. A educação natural versus a educação pública

O genebrino não aceita na educação oriunda do mundo Medieval, intensamente eclesiástico, tinha horror às instituições que não acompanhavam o curso dos acontecimentos, especialmente, o legalismo na sua forma ditatorial. O regime político

³²²

Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discurso sobre as Ciências e as Artes*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997b, p. 208. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur les sciences et les arts”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 22.

³²³ Ibidem., p. 204. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur les sciences et les arts”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 18.

³²⁴ Ib., p. 207. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur les sciences et les arts”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 21.

³²⁵ Afirma Vaughan: “The Contrat social and the Économie politique, on the other hand, subordinate the individual ruthlessly to the community at large. The former [the Discourses], find the ultimate base of Right in the will of the individual; the latter [the Contrat social and the Économie politique], in that of the community in which the individual is merged”. Cfr. Vaughan, C. E., “*The political writings of Jean-Jacques Rousseau*”, Cambridge University Press, Cambridge, 1915, p. 18.

não pode ser baseado na inflexibilidade de sua lei, não pode ser viciado em princípios que norteiam a mansidão, desigualdade e escravidão. É preciso aceitar a diversidade e por isso, o regime político precisa ser misto para proporcionar ao povo virtude e moralidade sem a força da lei:

“Desde que adquiriram a liberdade os corsos melhoraram muito; acrescentaram prudência à sua coragem, aprenderam a obedecer os seus iguais, adquiriram virtude e moralidade, tudo isso sem recorrer as leis. Se pudessem continuar assim, acho que pouco mais precisaria ser feito. Mas quando o perigo que os uniu se distancia, o facciosismo agora reprimido vai ressurgir, e em lugar de unir suas forças para manter a independência, elas serão gastas nos conflitos intestinos, de uns contra os outros, nada restando para defesa comum caso se renove os ataques externos. É isto que é preciso prevenir...”³²⁶

Frente a esta situação era preciso formar o homem a partir das próprias convicções. Para o homem alcançar este status de virtuosidade e liberdade moral era preciso educa-lo. Nos seus escritos Rousseau aborda tanto a educação natural como a educação pública. A respeito da educação natural, aquela em que o educando é afastado do convívio social e posto no campo, no contato puro e simples com a natureza se pretende formar o homem em toda sua inteireza “o homem natural é tudo para si mesmo; é a unidade numérica, o inteiro absoluto, que só se relaciona consigo mesmo ou com seu semelhante”³²⁷. Há uma radicalidade, por parte do autor, na defesa do homem natural, desse modo, a opção por formá-lo nos princípios da educação natural se dá pelo fato da arte de educar não esvaziar a sua condição de homem, não torná-lo apenas parte de uma engrenagem, mas com a educação natural colocá-lo como prodigioso:

“O homem civil é apenas uma unidade fracionária que se liga ao denominador (...). As boas instituições sociais são as que melhor sabem desnaturar o homem, retirar-lhe sua existência absoluta para dar-lhe uma relativa, e transferir o eu para unidade comum, de sorte que cada particular não se julgue mais como tal, e sim como uma parte da unidade, e só seja perceptível no todo...”³²⁸

A respeito da educação pública, aquela que Rousseau desenvolve em casos particulares, como o da Polônia, trabalha as condições da educação após uma educação

³²⁶ Cf. Rousseau, Jean-Jacques, “*Rousseau e as Relações Internacionais*” prefácio, Gelson Fonseca Jr, Imprensa Oficial do Estado, São Paulo, 2003, p.5.

³²⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 11. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 249.

³²⁸ Ibidem. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 249.

cívica dentro de uma pequena cidade. Esta educação não mais se preocupa em formar o homem e por isso é rechaçada por Rousseau:

“Não posso encarar como instituição pública esses ridículos estabelecimentos chamados colégios. Tampouco considero a educação da sociedade, pois, tendo essa educação a dois fins contrários, não atinge nenhum dos dois; só serve para criar homem de duas faces, que sempre parece atribuir tudo aos outros, e nunca atribuem nada senão a si mesmos”³²⁹.

A questão que se coloca é a de saber qual a educação que deveria prevalecer. Rousseau é peremptório quando afirma a necessidade de uma educação que valorize o homem natural. Neste contexto escreve Pissarra:

“O homem natural é autossuficiente e em nada depende dos outros, ao mesmo tempo que é bom e sem nenhum vício. Se a finalidade das suas ações não é o mal, pois não é um ser vicioso, ele só busca a sua felicidade, só se esforça por si próprio. Ao contrário, a vida em sociedade em que todos fazem parte de um todo exige que as vontades particulares cedam lugar à vontade de todos”³³⁰.

Deste modo, ou se deveria optar pela formação do homem social e político, aquele que recebia os influxos de uma sociedade nada comunitária, ou ao contrário, se deveria optar por uma formação individual considerada egoísta, desigual e pervertida. Veja-se a posição de Parry a este respeito:

“Seja como for, mesmo se a educação do Emílio é só uma segunda opção daí não se segue que o seu relato da educação do cidadão apresente o ideal, apesar do entusiasmo com que é delineada. Rousseau está demasiado suficiente das deficiências mesmo das tentativas mais compreensivas da educação política para ela não ser também só uma segunda opção face a um ideal em que cada um aprende a ser ao mesmo tempo um indivíduo e um verdadeiro membro de uma comunidade de iguais (...)”³³¹.

Há a crença de que todos sabem muito sobre a educação. Todos se acham entendidos, principalmente, no que se refere à educação escolar. Isto parece estar presente em todas as épocas. Assim, não era diferente para aqueles que norteavam a educação no período moderno, principalmente, na época das Luzes. Pois bem, para o genebrino, que sentido pode ser dado à educação moderna? Em primeiro lugar um

³²⁹ Ib., p. 13. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 251.

³³⁰ Cfr. Pissarra, Maria C. Perez, *Rousseau: a política como exercício pedagógico*, Moderna, São Paulo, 2002, pp. 67 – 68.

³³¹ Cfr. Parry, Geraint, “Émile: Learning to Be Men, Women, and Citizens”, in *The Cambridge Companion to Rousseau*, Cambridge University Press, Cambridge, 2001, p. 264.

sentido de reprodução, ela faz parte da sociedade e a reproduz no seu modelo vigente, sendo, portanto uma imitação. Ainda de acordo com Parry essa imitação consistia em primeiro lugar “(...) em substituírem a imitação dos valores burgueses novos pela imitação da conduta aristocrática. O seu cuidado permanecia o de educar as crianças para a sociedade que conheciam”³³²; em segundo lugar era uma educação que se estendia, necessariamente, à correção dos indivíduos para se adaptarem à vida social, e nesse sentido nunca prezando o sujeito individual.

A divisão social, os problemas humanos mostravam que esta era uma educação desvinculada da realidade, muito preocupada com a moral, absorvida com a aprendizagem decorativa, não havia o cuidado em formar o homem. Todos eram instruídos num só padrão, a individualidade era desconsiderada, o indivíduo perdia o lugar para a coletividade. Uma educação que priorizava formar o homem não para si mesmo, mas para se colocar à disposição de outros como se fosse uma peça que precisava encontrar outros elementos do mesmo conjunto para formar um todo indiviso. Sendo assim, urgia encontrar um sentido de adaptabilidade. Logo, tal educação não havia encontrado sentido nos pressupostos básicos do pensamento de Rousseau. A crítica a esta educação, em contraponto com uma educação individual, ainda se desenvolve da seguinte forma:

(...) que fazer, porém, se são opostas, se, em vez de educar um homem para si mesmo, queremos educá-lo para os outros? Este acordo torna-se então impossível. Forçado então a combater a natureza ou as instituições sociais, é preciso optar entre fazer um homem ou um cidadão, pois não se podem fazer os dois ao mesmo tempo³³³.

Não mais existindo a pátria e o cidadão, desabafava Rousseau:

“A instituição pública não existe mais, e não pode mais existir, já que, onde não há mais pátria não pode mais haver cidadãos. Essas duas palavras, pátria e cidadão, devem ser canceladas das línguas modernas. Sei muito bem a razão disso, mas não quero dizê-la; ela nada traz a meu assunto”³³⁴.

³³² Ibidem, p. 249.

³³³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 11. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 249.

³³⁴ Ibidem, p. 13. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 251.

Demarcando-se de todos os modelos educacionais vigentes, o genebrino se volta para a formação do homem e para a educação doméstica do seu educando: o Emílio. Em forma de questionamento e interpelando o leitor conclui o autor: “Resta enfim a educação doméstica ou da natureza, mas o que se tornará para os outros um homem que tenha sido educado unicamente para si mesmo?”³³⁵

Rousseau faz a opção pela educação doméstica do homem. O genebrino sabe que o homem só estará bem, se e somente, estiver em harmonia consigo mesmo. A disposição bem ordenada do Emílio não pode acontecer na sociedade, mas em contato contínuo com a natureza. Veja-se o que escreve a este respeito: “o desenvolvimento interno de nossas faculdades e de nossos órgãos é a educação da natureza; o uso que nos ensinam a fazer desse desenvolvimento é a educação dos homens; e a aquisição de nossa própria experiência sobre os objetos que nos afetam é a educação das coisas”³³⁶.

A formação que foge deste princípio não pode ser levada em consideração. A harmonização do indivíduo consigo e com a natureza implica que este seja educado para viver em paz, em equilíbrio. Deste modo, a consonância deve partir de si. É imprescindível uma coexistência harmoniosa para que ele seja verdadeiramente homem realizando assim como a sua natureza.

O que vemos desde as primeiras linhas do *Emílio* é um sentimento de zelo por parte de Rousseau, um cuidado excepcional, em afastar aquilo que forma o homem na sua completude daquilo que o educa para determinados fins sociais. A proposta de Rousseau é linear e direta ao visar à educação do homem natural, tal proposta não se adequa às instituições educacionais que via na sociedade, pois, estas só se preocupam em:

“Pois o que lhes ensinam, afinal? Palavras, mais palavras, sempre palavras. Dentre as diversas ciências que se vangloriam de lhes ensinar, evitam escolher as que seriam realmente úteis para as crianças, porque seriam ciências de coisas e as crianças não se dariam bem. No entanto, escolhem as ciências que parecemos saber quando sabemos os seus termos: a heráldica, a geografia, a cronologia, as línguas etc. Todos estudos estão distantes

³³⁵ Ib., p. 14. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 251.

³³⁶ Ib., p. 9. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 247.

do homem, e sobretudo da criança, que será uma maravilha se algo de tudo isso lhe puder ser útil uma só vez em sua vida”³³⁷.

Aquilo que inquieta o escritor do *Emílio* é o fato de a formação existente não dar ao homem as condições necessárias para que este possa agir coerentemente a partir do que diz e do que faz. A educação deve contribuir para formação do homem sincero o qual se opõe aos vícios sociais. E a conduta de Jean-Jacques Rousseau é disso de exemplo. Considerem-se as palavras do Vigário Saboiano:

“Meu filho, não esperes de mim nem discursos sábios nem profundos raciocínios; não sou um grande filósofo e pouco me preocupo em sê-lo. Mas às vezes tenho bom senso e amo sempre a verdade. Não quero argumentar contigo, nem mesmo tentar convencer-te; basta-me expor-te o que penso na simplicidade de meu coração”³³⁸.

Porém, é fato comum entre os estudiosos de Rousseau a posição que aponta a contradição, o paradoxo no pensamento do autor. Seja porque o seu pensamento surge como recurso literário³³⁹, seja porque surge como traço de personalidade. As contradições existem na medida em que os recursos retóricos, a riqueza estilística e o fértil pensamento rousseauiano impulsionam o leitor a lê-lo não só com a razão, mas fundamentalmente, com o sentimento com a paixão. Considere-se como exemplo os dípticos: homem/cidadão, educação pública/educação natural, natureza/sociedade, vontade particular/vontade geral, enfim, são várias as possibilidades e interpretações oriundas destes dípticos. Rousseau, deste modo, faz com que o leitor seja convidado a opinar sobre temas que afetam a personalidade do homem e a sociedade.

A educação natural é uma vertente na busca da felicidade e existência social pacífica. Esta educação vai cedendo espaço na medida em que necessário se faz à participação na vida social. Ao falar do cidadão o leitor pode argumentar, quer utilizando a razão quer utilizando o sentimento, o seguinte: o que se pode dizer quando na formação do indivíduo aparece a mudança de rota? Quando Rousseau escreve:

³³⁷ Ib., pp. 121-122. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 346.

³³⁸ Ib., p. 373. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, pp. 565 – 566.

³³⁹ Pensamos, por exemplo, na grande capacidade de despertar emoções no público que um de seus textos, *Júlia ou a Nova Heloísa*, alcançou. Sobre esta questão Pomeau afirma que esse foi dos primeiros romances a estimular de modo intenso a emotividade dos leitores, característica que determinaria tanto seu grande sucesso, quanto nova direção aos romances do período. Pomeau chega mesmo a falar numa revolução do sentimento operada por Rousseau (Cfr. Pomeau, René, *Jean-Jacques Rousseau: la révolution de la sensibilité*, Études Jean-Jacques Rousseau, Ville de Montmorency, 1988, vol. 2, p. 7-21). Sobre o enorme sucesso do romance e a reação dos leitores, através de correspondência dirigida ao autor, cfr. Darnton, Robert, *Grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural*, Graal, Rio de Janeiro, 1986, p. 363.

“Todo patriota é duro para com os estrangeiros: são apenas homens, nada são a seus olhos. (...) O essencial é ser bom com as pessoas com quem se vive”³⁴⁰ Rousseau, ao exaltar o cidadão, está eliminando o homem natural? As instituições sociais, porventura, não as fazem já este papel?

“As boas instituições sociais são as que melhor sabem desnaturar o homem, retirar-lhe sua existência absoluta para dar-lhe uma relativa, e transferir o eu para a unidade comum, de sorte que cada particular já não se julgue como tal, e sim como uma parte da unidade, e só seja perceptível no todo”³⁴¹.

Não nos parece que exista no pensamento de Rousseau um embate entre os modelos de formação nem tão pouco a necessidade de uma corrente eliminar a outra. Veja-se o seguinte, na formação do homem natural encontram-se as três educações: a educação da natureza a educação dos homens e a educação das coisas³⁴²; na formação do cidadão, aquela apta a formar o homem para a vida social necessita de acréscimos, uma vez que é a sociedade o espaço de convivência. Ambas, na verdade, são duas tendências que o genebrino tenta articular através da relação que estabelece entre educação e política, a qual desenvolve no seu discurso filosófico-educacional. Esta é a razão pela qual este raciocínio cruza a obra de Rousseau. Sobre este assunto reflete Pierre Burgelin:

“A natureza *atual* do homem é infinitamente mais que o *homem natural*, visto que contém também tudo o que o homem se tornou e pode se tornar ao seguir as indicações de sua natureza, e que essa palavra oscila perpetuamente entre o sentido estático de simplicidade original e o sentido dinâmico de perfeição, sem que Rousseau tenha jamais optado deliberadamente por um deles exclusivamente”³⁴³.

Na própria natureza do homem está incluso o despertar para a vida social, para tanto, o projeto da não desnaturalização quanto o direcionamento para a vida em sociedade fazem parte daquele ponto nevrálgico para o bom entendimento do *Emílio*.

³⁴⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 11. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, pp. 248 – 249.

³⁴¹ Ibidem. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 249.

³⁴² Ib., p. 9. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 247.

³⁴³ Cfr. Derathé, Robert, “*L’homme selon Rousseau*”, in *Pensée de Rousseau*, Seuil, Paris, 1984, p. 113.

Com características próprias, cada uma delas, opostas entre si, ocupam um lugar, não precisam passar pelo processo de reconciliação e formação única, ao contrário:

“Consideramos que, quando Rousseau problematiza acerca da oposição relacional entre homem natural e o cidadão, o que está a fazer é a constatar a existência de duas realidades: a esfera do privado e a esfera do público, sendo que o problema surge quando se tenta conciliar as duas esferas”³⁴⁴.

Contudo, tal pensamento só é possível se for criado um mecanismo conceitual que permita a manifestação de cada uma dessas esferas, sem a necessidade de entrar em rota de colisão. Do contrário, esse fito não será alcançado pelo homem. Este será um fim que deve ser procurado por cada indivíduo e por cada sociedade. Assim se pronuncia Rousseau:

“Se por ventura o duplo fim que nos propomos pudesse reunir-se em um só, suprimindo as contradições do homem, suprimiríamos um grande obstáculo à sua felicidade. Para julgar sobre isso, seria preciso vê-lo todo formado; seria preciso ter observado suas inclinações, ter visto seus progressos, seguido sua marcha; numa palavra, seria preciso conhecer o homem natural. Acredito que alguns passos terão sido dados nessas buscas após a leitura deste escrito”³⁴⁵.

O projeto pedagógico de Rousseau vislumbra um futuro social mais justo e ético, pois, sabe o genebrino, que os problemas têm sua origem no universo social e político; para atenuar ou solucionar não é dispensável tanto a educação natural quanto a formação do cidadão, ambas devem ser compreendidas na mesma dimensão. A educação é a modalidade através da qual é possível construir esse futuro, no entanto, a educação natural é o ponto de partida. Ao conceber a ideia de natureza como um fundamento que pertence a cada homem e orienta o seu agir³⁴⁶, não é possível identificar na pura espontaneidade, na inocência do senso comum o ideal que regula o comportamento humano e as regras sociais.

A compreensão da distinção entre aquilo que possibilita a esfera privada: o espaço da casa ou as experiências no campo, a família ou nos demais lugares onde se forma e vive o particular com as experiências de adaptabilidade com as coisas; e a

³⁴⁴ Cfr. Martins, Custódia Alexandra Almeida, *A Pedagogia de Jean Jacques Rousseau: Praxis, Teoria e Fundamentos*, CIED, Braga, 2009, p. 321.

³⁴⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 14. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 251.

³⁴⁶ Cfr. Todorov, Tzvetan, *Frêle bonheur. Essai sur Rousseau*, Hachette, Paris, 1985.

esfera pública: a cidade, a sociedade onde é formado e vive o cidadão são fundamentais para que possa ser feita essa articulação. Caso contrário ou se tenta excluir uma ou outra. No entanto, sobre a primeira esfera, a privada o intuito visa: “(...) justamente fazer lembrar ao homem qual a sua natureza, realçando o sentido holístico da condição natural humana”³⁴⁷. Quanto à segunda esfera, a pública, o intuito visa: “desnatura [r] o homem”³⁴⁸. A distinção entre ambas é feita. O problema da sociedade moderna reside na compreensão entre o formar o indivíduo e o cidadão, sem que um exclua o outro.

Este é um Rousseau verdadeiro e livre, sem medo, que se dá a conhecer. Um intelectual dos tempos modernos e membro do movimento iluminista. Foi ele que lançou as luzes para uma leitura crítica da modernidade, apontou os limites do sublime movimento do século XVIII, o Iluminismo, exaltou o homem e a comunidade por ele construída. Sem se deixar ser levado pelo egoísmo manifestado na sociedade, luxúria, busca desvairada pelo poder, etc., rechaçou o saber tradicional e, muito frequentemente clamava pela felicidade e para isto era preciso tomar o caminho do estado de natureza como paradigma educacional do homem e, portanto da sociedade.

2. O homem natural, a lei natural e a bondade natural.

Rousseau parte de uma apresentação do homem como aquele que mantém uma relação intrínseca com a natureza. Assim sendo, ao fazer-se uma exposição sobre a noção de pessoa significa que esta não pode ser vista como um fragmento da natureza, um objeto material qualquer, mas, pelo contrário como aquela que é dotada de uma densa sensibilidade e que vive feliz se está em perfeita harmonia com o cosmo. Então, a grande discussão que vamos encontrar e o conjunto de soluções que vamos deparar na leitura do *Emílio* já apontam para a concepção rousseaneana sobre o homem que desde a mais tenra idade estabelece com a natureza, a saber, uma relação que não pode ser rompida.

Ao investigar a profunda imbricação entre argumentos pedagógicos e políticos que percorrem a obra de Rousseau, principalmente no *Segundo Discurso* e no *Emílio*, não se podem descurar alguns conceitos, tais como: homem natural, lei natural, bondade natural, liberdade, e, principalmente, a voz da consciência, uma consciência que se preocupa com o cuidado de si. Rousseau não está preocupado com o mundo do parecer,

³⁴⁷ Cfr. Martins, Custódia Alexandra Almeida, *A Pedagogia de Jean Jacques Rousseau: Praxis, Teoria e Fundamentos*, CIED, Braga, 2009, p. 320.

³⁴⁸ *Ibidem*, p. 322.

mas com o mundo do ser e para isto a consciência fala para si mesmo e tem como resultado o cuidar de si:

“Com este resultado alcançamos, portanto, o núcleo que sustenta o projeto da educação natural no *Émile*. A ele pode ser formulada de pronto a seguinte questão: o retorno a interioridade de “si mesmo” como busca de autenticidade da ação humana não significa seu fechamento em um individualismo solipsista e egoísta? (...) a justificação oferecida por Rousseau do retorno a si mesmo não exclui a intersubjetividade nas relações humanas, o que de resto entraria em choque com sua própria pretensão de formação moral da sociabilidade humana”³⁴⁹.

O homem como ser histórico, que cumpre etapas de desenvolvimento, precisa ser olhado com atenção, cuidado, pois, em cada período há o que se aprender. Tomando como referência seu educando fictício e o processo de formação empreendido pelo preceptor, Rousseau esboça a vinculação entre lei natural, homem natural e bondade natural tendo como fim último a construção do ser humano autônomo, um sujeito moral com cidadania política.

O tema da bondade natural é latente, reiteradamente abordado na obra de Rousseau como a essência do homem. Quando se quer buscar os fundamentos da bondade natural não há como não voltar os olhos sobre a obra *Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*, onde o construto da natureza boa, considerada como originária, lá está como antecedente irrenunciável. Deixando o significado teológico de grande penetração e assumindo um significado histórico com os ideais rousseauianos, onde o homem tem seu lugar determinado na ordem das coisas, mas isto nem sempre é fácil de ser observado porque o homem é um ser dado ao momento, é histórico. Esta essência natural é símbolo de perfeição e ao mesmo tempo de fragilidade, a qual se altera de modo imperceptível, ou melhor, perpassa uma linha tênue sem a visível mediação.

Enfim, são três grandes temas interligados: homem natural, lei natural e bondade natural. Pensar tudo isso no imaginário rousseauiano significa não se afastar do principal, a vivência do homem em uma sociedade que lhe proporcione a felicidade. Neste processo a educação e a política perfazem, trilha um trabalho irrenunciável, precisa ser escavado com uma inquieta modéstia, infinita curiosidade, cuidadosa incerteza.

³⁴⁹ Cfr. Dalbosco, Cláudio Almir, “Educação natural em Rousseau: das necessidades da criança e dos cuidados do adulto”, Cortez, São Paulo, 2011, p. 132.

2.1. O homem natural

Os textos rousseauianos denotam uma preocupação central com a progressão humana, o crescimento original, o desenvolvimento natural; conhecer o homem se faz necessário para saber a condição efetiva³⁵⁰ em que se encontra e tomar qualquer procedimento objetivando melhorá-lo. Ter em vista esse aperfeiçoamento, submetendo-se ao processo de desenvolvimento natural, foi a educação o instrumento mais adequado e utilizado. Com este proceder, Rousseau vai ao encontro dos fundamentos da natureza humana: “Ora, sem o estudo sério do homem, de suas faculdades naturais e dos seus desenvolvimentos sucessivos, não se chegará nunca ao ponto de fazer essas distinções e, no estado atual das coisas, separar o que a vontade divina fez daquilo que a arte humana pretendeu fazer”³⁵¹.

Este estudo traz à luz o conhecimento do homem natural, o qual sabe distinguir o que é próprio de sua natureza e o que não é. Esse homem é aquele que está em posição de convergência e postura harmoniosa com a natureza, daí a liberdade natural, a vida feliz, ou seja, a presença numa terra sem males vai precisar ser preservada, cuidada. Na sua originalidade a essência desse homem é boa, mas esse homem precisa socializar-se, logo a desigualdade dá sinal de existência no mesmo instante em que dificuldades físicas e comportamentais se fazem presentes:

“Mas logo surgiram dificuldades e impôs-se aprender a vencê-las; a altura das árvores, que o impedia de alcançar os frutos, a concorrência dos animais que procuravam nutrir-se deles, a ferocidade daqueles que lhe ameaçavam a própria vida, tudo o obrigou a entregar-se aos exercícios do corpo; foi preciso tornar-se ágil, rápido na carreira, vigoroso no combate. As armas naturais, que são os galhos de árvore e as pedras, logo se encontraram em sua mão. Aprendeu a dominar os obstáculos da natureza, a combater, quando necessário, os outros animais, a disputar sua subsistência com os próprios homens ou a compensar-se daquilo que era preciso ceder ao mais forte”³⁵².

³⁵⁰ Conforme Dent, Rousseau “concebe o caráter do homem como naturalmente inato e criativo; retrata a relação primitiva e inquebrantável do homem com a natureza; baseia o saudável desenvolvimento educacional no respeito pela natureza...” (Cfr. Dent, *Dicionário Rousseau*, Jorge Zahar Editó, Rio de Janeiro, 1996, p. 172).

³⁵¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997, p. 48. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondemens de l’inégalité parmi les hommes”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p.127.

³⁵² *Ibidem.*, 1997a, p. 88. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondemens de l’inégalité parmi les hommes”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 167.

Foi determinante o primeiro olhar sobre si mesmo, o primeiro vislumbre de autoconsciência, o primeiro mote de orgulho e sentimento de superioridade, um constante aperfeiçoar-se³⁵³ para criar resistência frente às intempéries e às lutas pela sobrevivência, seja lutando contra animais, seja diante dos desafios frente a outros homens, para que o sentimento denominado de amour-de-soi cedesse seu posto ao amour-propre. Sobre o primeiro escreve:

“A fonte de nossas paixões, a origem e o princípio de todas as outras, a única que nasce com o homem e nunca o abandona enquanto ele vive é o amor de si; paixão primitiva, inata, anterior a todas as outras e de que todas as outras não passam, em certo sentido, de modificações. Neste sentido, todas, se quisermos, são naturais”³⁵⁴.

Já quanto ao segundo afirma:

“O amor próprio não passa de um sentimento relativo, fictício e nascido na sociedade, que leva cada indivíduo a fazer mais caso de si mesmo do que qualquer outro, que inspira aos homens todos os males que mutuamente se causam e que constitui a verdadeira fonte da honra”³⁵⁵.

Por essa razão alerta Rousseau:

“Não se deve confundir o amor próprio com o amor de si mesmo; são duas paixões bastante diferentes tanto pela sua natureza quanto pelos seus efeitos. O amor de si mesmo é um sentimento natural que leva todo o animal a velar pela própria conservação e que, no homem dirigido pela razão e modificado pela piedade, produza humanidade e a virtude”³⁵⁶.

³⁵³ No Discurso Sobre a Origem da Desigualdade, Rousseau fala da diferença entre o homem e o animal. Mesmo com a característica primitiva o homem possui duas faculdades muito específicas que faz a distinção definitiva deste: uma delas é o livre-arbítrio, a outra é a faculdade do aperfeiçoamento pessoal, a que ele chama de perfectibilidade. No Segundo Discurso, Rousseau considera a nossa posse dessa capacidade, a qual é exclusiva dos seres humanos, como uma benção e uma maldição. Por um lado, devemos-lhe a nossa capacidade para a agricultura, a construção, a ciência, as letras e as manufaturas – até a nossa própria sociedade – e sem ela, exceto nas mais propícias circunstâncias, a vida humana dificilmente seria sustentável. Mas, por outro lado, é essa mesma capacidade que “o tira dessa condição original na qual passaria dias tranquilos e inocentes” (...), porque o homem pode mudar-se e mudar o seu meio, ele é capaz de erigir e sustentar condições sociais que são nocivas para si mesmo, ao passo que, se estivesse limitado por possibilidades finitas intrínsecas da espécie, isso não lhe teria sido possível. Portanto, a nossa perfectibilidade é a fonte tanto das nossas virtudes quanto de nossos vícios. (Cfr. DENT, N.J.H, *Dicionário de Rousseau*. Tradução Álvaro Cabral, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1996, pp. 181-182.

³⁵⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 288. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 491.

³⁵⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural 1997a, São Paulo, p. 147. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discours sur l’origine et les fondemens de l’inégalité parmi les hommes*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 246.

³⁵⁶ Ibidem., pp. 146-147. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discours sur l’origine et les fondemens de l’inégalité parmi les hommes*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 246.

Com o reconhecimento da própria maneira de pensar e sentir e com a aplicação da perfectibilidade à consciência de si e ao interesse pessoal, o homem desenvolve uma rede de hipocrisia e de autoengano que vai ser considerada como um processo de degeneração. Assim, a degeneração do homem se dá na história e é totalmente da responsabilidade da sociedade.

Na origem, no estado natural o homem é dotado de determinados princípios como a liberdade, autonomia, inocência, sentimento, etc. Porém, não se pode falar de uma igualdade absoluta, mas de uma igualdade que é acompanhada por determinada desigualdade. Ao iniciar o *Segundo Discurso* Rousseau fala que esta desigualdade é de dois tipos:

“Concebo, na espécie humana, dois tipos de desigualdade: uma que chamo de natural ou física, por ser estabelecida pela natureza e que consiste na diferença das idades, da saúde, das forças do corpo e das qualidades do espírito e da alma; a outra, que se pode chamar de desigualdade moral ou política, porque depende de uma espécie de convenção e que é estabelecida ou, pelo menos, autorizada pelo consentimento dos homens”³⁵⁷.

A primeira é uma forma de desigualdade que não é fruto do desenvolvimento social, histórico ou da escolha que envolve o sentimento dos indivíduos. Portanto não é fruto de uma convenção. É sim resultado de um conjunto de determinações, que podem ser definidas como sendo psicofísicas. Dizem respeito às peculiaridades dos indivíduos, à sua individualidade biológica e a elementos fundamentais da personalidade de cada um. O conjunto destas características distintivas tem ao mesmo tempo a função de registrar os limites da espécie humana.

A segunda é, visivelmente, uma forma de contrapor a desigualdade natural: a desigualdade moral. Entre a desigualdade natural e a desigualdade moral ou política há uma tensão, as características peculiares desta é afronta às características daquela. A desigualdade moral: “consiste nos vários privilégios de que gozam alguns em prejuízo de outros, como o serem mais ricos, mais poderosos e homenageados do que estes, ou ainda por fazerem-se obedecer por eles”³⁵⁸. Nitidamente, as vantagens se dirigem para um grupo e as relações entre os indivíduos não são constituídas de verdadeira reciprocidade.

³⁵⁷ Ib., p. 51. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondemens de l’inégalité parmi les hommes”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 131.

³⁵⁸ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondemens de l’inégalité parmi les hommes”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 131.

Ao apresentar o tema da desigualdade natural reflete-se sobre o argumento que trilha um caminho que é denominado como físico ou descritivo; nele está implícita a ideia de natureza conexa ao dado biológico e as características psicofísicas que distinguem os indivíduos de uma mesma espécie. Ao expor o tema da desigualdade moral ou política argumenta-se a partir de um patamar normativo e refere-se à dimensão axiológica do homem, aos valores, à dignidade, aos direitos naturais dos seres humanos.

Para o conceito de desigualdade que toma boa parte do discurso de Rousseau, a desigualdade moral é elemento central, não por acaso é também chamada de política. É este o tema que nos introduz ao coração do *Segundo Discurso* bem como o fundamento das obras da maturidade quando aborda o tema pedagógico-político. Por que isto acontece? Por que Rousseau muito se preocupa com a consciência e após dela aquilo que devemos fazer, como devemos agir:

“Se vemos numa rua ou numa estrada algum ato de violência e de injustiça, imediatamente um movimento de cólera e de indignação eleva-se do fundo do coração e leva-nos a tomar a defesa do oprimido; um dever poderoso nos retém, no entanto, e as leis tiram-nos o direito de proteger a inocência”³⁵⁹.

É com a constituição do primeiro esboço de sociedade civil que se desfaz aquele equilíbrio pacífico da condição primitiva: “Essa foi a condição do homem nascente; essa foi a vida de um animal limitado inicialmente as sensações puras que, tão-só se aproveitando dos dons que a natureza lhe oferecia, longe estava de pensar em arrancar-lhes alguma coisa”³⁶⁰.

Os desafios sociais põem à prova, a todo instante, os valores do homem natural; para enfrentar a situação de desigualdade social, competição visando à riqueza, poder e prestígio e ao mesmo tempo suplantá-los era preciso um projeto de educação que mirasse a criação de um ambiente social onde as potencialidades humanas pudessem ser afloradas sem sofrer a influência dos modelos sociais vigentes. Na medida em que este homem é conduzido por um modelo de educação voltado para o êxito do

³⁵⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 407. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, pp. 596-597.

³⁶⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997a, p. 88. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discours sur l’origine et les fondemens de l’inégalité parmi les hommes*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 167.

desenvolvimento individual, para a autonomia do sujeito, é possível pensar em uma sociedade autêntica para o homem, verdadeiramente, autêntica consigo mesmo.

Esta autenticidade individual se vê constantemente ameaçada por uma onda externa proveniente de um fator indesejável que é a ordenação social competitiva por um lado e por outro, por uma dimensão interna oriunda de uma vontade moral que, mesmo sendo autônoma, desconhece, transgrede e negligencia a normatividade que emana da própria identidade. No que se refere à primeira, a educação pode ser este momento capaz de proteger os indivíduos, ou ao menos, de prepará-los para se opor a todo tipo de influência corruptora. Já no segundo momento torna-se crucial à identidade da pessoa com sua própria autoconsciência e a coragem para seguir suas próprias intuições.

Ao atingir a própria autoconsciência, digamos um ser autêntico, autor reflexivo, é possível realizar-se na vida social, ter uma independência de pensamento e muito contribuir para o bem. Mas, além da confiança nas possibilidades da humanidade realizar-se na sociedade, sabe-se que o ponto de partida é o cultivo de uma boa moral, da consciência social e da transparência para com os envolvidos em dada sociedade. Esse tema é um núcleo da reflexão de Rousseau e assim sublinha *Starobinski*:

“No apelo apaixonado que Rousseau dirige a seus contemporâneos, pode não haver nada mais que um convite a cultivar a moral da boa vontade e da boa consciência, e aí pode-se ler também um convite a transformar a sociedade pela ação política efetiva. Essa ambiguidade é embaraçosa. Mas de uma maneira não ambígua, Rousseau em primeiro lugar nos convoca a querer o retorno da transparência, para nós e em nossas vidas. Não há como equivocar-se sobre esse desejo, tão poderoso quanto simples”³⁶¹.

O homem social tende a ser transparente quando bem educado. O que isto significa? O amortecimento daquela conduta humana que privilegia as artimanhas, a trapaça, o iludir o homem. A identificação com a origem é igualar-se àquele homem que não buscava senão suas próprias necessidades sem precisar denegrir a imagem do homem, destruí-lo. Este desejo deve pertencer ao homem de cada sociedade e ao mesmo tempo orientar o seu olhar para si próprio.

O homem, porém pode ter somente a experiência mediada pela origem, como de um lugar e um tempo passado que poderia se tornar a esperança para o futuro quando ele faz uso da faculdade de se governar por si mesmo, quando se predispõe a olhar o

³⁶¹ Cf. Starobinski, Jean, “*Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o Obstáculo*”, trad. Maria Lúcia Machado, Companhia das Letras, São Paulo, 1991, p. 25.

outro como sujeito. Enfim, o desejo de transparência passa a se concretizar quando a humanidade escolhe o próprio caminho à luz de uma liberdade que possibilite tirar os véus que obscurecem o seu olhar rumo à interligação ou numa linguagem mais atual, a interação de todos.

A situação da sociedade que Rousseau analisa é dominada pela intelectualidade, pelo conjunto de ações perigosas que afastam o homem da sua realidade natural e o torna cada vez mais irreconhecível para si mesmo. Os véus, que o progresso e a cultura humana produzem, tornam impossível um olhar transparente que possa ver com clareza e sentir a verdadeira essência natural. A degeneração social, de fato, torna difícil estabelecer com exatidão a diferença entre aquilo que é originário e o que é artificial no homem. Há um verdadeiro mascaramento da essência original que é provocada também pela real contribuição do homem com o seu próprio agir desvirtuado:

“Outros poderão, desembaraçadamente, ir mais longe na mesma direção, sem que para ninguém seja fácil chegar ao término pois não constitui empreendimento trivial separar o que há de original e de artificial na natureza atual do homem, e conhecer com exatidão um estado que não mais existe, que talvez nunca tenha existido, que provavelmente jamais existirá, e sobre o qual se tem, contudo, a necessidade de alcançar noções exatas para bem julgar de nosso estado presente. Aquele que pretende determinar exatamente as precauções a serem tomadas para fazer sobre esse assunto observações sólidas, tornar-se-á mesmo necessário mais filosofia do que se pensa”³⁶².

Se por um lado, partindo da sociedade histórica e no modo como esta pensa a si mesma com todos os problemas sociais faz com que o discurso se torne político, por outro, a peça oratória escrita se faz pedagógica porque oferece, além dos problemas da origem e da constituição do homem, o caminho não somente para fundar a sociedade, mas também, para governá-la. Para isto o homem precisa ter na sua constituição originária a marca da bondade natural, a sua essência verdadeira.

A ideia de natureza e do homem natural, sem dúvida, mal interpretada por todos aqueles que examinaram os fundamentos da sociedade: “Enfim, todos, falando incessantemente de necessidade, avidez, opressão, desejo e orgulho, transportaram para o estado de natureza ideias que tinham adquirido em sociedade; falavam do homem

³⁶² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997a, p. 44. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondemens de l’inégalité parmi les hommes”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p.123.

selvagem e descreviam o homem civil”³⁶³, impediu a tomada de conhecimento sobre a origem do homem por instrumentos meramente racionais. O processo histórico tem assim, radicalmente, alterado essa constituição original de bondade, é sobre esta alteração que Rousseau tem procurado demonstrar e alertar para os perigos.

A história corrupta anunciada no *Segundo Discurso*, onde é utilizada a metáfora platônica da estátua de Glauco se percebe que a ideia do homem puro, corroída pelo tempo e pela história, sepultada entre os detritos no fundo do mar, representa o tema central sobre o homem atual:

“Como a estátua de Glauco, que o tempo, o mar e as intempéries tinham desfigurado de tal modo que se assemelhava mais a um animal feroz do que a um deus, a alma humana, alterada no seio da sociedade por milhares de causas sempre renovadas, pela aquisição de uma multidão de conhecimentos e de erros, pelas mudanças que se dão na constituição dos corpos e pelo choque contínuo das paixões, por assim dizer mudou de aparência a ponto de tornar-se quase irreconhecível e, em lugar de um ser agindo sempre por princípios certos e invariáveis, em lugar dessa simplicidade celeste e majestosa com a qual seu autor a tinha marcado, não se encontra senão o contraste disforme entre paixão que crê raciocinar e o entendimento delirante”³⁶⁴.

A este ponto, de que tipo de homem Rousseau quer falar? Do homem real, do homem que foi totalmente desfigurado, degradado. Se o tempo foi capaz de deformar a estátua de Glauco, decompondo-a em sua beleza plena, a ponto de torná-la irreconhecível, o mesmo se pode dizer do homem quando reside, frequenta o meio social.

A metáfora pode ser utilizada no que concerne ao homem social, dentro da sociedade esse homem se tornou irreconhecível. É a essência verdadeira que foi modificada e daí se podem abstrair duas consequências: a primeira é que a transformação é irreversível; a segunda é que o homem jamais poderá ser o mesmo; a obra de arte uma vez desfeita jamais voltará a ser a mesma. Assim é o homem dessa sociedade, jamais poderá ser o mesmo, a sua essência foi perdida para sempre, não tem volta.

Ele é um homem desfigurado. A partir de um contexto social, a ênfase neste mito, faz com que o genebrino ponha de frente a interrogação sobre a real existência de

³⁶³ Ibidem, p. 52. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondemens de l’inégalité parmi les hommes”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 132.

³⁶⁴ Ib., p. 43. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondemens de l’inégalité parmi les hommes”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 122.

um estado de natureza e, sobretudo, que coloque a possibilidade da humanidade voltar à situação originária perdida. A reflexão mais intimista sobre esta temática é aquela que leva a pensar a infância como o lugar em que o indivíduo é mais próximo à sua essência pura. Rousseau é consciente dos limites da própria reconstrução da natureza humana porque ele mesmo pertence à contemporaneidade e vive na época do triunfo da razão.

O leitor rousseauiano percebe o paradoxo que é inserido nos textos enquanto, inevitavelmente, deve usar a razão “inicie alguns raciocínios, arrisquei algumas conjecturas, antes com intenção de esclarecer e de reduzir a questão ao seu verdadeiro estado do que na esperança de resolvê-la”³⁶⁵ para colher os princípios naturais que são anteriores à própria razão. Na situação atual, desde já, comprometida e distante da origem, sustenta Rousseau, é então necessário utilizar a razão, que é responsável pela degeneração humana, para iniciar o percurso que procura encontrar a natureza do homem e os princípios interiores sobre o qual se baseia a construção da sociedade:

“Deixando de lado, pois, todos os livros científicos, que só nos ensinam a ver os homens como eles se fizeram, e meditando sobre as primeiras e mais simples operações da alma humana, creio nela perceber dois princípios anteriores à razão, um dos quais interessa profundamente ao nosso bem-estar e à nossa conservação, e outro nos inspira uma repugnância natural por ver perecer ou sofrer qualquer ser sensível e principalmente nossos semelhantes”³⁶⁶.

O princípio da conservação e a piedade³⁶⁷ frente aos nossos semelhantes constituem, segundo a reconstrução genealógica de Rousseau, a estrutura da natureza humana e a base da formação das ligações sociais. A análise que permite ao genebrino identificar estes dois princípios tem a sua origem depois da contemporaneidade e utiliza a racionalidade como instrumento de desqualificação destes princípios.

³⁶⁵ Ib., p. 44. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondemens de l’inégalité parmi les hommes”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 123.

³⁶⁶ Ib., p. 47. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondemens de l’inégalité parmi les hommes”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 126.

³⁶⁷ Segundo Rousseau, numa resposta compassiva a pessoa “identifica-se” com a que sofre e é objeto de preocupação. O seu uso desse termo levou alguns críticos a dizerem que o sentimento de piedade anula a distinção entre pessoas e, assim, não estabelece qualquer relacionamento real entre indivíduos distintos – o que Rousseau pretende, pelo contrário, que seja o caso. Isso é um equívoco. O que ele quer dizer é que, movida pela piedade, uma pessoa ajuda o sofredor com a mesma espontaneidade e prontidão com que busca aliviar-se de sua própria dor. A disposição para presar ajuda imediata não tem a mediação de pensamentos de reciprocidade ou recompensa. Somente nesse sentido, uma pessoa assume o sofrimento de outrem como se fosse o seu próprio; não existe perda da percepção de que a pessoa está separada do outro eu. De fato, Rousseau diz que uma razão por que ajudar uma pessoa que está sofrendo não é sentida, com frequência, como uma imposição reside no fato de que sua relativa fraqueza nos proporciona um agudo senso de nosso próprio vigor e bem-estar, que sentimos prazer em expressar. Isso dificilmente teria o menor sentido se ocorresse qualquer amálgama autêntico do eu e do outro. Cfr. Dent, N.J.H., *Dicionário Rousseau*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1996, p. 67.

Ainda é possível encontrar um homem piedoso em uma sociedade corrompida? A degeneração da espécie humana chegou a um ponto tão lastimável que se tornou praticamente impossível encontrar homens piedosos, virtuosos. Pergunta: o que é ser virtuoso: “É aquele que é capaz de vencer suas afeições, pois então ele segue a razão, a consciência; faz seu dever, mantém-se na ordem e nada pode afastar dela”³⁶⁸. E, com referência à política, é difícil se deparar com verdadeiros “citoyens”, ou seja, cidadãos que participam diretamente da vida pública sem o propósito de usufruir do Estado visando os seus próprios interesses:

“(…) E sinto ainda gemer meu coração patriota. Consultai aqueles que uma honesta mediocridade garante contra as seduções da ambição e da miséria; aqueles que são versados nos negócios públicos por uma longa experiência; aqueles que, sem ambição no Estado, não querem dele outra coisa senão o lugar de cidadãos; enfim, aqueles que, não tendo jamais tido como objetivo em sua conduta senão o bem da pátria e a manutenção das leis, merecem por suas virtudes a estima do público e a confiança dos seus iguais. (...) estareis perdidos sem recurso, se permanecerdes divididos. E porque ficarás divididos, quando interesses comuns tão grandes vos unem?”³⁶⁹

Ao tornar o homem natural³⁷⁰ num paradigma, o filósofo utiliza um procedimento, um caminho formativo e se observa que o *Emílio* é, dentre os escritos, aquele que, sob a forma de narração em primeira pessoa, apresenta o traçado pedagógico de modo bastante visível e único. Sendo assim, torna-se oportuno se perguntar sobre a razão profunda de semelhante escolha estilística. Uma das respostas pode ser encontrada no próprio perfil do homem natural, ou seja, sua essência é revelada nos gestos de simplicidade, pureza, autonomia e liberdade.

2.2. Lei natural

O sentido que a expressão natureza denota nos textos rousseauianos pode ser indicado de modo singelo ou de fácil compreensão nas seguintes formulações: formas básicas de desenvolvimento humano ou de um prosperar na busca de elementos básicos

³⁶⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 656. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 818.

³⁶⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Cartas Escritas da Montanha*”, trad. e Notas de Maria Constança Peres Pissarra, EDUC, UNESP, São Paulo, 2006, p. 448-449. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Lettres Écrites de la Montagne*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1964, pp. 896-897.

³⁷⁰ De acordo com Dent: “A natureza” é um dos temas de maior difusão e assiduidade na obra de Rousseau. O homem é “naturalmente” bom; o “estado de natureza” é benigno e tranquilo; uma educação “natural” é criativa e construtiva; a imersão na “natureza” é saudável e revigorante...” cfr. Dent, “*Dicionário de Rousseau*”, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1996, p. 172.

de sobrevivência, habitual em todo ser humano individualmente ou na formação dos primeiros grupos; prática de atos simples e bem distantes de procedimentos metodológicos bastante racionais na busca do sobreviver, sobretudo, utilização de modos de agir que são moralmente certos ou moralmente errados; por fim, a não utilização de um complexo de padrões comportamentais que regem as diversas classes sociais e a própria liberdade.

Rousseau, ao utilizar o conceito de natureza como um valor universal que carrega consigo a concepção mais antiga e venerável que os gregos atribuíam à ideia de *physis* interpreta a natureza como um princípio de vida e de movimento de todas as coisas existentes, a qual cuida bem dos seres em que se manifesta. Portanto, assim como os gregos concebiam a *physis* como a Mãe universal, geradora de tudo e de todos, Rousseau, semelhantemente, concebe a natureza quando se refugia nela, em solidão, para escapar dos infortúnios suscitados pelo âmbito social, e achar a felicidade possível.

Tratando-se da lei que rege a natureza, lei natural, sabe-se que o estudo sobre o tema é proveniente do pensamento greco-romano, potencializado pelo influxo do pensamento medieval, floresce e se desenvolve na filosofia e se faz presente na Idade Moderna em diversos contextos, sobretudo, a partir do século XVI com o problema do jus naturalismo, exposto, inicialmente no século XVII por *Hugo Grócio*³⁷¹ com a tese da secularização da lei natural e no século XVIII, notavelmente, por *Jean Jacques Rousseau*, em seu livro *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens* (1753).

Dentro do pensamento jus naturalista se desenvolveram duas correntes que tinham significados diferentes sobre alguns termos, concordando, apenas na afirmação que o direito natural³⁷² é um produto da natureza considerada na sua racionalidade, na sua historicidade e na sua fatualidade. Para o filósofo Jacques Maritain: “a natureza significa a ordem subsistente da necessidade essencial. A natureza se torna um absoluto,

³⁷¹ Hugo Grócio. Humanista e jurisconsulto, autor de *De Jure Belli et Pacis* (1625). Na defesa do direito natural bradou a célebre frase: Direito Natural existiria mesmo que Deus não existisse, ou que Deus não cuidasse das coisas humanas.

³⁷² No início da Idade Moderna, em pleno alvorecer do Estado, as ideias políticas, filosóficas e jurídicas prevaleciam no ambiente intelectual e o estudo da lei natural ora vinculada a Deus, ora ligada ao homem e não de origem divina era discutida entre os medievais e os modernos, dentre estes se destacavam: Bodin (1530-1596), em sua obra *De La République*; Hugo Grócio (1583-1645), holandês que alcançou projeção com o estudo sobre o Direito das Gentes, cognominado pai do *Direito Natural*; Thomas Hobbes (1588-1679), negava ao homem a condição de animal social e na sua obra *Leviatã*, partiu da crença no chamado *status naturae* onde o homem vivia em constante medo diante das ameaças de guerra; John Locke (1632-1704), intelectual da Escola Clássica do Direito Natural, sustentou a tese do estado de natureza e do contrato social; Pufendorf (1632-1694), alemão, estreou a cátedra de Direito Natural na Universidade de Heidelberg levando adiante a tese de que a fonte do *iuris naturae* se localizava na razão. Para um maior aprofundamento sobre o estado natural e as leis naturais remeto ao tratado de John Finnis, *Natural law and natural rights*, traduzido para o português por Leila Mendes, com o título: *Lei Natural e Direitos Naturais*, Editora Unisinos, 2007.

algo infalível. Ela tem força de lei por si mesma não mais em virtude da razão divina e da lei eterna”³⁷³.

Da visão racionalista da natureza apresentada por Maritain deriva um conceito de lei natural que por um lado se identifica com o que mais tarde será evidenciado como lei positiva e, de outro, comprova que o conjunto destas leis vai desembocar na formatação do direito natural. Ainda referindo-se a estes dois aspectos, salienta Maritain:

“Se concebe a lei natural como uma lei escrita no coração, como dom que a natureza oferta a cada homem; ela passa a existir a partir do nascimento de cada homem; tem tudo de semelhante com a lei natural; a lei natural é também um direito natural no sentido formal do termo direito”³⁷⁴.

A lei natural para o pensamento jus naturalista, de vertente racionalista, se apresenta com notas de universalidade e de necessidade, nesta ótica se compreende a referência feita por Maritain a Condorcet, segundo o qual “uma boa lei é boa para todos, como uma proposição verdadeira é verdadeira para todos”³⁷⁵.

Contudo, para Rousseau o princípio fundamental da lei natural é fazer com que o indivíduo possa obedecer, senão a si mesmo, pelo menos a vivência da liberdade tendo como princípio a obediência ao seu próprio eu. A visão natural é bem mais abrangente do que aquela apregoada pelos formadores da época moderna, ou seja, não mais a liberdade total é dada por Deus, mas é uma liberdade proveniente do querer, da vontade pura do próprio homem. A autonomia do querer é a lei que exprime a liberdade.

Para nos ajudar a chegar àquilo que o filósofo genebrino propõe sobre a questão da lei natural é importante considerar algumas interpretações do comentador Robert Derathé. Este apresenta a separação entre as leis oriundas da própria natureza, aqui denominada de lei natural, e aquela elaborada pelos homens, aqui denominada de lei positiva, a qual tem a função legislativa num determinado estado. Diz o comentador sobre a lei natural: “No estado de natureza, as regras do direito natural têm seu fundamento nos ‘princípios anteriores à razão’ sendo somente no seio do estado civil

³⁷³ Maritain, Jacques, “*Nove Lezioni Sulla Legge Naturale*”, trad. e nota de Francesco Viola. Editoriale Jaca Book SpA, Milano, 1985, pp. 47-49.

³⁷⁴ Ibidem, p. 49.

³⁷⁵ Ib., p. 98.

que elas se tornam as máximas da reta razão”³⁷⁶; e, sobre a lei positiva, aquela governada pela razão e interesse dos homens, continua analisando:

“No estado de natureza não pode haver sociedade geral do gênero humano, pois ninguém está seguro de que será recompensado ao praticar as máximas da justiça ou da reta razão. Somente a lei civil, que dá uma sanção às máximas do direito natural, pode dar aos homens essa garantia de reciprocidade sem a qual eles jamais decidirão praticar a justiça”³⁷⁷.

Como consequência se pode deduzir que assim como a dependência do homem natural era imediatamente vinculada à natureza, também neste caso, se pode falar de um direito natural onde todos aqueles animais dotados de uma sensibilidade participam, o qual está fundado nos impulsos primitivos, a saber: instinto de conservação e piedade natural:

“Certo, pois a piedade representa um sentimento natural que, moderando em cada indivíduo a ação do amor de si mesmo, concorre para a conservação mútua de toda a espécie. Ela nos faz sem reflexão, socorrer aqueles que vemos sofrer; ela no estado de natureza, ocupa o lugar das leis, dos costumes e da virtude, com a vantagem de ninguém sentir-se tentado a desobedecer à sua doce voz”³⁷⁸.

Para *Sahd* existem duas espécies de direito natural³⁷⁹. As leis positivas nascem do acordo de homens que compõem os quadros administrativos de um determinado estado, de uma dada sociedade visando, sempre, a pacificação social, o livre exercício da justiça e a felicidade dos homens. Assim diz Rousseau no *Discurso sobre a Economia Política*:

“Que arte inconcebível é essa por meio da qual se pode subjugar os homens para torna-los livres. (...) Como se pode, ao mesmo tempo, fazer que obedeçam e que ninguém os comande, que sirvam e que não tenham senhor, sendo de fato mais livres sob uma aparente

³⁷⁶ Cfr. Derathé, Robert, “*Rousseau e a ciência política de seu tempo*”, trad. Natália Maruyama, Discurso Editorial/Barcarolla, São Paulo, 2009, p. 250.

³⁷⁷ Ibidem, p. 252.

³⁷⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997a, pp. 78-79. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les Hommes*”, Première partie, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 156.

³⁷⁹ O direito natural propriamente falando e conforme as qualidades sensíveis dos seres em geral (*secundum motus sensualitatis*), por um lado, e o direito natural raciocinado (*secundum motus rationes*) estabelecido unicamente após a instituição das sociedades, por outro (...) ele precede em nós qualquer reflexão. No segundo caso, porém, a lei natural ou “lei da razão” não pode ser anterior às leis civis mesmo que elas lhes seja superior. Cfr. Sahd, L. F. N. A. E. S. “*Rousseau e os limites da lei natural*”, Cadernos de Ética e Filosofia Política (USP), v. 21, p. 119-128, 2013.

sujeição onde ninguém perde parte da sua liberdade, a não ser naquilo que pode prejudicar a do outro? A lei é a única responsável por esses prodígios”³⁸⁰.

De fato, as leis sociais devem estar voltadas para ir ao encontro dos traços naturais que foram perdidos com o processo de desnaturalização do homem, conforme Rousseau fica impossível, nesse processo, se afastar do processo educacional tanto para aqueles que fazem a lei como para aqueles que a ela vão se submeter; “Nascemos fracos, precisamos de força; nascemos carentes de tudo, precisamos de assistência, nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer, e de que precisamos adultos, é-nos dado pela educação”³⁸¹. A boa educação será aquela que não somente preservará os valores originários do estado natural do homem como aquela que retomará as disposições naturais: bondade, sensibilidade, curiosidade, inocência, enfim, aquilo que a vida social se encarregou de apagar da natureza.

2.3. A bondade natural

O *Segundo Discurso* é o texto antropológico por excelência. Nele, o autor apresenta a existência de um homem que tem como traço distintivo a liberdade e a bondade natural. O homem atual, aquele que se tem à vista possui uma natureza que foi modificada a partir do momento que passou a viver em sociedade. O primeiro é um homem natural oriundo do estado de natureza, às vezes citado como estado primitivo:

“Ora, nada é mais meigo do que o homem em seu estado primitivo, quando, colocado pela natureza igual distância da estupidez dos brutos e das luzes funestas do homem civil, e compelido tanto pelo instinto quanto pela razão a defender-se do mal que o ameaça, é impedido pela piedade natural de fazer mal a alguém sem ser a isso levado por alguma coisa ou mesmo depois de atingido por alguma coisa ou mesmo depois de atingido por algum mal”³⁸².

O segundo é um homem que, ao passar a viver em sociedade, desnaturaliza-se. A noção de estado de natureza apresentada pelo genebrino dá o suporte necessário para

³⁸⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discurso Sobre a Economia Política*”, trad. Maria Constança Peres Pissarra, Vozes, Petrópolis, 1995, p. 29. Cf. “Discours sur l’Économie Politique”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 248.

³⁸¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 09. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 247.

³⁸² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997a, p. 93. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les Hommes”, Première partie, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 170.

conhecer e avaliar a condição natural do homem a partir dele próprio. Ao tomar por base a noção de conhecer-se a si mesmo pode-se refletir sobre a essência do homem e como a natureza o formou:

“Considero ainda o assunto deste discurso uma das questões mais interessantes que a filosofia possa propor e, infelizmente para nós, uma das mais espinhosas a que possam responder os filósofos; pois como conhecer a fonte da desigualdade entre os homens, se não se começar a conhecer a eles mesmos?”³⁸³

Este é um ponto crucial no pensamento do autor: separar o que pertence à sua própria essência daquilo que foi acrescentado pelas circunstâncias sociais. Percebe-se que, conforme o discurso antropológico, o homem é por natureza estranho à sociedade, mas que não é observável senão como ser social. O paradoxo é apresentado e se encaminha a resolução partindo de um movimento que tem como ponto de partida o homem vivendo isolado e que consegue, solitariamente, satisfazer suas necessidades, pois, na natureza ele encontra todos os meios de sua segurança, sobrevivência e desenvolvimento.

Essa mesma noção de homem é apresentada por Rousseau no *Emílio*:

“O homem natural é tudo para si mesmo; é a unidade numérica, o inteiro absoluto, que só se relaciona consigo mesmo ou com seu semelhante. O homem civil é apenas uma unidade fracionária que se liga ao denominador, e cujo valor está em sua relação com o todo, que é o corpo social. As boas instituições sociais são as que melhor sabem desnaturar o homem, retirar-lhe sua existência absoluta para dar-lhe uma relativa, e transferir o eu para a unidade comum, de sorte que cada particular já não se julga como tal, e sim como uma parte da unidade, e só seja perceptível no todo”³⁸⁴.

Ora, o processo que desencadeia na vida social não é outra coisa senão um erro quase inexplicável e o homem, exposto ao risco social, reproduz; já o homem natural, diferente do homem social, realiza-se na vida simples, tem poucas necessidades exceto zelar pela sua própria existência. Se a vida em sociedade se apresenta como errônea é sinal de que ela sofre uma anomalia e a política, então, deve, antes de tudo se defrontar com a história de uma sociedade anômala.

³⁸³ Ibidem., p. 43. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les Hommes”, Première partie, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 122.

³⁸⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, pp. 12-13. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 249.

Entre a bondade original do homem e a sua degeneração em uma sociedade fora dos padrões normais de sobrevivência está à proposta rousseauiana de uma educação natural que visa à formação integral do homem, levando em consideração os elementos do estado de natureza, possibilitando a inspiração de uma série de elementos pedagógicos:

“Não chegou mesmo a surgir, no espírito da maioria dos nossos, a dúvida quanto a ter existido o estado de natureza, conquanto seja evidente, pela leitura dos livros sagrados, que, tendo o primeiro homem recebido imediatamente de Deus as luzes e os preceitos, não se encontravam nem mesmo ele nesse estado e que, acrescentando aos escritos de Moisés a fé que lhe deve todo filósofo cristão, é preciso negar que, mesmo antes do dilúvio, os homens jamais se tenham encontrado no estado puro de natureza, a menos que tenham tornado a cair nele por causa de qualquer acontecimento extraordinário – paradoxo bastante difícil de defender e completamente impossível de provar”³⁸⁵.

Ao caminhar na sociedade Rousseau tem saudade, tem uma nostalgia que o leva a olhar em uma determinada direção, endereçando os próprios esforços no sentido de readquirir aquilo que pensava ter perdido. A finitude do homem foi causada por uma natureza suscetível de perfeição ou de aperfeiçoamento e das suas ações não condizentes, a de maior relevo é a perfectibilidade, porém existe outra, a liberdade, sobre esta questão escreve Rousseau:

“Portanto, não é tanto o entendimento quando a sua qualidade de agente livre que confere ao homem sua distinção específica entre os animais. A natureza manda em todos os animais, e o bicho obedece. O homem sofre a mesma influência, mas considera-se livre para concordar ou resistir, e é sobretudo na consciência dessa liberdade que se mostra a espiritualidade de sua alma(...)”³⁸⁶.

E aquela que leva o espírito humano a desenvolvimento sucessivos seja na metalurgia, na arte, na agricultura, muitas vezes levando o homem não somente ao progresso, mas, sobretudo, a desigualdade. Esta é a segunda faculdade, a capacidade de aperfeiçoar-se:

“(…) haveria uma outra qualidade muito específica que os distinguiria e a respeito da qual não pode haver contestação - é a faculdade de aperfeiçoar-se, faculdade que, como o auxílio

³⁸⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997a, p.52. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les Hommes”, Première partie, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 143.

³⁸⁶ Ibidem., p. 64. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les Hommes”, Première partie, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 142.

das circunstâncias, desenvolve sucessivamente todas as outras e se encontra, entre nós, tanto na espécie quanto no indivíduo (...)³⁸⁷.

Dentro deste contexto, é possível para a humanidade, ao menos na dimensão teórica, reconquistar o caminho rumo à felicidade. Rousseau está convencido que a humanidade tem a possibilidade de combater a própria degradação. O problema que se põe é a modalidade através da qual os homens podem aproximar-se, reconstruir este passado na história e buscar a construção das vinculações sociais que permitem manifestar a bondade originária. A tese da hipotética condição inicial do homem *status naturalis*, que não é uma condição concreta e histórica, mas pressuposta por razões metodológicas, procede. Surge, então a possibilidade de pensar as diferenças e o grau de desigualdade que vivia a sociedade moderna e se esta situação era justificada pelo direito natural ou era fruto da conformidades e interesses de quem determinava a vida social.

Como consequência, tem-se a ideia de que natural é, de fato, somente aquilo que pode ser desenvolvido a partir da capacidade de cada indivíduo. Não por acaso o estado natural é aquele onde o homem está repleto de autossuficiência, onde ele é senhor de si, com necessidades limitadas, vida simples e solitária.

II – JEAN-JACQUES ROUSSEAU: O PEDAGOGO E O POLÍTICO

1. O modelo de formação: a contemplação e a felicidade da vida simples

Para quem apresentou brilhantes argumentos sobre a construção e organização da sociedade, expôs uma posição pedagógica muito além daquela que subsistia à sua época, se preocupou com a pessoa humana e seus valores, a desigualdade social, como entender comportamentos fugidios, individualista, de insatisfação com todos? Foram aludidos a Rousseau feitos nada condizentes com o que ele apresentou no campo educacional e político: (a) abandono dos filhos, (b) pensamento por vezes contraditório, (c) personalidade conflituosa, etc.

Ao tomar como referência os escritos de Rousseau no campo político-pedagógico, não se pode desconsiderar o contexto em que estas reflexões são geradas: as ideias são estruturadas e caracterizadas por fortes impregnações emocionais,

³⁸⁷ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les Hommes”, Première partie, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 142.

sentimentais e sociais. Por ser um homem delicado e cheio de complicações, não fez sólidas e duradouras amizades, tornou-se autoconfiante nas situações de conflito, sempre encontrou refúgio na vida simples, em meio da natureza e nos momentos em que experimentou o isolamento, bastava-se a si mesmo.

Ao afastar-se do convívio social adquiriu algumas virtudes essenciais ao modelo de formação do homem. Duas dessas virtudes se destacam: a primeira foi saber contemplar e imaginar a sociedade como espaço onde deveria proporcionar ao homem a maior felicidade possível e para isto, o próprio homem deveria tomar como referência a natureza, deveria saber ler o livro da natureza:

“Assim, fechei todos os livros. Deles, um só há que está aberto a todos os olhos: é o da natureza; É nesse grande e sublime livro que aprendo a servir e a adorar seu divino autor. Ninguém tem desculpas para não o ler, pois ele fala a todos os homens uma língua inteligível a todos os espíritos”³⁸⁸.

A segunda virtude foi expressa no projeto educacional onde expõe um modelo de formação pautado na vida simples e feliz. Nele, o elemento primordial é para que o homem, marcado por uma natureza que em determinado tempo foi modificada e perdida com o surgimento das relações sociais, possa recuperar a verdadeira autonomia ou se preparar para rechaçar os vícios provenientes do mundo externo de forma a poder contemplar em si próprio as boas virtudes. A propósito desta questão defende Martins:

“A nossa perspectiva é a de que Rousseau apresenta, é certo, a felicidade como desígnio da natureza humana, cuja busca é inteiramente irreprimível, mas sem defender que, para obtê-la, a escolha tenha obrigatoriamente de ser entre a consciência e o dever, por um lado, e o desejo e as paixões, por outro, vetores estes cuja conciliação é, não só possível, como imprescindível. A recriação do homem terá de ser feita, pois, em Rousseau, nestes termos. Mais, especificamente como? Quanto a nós, através da figura do solitário, a qual não se confunde não só com o homem natural, nem só com o civil. Rousseau recria o humano na figura do solitário. O que quer dizer, em última análise, que este homem é o próprio Rousseau, como espécie de universal concreto, e, que, conseqüentemente, a sua obra é ostensivamente autobiográfica”³⁸⁹.

³⁸⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 438. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, pp. 624-625.

³⁸⁹ Cfr. Martins, Custódia Alexandra Almeida, *A Pedagogia de Jean Jacques Rousseau: Praxis, Teoria e Fundamentos*, CIED, Braga, 2009, pp. 124-125.

O projeto pedagógico-político é vinculado à natureza e à relação com o outro. A proposta causou um enorme impacto na sociedade por buscar inspiração no sentimento mais tenro e mais afetuoso. Escreve Rousseau:

“Sempre reparei que os jovens corrompidos desde cedo e dados às mulheres e à farra eram inumanos e cruéis; o ardor do temperamento tornava-os impacientes, vingativos e furiosos; a imaginação, repleta de um só objeto, furtava-se a tudo o mais; não conheciam nem piedade, nem misericórdia; teriam sacrificado pai, mãe o universo pelo menor de seus prazeres. Ao contrário, um jovem educado numa feliz simplicidade é levado pelos primeiros movimentos da natureza na direção das paixões ternas e afetuosas; seu coração compassivo comove-se com o sofrimento de seus semelhantes”³⁹⁰.

Em várias áreas do conhecimento o filósofo apresentou suas digressões: na antropologia, na educação, na política, na arte musical, na botânica, etc. As obras escritas foram muitas e deram margem para alguns críticos manifestarem suas posições ora acusando-o de incapaz de dar uma sistematização ao seu pensar filosófico, ora apontando-o, simplesmente, como um literato³⁹¹. Mas, tal acusação parece mais um contraponto porque, na vasta obra publicada, Rousseau jamais deixou de caracterizar de forma organizada e sistemática as questões sobre o ser humano quer numa dimensão de liberdade, felicidade quer na preocupação que sempre manifestou com uma sociedade justa.

Enfim, as posições dos comentadores sobre a unicidade ou a sistematização, levam-nos à reflexão e tomada de postura frente ao trabalho do filósofo. A compreensão do intento pedagógico-político a partir da trajetória interior de uma alma esperançosa na felicidade e liberdade do homem faz conceber a educação e outros temas, entretanto, sempre dignos de interpretações. Em nosso entender existe uma sistematicidade no intento filosófico de Rousseau³⁹². As ideias filosóficas de Rousseau no aspecto político-educacional interligam-se, fundem-se. Isto acontece porque nos discursos aparecem argumentos sobre a natureza do homem e da sociedade, sobre sistemas políticos e sobre a concepção educativa, sobretudo a formação do ideal pedagógico que apresentava uma proposta que interessava a toda sociedade: a formação do homem em um ambiente

³⁹⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 300. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 502.

³⁹¹ Cfr. O’Hagan, Timothy, Rousseau, Routledge, London, 1999, p. XI. “... como um mero literato, um criador de sofismas, quem não queria – ou não podia – organizar o seu pensamento de maneira unificada e sistemática...”.

³⁹² Cfr. Martins, Custódia Alexandra Almeida, *A Pedagogia de Jean Jacques Rousseau: Praxis, Teoria e Fundamentos*, CIED, Braga, 2009, p. 124.

totalmente diferente daquele que era interconectado pelo sistema educacional católico e protestante que predominava em toda Europa.

No pensamento do filósofo genebrino o futuro cidadão deveria ser formado depois daquilo que ele considerava como maior valor, ou seja, dar importância devida à qualidade inata: a bondade natural. Ser um virtuoso feliz e que leve em consideração o fundamento da conduta humana, deveria praticar ações moralmente boas, isto sim, levaria à felicidade. A altivez do indivíduo que passava a viver no estado de natureza, totalmente livre e solitário, contagiava a sociedade e visava seu bem estar. Rousseau funda a legitimidade política sobre esta primordial liberdade que desabrochava na convivência com a natureza.

Ora, se a finalidade é mostrar o conteúdo do discurso pedagógico-político, entende-se muito bem que as proposições relacionadas com: o homem, a sociedade, sistemas políticos ou a pedagogia são fundamentais. Isto não quer dizer que outras asserções do pensamento rousseauiano não possibilitem esta compreensão. Quer dizer que refletir sobre o pensamento do genebrino anulando qualquer um destes problemas seria tirar de foco a teoria de um pensador moderno, mas que nem por isso deixou de exercer a crítica aos excessos daquela sociedade que revolucionou a ciência, a arte, a educação, a política, enfim, a humanidade.

2. O discurso pedagógico se faz político

Dentre os temas privilegiados no debate filosófico do século XVIII, não há como ocultar aqueles que foram intensamente apresentados, ventilados pelo pensador genebrino. Na antropologia expõe a vinculação do homem à natureza, aponta o caminho para a felicidade, a liberdade. Na política aduz, traz à nova condição para se alcançar o caminho áureo para a sociedade democrática através do *Contrato Social*. No trilhar pedagógico não é diferente: inova com a metodologia, fala da educação da criança numa perspectiva de respeito ao desenvolvimento infantil, a autenticidade, preza muito mais pela aprendizagem experimental que, propriamente, conteúdo teórico a ser ensinado na sala de aula.

Até à apresentação pública do *Emílio*, o modelo de referência na arte de educar era o ponto de vista Moderno. O modelo em que a criança continuava a ser um adulto em miniatura. No pensamento educacional de Rousseau a singularidade, a originalidade do educador está em apresentar a criança como um ser concreto e individual. Entre o ser

criança e ser homem é preciso atravessar um caminho onde se escreve a história; muitas vezes este traçado é feito com deslocamentos, outras direções, outros desvios³⁹³.

O Homem é um ser histórico que mira uma progressão, um impulso natural que tende à convivência sociável. Para alguns, esse trajeto é visto como um avanço e para outros um estágio menos avançado, como tal, vai deixando para trás as marcas de um tempo que o futuro não consegue apagar, distancia-se, profundamente, do seu estado primitivo³⁹⁴. Cada vez mais se tornando partícipe social, cada vez mais difícil de ser conhecido:

“O que há de mais cruel ainda é que, como todos os progressos da espécie humana afastam sem cessar de seu estado primitivo, quanto mais acumulamos novos conhecimentos, tanto mais nos privamos dos meios de adquirir o mais importante de todos, o qual consiste, num certo sentido, em que à força de estudar o homem é que nos tornamos incapazes de o conhecer”³⁹⁵.

O que, então, se pode tomar como referencial para o homem de todos os tempos quando se sabe que é na mudança, no progresso, no trilhar o caminho da sociedade que a originalidade vai se perdendo? O homem de sociedade se tornou artificial³⁹⁶.

A crítica desenvolvida por Rousseau à sociedade tinha a preocupação de apresentar valores do passado. Sempre desejou que o homem do século XVIII encontrasse nas condições pretéritas os ideais que acreditava e as qualidades do homem natural. O que torna desafiante e ao mesmo tempo estimulante nos estudos do genebrino são justamente os elementos construtivos encontrados na visão antropológica e na interpretação do estado natural. O caminho trilhado até às fontes primeiras, fizeram de Rousseau, o principiante na descoberta de uma nova concepção de vida social.

Nem os intelectuais modernos e muito menos os homens de ciência ousavam interpretar em seus textos acadêmicos a vida simples, a paixão e o sentimento; a

³⁹³ Cfr. Martins, Custódia Alexandra Almeida, *A Pedagogia de Jean Jacques Rousseau: Praxis, Teoria e Fundamentos*, CIED, Braga, 2009, p. 334. “O homem está em constante mudança. O progresso histórico é justamente resultado dessa mesma mudança, a qual se inscreve quer numa linha de tempo, quer numa linha de um determinado espaço. Daí resulta para o nosso autor, inevitavelmente a desfiguração da alma humana”

³⁹⁴ Cfr. Moreau, Joseph, ‘*Jean Jacques Rousseau*’, PUF, Paris, 1991, pp. 14-15, Sobre o distanciar-se do estágio primitivo exprime-se por escrito Moreau: “... car l’homme a subi au cours de l’histoire tant de transformations, il se presente à l’observation sous une telle variété d’aspects, qu’il est presque impossible de discerner sa nature primitive...”

³⁹⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997a, p. 43. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les Hommes”, Première partie, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 122.

³⁹⁶ Cfr. Moreau, Joseph, “*Jean Jacques Rousseau*”, PUF, Paris, 1991, p. 15. “Tout cela théorie de l’homme, chez Rousseau, repose sur cette opposition entre ce qui lui est naturel et ce qui lui est ajouté par l’avie sociale. Il se réfère sans cesse implicitement, à l’opposition établie chez les Grecs, pas les Sophistes, entre la nature et la loi, c’est-à-dire et qui est admis, l’opinion, les préjugés, les conventions; il est impossible, à son avis, de se faire une idée exacte de l’homme et de la société, si l’on ne commence par discerner, au-dessous de l’homme social et artificiel, l’homme de la nature ou l’homme naturel...”

racionalidade, o individualismo, valores da nova classe burguesa como o luxo, a riqueza, as conquistas, a separação de classes, etc., eram qualificados a toda prova. Quando vem à luz a nova visão de um estado original como um espaço onde reina a liberdade, a igualdade, onde os sentimentos são expressos, onde a preocupação era apenas com a sobrevivência surge, então, uma nova possibilidade para a reversão do quadro social de desigualdade.

O que Rousseau aponta como limite da sociedade moderna vai se tornando mais evidente: o enfraquecimento da virtude, o descaso com o sagrado, aparência, os vícios, a falta de limite da ciência. Enfim, as futilidades vão ganhando significado distinto, paralelamente, as críticas do genebrino vão se tornando mais ácidas. No *Discurso Sobre as Ciências e as Artes*³⁹⁷ isto fica evidente:

“Se a cultura das ciências é prejudicial às qualidades guerreiras, ainda o é mais às qualidades morais. Já desde os primeiros anos, uma educação insensata³⁹⁸ orna nosso espírito e corrompe nosso julgamento. Vejo em todos os lugares estabelecimentos imensos onde a alto preço se educa a juventude para aprender todas as coisas, exceto seus deveres. Vossos filhos ignoram a própria língua, mas falarão outras que em lugar algum se usam; saberão compor versos que dificilmente compreenderão; sem saber distinguir o erro da verdade, possuirão a arte de torna-los ambos irreconhecíveis aos outros, graças a argumentos especiosos; mas não saberão o que são as palavras magnanimidade, equidade, temperança, humanidade e coragem”³⁹⁹.

De forma mais contumaz, critica as posturas de quem escraviza e quem se deixa ser escravizada, a faculdade de examinar e julgar aquela sociedade, tendo como referência um homem livre e dotado de valores morais se estende às obras da maturidade, sobretudo, no *Contrato Social*. Veja-se:

“Afirmar que um homem se dá gratuitamente constitui uma afirmação absurda e inconcebível, tal ato é ilegítimo e nulo, tão-só porque aquele que o pratica não se encontra

³⁹⁷ Com o *Discurso Sobre as Ciências e as Artes* Jean-Jacques Rousseau alcançou o prêmio de primeiro colocado da Academia de Dijon, em 1750, sobre a seguinte questão, proposta pela mesma academia: O Restabelecimento das Ciências e das Artes Terá Contribuído para Aprimorar os Costumes?

³⁹⁸ Este é um dos primeiros textos em que Rousseau aborda o problema da educação. Já tivera ocasião de refletir sobre esse problema quando preceptor em casa do Sr. Mably, em Lião, onde compôs seu projeto para a Educação do Sr. De Saint-Marie (1740), retocado quando foi preceptor do filho mais novo da Sr^a Dupin. (N. de P.A.B.). Retirada do *Discurso Sobre as Ciências e as Artes*, página 209.

³⁹⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discurso sobre as Ciências e as Artes*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997b, p. 209. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur les sciences et les arts”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 24.

no completo domínio de seus sentidos. Afirmar a mesma coisa de todo um povo, é supor um povo de loucos: a loucura não cria direito”⁴⁰⁰ .

Ao frequentar a sociedade de modo mais intenso, Rousseau pode ver um homem corrompido, que perdeu sua sensibilidade tornando-se carregado de um preciosismo, fruto da racionalidade. O incômodo com esta visão da sociedade e com a convivência social o fez deparar com determinados conflitos: a desigualdade social, o excesso de racionalismo, a autossuficiência da elite intelectual, a utilização da arte como instrumento de alienação, a soberbia de líderes religiosos, etc.

O genebrino não teve outra alternativa senão voltar o seu pensamento para a compreensão de uma sociedade que propicie ao homem a possibilidade de uma vida feliz. O desejo de buscar uma solução para as desavenças sociais, sobretudo aquela desigualdade que é fruto de uma convenção: “se pode chamar desigualdade moral ou política, porque depende de uma espécie de convenção”⁴⁰¹ , aquela que adstrita o ser humano e o conduz à escravidão se tornou um desafio, precisava ser combatida pois esta é a que menos eleva o ser humano⁴⁰² . Rousseau tem uma verdadeira ojeriza à desigualdade social. Esta diferença está bem distante daquela inequação propiciada pela natureza original do ser humano. Por esta última desigualdade há o respeito do genebrino porque ela não reduz o ser humano a um estado de alienação e dependência dos outros, logo, deixando-o finito. Esta qualidade ou estado do que é desigual consiste: “na diferença das idades, da saúde, das forças do corpo, da qualidade do espírito e da alma”⁴⁰³ .

⁴⁰⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Do Contrato Social ou Princípios do Direito Político*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997c, p.62. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 333.

⁴⁰¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997a, p. 51. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les Hommes”, Première partie, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p.126.

⁴⁰² Cfr. Moreau, Joseph, “*Jean Jacques Rousseau*”, PUF, Paris, 1991, pp. 15-16. Afirma Moreau sobre a desigualdade que não convém ao homem: “En effet, l’homme de la nature est extrêmement difficile à saisir; nus ne le rencontrons pas autor de nous, dans la société où nous vivons; mais il ne se livre pas no plus à la obsrvation ethnographique: les peuples que l’on dit primitifs ou sauvages nous montrent l’homme déjà engagé dans l’avie sociale; et cet homme naturel ne se montre pas non plus dans l’histoire. L’histoire repose sur des documents écrits, qui supposent l’avie sociale; l’état de nature est antérieur à l’histoire, et il a pu ainsi se prolonger longtemps dans l’humanité sans laisser de traces; il est donc inaccessible à l’histoire, à tel point qu’on ne surait même assurer s’il a mamais existe...”

⁴⁰³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997a, p. 51. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les Hommes”, Première partie, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 126.

A limitação apresentada pelas condições sociais que provocou a desigualdade fez com que o discurso do genebrino fosse além. Pelo viés da educação ele denuncia esta situação e apresenta a liberdade e a autonomia como pontos que devem estar presentes no projeto educacional que busque o bem da sociedade e felicidade do homem. O homem se tornou o centro do discurso do genebrino “É do homem que devo falar e a questão que examino me diz que vou falar a homens, pois não se propõem questões semelhantes quando se tem medo de honrar a verdade”⁴⁰⁴. É no tratado sobre a formação do homem, o *Emílio*, que o seu ideário pedagógico foi apresentado. Mesmo sendo escrito em caráter hipotético, as teorias aí contidas contribuíram e porque não dizer, contribuí para a compreensão do homem histórico⁴⁰⁵, eis, portanto, o interesse em conhecê-lo.

No discurso sobre o homem, na fundamentação do contrato como possibilidade de uma sociedade harmonizada, justa e com as propostas apresentadas visando à formação do homem, não há como não perceber um discurso que envolve o pedagógico e o político. Estas ideias conjugadas podem ser entendidas como discurso pedagógico que se faz político. O caminho educacional apresentado por Rousseau é uma maneira de apontar os limites da sociedade moderna: os grilhões que deixam os homens escravizados; a falsa felicidade, a luxúria, a dominação religiosa, as máscaras que encobrem o verdadeiro homem.

A vitalidade do discurso pedagógico-político, conforme o *Emílio* indica, não está, apenas, na preparação ou formação do homem para convivência em uma sociedade marcada pela desigualdade social e moral, mas na capacidade de falar da natureza humana, da essência do homem e dizer que esta é profundamente boa e cultivá-la para que não se corrompa e não se deixe levar por tudo aquilo que venha denigrir sua imagem. Como já tivemos oportunidade de ver foi a partir desta tese que desenvolveu a crítica à educação moderna.

Os grilhões que escravizam o homem têm sua origem na sociedade. Era preciso, ao mesmo tempo, diagnosticá-los e apontar-lhes a direção das novas condições sociais que poderiam trazer contentamento, êxito, sucesso a todos. Pôr a confiança em uma efetiva possibilidade de transformação da sociedade sem a devida formação dos

⁴⁰⁴ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les Hommes”, Première partie, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 126.

⁴⁰⁵ Cfr. Bronislaw, Baczko, “*Rousseau Solitude et Communauté*”, Paris, La Haye-Mouton, 1974, p. 106. “Rousseau construit une philosophie de l’histoire sans s’occuper de l’étude historique. En d’autres termes, il est un philosophe de l’histoire sans être historien. Sa réflexion sur le sens de l’histoire prend le pas sur son intérêt pour le cours des événements historiques...”

partícipes não funcionaria. Mais uma vez a educação tem papel fundamental. A ênfase posta no desenvolvimento das ciências e das artes passa por uma educação de qualidade. Se assim não for a consequência será o aniquilamento dos valores básicos integrados à natureza humana: a autenticidade e a liberdade.

Enquanto toda a sociedade idolatrava o avanço técnico e prezava pela racionalidade, Rousseau clamava, num primeiro momento, pela valorização da natureza e situava o homem natural como paradigma do homem civil. A natureza não era vista como uma máquina e o envolvimento do homem com ela se dava pela dimensão do sentimento. Algumas primazias referentes à organização da sociedade e às suas leis postas pelo homem moderno deveriam seguir os princípios do homem natural e da natureza. Se proceder assim o homem concorre para a realização de uma sociedade onde o espírito participativo contribui para amenizar as desigualdades.

3. O pacto social: a vontade geral

Não resta dúvida que, para o genebrino, a transformação da sociedade passa pela alteração do sistema político, o pacto social é a grande referência; é lá que os cidadãos encontrarão o equilíbrio. Uma vez que o sistema político está corrompido, comprometido, é preciso modificá-lo. Novamente a educação vai ter um papel fundamental. Algumas primazias referentes a organização da sociedade e suas leis são apresentadas no *Contrato Social*, por exemplo, o direito de escolha exercido diretamente pelo povo em assembleia, óbvio que em condições de igualdade, isso faz concorrer para a realização de um espírito participativo da sociedade.

Dentre as prioridades, ao escrever o *Contrato Social* e publicá-lo, está à apresentação de um rumo para a sociedade, dar-lhe uma nova forma, emancipá-la daquela cultura que visa somente o luxo, riqueza e propriedade. O genebrino quer dar uma direção para amenizar os conflitos. Afirma: “Bastará pôr o pé num terreno comum para logo pretender ser o senhor? Bastará a força, capaz de afastar dele num momento os outros homens, para destituí-los do direito de novamente voltar a ele”⁴⁰⁶. Colisões e desavenças de tal natureza travam uma batalha sem trégua contra os que desejam uma sociedade justa; a ambição impede a convivência em pé de igualdade com pleno uso da liberdade.

⁴⁰⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Do Contrato Social ou Princípios do Direito Político*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997c, p.80. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Du contract social ou Principes du droit politique*”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 351.

Com esta nova visão Rousseau imagina a cidade descrita como uma comunidade harmônica, coletiva, dominada pelos interesses gerais e predominantemente virtuosa. Nela é possível conviver a partir de um acordo entre seus membros, sejam eles artesãos, agricultores, comerciantes, etc. Uma comunidade de homens livres e iguais, independentes e indiferentes ao luxo exacerbado; nela os homens valorosos pautam suas atitudes depois de uma pureza moral, de forte espírito civil e capaz de optar por algumas renúncias visando o bem de todos.

A existência de uma comunidade justa e igualitária é possível desde que haja a alienação total de cada um dos membros. Em outras palavras, o homem é pessoa e a sociedade é um corpo vivo; a saúde da sociedade depende de cada indivíduo, de cada cidadão. É preciso haver uma integração entre homem e sociedade. De fato, somente o indivíduo regenerado permitirá uma radical transformação da sociedade. Os cidadãos alienando todos os seus direitos à comunidade, visando à máxima autoridade daquele que a administra, possibilitará a liberdade. Os cidadãos se tornam livres não somente enquanto conquista um estado de absoluta igualdade tutelada pela lei, mas também enquanto participam ativamente da vida da comunidade, enquanto evita a extrema desigualdade social, é contrário ao acúmulo de riquezas, privilegia o bem público, veja-se o que a este respeito escreve Rousseau: “Só vale a pena comandar, quando aqueles que os obedecem podem nos honrar; respeitem, portanto, seus cidadãos para se tornarem respeitáveis; respeitem a liberdade, e seu poder aumentará todos os dias: não ultrapassem nunca seus direitos e brevemente eles serão ilimitados”⁴⁰⁷.

Rousseau compreende, com grande agudeza, que uma das matrizes da liberdade reside no fato de delegar o poder, mesmo sabendo que é o povo quem o detém. Só o povo é o legítimo titular do poder. O ideal político delineado se encarna em uma comunidade que tenha uma dimensão menor, não uma comunidade imensa, muito populosa, na qual o cidadão seja, ao mesmo tempo, governado e governante. Mas, um modelo político de tal natureza é possível realizar? Sim. É possível porque o homem não é só instinto, mero querer egoístico e cego, ele é também razão, consciência, reflexão. E como tal, sim, é possível a implementação de uma comunidade social e política justa, com cidadãos livres e autênticos.

407

Cfr. Rousseau, Jean-Jacques. “Discurso sobre a economia política”. Tradução de Maria Constança Peres Pissarra. Vozes, 1996, Petrópolis, p. 38. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’ économie politique”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 259.

Na sua forma de olhar a sociedade o homem livre e autônomo não somente poderá modificá-la, mas através das leis, das suas instituições, sobretudo pelo papel desempenhado pelo legislador, poderá ir mais além; para isto é preciso não voltar os olhos, apenas para si mesmo, numa visão subjetiva. É preciso ir ao encontro de valores mais amplos, participar das instâncias que o transcendem sem esquecer a própria identidade. Ir mais além quer dizer: estabelecer um espírito linear com a sociedade na qual está inserido, ter um espírito social participativo:

“Aquele que ousa empreender a instituição de um povo deve sentir-se com capacidade para, por assim dizer, mudar a natureza humana, transformar cada indivíduo, que por si mesmo é um todo perfeito e solitário, em parte de um todo maior, do qual de um certo modo esse indivíduo recebe sua vida e seu ser; alterar a constituição do homem para fortifica-la; substituir a existência física e independente, que todos nós recebemos da natureza, por uma existência parcial e moral”⁴⁰⁸.

Esta capacidade dá ao homem a possibilidade de escutar uma vontade que não é, simplesmente, a sua vontade individual, mas é aquela que Rousseau denomina de vontade geral. Esta é a voz da coletividade, um ato de exprimir-se que enraíza os interesses socialmente constituídos. Ao se concretizar, a enunciação do pensamento por meio de gestos e palavras escritas ou faladas se torna a expressão da nossa própria vontade, do nosso ser homem. Obedecendo à vontade geral, o homem obedece, portanto, a si mesmo, por consequência, a parte mais racional e moral de si; por isto, tal obediência põe no ser a sua liberdade digna deste nome.

Ao manifestar-se cidadão que acolhe e aceita as profundas exigências racionais da sociedade pode-se dizer que o homem torna-se totalmente homem. Em um molde de sociedade totalmente redesenhado só pode existir o homem novo, aquele apresentado no *Emílio*. A obra esboça um modelo de homem sem o qual aquilo que serve de exemplo de sociedade delineado no pensamento rousseauiano não poderia nem se quer ser pensado. Neste contexto social, a educação se configura como uma intervenção através da qual se pode plasmar uma humanidade capaz de viver, antes de conviver, segundo os ditames da justiça e da razão.

Antes que a instrução de uma criança e a preparação de um adulto, ou melhor, de um cidadão, seja vista, apenas como única saída para a sociedade, há a preocupação

⁴⁰⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Do Contrato Social ou Princípios do Direito Político*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997c, p. 110. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Du contract social ou Principes du droit politique*”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 381.

em apontar para a formação do homem que tenha liberdade para pensar, para agir, para ser, de forma que educar o homem em toda a sua plenitude, era a proposta. O princípio guia da educação de Rousseau é constituído de uma liberdade bem conduzida, não de uma liberdade caprichosa e desordenada. Com tal finalidade o itinerário e o ideal educativo são contrários a todas as formas de educação repressiva, deve ser gradual e respeitoso aos vários estágios de desenvolvimento.

Enfim, a reforma da sociedade não pode acontecer pela força; as pessoas não podem ser coagidas, manipuladas. Em se tratando de uma sociedade onde preze a justiça, o respeito ao direito de todos é preciso que suas leis expressem a participação e a adesão do maior número de habitantes, preferencialmente os votantes. Por isso, que não há, verdadeiramente, uma sociedade sem povo, nem, tão pouco, um povo com suas próprias características, sem uma identidade.

De modo irremediável a corrosão social abalou a todos, afetou o núcleo primitivo da natureza humana e tornou a recuperação da bondade original, dentro da sociedade, uma ilusão. Há algum lugar onde se possa viver de forma independente e livre dessa situação? Para o homem se tornar imune à instabilidade social que o afetou e para ser transcendente a este revés é preciso uma educação que lhe permita resguardar a tranquilidade da alma e preservar a sua identidade. Assim foi traçado o objetivo do processo educacional do educando imaginário. Com a educação torna-se menos penoso colocá-lo na convivência social. Veja-se o que a este respeito escreve Rousseau:

“O espírito destas regras consiste em conceder às crianças mais liberdade verdadeira e menos voluntariedade, em deixa-las com que façam mais por si mesmas e exijam menos dos outros. Assim, acostumando-se, desde cedo, a subordinar seus desejos a suas forças, elas sentirão pouca privação do que não estiver em seu poder”⁴⁰⁹.

4. Educação e forma legítima de poder

Ficou marcado no senso comum pedagógico que a obra *Emílio ou Da Educação* é a obra de Rousseau sobre o tema. No *Contrato Social*, obra de fundamental importância para compreensão da sociedade, formação do Estado, percebe-se que a linha que separa os limites da educação e da política é muito tênue. Primeiro porque há uma aproximação muito grande entre as produções escritas e publicadas; segundo

⁴⁰⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 58. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 290.

porque é patente a formação do Emílio para viver em sociedade, é aí que ele vai demonstrar publicamente os ensinamentos. É inconcebível uma visão de uma sociedade justa se os homens que a constituem forem injustos: “É preciso estudar a sociedade pelos homens, e os homens pela sociedade; quem quiser tratar separadamente a política e a moral nada entenderá de nenhuma das duas”⁴¹⁰. Sendo assim, o entrelaçamento entre discurso pedagógico e discurso político é visível na obra *Contrato Social*.

O homem a partir do momento que passou a viver em sociedade ficou marcado por algumas necessidades que extrapolam a auto conservação. As desigualdades sociais, morais e políticas são resultados de uma convivência social onde o descuidar da bondade natural estimulou a inveja, os interesses, a ambição. É nítido para o genebrino a diferenciação entre aquilo que é inclinação e aquilo que é dever:

“Aquele que, na ordem civil, quer conservar o primado dos sentimentos da natureza não sabe o que quer. Sempre em contradição consigo mesmo, sempre passando das inclinações para os deveres, jamais será nem homem, nem cidadão; não será bom nem para si mesmo, nem para os outros. Será um desses homens de hoje, um francês, um inglês, um burguês; não será nada”⁴¹¹.

Para o homem natural os valores da sociedade não têm importância, aquilo que busca é para satisfazer a sobrevivência, a satisfação de sua própria existência enquanto o homem social tende a realização dos seus interesses, aquilo que lhe proporciona utilidade.

O projeto educacional de Rousseau desenhado para o seu educando é instruído em função da bondade da natureza humana, a qual sendo bem educada é capaz de não se deixar corromper. Tal projeto não é ilustrado com a perfeição e valores da sociedade vigente. Pois, para Rousseau: “O homem nasce livre, e por toda a parte encontra-se a ferros”⁴¹². Ao contrário, é profundamente pessimista quanto à vida social, mas em relação ao homem, alimenta uma forma de vê-lo, sempre, do melhor modo possível, é um otimismo a ponto de referendá-lo como naturalmente bom.

⁴¹⁰ Ibidem, p. 325. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 524.

⁴¹¹ Ib., 12. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 250.

⁴¹² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Do Contrato Social ou Princípios do Direito Político”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997c, p. 53. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 351.

As contradições no seio social existem e o intuito do genebrino é a organização de uma atividade política voltada para modificação dos homens, resolvendo sobre o plano da associação civil os conflitos que reduzem o homem a um estado de alienação e dependência de si mesmo e dos outros.

No início do *Contrato Social* Rousseau declara que é necessário conduzir a reflexão “tomando os homens como são e as leis como podem ser”⁴¹³. Tal ideia tem uma relevância decisiva sobre o plano político, tendo as leis à tarefa de corresponder àquilo que os indivíduos esperam, às contingências da coletividade. Sendo verdade que “As leis não são, propriamente, mais do que as condições da associação civil”⁴¹⁴ é somente na prática concreta da legislação, portanto, do governo, que a sociedade civil define a própria identidade.

Dentre aquelas ações que movem o homem na organização da boa constituição do estado, a fim de que se produza o mínimo de desigualdade, sobretudo, a desigualdade moral está o princípio segundo o qual, através do acordo entre os membros a sociedade, é fundamental o respeito pelos direitos de cada um e a compreensão do interesse comum dos cidadãos. Se não há mais a possibilidade de restaurar a rigorosa igualdade do estado de natureza, pelo menos é possível estabelecer uma desigualdade legítima, a qual implica uma redefinição das formas de desigualdade social. A este respeito esclarece Pissarra:

“É preciso, então substituir esse falso contrato por um verdadeiro contrato social que garanta a cada cidadão a proteção da comunidade, proporcionando-lhe as vantagens da liberdade e da igualdade; isto é, Rousseau discute no *Contrato Social* o que é uma sociedade justa, quais são seus princípios absolutos e se pode decorrer daí algum valor universal”⁴¹⁵.

É exatamente aí que se apresenta, além da crítica radical, a alusão a uma organização legítima de sociedade coerente e para isto é preciso uma reforma social. É neste sentido que deve ser lida a afirmação: “Antes, pois, de examinar o ato pelo qual um povo elege um rei, conviria examinar o ato pelo qual um povo é povo, pois esse ato,

⁴¹³ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres completes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 351.

⁴¹⁴ Ib., p. 108. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres completes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 380.

⁴¹⁵ Pissarra, Maria. C. Perez, “*Rousseau: a política como exercício pedagógico*”, Moderna, São Paulo, 2002, p. 73.

necessariamente anterior ao outro, constitui o verdadeiro fundamento da sociedade”⁴¹⁶. A unanimidade de opinião dentre os membros de uma sociedade é essencial para que se forme a unidade do povo e, desta forma, seja considerada a constituição de um povo⁴¹⁷.

Para que o pacto entre os homens seja legítimo é preciso que a autonomia de cada um seja preservada, isto quer dizer que a nenhum poder é possível ser constituído legitimamente sem o consentimento de cada um, nem tão pouco ser exercido sem a aceitação daquilo que foi firmado:

“Com razão o poder paternal é aceito como tendo sido estabelecido por natureza, uma vez que o pai é fisicamente mais forte que seus filhos e estes necessitam de sua proteção por muito tempo. Na grande família, onde os membros são naturalmente iguais, apenas a convenção pode fundamentar a autoridade política puramente arbitrária quanto à sua instituição, e o magistrado só pode comandar os outros em virtude das leis”⁴¹⁸.

São postas nestas premissas os princípios básicos da concepção rousseauiana da política que fazem aproximar o autor da *Economia Política* aos outros expoentes da tradição contratualista moderna: a política entendida como estratégia, habilidade; o Estado concebido como resultado de uma escolha; a autoridade legítima como fruto de uma convenção; as leis, de acordo com o *Contrato Social*, são como reflexo de um consenso expresso por cada membro do corpo político. Mas, sobretudo, sobressai a ideia do nexos existente entre igualdade natural e legitimidade da autoridade política.

Ao levar em consideração a vontade do todo e não de uma parte ou da maioria, cada indivíduo aceitando livremente a convenção, abrindo mão de sua liberdade natural e colocando-a para comunidade, é possível constituir o ato de nascimento de uma forma legítima de poder. Rousseau é bem claro quando escreve: “Encontrar uma forma de associação que defenda e proteja a pessoa e os bens de cada associado com toda força comum, e pela qual cada um, unindo-se a todos, só obedece a si mesmo, permanecendo

⁴¹⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Do Contrato Social ou Princípios do Direito Político*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997c, p. 68. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Du contract social ou Principes du droit politique*”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 359.

⁴¹⁷ No Contrato Social, nota 50, Paulo Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado apresentam o pensamento de C. E. Vaughan que afirma encontrar aí, em germe, todo pensamento antiindividualista de Rousseau. De sua parte, Beauvalon assinala que aí se assenta, com toda a sua originalidade e penetração, uma inédita visão do contrato social, pois agora só as relações morais, implicando ações mútuas, são consideradas capazes de formar um povo por intermédio de uma convenção fundamental que lhe dá feição de corpo político.

⁴¹⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques. “*Discurso sobre a economia política*”. Tradução de Maria Constança Peres Pissarra. Vozes, 1996, Petrópolis, p. 22. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discours sur l’ économie politique*”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 243.

assim tão livre quanto antes. Esse, o problema fundamental cuja solução o contrato social oferece”⁴¹⁹.

Qualquer outra forma de poder político, cujo fundamento seja de origem divina ou humana torna-se incompatível com os princípios rousseauianos do direito natural. O meio que o homem do estado de natureza tem para proteger sua liberdade natural é usando a força física. Quando, na sociedade, a força física não é capaz de suprimir a desordem e desavenças, é preciso que exista uma faculdade de operar com maior superioridade que aquelas dadas pela própria natureza. Esta é a lei. A lei estabelece sob o plano jurídico a igualdade natural dos homens e o respeito à dignidade de todos; ao apresentar esta tese o genebrino mantém a coerência com os princípios afirmados nos *Discursos*, o texto se refere à igualdade natural dos homens enquanto titular dos direitos naturais:

“Os homens devem apenas à lei a justiça e a liberdade. É esse órgão salutar da vontade de todos que restabelece, por meio do direito, a igualdade natural dos homens. (...) É tão somente a ela que os chefes devem fazer falar quando comandam, porque se um homem pretende submeter um outro à sua vontade particular, independentemente das leis, deixa por um instante o estado de sociedade e se coloca em relação a ele em estado puro de natureza, onde a obediência é prescrita pela necessidade”⁴²⁰.

A justiça e a liberdade política são garantidas pelo Estado e o respeito à autonomia individual do cidadão, enquanto membro do legislativo e a igualdade no tratamento dos indivíduos como destinatários das normas da lei são as características decisivas da legítima autoridade política: “da mesma forma que o primeiro dever do legislador é adequar as leis à vontade geral, a primeira regra da *economia* pública é administrar de acordo com as leis”⁴²¹. Por um lado a lei é expressão da vontade geral, uma expressão da vontade de todos; por outro, visa salvaguardar a liberdade do homem natural transformada na sociedade na autonomia do cidadão. Sobre esta liberdade o que diz Rousseau?

“O que o homem perde pelo contrato social é a liberdade natural e um direito ilimitado a tudo quando aventura e pode alcançar. O que com ele ganha é a liberdade civil e a

⁴¹⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Do Contrato Social ou Princípios do Direito Político*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997c, pp. 69-70. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 360.

⁴²⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques. “*Discurso sobre a economia política*”. Tradução de Maria Constança Peres Pissarra. Vozes, 1996, Petrópolis, p. 29. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’ économie politique”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 249.

⁴²¹ Ibidem., p. 30. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’ économie politique”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 250.

propriedade de tudo que possui. [...] a liberdade natural, [...] só conhece limites nas forças do indivíduo, e a liberdade civil, [...] se limita pela vontade geral”⁴²².

O Estado, de acordo com a teoria política rousseauiana, tem como critério de relação social o interesse comum. A independência do homem natural aceitando o pacto e se associando a outros homens torna-se obrigado a acatar a lei, por outro lado, também é respeitado. Pela vontade geral os homens se tornam um único corpo: “Cada um de nós põe em comum sua pessoa e todo o seu poder sob a direção suprema da vontade geral, e recebemos, enquanto corpo, cada membro como parte indivisível do todo”⁴²³.

4.1 Educação e lei positiva

Segundo Rousseau, a lei natural é perfeitamente adequada ao homem enquanto este sobrevive nas reais condições do estado natural. Entretanto, na vida social o homem não se pode deixar guiar pela lei natural. Daí ninguém pode pôr em dúvida a real importância do direito positivo. Podemos dizer que para viver em sociedade, o direito positivo é o real aperfeiçoamento do direito natural? Ou este é diversificado?

Se por um lado há a visão de um estado natural ofertado para todos os indivíduos pela própria natureza, por outro, há uma lei transcrita por seres humanos através de um código e que nasce com a finalidade de atuar sobre todos: a lei positiva. Esta não é vista como universal e necessária nos moldes do estado natural porque, mesmo sendo feita para todos, é expressão do interesse de quem tem o domínio político, social e econômico de uma dada sociedade.

A lei positiva é uma criação exclusiva da vontade humana e do estado, por isso, ela não pode estar no mesmo nível da anterior. Mas, em Rousseau a noção de estado natural e lei positiva parece se conjugar. Por quê? Por que Rousseau rejeita a ideia de um código moral obrigatório no estado natural onde conscientemente os homens deveriam se submeter, o que apresenta é a ideia de um direito natural. Segundo Derathé, ele atribui à lei natural uma autoridade até mesmo superior àquela do estado: “Rousseau

⁴²² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Do Contrato Social ou Princípios do Direito Político*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997c, pp. 77-78. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Du contract social ou Principes du droit politique*”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 369.

⁴²³ Ibidem, p.71. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Du contract social ou Principes du droit politique*”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 361.

não poderia rejeitar a ideia de lei natural, sem que, com o mesmo golpe, privasse o contrato social de toda sanção moral”⁴²⁴.

Por outro lado o genebrino vê a importância da transferência desses direitos naturais ao estado em troca de direitos civis para que o homem recupere seu bem-estar primitivo. Ora, se para Rousseau tudo que provém da natureza é bom, aquilo que deriva da lei natural ajuda os seres humanos a viver a liberdade. Não parece ser contraditório porque não há renúncia à liberdade:

“Renunciar a liberdade é renunciar a qualidade de homem, aos direitos da humanidade, e até aos próprios deveres. Não há recompensa possível para quem a tudo renúncia. Tal renúncia não se compadece com a natureza do homem, e destituir-se voluntariamente de toda e qualquer liberdade equivale a excluir a moralidade de suas ações”⁴²⁵.

Todo o sentido dado à lei positiva é para que haja um caminho preconizado o qual garanta ao homem a liberdade e a igualdade e que este recupere a felicidade do estado primitivo. Esta é a finalidade última da legislação. Com a relevância do pensamento racionalista que predominou durante todo o século XVIII, considerando a evolução histórica da lei natural, não há como negar que o caráter racional influenciou o comportamento do homem e enfraqueceu aquele sentimento oriundo do homem de natureza, sobretudo, fazendo com que o espaço ocupado pela piedade fosse cedendo às tentações do amor próprio e a sociedade política se torna fruto de uma ordem racional, dificultando cada vez mais a predominância da alegria de viver. Isto fez Rousseau afirmar:

“Os modernos só reconhecem como lei uma regra prescrita a um ser moral, isto é, inteligente, livre e considerado nas suas relações com os demais seres, limitando conseqüentemente ao único animal dotado de razão, isto é, ao homem, a competência da lei natural; definindo, porém, esta lei cada um a seu modo, estabelecem tudo sobre princípios tão metafísicos que há, mesmo entre nós, muito poucas pessoas em situação de compreender esses princípios, em lugar de poderem encontrá-los por si mesmos. De Tal coisa significa, precisamente, que os homens tiveram de utilizar, para o estabelecimento da sociedade, luzes

⁴²⁴ Cfr. Derathé, Robert, “*Rousseau e a ciência política de seu tempo*”, trad. Natália Maruyama, Discurso Editorial/Barcarolla, São Paulo, 2009, p 240.

⁴²⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Do Contrato Social ou Princípios do Direito Político*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997c, p.62. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Du contract social ou Principes du droit politique*”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 356.

que só se desenvolvem com muito trabalho e para poucas pessoas, no próprio seio da sociedade”⁴²⁶.

Para viver feliz e dando azo ao sentimento, a lei positiva elaborada pela racionalidade, se faz necessária aos homens que têm em vista a pacificação social; a lei positiva com aval de todos garante, assim, a observação da lei proveniente do mundo natural e regula o bom andamento da sociedade. Aquelas atitudes, próprias do homem de natureza, principalmente a virtude, a felicidade, o ser livre, acontecem na sociedade desde que todos sejam cúmplices daquilo que foi pactuado.

Deve-se acrescentar que a temática reúne em um todo, a existência dos homens que viveram em sintonia com a sociedade, portanto, homem algum está fora deste processo. Se há alguma lei que rege o ir, o vir e permanecer desse homem só pode estar em conformidade com tudo aquilo que engloba, regula e subordina a própria natureza. Sobre a natureza assim se expressa o latino Sêneca:

“Observa o ciclo dos fenômenos que continuamente se repetem; chegarás à conclusão de que neste mundo nada se extingue por completo; ao contrário, alternadamente tudo se esconde e ressurge. O verão termina, mas o próximo ano trará um novo verão; o inverno finda, mas os seus próprios meses vão trazê-lo de volta; a noite oculta o sol, mas em breve o dia expulsará a noite”⁴²⁷.

Vale observar que uma das possíveis fontes de inspiração de Rousseau, quanto à concepção de natureza como Mãe universal que nos gera e nos conduz à felicidade, pode ser encontrada no pensamento de Sêneca. Pois, segundo o pensador romano, a natureza nos gera e, se não nos afastarmos dela, poucas coisas são imprescindíveis para viver, e poderíamos encontrar a felicidade em nós mesmos⁴²⁸.

Para o pensador latino essa lei simplesmente atua independentemente da vontade, do querer humano, ela existe e age sobre a condição humana e isto faz com que o homem se depare com uma situação que o torna um ser com limitações, com finitudes. Frente à natureza ele é um aprendiz. Se por um lado ele está em sintonia, por outro se depara com uma mestra. Esta relação põe o homem natural e o estado de

⁴²⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997a, p. 46. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les Hommes”, Première partie, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, pp. 124-125.

⁴²⁷ Cfr. Sêneca, L. A. “*Cartas a Lucílio*”, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2004, p. 6.

⁴²⁸ Cfr. Gouhier, Henri, “La nature qui est la Grace”, in *Les méditations métaphysiques de Jean-Jacques Rousseau*. Librairie Philosophique J. Vrin, Paris, 1984.

natureza em um processo de simbiose ainda que em proporções diversas, ou seja, apesar do entrelaçamento o homem se sobressai por ser dotado de razão e sentimento. É justamente nesta capacidade de pensar e de agir que reside a autonomia da ação humana, a liberdade frente a tudo aquilo que o cerca.

Na concepção de Rousseau, então, a natureza reside no homem, ao mesmo tempo em que este reside naquela. Ela é o seu princípio gerador, é o conjunto de suas disposições inatas, como a sensibilidade, e também a sua magnânima morada que lhe oferece um espetáculo inigualável, ou seja, a ordem física primitiva para a qual ele foi constituído. No *Emílio*, Rousseau expõe seu entendimento sobre a natureza enquanto encontra-se no homem, portanto, a natureza humana:

“Nascemos sensíveis e, desde o nascimento, somos afetados de diversas maneiras pelos objetos que nos cercam. Assim que adquirimos, por assim dizer, a consciência de nossas sensações, estamos dispostos a procurar ou a evitar os objetos que as produzem, em primeiro lugar conforme elas sejam agradáveis ou desagradáveis, depois conforme a ou inconveniência que encontramos entre nós e esses objetos, e, enfim, conforme os juízos que fazemos sobre a ideia de felicidade ou de perfeição que a razão nos dá. Essas disposições estendem-se e firmam-se à medida que nos tornamos mais sensíveis e mais esclarecidos; forçados, porém, por nossos hábitos, elas se alteram mais ou menos segundo nossas opiniões. Antes de tal alteração, elas são o que chamo em nós a natureza”⁴²⁹.

Havendo um espaço denominado natureza com sua própria lei e um homem dotado de autonomia, que atua em consonância com a ordem cósmica, mas pleno de liberdade, capaz de dominar-se não há que se falar mais em duas realidades distintas ou se quiser como um ser de dois mundos como escreve o sábio Platão no *Timeu*:

“Há que cuidar de modo igual todas as partes, oferecendo a cada uma a alimentação e os movimentos que lhe são adequados. Os movimentos aparentados com a porção divina dentro de nós são os pensamentos do universo e as revoluções circulares. São essas que cada um de nós deverá seguir, para corrigir os circuitos que ao nascimento se iniciaram erroneamente em nossa cabeça, o que se consegue com o estudo da harmonia e das revoluções do universo e com a igualar a parte pensante, em conformidade com sua natureza

⁴²⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 10. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 248.

original, ao objeto do pensamento e, com isso, alcançar, no presente e no futuro, a meta proposta aos homens pelos deuses”⁴³⁰ .

O que existe é um ser, com uma única qualidade comum que é a sua condição natural que se define pela gama de instintos comuns aos seres racionais, como o da preservação da vida, da liberdade, um homem na sua condição mortal e finita que age num determinado espaço-temporal. Escreve Sêneca:

“Nada temos que não seja instável, ilusório, mais transitório do que o próprio tempo; tudo o que é humano se altera e, se a fortuna o quiser, se converte no seu oposto; na imensa voragem da existência humana a única certeza que temos é a morte; e apesar disso todos se queixam da única coisa que não engana ninguém”⁴³¹ .

Então, as atitudes humanas, plenas de autonomia e liberdade se fazem progressivas, estão presentes dentro de uma ordem natural que é determinada, mas isto não significa que os homens estão submetidos à lei fixa e ações estabelecidas pela natureza. No estado natural e para o homem de natureza essa liberdade existe como mera ausência de dever, uma liberdade que atende, apenas, o instinto natural de sobrevivência.

Por sua vez, a lei positiva, é posta livremente, com a aceitação de todos os contratantes, isso acontece a partir da escolha entre várias leis possíveis e que o legislador poderia também não colocá-la. Devemos, pois constatar, que apesar dessa “imposição” da lei positiva o que se pretende é criar as condições para que a lei favoreça o bem estar de todos.

III – JEAN-JACQUES ROUSSEAU: CAMINHOS PARA FORMAÇÃO DO HOMEM

1. A teoria pedagógica

Se o discurso rousseauiano está fundamentado em uma teoria política-educacional, o *Emílio* é o texto pedagógico por excelência. A educação apresentada não visa somente estar atento à pessoa, mas sim considerá-la, cuidá-la, demonstrar um zelo com quem se educa no seu aspecto emotivo, ou seja, prepará-la para que possa se

⁴³⁰ Cfr. Platão. “Diálogos. Timeu, Crítias, O segundo Alcebíades, Hípias Menor”. Universidade Federal do Pará, Belém, 1986. V. XI, (90c-d).

⁴³¹ Cfr. Sêneca, L. A. “*Cartas a Lucílio*”, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2004, p 542.

comportar diante das circunstâncias da vida com ética e dignidade. A educação consiste na transmissão de noções que não vão tocar apenas o intelecto ou a capacidade de raciocinar; formar o sábio é importante, mas não é tudo. Ao lado desta sabedoria está o autodomínio, o saber ouvir a consciência.

Assim, educar, apenas, visando à formação intelectual significa adestrar, domesticar, no máximo, informar; quem ensina, levando em consideração a relação do educando no meio social, o modo de comportar-se frente aos desafios ou dificuldades da vida, sobretudo os conflitos sociais, a participação na vida da comunidade, quem ministra conhecimentos partilhando seus exemplos, falando a partir dos fatos apreendidos no mundo da vida, no ambiente comunitário, simplesmente educa para a vida. Rousseau fala-nos de uma educação diferenciada:

“Na ordem natural, sendo os homens todos iguais, sua vocação comum é a condição de homem, e quem quer que seja bem educado para tal condição não pode preencher mal as outras relacionadas com ela. Pouco me importa que destinem meu educando à espada, à Igreja ou à barra. Antes da vocação dos pais, a natureza o chama para a vida humana”⁴³².

Após, momento que a educação possibilita o engrandecimento da condição de homem, concomitantemente, Rousseau está falando de uma edificação moralizadora que vale para toda existência, fala de um fortalecimento daqueles elementos que o genebrino destaca como sentimento, toda esta aprendizagem requer a solidariedade, o seguir par e passo o seu guia.

Quando Rousseau fala da ação do educador, de um correto e coerente desenvolvimento do educando, fazer com que ele progrida, significa que ele põe junto desta ação um aperfeiçoamento dos sentidos e do intelecto. Quanto à formação do educando, na sua totalidade, esta não está sob a égide de um educador, mas sim no amparo de um preceptor ou arrimo de um mestre como se o educando aprendiz fosse viver o restante da vida tutelado por estes. Mas diante dos desafios existentes na sociedade e na vida civil, Rousseau propõe um método educativo que não trata apenas do transmitir conteúdos, mas de superar desafios, senti-los e exercitá-los. Veja-se o que o autor diz a este respeito:

“Se os homens nascessem presos ao solo de um país, se a mesma estação durasse o ano todo, se cada homem estivesse unido à sua fortuna de modo que nunca pudesse mudá-la, a

⁴³² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, pp. 14-15. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 251.

prática estabelecida seria boa sob certos aspectos; a criança educada para a sua condição, sem jamais sair dela, não poderia estar exposta aos inconvenientes de uma outra. Dada, porém, a mobilidade das coisas humanas, dado o espírito agitado e inquieto deste século que perturba tudo a cada geração, pode-se conceber um método mais insensato do que educar uma criança como se nunca tivesse de sair do seu quarto, como se tivesse de estar sempre rodeada pelos seus?”⁴³³

A verdadeira formação concorre para aperfeiçoar o educando para ser o mais autêntico possível, para ser aquele indivíduo e não outro. Esta proposta de educação valoriza as experiências mais marcantes que atravessam o arco da vida, dando-nos a força, a inteligência e tornando-nos um eu coerente:

“Essa educação vem-nos da natureza ou dos homens ou das coisas. O desenvolvimento interno de nossas faculdades e de nossos órgãos é a educação da natureza; o uso que nos ensinam a fazer desse desenvolvimento é a educação dos homens; e a aquisição de nossa própria experiência sobre os objetos que nos afetam é a educação das coisas”⁴³⁴.

Bem se percebe que a natureza não é só uma ideia importantíssima na reflexão rousseauiana, bem como é o seu fundamento. Ela se torna a grande mestra a grande educadora. Quanto à figura do preceptor escreve:

“Na aldeia, um preceptor será muito mais senhor dos objetos que quiser apresentar à criança. Sua reputação, seus discursos, seu exemplo terão uma autoridade que não poderiam ter na cidade, sendo útil a todos, todos se esforçarão por obsequiá-lo, por serem estimados por ele, por se apresentarem ao discípulo tal como o mestre gostaria que fosse de facto, e, se não se corrigirem do vício abster-se-ão do escândalo. Isso é tudo de que precisamos para o nosso objeto(...)”⁴³⁵.

Este é o preceptor que propicia uma educação em perfeita sintonia com a vida natural: “...ao educando da natureza, desde cedo treinado a bastar-se a si mesmo tanto quanto possível (...) julga, raciocina sobre tudo que se relaciona imediatamente com ele. Não fala, mas age; não sabe uma palavra do que se faz na sociedade, mas sabe muito bem o que lhe convém...”⁴³⁶. Ele restituirá aquela bondade natural que o homem traz

⁴³³ Ib., p. 16. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 253.

⁴³⁴ Ib., p. 09. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 247.

⁴³⁵ Ib., p. 100. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 326.

⁴³⁶ Ib., p. 139. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 354.

consigo. Ao ser educado no campo não parecerá um heterônomo. O preceptor sabe muito bem educar porque herdou da natureza aqueles princípios que norteiam a condição humana, a liberdade e a felicidade. Desta educação não poderá vigorar: “um boneco construído por terceiros e articulado de acordo com a função que terá de cumprir dentro do sistema social”⁴³⁷. Será que o preceptor, dentro do sistema educacional rousseauiano, aponta para a noção de liberdade como algo estimulado por ele?⁴³⁸

1.1. A educação negativa

A teoria educativa de Rousseau tem uma preocupação considerável: o homem. Logo, é impossível desvinculá-la dos temas abordados no *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens* e no *Discurso sobre as Ciências e as Artes*. No discurso sobre a *Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens* faz constante aceno ao construto da natureza considerada, sobretudo, como situação originária, proto-histórica da humanidade, como antecedente irrenunciável da vida civil. A natureza fornece um conjunto de condições necessárias à vida. Nela principia a liberdade, é o local onde o amor, as paixões e a redenção acontecem.

A concepção do hipotético estado de natureza, muitas vezes complexa no pensamento de Rousseau, surge como um contraponto à crise da sociedade contemporânea. É uma noção crítica e dela não podemos escapar quando se procura compreender o sentido e o significado do homem. Disposições primitivas anteriores aos hábitos, ao temperamento, a constituição íntima e original está vinculada a este homem; a natureza é uma fonte primordial, primitiva, inicial e espontânea dos primeiros e fundamentais sentimentos que estão no homem, cujo significado se clareia e enriquece de acordo com as fases evolutivas da vida humana:

⁴³⁷ Cfr. Martins, Custódia Alexandra Almeida, “A pedagogia de Jean Jacques Rousseau: Praxis, Teoria e Fundamentos”, CIED, Braga, 2009, p. 252.

⁴³⁸ Sobre esse assunto problematiza Gauthier. “Parece existir um dilema na compreensão do pensamento de Rousseau quando pretendemos relacionar a noção de liberdade (do educando) com a figura do tutor? Concentrando-se na análise do Emílio, Gauthier explica: “To structure Émile’s environment so that nothing interferes with the course of nature requires his entire dependence on the Tutor. Since nature has been banished from society, the Tutor’s will must serve as substitute, so that what happens to Émile must be and must be only what the Tutor wills to happen. And yet Émile must remain entirely independent of others and their wills – and so of the will of the Tutor. How is this possible? How can Émile be at once totally dependent on the Tutor and yet dependent only on things and never on the wills of other persons? How can an education that requires complete dependence bring Émile to independence? Rousseau is well aware that overcoming this apparent contradiction is that task that he has set the Tutor – or if you like, has set himself. He begins with the idea of “well-regulated freedom.” (B1.92, OC4.321). Émile knows nothing of “the laws of the possible and the impossible...they can be expanded and contracted around him as one wants.”(ibid). The Tutor must be the master, and “[y]ou will not be the child’s master if you are not the master of all that surrounds him.” (B1.95, OC4.325). Rousseau’s insistence on total control is clear. But this is not how things are to appear to Émile. His dependence must appear to him as independence. He may see no will opposed to or affecting his own, so that the Tutor’s contrivances must appear to him as the natural course of events...” cfr. Gauthier, David, *Rousseau – The sentiment of existence*, Cambridge University Press, New York, 2006, pp. 35-36.

“Como o homem chegará ao ponto de ver-se tal como a natureza o formou, através de todas as mudanças produzidas na sua constituição original pela sucessão do tempo e das coisas, e separar o que pertence à sua própria essência daquilo que as circunstâncias e seus progressos acrescentaram a seu estado primitivo ou nele mudaram?”⁴³⁹

Há uma comunhão entre homem e natureza que é manifestada até mesmo na sensibilidade, nas sensações, na sensualidade, nos sentimentos prazerosos, agradáveis, aqueles que são frutos de conveniência, e os mesmos juízos que damos sobre ideia de felicidade ou de perfeição, imaginação fornecidos pela razão são expressões e variações do sentimento. As experiências modeladas na sociedade civil afloram à crítica a ordem social e ao mesmo tempo suscita o desejo de falar sobre este homem natural que vagava nas florestas e campos sendo guiado por suas inclinações naturais.

O homem natural idealizado por Rousseau tem um modo de entender, de querer, de imaginar, de sentir vinculado ao tempo primitivo. Todos estes modos são vistos por Rousseau como expressão de um sentimento; é daí que ele retira o conceito de sentimento como tudo aquilo que vem do mais profundo de uma consciência, este sentimento é a fonte de inspiração e se faz norma de vida para o genebrino na medida em que quer reconciliar o homem com a natureza e o homem com a sociedade, sendo a educação um caminho para alcançar este objetivo.

A referência ao homem natural, enquanto “homem [que] encontrava unicamente no instinto todo o necessário para viver no estado de natureza”⁴⁴⁰. Ou seja, menos orgulhoso e com desejo moderado. Após 1749, o genebrino, aprimora suas reflexões, apercebendo-se de que o homem se tornou egoísta, invejoso, competitivo, menos benevolente⁴⁴¹.

Ao referir-se tanto ao homem natural como ao estado de natureza, Rousseau sabe que nesta seara não estava sozinho, um bom número de filósofos compartilhava

⁴³⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997a, p. 43. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les Hommes”, Première partie, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 122.

⁴⁴⁰ Ibidem., p. 75. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les Hommes”, Première partie, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 153.

⁴⁴¹ Na apresentação da teoria da bondade do homem encontrava opositores, sobretudo, Hobbes que via neste homem um violento: “Tudo, portanto, que advém de um tempo de Guerra, onde cada homem é inimigo de outro homem, igualmente advém do tempo em que os homens vivem sem outra segurança além do que sua própria força e sua própria astúcia conseguem provê-los. Em tal condição, não há lugar para a indústria; porque seu fruto é incerto; e, conseqüentemente, nenhuma cultura da terra; nenhuma navegação, nem uso algum das mercadorias que podem ser importadas através do mar; nenhuma construção confortável; nada de instrumentos para mover e remover coisas que requerem muita força; nenhum conhecimento da face da terra; nenhuma estimativa de tempo; nada de artes; nada de letras; nenhuma sociedade; e o que é o pior de tudo, medo contínuo e perigo de morte violenta; e a vida do homem, solitária, pobre, sórdida, brutal e curta”. Cfr. Hobbes, Thomas. “*Leviathan*”. Tradução: João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva, In Nova Cultural, São Paulo, 1997, p. 77.

estes conceitos, mas nenhum deles formulou a tese conforme apontou o genebrino, ele mantém uma dissensão com todos e o desacordo mais veemente, sem dúvida, foi com o inglês Thomas Hobbes:

“Todos os filósofos que examinam os fundamentos da sociedade sentiram a necessidade de remontar até ao estado de natureza, mas nenhum deles chegou até lá [...] Todos, falando incessantemente de necessidades, avidez, opressão, desejos e orgulho, transferiram para o estado de natureza ideias que tinham adquirido em sociedade; falavam do homem selvagem, mas descreviam o homem civil”⁴⁴².

A posição do genebrino era clara; naquele estágio os homens não poderiam ser considerados nem bons nem maus. Como consequência encontrou nas ideias de Hobbes a principal oposição. O filósofo inglês, muito preocupado com a origem do Estado e com as relações de poderes que se constroem dentro dele, faz a separação entre estado natural e lei natural. A partir dessa separação, ele sinaliza que o estado natural não pode ser o ponto de partida da construção de um estado, porque neste estado só há uma posição: os homens estão permanentemente em guerra uns com os outros, há uma anarquia, há um constante estado de guerra de todos contra todos:

“Desta guerra de todos os homens contra todos os homens também isto é consequência: que nada pode ser injusto. As noções de bem e de mal, de justiça e injustiça, não podem aí ter lugar. Onde não há poder comum não há lei, e onde não há lei não há injustiça. Na guerra, a força e a fraude são as duas virtudes cardeais. A justiça e a injustiça não fazem parte das faculdades do corpo ou do espírito. Se assim fosse, poderiam existir num homem que estivesse sozinho no mundo, do mesmo modo que seus sentidos e paixões”⁴⁴³.

Neste estado o homem tem o desejo de destruição e de manter o domínio sobre o seu semelhante, é uma luta constante entre ambos, ele não tem conhecimento da ideia de bondade, por isso é naturalmente mau; por não ter tão pouco da ideia de virtude, é vicioso. Qual a leitura que Rousseau faz da posição hobbesiana?

“Hobbes não viu que a mesma causa que impede os selvagens de usar a razão, como o pretendem nossos juristas, os impede também de abusar de suas faculdades, como ele próprio acha; de modo que se poderia dizer que os selvagens não são maus precisamente porque não sabem o que é ser bons, pois não é nem o desenvolvimento das luzes, nem o

⁴⁴² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997a, p. 52. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les Hommes”, Première partie, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 131.

⁴⁴³ Cfr. Hobbes, Thomas. “Leviathan”. Tradução: João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva, In Nova Cultural, São Paulo, 1997, p. 110.

freio da lei, mas a tranquilidade das paixões e a ignorância do vício que os impedem de proceder mal (...)"⁴⁴⁴.

Até aqui, compreende-se, nitidamente que a primeira e, talvez, a mais importante conclusão, proveniente daquela crise de 1749, é a descoberta de que o homem civil, a sociedade e o homem natural são elementos não harmônicos, antes, contrastantes. Na medida em que esta tese vai se tornando bem fundamentada por Rousseau, o projeto educacional vai espelhar esta teoria e apresenta a chave da porta para retornar à bondade natural e, quiçá, conciliar os dois opostos. O homem natural é fundamento e fim em si e para si e a educação natural visa cultivar: “as qualidades naturais e inerentes das crianças, ao invés de exorcizar a pecabilidade de suas mentes”⁴⁴⁵, enquanto o segundo é realidade empírica e histórica, cujo fundamento e fim são postos fora dele, seja na realidade, como membro de uma sociedade, seja no saber como objeto de pesquisa das ciências humanas.

O afastamento da condição natural e, conseqüentemente, a participação na sociedade teve como implicação a infelicidade do homem. Sendo assim, na perspectiva rousseaneana, a vida social não atende aos anseios dos que nela residem. Por outro lado há, no homem, algumas limitações: não é autossuficiente, não basta a si mesmo. Desde o nascimento vive a necessitar do outro. No decorrer do tempo, para obter os bens necessários precisa de auxílio, esta finitude se alarga, sobretudo, quando passa a atuar na vida social impulsionado pelo sentimento do *amour-propre*.

Logo, a sociedade promove a desigualdade, a competição e a injustiça. Para que o homem não compactue com este modelo social com atitudes desvairadamente sorradeiras, ambiciosas, carregadas de interesse próprio, é preciso agir, é preciso dar as condições para que aprenda a conviver, se eduque para a vida social em conformidade com a bondade originária: “Nascemos fracos, precisamos de força; nascemos carentes de tudo, precisamos de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer e de que precisamos quando grandes nos é dado pela

⁴⁴⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997a, p.76. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les Hommes”, Première partie, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 154.

⁴⁴⁵ Cfr. Simpson, M. “Compreender Rousseau”. Tradução, Andréa Drumond, Vozes, Petrópolis, RJ, 2009. p.181.

educação”⁴⁴⁶. Diante de tamanho desafio já observado a longos anos, o pensador genebrino lança mão de uma proposta pedagógica, trata-se, exatamente, do método educacional proposto para o Emílio.

Com uma educação específica, original o indivíduo pode se integrar, se relacionar melhor, ser feliz, se tornar um bom cidadão. Tendo como base a ideia central de que na formação, desde os tempos de criança, o educando deve exprimir e desenvolver suas capacidades originárias, não descompassadamente, mas respeitando as etapas, todas aquelas que são estimuladas pelo contato com a natureza, em um ambiente distante da sociedade civilizada: “A natureza quer que as crianças sejam crianças antes de serem homens. Se quisermos perverter essa ordem, produziremos frutos ainda verdes, que não estarão maduros nem terão sabor, e não tardarão em se corromper; teremos jovens doutores e velhas crianças”⁴⁴⁷. Entende-se que o processo educativo é baseado na experiência concreta e não em uma retrógrada educação dada em um ambiente fechado que sacrifica a vida prática e vislumbra um porvir incerto⁴⁴⁸.

A educação que lesa as ações práticas torna-se um ritual insistente e sem repercussão onde as crianças repetem o que os adultos ensinam. É o simples método do dizer outra vez ou tornar a dizer até assimilar o conteúdo. Os elementos constitutivos e de compreensão da realidade são afastados, os conteúdos transmitidos tem por base não uma visão criticamente construída, mas um senso comum que foi adquirido por acúmulos de conhecimento de gerações passadas:

“Que devemos pensar, então, dessa educação bárbara que sacrifica o presente por um futuro incerto, que prende uma criança a correntes de todo tipo e começa por torná-la miserável, para lhe proporcionar mais tarde não sei que pretensa felicidade de que provavelmente não gozará jamais? Mesmo que eu considerasse razoável esta educação por seu fim, como encarar sem indignação essas pobres infelizes submetidas a um jugo insuportável e

⁴⁴⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 09. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 247.

⁴⁴⁷ Ibidem, p. 91. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 319.

⁴⁴⁸ Sobre este assunto Vargas faz a seguinte leitura: “Si cette éducation est bonne c’est parce qu’elle adapte l’homme à l’ordre des choses; car avant même d’être éduqué l’homme était déjà monstrueux, déjà défiguré, et comme une moitié de monstre est plus monstrueuse qu’un monstre accompli, c’est une bonne chose que l’éducation fasse le reste et forme l’homme à sa complète difformité...” cfr. Vargas, Yves, “*Introduction à l’Emile de Rousseau*”, Press Universitaires de France, Paris, 1995, p.7.

condenadas a trabalhos contínuos como os galeotes, sem ter certeza de que tantos trabalhos algum dia lhes serão úteis!”⁴⁴⁹

Com a educação o homem pode realizar-se, agir ativamente e de modo responsável. Não basta aceitar passivamente as regras impostas pelo contexto cultural em que se encontra para que possa ser um homem feliz. Levando-se em consideração estes aspectos: formação do homem para a vida social, aprendizagem a partir do sentimento e da experiência concreta, apresentam-se as reflexões rousseauanas sobre a educação do homem tendo como fundamento o contato com a realidade, com a experiência, para que deste modo possa ter uma vida feliz e gozar da liberdade:

“Se o desenvolvimento natural do homem é potencializado, ele será naturalmente bom. Se não potencializado, ele estará indubitavelmente vulnerável e, conseqüentemente será corrompido pelo meio social. O homem trona-se escravo quando segue padrões rígidos da sociedade. Segundo Rousseau seguir os impulsos de alguém cega a capacidade natural para o aprendizado, ao passo que se seguirmos a ordem da própria consciência, e em comum acordo, houver consenso das ideias entre maioria, encontraremos a liberdade”⁴⁵⁰.

Percebe-se que a educação propícia para o homem livre e autônomo é um viés para a felicidade, este momento feliz só pode acontecer entre seres humanos. Desta forma a educação negativa é o ponto de partida para a edificação de uma sociedade livre e justa, de um homem feliz, harmonioso consigo, com a natureza e com os outros. Neste contexto é fundamental a educação individual para que possa integrar-se com os outros e se tornar um bom cidadão, logo, há, no método educacional, um ângulo diretivo, uma vereda que aponta o destino.

Ao trabalhar com o seu educando, Rousseau coloca o enfoque na educação. Tenta encontrar novos métodos que possam contribuir com o desenvolvimento educacional, procura uma renovação para o agir pedagógico, pretende redescobrir o papel do educador. Porém, o ponto nevrálgico reside na questão política: a necessidade de o homem estar preparado para contribuir para o avanço social, um partícipe da sociedade, um homem moral. O certo é que tanto a política quanto a educação são pontos fundantes da obra e por sua vez, caminham juntos. Para Carlota Boto:

⁴⁴⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 72. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, pp. 301-302.

⁴⁵⁰ Cfr. Barbosa, W. “O Iluminismo no Século XXI: Rousseau e a Decepção com o Iluminismo”, In *Ciências & Vida: Filosofia Especial*. Vol. I, nº 5, 2007, p. 23.

“Emílio não é apenas um livro sobre educação. Rousseau procura, no Emílio, compreender a própria acepção de criança. Nesse sentido, ele queria procurar, na infância de maneira geral, vestígios do homem em estado de natureza. Ao fazer isso, estabelece periodização da vida e do aprendizado. Denunciando o descaso de sua época relativamente à figura da criança, crítico do modelo educacional veiculado pelos colégios religiosos de seu tempo, Rousseau descreve a condição da criança, ao mesmo tempo em que inventa um menino imaginário, que deveria ser educado de acordo com os critérios da natureza”⁴⁵¹.

Será que ao lado do *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens* e o *Discurso Sobre as Ciências e as Artes*, o *Emílio* não formam um único bloco que pode ser trabalhado como o viés pedagógico-político? Acredita-se que sim. Os três tópicos fundamentais sobre o tema se fazem presentes: o homem, a sociedade e formação do homem. Não por acaso, o próprio Rousseau diz na Carta ao Sr. *De Malesherbes*: “primeiro discurso, aquele sobre a desigualdade e o tratado de educação, obras inseparáveis e que perfazem juntas um mesmo todo”⁴⁵².

Na raiz do pensamento pedagógico-político de Rousseau está a forte oposição entre natureza e sociedade. A liberdade, a igualdade, a adaptação à forma simples de viver, próprios da vida natural, contrastava com a desigualdade social, luta pela sobrevivência, luxúria, prazer, etc., bem propício daquela época. Nesta sociedade o homem se encontrava constrangido, sobrecarregado, oprimido por diversos motivos e algo semelhante era gotejado em todos os setores, em todas as instituições, sobretudo, as educacionais. Tudo era padronizado e as gerações iam aceitando tudo aquilo sem se dar conta de que era possível algo novo. Formar um novo homem independente, não submisso, mas autônomo, livre, senhor de si.

Pois bem, o projeto pedagógico pensado por Rousseau, fruto das diversas experiências desde o período em que foi preceptor até às crises existenciais, traz como modelo a educação de um só indivíduo, o Emílio. Por estar vinculado à vida no campo e ao afastamento da cidade, o programa é chamado de educação natural. O que isto significa? “Mas a revolta de Rousseau, dirigida contra a própria essência da sociedade contemporânea, é de tal envergadura que, para sustentar sua validade, deve vir de um

⁴⁵¹ Cfr. Boto, Carlota, “A *Invenção do Emílio como Conjectura*”: opção metodológica da escrita de Rousseau, *Educação e Pesquisa*, São Paulo, Vol.36, n.1, p. 207-225, jan./abr. 2010.

⁴⁵² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques. “Carta 2 ao Sr. De Malesherbes”, In *Carta a Christophe de Beaumont e outros escritos sobre a religião e a moral*. Organização e tradução de José Oscar de Almeida Marques, Estação Liberdade, São Paulo, 2005b. p. 23-26.

homem que exclui a si mesmo da sociedade”⁴⁵³. Ora, isto quer dizer que o homem, desde seu estado originário é portador de faculdades sensitivas e intelectivas. Na medida em que vai se socializando, estas faculdades vêm, sistematicamente, corrompidas pelo processo civilizatório e cultural.

Portanto, a educação natural e a vinculação à natureza são pontuais frente à sociedade e não por acaso, ao analisar o conceito de natureza em Rousseau, Cambi pontua:

“Cabe lembrar, porém, que “natureza” no texto de Rousseau, assume pelo menos três significados diferentes: 1. Como oposição àquilo que é social; 2. Como valorização das necessidades espontâneas das crianças e dos processos livres de crescimento; 3. Com exigência de um contínuo contato com um ambiente físico não-urbano e por isso considerado genuíno”⁴⁵⁴.

A teoria pedagógica de Rousseau representa um marco de ruptura com o modelo educativo baseado em punições e imposições. A representação educacional e a metodologia apresentada partem de uma subdivisão denominada de etapas formativas. São reflexões feitas sem temor, oriundas do retiro silencioso de um homem que não teve medo de se deixar ser conhecido e sem a preocupação de falar sobre educação:

“Pouco falarei da importância de uma boa educação; tampouco me deterei provando que a educação hoje corrente é má; mil outros o fizeram antes de mim, e não me agrada encher um livro com coisas que todos sabem. Observarei apenas que, há infinitos tempos, todos protestam contra a prática estabelecida, sem que ninguém se preocupe em propor outra melhor”⁴⁵⁵.

O modelo é de uma educação progressiva que principia nos primeiros anos de vida e chega a termo no momento em que ele está pronto para assumir o matrimônio. O princípio geral é de uma educação negativa que privilegia a origem sensível do conhecimento. Até que se completem os doze anos a educação se caracteriza por uma forma livre, espontânea, privilegiando os jogos, o desenho, o canto, a música. Observa-se que é uma etapa formativa em que se desenvolvem os sentidos e a capacidade de compreensão. Para isso há três espécies de mestres formadores:

⁴⁵³ Cfr. Starobinski, Jean, “*Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o Obstáculo*”, trad. Maria Lúcia Machado, Companhia das Letras, São Paulo, 1991, p. 47.

⁴⁵⁴ Cfr. Cambi, Franco. “*História da Pedagogia*”. UNESP: São Paulo, 1999, p. 346.

⁴⁵⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, pp. 3-4. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, pp. 242.

“Essa educação vem-nos da natureza ou dos homens ou das coisas. O desenvolvimento interno de nossas faculdades e de nossos órgãos é a educação da natureza; o uso que nos ensinam a fazer desse desenvolvimento é a educação dos homens; e a aquisição de nossa própria experiência sobre os objetos que nos afetam é a educação das coisas. Assim, cada um de nós é formado por três tipos de mestres. O discípulo em que suas diversas lições se opõem é mal educado e jamais estará de acordo consigo mesmo; aquelas em que todas elas recaem sobre os mesmos pontos e tendem aos mesmos fins vai sozinho para seus objetivos e vivem conseqüentemente. Só esse é bem educado”⁴⁵⁶.

Para que o indivíduo seja educado e se desenvolva de modo coerente é necessário que os três paradigmas educacionais⁴⁵⁷ sejam executados harmoniosamente, sabendo de antemão, que não temos nenhum controle sobre a natureza: “ora, dessas três educações diferentes, a da natureza não depende de nós; a das coisas, só em alguns aspectos; a dos homens é a única de que somos realmente senhores”⁴⁵⁸.

A reflexão de Rousseau sobre educação não pode ser separada dos temas gerais do seu pensamento. De fato o *Emílio*, que constitui o texto no qual o pensador genebrino expõe de modo completo a sua ideia de educação natural, não é somente um tratado de pedagogia, mas se apresenta como uma obra de amplo respiro que parte do princípio metafísico da bondade original do homem. Por esta razão, é oportuno levar em consideração as referências políticas e teóricas que influenciaram na formatação do seu horizonte de pensamento.

A genialidade do filósofo não pode ser considerada a única razão da originalidade do seu tratado sobre a educação. Sem querer limitar a importância do caminho biográfico e das narrações autobiográficas rousseauanas, é necessário analisar os textos e as referências que contribuíram de modo profundo na construção do princípio positivo da educação natural. O entrelaçamento entre temas educativos, filosóficos e políticos é testemunhado, também, pela data de publicação seja do *Emílio*, seja do *Contrato social*, que vem publicado no mesmo ano: 1762.

⁴⁵⁶ Ibidem, p. 09. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 247.

⁴⁵⁷ De acordo com Vargas: “Ces trois “éducations” sont hétérogènes, elles ne découlent pas l’une de l’autre, il existe donc une menace de disharmonie. Cette disharmonie paraît si évidente à Rousseau qu’il ne pose d’emblée qu’un problème, celui de la dominance. La source dominante sera la nature pour des raisons étrangement négatives: “C’est sur celle à laquelle nous ne pouvons rien qu’il faut diriger les deux autres” (247)...” (cfr. Vargas, Yves, “Introduction à l’Emile de Rousseau”, Press Universitaires de France, 1995, p.10).

⁴⁵⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emílio ou Da Educação”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 09. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 247.

Estes textos tiveram uma elaboração complexa, diversos anos para serem elaborados e concluídos, todos eles a partir de uma intuição tida durante o período que ainda era desconhecido, embora talentoso na música, como ele mesmo recorda nas *Confissões*:

“Tinha ainda duas obras na forja. A primeira era as *Instituições Políticas*. Examinei o estado deste livro, e achei que exigia ainda muitos anos de trabalho. Não tive coragem para o continuar e esperar que estivesse concluído para executar a minha resolução. Deste modo, renunciando a semelhante obra, resolvi extrair dela o que pudesse ser isolado, queimando em seguida o resto; e atirando-me com ardor ao trabalho, sem interromper o *Emílio*, em menos de dois anos dei última demão no *Contrato social*”⁴⁵⁹.

O trabalho simultâneo, que Rousseau declara ter desenvolvido no livro *Instituições Políticas*, não há como não ter influenciado na elaboração dos textos das duas obras importantes: *Emílio* e o *Contrato social*, sobretudo nos temas políticos existentes no V livro do *Emílio*. A ideia de educação natural, além da própria experiência do autor, do contexto vivenciado no século XVIII, deriva de um constante trabalho que o genebrino desenvolveu sobre categorias pedagógicas e filosóficas da sua época. Não é sempre fácil, porém, individuar as fontes que influenciaram Rousseau na composição dos textos. Deste ponto de vista, o trabalho de Derathé⁴⁶⁰ sobre a origem do pensamento político de Rousseau e Jimack⁴⁶¹ sobre as leituras pedagógicas representam um ponto de partida significativo para indagar as raízes do pensamento rousseaneano⁴⁶².

Seja como filósofo e pensador político, seja como teórico da pedagogia que desenvolveu um projeto de formação levando em consideração o estudo “nosso verdadeiro estudo é o da condição humana”⁴⁶³, Rousseau considera que a educação natural, nem sempre fácil de ser executada, acontece diante da relação do aprendiz com as variações da natureza, com os fatos do mundo real:

⁴⁵⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, Vol II. trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 230. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 230.

⁴⁶⁰ Cfr. Derathé, Robert. “*Jean-Jacques Rousseau et la Science politique de son temps*”, P.U.F., Paris 1950.

⁴⁶¹ Cfr. Jimack, P.D, “*La Genèse et la rédaction de l’Émile de J.J. Rousseau*”, Institut et Musée Voltaire, Genève 1960.

⁴⁶² Cfr. Trousson, Raymond, “*Jean Jacques Rousseau*”, Gallimaard, Paris, 2011.

⁴⁶³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 15. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 253.

“Mas terei dito que era coisa fácil uma educação natural? Ó homens! Será culpa minha se tornastes difícil tudo que é bom? Percebo essas dificuldades, concordo; talvez sejam insuperáveis, mas também é verdade eu nos esforçando para preveni-las, prevenimo-la até certo ponto. Mostro o alvo que devemos propormos; não digo que não possamos alcançá-lo, mas sim que aquele que mais se aproximar dele será o mais bem-sucedido (...)”⁴⁶⁴.

O projeto pedagógico apresentado pelo genebrino apresenta o estudo sobre a criança depois da observação das inclinações, sem aquela preocupação de defini-la como homem. É fundamental o entendimento da natureza da criança, pois, ela não é um adulto, para isso a educação negativa deve-se preocupar em: “não ensinar a virtude ou a verdade, mas em proteger o coração contra o vício e o espírito contra o erro”⁴⁶⁵. Pois bem, o projeto pedagógico pensado por Rousseau, fruto das diversas experiências desde o período em que foi preceptor até às crises existenciais, traz como modelo a educação de um só indivíduo, o Emílio.

No conceito de educação negativa Rousseau pressupõe uma educação dos sentidos puramente natural, sem a intervenção, nem se quer do preceptor. Por estar vinculado à vida no campo e ao afastamento da cidade, o programa é chamado de educação natural. O que isto significa? “Mas a revolta de Rousseau, dirigida contra a própria essência da sociedade contemporânea, é de tal envergadura que, para sustentar sua validade, deve vir de um homem que exclui a si mesmo da sociedade”⁴⁶⁶. Ora, isto quer dizer que sentia dentro de si as contradições sociais e maledicências dos desonestos. Não suportando essas dores internas, afastava-se do convívio social. Todas as vezes que frequentava a sociedade percebia, sistematicamente, o processo corruptor da civilização e da cultura.

Sendo assim, a educação que possibilitaria a liberdade do homem, uma formação integral voltada para a autenticidade, para interagir em sociedade, sobretudo, em ações políticas sem se corromper, não pode ser transmitida por uma sociedade que não preza por estas virtudes, qualidades. A sociedade atual é pervertida e como tal está distante de formar homens não corrompidos. Para que a educação tenha uma especificidade natural é preciso que ela exclua todos os ensinamentos que vigoram na

⁴⁶⁴ Ibidem, pp. 98-99. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 326.

⁴⁶⁵ Ib., p. 97. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 325.

⁴⁶⁶ Cfr. Starobinski, Jean, “*Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o Obstáculo*”, trad. Maria Lúcia Machado, Companhia das Letras, São Paulo, 1991, p. 47.

sociedade. Se for este o propósito, o método aplicado pelo mestre deverá ser coerente com a evolução natural do aprendiz. Não pode ser o caminho adotado pela sociedade corrompida: rigurosidade, disciplina rígida, castigo, temor moralizante; deverá ser estruturado à base da evolução psicológica do educando.

1.2. A obra *O Emílio*

A educação do *Emílio* está vinculada às leis da natureza. O processo formativo do aluno fictício encontra seu paradigma no movimento da natureza. Tudo que o educador quer é possibilitar uma educação de qualidade e esta não pode ser encontrada por quem não tem a devida formação; “como é possível que uma criança seja bem educada por quem não tenha sido bem educado?”⁴⁶⁷. Bem sabemos que Rousseau não foi um preceptor dos melhores, a partir da sua experiência descobre que o educador tem um papel fundamental para a vida do educando; um educador de qualidade é capaz de transformar os vícios que a sociedade impõe e propõe ao educando:

“Quanto ao meu aluno, ou antes, ao aluno da natureza, desde cedo treinado a bastar a si mesmo tanto quanto possível, ele não se habitua a recorrer continuamente aos outros, e muito menos a exhibir o seu grande saber. (...) não fala muito, mas age, não sabe uma palavra do que se sabe na sociedade, mas sabe muito bem o que lhe convém. (...) cedo adquire uma grande experiência, toma aula de natureza e não dos homens; por não vem em nenhuma parte a intenção de instruí-lo, instrui-se melhor”⁴⁶⁸.

1.2.1. Livro I (0 -5 anos)

O ponto de partida nas reflexões do livro I é o ideal pedagógico que consistia em preservar a liberdade natural da criança e depois promover a liberdade moral. Este primeiro período, onde a razão ainda não é plenamente desenvolvida, logo a criança não pode ser exigida como se fosse dotada de plena capacidade para compreender as coisas, foi denominada de educação negativa. Este termo não significa a visão pejorativa que normalmente atribuímos, o que Rousseau pretende é apresentar um método que visa apresentar um conhecimento respeitando o desenvolvimento da criança indo de encontro ao que prejudica seus interesses.

⁴⁶⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 28. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 263.

⁴⁶⁸ Ibidem, pp. 138-139. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 361.

Com o estilo de vida propiciado pela sociedade parisiense do século XVIII, as famílias mais abastadas procuravam desfrutar do apogeu econômico participando mais ativamente dos festins, dos movimentos sociais, etc., para aquelas famílias de classe social inferior, economicamente, o trabalho ocupava maior parte do tempo, como consequência, para os dois tipos de instituição, a educação dos filhos era destinada a preceptores, ama ou governantas. Como, neste período, o processo formativo era de fundamental importância para a vida, o genebrino não aceitava que pessoas despreparadas se dispusessem a tal serviço. Este posicionamento vale tanto para as famílias, orfanatos e colégios internos:

“Mas, se as mães se designarem a amamentar seus filhos, os costumes reformar-se-ão por si mesmos, e os sentimentos da natureza despertarão em todos os corações. O Estado irá repovoar-se. Este primeiro ponto, apenas este ponto irá reunir tudo. Os atrativos da vida doméstica são o melhor contraveneno para os maus costumes”⁴⁶⁹.

Era imprescindível para Rousseau que este contexto fosse modificado. Aqueles que cuidavam das crianças nesta fase deveriam ter uma formação mínima para exercer a função, pois, o respeito à criança e ao seu processo de desenvolvimento deveria ser acompanhado de modo livre e não sobre ordens de obrigatoriedade. Por outro lado, o espaço de desenvolvimento deveria ser o mais natural possível e o lugar mais comum deveria ser o campo:

“No estado em que as coisas estão um homem abandonado a si mesmo desde o nascimento entre os outros seria, o mais desfigurado de todos. Os preconceitos, a autoridade, a necessidade, o exemplo, todas as instituições sociais em que estamos submersos abafariam nele a natureza, e nada poriam em seu lugar. Seria como o arbusto que o acaso faz nascer no meio de um caminho, e que os passantes logo fazem morrer, atingindo-o em todas as partes e dobrando-o em todas as direções”⁴⁷⁰.

O autor deixa transparecer a sua real preocupação com a condição humana num ambiente verdadeiro, sem subterfúgios, pois a natureza é aquilo que é; a preocupação com o humano e a valorização das necessidades espontâneas, desde o nascimento, é uma reapropriação de sua essência original.

⁴⁶⁹ Ib., p. 22. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 257.

⁴⁷⁰ Ib., p. 07. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 245.

Ao acompanhar a criança, o mestre ou preceptor, exerce um papel importantíssimo como acompanhante, segue a marcha evolutiva da criança não influenciando no ritmo natural de aprendizagem. Tudo aquilo que surge e que tem a procedência da sociedade é afastado do convívio do aprendiz. A influência da sociedade sobre ele não existe. A educação é uma harmonia entre o natural e a criança, sem pressa. Caracteriza-se pela manipulação de objetos, sensações oriundas do movimento natural das coisas.

Diante da finitude humana, Rousseau propõe um resgate a partir da educação. Esta deve principiar desde o nascimento sob o auxílio de três mestres: a natureza, os homens e as coisas. Se as instituições públicas não são capazes de elevar o ser humano ao mais alto posto, desde a mais tenra idade, à dignidade moral para combater a corrupção e não se deixar levar pela mentira ou pelas máscaras, não há o que se possa fazer senão protestar. A educação doméstica é esta alternativa. Nos dois primeiros anos de vida a criança precisa ter um bom desenvolvimento físico e mental e os educadores precisam estar atentos a isto. Eis, portanto, os grandes temas do Livro I:

- Princípio da educação e bondade original da natureza humana;
- Educação natural como educação doméstica;
- A educação começa desde o nascimento;
- Conhecer a infância e respeitá-la por aquilo que é;
- Educação progressiva;
- Elementos de puericultura;
- A mãe como nutrisse e o pai como primeiro preceptor;
- Característica do pedagogo ideal;
- Característica do Emílio;
- A educação na primeira infância: dimensão psicológica, emotiva e linguística;

1.2.2 Livro II (06 a 11 anos)

Período de formação da criança em que os sentidos têm uma atuação precípua gozam de privilégios. Através deles as coisas passam a angariar sentido, significados. Para que não fique deteriorada a criança precisa ser educada a começar da educação negativa: “Portanto, a primeira educação deve ser puramente negativa. Consiste não em ensinar a virtude ou a verdade, mas em proteger o coração contra o vício e o espírito

contra o erro”⁴⁷¹. Nesta fase os exemplos falam muito fortes e a sensibilidade moral deve ser gradualmente conduzida durante o desenvolvimento físico e intelectual

Para anular as ações da sociedade sobre a criança é conveniente que a distância continue sendo mantida. O convívio com pessoas que frequentam a sociedade é nulo, a única relação é com o educador. A este cabe o papel de vigilante e assegurar que a natureza cumpra o seu papel, já que o ensinamento é outorgado com plena liberdade, a autoridade do preceptor não aquela que determina, mas a que indica, orienta:

“O homem verdadeiramente livre só quer o que pode e faz o que lhe agrada. Eis a minha máxima fundamental. Trata-se apenas de aplicá-la à infância. (...) A sociedade enfraqueceu o homem não apenas lhe tolhendo o direito que tinha sobre suas próprias forças, mas, sobretudo tornando-as insuficiente”⁴⁷².

Percebe-se que a liberdade para a criança é uma conquista. As experiências que se sucedem nesta etapa são novas, desde o momento que passa a correr riscos até o famoso teste da dor. O preceptor conduz a criança nos exercícios constantes, isto não significa afastá-la do perigo, ao contrário, passando por estas provações vai consolidando aquela autonomia tão necessária para os momentos de decisão, principalmente, não fugir das adversidades.

A criança reconhece e toma consciência do desequilíbrio que existe entre a sua necessidade e a capacidade que possui para acolher e assimilar o que lhe é dado para satisfazer-se. Os desejos da facilidade não podem se sobrepor à força adquirida nas experimentações. Aqui a criança aprende distinguir aquilo que é necessário e natural daquilo que é artificial e supérfluo. O que importa é satisfação das primeiras necessidades.

Mesmo havendo a dicotomia entre a necessidade da criança e a capacidade para assimilar fica claro que a educação moral não é privilegiada, nela está contida deveres e obrigações. Tomar consciência de si mesmo requer atitudes, fazer as coisas por si próprio mesmo quando for preciso se predispor com obstáculos físicos ou sujeito a punições. A criança deve ir ao encontro daquilo que precisa: “nada concedei a seus

⁴⁷¹ Ib., p. 97. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 325.

⁴⁷² Ib., p. 81. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 309.

desejos porque ela o pede, mas porque precisa”⁴⁷³ ; tal atitude desperta o interesse para resolver suas próprias necessidades.

O conteúdo aprendido nesta etapa, especificamente, não se aprende com lições nas salas de aula, com crianças diante de um mestre, com proibições ou comandos, premiações ou castigos, essa aprendizagem se dá de forma mais livre possível, é a criança diante do desafio e não diante do livro. Se na sala de aula tradicional o preceptor antecipa os conteúdos, aqui é o contrário, aqui o que vale é os interesses, as necessidades da criança. O preceptor faz uso do senso crítico para que elas percebam que estão no comando, embora, o grande mestre percebe que em nenhum momento o controle lhe foge às mãos. É ele que guia e aponta qual a direção do crescimento educativo do educando.

Durante esta fase o genebrino deixa claro que o mundo da ciência, os conhecimentos acadêmicos, aqueles voltados para os livros são ineficazes. O conjunto de regras tanto as morais quanto a descoberta dos valores das coisas, a distinção entre o bem e o mal até atingir uma maturidade educacional passam pela formação dos sentidos, adquirir uma sensibilidade profunda até o amadurecimento do homem: “a obra prima de uma boa educação é formar o homem razoável”⁴⁷⁴ . Eis, portanto, os grandes temas do Livro II:

- Educação dos sentidos;
- Atenção à singularidade de cada educando e predisposição de um método apropriado;
- Não aos raciocínios com as crianças (crítica à Locke);
- Educação negativa;
- Aprendizagem através da experiência;
- Não a educação verbal e livresca, mas aprender a ler e escrever a partir do próprio interesse pessoal;

⁴⁷³ Ib., p. 83. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 311.

⁴⁷⁴ Ib., p. 90. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 317.

1.2.3 Livro III (12 a 15 anos)

Todo processo de aprendizagem que se desenvolve nesta fase afeta toda a vida porque nela está intrinsecamente vinculada a força física, intelectual e moral. É uma etapa que diz respeito não somente ao amadurecimento físico, mas envolve a investigação, a procura de conhecimento, a busca de resposta para as curiosidades relacionadas a diversas questões que tem o princípio no campo físico e daí se expande para o plano espiritual:

“Vejo em nossos campos jovens que lavram, binam, seguram o arado, enchem um tonel de vinho, guiam um carro com seus pais; considerá-los-íamos adultos, se o som de suas vozes não os traísse. Em nossas próprias cidades, jovens trabalhadores, ferreiros, couteiros, ferradores, são quase tão robustos quanto os mestres, e seriam pouco menos hábeis se os tivessem treinado a tempo. (...) De resto, não estamos falando aqui apenas de forças físicas, mas sobretudo da força e da capacidade do espírito que as completam ou as dirigem”⁴⁷⁵.

Se até este momento a razão não foi plenamente desenvolvida a partir de agora tanto a razão quanto as forças da criança se desenvolvem de forma rápida, como consequência, a impoção pedagógica também muda. A educação negativa entrega seu posto e passa a prevalecer os ensinamentos da educação positiva aquela que pretende formar o espírito e dar ao educando um conhecimento dos deveres do homem.

A procura minuciosa, o desejo de saber, de desvendar as coisas faz com que o interesse recobre um tipo de pedagogia que difere das etapas anteriores. Um tipo de saber formal, mas não é ainda aquela série de ideias pré-ordenadas, mas um conjunto de pensamentos ou concepções que impulsionam o aprendiz adolescente na busca de conhecimento útil, que sacie suas necessidades, que tenha importância prática. É depois dos 12 (doze) anos, fase denominada de pré-adolescência e adolescência que o educando está mais receptivo e mais disposto à aprendizagem.

A partir daqui as necessidades são mais exíguas do que a força que dispõe, isto é, são mais do que suficiente para satisfazê-la; a energia aplicada favoravelmente é mais do que considerável para adequar suas necessidades:

“Embora até a adolescência todo o curso da vida seja em tempo de fraqueza, há um momento na duração desta primeira idade em que, tendo o progresso das forças ultrapassado o das necessidades, o animal que cresce, ainda absolutamente fraco, torna-se relativamente

⁴⁷⁵ Ib., p. 212. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 442.

forte. Nem todas as suas necessidades estando desenvolvidas, suas forças atuais são mais do que suficientes para satisfazer às que possui. Como homem, ele seria fraquíssimo; como criança, é muito forte”⁴⁷⁶.

Nesta terceira etapa o educando tem uma relação ativa, ele é um sujeito apto para agir. A situação mais emblemática é aquela do náufrago, Robinson Crusóé, que mesmo sozinho numa ilha deserta, soube conduzir suas forças diante do obstáculo e busca aquilo que lhe proporcionou a mais útil serventia: “Se vossa instrução for realmente fora de propósito, não haverá mal algum em abandoná-la totalmente; se ela não o for, se ela não o for um pouco de atenção logo encontrareis uma oportunidade de tornar perceptível para ele a sua utilidade”⁴⁷⁷.

Diante de um problema o educando sabe buscar soluções, no exemplo acima demonstra a necessidade de buscar o que é útil naquilo que se aprende, não se trata de estudar o que gosta ou o que deixa de gostar, mas aquilo que será útil para a vida, entretanto, esta utilidade tem um tempo determinado, deve ser o tempo devido para que ela possa experimentar:

“Tornai vosso educando atento aos fenômenos natureza e logo o tornareis curioso, mas, para alimentar sua curiosidade, nunca vos apresseis em satisfazê-la. Colocais questões ao seu alcance e deixai que ele as resolva. Que nada ele saiba porque lho dissestes, mas porque ele próprio compreendeu; não aprenda ele próprio a ciência, mas a invente”⁴⁷⁸.

Ao educador cabe, neste período, a não transmissão de noções com muito conteúdo, mas provocar e promover o interesse pelo estudo, esta preocupação tem que ser movida pela utilidade, isto não pode deixar de ser reverenciada, tem que visar uma prática imediata para contrapor ao critério obrigatório dos institutos educacionais vigentes que ensinam pela obrigação. Essa utilidade imediata do saber também é apresentada em outro exemplo:

“Observamos a posição da floresta ao norte de Montmorency quando ele me interrompeu com sua importuna pergunta: *Para que serve isso?* Tens razão, disse-lhe eu, precisamos pensar bastante nisso; e, se acharmos que este trabalho não serve para nada, não voltaremos a

⁴⁷⁶ Ib., p. 211. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 441.

⁴⁷⁷ Ib., p. 236. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 463.

⁴⁷⁸ Ib., p. 216. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 446.

ele, pois não nos faltam diversões úteis. Ocupamo-nos com outra coisa e não se fala mais de geografia pelo resto do dia”⁴⁷⁹.

Se a educação, neste período, está voltada para a prática e para utilidade não significa que descarta a capacidade intelectual; as experiências concretas, contextualizadas através das aplicabilidades reais do conhecimento humano não prescindem das reflexões teóricas. Por outras palavras:

“Se, em vez de colar uma criança aos livros, eu a ocupar numa oficina, suas mãos trabalharão em prol de seu espírito; tornar-se-á filósofa acreditando ser apenas operária. Finalmente, esse exercício tem outros usos de que falarei adiante, e veremos como dos jogos da filosofia podemos elevar-nos às verdadeiras funções do homem”⁴⁸⁰.

Eis, portanto, os grandes temas do Livro III:

- Educação do intelecto;
- Evitar o desequilíbrio entre necessidade e força;
- Estudo dos fenômenos naturais visando a aprendizagem das ciências;
- Centralidade do critério de utilidade;
- Aprender uma profissão;
- Livro de Robison Crusóe como primeira leitura;

1.2.4 Livro IV (15 a 20 anos)

Rousseau, ao escrever o Livro IV faz uso da educação, mas levando em consideração o período denominado de idade da razão e da paixão. Ganham notoriedade as concepções religiosas e moralizantes, sobretudo na *Profissão de Fé do Vigário Saboiano*, conforme o conteúdo que se segue:

“Dizem que a consciência é obra dos preconceitos; no entanto, sei por minha experiência que ela se obstina em seguir a ordem da natureza contra todas as leis dos homens. Por mais que nos proíbam isto ou aquilo, os remorsos sempre nos reprimem com pouca força o que a natureza bem ordenada nos permite, e com mais forte razão o que ela nos prescreve”⁴⁸¹.

⁴⁷⁹ Ib., p. 237. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 464.

⁴⁸⁰ Ib., p. 231. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 458.

⁴⁸¹ Ib., p. 373. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 574.

Sem dúvida que é uma fase de amadurecimento; o interesse pelo conhecimento de pessoas, principalmente, o sexo oposto, que até então lhe era desconhecido vem à tona e junto com ele a ocupação do amor próprio, por sua vez, percebe-se que o grande perigo é que o amor de si vá cedendo o seu espaço⁴⁸². Mesmo assim, a sensibilidade se faz notar, pois o intento não é formar um homem esperto e sábio, mas um homem que seja capaz de se sensibilizar frente aos procedimentos indignos, a insensatez, a avareza humana:

“A fonte de nossas paixões, a origem e princípio de todas as outras, a única que nasce com o homem e nunca o abandona enquanto ele vive é o amor de si; paixão primitiva, inata, anterior a todas as outras e de que todas as outras não passam, em certo sentido, de modificações. (...) o amor de si é sempre bom e sempre conforme à ordem. Estando cada qual encarregado de sua própria conservação, o primeiro e mais importante de seus cuidados é e deve ser zelar por ela continuamente; e como zelariamos dessa maneira se não tivéssemos por ela o maior interesse?”⁴⁸³.

O método de preparação aplicado pelo educador deve motivar o aprendiz a anular as ações oriundas do amor próprio. Ao lado do amor de si está incluso a piedade, pois quem vê o outro ser prejudicado, sentindo a dor física, vivendo em miséria ou o sofrimento da morte, e se deixa ser tocado por esta situação, traz consigo o desejo de ajuda. O sentimento e a piedade se manifestam. A solidariedade que manifesta é uma expressão da comiseração, gerada pelo instinto do amor de si, fonte de todas as atitudes altruísticas do homem, é uma ação que tem sua fonte inspiradora a própria natureza. Ao chegar a este estágio com plena maturidade, o aprendiz está apto a compreender o sentido da justiça e da bondade, elementos tão ausentes na sociedade.

Quem vivencia o amor-próprio assume, incessantemente, atitude agressiva com o outro e o marco que referenda tal gesto é a inveja; se o amor-de-si, a piedade: “primeiro sentimento relativo que toca o coração humano conforme a ordem da natureza”⁴⁸⁴ impulsionam ações de desprendimento, como consequência leva a

⁴⁸² O conceito do amor próprio e amor de si, já trabalhados em partes anteriores desta pesquisa, vem aqui exposto em seu caráter mais sintético, sempre de acordo com o que apresenta o *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*: o primeiro está vinculado à sobrevivência, é perfeitamente natural; o segundo é vinculado a uma necessidade social, bem próximo aquele desejo de ser admirado, considerado, é dele a origem de algumas adversidade e temor na vida social.

⁴⁸³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 288. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 231.

⁴⁸⁴ *Ibidem*, p. 304. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 247.

conciliação e a felicidade do gênero humano; já o amor-próprio impele atitudes de egoísmo levando o humano a distanciar-se um do outro, a desconsideração:

“A imaginação coloca-nos no lugar do miserável mais do que no lugar do homem feliz; sentimos que uma dessas condições nos diz respeito mais de perto do que a outro. A piedade é doce, porque ao nos colocarmos no lugar de quem sofre sentimos, no entanto o prazer de não sofrer com ele. A inveja é amarga, na medida em que o aspecto de um homem feliz, longe de colocar o invejoso em seu lugar, dá-lhe a tristeza de não estar nele. Parece que um nos tira os males de que sofre e outro nos subtrai os bens de que goza”⁴⁸⁵.

Tais atitudes pautadas na piedade, inveja, etc. Fazem o homem adentrar de forma pura no campo moral:

“Entramos finalmente na ordem moral: acabamos de dar um segundo passo de homem. Se este fosse o lugar, tentaria mostrar como dos primeiros movimentos do coração erguem-se as primeiras vozes da consciência, e como nascem as primeiras noções do bem e do mal dos sentimentos de amor e de ódio; mostraria que justiça e bondade não são apenas palavras abstratas, meros seres morais formados pelo entendimento, mas verdadeiras afecções da alma iluminada pela razão, que não são mais que um progresso ordenado de nossas afecções primitivas”⁴⁸⁶.

É como ser moral que se lança à tarefa não só de compreensão do outro, mas da vida social, o faz porque o fundamento maior é o bem viver em sociedade, esta ação faz gerar um novo comportamento e um novo modo de viver em sociedade. Para o ser humano chegar a esse nível de maturidade é preciso reconhecê-lo como carente e com necessidades específicas que precisam ser trabalhadas desde a infância. Aqui aparece a importância do trabalho do preceptor que faz o educando se defrontar com as circunstâncias adversas: a desigualdade, a dor, a indignação, as doenças e desta forma se disponibilizar para ajudar. Essa aprendizagem partilhada pelo preceptor não é oral, é um ensinamento que passa pelo contato com a realidade, é um desafio que vai sendo superado:

“Para tornar-se sensível e piedosa, é preciso que a criança saiba que existem seres semelhantes a ela que sofrem o que ela sofreu, que sentem as dores que ela sentiu e outras que deve ter ideia de que também poderá sofrer. De fato, como nos deixaremos comover pela piedade, a não ser saindo de nós mesmos e identificando-nos com o animal que sofre e

⁴⁸⁵ Ib., p. 302. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 247.

⁴⁸⁶ Ib., pp. 323-324. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 268.

deixando, por assim dizer, nosso seu para assumir o seu? (...) Assim ninguém se torna sensível a não ser quando a sua imaginação se excita e começa a transportá-lo para fora de si”⁴⁸⁷.

Rousseau considera que a razão pela qual o período da vida que se estende dos quinze aos vinte anos é entendido como uma fase de aborrecimento, de descontentamento, reside no facto de a educação ter sido distorcida nas fases anteriores:

“A adolescência não é a idade nem da vingança, nem do ódio: é a da comiseração, da clemência e da generosidade (...) uma criança que não teve um mau nascimento e que conservou até os vinte anos a inocência é nessa idade o mais generoso, o melhor, o mais amoroso e o mais amável dos homens”⁴⁸⁸.

Ora, o Emílio, desde o início da sua formação foi retirado da familiaridade, do convívio com a sociedade corruptível, de viver em comum com outrem em intimidade, de pessoas que pudessem influenciá-lo pelo amor-próprio. Tal não aconteceu com o objetivo de formá-lo como ser egocêntrico, misantropo, possessivo. Não, o que se pretendeu foi colocá-lo em pleno convívio social paulatinamente, no momento devido, para que pudesse responder afirmativamente à deterioração da sociedade. O Emílio foi preparado para conviver de forma virtuosa com os seus semelhantes.

O distanciamento do núcleo social implica numa formação pura, individualista, particular⁴⁸⁹? Um afastar-se de modo brusco visando preservá-lo de todo tipo de mau moral? Um recurso metodológico para formar o homem novo? O fato de ter sido apartado quando muito jovem da sociedade, quando nem tinha dado os primeiros passos, não implica torná-lo um homem diferenciado enquanto ser existente, mas um homem que tenha, em seu meio, comportamento probo e que seja capaz de responder negativamente quando for tentado à corruptibilidade. Fato que o genebrino não acreditava que as instituições da época fossem capazes de fazê-lo. Eis, portanto, os grandes temas do Livro IV:

⁴⁸⁷ Ib., p. 304. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 249.

⁴⁸⁸ Ib., p. 301. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 246.

⁴⁸⁹ “Nas várias leituras que se fizeram do *Emílio* nesses quase dois séculos e meio da sua existência, especialmente pelos leitores pedagogos, observamos uma tendência de interpretação que recebeu a preferência de muitos. Ela dá como certa que Rousseau está expondo neste texto uma proposta de educação doméstica e preocupado em formar o homem, o particular, o indivíduo. Essa interpretação é normalmente apoiada, sobretudo, em determinada passagem do autor logo no início do tratado”. Maria de Fátima Simões Francisco. *A Filosofia da Educação de Rousseau – uma proposta de releitura do Emílio*. In: *Cadernos de História e Filosofia da Educação*, V II, n. IV. São Paulo: Editora da Faculdade de Educação, USP, 1988, pp. 35-42.

- Com 15 anos: a puberdade; segundo nascimento;
- Educação indireta;
- Educação dos sentimentos; desenvolvimento do amor próprio e do orgulho;
- Estudo da história como moral em ação, leitura de contos;
- Aos 18 anos: se manifesta a voz da consciência; necessidade de uma educação religiosa;
- Profissão de fé do Vigário; religião natural; ateísmo e ceticismo;
- Crítica à religião positiva-revelada;
- Educação sexual com clareza;

1.2.5. Livro V (19-25 anos)

A formação do homem é uma preocupação constante nas obras de Rousseau. Esse processo tem seu início no afastamento do convívio vicioso existente no meio social e não da sociedade em si, pois, é na sociedade que é possível o homem encontrar o sentido real de sua existência, por conseguinte, atingir um nível de bondade próximo ao estado de natureza. A partir do momento que o Emílio se mostrou capaz de sair e experimentar a vida em sociedade entende-se que a etapa formativa estava concluída. A preocupação, agora, é com a instituição família e a educação feminina.

Se nos quatro capítulos anteriores Rousseau se preocupou com a educação do Emílio, no livro quinto a preocupação é com a educação daquela que será a futura esposa do seu educando dileto: Sofia. Explica Rousseau: “Não é bom que o homem esteja só, e Emílio é homem; prometemos-lhe uma companheira, é preciso dar-lha. Essa companheira é Sofia”⁴⁹⁰. Eis que chega o momento de Emílio assumir as responsabilidades de homem em idade madura. A mulher que o acompanhará não recebeu a mesma educação que o Emílio, porque, segundo Rousseau, a dessemelhança de sexo leva a desconformidade no ato de educar: “Uma vez que se demonstrou que o homem e a mulher não são nem devem ser constituídos da mesma maneira, nem quanto ao caráter, nem quanto ao temperamento, segue-se que não devem ter a mesma educação”⁴⁹¹.

⁴⁹⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 515. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 692.

⁴⁹¹ Ibidem, p. 524. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 700.

Uma das características marcante do quinto livro é a visão tradicional que Rousseau apresenta sobre a mulher. Quando estas ideias são lidas ao pé da letra, ou seja, descontextualizada, entende-se como um discurso de mais alto grau sobre a inferioridade feminina, uma visão muito tradicional que não traz nenhum avanço significativo já que reserva à mulher um papel que lhe fora destinado ao longo da história: servir aos homens. Veja-se:

“Se a mulher foi feita para agradar e para ser subjugada, deve tornar-se agradável ao homem em vez de provoca-lo; sua violência própria está em seus encantos; é por eles que ela deve força-lo a descobrir sua força e a usar dela. A arte mais certa de animar essa força é torná-la necessária. (...) Daí nascem o ataque e a defesa, a audácia de um sexo e a timidez do outro, enfim, a modéstia e a vergonha com que a natureza armou o fraco para sujeitar o forte”⁴⁹².

O máximo de exagero no modo de se referir à mulher é quando justifica a desigualdade entre os sexos pondo a origem na natureza e na razão: “quando a mulher se queixa a esse respeito da injusta desigualdade que o homem institui errada; tal desigualdade não é uma instituição humana, ou pelo menos não é obra do preconceito, mas da razão”⁴⁹³. A educação da mulher deve estar vinculada a realização do homem, ela não pode usurpar as vantagens masculinas, deixar de propiciar o prazer, ser útil: “Seguir-se-á daí que ela deve ser educada na ignorância de todas as coisas e limitada unicamente aos trabalhos de casa?”⁴⁹⁴. Após o questionamento a conclusão que se chega é que a mulher deve ser educada numa ignorância parcial já que pode aprender diversas atividades.

Os exercícios físicos, a liberdade para brincar, viver de acordo com a idade, o cuidado dos filhos, a prenda doméstica, preparar-se para ser mãe, cuidar do filho, tudo isto é sinônimo de uma educação voltada para o mundo privado: o convento é o local da educação de Sofia. Na educação do filho ela vai prepara o cidadão para a vida social, preparando-o para aceitação do contrato social. Em função da garantia da ordem social ela aprendeu a se conformar com a vida, a controlar seus sentimentos em função de algo mais sublime, a vida pública dos homens e a garantia da ordem civil. Expõe o autor:

⁴⁹² Ib., p. 517. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 693.

⁴⁹³ Ib., p. 521. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 697.

⁴⁹⁴ Ib., p. 526. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 701.

“Já que antes de eleger para si mesmo um rei o povo é um povo, o que então o tornou tal senão o contrato social? O contrato social, portanto, é a base de toda sociedade civil e é na natureza desse ato que se deve procurar a sociedade que ele forma. Procuremos saber qual é o teor desse contrato e se não podemos enuncia-lo aproximadamente por esta fórmula: Cada um de nós põe em comum seus bens, sua pessoa, sua vida e toda sua potência, sobre a suprema direção da vontade geral, e recebemos em bloco cada membro como parte indivisível do todo”⁴⁹⁵.

A compreensão da educação a partir de Rousseau não pode estar desvinculada do entendimento de uma sociedade justa e que propicie a felicidade para todos. É por isso que a paixão, a razão e o sentimento não podem deixar de trilhar a etapa pedagógica desde a mais tenra idade visando à constituição de uma sociedade educadora. Eis, portanto, os grandes temas do Livro V:

- Educação feminina;
- Sofia ou a mulher;
- Encontro de Emílio com Sofia;
- Viagem de Emílio para vários países com a companhia do preceptor;
- Educação política e a cidadania (retomada de temas do Contrato Social);
- Matrimônio com Sofia (união entre o homem e a sabedoria);
- Emílio se torna pai e preceptor do próprio filho;
- Educação por toda a vida

Eis, portanto, o modo como Rousseau percorre a moderna classificação das fases evolutivas indicada na primeira infância até a fase adulta. Um percurso pedagógico que visa adequar o processo de ensino-aprendizagem às condições psíquicas do aprendiz. O modelo é de uma educação progressiva que principia nos primeiros anos de vida e chega a termo no momento em que ele está pronto para assumir a vida adulta na sociedade. O princípio geral é de uma educação negativa que privilegia a origem sensível do conhecimento. Observa-se que é um período em que se desenvolvem plenamente os sentidos e a capacidade de compreensão.

Dentre as novidades apresentadas por Rousseau se encontra o entrelaçamento entre sentimento e razão:

⁴⁹⁵ Ib., p. 680. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 756.

“Enquanto todos se voltam para as explicações racionais e objetivas marcadas pelo primado da razão, Rousseau revela uma maneira própria de pensar, em que utiliza tanto o coração quanto o intelecto. No *Emílio*, especificamente, a síntese emoção e razão enfatizada em algumas passagens pelo discurso em primeira pessoa, cria um clima em que, ao escapar do real, através de seus devaneios, ele não só transforma este real, como recria’⁴⁹⁶ .

No projeto de educação negativa se destaca a interconexão do educando com a natureza. É preciso respeitar o tempo de aprendizagem, as etapas, as fases não podem ser superpostas, nem mesmo no desenvolvimento da razão. A aprendizagem adquirida nas diversas etapas da vida, desde criança até a fase adulta, é uma oportunidade de aperfeiçoamento, onde o educando torna-se apto ou capaz. A educação negativa visa não somente preservar a inocência e a pureza da criança, mas também privilegiar uma relação educativa entre o preceptor e o educando.

É, de fato, no estado de natureza que o homem vive uma condição de igualdade e liberdade, aprendendo com as experiências, aquela que verdadeiramente nos ensina as coisas do mundo, amadurece as nossas capacidades e enriquece as nossas faculdades, respeitando as etapas da natureza. Daí, a aprendizagem que é um bem precioso do homem não pode ser estimulada somente através da razão, mas estar vinculada às necessidades e às paixões.

Uma das preocupações da educação negativa é combater um modelo pedagógico que visa não aprender nos momentos de ociosidade, considerando perda de tempo. No contexto rousseauiano, a perda de tempo ou a ociosidade é parte do processo formativo, é um caminho que dispõe à criança a entender melhor como há harmonia entre as coisas, basta que para isso ela esteja em condições de entendê-la. Enquanto o modelo tradicional aplicado pelas instituições sociais da época visa o anúncio da virtude que ao mesmo tempo desperta para o vício, com a educação negativa se desperta os exercícios corporais, o estímulo dos órgãos e aguça os sentidos que, juntos, darão a possibilidade do educando construir o seu conhecimento a partir do próprio interesse.

2. Educação e sentimento

A vida no campo e a relação com a natureza, além de ser um refúgio perfeito para Rousseau, fez com que ele desabrochasse a esfera dos sentidos, dos sentimentos. Não por acaso deixou-se embebecer pela harmonia, pelo espetáculo da vida campestre e

⁴⁹⁶ Cfr. Cerizara, Beatriz, “*Rousseau: a educação na infância*”, Scipione, São Paulo, 1990, p. 30.

beleza das formas, percebeu na natureza toda a fonte para enaltecer a sensibilidade. A maneira como eleva e a importância que dá ao sentimento faz com que este se torne um critério de verdade, tal ideia se torna clara, óbvia quando afirma:

“Para nós, existir é sentir; nossa sensibilidade é incontestavelmente anterior à nossa inteligência, e tivemos sentimento antes de ter ideias. Seja qual for a causa do nosso ser, ela proveu a nossa conservação dando-nos sentimentos convenientes à nossa natureza, e não se poderia negar que pelo menos aqueles sejam inatos. Estes sentimentos, quanto ao indivíduo, são o amor de si, o temor da dor, o horror a morte e o desejo de bem-estar”⁴⁹⁷.

O sentimento é tudo que está no homem do estado de natureza, fonte de inspiração e norma de vida. Tudo que o homem buscava era uma fonte inesgotável de prazer e felicidade e encontra na natureza, isto faz com que o seu pensamento se volte para si mesmo. Se na Idade Moderna predominou “*cogito ergo sum*” cartesiano, após o século XVIII, com Rousseau, temos aquela ideia que parece a inversão do cartesianismo só que o lastro recai sobre o sentimento. Neste ponto é lícito perguntar-se: a razão e as ideias que significam assumem na concepção rousseauiana?

Para Rousseau a razão pode ser o aspecto intelectual do movimento da natureza, ou seja, daquele complexo de sentimentos constitutivos do ser humano: “seu cérebro liso e polido reflete como um espelho os objetos que lhes apresentamos, mas nada fica, nada o penetra. As crianças retêm as palavras, as ideias são refletidas”⁴⁹⁸. As misteriosas origens do sentimento não são julgadas, mas julgam a própria razão. Assim, enquanto todas as ideias provêm de fora, os sentimentos fundamentais constituem uma espécie de intuição superior à razão. Aqui, evidentemente, não está se falando da razão que marca o século XVIII. Rousseau atenta para uma visão do sentimento que vai muito além do berçário iluminista. A razão moderna foi afogada no grande mar do sentimento.

O sentimento se exprime, por exemplo, com espontaneidade quase sacral, seja através da consciência, sentimento inato de justiça e de virtude que está na alma, pelo qual: “tudo o que sinto ser bem é bem; tudo o que sinto ser mal é mal”⁴⁹⁹, seja através

⁴⁹⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, pp. 410-411. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 571.

⁴⁹⁸ *Ibidem.*, p. 120. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 342.

⁴⁹⁹ *Ib.*, p. 385. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 594.

da sensualidade: “todas as paixões sensuais habitam os corpos efeminados”⁵⁰⁰. O homem de natureza é um homem sensual? O homem sensual é sinônimo de homem sensível, de homem sábio. Era, talvez, a aplicação de tais princípios que Sofia, nos *Solitários*, podia contemporaneamente ser adúltera e sentir-se pura, virtuosa e boa:

“Sentia principalmente, no meu caso particular, o que ainda fazia Sophie estimável tornava-se mais desesperador para mim: pois é possível apoiar ou fortalecer uma alma fraca, e aquela que o esquecimento do dever leva a faltar para com ele pode ser reconduzida pela razão; mas como reconduzir aquela que mantém, ao pecar, toda a sua coragem, que saber possuir virtudes dentro do crime e só faz o mal como lhe aprouver? Sim, Sophie é culpada porque quis sê-lo. Quando aquela alma ativa conseguiu vencer qualquer outra paixão; não lhe teria custado mais ser-me fiel do que me declarar o seu erro”⁵⁰¹.

Uma educação que passa a valorizar os sentidos é principiada desde o século XVIII. Seja no núcleo familiar, com os pais ou a ama de leite, seja sob o olhar da ternura do preceptor ou da sociedade. Qual o motivo que desencadeia tal mudança uma vez que a sociedade não era capaz de perceber a criança com toda sua inocência, sensibilidade? Conforme a teoria rousseauiana é fundamental tomar a criança a partir dos seus próprios sentidos, dar-lhe uma educação orientada pela relação direta com as coisas, com as experiências, com o mundo:

“Transformemos nossas sensações em ideias, mas não saltemos de repente dos objetos sensíveis para os objetos intelectuais. É pelos primeiros que devemos chegar aos outros. Nas primeiras operações do espírito, sejam os sentidos sempre seus guias: nenhum livro além do livro do mundo, nenhuma instrução a não ser os fatos”⁵⁰².

A ideia se dissipa nas instituições que tinham como finalidade educar. Após a tomada de conhecimento do *Emílio*, os seus contemporâneos despertaram para a importância dos sentidos em relação à educação infantil: “As primeiras faculdades que se formam e se aperfeiçoam em nós são os sentidos. São, portanto, as primeiras faculdades que seria preciso cultivar; são as únicas que serão esquecidas, ou as mais

⁵⁰⁰ Ib., p. 34. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p.269.

⁵⁰¹ Cfr. Rousseau, Jean-jacques, “*Émile e Sophie, ou os Solitários*”, trad. Françoise Galler, Introdução de Walter Carlos Costa. Hedra, São Paulo, 2010, p. 56.

⁵⁰² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 216. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 446.

desdenhadas”⁵⁰³. A finalidade última do ato de educar seria, utilizando a metodologia aplicada para o Emílio, principalmente, valorizar as características específicas da idade, incentivar a aprendizagem por ela mesma e em contato com as coisas, demonstrar afeição e sentimento. Ou seja, educá-la para a vida em sociedade sem se perder nela.

A educação, de fato, não era somente uma transmissão de conhecimentos abstratos, uma promoção de ensinamentos científicos ou morais. Ensinar não é concentrar conhecimento e repassar ao educando. Ensinar é saber mediar conteúdo através de uma relação que se caracteriza pela experiência, confiança e reconhecimento do outro:

“É assim que se deve formar para ele um depósito de conhecimentos que sirvam para sua educação durante a juventude, assim como para sua orientação em qualquer época. É verdade que este método não forma pequenos prodígios e não faz com que os preceptores e professores brilhem, mas forma homens judiciosos, robustos, são de corpo e de entendimento, que, sem se terem feito admirar quando jovens, far-se-ão honrar quando adultos”⁵⁰⁴.

A aprendizagem posta por Rousseau para seu educando fictício passa pela experiência, é acompanhada pelo preceptor, mas isto não quer dizer que o Emílio se torne dependente deste. É aprendizagem que acontece no tempo propício, sem forçar, sem oprimir, é a expressão de um respeito ao tempo do educando, ao processo de crescimento. Como contraponto a toda cultura educacional da época, a educação rousseaneana acontece de forma que há a possibilidade de viver o máximo de tempo possível o período que é o mais belo e onde se exprime a maior liberdade: a infância.

No processo de aprendizagem a fase em que a criança tudo observa é extremamente importante, pois tudo que: “vê, tudo o que ouve a impressiona e ela lembra; guarda em si mesma o registro das ações e das palavras dos homens e tudo que a rodeia é o livro no qual sem perceber ela enriquece continuamente sua memória enquanto espera que seu juízo possa aproveitá-lo”⁵⁰⁵. Por essa razão o processo de aprendizagem é rico. Observemos que aqui não há o privilégio de um sentido sobre outro, eles formam uma totalidade, cada um desempenha uma função. Para desencadear

⁵⁰³ Ibidem, p. 160. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 380.

⁵⁰⁴ Ib., p. 128. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 351.

⁵⁰⁵ Ib., pp. 127-128. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 351.

um processo de aprendizagem seguro, já que não é mais possível retornar ao estado natural, deve-se priorizar e cuidar das ações que potencializem uma aprendizagem saudável.

Nesse ínterim, tem fundamento a crítica que o genebrino lança ao ensino das diversas ciências quando estas não têm como finalidade provocar, estimular a curiosidade, os interesses da criança, isto quer dizer: quando não é dada à criança a possibilidade de uma aprendizagem voltada para o mundo afetivo. A aprendizagem deve contribuir, possibilitar a formação do espírito de solidariedade para que deste modo se venham a concretizar os objetivos traçados pelo pensador genebrino:

“Antes da idade da razão, a criança não recebe ideias, apenas imagens, e a diferença entre umas e outras é que as imagens são apenas pinturas absolutas dos objetos sensíveis, e as ideias são noções dos objetos determinadas por relações. Uma imagem pode estar sozinha no espírito que a imagina, mas toda a ideia supõe outras ideias. Quando imaginamos, não fazemos nada além de ver; quando concebemos, comparamos. Nossas sensações são meramente passivas, ao passo que todas as nossas percepções ou ideias nascem de um princípio ativo que julga”⁵⁰⁶.

De uma vez por todas é definido que os adultos podem ter um novo olhar sobre a criança e os conteúdos que se entrelaçam num fecho harmônico para formar capital de conhecimento do educando não pode ser catalogado de fontes que não abastecem seu mundo real. Com o projeto educacional rousseauneano esta decisão parece penetrar em todos os âmbitos educacionais. A educação e o processo de aprendizagem precisam ter um sentido para o aprendiz. O conteúdo que está sendo exposto deverá ultrapassar o aparente:

“Não, se a natureza dá ao cérebro de uma criança essa flexibilidade que o torna próprio para receber todo tipo de impressões, não é para que gravemos nele nomes de reis, datas, termos de heráldica, de esfera, de geografia e de todas essas palavras sem sentido nenhum para sua idade, e sem nenhuma utilidade para qualquer idade que seja, com que massacramos sua triste e estéril infância, mas sim para que todas as ideias que ela pode conceber e lhe são úteis, todas as que se relacionam com sua felicidade e um dia devem ajudá-la a compreender seus deveres, nele se gravem desde cedo em caracteres indeléveis e lhe sirvam para que se oriente durante a vida de uma maneira que convenha a seu ser e a suas faculdades”⁵⁰⁷.

⁵⁰⁶ Ib., p. 120. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 344.

⁵⁰⁷ Ib., p. 127. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 351.

Mas, dentro deste contexto, a crítica de Rousseau ainda se dirige em relação às línguas porque não compartilhava da ideia de uma linguagem comum a todas as nações. A linguagem humana passa a existir a partir de uma necessidade de expressão dos sentimentos. Não por acaso, no *Discurso sobre as Ciências e as Artes*, Rousseau faz a crítica às ciências como elemento de degeneração dos costumes da modernidade, afirmando que a linguagem controlada é uma modalidade de dissimular as paixões humanas:

“Antes que a arte polisse as nossas maneiras e ensinassem nossas paixões a falarem a linguagem apurada, nossos costumes eram rústicos, mas naturais, e a diferença dos procedimentos denunciava, à primeira vista, a dos caracteres. No fundo, a natureza humana não era melhor, mas os homens encontravam a sua segurança na facilidade para se penetrarem reciprocamente, e essa vantagem, de cujo valor não temos mais noção, poupava-lhes muitos vícios”⁵⁰⁸.

Nesta obra citada fica claro que o autor sustenta que as artes têm construído uma linguagem capaz de medir e controlar as paixões humanas. A linguagem é mais expressiva do que racional e não por acaso, no seu estado natural, os homens utilizavam sinais sensíveis como os gestos para se exprimir. Portanto:

“Ficareis surpresos que eu conte os estudos das línguas entre as inutilidades da educação, mas lembrai-vos que eu estou falando aqui apenas dos estudos da primeira idade e, diga-se o que for, não acredito que até a idade de doze ou quinze anos alguma criança, com exceção dos prodígios, tenha realmente aprendido duas línguas”⁵⁰⁹.

A arte, a ciência e o progresso, através da linguagem, permitem ao homem controlar as paixões e ao mesmo tempo mascarar-las. A linguagem leva a constituição das ligações sociais, mas ao mesmo tempo, distancia o homem das paixões naturais e o impulsiona para o caminho da degeneração. Como diz *Starobinski*:

“Por mais que os homens pratiquem e escrevam a mesma língua, não estão por isso mesmo mais próximo uns dos outros. No entanto, essa linguagem, incapaz de assegurar uma comunhão pela expressão, tornou-se um meio de ação notavelmente eficaz. Se não permite

⁵⁰⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discurso sobre as Ciências e as Artes*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Abril Cultural, São Paulo, 1983, p. 336. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur les sciences et les arts”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 336.

⁵⁰⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 122. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 346.

aos indivíduos encontrar-se na presença partilhada do sentimento, é uma ferramenta de uma terrível precisão: designa mediamente o universal abstrato”⁵¹⁰.

Os conflitos existentes na sociedade pervertida não serão todos resolvidos pela educação, por melhor que ela seja, mas quando o homem é educado trabalhando os sentimentos, buscando compreender o outro, tendo pleno domínio da linguagem do diferente, constitui uma modalidade educacional privilegiada para gerar as redes sociais e, como consequência, a supressão de certos conflitos. Não por acaso o genebrino trabalha no *Ensaio Sobre a Origem das Línguas*, publicado postumamente em 1781:

“Pode-se, pois, crer que as necessidades ditam os primeiros gestos e que as paixões arrancaram as primeiras vozes. [...] Daí se conclui por evidência, não se dever a origem das línguas às primeiras necessidades dos homens, seria absurdo que da causa que os separa resultasse o meio que os une. Onde, pois, estará esta origem? Nas necessidades morais, nas paixões. Todas as paixões aproximam os homens, que a necessidade de procurar viver força a separarem-se. Não é a fome ou a sede, mas o amor, o ódio, a piedade, a cólera, que lhes arrancam as primeiras vozes”⁵¹¹.

O reconhecimento do outro gera o desejo de comunicar a paixão e este fato origina a palavra e, como consequência, também a saída da humanidade da hipotética harmonia do estado de natureza. Rousseau procura distanciar-se de uma concepção puramente materialista e mecânica da linguagem, típica do seu século, sem reproduzir o rígido dualismo entre corpo e espírito. A necessidade física não pode explicar mecanicamente o nascimento da palavra⁵¹².

São as paixões, complexas e articuladas, que, a partir da experiência constroem o estímulo rumo à linguagem. Se por um lado as desigualdades distanciam o homem do convívio social, a paixão aproxima e possibilita a fala, o diálogo. De forma que, não pode haver uma educação de qualidade sem estes elementos: experiência, sentimento e linguagem.

⁵¹⁰ Cfr. Starobinski, Jean, “*Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o Obstáculo*”, trad. Maria Lúcia Machado, Companhia das Letras, São Paulo, 1991, p. 320.

⁵¹¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Ensaio Sobre a Origem das Línguas*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Abril Cultural, São Paulo, 1983, pp. 265-266.

⁵¹² Cfr. Scott, J.T. “*la morale sensitive*” dans *L'Essai sur l'origine des langues de Rousseau et ses sources*, in “*Études Jean-Jacques Rousseau*”, XVI, Musée Jean-Jacques Rousseau, Montmorency 2005-2006, pp. 9-32 e P. Palacios, *Sources de la théorie du langage chez J.J. Rousseau*, in “*Études Jean Jacques Rousseau*” cit., pp. 33-52.

3. A figura do preceptor/governador

O *Emílio ou Da Educação* é uma obra que tem como elemento central a criança. A formação infantil incomodava o próprio autor, ora por ter tido uma infância conturbada⁵¹³, ora pelos momentos de decepção e abandono que não foram poucos em sua vida desde o nascimento. O tema de maior profundidade no *Emílio* é, sem dúvida, a educação, principalmente, a que se refere à etapa puerícia. Os anos de vivência com seu papai⁵¹⁴ foram o suficiente para que Jean-Jacques compreendesse a responsabilidade que pousa sobre os ombros paternos e com isto não poupa críticas àqueles que não assumem tal responsabilidade e não satisfeitos, recompensam financeiramente a outros para educar os filhos: “Ele paga a outro homem para realizar esses trabalhos que são de sua obrigação. Alma venal! Crês dar com o dinheiro outro pai a teu filho? Não te enganes, não é nem mesmo um professor que lhe dás, mas um criado(...)”⁵¹⁵.

Na primeira reflexão orgânica⁵¹⁶ sobre temas relacionados a educação⁵¹⁷, Rousseau já demonstrava importância na figura do pai, daí apresentar estima e comedido ao falar sobre as crianças de Monsieur Mably, Sainte-Marie e Condillac, as quais deveria educar:

“São pelo menos estes os direitos que o senhor deve me conceder sobre o sr. Seu filho, se deseja dar-lhe uma boa educação, e que responda as belas qualidades que ele apresenta em muitos sentidos, mas que atualmente estão ofuscadas por muitos maus hábitos, antes que o tempo tenha tornado a coisa impossível. Tanto isto é verdade que em relação ao senhor Condillac tais precauções estão longes de se tornar necessárias, ele tanto precisa ser

⁵¹³ No primeiro capítulo deste trabalho há a exposição de diversos momentos que retratam a angústia experienciada por Rousseau com a perda da mãe, a criação com outra família, em casa de parentes, nos seminários, seja com aquela que viveu boa parte da sua adolescência, a encantadora Mamã, Madame de Warens.

⁵¹⁴ Ainda na primeira fase da pesquisa, aborda-se a infância de Rousseau e os traumas enfrentados, item 1.1; 1.2.

⁵¹⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 27. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 263.

⁵¹⁶ O primeiro projeto de educação desenvolvido por Rousseau, dedicado ao Senhor de Saint-Marie, não possui a inegável densidade filosófica do *Emílio*, porém, é possível encontrar elementos especulativos, autônomos que refletem o pensamento do genébrino na busca de um perfil próprio. Diz a tradutora da edição bilingue: “Dois textos chegaram até nós: um com o título *Mémoire présenté à M. de Mably sur l’éducation de M. son fils*, confiado por Rousseau a Mme. Dupin; outro, o *Projet pour l’éducation de Monsieur de Sainte-Marie*, publicado por Moulton e Du Peyrou, em 1728, no *Supplément* da *Collection Complète* des oeuvres de Jean-Jacques Rousseau. Não se sabe qual dos dois teria sido entregue a Mably, caso tenha sido”. Cfr. *Projet pour l’éducation de Monsieur de Sainte-Marie*, A Respeito do Texto, p. 10.

⁵¹⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Projet pour l’éducation de Monsieur de Sainte-Marie*”, Edição bilingue, trad. Dorothée de Bruchard. Revisão da Tradução Walter Carlos Costa, Editora Paraula, s/d.

incentivado quanto o outro ser contido, e saberei adquirir por mim mesmo toda a ascendência que precisarei ter sobre ele”⁵¹⁸.

A educação dos jovens não acontece na cidade para, em seguida, atuarem neste espaço social, ora como aristocrático, ora ocupando cargos políticos. Por ser uma educação mista e plural, ambos são educados da mesma forma. Essa educação não leva em consideração a individualidade, há, apenas, a preocupação com as regras e o contexto da vida social.

O tema relacionado com a responsabilidade do progenitor, no projeto endereçado ao Senhor de Saint-Marie, visa sanar uma inquietação: colher do pai as informações devidas; esta é a condição dada pelo preceptor para o desenvolvimento de uma boa educação. O ato de educar passa pela necessidade de partilhar com o pai os dados sobre as crianças, há um comum acordo entre preceptor e pai. No *Emílio* já não acontece assim: “Emílio é órfão, não importa que tenha pai e mãe. Encarregado dos deveres deles, herdo todos os seus direitos. Deve honrar seus pais, mas só a mim deve obedecer. É a minha primeira, ou melhor, minha única condição”⁵¹⁹.

A radical solução utilizada pelo genebrino no *Émile* afirmando que o educando é órfão pode ser visto como tentativa de superar a difícil relação entre a autoridade paterna e a autoridade do educador. Nardi a este propósito escreve:

“Como um experimento ideal, o educador decide qual deve ser as características do educando com quem trabalha. Por não querer se deparar com posições contrárias ao seu modo de pensar, declara que o Emílio é órfão: cancelando a priori a necessidade humilhante de demonstrar obsequiosamente a razão do acordo que deve reinar entre pai e preceptor, o educador de Emílio assume uma autoridade absoluta sobre seu educando, do qual não mais se separa até que ele se torne, de fato, um homem. Desta primeira condição deriva todas as outras e, em particular, a possibilidade de determinar o ambiente que circunda o educando, que se torna um modelo de laboratório educativo no qual não só os objetos, mas também a pessoa está submissa ao controle exclusivo do educador”⁵²⁰.

No *Emílio*, o educador deve assumir a inteira responsabilidade da educação. Não por acaso, o preceptor leva em consideração este detalhe, porque ele só pode fazer com

⁵¹⁸ Ibidem., p. 29.

⁵¹⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 33. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 267.

⁵²⁰ Cfr. Nardi, Emma, “*Oltre l’Emilio, Scritti di Rousseau sull’educazione*”, Franco Angeli, La Scuola, Milano, 2004, p. 22.

que o educando compreenda o que é autonomia se de fato ele for autônomo, do contrário, a arte de educar não goza de privilégio, daí a importância da individualidade. O afastamento do seio familiar acontece porque a visão se volta para uma dimensão bem maior, além do espaço familiar, a educação como um todo e de todos, é universal.

A educação acontece no campo e o educando é aquele ideal, que possui determinadas características escolhidas pelo próprio preceptor:

“Se é preciso escolher com tanta atenção o preceptor, é permitido a este também escolher o seu educando, sobretudo quando se trata de um modelo a propr. A escolha não pode recair nem sobre o gênio, nem sobre o caráter da criança, que só se conhece ao final da obra, pois ela é adotada antes de nascer”⁵²¹.

O *Emílio* é um trabalho em que o autor expõe uma situação de complexidade do fenômeno educativo moderno. Unir a teoria com o que é peculiar à vivência, sem narrar a própria experiência, isto faz com que o autor utilize um recurso literário, no qual, cria uma situação educativa ideal sob a orientação de um preceptor que acompanha o educando imaginário em toda a sua formação. O processo formativo se dá por etapas⁵²²:

“Assim, tomei o partido de arranjar um aluno imaginário, de supor em mim a idade, a saúde, os conhecimentos e todos os talentos convenientes para trabalhar em sua educação e conduzi-la desde o momento do seu nascimento até que, já homem, já não precise de outro guia que não ele mesmo. Este método me parece útil para impedir que um autor que desconfia de si se perca em visões; pois, a partir do momento em que se afasta da prática ordinária, ele só tem de dar provas do valor de sua prática em seu educando, e logo sentirá, ou o leitor sentirá por ele, se está seguindo o progresso da infância e a marcha natural do coração humano. Eis o que procurei fazer em todas as dificuldades que se apresentaram. Para não engrossar inutilmente o livro, contei-me em colocar os princípios, cuja verdade cada qual deve perceber. Mas quanto às regras que podiam precisar de provas, apliquei-as todas ao meu Emílio ou a outros exemplos, e mostrei em pormenores bastante extensos com podia ser realizado o que eu estabelecia; este, pelo menos, é o plano que me propus a seguir. Cabe ao leitor julgar se me sair bem”⁵²³.

⁵²¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 31. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 265.

⁵²² Nos tópicos anteriores se aborda as fases do desenvolvimento, bem como, as devidas orientações e momentos de aprendizagem em cada uma delas.

⁵²³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, pp. 29-30. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 264.

Eis, portanto a importância da criação de dois personagens: o educando imaginário criado pelo autor e ele próprio, como preceptor. O preceptor, ou seja, Rousseau faz a narração na primeira pessoa do singular⁵²⁴. O problema teórico que leva o preceptor à realização desta tarefa é o fato de acreditar que é possível, pela educação voltada para autonomia da pessoa, preservar as virtudes, preservar aquela bondade original inata ao homem para que ele não venha a se corromper na sociedade. O papel do preceptor torna-se uma questão que merece ser considerada: “veremos o que ele deve ser, considerando o que deve fazer”⁵²⁵.

Em tempos idos, o jovem Rousseau se considerou apto para tal tarefa sublime. Apresentou-se como aquele que tinha inclinação para o âmbito educativo⁵²⁶; o mesmo já não acontece neste período em que desenvolve com maestria a sua proposta pedagógica. O próprio reconhece isso mesmo quando escreve:

“Sou muito consciente da grandeza dos deveres de um preceptor e sinto demais a minha incapacidade para aceitar semelhante emprego, de qualquer parte que me seja oferecido, e o próprio interesse da amizade seria para mim apenas mais um motivo de recusa. Acredito que, depois de terem lido este livro, poucas pessoas serão tentadas a me fazer esta oferta, e peço a quem poderia sê-lo que não faça a inútil proposta. Fiz outrora um ensaio suficiente desse ofício para ter certeza de que não sou capaz, e minha condição me dispensaria dele se meus talentos me tornassem apto”⁵²⁷.

A tarefa do preceptor não é reduzir a educação a presságios ou aplicação de preceitos, mas saber conduzir os educandos aos exercícios corretos. A possibilidade das experimentações, o contato direto com as coisas do mundo da vida, em todas as fases de desenvolvimento contribui para formar o homem, isto por que:

“Viver não é somente respirar, mas agir; é fazer uso de nossos órgãos, de nossos sentidos, de nossas faculdades, de todas as partes de nós mesmos que nos dão o sentimento de nossa

⁵²⁴ Cfr. Streck Danilo R., “Rousseau & a Educação” Autêntica, Belo Horizonte, 2004, p. 38.

⁵²⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 28. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 263.

⁵²⁶ Ao desenvolver, no primeiro capítulo deste trabalho, páginas 78-83, reflexão sobre a primeira experiência de Rousseau como preceptor, salientou-se o quão feliz estava por perceber que era apto a tal exercício.

⁵²⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 29. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 264.

existência. O homem que mais viveu não é o que contou maior número de anos, mas aquele que mais sentiu a vida”⁵²⁸.

O preceptor não aparece por um simples prazer em diferenciar a forma de ensino da educação negativa daquela ofertada pelas instituições da sociedade. O que Rousseau deseja é que a criança se sinta livre, para isto o olhar de um educador é importante e, por sua vez, o educando se torna mais conhecido quando educado por um único formador: “Parece, pois, que a figura do preceptor, tal como Rousseau a entende, deve compreender um conjunto de qualidades, destacando-se, dentre elas, aquela que o caracteriza como pessoa virtuosa, aquele que encara a sua tarefa como uma missão”⁵²⁹.

O preceptor, ao exercitar uma missão tão nobre torna-se capaz de contagiar o educando. Por sua vez, este aprendiz desenvolve as tarefas que lhe são confiadas sem pressão, sem aquela obrigação de fazer o que o mestre deseja que faça, torna-se mais espontâneo, criativo. Este percurso educativo é necessário em todas as fases de sua existência. De fato, os conteúdos aplicados pela ciência não são tão interessantes quanto aqueles que procurados e encontrados pelo aprendiz: “Muito se tem raciocinado sobre as qualidades de um bom preceptor. A primeira qualidade que eu exigiria dele, e só esta supõe muitas outras, é a de não ser um homem venal. Há ofícios tão nobre que ninguém pode fazê-los, é o caso do soldado e também o do preceptor”⁵³⁰.

O princípio guia do educador é constituído de uma liberdade bem conduzida, não de uma liberdade caprichosa e desordenada. Com tal finalidade o itinerário e o ideal educativo são contrários a todas as formas de educação repressiva, deve ser gradual e respeitoso aos vários estágios de desenvolvimento. Em primeiro lugar, o preceptor não deve considerar a criança como um adulto em miniatura, deve respeitar os princípios da natureza e esta mesma natureza deseja que:

“As crianças sejam crianças antes de serem homens. Se quisermos perverter essa ordem, produziremos frutos temporãos, que não estarão maduros e nem terão sabor, e não tardarão

⁵²⁸ Ibidem., p. 16. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 253.

⁵²⁹ Cfr. Martins, Custódia Alexandra Almeida, “A pedagogia de Jean Jacques Rousseau: Praxis, Teoria e Fundamentos”, CIED, Braga, 2009, p. 248.

⁵³⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emílio ou Da Educação”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 28. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 263.

em se corromper; teremos jovens doutores e crianças velhas. A infância tem maneiras de ver, de pensar e de sentir que lhe são próprias”⁵³¹.

A verdadeira relação educativa entre preceptor e educando se baseia em uma relação pessoal, direta, sem mediadores, nem mesmo a figura paterna, só assim ele terá direito a educar sem qualquer tipo de preconceitos: “ser preceptor é ser alguém digno a quem se pode confiar a educação dos filhos”⁵³²; para ser preceptor⁵³³, necessário se faz requisitos prévios, por exemplo, ter sido educado exemplarmente, ter valores reconhecidos, sobretudo, não ser preconceituoso, é uma condição que exige reverência, diz Rousseau:

“A respeitável condição de preceptor exige tantos talentos que não se poderiam pagar tantas virtudes que não se vendem que é inútil procurar com dinheiro. Somente num homem de gênio pode-se esperar encontrar as luzes de um mestre, somente a um amigo muito caro o coração pode inspirar um zelo de um pai e o gênio não se vende ainda menos a afeição”⁵³⁴.

O caminho pedagógico utilizado pelo preceptor da época moderna visa à repetição, uma maneira de educar que não desenvolve as aptidões, a criatividade, a espontaneidade dos estudantes; as leituras em grande número, as aulas teóricas, decorar idiomas ultrapassados, aprendizagem da geografia, história e outras ciências sem o contato com a realidade, com o mundo experimental. Esta é uma educação que não dá aquela formação prazerosa que é tão necessária para formação do homem. Quando o aprendiz no final do período formativo agradece ao professor-mestre-preceptor, tal expressão sentimental não pode ser considerada, senão, como um reconhecimento grandioso. Considere-se a seguinte passagem:

“(…) enquanto me beija: Mestre, felicita teu filho (...). Deus não queira que eu te deixe educar também o filho depois de ter educado o pai. Deus não queira que um dever tão santo e tão doce jamais seja cumprido por alguém que não eu, mesmo que eu escolhesse tão bem

⁵³¹ Ibidem, p. 91. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 319.

⁵³² Cfr. Martins, Custódia Alexandra Almeida, “*A pedagogia de Jean Jacques Rousseau: Praxis, Teoria e Fundamentos*”, CIED, Braga, 2009, p. 248.

⁵³³ Burgelin se posiciona da seguinte forma “...ce rare mortel” nos renvoie au philosophe de la cité platonicienne. Comme le dit Rousseau à Beaumont em toute simplicité: ‘Si des hommes sans passions instruisoient des hommes sans préjugés,... la raison régneroit toujours’. Evidemment. L’interprétation de notre gouverneur suppose qu’il est Athéna, la Raison elle-même, extérieurement d’abord au sujet, à la quelle ce dernier finit par prêter serment d’obéissance, au moment où il deviant libre, c’est-à-dire lorsque la raison est passé de l’extérieur à l’intérieur du sujet sage, lorsqu’elle est devenue, en langage hégélien consciente de soi...” (cfr. Burgelin, P., “Notes et Variantes” [263], in J.-J. Rousseau: (Euvres completes Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, pp. 1312-1313).

⁵³⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Júlia ou a Nova Heloísa, trad. Fúlvia M. L. Moreto, Campinas-Hucitec, Editora da Unicamp, São Paulo, 1994, p. 439. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Julie, ou La Nouvelle Héloïse”, in *J.-J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 507

para ele quanto escolheram para mim; mas continua tu a ser o mestre dos jovens mestres. (...) Preciso de ti agora que minhas funções de homem começam. Cumpriste tuas funções; guia-me para imitar-te, e descansa, que é tempo”⁵³⁵.

O preceptor que acompanha constantemente, em regime de exclusividade⁵³⁶ a vida do educando por um período prolongado tem o respaldo necessário para guiá-lo, instruí-lo, educá-lo rumo às necessidades, sobretudo, as necessidades morais. As tarefas e os deveres que lhe cabem transcendem aquelas que competem ao pai, são tantas obrigações, responsabilidades que cabem ao preceptor, quando assumidas contribuam para que o aprendiz se torne, verdadeiramente, capaz de desabrochar a natureza boa:

“Concordo que é muito diferente acompanhar um rapaz durante quatro anos ou conduzi-lo durante vinte e cinco. Dais um preceptor para o vosso filho quando já está formado; eu quero que ele tenha um antes de nascer. Vosso homem pode trocar de educando a cada cinco anos; o meu não terá mais do que”⁵³⁷.

Na tentativa de consolidar a proposta de aprendizagem dos deveres do homem: “o autor não distingue a figura do preceptor da figura do governador, no próprio sentido sociopolítico do termo, pois, a tarefa do preceptor é conduzir o educando a descobrir aquilo que ele, preceptor, quer que seja descoberto”⁵³⁸. Rousseau elabora a tarefa da instrução que cabe para ambos:

“Só há uma ciência a ensinar as crianças, que é a dos deveres do homem. Essa ciência é uma e, diga Xenofonte o que disser da educação dos persas, ela não se divide. De resto, prefiro chamar de *gouverneur* e não de *precepteur* o professor dessa ciência, pois se trata menos, para ele, de instruir do que de dirigir”⁵³⁹.

Instruir um educando não é tomá-lo pelas mãos e torná-lo dependente, mas conduzir o educando rumo à aprendizagem a partir dos desafios é fazer com que possa

⁵³⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 711. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 893.

⁵³⁶ Escreve Gauthier: “From *émile*’s earliest years, the Tutor is his constant companion, and it is only this constancy that permits the Tutor to perform his task...”. (cfr. Gauthier, David, Rousseau – “*The sentiment of existence*”. Cambridge university Press, New York, 2006, p. 31).

⁵³⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 31. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 266.

⁵³⁸ Cfr. Martins, Custódia Alexandra Almeida, “*A pedagogia de Jean Jacques Rousseau: Praxis, Teoria e Fundamentos*”, CIED, Braga, 2009, p. 249.

⁵³⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 31. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 266.

aprender a aprender. Antes que a instrução de uma criança e a preparação de um adulto, ou melhor, de um cidadão, seja vista, apenas como única saída para a sociedade, há a preocupação em apontar para a formação do homem a importância da liberdade para pensar, para agir e para ser.

No transcorrer do processo educacional a simbiose é tão evidente que o preceptor assume de vez o posto que outrora pertencesse ao pai ou a mãe. Mas, ele não está sozinho nesta tarefa. Educar com o coração, o juízo e a mente é saber respeitar o traçado da própria natureza: “... ao nascer da criança já é discípula, não do preceptor, mas da natureza. O preceptor só estuda com este primeiro mestre e impede que seus esforços sejam contrariados...”⁵⁴⁰. O educando também participa, ele é o sujeito do processo, ele é que toma a iniciativa. Ao preceptor/governador cabe respeitar o tempo, dando azo para que ela siga seu percurso⁵⁴¹, saber conduzi-lo, torná-lo feliz e sempre acreditar na sua bondade humana.

É enorme a quantidade de princípios educativos, que se seguem imediatamente um ao outro, quando se refere às ações metodológicas adotadas pelo preceptor de modo a fazer com que o educando busque autonomia, vá ao encontro da felicidade de forma a que seja moralmente reto. A importância do preceptor⁵⁴² reside em saber por em evidência a finalidade do agir educativo.

No processo educacional estão descritas as funções que competem aos sujeitos do processo educativo. As atividades desenvolvidas pelo preceptor não estão desvinculadas da experiência natural. Assim, ao educando deve o preceptor/governador dar a máxima atenção, consideração, afeto e confiança. Este momento de confluência entre preceptor/governador e educando é marcado por um acordo tácito de responsabilidade:

“Que ele sempre acredite ser o mestre, e que sempre o sejais vós. Não há sujeição mais perfeita do que a que conserva a aparência da liberdade; assim se cativa a própria vontade. A pobre criança que nada sabe, que nada pode, que nada conhece, não está a vossa mercê?”

⁵⁴⁰ Ibidem., p. 46. Ibidem, p. 279.

⁵⁴¹ Sobre este assunto escreve O’Hagan: “To form a firm identity requires discipline, so “the capriciousness of children is never the work of nature but of bad discipline”. It is thus to promote the freedom of his knowledge of the “natural movement of the human heart”, manoeuvres the setting so that the drives will be well directed. Concealment, guile and stage setting are techniques deployed by the tutor...” (cfr. O’Hagan, Timothy. “*Rousseau*”. Routledge, London, 2003, p. 81.

⁵⁴² Vargas coloca a questão nos seguintes termos: “Em um mot, le gouverneur doit vivre em deux temps à la fois, le présent et le futur, il n’est pas vivionnaire mais précurseur, au sens où le précurseur serait cet homme qui vivrait le futur sans sortir de son présent. Il ne s’agit pas de “prévoyance” qui construit un avenir incertain au détriment du présent, mais de prévision qui fixe le présent dans ce qu’il est em tant qu’il est déjà son devenir: sorte d’avant-garde de humanité, la nature faite philosophie marche au même pas que l’homme, mais um pas en avant...” (cfr. Vargas, Yve, *Introduction à l’Emile de Rousseau*, Press Universitaires de France, 1995, p. 278).

(...). Não podeis agir sobre ela como quereis? Seus trabalhos, sus brincadeiras, seus prazeres, seus sofrimentos, não está tudo nas vossas mãos sem que ela saiba? Sem dúvida, ela só deve fazer o que quer, mas só deve querer o que quereis que ela faça. Ela não deve dar um passo sem que tenhais previsto; não deve abrir a boca sem que saibais o que vai dizer...”⁵⁴³ .

Ao desempenhar a função de preceptor/governador, o filósofo não se preocupa em expor a sua missão de forma teórica, mas expressa, na prática, o seu relacionamento com o educando. Este relacionamento é resultado da educação e fornece significado à sociedade como um todo. De outra forma não é possível promover, no educando, a faculdade de se governar por si mesmo em sociedade. O ensinamento do genebrino tem sentido e significado porque antes da instrução dos conteúdos ele conhece o educando. O preceptor tem de conquistar a confiança do educando, pois, a autoridade, o respeito e a atenção não se impõem. A conquista passa pelo sentimento de ternura e amor pelo educando. Esta prática não acontece no discurso, mas na vivência. Enquanto na escola tradicional os conteúdos a ser instruídos são apenas da responsabilidade do educador, no projeto pedagógico rousseauneano o objeto de estudo é construído por ambos os intervenientes. A este respeito diz Rousseau:

“(...) as ciências não devem ser negligenciadas, como o disse ainda agora, mas também elas não devem preceder os costumes sobretudo num espírito cintilante e cheio de fogo, pouco capaz de atenção até idade e cujo caráter se decidirá em boa hora. De que serve a um homem saber de Varrão, se por outro lado ele não sabe pensar com justeza (...)”⁵⁴⁴ .

O fenômeno educativo entre preceptor e educando não deixa de ser complexo e movido por uma rede de preceitos: os conteúdos, a tenacidade, a disciplina, o testemunho, o afeto, a compreensão, a liberdade, entre outros. No ato de educar eles formam aquilo que Rousseau denomina de generosidade:

“(...) que meio tem um Preceptor de se fazer amar por uma criança a quem ele nunca propôs mais que ocupações contrárias ao seu gosto, se por outro lado ele não tem o poder de lhe conceder certas pequenas gentilezas de detalhe que não custam nada nem dispensam perda

⁵⁴³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 140. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, pp. 362-363.

⁵⁴⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Projet pour l’éducation de Monsieur de Sainte-Marie*”, in *J.-J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 41.

de tempo e que não deixam se geridas com propósito, de ser infinitamente sensíveis a uma criança e de ligá-la muito ao seu Mestre?”⁵⁴⁵.

Rousseau, muitíssimas vezes, observou que para alguém exercer a função de preceptor, não lhe era exigida nenhuma formação específica relativa às suas funções. Era comum no século XVIII os religiosos de diversas denominações serem educadores, as religiosas atuarem como preceptoras, os profissionais liberais serem professores, não se questionando a competência de cada um deles. Segundo Rousseau, para se conduzir um educando é necessário, além da formação específica do preceptor, ter um cuidado contínuo e ininterrupto com suas funções:

“Quanto a mim, senhor, declaro de um vez por todas: ciumento até o escrúpulo do cumprimento do meu dever, sou incapaz de algum dia vir a descuidar-me dele – nem meu gosto, nem meus princípios me levam à preguiça ou ao descuido; mas entre dois caminhos para assegurar-me o mesmo, sucesso sei hei de preferir aquele que custar menos sacrifício e dissabor aos meus educandos e ousar assegurar, sem querer passar por um homem muito ocupado, que quanto menos eles trabalharem na aparência, tanto mais efetivamente estarei trabalhando por eles”⁵⁴⁶.

Rousseau traz a responsabilidade da educação para os sujeitos envolvidos: preceptor e educando. Este é um contrato de “relação de caráter privado”⁵⁴⁷; a educação expressa, assim, a ideia do ajuste, da convenção, do pacto acordado entre pessoas para que o fim educacional seja resguardar a bondade natural do homem. Eis como Rousseau caracteriza este contrato:

“Estas reflexões ocuparam-me longamente e das consequências que delas tirei formei um plano de educação bem diferente daquele que está em uso. Não sei qual será o seu sucesso; o que posso dizer é que ele é muito oposto quer às ideias recebidas quer aos costumes estabelecidos”⁵⁴⁸.

O projeto rousseauneano parece tratar o educando de modo natural: o aprendiz não é passivo, não está ali para receber lições e depois devolvê-las para o professor, ao contrário, não somente é visto como ativo, mas é ativo, o seu querer não é o querer

⁵⁴⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Memoire présenté a Monsieur de Mably sur l'éducation de M. son fils”, in *J.-J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 5.

⁵⁴⁶ Ibidem, pp. 56-57.

⁵⁴⁷ Cfr. Martins, Custódia Alexandra Almeida, “A pedagogia de Jean Jacques Rousseau: Praxis, Teoria e Fundamentos”, CIED, Braga, 2009, p. 254.

⁵⁴⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Memoire présenté a Monsieur de Mably sur l'éducation de M. son fils”, in *J.-J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 9.

impositivo do professor tradicional, é aquele planejado por ambos para que se chegue à independência moral e intelectual: “compreende-se, assim, que o sucesso desta educação está estritamente ligado à qualidade da relação estabelecida entre preceptor e educando”⁵⁴⁹. É o próprio preceptor que testemunha tal orientação:

“Não podeis imaginar como, aos vinte anos, Emílio pode ser dócil. Como pensamos de maneira diferente! De minha parte, não consigo conceber como ele pode sê-lo aos dez anos, pois que autoridade tinha eu sobre ele naquela idade? Precisei de quinze anos de trabalho pra obter essa autoridade. Na época, eu não o educava, preparava-o para ser educado. Agora ele o é o bastante para ser dócil; reconhece a voz da amizade e sabe obedecer a razão. É verdade que lhe concedo uma aparência de independência, mas nunca esteve tão submetido a mim, porque o estar porque quer. Enquanto não pude apoderar-me da sua vontade, permaneci senhor de sua pessoa; não o deixei por um instante. Agora deixo-o às vezes entregue a si mesmo, porque o governo a todo instante”⁵⁵⁰.

A cumplicidade neste processo educacional é tão prazerosa e edificante, que se manifestam nas palavras do próprio Emílio:

“(…) Meu amigo, meu protetor, meu mestre, retoma a autoridade de que queres abdicar no momento em que é mais importante para mim que permaneças, até agora só a tinhas por causa da minha fraqueza, mas agora a terás por minha vontade, e assim ela será mais sagrada para mim. Defende-me de todos os inimigos que me assaltam e, sobretudo, dos que trago comigo e que me traem; cuida de tua obra, para que eu permaneça digno de ti”⁵⁵¹.

A pergunta que se pode levantar a partir desta experiência é: será que há apenas uma única forma de se fazer a coisa correta em termos de educação? Por que razão a tradição educacional insiste em um só modelo educacional, ou seja, será que todas as gerações são formadas de uma só maneira? Seria uma grande virtude o mestre das instituições de ensino tradicional, um dia, escutar o educando a dizer-lhe:

“Quero obedecer as tuas leis, quero-o sempre, é a minha vontade constante; se alguma vez eu te desobedecer, será contra a vontade; torna-me livre protegendo-me contra as minhas

⁵⁴⁹ Cfr. Martins, Custódia Alexandra Almeida, “*A pedagogia de Jean Jacques Rousseau: Praxis, Teoria e Fundamentos*”, CIED, Braga, 2009, p. 254.

⁵⁵⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 479. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 661.

⁵⁵¹ *Ibidem*, p. 468. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 651.

paixões que me violentam, impede que eu seja escravo delas e força-me a ser meu próprio senhor não obedecendo aos sentidos, mas à razão”⁵⁵².

A consideração que parte do aprendiz para com o preceptor deve-se ao fato dele ser atuante e estar presente a todo instante, desde o nascimento até ao ingresso na vida social. O reconhecimento do aprendiz não se dá, apenas, pelo excesso de informações recebidas e cobradas em dado momento. Aquilo que Rousseau tentou combater foi essa prática: um preceptor que expõe regras delimita conceitos, aponta normas; do outro lado, um educando que retém informação, que reproduz o que lhe foi dito. O preceptor do Emílio deseja que o aprendiz, desde criança, se divirta aprendendo, construa conhecimento com prazer e com responsabilidade:

“(…) Finalmente, depois da criança ter ficado ali por várias horas, tempo bastante pra se aborrecer e para não esquecer, alguém lhe sugerirá que vos proponha um acordo por meio do qual vós lhe restituíreis a liberdade e ela não quebraria mais vidros. Ela aceitará. Pedirá que ides vê-la, e vós ireis; far-vos-á sua proposta e vós a aceitareis imediatamente, dizendo-lhe: muito bem pensado; nós dois lucraremos com isso; porque não tiveste essa ideia antes? E depois, sem lhe pedir nem declaração, nem confirmação de sua promessa vós a beijareis com alegria e a conduzireis imediatamente até seu quarto, encarando esse acordo sagrado e inviolável, tanto quanto se tivesse sido jurado...”⁵⁵³.

O papel ativo do educando vem acompanhado da marca do preceptor. Os exemplos de conduta possibilitarão, da melhor forma, que o aprendiz atinja o objetivo da aprendizagem da forma mais acertada possível, senão perfeita, que ao menos beire a perfeição e que seja completa. A ênfase recai no modo de obter o conhecimento, que não se trata de um simples imitar por imitar, mas reproduzir um estilo que vem a ser um exercício para que não se degenera em vício:

“(…) Numa idade, porém, em que o coração ainda nada sente, devemos fazer com que as crianças imitem os atos cujo hábito lhes queremos dar, enquanto elas não os possam fazer por discernimento e por amor ao bem. O homem é imitador, o próprio animal também o é. O gosto pela imitação é da natureza bem ordenada, mas, em sociedade degenera em vício”⁵⁵⁴.

⁵⁵² Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 651.

⁵⁵³ Ib., p. 108. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, pp. 333-334.

⁵⁵⁴ Ib., p. 114. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, pp. 339-340.

O reconhecimento do trabalho é um fato notável, isto se torna mais deslumbrante porque, espontaneamente, o educando deseja imitá-lo. Uma interação perfeita, este é o segredo da educação: o prazer e a satisfação em ensinar e o sentimento agradável ou divertido de aprender. Esta sensação afável perpassa toda a obra. Assim como, nas primeiras páginas, no transcorrer do livro até o epílogo, Rousseau clareia o paralelismo central entre natureza e formação humana, da mesma forma, a alegria de ensinar e aprender percorre todo o texto. Se: “moldam-se as plantas pela cultura, e os homens pela educação”⁵⁵⁵ não há como transformar a sociedade, senão, por dar nova forma ao homem, isto se faz com um preceptor presente na vida do aprendiz.

4. O educando: um homem livre e feliz

O fundamento do discurso rousseauiano é a necessidade de uma nova ordem social e de um novo homem dotado de liberdade:

“O filósofo não deseja o homem dotado de individualismo, mas pleno de uma consciência social concreta visível e palpável: revestir-se de homem no contexto de sociedade Moderna é entrar na sociedade e ser presença, é saber conviver dignamente e se relacionar com o outro de forma livre. Para isto é, também, frequentemente um marginalizado dentro da sua própria comunidade e da sua própria religião. Em virtude da sua própria missão, ele não pode encontrar abrigos seguros e ao lado da solidão lhe acompanha a liberdade que é a força da sua vida. O homem novo é a expressão suprema do homem livre”⁵⁵⁶.

Um homem livre é capaz de atuar na sociedade levando em consideração o bem comum. O abandono dos interesses pessoais desenvolve o sentido ético de compromisso social. A liberdade que o homem adquire no exercício da vida social não pode ser aquela liberdade natural de outrora:

“(…) A natureza manda em todos os animais, e a besta obedece. O homem sofre a mesma influência, mas considera-se livre para concordar ou resistir, e é, sobretudo na consciência dessa liberdade que se mostra a espiritualidade de sua alma, pois a física de certo modo explica o mecanismo dos sentidos e a formação das idéias, mas no poder de querer, ou

⁵⁵⁵ Ib., p. 08. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 246.

⁵⁵⁶ Oliveira, A.P.M, “*Rousseau e Sua Teologia Política*”. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Salvador, Bahia, 2009. (Dissertação de Mestrado).

antes, de escolher e no sentimento desse poder só se encontram atos puramente espirituais que de modo algum serão explicados pelas leis da mecânica”⁵⁵⁷.

Para Rousseau o homem não pode mais viver constrangido, sob o arrimo das instituições e isto se torna mais explícito quando afirma: “(...) o homem civil nasce, vive e morre na escravidão; enquanto conservar a figura humana, estará acorrentado por nossas instituições”⁵⁵⁸. A submissão de um homem a outro é uma temática recorrente nas obras de Rousseau. O viés pedagógico muito bem expresso no *Emílio* em nenhum momento deixa de revelar o problema da liberdade individual, eis o motivo pelo qual o mais importante é formar antes de tudo o homem. A formação do homem tem por fim prepará-lo para viver, este é ponto central do projeto pedagógico rousseauiano:

“Viver é o ofício que quero ensinar-lhe. Ao sair de minhas mãos, concordo que não será nem magistrado, nem soldado nem padre; será homem, em primeiro lugar; tudo que um homem deve ser, se preciso, tão bem quanto qualquer outro; e, ainda que a fortuna o faça mudar de lugar, ele sempre estará no seu”⁵⁵⁹.

A preocupação de formar o homem para a vida mantendo-o coerente com os princípios norteados pelo estado de natureza faz com que Rousseau entenda a aprendizagem enquanto convívio com a natureza. A formação do homem é entendida no sentido de transformação do homem, a qual, antes de tudo deve ser moral. A diversa atividade manufatureira que o Emílio se predispõe a executar não tem só como finalidade o exercício da tarefa, mas, o mais importante destas atividades é a formação moral do homem:

“Eis a filosofia de gabinete; eu, porém, recorro à experiência. Vejo em nossos campos jovens que lavram, binam, seguram o arado, enchem um tonel de vinho, guiam um carro com seus pais; considerá-los-íamos adultos, se o som de suas vozes não os traísse. Em nossas próprias cidades, jovens trabalhadores, ferreiros, cuteleiros, ferradores, são quase tão

⁵⁵⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997a, p. 64. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les Hommes”, Première partie, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 143.

⁵⁵⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 16. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 253.

⁵⁵⁹ Ibidem., p. 15. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p.252.

robustos quanto os mestres, e seriam pouco menos hábeis se os tivessem treinados a tempo”⁵⁶⁰.

A aprendizagem moral é mais considerada que granjear qualquer tipo de conhecimento instrumental. As modernas instituições de ensino prezam pela formação do eu, da identidade do indivíduo considerando o conteúdo que visa à formação do saber intelectual e como tal define o aprendiz como aquele que já é dotado de capacidade de razão, de consciência e de ação. É uma visão que permanece tácita no âmago das escolas de formação do mundo moderno e continuam como finalidade de preservar a ideia de que o homem é ainda o mesmo ao longo da existência, tal qual nas instituições medievais.

O itinerário educacional preconizado por Rousseau promove o estímulo pela curiosidade fazendo com que o aprendiz interrogue sobre tudo aquilo que está ao seu redor. Esta é uma expressão que vai mais além do conteúdo aprendido e que se manifesta nas atividades práticas. No momento mais avançado do processo de aprendizagem é que o homem se revelará apto para a convivência em sociedade. O convívio, a familiaridade, as relações íntimas se tornarão um fato concreto, real para todos. Assim, todos os homens são colocados em contato com as exigências e perspectivas originárias da condição humana.

Enfim, o discurso pedagógico-político encontra-se entrelaçado na medida em que Rousseau está constantemente preocupado em garantir o bom relacionamento na vida em sociedade e a felicidade individual de todos. Os impasses, provenientes dos malefícios sociais a que se refere, fazem com que o genebrino pense em outra forma de organização de vida em sociedade e para isso faz uso de uma proposta educacional diversa daquela que é habitual: cria um projeto que valoriza uma educação voltada para a aprendizagem prática e individual.

A preocupação com o homem feliz e autônomo na sociedade passa pela sua formação, isto faz com que se possa enfatizar a origem do discurso pedagógico-político como fruto de uma só árvore⁵⁶¹. Tudo principia pela conexão de dois polos típicos: de um lado se tornou suscetível ao naturalismo que marcou o Renascimento e Idade

⁵⁶⁰ Ib., p. 212. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 434.

⁵⁶¹ Afirma Starobinski “Kant e mais recentemente Cassirer também consideram o pensamento teórico de Rousseau como um todo coerente. Nele encontram a mesma dialética, o mesmo ritmo ternário do pensamento. No entanto, para chegar à reconciliação dos termos opostos, eles não passam pela ideia de revolução, mas atribuem uma importância decisiva à educação”. Cfr. Jean Starobinski. “*A transparência e o Obstáculo*”. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 42.

Moderna, isto é, a natureza; por outro lado foi passível com as ideias do antropocentrismo que tem o seu auge no ideal iluminista. Portanto, a formação educacional rousseaneana voltada para a felicidade do homem na sociedade torna-se pedagógico-política e isto implica a relação com a cultura, nomeadamente com os valores, a linguagem, os sentidos e os símbolos.

Na esteira do pensamento rousseaneano ainda há de se pontuar a vinculação da sua proposta educacional com temas da educação, temas clássicos dos tratados pedagógicos do seu tempo. Profundo conhecedor das obras literárias e científicas da época, Rousseau demonstra não somente conhecê-las, mas tê-las como fonte de inspiração no projeto educativo⁵⁶². A formação do coração e a felicidade são as prioridades que deveriam acompanhar cada projeto pedagógico. Estes temas vêm desenvolvidos no *Emílio* e constituirão o fundamento da ideia de educação natural rousseaneana. A prioridade da formação do coração representa uma crítica à pedagogia arrogante existente no século XVIII, que se baseava, frequentemente, sobre a repetição mecânica de textos disciplinares. Esta crítica constitui o ponto central da teoria rousseaneana que considera a educação do Emílio como uma contraposição a todo tipo de educação existente na sociedade francesa. A felicidade e a pureza do coração podem ser consideradas a finalidade do agir educativo, sobre elas põe como instância guia sobre as quais constrói as bases de uma sólida pedagogia.

Por ser uma obra que durou anos de maturação e escrita o *Emílio* se traduz como a interligação entre experiência de preceptor e os temas político-filosóficos. Um trabalho que não pode ser considerado somente um tratado pedagógico, se apresenta ora como uma reflexão geral sobre a bondade natural do homem, ora como uma proposta sobre a relação e significado da educação para o indivíduo e para o cidadão. Até mesmo os aspectos teológicos e metafísicos do escrito são, provavelmente, as causas principais das reações, positivas e negativas, que se desencadeiam a sua publicação.

Quando manifesto ao público por volta do mês de maio de 1762, o escrito não passou despercebido e as reações negativas são sentidas quase que imediatamente. De

⁵⁶² J.S. Spink, que estuda de modo aprofundado o texto da *Mémoire*, põe em evidência a dificuldade de remontar com certeza quais os textos pedagógicos que Rousseau conhecia por volta de 1740, momento da escrita do seu primeiro projeto educativo. Certamente Rousseau conhecia *Le Traité des études (de la manière d'enseigner et d'étudier les belles lettres, par rapport à l'esprit et au coeur*, Paris 1726-1728) de Rollin e il *Traité du vrai mérite du l'homme* (1734) de Lemaitre de Claville, ambos escritos obtiveram notáveis sucessos no século XVIII, que aparecem citados pelo próprio Rousseau. Mais difícil é estabelecer com certeza a leitura feita por Rousseau, em 1740, do *Traité du choix et de la méthode des études* (1686) de Fleury e *De l'éducation des enfants* de Locke que, talvez, tenha lido antes do escrito do *Émile*. Resulta, então, evidente em Rousseau um conhecimento, uma formação sobre textos pedagógicos mais influentes no século XVII e XVIII. Cfr. J.S. Spink, "Projets d'éducation", in O.C., IV, cit., pp. XXVII-XXXII.

fato, em 03 de junho o livro é confiscado e em 19 de junho a primeira seção do parlamento francês decreta o arresto do autor e a condenação da obra. Embora Rousseau pretendesse permanecer na cidade para defender as suas convicções, foi aconselhado pelos amigos a deixar a cidade e abandonar Montmorency para evitar a prisão. É desta forma que tem início uma vida fugidia e solitária.

O genebrino que, dos vários lugares de exílio, continuará a defender-se, com grande força e energia das acusações⁵⁶³. Durante o verão, as condenações oficiais contra o *Emílio* se multiplicam: em 18 de Junho, o Sínodo de Genebra se pronuncia contra o texto; a mesma decisão é tomada na Holanda e também pelos doutores da Sorbonne; sucessivamente o Papa Clemente XIII e o Arcebispo de Paris, Christophe de Beaumont aprovam a condenação.

Por parte da Igreja e dos católicos o escrito é considerado apóstata por contrariar os princípios cristãos e por difundir teorias imorais. Uma reação que se difundiu de forma tão dura pode ser explicada, em parte, pela *Profession de foi* que, propondo o deísmo como espiritualidade natural, esta foi interpretada como uma crítica aos valores dos cristãos⁵⁶⁴. Neste contexto, as polêmicas não se dão, apenas, no ambiente religioso ou das instituições, mas também com os intelectuais e, sobretudo com os velhos amigos iluministas. Voltaire, por exemplo, escreve diversas cartas sarcásticas sobre os resultados das reflexões pedagógicas produzidas por Rousseau⁵⁶⁵.

Não obstante aos numerosos adversários e detratores, as ideias educativas do *Emílio* se difundem de modo muito rápido entre os intelectuais europeus encontrando, também, muitos defensores. Durante a Revolução Francesa as influências das ideias de Rousseau alcançam o cume e as suas teorias são utilizadas como símbolo de mudanças e de luta contra os costumes antigos. Mesmo antes da revolução, muitas mães escrevem a Rousseau para pedir conselho sobre como educar os próprios filhos. O *Emílio* é traduzido em inglês e alemão. É lido por intelectuais de diversos países, a exemplo de

⁵⁶³ As cartas são as maiores testemunhas desta atitude de defesa frente a tantas acusações recebidas. Entre as respostas, sem dúvida que a mais significativa, são as *Lettres de la Montagne* de 1764 e a *Carta a Beaumont*, Arcebispo de Paris, que o havia condenado.

⁵⁶⁴ A questão religiosa se faz presente e marca a sociedade parisiense e continental porque é apresentado no *Émile*, mais precisamente na Profissão de Fé do Vigário, como uma digressão autônoma. O problema religioso sempre foi motivo significativo no percurso biográfico e especulativo do filósofo, recordemos o nascimento em uma família protestante, a conversão ao catolicismo, os diversos contatos com religiosos. Rousseau, fazendo da religião natural, não mais uma abstração racional, como Voltaire, mas um sentimento de amor e de presença dessa forma induzia os crentes, até mesmo os incrédulos a fazer uma trégua, talvez a unir-se.

⁵⁶⁵ Três cartas de Voltaire sobre este tema: a Carta a Cideville, de 21 de Julho de 1762; a Helvétius, de 25 de agosto de 1763; e a Madame de Luxemburg, de 09 de Janeiro de 1765. Voltaire, *Lettre à P.R. Le Cornier de Cideville*, Vol. II, n. 9789, in T. Besterman, ed., *Correspondance*, Institut et Musée Voltaire, Genève 1953-1963, pp. 127-128; Id., *Lettre à C.A. Helvétius*, cit., Vol. LII, n. 10560, pp. 253-255; Id., *Lettre à M. de Luxembourg*, cit., V. LVII, n. 11458, pp. 19-21.

Kant, Goethe etc. Não obstante estes sucessos, os anos da publicação do *Emílio*, até a sua morte são certamente o período mais difícil para a vida do escritor que se sente sempre mais solitário, abandonado pelos amigos e relegado a uma vida de exílio e fuga.

IV – JEAN-JACQUES ROUSSEAU: O ESTADO DE AFASTAMENTO

1. Jean-Jacques Rousseau: o solitário

Por volta de 1762 Rousseau escreve as *Quatro Cartas* ao Senhor Malesherbes. Na carta de 04 de janeiro de 1761-2, intitulada “Meu retrato”, faz um desabafo contra os intelectuais que o acusam, dentre outras coisas, de ser: antissocial, misantropo e hipocondríaco. Contudo, nessa carta Rousseau: “revela que deseja sempre oferecer ao mundo uma imagem fiel do homem, um modelo para ser estudado. Sua explanação é de um moralista seguro de si (...). Porém, revela ao mesmo tempo em que prefere estar só e dever tudo a si mesmo”⁵⁶⁶. Neste período de vida confronta-se com uma rejeição, mas está animado pelo desejo de liberdade. A faceta do seu universo já não coincide com o universo dos seus contemporâneos, sobretudo, com o universo dos intelectuais.

Há a propensão, por parte do genebrino, à vida solitária, isso é um fato. Afirma não serem somente as injustiças e as maldades as razões que definiram o seu afastamento da sociedade. Esta é essencialmente uma posição com cunho pessoal: “Não, meu motivo é menos nobre e mais próximo de mim. Nasci com um amor natural pela solidão, que somente aumenta à medida que conheci melhor os homens”⁵⁶⁷. Na mesma missiva retrata a índole que não estava sujeita a nenhum senhor, um indomável espírito de liberdade que o abateu desde o momento que começou a viver ao lado da felicidade e isto foi tão fundamental para a continuação do afastar-se que chegou a dizer; “somente comecei a viver em 09 de abril de 1756”⁵⁶⁸.

Ao viver esta experiência não quer dizer que ele esteja afastado das pessoas. O seu caráter privado, revelado nos escritos, faz com que ele seja capaz de contar os

⁵⁶⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Textos Autobiográficos e Outros Escritos*”, Tradução, introdução e notas Fúlvia M. L. Moretto, editora UNESP, São Paulo, 2006, p. 08.

⁵⁶⁷ Ibidem, p. 19.

⁵⁶⁸ Na carta ao Senhor de Malesherbes, escrita em 26 de Janeiro de 1762, em que expôs os verdadeiros motivos do seu retiro, Rousseau descreve sobre o seu estado moral e diz: “meus males são obra da natureza, mas minha felicidade é minha obra. Digam o que disserem, fui sábio, visto que fui feliz tanto quanto minha natureza mo permitiu: não fui procurar longe minha felicidade, procurei-a perto de mim e lá a encontrei”. Em 09 de abril de 1756, Rousseau se instala, com Thérèse Le Vasseur, em Montmorency, como hóspede de Madame d’Epinay, e onde começou a redação da *Nouvelle Héloïse*, estava tão feliz que diz ser este o momento em que começou a viver.

episódios da sua vida com mais liberdade. Como diz *Todorov*: “contar é igual a viver (,,,) A narrativa é igual à vida; a ausência de narrativa é a morte”⁵⁶⁹; dando azo a esta movimentação, ainda na primeira carta, Rousseau exprime o “prazer que sente nos contatos humanos, mas explica que procura a solidão em nome do seu “indomável espírito de liberdade” pelo qual é capaz de tudo sacrificar”⁵⁷⁰. De acordo com Martins:

“A figura do solitário manifesta, isso sim, a convicção de que, ao ser humano, é possível salvaguardar a esfera do privado da interferência abusiva de outro privado, de um homem sobre o outro, sem que seja obrigatoriamente necessário fazê-lo por via da interferência desse terceiro elemento que é o Estado. A apologia do solitário exprime a possibilidade de uma via para ultrapassar a condição instável do domínio ora do privado ora do público, ora do individual ora do coletivo, em que o homem vive. Só conhecendo ambas as esferas cada homem poderia, verdadeiramente, ser autônomo e garantir assim a sua liberdade. A não ser assim, o caminho que o homem percorria desde o nascimento até a morte seria sempre um processo doloroso”⁵⁷¹.

Àquela altura, qual era o seu gosto? A solidão não era uma escolha absoluta, ela nasce da recusa de uma relação dominante que existe na sociedade, da capacidade de acobertar suas falhas e vícios que corrompem o homem: “para quem foi acusado injustamente não resta outro recurso senão o de se esconder, de romper, pois se só as aparências têm peso, é preciso criar a aparência necessária, fugindo ao campo da presença imediata”⁵⁷².

Através da vida solitária Rousseau aponta aos homens o caminho para encontrar a própria interioridade com uma consciência pura; eis o motivo pelo qual pintar o homem natural manifesta querer estar, ele mesmo, neste lugar. Por ser um homem que buscou e defendeu a verdade, alguns acontecimentos lhe infligiram tormentos, por exemplo, o episódio do roubo da fita onde acusa a empregada Marion⁵⁷³. Aquela ação atormentou-o ao ponto de não conseguir apagar da sua lembrança. Escreve Prado: “a descoberta do mundo infernal da indivisibilidade e da culpabilidade da acusação, no episódio infantil do pente quebrado (...) descoberta infantil da injustiça e da violência ou

⁵⁶⁹ Cfr. Todorov, Tzvetan., “*Poética da Prosa*”, Trad. Maria de Santa Cruz, Edições 70, Lisboa, 1979.

⁵⁷⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Textos Autobiográficos e Outros Escritos*”, Tradução, introdução e notas Fúlvia M. L. Moretto, editora UNESP, São Paulo, 2006, p. 10.

⁵⁷¹ Cfr. Martins, Custódia Alexandra Almeida, “*A pedagogia de Jean Jacques Rousseau: Praxis, Teoria e Fundamentos*”, CIED, Braga, 2009, p. 324.

⁵⁷² Cfr. Prado, Júnior Bento. “*Starobinski Penetra no Silêncio de Rousseau*”. Folha de São Paulo, 11 de janeiro de 1992, “caderno” Letras, p. 03.

⁵⁷³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 84.

a trágica descoberta da impotência persuasiva da consciência inocente”⁵⁷⁴, apresenta-se como aquele que tem um coração transparente.

Ao enveredar pelo caminho contrário àquele empreendido pelos intelectuais, pelos homens da ciência, pelos políticos e empreendedores burgueses, pelos apaixonados pela vida urbana, Rousseau, através das observações dos recursos naturais, da vida campestre, da simplicidade rural e da bondade do homem faz, literalmente, o caminho inverso, volta-se para a experiência e o relacionamento com a natureza. Ao vagar entre as flores, passear frente ao lago, observar os pântanos, passa a nutrir, além da simpatia, um sentimento de paz, ternura, afeto, companheirismo, enfim, tudo aquilo que, enquanto esteve no convívio com homens da sociedade sentiu, amargamente, muita falta.

A oposição decantada por Rousseau entre natureza e sociedade é algo explícito nos seus escritos. Se a natureza é fonte legítima de virtude e felicidade, por sua vez, a sociedade é nascente de desarraigamento. Não há espaço tão conveniente para viver a liberdade do que aquele propiciado pelo espetáculo natural. Na sociedade se apreende a tristeza, solidão, o desencanto; o otimismo rousseauiano está voltado, apenas, para o homem que contempla a natureza e nela habita. Tendo em mente a crença no homem, o genebrino busca a harmonização que tem como fundamento a possibilidade de pensar uma sociedade onde exista e conviva harmoniosamente a natureza humana e a cultura social.

A educação e a política formam o fio condutor para a realização do projeto educacional: conformidade entre natureza humana e a cultura social. Neste ínterim, sabe-se que o pensamento não é incoerente, ao contrário é um todo em consonância. Veja-se o que a este respeito escreve *Starobinski*:

“A interpretação de Engels une o *Contrato* ao Segundo Discurso, passando pela ideia da revolução (a “negação da negação”). Kant, e mais recentemente, Cassirer também consideram o pensamento teórico de Rousseau como um todo coerente. Nele encontra a mesma dialética, o mesmo ritmo ternário do pensamento. No entanto, para chegar à reconciliação dos termos opostos, eles não passam pela ideia da revolução, mas atribuem uma importância decisiva à *educação*. O momento final é o mesmo: a reconciliação da natureza e da cultura em uma sociedade que redescobre a natureza e supera as injustiças da civilização. As duas interpretações diferem essencialmente sobre o que constitui a transição entre o Segundo Discurso e o *Contrato*. Não tendo Rousseau explicitado essa transição, o

⁵⁷⁴ Cfr. Prado, Júnior Bento. “*Starobinski Penetra no Silêncio de Rousseau*”. Folha de São Paulo, 11 de janeiro de 1992, “caderno” Letras, p. 03.

exegeta deve construí-la, com a ajuda dos indícios que pode encontrar, e dos quais nenhum é decisivo”⁵⁷⁵.

O fato de Rousseau ter optado por uma vida solitária não quer dizer que foi, somente, devido às ingratidões, discórdias, desentendimentos provenientes do ambiente externo a ele, não; foi algo provocado pelo seu próprio interior, uma atitude de querer se deparar consigo. Assim, dois foram os caminhos trilhados: o primeiro caminho foi o da tomada de consciência de que afastado se observa melhor a sociedade sem ser preciso se envolver com aquilo que existe dentro dela; o segundo caminho foi o da lembrança, da recordação do vivenciar a memória, escreve: “lembra-me tanto minha infância quanto meus inocentes prazeres, ela nos faz saborear novamente e me torna feliz ainda muitas vezes em meio à mais triste sorte que já tenha sofrido um mortal”⁵⁷⁶. Conclui-se: um desejo de felicidade realizado.

O trato íntimo com o natural, a observação da delicadeza das flores e plantas, deslocou a atenção de Rousseau para formatar uma filosofia não baseada nas meditações, mas nos fatos vivenciados por ele. Isto fez aflorar um Rousseau que revela generosidade e que se torna um solitário que vive filosoficamente. A grande revelação, aquela que começa pelo seu interior só foi possível distanciando-se do barulho do mundo. Com a solidão Rousseau dá mostras, aponta o caminho para encontrar a própria interioridade na pureza da própria consciência. O filósofo solitário foi capaz de contrabalancear sua filosofia fazendo uso dos sentidos e da razão, com imaginação e emprego do intelecto perseguindo o ideal de homem integral, autônomo, livre, sem apego a bens, torna-se um espírito livre.

Quanto ao uso do sentimento e razão *Starobinski* afirma:

“Kant é um dos primeiros a afirmar que o pensamento de Rousseau segue um plano racional: aqueles que o acusam de contradizer-se não o compreendem. Rousseau, segundo Kant, não apenas denunciou o conflito da cultura e da natureza, mas procurou-lhe a solução. Rousseau esforçou-se em pensar as condições de um progresso da cultura que permitisse à humanidade desenvolver suas disposições (*Anlagen*) enquanto espécie moral (*sittliche Gattung*) sem desobedecer à sua determinação (*zu ihrer Bestimmung gehorig*), de modo a superar o conflito que a opõe a si mesma enquanto espécie natural (*natürliche Gattung*).

⁵⁷⁵ Cfr. Starobinski, Jean, “*Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o Obstáculo*”, trad. Maria Lúcia Machado, Companhia das Letras, São Paulo, 1991, p. 42.

⁵⁷⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Os Devaneios do Caminhante Solitário*”, trad. Fúlvia Maria Luiza Moretto, Editora da Universidade de Brasília, Hucitec, Brasília, 1991, p. 41. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Rêveries du Promeneur Solitaire*”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1073.

Reencontramos a natureza no momento em que a arte e a cultura atingem seu mais alto grau de perfeição: ‘A arte consumada torna-se novamente natureza’⁵⁷⁷.

Em momentos como este a sensibilidade é incontestavelmente anterior a qualquer tipo de racionalidade, logo é preciso trabalhá-la, pois, pela educação do sentimento, da sensibilidade é possível dar os primeiros passos para não formar o homem corrompido, ambicioso, orgulhoso, invejoso e vaidoso. Explica Rousseau:

“Quereis, pois, animar e alimentar no coração de um jovem os primeiros movimentos da sensibilidade nascente e dirigir seu caráter para a beneficência e a bondade? Não façais com que nele germinem o orgulho, a vaidade, a inveja, através da imagem enganosa da felicidade dos homens; não exponhais logo a seus olhos a pompa das cortes, o luxo dos palácios, o atrativo dos espetáculos; não o leveis a passear nos círculos, nas brilhantes assembleias. Não lhe mostreis o exterior da grande sociedade a não ser depois de o terdes colocado em condições de apreciá-la em si mesma. Mostrar-lhe o mundo antes que ele conheça os homens não é formá-lo, é corrompe-lo; não é instruí-lo, é enganá-lo”⁵⁷⁸.

A educação não visa, apenas, aquele dado momento presente, mas aspira para o futuro, visa influenciar positivamente as relações sociais. Logo, se percebe o entrelaçamento entre a política e a educação como dimensões que podem levar o homem a reconquistar e a manifestar a sua essência original. A política e a educação têm, também, como finalidade conciliar a dimensão privada e pública do homem. Imerso no silencioso mundo da natureza, Rousseau conforma-se às exigências da sua sensibilidade, sente-se homem livre, ousando contrapor a sua bondade à hipocrisia de seus contemporâneos. O sonho do genebrino consistia em poder viver em uma sociedade de homens livres e transparentes, onde a verdade não esteja ausente, mas que seja abraçada por todos.

Rousseau, consciente de que a sociedade civil era o espaço propício para o homem, buscou gerir um modelo educacional que viesse conservar e preservar a principal característica da pessoa humana; a bondade natural; os efeitos maléficis da sociedade precisam ser combatidos com princípios éticos e morais, os quais podem ser desenvolvidos na metodologia utilizada pelo preceptor do Emílio.

⁵⁷⁷ Cfr. Starobinski, Jean, “*Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o Obstáculo*”, trad. Maria Lúcia Machado, Companhia das Letras, São Paulo, 1991, p. 43.

⁵⁷⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 302. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 504.

A busca por ambientes mais ou menos delimitados, principalmente localidades afastadas da cidade e a sensação de prazer que nutriu nestes espaços deixou-o pleno de contentamento: em um instante sentindo prazer de viver, em outra fonte de inspiração e de júbilo. Para estes locais se dirigia quando estava taciturno, repleto de discrição, pleno de circunspeção devido aos dissabores da vida social. Tornou-se um solitário, mas não fora criado para isto: “Emílio não foi feito para permanecer sempre solitário, membro da sociedade deve cumprir seus deveres. Feito para viver com os homens, deve conhecê-los”⁵⁷⁹. Constantemente mudava de direção: idas e vindas entre cidade e campo e até países.

O caminho trilhado entre o campo e a cidade se alternou durante a vida. Não foram poucas as cidades e os lugares pitorescos que Rousseau teve a oportunidade de visitar e até fixar morada, nem tão pouco as casas de campo onde pôde ter residência temporária. Seja nos longos pastoreios ou participando ativamente da vida social não se pode deixar de dizer que Rousseau foi um homem solitário. Sua imensa obra filosófica, política, educacional, artística e literária expressa o imenso valor que o filósofo genebrino deu ao ambiente próximo à natureza sem querer hostilizar a arte e a ciência.

Longe de querer anular ou reduzir ao caos o progresso desenvolvido pela sociedade, Rousseau apontava, em todas as obras, o lado moral, queria levar o bem a todos os homens e para isto levantou uma crítica radical à sociedade, tendo como ponto de partida a vida simples e natural, um estado que propicia felicidade, algo que não encontrava na sociedade. É óbvio que não queria reduzir o avanço da sociedade, sobretudo o apogeu artístico alcançado pela França moderna, daí passar boa parte da vida respondendo às ácidas críticas sobre os seus posicionamentos, por isso, comenta em um dos escritos autobiográficos, *Rousseau, Juiz de Jean-Jacques*:

“Nos seus primeiros escritos tratava-se de destruir a ilusão que nos enche de uma admiração tão tola pelos instrumentos de nosso infortúnio; tratava-se de corrigir aquela avaliação ilusória que nos faz cumular de honras e talentos perniciosos e desprezar virtudes benéficas. Em toda parte, ele nos mostra que a espécie humana em seu estado original era melhor, mais sábia e foi mais feliz - e que se tornou cega, infeliz e má à medida que se afastou dele. (...) Mas a natureza humana não caminha para trás e jamais se pode retornar novamente à época da inocência e da igualdade quando já se afastou dela uma vez. Foi justamente neste

⁵⁷⁹ Ibidem, 470. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 654.

princípio que ele insistiu reiteradamente [...] Acusaram-no obstinadamente de querer destruir a ciência, aniquilar as artes [...]”⁵⁸⁰.

O discurso rousseauiano tinha como finalidade atingir o coração do homem, alcançar a sociedade e pórtico utilizado, não era o mesmo que fez uso os reis e grandes políticos, era o discurso escrito a partir da sua experiência. Enquanto os reis da Babilônia, sábios filósofos da Grécia, grandes oradores de Roma, políticos modernos sempre encontraram nos pórticos ou púlpitos o lugar apropriado e sagrado para se dirigir ao povo, Rousseau permanecia na planura, o pórtico inicial foi o experimento na grande porta de sua cidade natal, o momento em que foi fechado, não houve mais espaço para penetrar na sua querida cidade natal. Este é mais um detalhe simbólico ou pura verdade?

Esse episódio abre espaço para interpretações. Faz sentido aclarar o que de fato foi verdadeiro na vida de Rousseau: paradoxos, contradições, sonhos etc. Se para alguns heróis da história o pórtico se abre para que anunciem suas glórias, para Rousseau, foi bem diferente. Quando o portão de sua cidade fechou, ele partiu inconsolável, decidido a não mais voltar:

“Eu regressava com dois colegas. A meia légua da cidade, ouço tocar a recolher; dobro o passo; ouço tocar o tambor, desato a correr: chego esbofeado, alagado de suor, o coração pulava-me; vejo ao longe o soldado na forma, corro, grito com voz ofegante. Era muito tarde a vinte passos das avançadas, vejo levantar-se a primeira ponte. Tremo ao ver no ar aqueles terríveis cornos, sinistro e fatal prenúncio da inevitável sorte que começava para mim nesse momento. (...) Ali mesmo jurei nunca mais voltar”⁵⁸¹.

A trajetória pessoal após o momento que o portão de Genebra se fecha passa a ser entendida como um caminhar solitário rumo à sociedade. A circunstância criada para que não mais ingressasse na cidade querida, o marcou, e jamais esqueceu, sem dúvida que foi uma impressão que se solidificou, tornou-se marca profunda de um sentimento de abandono e afastamento que nunca foi esquecida. Afirma:

“Convencido de que só ao cidadão virtuoso cabe prestar à sua pátria as honras que ela possa consentir, há trina anos esforço-me por merecer oferecer-vos uma homenagem pública. Esta

⁵⁸⁰ Cfr. Rousseau, Jean”Rousseau Juge de Jean-Jacques, Troisième Dialogues, in *J.-J. Rousseau: Oeuvres Complètes*, Vol.1, Éditions Gallimard, Paris,1959, pp.934-935, *apud* Cassirer, Ernest, “*A questão de Jean-Jacques Rousseau*”, trad. Erlon José Paschoal e Jézio Gutierrez, Editora UNESP, São Paulo, 1999, pp. 54-55.

⁵⁸¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 67. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Les Confessions de J.J Rousseau*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 55.

feliz ocasião substituindo em parte o que meus esforços não puderam fazer, acredite ser-me permitido aqui levar em consideração mais o zelo que me anima do que o direito que deveria autorizar-me”⁵⁸² .

A partir deste instante o que avista é o externo, um mundo visto da planura ou da montanha, das estalagens ou dos braços da Madame Warens. Desta trajetória pode contribuir para o engrandecimento da sociedade, do homem que almeja, mas na sua busca, no refinamento humano, não encontrou a felicidade senão no seu próprio interior, nos momentos em que à beira do mar, solitário e afastado de tudo e de todos sentia um enorme prazer. O fato é que aquela imagem do pórtico se fechando e a tomada da estrada para a vida na sociedade o marcou, estava no íntimo. A beleza da vida, a doçura do viver aparece quando viu-se feliz e manifestou-a quando desvela nas *Confissões*:”

“Bastava que qualquer bem acariciasse o meu coração para pensar que o viria a perder e o ardente desejo de acabar os meus dias (...) Sentia um singular prazer em ver as ondas quebrarem-se aos meus pés. Delas tirava a imagem do tumulto do mundo, e da paz da minha habitação; e algumas vezes me estremecia essa doce ideia, até sentir as lágrimas marejarem-me os olhos”⁵⁸³ .

A mesma felicidade se manifesta nos atos de ternura, compaixão quando observa atos de uma comédia pelas ruas da Saboia e ao mesmo tempo participa da cena, se predispõe a ajudar:

“Essa comédia me divertiu por muito tempo, finalmente, completei a cena pagando as maçãs à menina e lhes fazendo distribuir aos meninos. Tive então um dos mais suaves espetáculos que possam deleitar um coração de homem, o de ver a alegria, unida a inocência da idade, espalhar-se ao redor de mim. Pois os próprios espectadores vendo-a, dela partilharam, e eu, que partilhava facilmente dessa alegria, tinha ainda que sentir que era obra minha”⁵⁸⁴ .

O ser solitário não se dá depois de um determinado período da vida, não tem início em dado momento, é a vida, ele é o solitário: ao nascer e nos primeiros anos a

⁵⁸² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997a, p. 33. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les Hommes”, Première partie, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 112.

⁵⁸³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, Vol II, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 348. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. .

⁵⁸⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Os Devaneios do Caminhante Solitário*”, trad. Fúlvia Maria Luiza Moretto, Editora da Universidade de Brasília, Hucitec, Brasília, 1987, p. 123. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Rêveries du Promeneur Solitaire*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1092.

solidão da perda da mãe; ainda jovem, a solidão da perda do pai e do irmão; a solidão na casa dos tios e parentes; a solidão no seminário; solidão quando a Mamã opta pela companhia de outro jovem; a solidão de amigos quando passa a frequentar a sociedade; a solidão de Vincennes; os passeios solitários; solidão causada pelos amores não correspondidos, enfim, uma vida sob o signo da solidão. Até aqui, todas as experiências manifestadas sob a penumbra da solidão podem ser entendidas como solidão externa, solidão do mundo.

Não por acaso adentra à realidade mais profunda do ser aquele sentimento proveniente do episódio do “portão de Genebra”. Mas um outro pórtico se abriu, o do seu âmago, este se distende por dentro, sendo assim pode construir o seu autorretrato, dois anos antes da morte passa a viver a solidão do caminhante solitário, a solidão da solidão porque acompanhada de uma consciência daquilo que se é. Só um longo devaneio solitário é capaz de proporcionar o exame de seu próprio eu, uma viagem longínqua que ao fim é capaz de dizer:

“Disse a verdade. Se alguém tem conhecimento de coisas contrárias ao que acabo de escrever, houvessem ela sido mil vezes provadas, está o facto de mentiras e de imposturas, e se se recusa aprofundá-las, a esclarecê-las comigo, enquanto me acho em vida, não ama nem a justiça nem a verdade. Por mim, declaro-o abertamente e sem receio: quem quer que, mesmo sem haver lido os meus escritos, examinar por seus próprios olhos o meu natural, o meu carácter, os meus costumes as minhas inclinações, os meus prazeres, os meus hábitos, e chegue à conclusão de que sou um homem indigno, é ele mesmo um homem que deve ser destruído”⁵⁸⁵.

Atente-se para dois momentos: de um lado o homem que se manifesta ao público; de outro o homem que dialoga consigo, em outros termos: o homem privado por um lado, o homem público por outro; o homem civil aqui, o homem natural acolá; o exercício dialético penetra não somente a obra educacional, mas norteia um diálogo entre o homem privado e o homem civil:

“Cada um deles deve ocupar o lugar que lhe pertence. Contudo, tal só é possível, se for criado um mecanismo conceptual que permita a manifestação de cada uma dessas esferas, sem que para isso tenham necessidade de colidir. (...) o mecanismo conceptual que Rousseau apresenta consubstancia-se na noção de função. O significado da função implica uma forte autonomia do indivíduo, fazendo com que este saiba distinguir quando se

⁵⁸⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, Vol II, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 359. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Les Confessions de J.J Rousseau*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 656.

encontra na esfera do privado ou na esfera pública, e saiba agir adequadamente em cada uma delas. Neste contexto, a emergência da figura do solitário surge como condição de concretização do projecto político-educacional de Rousseau, pois só ele é capaz de operacionalizar a função”⁵⁸⁶.

Os inúmeros conflitos criados ora pelo temperamento explosivo, ora pela não compreensão dos amigos às ideias avançadas que retinha em seu poder, não poucas vezes fez com que Rousseau fosse expulso do convívio social e, conseqüentemente, por não se identificar mais com a sociedade, por não ser mais sociável, os últimos anos foram marcados por uma ferrenha oposição a este mundo, passou a viver aquilo que Maurice Blanchot entende como: “o absoluto de um Eu sou que quer afirmar-se sem os outros; (...) o homem adquire então consciência de que recebe sua essência de não ser”⁵⁸⁷.

É neste momento, por mais sombria e angustiante que pareça estar a natureza humana, o momento em que aflora a sensibilidade, mas que também emerge à superfície do ser a liberdade, a clareza das palavras, a ternura. As conspirações⁵⁸⁸ que diz ter sido vítima causaram uma ebulição no comportamento de Rousseau em todas as épocas: nos primeiros tempos uma solidão suportável; tempos depois, nos tempos de participação na vida social, a solidão irrestrita, a solidão do pós-publicação das obras de relevo na maturidade: *Nova Heloísa*, *Emílio* e o *Contrato Social*, propiciou os discursos em forma narrativa onde revelou o seu Eu mais profundo. Fala de solidão com o mais profundo dos sentimentos e a partir do coração, é isto que faz tocar o coração dos leitores.

Este momento de solidão pode ser entendido como aquele em que o genebrino mais pertenceu a si mesmo. Quando ele diz que existiu um instante, mesmo que diminuto, em que foi senhor de si, manifesta a ideia clara do seu próprio eu, total domínio da mente, do sentimento, não somente portador de uma delicada compleição, mas também, condutor de grandezas e virtudes. Aquela identidade interior que foi

⁵⁸⁶ Cfr. Martins, Custódia Alexandra Almeida, “*O Fim da Educação ou o Solitário*”. Comunicação apresentada no III Colóquio Nacional: J. J. Rousseau e o Iluminismo. Salvador, Bahia, 2007.

⁵⁸⁷ Cfr. Blanchot, Maurice, “*O Espaço Literário*”, trad. Álvaro Cabral, Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1987, p. 254.

⁵⁸⁸ Dentre os momentos em que se sentiu ameaçado, sem dúvida, o pior foi aquele proveniente do conflito com religiosos: “Depois disto, o povo, francamente excitado pelos ministros, troçou dos rescritos do rei, das ordens do Conselho de Estado, e não voltou a conhecer freio algum. Repreenderam-me no púlpito, chamaram-me o Anticristo, e perseguiram no campo como um lobisomem”. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, Vol. II, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 332. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Les Confessions de J.J Rousseau*”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 629.

impedida de se manifestar quando tomou a estrada da vida, rumo a sociedade, aqui se faz vivamente, aparece o homem privado em toda a sua extensão.

Ao trilhar esse caminho encobriu as lembranças dos males, tamanha foi a clareza que o possibilitou o momento retrospectivo que diz ter nascido “Nascia nesse instante para a vida e parecia-me preencher, com minha leve existência, todos os objetos que percebia”⁵⁸⁹. As meditações no momento de solidão fazem o genebrino recobrar a vida e vivendo com alegria redescobre o prazer do “aprendizado mais radical, aprender a morrer”⁵⁹⁰.

Ao ser incompreendido e até mesmo odiado pelos burgueses de um lado, religiosos por outro, etc., sentiu o acalanto no mais profundo do seu eu, na penumbra do ser vem à luz a calma:

“Vivendo inteiramente o momento presente de nada me lembrava, não tinha nenhuma noção distinta de minha própria pessoa, nem a menor ideia do que acabava de me acontecer; não sabia nem quem era nem onde estava; não sentia nem dor, nem medo, nem inquietude. (...) Sentia em todo o meu ser uma calma maravilhosa à qual, cada vez que a relembro, nada encontro de comparável em toda a atividade dos prazeres conhecidos”⁵⁹¹.

Esse refrigério humano é devido à certeza que vivencia os ideais que defendeu, isto para o seu ser privado, no mais recôndito do seu ser, foi extremamente coerente, agiu com o frescor de um bálsamo. A autenticidade se faz visível no seu mundo privado. Não poderia renunciar a si mesmo a favor da opinião de uma sociedade que ele criticava veementemente, afastar-se foi o caminho. Se fosse um homem compreendido estaria fazendo parte daquela sociedade que ele mesmo condenou, estaria utilizando as máscaras para enfeitar os espetáculos sociais:

“Rousseau torna-se escritor para denunciar a mentira da sociedade e acaba se colocando numa posição paradoxal, pois, ao fazer-se autor, e, sobretudo quando inaugura sua carreira, acaba entrando no circuito social da opinião, do sucesso. É suspeito de duplicidade e contaminado pelo pecado que ataca. À medida que sua solidão se tornar mais absoluta, Rousseau se confirmará na ideia de que sua estreia literária foi o começo de uma maldição.

⁵⁸⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Os Devaneios do Caminhante Solitário*”, trad. Fúlvia Maria Luiza Moretto, Editora da Universidade de Brasília, Hucitec, Brasília, 1987, p. 34. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Rêveries du Promeneur Solitaire*”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1005.

⁵⁹⁰ Cfr. Malandain, P. “Prefácio”, In Rousseau, Jean-Jacques, *Les Rêveries du promeneur solitaire*. Paris: Pocket, 1998, p. 21.

⁵⁹¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Os Devaneios do Caminhante Solitário*”, trad. Fúlvia Maria Luiza Moretto, Editora da Universidade de Brasília, Hucitec, Brasília, 1987, p. 34. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Rêveries du Promeneur Solitaire*”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1005.

O único resgate possível consiste em fazer ato público de separação: um desarraigamento se torna necessário e um perpétuo afastamento será a justificativa”⁵⁹² .

O paradoxo mais uma vez se faz presente: o eu externo ou homem público, insatisfeito, inquieto, espectador, ao lado de outros atores de um mesmo espetáculo: “permanência em si e, ao mesmo tempo, presença de cada um a todos”⁵⁹³ ; em outro patamar o eu interior ou homem privado, feliz, autônomo, sem levar em consideração a opinião da sociedade, deixando-se levar, exclusivamente, pela sua própria identidade, agiu com liberdade, aqui poderia fazer tudo e tudo conseguir:

“De onde o pintor e apologista da natureza, hoje tão desfigurada e caluniada, teria podido tirar seu exemplo? Será que ele não o encontrou em seu próprio coração? Ele descreveu esta natureza tal como a sentia em si mesmo. Os preconceitos que não o tinham subjugado, as paixões artificiais das quais não fora vítima – eles não ofuscaram os seus olhos como os dos outros para os primeiros traços da humanidade geralmente tão esquecidos e incompreendidos (...) Numa palavra: foi necessário que um homem retratasse a si mesmo para nos mostrar o homem natural e se o autor não tivesse sido tão singular quanto os seus livros, ele jamais os teria escrito. Mas onde existe ainda esse homem da natureza que vive uma vida verdadeiramente humana; que não leva em consideração a opinião dos outros, e que se deixa levar pura e simplesmente por suas inclinações e sua razão sem atentar para o que a sociedade e o público aprova ou censura? Procuramo-lo em vão entre nós. Em toda parte apenas um verniz de palavras; em toda a parte apenas uma ambição por uma fidelidade que existe apenas na aparência. Ninguém se importa mais com a realidade; todos colocam a sua essência na aparência; vivem como escravos e bufões de seu amor-próprio - não para viver, mas para fazer os outros acreditarem que eles vivem”⁵⁹⁴ .

Vivendo a experiência feliz da individualidade e da solidão, ao principiar a primeira caminhada diz: “Mas eu, afastado deles e de tudo, que sou eu mesmo? Eis o que me falta procurar”⁵⁹⁵ Um eu confiante que vai buscar dentro de si mesmo o sentido da vida, que vai ao encontro de outras possibilidades mesmo estando no regaço sereno e confortável. Este é o solitário, constrói o caminho para sua liberdade tirando da água as

⁵⁹² Cfr. Façanha, Luciano da Silva, “*Esquecimento, Solidão e Memória no Iluminismo*” - antecipação de uma nova linguagem a partir da relação autor, leitor, obra, O Caso Rousseau, Comunicação apresentada no III Colóquio Nacional: J. J. Rousseau e o Iluminismo. Salvador, Bahia, 2007.

⁵⁹³ Cfr. Freitas, Jacira de. “*Política e Festa Popular em Rousseau*”, Humanitas / FFLCH/USP: FAPESP, São Paulo, 2013, p. 88.

⁵⁹⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Diálogo Terceiro*” in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 936.

⁵⁹⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Os Devaneios do Caminhante Solitário*”, trad. Fúlvia Maria Luiza Moretto, Editora da Universidade de Brasília, Hucitec, Brasília, 1987, p. 23. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Réveries du Promeneur Solitaire*”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 995.

ondas turvas: “o caminho para liberdade permanece aberto; ele pode e deve ser percorrido”⁵⁹⁶. Porém, a sociedade entendida como reino da corrupção e do pecado é caminho inverso, é antagônica ao caminho natural que, por sua vez é: autêntico, transparente se preocupa e defende o direito sagrado da pessoa.

A vivência que ele desejava entre os homens não é aquela dos primeiros tempos ou a que Hobbes critica. Mas aquela onde cada qual deve ocupar o seu espaço na sociedade. A organização social, por sua vez, não pode ser protagonista na desagregação, se isto acontece. Rousseau está plenamente correto ao levantar suas críticas a organização social: “Rousseau define da maneira mais clara o objeto e o alcance de sua crítica social: a contestação diz respeito à sociedade enquanto esta é contrária à natureza”⁵⁹⁷.

A disposição de uma sociedade bem ordenada passa pela vivência harmoniosa dos seus habitantes, todos vivendo sob a égide de um pacto, um contrato visando o bem comum, o bem de todos, é o que se dá no *Contrato Social* e o Emílio, personagem fictício do autor na obra o *Emílio*, é aquele que foi formado para viver esta experiência social. Qual era, de fato, a propensão de Rousseau para a vida solitária? Além do desejo de liberdade e independência, conforme pontuado acima, Rousseau reconhece a sua inata incapacidade para a vida social⁵⁹⁸.

Nas obras: *Confissões, Rousseau Juiz de Jean-Jacques: Diálogos e Os devaneios do caminhante solitário*, Rousseau afirma:

“Eu só. Sinto o meu coração e conheço os homens. Não sou feito como nenhum dos que tenho visto; ousa crer não ser feito como nenhum dos que existem. Se não valho mais, sou pelo menos diferente. Se a natureza fez bem ou mal, ao quebrar o molde que me vazou, é o que só poderá ser julgado depois de me haverem lido”⁵⁹⁹.

⁵⁹⁶ Cfr. Cassirer, Ernest, “A questão de Jean-Jacques Rousseau”, trad. Erlon José Paschoal e Jézio Gutierrez, Editora UNESP, São Paulo, 1999, p. 55.

⁵⁹⁷ Cfr. Starobinski, Jean, “Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o Obstáculo”, trad. Maria Lúcia Machado, Companhia das Letras, São Paulo, 1991, p. 35.

⁵⁹⁸ “Nasci com um amor natural pela solidão, que somente aumentou à medida que conheci melhor os homens. Sinto-me mais à vontade com os seres quiméricos que reúno ao meu redor do que com aqueles que vejo no mundo, e a sociedade alimentada apenas com a minha imaginação, em meu retiro, acaba por desgostar-me de todas aquelas que abandonei” Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Carta a Christophe de Beaumont e outros escritos sobre a religião e a moral”, Org. José Oscar de Almeida Marques, Estação Liberdade, São Paulo, 2005, p. 20.

⁵⁹⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Confissões”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 21. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Les Confessions de J.J Rousseau”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. .

Tal concepção beira ao solipsismo, portanto, falar do binômio “conhecimento de si”⁶⁰⁰ e reconhecimento de si pelos outros parece ser um desejo de não querer ser julgado já que a solidão lhe dava a tranquilidade necessária; evitar as discussões, os conflitos, é a verdade contida na autobiografia: “infinitamente melhor que qualquer pintura que observe seu modelo do exterior. Os pintores se contentam com o verossímil; constroem a realidade muito mais do que a imitam, e permanecem para sempre afastados da alma de que deveriam ter feito o retrato”⁶⁰¹. Rousseau dá a resposta como se a todo momento fosse obrigado a dizer tudo sobre ele mesmo. O conhecimento de si possibilita ao genebrino mostrar a sua inocência e a sua bondade numa sociedade corrupta. Quando perguntado “quem sou eu?” responde “sinto meu coração”⁶⁰². Diz *Starobinski*: é um ato simples e espontâneo. “Não há diferença entre conhecer-se e sentir-se e (...) o sentimento decide imediatamente a inocência essencial do eu”⁶⁰³. Para ser considerado ou reconhecido em uma sociedade corrompida, mas que nem por isso julga e estabelece valores é preciso ter convicção de sua inocência, procurar revelar o valor da verdade e da sinceridade sob outro prisma: o do ser e do aparecer. Em outro escrito, *Carta a d’Alembert sobre os Espetáculos* o genebrino fala sobre: “consagrar sua vida à verdade”⁶⁰⁴. O lema se torna a divisa do autor:

“Eis aí a divisa que escolhi e de que me sinto digno. Leitores, posso enganar-me a mim mesmo, mas não vos enganar voluntariamente; temei os meus erros, não a minha má-fé. O amor do bem público é a única paixão que me faz falar ao público; sei então esquecer-me de mim mesmo e, se alguém me ofende, calo-me a seu respeito para que a cólera não me torne injusto. Essa máxima é boa para os meus inimigos, pois eles me prejudicam à vontade e sem medo de represálias; para os leitores, que não temem que meu ódio os iluda, e sobretudo para mim, que, permanecendo em paz enquanto me ultrajam, pelo menos só tenho o mal que me fazem e não o que ainda teria devolvendo-o. Santa e pura verdade a que consagrei a vida, nunca minhas paixões macularão o sincero amor que tenho por ti; nem o interesse nem

⁶⁰⁰ Cfr. Starobinski, Jean, “*Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o Obstáculo*”, trad. Maria Lúcia Machado, Companhia das Letras, São Paulo, 1991, p.187.

⁶⁰¹ Ibidem, p. 193.

⁶⁰² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p. 21. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Les Confessions de J.J Rousseau*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. .

⁶⁰³ Ibidem, p. 187. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Les Confessions de J.J Rousseau*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p.

⁶⁰⁴ Em Latim se diz: *Vitam impendere vero*. Frase do poeta satírico, romano, Juvenal.

o medo seriam capazes de degradar a homenagem que amo oferecer-te e minha pena nunca te negará nada, a não ser o que teme conceder a vingança”⁶⁰⁵ .

Após um ano e meio habitando na Ermitage, Rousseau pode novamente dedicar-se ao delírio campestre, transferindo-se para o Jardim de Mont-Louis e logo em seguida no castelo do Marechal de Luxemburgo sente a sua alma tranquila e pronuncia:

“Foi nessa profunda e deliciosa solidão, no meio dos bosques e das águas, dos concertos das aves de toda espécie, do perfume da flor de laranjeira, que compus em contínuo êxtase o quinto livro do (*Emílio*), cujo colorido devo, em grande parte, à viva impressão do local em que escrevia. [...] E apenas esse cortejo me bastaria para toda a vida, sem sentir nunca um momento de tédio. Eu estava ali no paraíso terrestre; vivia com a mesma inocência e gozava da mesma felicidade”⁶⁰⁶ .

2. O liame entre o ser sensível e o afastar-se

Os textos escritos e publicados procedentes da pena do filósofo genebrino oferecem ao leitor, porque são originários, vivências que atingiram o coração do filósofo: problemas existenciais que deixaram marcas. As diferentes interpretações realizadas nem sempre expressaram com intensidade o pensamento do autor, principalmente quanto aos principais temas abordados por Jean-Jacques. Por exemplo, quando se refere à questão do sentimento. O vocábulo sensibilidade foi muito usado pelo genebrino, vejamos como ele a define:

“A sensibilidade é o princípio de cada ação. Um ser, embora animado, que não sentisse nada, não agiria: que motivo teria de fato para agir? Deus mesmo é sensível porque age. Todos os homens logo são sensíveis, e talvez no mesmo grau, mas não no mesmo modo”⁶⁰⁷ .

Antes de qualquer julgamento é preciso entender que o texto acima foi escrito na época em que imperavam os conceitos racionais, toda a explicação era outorgada pela razão, pela ciência. Qual o motivo então, para Rousseau fazer uso da sensibilidade e colocá-la como impulsionadora da ação humana? Em pleno século das luzes, onde se acreditava na ordem e no progresso provenientes da racionalidade humana, como pôr a

⁶⁰⁵ Cfr. Rousseau, Jean-jacques, “*Carta a d’Alembert sobre os espetáculos*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Ed. da Unicamp, Campinas, 1993, pp. 145-146. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “A M. D’Alembert”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995, p. .

⁶⁰⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, Vol II. trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, p 377. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Les Confessions de J.J Rousseau*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 674.

⁶⁰⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Diálogo Segundo*” in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. II. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 805.

razão em um patamar inferior, abaixo da sensibilidade? Esta é uma questão de tamanha envergadura: o que impulsiona as ações do homem?

A primeira observação frente ao questionamento originário da tese de que a pessoa para agir precisa sentir, ser alcançado ou atingido por algo externo, é que ela se apresenta com uma qualidade para determinado fim, ou seja, ela tem aptidão para receber sensações e, ao mesmo tempo, reagir aos estímulos externos. A segunda observação, não menos problemática quanto a primeira, diz respeito ao campo sensível. Ora, a sensibilidade, algo existente em todo ser humano, opera não somente com um dos sentidos, mas é fruto do complexo humano, indica a totalidade das operações sensíveis do homem: consciência sensorial, instintos, apetites e paixão.

Não está, o pensador de Genebra, exagerando ao afirmar que a sensibilidade é o princípio de toda ação? Ao fazer tal assertiva, Rousseau dar azo a diversas interpretações. Por pensar diferente sente a sua sensibilidade afetada. A experiência vivenciada é de quem está com o outro e com o mundo, mas ao mesmo tempo está só:

“O solitário descobre-se a si mesmo no instante feliz, isto é, no momento da redescoberta da natureza humana tal como ela é na sua originalidade e de, em função desta redescoberta, tomar consciência do seu lugar no mundo. Porque recusa fazer pactos, o Solitário está, como o Cidadão não está, em condição privilegiada para se aperceber desse momento. Mas porque se trata de um momento, de um instante, percebê-lo implica uma atenção especial”⁶⁰⁸.

Quando o pórtico de Genebra se fecha para o mundo interior e o faz avistar a totalidade das coisas no *orbe* à sua frente, caminha sem medo de revelar-se, manifestando-se com a mais absoluta sinceridade, questionando a sociedade. O resultado de tal posicionamento foi o isolamento. O universo que contemplava a partir do pórtico exterior que se abriu naquele fim de tarde jamais foi imaginado pela sensibilidade do adolescente. Caminhou à busca de um futuro. Não esperava por críticas, incompreensões, julgamentos originários dos próprios amigos. A consequência desta trajetória foi o isolamento e a solidão que podem ter sido a causa de alguns desvarios:

“Jean-Jacques experimenta a necessidade de se explicar para recusar o julgamento que sente pesar sobre ele. Já que seu acesso de loucura era devido à sua solidão, vai agora revelar os verdadeiros motivos de sua solidão: foi por amor da justiça e da humanidade, foi por aversão à ação que preferiu viver no retiro. Não é misantropo, não odeia os homens, ama-os,

⁶⁰⁸ Cfr. Martins, Custódia Alexandra Almeida, “A pedagogia de Jean Jacques Rousseau: Praxis, Teoria e Fundamentos”, CIED, Braga, 2009, p. 327.

ao contrário, por maneira por demais terna para não ser constantemente ferido em sua presença”⁶⁰⁹ .

A cada desafio enfrentado, a cada superação de momentos de descontrole, aquilo que ainda não tinha sido aflorado começa a despontar, desabrocha com uma força incomensurável, pois derivava da sensibilidade, da faculdade de sentir, da compaixão que brotava a cada desafio, vencido ou não; tudo isso lhe impulsionava para uma viagem que teve como primeiro ancoradouro, porto de paragem, um limite avistado a partir do pórtico interior, o sentimento:

“(…) Porque o valor do homem reside inteiramente em seu sentimento, já não há privilégio ou prerrogativa social que conte. (...) Sentimentos maiores, ideias mais vivas: inútil acrescentar que o sentimentalismo, aqui, não se opõe de maneira nenhuma ao racionalismo do século das luzes. Bem ao contrário: a autoridade intelectual da razão e o primado moral do sentimento são a igual título as armas ideológicas da burguesia pré-revolucionária. Estado de alma, sentimento, pensamento são garantias equivalentes de superioridade”⁶¹⁰ .

A sensação de quem vive isolado da comunidade ou de uma cidade veio a se confirmar quando esta se tornou guia de suas inquietações, perturbações interiores, um hábito constante de estar consigo mesmo a ponto de expressar: “a fonte da verdadeira felicidade está em nós e que não depende dos homens tornar verdadeiramente infeliz aquele que sabe querer ser feliz”⁶¹¹ , logo a sensibilidade não é fruto de um mecanismo ação e reação, outras faculdades estão envolvidas. A vida de Rousseau encontra no isolamento a consolação, o que se esperava para desfrutar da paz. O dia a dia passou a ter significado e ele se tornou um exímio solitário, posteriormente deste momento, apareceram às consequências⁶¹² . Quando o genebrino assume o estado de um ser solitário resplandecem com mais efervescência e vigor as faculdades: sentimento, sensibilidade e sensação. O sentimento se destaca porque através dele promete a

⁶⁰⁹ Cfr. Starobinski, Jean, “*Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o Obstáculo*”, trad. Maria Lúcia Machado, Companhia das Letras, São Paulo, 1991, p. 190.

⁶¹⁰ Ibidem, p. 192.

⁶¹¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Os Devaneios do Caminhante Solitário*”, trad. Fúlvia Maria Luiza Moretto, Editora da Universidade de Brasília, Hucitec, Brasília, 1987, p. 31. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Rêveries du Promeneur Solitaire*”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1003.

⁶¹² Aussi est-il naturel qu'on soit tenté d'organiser l'oeuvre de Rousseau autour du theme de la solitude, de le reconnaître comme le motif principal qui agence l'ensemble des contenus de sa vision du monde. Cependant, l'oeuvre de Rousseau ne se réduit ni à l'expérience, ni à l'expression de la solitude en tant que situation existentielle, pas plus qu'à la réflexion sur la solitude. Le sens de la solitude, ou plutôt ses multiples significations dans cette expérience et cette réflexion sont imbriquées dans d'autres thèmes, qu'em répondant aux questions sur la fonction que l'une et l'autre assument dans la vision du monde dans son ensemble (...). Nous n'avons pas en effet affaire à un simple procédé stylistique: ce thème exprime un aspect fondamental de la vision qu'a Jean-Jacques de son destin personnel, comme de sa vision du monde” Cfr. Baczko, Bronislaw, “*Rousseau solitude et communauté*”, EDPHE, Sorbone, 1974, p. 157.

transparência de si; quanto a sensibilidade, procura a via mais simples e até se coloca como homem do povo; já a sensação é de homem livre por ser simples. Na mesma toada interpreta *Starobinski*:

“Porque o valor do homem reside inteiramente em seu sentimento, já não há privilégio ou prerrogativa social que conte. (...) Sentimentos maiores, ideias mais vivas: inútil acrescentar que o sentimentalismo, aqui, não se opõe de maneira nenhuma ao racionalismo do século das luzes. Bem ao contrário: a autoridade intelectual da razão e o primado moral do sentimento são a igual título as armas ideológicas da burguesia pré-revolucionária. Estado de alma, sentimento, pensamento são garantias equivalentes de superioridade”⁶¹³.

Por um lado, *Starobinski* fala de um sentimento que guia a razão, um sentimento interior puro e natural que lhe permite compreender a essência da realidade, por outro vê-se que o sentimento, a sensibilidade e a sensação impulsionam o solitário na compreensão do eu. Por isso essas faculdades vão, paulatinamente, estreitando-se. A distância entre elas vai se restringindo e vão se tornando cada vez mais íntima do homem. Desencantado com tudo aquilo que é exterior e expressando um fluxo de energia proveniente do estado de isolamento em que se encontrava, disse:

“De que desfrutamos numa tal situação? De nada de exterior a nós, de nada a não ser de nós mesmos e de nossa própria existência; enquanto este estado dura bastamo-nos a nós mesmos como Deus. O sentimento da existência, despojado de qualquer outro apego e por si mesmo um sentimento precioso de contentamento e de paz, que sozinho bastaria para tornar esta existência cara e doce a quem soubesse afastar de si todas as impressões sensuais e terrenas (...). Mas um infeliz que foi separado da sociedade humana e que nada mais pode fazer de útil e de bom, na terra, para os outros ou para si mesmo, pode encontrar neste estado, para todas as felicidades humanas, compensações que o destino e os homens não lhes poderiam retirar”⁶¹⁴.

Na cultura filosófica contemporânea o sentimento e a sensibilidade não tinham a importância atribuída a razão. Só a racionalidade não seria capaz de expressar tamanha felicidade, sutileza e êxtase relata no episódio da ilha de *Saint-Pierre*, onde Rousseau permaneceu de 12 de setembro de 1765 a 25 de outubro do mesmo ano:

⁶¹³ Cfr. Starobinski, Jean, “*Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o Obstáculo*”, trad. Maria Lúcia Machado, Companhia das Letras, São Paulo, 1991, p. 192.

⁶¹⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Os Devaneios do Caminhante Solitário*”, trad. Fúlvvia Maria Luiza Moretto, Editora da Universidade de Brasília, Hucitec, Brasília, 1987, pp. 76-77. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Rêveries du Promeneur Solitaire*”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1047.

“Deixaram-me passar apenas dois meses nessa Ilha, mas nela teria passado dois anos, dois séculos e toda a eternidade, sem me entediar um só momento [...]. Considero esses dois meses como o tempo mais feliz de minha vida e de tal forma feliz que ter-me-ia bastado durante toda a minha existência, sem fazer nascer, por um único instante, em minha alma, o desejo de um outro estado”⁶¹⁵.

Depois das citações acima, sobretudo no que concerne à sensibilidade, percebe-se que as agitações que se manifestam a nível fisiológico: lágrimas ou palpitações são imputadas ao sentimento, resultado de uma sensibilidade e não das sensações oriundas do mundo externo, acredita-se que seja o episódio de Vincennes⁶¹⁶ o maior paradigma deste sentimento:

“Existe uma sensibilidade física e orgânica que, puramente passiva, parece que não tem outro fim senão a conservação do nosso corpo e da nossa espécie, atravessa o prazer e a dor. Existe uma outra sensibilidade, que eu chamo ativa e moral, à qual não é outra coisa senão a capacidade de ler os nossos afetos”⁶¹⁷.

A sensibilidade como simples capacidade de receber sensações e de reagir aos estímulos externos é muito semelhante àquela atribuída aos animais, aquela em que se reage frente ao prazer e à dor. Neste nível de sensibilidade é que Rousseau se refere quando utiliza o termo para descrever a condição pré-moral do indivíduo, como aquela do homem natural ou da criança. Por outro lado há a sensibilidade ativa e moral, à qual transcende o nível fisiológico. Essa parece:

“Encontrar na alma uma analogia bastante clara com a faculdade atrativa dos corpos. A sua força é devida as relações que sentimos entre nós e os outros seres, e segundo a natureza desta relação, esta age as vezes positivamente por atração e as vezes negativamente por repulsão, como uma ambivalência entre seus dois polos”⁶¹⁸.

Em termos de importância, paralelo ao episódio Vincennes, está a narrativa na descida de Menilmontant quase defronte ao “Galant Jardinier, episódio conhecido como

⁶¹⁵ Ibidem, p. 72. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Rêveries du Promeneur Solitaire”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1042.

⁶¹⁶ Fruto de um sentimento obscuro, o genebrino narra o episódio que lhe transfigurou, enquanto estava a caminho da prisão, Vincennes, para visitar o amigo, Diderot. A narração encontra-se de modo mais detalhado, na primeira parte deste trabalho, capítulo I, página 97.

⁶¹⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Diálogo Segundo” in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. II. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 805.

⁶¹⁸ Ibidem, pp. 804-805.

o cão dinamarquês”⁶¹⁹. Se no primeiro episódio a mente do genebrino se voltou para a visão crítica da sociedade e denunciou as desigualdades de classe e os problemas daí originários; no segundo episódio a mente se voltou para a sua existência, para si mesmo. Ao perpassar o devaneio diz:

“Anoitecia. Percebi o céu, algumas estrelas e um pouco de verdura. Esta primeira sensação foi um momento delicioso. Era somente através dela que começava a sentir minha existência. Nascia neste instante para a vida e parecia-me preencher, com minha leve existência, todos os objetos que percebia. Vivendo inteiramente o momento presente, de nada me lembrava; não tinha nenhuma noção distinta da minha própria pessoa, nem a menor ideia do que acabava de me acontecer; não sabia nem quem era nem onde estava; não sentia nem dor, nem medo, nem inquietude. Via correr meu sangue como teria visto correr um regato, sem mesmo pensar que esse sangue me pertencia de algum modo. Sentia, em todo o meu ser, uma calma maravilhosa à qual, cada vez que a relembro, nada encontro de comparável em toda a atividade dos prazeres conhecidos”⁶²⁰.

Aquilo que ele sentia anteriormente não mais sente após o acidente, não é mais a mesma pessoa, passa a acreditar ter nascido novamente. Embora estivesse totalmente desfigurado, não se dava conta do infortúnio externo que tinha lhe acontecido, só veio entender quando: “os gritos de minha mulher, ao ver-me, me fizeram compreender que estava mais ferido do que pensava. Passei a noite ainda sem conhecer nem sentir meu mal.”⁶²¹, fisicamente arrasado, no entanto, interiormente, sentia pela primeira vez o prazer da existência, um encontro consigo mesmo que se deu através dos devaneios.

A partir daqui podemos observar que tal aspecto da sensibilidade seja investido não só pela função reveladora da exterioridade, presente no nível físico e orgânico, mas também considerada a sua função metafísica, aquela proveniente da interioridade que é

⁶¹⁹ Diz a narrativa: “quando, tendo-se as pessoas que caminhavam na minha frente, de repente, bruscamente afastado, vi lançar-se sobre mim um grande cão dinamarquês que, atirando-se a toda velocidade diante de uma carruagem, não teve nem mesmo tempo de reter sua corrida ou se desviar quando me percebeu. Julguei que o único meio que tinha de evitar de ser atirado ao chão era o de dar um grande salto, tão exato, que o cão passasse por baixo de mim, enquanto eu estivesse no ar. Essa ideia, mais pronta do que o relâmpago e que não tive tempo nem de apreciar nem de executar, foi a última antes de meu acidente. Não senti nem o golpe nem a queda, nem nada do que se seguiu até o momento em que votei a mim. (...) Como o cão dinamarquês não pudera reter seu impulso, precipitara-se contra minhas pernas e chocando-se contra mim com sua massa e sua velocidade, me fizera cair com a cabeça para frente: o maxilar superior, com todo o peso do meu corpo, batera numa laje muito áspera e a queda fora muito violenta, pois encontrando-me numa descida, minha cabeça batera abaixo de meus pés. (Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Os Devaneios do Caminhante Solitário*”, trad. introdução e notas de Fúlvia Maria Luiza Moretto. Brasília: Editora da Universidade de Brasília; Hucitec, 1987, p. 33. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Rêveries du Promeneur Solitaire*”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1004.

⁶²⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Os Devaneios do Caminhante Solitário*”, trad. introdução e notas de Fúlvia Maria Luiza Moretto. Brasília: Editora da Universidade de Brasília; Hucitec, 1987, p. 34. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Rêveries du Promeneur Solitaire*”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1005.

⁶²¹ Ibidem., p. 34. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Rêveries du Promeneur Solitaire*”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1005.

condição necessária para perceber a alteridade, e daí as relações existentes entre nós e os outros seres existentes:

“Esses transportes, esses êxtases que experimentava algumas vezes, caminhando assim sozinho, eram prazeres da vida que devia aos meus perseguidores: sem eles, nunca teria encontrado nem conhecido os tesouros que trazia em mim mesmo. Em meio a tantas riquezas, como manter um registro fiel? Querendo lembrar tantos doces devaneios, em lugar de descrevê-los, recomeçava-os. É um estado introduzido por sua lembrança e que em breve cessaríamos de conhecer cessando completamente de senti-lo”⁶²².

Por outro lado, se a sensibilidade passiva é moralmente indiferente, é boa só no sentido que conduz a um correto uso da inclinação natural, a sensibilidade ativa pode revelar-se seja “sensibilidade positiva” seja “sensibilidade negativa”⁶²³. Tal qual acontece na explicação do progresso do gênero humano e do desdobrar da sua perfectibilidade, a sensibilidade não se caracteriza necessariamente por uma unívoca linha de desenvolvimento, mas pode conduzir indiferentemente ao bem ou ao mal, de fato:

“A ação positiva ou organizada é a simples obra da natureza que procura desdobrar e fortalecer o sentimento do próprio ser a negativa ou rejeição, que sufoca e constringe o outro, é uma combinação produzida pela reflexão. Da primeira nasce todas as paixões seguras e amáveis, da segunda todas as paixões adversas e cruéis”⁶²⁴.

É uma analogia muito estreita entre a degeneração do amor-de-si⁶²⁵ do qual a sensibilidade física que visa a auto conservação é direta expressão – em amor-próprio⁶²⁶ e a degeneração da sensibilidade ativa positiva em uma sensibilidade negativa:

⁶²² Ibidem, p. 31. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Rêveries du Promeneur Solitaire”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1003.

⁶²³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Diálogo Segundo” in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. II. Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 805-806.

⁶²⁴ Ib..

⁶²⁵ Rousseau sustenta que dar expressão concreta ao amor de si mesmo é naturalmente bom. Quer ele dizer com isso pelo menos três coisas. Primeiro, que as criaturas vivas se esforçam por sua própria conservação não é errado nem perverso – acreditar nisso seria condenar a própria existência de tais criaturas. Segundo, que o amor de si mesmo orienta uma criatura para o seu próprio bem e é, portanto, uma disposição naturalmente saudável, bem ordenada e benigna na criatura. Rousseau inclina-se a dizer que a substância do bem-estar que o amor de si mesmo leva qualquer criatura (incluindo os seres humanos) a buscar compreender sua saúde básica e o completo funcionamento físico. Em terceiro lugar, Rousseau argumenta que as disposições e condutas que o amor de si mesmo dirige não são, em sua natureza, cruéis ou malévolas. Mesmo se, como pode acontecer especialmente no reino animal, o amor de si mesmo de uma criatura a coloca em conflito com uma outra, esse conflito é breve e não serve aos fins de retaliação. Nos seres humanos, tal conflito é adicionalmente suscetível de ser temperado pela COMPaixÃO; e, de grande importância para Rousseau, o amor de si mesmo não contém o desejo de levar a melhor sobre outrem, como prova de superioridade pessoal. (Cfr. Dent, N.J.H., “*Dicionário Rousseau*”, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1996, p. 37). O conceito de amor-de-si encontra-se na segunda parte desta dissertação, capítulo II, página 11.

“A sensibilidade positiva deriva imediatamente do amor de si (...). Mas não apenas deste amor absoluto que se transforma em amor próprio, e em rivalidade comparativa, eis o que produz a sensibilidade negativa; apenas, de fato, se toma o hábito de medir com os outros e de sair de si mesmo para assegurar o primeiro e o melhor lugar, é impossível não provar aversão por tudo aquilo que nos supera, que nos diminui, que nos comprime, que, sendo qualquer coisa, nos impede de ser tudo”⁶²⁷.

Sendo movida, a sensibilidade física, por um agente externo, a sensibilidade ativa e moral, por sua vez, envolve toda a constituição humana e pode impulsionar o homem tanto para ações, cuja finalidade seja um bem, quanto para atividades na qual, o fim, seja o mal. Este desenvolvimento da sensibilidade, tanto passivo quanto ativo não é sincrônico, coincide com o firmar-se da moralidade e com o ingresso na sociedade civil. É no convívio social, em meio à convivência com outros homens que se altera: “que muda uma paixão natural e boa em outra ruim e malvada”⁶²⁸.

Estará esta sensibilidade presente em todos os homens de igual forma? “Existem dois gêneros de sensibilidade de natureza diversa e por fim, contrária, que não poderiam estar juntas em um mesmo indivíduo”⁶²⁹. A sensibilidade não consiste, assim, simplesmente, em perceber o mundo externo, mas é antes de tudo um sentir-se, algo interior ao sujeito, isto é, as ações são realizadas a partir da tomada de consciência da própria existência. Por este motivo, quando uma pessoa resolve agir pelo influxo da sensibilidade-sentimento abarca um nível muito mais complexo e estratificado do que aquelas ações respaldadas pela sensibilidade-sensação. De fato:

“A vida afetiva, as paixões, emoções, para Rousseau, não estão no mesmo nível das ações impulsionadas pelo sentimento; que torna comum as ações é o caráter da intuição sensível,

⁶²⁶ O amor-próprio acaba por desalojar o AMOR-DE-SI MESMO, substituindo o bem intacto e sereno que caracteriza este último pelo bem enganoso e ilusório que consiste em obter odioso domínio pessoal sobre outrem. De acordo com essa explicação, Rousseau tende a ver o amor-próprio como, acima de tudo, a fonte de corrupção e sofrimento pessoais, e de perversidade social. Quando ele diz, com frequência, que o homem é bom por natureza, mas corrompido pela sociedade, o que tem em mente é o fato de que o contrato social põe em relevo o amor-próprio e reforça e amplia a sua influência. Cfr. Dent, N.J.H., “*Dicionário Rousseau*”, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1996, p. 40. O conceito de amor-próprio encontra-se desenvolvido na segunda parte desta dissertação, capítulo II, página 11.

⁶²⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Diálogo Segundo*” in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. II. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 805. Note a estreita ligação instituída neste trecho entre a sensibilidade passiva e aquela ativa: a sensibilidade positiva de fato deriva imediatamente do amor de si, isto é, do princípio da autoconservação que é a essência da sensibilidade física e orgânica.

⁶²⁸ Ibidem, p. 806.

⁶²⁹ Ib., p. 807. Os gêneros de sensibilidade de natureza diferentes são aquelas passivas e física e a ativa e moral que todavia coexistem inevitavelmente. Os gêneros contrários são, por sua vez, a sensibilidade positiva e negativa, isto é, torna-se possível diversas manifestações da sensibilidade ativa e moral.

de presença em si. Enquanto a sensação pertence à vida animal, o sentimento, na medida em que é consciente, é a modalidade primária da existência humana”⁶³⁰.

O caminhar solitário que se tornava cada vez mais constante e repleto de satisfação vai encontrar outra bifurcação⁶³¹ quando Rousseau se encontra com o menino que fisicamente tinha uma deficiência: era coxo. O olhar para si e a descoberta da existência interior fez Rousseau dar mais um passo para além da feliz solidão, ele, prazerosamente se afasta e passa a contornar caminhos:

“Ontem, passando pelo novo bulevar, para ir herborizar ao longo da Bièvre pelos lados de Gentilli, fiz um desvio à direita, aproximando-me da barreira d’Enfer e entrando pelos campos, fui, pela estrada de Fontainebleau, atingir as alturas que circundam este riozinho.

Num canto do bulevar, à saída da barreira d’Enfer, estabelece-se, diariamente, no verão, uma mulher que vende pôsteres, tisanas e pãezinhos. Esta mulher tem um menino encantador mas coxo que, capengando com suas muletas, vai, com muita gentileza, pedir esmola aos passantes. Eu travara relações com esse rapazinho; cada vez que passava, não deixava de vir me cumprimentar o que era sempre seguido por minha pequena oferenda. As primeiras vezes, fiquei encantado por vê-lo, dei-lhe de muito bom grado e continuei por algum tempo a fazê-lo com o mesmo prazer, acrescido mesmo, o mais das vezes, pelo de excitar e de ouvir sua pequena tagarelice, que achava agradável. Tendo-se esse prazer tornado, pouco a pouco, um hábito, transformou-se não sei como, numa espécie de dever, do qual, em breve, senti o constrangimento; sobretudo por causa da arenga preliminar que era preciso ouvir e na qual nunca deixava de me chamar às vezes Senhor Rousseau, para mostrar que me conhecia melhor do que aqueles que o haviam instruído. A partir de então, passei por lá com menor boa vontade e enfim tomei, maquinalmente, o hábito de fazer, o mais das vezes, um desvio, quando me aproximava desse atalho”⁶³².

Nesta passagem o genebrino refere outros símbolos do estado de solidão: a lembrança e a imaginação. Relembrar fatos e associá-los a situações, usar a imaginação e buscar resposta para os atos em si mesmo, lembrar por hábito, tudo isto lhe causava dor. Repetir o mesmo ato a ponto de se tornar uma disposição duradoura adquirida só poderia ser imaginada se lhe proporcionasse alívio, alegria, satisfação. Era esse o

⁶³⁰ Gilot, M. & Sgard, J, “*Le Vocabulaire du sentimento dans l’œuvre de Jean-Jacques Rousseau*”, Genève-Paris, Slatkine, 1980, p. 492.

⁶³¹ O termo é aqui apresentado como aquele momento em que se para diante de alguma coisa ou algum acontecimento e se decide, frente a dois caminhos, qual deles se vai seguir, deixando, totalmente para trás um deles, apagando de vez da memória o que foi trilhado anteriormente.

⁶³² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Os Devaneios do Caminhante Solitário*”, trad. Fúlvia Maria Luiza Moretto, Editora da Universidade de Brasília, Hucitec, Brasília, 1987, p. 81. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Réveries du Promeneur Solitaire*”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1050.

instante que Rousseau precisava para resistir ao passado duro que ele fomentava na memória, sobretudo, a onda de perseguição. O genebrino demonstra estar distante da preocupação, obrigação, responsabilidade, quer, apenas a felicidade e dar asas à imaginação. Rousseau não soube explicar como o prazer se transformou em dever e daí para o constrangimento foi rápido; também, não queria ser reconhecido pelo seu interior, justamente, para não se revelar, logo, faz o desvio, não quer ser encontrado e, como instância última para resolver essa questão, afasta-se.

3. O afastar-se

A obra na qual Rousseau melhor expressa o momento do afastar-se é no texto *Devaneios do Caminhante Solitário*. Nitidamente submete à apreciação o antagonismo entre natureza e sociedade. É no recôndito da natureza que recobra sua força original que foi ocultada no mundo dos homens pela maleficência e alienação quando se vive no âmbito social. Ao afastar-se da vida comum, Rousseau readquire a paz de espírito, afastando-se dos homens atende a pretensão de comunicar-se consigo mesmo. Tal postura é uma forte divergência entre o seu interior e o que há no externo, não somente no ideal político, mas principalmente à ordem estabelecida pelo complexo social.

Esta é uma obra bem próxima da imaginação. Rousseau faz uso dela para explicar, definir ou justificar os momentos em que experimentou a liberdade e o prazer, os instantes de consolo e tranquilidade, entretenimento e distração. Confessa o genebrino:

“Algumas vezes, pensei com bastante profundidade; mas raramente com prazer quase sempre contra minha vontade e como à força: o devaneio me descansa e me diverte, a reflexão me cansa e me entristece; pensar foi sempre para mim uma ocupação penosa e sem encanto. Algumas vezes, meus devaneios acabam pela meditação, porém, mais frequentemente, minhas meditações acabam pelo devaneio e durante tais divagações minha alma vagueia e plana no universo sobre as asas da imaginação, em êxtases que ultrapassam qualquer outro gozo⁶³³ .

A não conformidade com as leis tem início com a sua visão do homem como um ser bom desde o nascer e com o conceito de estado de natureza. Tal posição contraria os ensinamentos da religião predominante na sociedade que apontava o homem como

⁶³³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Os Devaneios do Caminhante Solitário*”, trad. Fúlvia Maria Luiza Moretto, Editora da Universidade de Brasília, Hucitec, Brasília, 1987, p. 92. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Rêveries du Promeneur Solitaire*”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 1061-1062.

pecador, e a apresentação de uma valoração do estado de natureza até então, não percebida e reconhecida. Enquanto esteve concentrado em seu pensamento, Jean-Jacques percebeu na sua existência que a amplitude da visão fornecida pelo mundo à sua frente, desde o momento em que o pórtico de Genebra se fechou e que avistou o mundo externo, chegava, agora, ao limite. Assim, voltou para contemplação do mundo interior, fez uso dos sentimentos que são a completa esfera das operações sensíveis do homem.

No livro *Os Devaneios do Caminhante Solitário* ainda demonstra ressentimento devido a ideia de que os homens incessantemente alimentam por ele uma ojeriza muito grande, o que o levará, ao refúgio na natureza, ou melhor, ao princípio gerador de tudo, a que chamará de mãe comum. A compreensão da volta ao interior de si, o afastar-se da companhia dos homens e da sociedade, passa por todo complexo humano: paixão, sensibilidade, instinto e apetites. Enfim, todo o seu eu estava envolvido e foi uma decisão puramente pessoal:

“Enquanto os homens foram meus irmãos, fazia projetos de felicidade terrena; como esses projetos eram sempre relativos ao todo, somente poderia ser feliz de uma felicidade pública e a ideia de uma felicidade particular somente tocou meu coração quando vi meus irmãos procurarem a sua apenas na minha infelicidade. Então, para não os odiar, foi realmente necessário fugir-lhes; então, refugiando-me na mãe comum, procurei em seus braços subtrair-me aos ataques de seus filhos, tornei-me solitário, ou, como dizem, insociável e misantropo, porque a mais selvagem solidão me parece preferível à companhia dos maus, que somente se alimentam de traições e de ódio”.⁶³⁴

A distância da companhia dos maus, expressa no chavão “mais selvagem solidão”⁶³⁵ é uma preferência à vida social, é uma expressão próxima do afastar-se e isto quer dizer que a opção foi resultado de um sentimento movido por uma reação avessa aos desencontros existentes no mundo externo, tanto com os amigos mais próximos quanto com a sociedade. O afastar-se difere da solidão porque, mesmo sendo um solitário, convivia com outros; afastando-se ele se desapossa de tudo e de todos:

“O sentimento da existência, despojado de qualquer outro apego é por si mesmo um sentimento precioso de contentamento e paz, que sozinho bastaria para tornar esta existência

⁶³⁴ Ibidem, p. 96. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Rêveries du Promeneur Solitaire”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1066.

⁶³⁵ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Rêveries du Promeneur Solitaire”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1066.

cara e doce a quem soubesse afastar de si todas as impressões sensuais e terrenas que vêm continuamente nos afastar dela e perturbar, na terra, sua suavidade”⁶³⁶.

A estranha condição de homem afastado possibilitou a ascensão do homem que se encantou pelo devaneio. O primeiro passo para que pudesse esquecer as perseguições, não recordar os recalques produzidos pelos seus contemporâneos e pelas vozes que o circundavam foi pôr à prova a sua imaginação. As lembranças de sua estadia na ilha de Saint-Pierre reúnem e lembram a doce felicidade:

“É a cadeia das ideias acessórias que me liga à botânica. Ela reúne e lembra à minha imaginação todas as ideias que mais a lisonjeiam. Os prados, as águas, os bosques, a solidão, a paz, sobretudo, e o repouso que se encontram entre tudo isso continuamente retrçados por ela à minha memória. Ela me faz esquecer as perseguições dos homens, seu ódio, seu desprezo, seus ultrajes e todos os males com que pagaram minha terna e sincera afeição por eles. Transporta-me para as calmas habitações entre pessoas simples e boas como aquelas com quem vivi outrora. Lembra-me tanto minha infância quanto meus inocentes prazeres, ela nos faz saborear novamente e me torna feliz ainda muitas vezes em meio à triste sorte que já tenha sofrido um mortal”⁶³⁷.

Os registros dos textos de Rousseau foram plenos de imaginação, sendo ele mesmo o próprio receptor, um leitor contumaz, esta imaginação lhe dava, além de um enorme prazer, a possibilidade de lhe impulsionar para outros mundos, lhe possibilitou ultrapassar o tempo, habitar planos distantes, assim expressa Bento no livro a *Retórica de Rousseau*:

“Imaginar o real – eis uma expressão bem paradoxal! Não deveríamos nela enxergar antes a expressão de uma impossibilidade? Pois não se deve entender com isso que a imaginação se remeta, direta ou indiretamente, “à distância” ao mundo real; é preciso entendê-lo no sentido mais forte, de uma imaginação que recobre a presença do imediato e acaba por se fundir na percepção. Certamente, em Rousseau, também a imaginação é a instância que abre o campo do possível, que arranca o sujeito do imediato e do instante, que torna possível a consciência do tempo e de um alhures e que faz do homem o ser que habita os planos distantes”⁶³⁸.

Ao recolher-se do convívio em sociedade, Rousseau encontrará seu refúgio bem como a felicidade na sua estranha posição de afastado de tudo e de todos. O modo como

⁶³⁶ Ib., p.76. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Rêveries du Promeneur Solitaire”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1047.

⁶³⁷ Ib., p. 102. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Rêveries du Promeneur Solitaire”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1073.

⁶³⁸ Cfr. Prado, Júnior Bento. “A Retórica de Rousseau” Cosac Naif, São Paulo, 2008, p. 240.

está situado em relação a tudo aquilo que é externo lhe dá a possibilidade, com uso da imaginação, de pensar o outro seja como pessoa exterior a si, seja como tempo, isto é, ir ao encontro daquilo que é, mas que ele não consegue ser, simplesmente não é, este é o poder criador da imaginação. Mesmo redescobrimo seu lugar, pela imaginação, não somente reproduz a volta pro ninho natural, mas entende-se com o poder criador para retornar e enfrentar o dia a dia.

Rousseau sempre pensou no todo e o que fez tinha em vista a concretização de um bem para todos, mas nos *Devaneios do Caminhante Solitário*, obra escrita quando tinha uma idade avançada, fazendo uso de uma tonalidade melancólica, essa lógica se inverte, ele se volta para seu mundo pessoal:

“Assim explica Rousseau a necessidade que sentiu em distanciar-se dos outros e aproximar-se de si. Esta é a forma que encontrou para se manter livre. Sem se afastar da sociedade, mas não se deixando corromper por ela, conseguiu preservar sua identidade natural. Porém, deste distanciamento resultou incómodo para os outros, que não o compreenderam nem aceitaram. Mas resultou também a sua (de Rousseau) felicidade. Como consequência, o nosso autor, no crepúsculo da vida e detentor de uma experiência pessoal de solidão acumulada ao longo dos anos (...)”⁶³⁹.

A preservação da identidade pessoal passa por esse momento de introspecção, mesmo nos longos passeios, percebe-se o quanto está aliado ao natural, quão a natureza se faz recorrente. Se em outros momentos a sensibilidade já era aflorada, neste período ela se torna mais penetrante, direta, decisiva e contribui para revelar todo seu talento no uso da imaginação e assim, convictamente, eleva o modelo do solitário⁶⁴⁰:

(...) e sou cem vezes mais feliz na minha solidão do que poderia ser vivendo com eles. Arrancaram de meu coração todas as doçuras da sociedade. Nele não poderiam mais germinar, ainda uma vez, na minha idade; é demasiadamente tarde. Que me façam agora

⁶³⁹ Cfr. Martins, Custódia Alexandra Almeida, “*A pedagogia de Jean Jacques Rousseau: Praxis, Teoria e Fundamentos*”, CIED, Braga, 2009, p. 329.

⁶⁴⁰ Jean-Jacques associe également à son modèle de l’homme solitaire une situation privilégiée pour la connaissance. La solitude permet de se détacher, d’échapper aux “systèmes”, au “scepticisme dogmatique” des philosophes, de trouver le “moyen de sortir de son incertitude” par soi-même. La connaissance acquise dans la solitude possède une valeur spécifique: elle est “sienne”, non seulement dans la mesure où elle est acquise à l’issue de son propre effort, mais aussi où on l’obtient au terme d’une démarche spécifique qui fait que les résultats acquis “appartiennent” à la personnalité et sont conformes à ses attitudes Morales. Dans la solitude, l’homme acquiert la connaissance de soi la plus complète plus sûre, mais aussi – ou plutôt grâce à ce fait – la connaissance du monde et de soi en tant que “petite partie d’un grand tout”. La connaissance du monde est en effet donnée alors à l’homme comme un vécu spécifique, et non seulement comme le résultat d’une réflexion impersonnelle(...) (cfr. Baczkó, Bronislaw, “*Rousseau solitude et communauté*”, EPDHE, Sorbone, 1974, p. 163).

bem ou mal, tudo me é diferente, vindo de sua parte o que quer que façam, meus contemporâneos nunca serão nada para mim”⁶⁴¹ .

De acordo com Bento a imaginação não tem a finalidade, apenas, de reproduzir, mas o efeito mais eficaz está na possibilidade de criar. Pela imaginação se pode dizer sim, ao usá-la, Rousseau está dizendo que a história não tem fim, a consciência do tempo e de um lugar onde aprendeu a sorrir onde a sociedade lhe disse não. Por fim, a imaginação novamente presenteia o genebrino lhe conferindo asas à liberdade e à autonomia. Ao caminhar pela imaginação se apresenta não somente como alguém que é feliz, mas que quer ver o outro, também feliz:

“Tal exposição começa pela afirmação da autonomia da imaginação em relação às outras “funções da alma”, como a percepção e a memória. Essa autonomia está fundada na espontaneidade da imaginação, entendida como poder criador: ela não reproduz o que já foi dado, instaura uma realidade inédita”⁶⁴² .

“A descrição da autonomia e da espontaneidade da imaginação nos permite captar a primeira característica essencial da imaginação: a liberdade. Ela é assim definida como o emblema da liberdade, na medida em que dá ao homem a honra de ingressar numa dimensão onde toda necessidade foi excluída, onde os obstáculos, suprimidos, deixam o espaço livre para a onipotência da espontaneidade”⁶⁴³ .

“(…) segunda característica da imaginação: sua mobilidade. É preciso aqui notar que a inspiração sartreana é subitamente substituída por uma inspiração bergsoniana: a imaginação já não é pensada como poder de transcendência, negação e distanciamento, mas também como “poder de captar os movimentos internos e externos, de exprimir o devir dos seres e das coisas, do pensamento e do sentimento”⁶⁴⁴ .

Seja à margem de um belo lago ou passeando nas proximidades de um curso de água estreito a felicidade está com Rousseau. Não mais como a experiência, como outrora, de um estado fugidio carregado de prazeres momentâneos. A imaginação o faz sentir que a natureza vive no homem e ao mesmo tempo o homem reside na própria natureza, é o exercício da liberdade que, por sua vez, é o movimento da vida.

⁶⁴¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Os Devaneios do Caminhante Solitário*”, trad. Fúlvia Maria Luiza Moretto, Editora da Universidade de Brasília, Hucitec, Brasília, 1987, p. 25. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Rêveries du Promeneur Solitaire*”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 998.

⁶⁴² Cfr. Prado, Júnior Bento. “*A Retórica de Rousseau*”, Cosac Naif, São Paulo, 2008, p. 245-246.

⁶⁴³ Ibidem, p. 246.

⁶⁴⁴ Ib., p. 247.

O afastar-se fez com que encontrasse nele mesmo a fonte de toda originalidade, tornou-se incomum, sentiu-se superior, autônomo, descreveu a sua alma para melhor conhecer a si mesmo. Todos os sentidos estavam envoltos em si no intuito de buscar sentir-se livre e melhor, sem as afecções e as interferências alheias, que os tirariam de si. Ao devanear solitariamente e feliz, enquanto esteve na ilha de Saint-Pierre, expressava aquilo que ele era e tentou muitas vezes encontrar em outros homens e na sociedade, ou seja, o prazer de existir e de encontrar-se consigo:

“Mas se há um estado em que a alma encontra um apoio bastante sólido para descansar inteiramente e reunir todo o seu ser, sem precisar lembrar o passado nem avançar para o futuro; em que o tempo nada é para ela, em que o presente dura sempre sem contudo marcar sua duração e sem nenhum traço de continuidade, sem nenhum outro sentimento de privação nem de alegria, de prazer nem de dor, de desejo nem de temor, a não ser o de nossa existência e em que esse único sentimento possa preenchê-la completamente, enquanto este estado dura, aquele que o vive pode ser chamado feliz, não de uma felicidade imperfeita, pobre e relativa, como a que se encontra nos prazeres da vida, mas de uma felicidade suficiente, perfeita e plena, que não deixa na alma nenhum vazio que sinta a necessidade de preencher. Tal foi o estado em que me encontrei muitas vezes na ilha de St. Pierre, em meus devaneios solitários, seja deitado em um barco, que deixava vagar ao sabor da água, seja sentado sobre as margens do lago agitado, seja em outro lugar, à margem de um belo rio ou de um regato a murmurar sobre o cascalho”⁶⁴⁵.

O lago tranquilo e verdejante de Saint-Pierre proporcionou para o caminhante solitário a inspiração para conjugar uma profunda reflexão metafísica e teias vivenciais estigmatizadas por tristeza, solidão, dor e raros momentos de felicidade. Rousseau, em um ambiente de deleite, relembra da sociedade como uma área que codificou e manifestou sua opinião como espaço de desagregação, desconformidade devido ao orgulho do homem. Impedido pelo egoísmo e pela má formação, vivendo preso em si, manietado pela ambição, o homem não foi capaz de reconhecer o outro. Como reinar a justiça em tal ambiente? Sendo a justiça o fundamento da paz e ao mesmo tempo ausente do convívio dos homens, não se poderia esperar outra atitude do genebrino, senão o afastamento.

Starobinski define Rousseau como um solitário que é incapaz de desprezar ou olvidar de si mesmo: “E um Rousseau capaz de se desprender não é mais Jean-Jacques

⁶⁴⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Os Devaneios do Caminhante Solitário*”, trad. Fúlvia Maria Luiza Moretto, Editora da Universidade de Brasília, Hucitec, Brasília, 1987, p. 76. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Rêveries du Promeneur Solitaire*”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1046-1047.

Rousseau”⁶⁴⁶, de fato isso vem confirmado na sétima caminhada quando passa a se deleitar no mundo sem uma meta precisa, sempre em meio à natureza: bosques, lagos, jardins e montanhas, opta pelas coisas que dão mais prazeres aos sentidos:

“Fugindo dos homens, procurando a solidão, não imaginando mais, pensando ainda menos e, contudo, dotado de um temperamento vivo que me afasta da apatia langüescente e melancólica, comecei a ocupar-me com tudo o que me rodeava e, por um instinto muito natural, preferi os objetos mais agradáveis”⁶⁴⁷.

A férvida imaginação conduz o seu pensar em estreita relação com os sentidos: o cantar dos pássaros, o aroma da erva, a observação dos diversos tipos de planta, o sabor das frutas e hortaliças, o sentir a brisa ou o orvalho da manhã. Embora este estribilho pareça poesia, não há como não entendê-lo como o relato da natureza com apresentação de ideias sensíveis que: “Minhas ideias quase não são mais do que sensações, e a esfera de entendimento não ultrapassa os objetos que o rodeiam de perto”⁶⁴⁸. A maestria com que emprega os vocábulos não deixa na penumbra a reflexão metafísica, é o próprio Rousseau que se faz objeto de uma profunda meditação filosófica.

Deliciando-se sobre um barco nas ondas tranquilas do lago, sabe muito bem, o genebrino, que a vida não foi sempre serena; sinal de que tudo é um fluxo contínuo e nada se mantém fixo, nem mesmo os sentimentos que, ora se alternam, ora permanecem, enfim, se modificam de acordo com as circunstâncias. Se tempos atrás foi um triste e infeliz na sociedade, homem excluído do convívio social por ser dono de um temperamento insociável, agora encontra a sua compensação ou absolvição em incontestável felicidade, porém, solitário. Neste instante, o eu, mostra a si mesmo uma única e idêntica revelação:

“Tudo me traz de volta à vida feliz e doce para a qual nascera. Passo três quartas partes de minha vida ocupado com objetos instrutivos e mesmo agradáveis, aos quais entrego com prazer meu espírito e meus sentidos, com os filhos de minha fantasia, que criei como os desejava meu coração e do qual nutrem os sentimentos, ou somente comigo, contente

⁶⁴⁶ Cfr. Starobinski, Jean, “*Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o Obstáculo*”, trad. Maria Lúcia Machado, Companhia das Letras, São Paulo, 1991, p. 45.

⁶⁴⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Os Devaneios do Caminhante Solitário*”, trad. Fúlvia Maria Luiza Moretto, Editora da Universidade de Brasília, Hucitec, Brasília, 1987, p. 96. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Rêveries du Promeneur Solitaire*”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1066.

⁶⁴⁸ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Rêveries du Promeneur Solitaire*”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1066.

comigo mesmo e já imerso na felicidade que, sinto, me é devida. Em tudo isso, o amor de mim mesmo faz tudo, o amor próprio nada tem a fazer”⁶⁴⁹.

Se a existência do genebrino foi marcada por oscilações, não poderia ser diferente com as ideias, ora para um, ora para outro lado, um movimento não retilíneo muito semelhante às variações filosóficas: por uma faceta é o consolo, refrigério para a alma, se faz arte; por outra ela é radical por que vai às raízes, passa pelo caule e retira o néctar da flor, a seiva pura que purifica a planta e o ar; a filosofia que se faz aguda, não intermitente quando se quer afirmar, conceituar. A ilha de Saint Pierre estava no externo, o local existe, mas estava, também, no seu interior, um dia cada um encontra a sua ilha no seu íntimo, o nome pode ser aquele que lhe aprouver, o importante é que nela se reconheça e meditando sobre o seu próprio ser, encontre a verdadeira paz.

Sim, chegar à felicidade, mas não sem antes fazer seu acrisolamento, um retorno a si mesmo para se defrontar com o que foi incondescendente, insuportável a si, neste estágio pode se chegar à ojeriza de si, a reprovação, a debilidade, a angústia, ao nada, ou até acusar a sua fraqueza; quando descobrir a sua ilha, repousar em seu barco e deixá-lo correr nas águas tranquilas que levam ao regato infinito do seu eu, aí vem o consolo, o refrigério, a insustentável leveza que faz com que o mal, premeditado por outros ou não, não avizinhe ao coração e desabroche aquele amor-próprio e destrua o sentimento de ternura, aconchego e amor.

O encontro consigo mesmo era a maior expressão do seu existir, isto lhe tranquilizava, lhe dava paz de espírito. Este instante revela um dos poucos momentos na vida do genebrino em que ele se aceitava. Neste momento de aceitação, as crises entravam em um processo de suavidade, manifestava anuência consigo próprio, admitindo-se um homem pleno de simbiose com a natureza e consigo:

“Não limitei minha reforma a coisas exteriores. Senti que ela mesma exigia uma outra mais penosa, sem dúvida, porém mais necessária nas opiniões e, resolvido a não prolongar a espera, decidi submeter meu íntimo a um exame severo que o determinasse para o resto de minha vida assim como desejaria encontrá-lo no momento de minha morte”⁶⁵⁰.

⁶⁴⁹ *Ib.*, p.110. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Rêveries du Promeneur Solitaire”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1081.

⁶⁵⁰ *Ib.*, p.44. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Rêveries du Promeneur Solitaire”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1015.

Se ao longo da vida foi um homem simples, ao afastar-se, os pequenos acontecimentos, atos e gestos ganharam notoriedade; na medida que as meditações solitárias se tornavam mais profundas, percebia o real efeito e sentido das coisas simples e naturais. A aparência com que pessoas e coisas se revestem precisam ser questionadas pois não demonstram fundamento e solidez:

“Hoje, que meu coração comprimido pela angústia, minha alma deprimida pelos desgostos, minha imaginação assustada, minha cabeça perturbada por tantos horríveis mistérios que me rodeiam, hoje, que todas as minhas faculdades, enfraquecidas pela velhice e pelas angústias, perderam toda sua energia, irei abandonar, sem motivo, todos os recursos que prepara, e conferir maior confiança à minha razão declinante, para me tornar injustamente infeliz, do que à minha razão plena e vigorosa para me compensar dos males que sofro sem os ter merecido? Não, não sou nem mais sábio nem mais instruído, nem tenho maior boa-fé do que quando tomei minha posição diante dessas questões, não ignorava então as dificuldades pelas quais me deixo perturbar hoje; elas não me detiveram e caso se apresentarem algumas novas, nas quais ainda ninguém pensara, serão os sofismas de uma sutil metafísica, que não poderiam fazer oscilar as verdades eternas admitidas em todas as épocas, por todos os sábios, reconhecidas por todas as nações e gravadas no coração humano em caracteres indeléveis”⁶⁵¹ .

O pertencimento a si tem muito que se relacionar com a vida natural, o entendimento íntimo e prazeroso com a natureza que lhe proporcionou a felicidade proveniente da contemplação da beleza das cores, o odor agradável de certas substâncias vegetais, animais, químicas, a fragrância e sabores das ervas, o som dos pássaros, enfim, essa pluralidade ou variedade da natureza é semelhante ao homem Rousseau que sempre foi dado a grande número de atribuições e ideias: a música, a composição, literatura, botânica, etc. As caminhadas e passeios renderam ao genebrino recordações prazerosas e imaginações férteis, dando-lhe um saldo positivo que imensamente retratado de modo feliz nos *Devaneios*:

“Observei, nas transformações de uma longa vida, que as épocas das mais doces alegrias e dos mais vivos prazeres não são contudo aquelas cuja lembrança me atrai e me toca mais profundamente. Esses curtos momentos de delírios e de paixão, por mais vivos que possam ser, não são, todavia, e isso pela sua própria intensidade, senão momentos bem escassos na linha da vida. São por demais raros e por demais rápidos para constituir um estado e a felicidade que meu coração lamenta não é composta de instantes fugidios mas de um estado

⁶⁵¹ Ib., p.49. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Rêveries du Promeneur Solitaire”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1021.

simples e permanente, que nada tem de intenso em si mesmo, mas cuja duração aumenta o encanto ao ponto de nele encontrar enfim a suprema beatitude⁶⁵².

Há a preocupação em fazer a disjunção entre a felicidade dos prazeres fugazes. Os prazeres são voláteis, são como o sopro do vento, com a mesma intensidade que vem, pode ir. Eles estão para a vida das aparências. O contentamento propiciado pelos prazeres é momentâneo. A felicidade está muito além dos prazeres, principia pela simplicidade:

“Tudo vive num fluxo contínuo na terra: nela, nada conserva uma forma constante e definitiva e nossas afeições, que se apegam às coisas exteriores, passam e se transformam necessariamente como elas. Sempre à nossa frente ou atrás de nós, lembram o passado, que não mais existe ou antecipam o futuro que, muitas vezes, não deverá existir: nada há de sólido a que o coração se possa apegar. Assim, na terra, temos apenas um pouco de prazer que passa; quanto à felicidade duradoura, duvido que seja conhecida. Mal existe, em nossas mais vivas alegrias, um instante em que o coração possa realmente nos dizer: *Quisera que este instante durasse sempre*; e como podemos chamar felicidade a um estado fugidio que nos deixa ainda o coração inquieto e vazio, que nos faz lamentar alguma coisa antes ou desejar ainda alguma coisa depois?”⁶⁵³

Ao homem cabe buscar o conhecimento de si, alguns meios existem e um deles é esta perfeita integração com aquilo que o cerca; a abnegação rousseauiana fez da felicidade proveniente da simplicidade este meio para conhecer-se e tomar decisões, como por exemplo, o afastar-se. Rousseau vai mais além, dirige-se somente a si e leva consigo a solidão. Sai de um estado de agitação e conflito externo para um estado de simplicidade e como se isto não bastasse, deixa a simplicidade da vida solitária e passa para um estado natural onde, se quer, deseja ocupar-se senão com ele próprio:

“De agora em diante, tudo o que é exterior a mim me é estranho. Neste mundo, não tenho mais próximo, nem semelhantes, nem irmãos. Estou na terra como num planeta estranho, onde teria caído daquele em que habitava. Se ao meu redor reconheço alguma coisa, são apenas objetos aflitivos e dilacerantes para o meu coração e não posso olhar o que me toca e me envolve sem encontrar sempre algum motivo de desdém, que me indigna, ou de dor, que me aflige. Afastemos, portanto, de meu espírito, todos os objetos penosos com os quais me ocuparia tão dolorosa quanto inutilmente. Sozinho pelo resto de minha vida, visto que

⁶⁵² *Ib.*, pp. 75-76. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Rêveries du Promeneur Solitaire”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1046.

⁶⁵³ *Id.*, p. 76. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Rêveries du Promeneur Solitaire”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1046.

somente em mim encontro a consolação, a esperança e a paz, não devo nem quero mais ocupar-me senão comigo mesmo”⁶⁵⁴.

Afastar-se de todos e do mundo que o circundava foi o modo que encontrou para deixar seu coração feliz e que nenhuma paixão ou outro sentimento qualquer que não fosse a paz, viesse perturbar a naturalidade límpida da sua alma: “encontrei novamente a serenidade, a tranquilidade, a paz, a felicidade mesmo, visto que, cada dia de minha vida me lembra com prazer o da véspera e visto que não desejo outro igual para o dia seguinte”⁶⁵⁵. A ansiedade e a inquietação que o movia, mesmo em solidão, dá lugar a paz de espírito. Como que recordando aquela criança que viu o pórtico de Genebra se fechar para si, nesta fase transporta aquelas sensações, mas o resultado é outro, ao agir como uma criança que brinca e fantasia com a sua imaginação ver o pórtico se abrir para o seu eu, para o interior sem impedimento, passando a ser aquilo que a natureza o ambicionava:

“Tendo, portanto formado o projeto de descrever o estado habitual de minha alma na mais estranha situação em que possa jamais encontrar-se um mortal, não vi nenhuma maneira mais simples e mais segura de executar essa empresa do que a manter um registro fiel de minhas caminhadas solitárias e dos devaneios que as preenchem, quando deixo minha cabeça inteiramente livre e minhas ideias seguirem sua inclinação, sem resistência e sem embaraços. (...) sou plenamente eu mesmo e em que me pertencem sem distração, sem obstáculos e em que posso verdadeiramente dizer que sou o que desejei a natureza”⁶⁵⁶.

A decisão tomada quando o pórtico de Genebra se fechou o deixou insatisfeito, sua atitude foi procurar mundo exterior para lhe deixar feliz, tal felicidade não veio, ao contrário, veio o desgosto, a solidão, o desconforto; com a decisão do afastar-se e voltar-se para si mesmo, sente-se jovial e repleto de bem-estar como nunca dantes imaginara:

“É verdade que essas compensações não podem ser sentidas por todas as almas, nem em todas as situações. É preciso que o coração esteja em paz e que nenhuma paixão venha perturbar sua calma. Para isso são necessárias certas disposições da parte daquele que as sente, é preciso que existam no auxílio dos objetos que o rodeiam. Não deve haver nem um repouso absoluto nem demasiada agitação, mas um movimento uniforme e moderado sem

⁶⁵⁴ *Ib.*, p.26. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Rêveries du Promeneur Solitaire”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 999.

⁶⁵⁵ *Ib.*, p.107. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Rêveries du Promeneur Solitaire”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1077.

⁶⁵⁶ *Ib.*, p.31. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Rêveries du Promeneur Solitaire”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1002.

abalos nem intervalos. Sem movimento, a vida é apenas letargia. Se o movimento é desigual ou por demais forte, acorda; chamando nossa atenção para os objetos que nos rodeiam, ele destrói o encanto do devaneio e nos arranca de dentro de nós mesmos para nos recolocar imediatamente sob o jugo do destino dos homens e nos devolver ao sentimento de nossas infelicidades. Um silêncio absoluto leva à tristeza. Oferece uma imagem da morte. Então, o socorro de uma imaginação alegre é necessária e se apresenta com bastante naturalidade àqueles que o céu gratificou com tal imaginação. O movimento que não vem de fora nasce então dentro de nós. O repouso é menor, é verdade, mas é também mais agradável quando leves e doces ideias, sem agitar o fundo da alma, por assim dizer, apenas tocam levemente sua superfície. Somente o necessário para lembrar-se a si mesmo, esquecendo todos os seus males. Essa espécie de devaneio pode ser apreciada onde quer que se possa estar tranquilo e pensei muitas vezes que na Bastilha e mesmo numa masmorra, onde nenhum objeto viesse chocar minha vista, teria ainda podido sonhar agradavelmente”⁶⁵⁷ .

Afastar-se foi um ato perfeito para recobrar à consciência o sentimento de despojamento, liberdade e simplicidade. Encontrou o sentido de sua existência individual, não sem esforço e renúncia como, de resto, foi tudo aquilo que conquistou:

“Saindo de casa, desejo ardentemente campo e a solidão, mas é preciso ir procurá-los tão longe que antes de poder respirar à vontade, encontro em meu caminho mil objetos que me comprimem o coração e a metade do dia se passa em angústias, até ter atingido o refúgio que vou procurar. Sou feliz, pelo menos, quando me deixam terminar meu caminho. O momento em que escapo ao cortejo dos maus é delicioso e logo que me vejo sob as árvores, em meio à vegetação, creio estar no paraíso terrestre e saboreio um prazer íntimo tão vivo quanto se fosse o mais feliz dos mortais”⁶⁵⁸ .

Acreditando ser o mais feliz dos mortais desde o momento que não mais sentiu necessidade de falar das paixões sociais e livre dos tremores causados pelo amor-próprio, ao conviver harmoniosamente com a natureza, recobra o mais belo dos sentimentos, o amor-de-si tão decantado pelo homem natural e solenemente proclamado em várias páginas do segundo *Discurso* e solenemente proclama para si próprio: “Tudo está acabado para mim sobre a terra. Não me podem mais fazer bem nem mal. Nada mais me resta esperar nem temer neste mundo e eis-me tranquilo no fundo do abismo,

⁶⁵⁷ Ib., p. 77. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Rêveries du Promeneur Solitaire”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1047.

⁶⁵⁸ Ib., pp.111-112. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Rêveries du Promeneur Solitaire”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, pp. 1082-1083.

pobre mortal infeliz, mas impassível como o próprio Deus”⁶⁵⁹. Não se pode não encontrar nesta afirmação um sinal de felicidade no seu íntimo, um renascer para si e ao mesmo tempo um afastar-se da sociedade. Rousseau morre para a sociedade, desvincula-se das crenças sociais e do afeto pelos homens, torna-se impávido:

“Mas nesta ociosidade do corpo, minha alma ainda está ativa, produz ainda sentimentos, pensamentos, e sua vida interior e moral parece ainda ter crescido pela morte de qualquer interesse terreno e material. Meu corpo, para mim, não é mais do que um estorvo, um obstáculo, e dele me liberto antecipadamente tanto quando posso”⁶⁶⁰.

As consequências do reconhecimento de si, da felicidade, “impassível como o próprio Deus”⁶⁶¹, sobretudo da visão de uma renascença têm penetrações nos planos psíquico, moral e filosófico, são marcantes no pensamento de Jean-Jacques e de acordo com Guichet:

“Em relação ao psíquico, a operação modificadora renovou a vida do genebrino. Mergulhado em uma complexa introspecção em busca da felicidade, aprendeu que a alma é mais veemente que a razão. Entregando-se às instabilidades inconscientes sua vida mudou de rumo: a morte lhe foi necessária para concretizar sua vida terrena. No que concerne à moral, percebeu-se a mudança primordial efetuada pelo narrador: dispensando a companhia dos maus, ofertou-se a solidão, desapegando-se das pompas materiais e das hierarquias sociais. O que lhe interessava era viver na simplicidade e em benevolência com a natureza. A última operação, produzida no âmbito filosófico, é, mais ampla e modeladora, de sorte que atinge não só a pessoa de Rousseau, mas sim todo o sistema”⁶⁶².

Não lhe faltaram devaneios, mesmo sendo uma invenção, é ele mesmo a quem se destina: “para quem Rousseau escreve seus devaneios? Para si próprio, apenas para ele. Com o que é que ele se entretém nessa obra final? Com o seu destino. O autor, que se tornou por destinatário, toma também a si mesmo por tema de seu discurso”⁶⁶³, para suscitar o êxtase da felicidade, momento em que o imaginário seguia seu desejo:

⁶⁵⁹ Ib., p.26. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Rêveries du Promeneur Solitaire”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 999.

⁶⁶⁰ Ib., p.27. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Rêveries du Promeneur Solitaire”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1000.

⁶⁶¹ Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Rêveries du Promeneur Solitaire”, in *J.J.Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 999.

⁶⁶² Guichet, J. L., “Nature et origine: l’accident de Mênilmontant”, in O’Neal, J., *The Nature of Rousseau’s Rêveries: physical, human, aesthetic*, Voltaire Foundation, Oxford, 2008, p. 03.

⁶⁶³ Cfr. Starobinski, Jean, “*Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o Obstáculo*”, trad. Maria Lúcia Machado, Companhia das Letras, São Paulo, 1991, p. 361.

“Todas as minhas caminhadas botânicas, as diversas impressões da localização dos objetos que me impressionaram, as idéias que me provocaram, os incidentes que a elas se ligaram tudo isso deixou-me impressões que renovam pela vista das plantas herborizadas nesses mesmos locais. Nunca mais verei essas belas paisagens, essas florestas, esses laagos, esses bosques, esses rochedos, essas montanhas cuja vista sempre tocou meu coração: mas agora que não mais posso andar por essas felizes regiões, abro meu herbário e logo ele me transporta para lá. Os fragmentos das plantas que colhi bastam para me lembrar todo esse magnífico espetáculo. Este herbário é para mim um jornal de herborizações que mais faz recomençar com um novo encanto e produz o efeito de um aparelho de ótica que as pintasse novamente a meus olhos”⁶⁶⁴.

⁶⁶⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Os Devaneios do Caminhante Solitário*”, trad. Fúlvia Maria Luiza Moretto, Editora da Universidade de Brasília, Hucitec, Brasília, 1987, p. 101. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Rêveries du Promeneur Solitaire*”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p.1073.

CAPÍTULO TERCEIRO
ÉTICA, PEDAGOGIA E POLÍTICA

I – JEAN-JACQUES ROUSSEAU: SER ÉTICO PARA UMA SOCIEDADE ÉTICA

1. A Ética

O princípio ético ventilado na maneira pessoal de escrever de Jean-Jacques Rousseau, se caracteriza por um momento de ruptura com um modelo de sociedade. O estado natural por ele apresentado é uma inversão do estado civil. O homem verdadeiramente ético, enquanto partícipe da sociedade, portanto, sujeito social, é aquele que se coloca no lugar do outro, que se solidariza com o outro. Esse outro não é aquele indivíduo tomado por um interesse pessoal, ou um desejo íntimo, o outro é o coletivo. Como não se compadecer quando este outro é desfigurado? E em tal situação, como não ter um sentimento de piedade? Negar o interesse coletivo, o bem comum, significa se colocar como senhor do outro, portanto, antiético.

Não há como contestar que a vida cotidiana se tece com incontáveis ações que são repetidas. Em alguns casos, feitos transitórios, mudanças que podem ou não tomar caminhos que excedem o limite individual, ou seja, refletem na sociedade, tornando-se até mesmo, institucionais. O que conduz e normatiza o ato e move as ações, tornando-as excepcionais ou não, é o princípio ético. De forma que, os costumes pautados em luxuosidade palaciana, suntuosidade nas vestes, condutas elitistas, em modos de agir que não contemplam a solidariedade, menosprezando os membros de classes inferiores, ou atos de desprezo para com outras culturas⁶⁶⁵, não convenceram o genebrino enquanto viveu em Paris, ao contrário, despertou-o para uma reflexão, investigação e elaboração de uma teoria social.

Ao planejar o percurso educativo do Emílio o princípio ético estava presente. Para viver com dignidade, sem se corromper na vida em sociedade e projetar o desenvolvimento das primeiras relações morais, o preceptor se preocupou em apontar experiências onde o educando tivesse possibilidade de ter domínio sobre si mesmo. Por ser a aprendizagem um processo em construção, em que as experiências vão se somando, a apropriação da realidade pelo conhecimento vai se tornando, no nível do pensado, a expressão da mesma realidade, demonstrando que o que ficou retido na memória conduz à liberdade e a autonomia:

⁶⁶⁵ Para o aprofundamento do tema, ética e cultura, remete-se ao livro de estudos filosóficos do professor, Henrique Cláudio de Lima Vaz, cujo título, “*Escrito de Filosofia II*”, Loyola, São Paulo, 1993.

“Deixai-o sozinho em liberdade, vede-o agir sem nada lhe dizer; considerai o que fará e como se arranjará. Não precisando provar a si mesmo que é livre, jamais faz nada por travessura e apenas para fazer um ato de domínio sobre si mesmo; não sabe ele que é senhor de si mesmo? É alerta, rápido e disposto; seus movimentos têm toda vivacidade da idade, mas não vereis um só dele que não tenha um fim”⁶⁶⁶.

O *Emílio* aprende pelas experiências. As observações daí decorridas ajudam-no a formar uma compreensão inteligível das coisas que o cerca e, ao fazer uso da liberdade em suas ações, leva consigo a carga sentimental. O agir da existência humana está carregado de sentimento, portanto, ao abordar a dimensão moral e ética, o sentimento assume um papel preponderante, não mais se separando do homem, pois é uma prerrogativa humana: “sob o termo sentimento, Rousseau engloba de fato toda a vida afetiva, as paixões, as emoções, os movimentos. (...) O sentimento é a modalidade primária da existência humana”⁶⁶⁷. Não há como deslocar, na teoria educacional de Rousseau, a noção de sentimento daquelas ações de cunho moral e ético na sociedade e na convivência com o outro:

“Rousseau reduz as paixões primárias como alegria, tristeza, desejo e indolência ao instinto natural, todas derivadas do amor de si, sentimento máximo primário que dá origem aos outros sentimentos e aos conceitos morais. As paixões secundárias, despertadas na relação com o outro, se desenvolvem sob efeito da atração ou da coação social, em uma afinidade de sentimentos que caracterizam a humanidade e fazem o homem mergulhar na vida moral”⁶⁶⁸.

Embora o *Emílio* tenha sido educado de modo solitário, a sua aprendizagem e o desafio enfrentados no processo visavam a sua relação com o outro, pois, os sentimentos mais complexos, que determinam ou influenciam as atitudes, nascem dessa relação que se alterna entre bons e maus momentos, como por exemplo, a vaidade e o desprezo, vergonha e inveja, desejo e ambição, alegria e felicidade, etc. Não há como camuflar estes encontros e desencontros no relacionamento humano, porém, importa encontrar um caminho, senão da felicidade, ao menos que possibilite o viver de modo adequado. A partir destes vestígios é que *Cassirer*, sobre Rousseau, comenta: “Desde o

⁶⁶⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 207. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 437.

⁶⁶⁷ Gilot, M. & Sgard, J. “*Le vocabulaire du sentiment dans l’oeuvre de J.-J. Rousseau*”, Slatkine, Genebra/Paris, p. 492.

⁶⁶⁸ Silva, Genildo Ferreira, “*Rousseau e a Fundamentação da Moral: Entre Razão e Religião*”. Dissertação de doutoramento, UNICAMP, 2004, p. 101.

princípio, todo o seu pensar é movido pela questão da felicidade: ele procura uma unidade, uma harmonia entre a virtude e a felicidade”⁶⁶⁹.

Ao principiar o Segundo Discurso, considerando a dimensão moral, Rousseau faz a distinção entre o homem e sua faculdade e o animal. O homem, marcado por um desejo de liberdade inato, tem a possibilidade de escolha entre diversos caminhos, sempre decidindo: “por um ato de liberdade”⁶⁷⁰; enquanto o animal: “escolhe ou rejeita por instinto”⁶⁷¹. Por ser capaz de manifestar atos espirituais, o ato de escolha é capaz de justificar os propósitos:

“(…) Não é, pois, tanto o entendimento quanto a qualidade de agente livre possuída pelo homem que constitui, entre os animais, a distinção específica daquele. A natureza manda em todos os animais, e a besta obedece. O homem sobre a mesma influência, mas considera-se livre para concordar ou resistir, e é sobretudo na consciência da liberdade que se mostra a espiritualidade da sua alma (…)”⁶⁷².

A visão ética do genebrino manifesta o grande interesse de que nada venha ofuscar o brilho da liberdade do homem, nem a sociedade com seus movimentos culturais, nem a política, as ciências ou as letras, as leis ou a forma de governo, tampouco vestimentas luxuosas que venham a arrebatar do homem aquilo que constitui a sua essência. No homem há, também, a faculdade de aperfeiçoamento⁶⁷³. A imensa capacidade de buscar aquilo que desejamos nos impulsiona a construção do conhecimento, os que não desejam não transbordam em criatividade. O que faz o homem avançar em busca da liberdade que outros seres não têm é, justamente, esta

⁶⁶⁹ Cassirer, Ernest, “*A questão de Jean-Jacques Rousseau*”, trad. Erlon José Paschoal e Jézio Gutierrez, Editora UNESP, São Paulo, 1999, p. 69.

⁶⁷⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997a, p. 64. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les Hommes”, Première partie, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 143.

⁶⁷¹ Ibidem. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les Hommes”, Première partie, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 143.

⁶⁷² Ib.. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les Hommes”, Première partie, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 143.

⁶⁷³ Rousseau afirma que, mesmo em sua condição natural ou primitiva, os seres humanos possuem duas faculdades que os distinguem definitivamente dos animais. Uma delas é o livre arbítrio, a outra é a faculdade de aperfeiçoamento pessoal, a que ele chama de perfectibilidade. (...) Aos animais superiores é possível ensinar alguns estratagemas; e os etólogos têm visto decisões inovadoras de vários tipos serem tomadas, digamos, por símios. (...) No caso dos seres humanos, por outro lado, a plasticidade de resposta é muito grande. As rotinas instintivas dos seres humanos são muito poucas; os desejos instintivos permitem grande variação no modo como são satisfeitos. O homem pode aprender com o seu meio ambiente funciona e pode adaptar-lhe o seu comportamento para sua própria vantagem assim com modificar esse meio ambiente a fim de obter mais vantagens. Virtualmente todos os comportamentos humanos são aprendidos ou adquiridos, e poucos se tornam tão consolidados que não permitam sua modificação se a necessidade (ou o gosto) o exigir. A nossa capacidade para toda essa flexibilidade e adaptabilidade, a nossa aptidão para aumentar o nosso estoque de conhecimentos e aplicá-los de modo infinitamente variados, Rousseau as atribui à perfectibilidade. Cfr. Dent, N.J.H. “*Dicionário Rousseau*, Jorge Zahar Editó, Rio de Janeiro, 1996, pp. 180-181.

capacidade de concluir com esmero, aperfeiçoar-se. As paixões o impulsionam da mesma forma e, quando tomado pelo orgulho e vaidade o homem vem a perder essa essência.

As necessidades físicas e sentimentais do homem o fazem agir e muitas vezes essa ação, movida pelas paixões, pode desviá-lo de seus deveres de cidadão; já no homem selvagem, que vivia na simplicidade, as paixões não iam além das necessidades físicas: “o homem selvagem, privado de toda espécie de luzes, só experimenta as paixões desta última espécie, não ultrapassando, pois, seus desejos a suas necessidades físicas (...)”⁶⁷⁴. Não se dando por satisfeito, o homem selvagem, mesmo sem a devida capacidade e tendo uma imaginação limitada vai em busca de conhecimentos:

“Sua imaginação nada lhe descreve, o coração nada lhe pede. Suas módicas necessidades encontram-se com tanta facilidade ao alcance da mão e encontra-se ele tão longe do grau de conhecimento necessário para desejar alcançar outras maiores que não pode ter nem previdência, nem curiosidade.”⁶⁷⁵.

Percebe-se o grau de modéstia do homem selvagem e, ao mesmo tempo, a sua pouca ambição intelectual, em uma vida marcada por um forte apelo à simplicidade. Esse homem, tal qual a natureza o formou, subsiste ao tempo histórico sem a preocupação com o futuro, muito menos com o progresso. Voltado, exclusivamente, à existência: “sua alma, que nada agita, entrega-se unicamente ao sentimento de existência atual sem nenhuma ideia do futuro, ainda que próximo, e seus projetos, limitados como suas vistas, dificilmente se estendem até o fim do dia”⁶⁷⁶.

Para *Starobinski*: “(...) Rousseau soube ver que a genealogia do mal é complexa, (...). O mal que veio de fora, é a paixão pelo de fora. Logo que o homem abandona a autarquia do estado natural sente-se vulnerável em sua aparência, e deseja aparecer para assegurar-se de sua própria existência”⁶⁷⁷. A passagem do estado natural para o estado social, ou civil não se dá sem um processo de crise e todo acrisolamento gera mudanças que não podem ser declinadas, uma vez modificada, não há como voltar atrás:

⁶⁷⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997a, p. 66. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les Hommes”, Première partie, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 148.

⁶⁷⁵ Ibidem. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les Hommes”, Première partie, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 148.

⁶⁷⁶ Ib., p. 67. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les Hommes”, Première partie, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 149.

⁶⁷⁷ Cfr. Starobinski, Jean, “*Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o Obstáculo*”, trad. Maria Lúcia Machado, Companhia das Letras, São Paulo, 1991, p. 302.

“A passagem do estado de natureza para o estado civil determina no homem uma mudança muito notável, substituindo na sua conduta o instinto pela justiça e dando nas suas ações a moralidade que antes lhe faltava. É só então que, tomando a voz do dever o lugar do impulso físico, e o direito o lugar do apetite, o homem, até levando em consideração apenas a sua pessoa, vê-se forçado a agir baseando-se em outros princípios e a consultar a razão antes de ouvir suas inclinações”⁶⁷⁸.

A transição de um estado natural, pleno de liberdade, simplicidade e humildade, valores sempre pronunciados por Rousseau durante seus escritos, para outro no qual a cultura, riqueza e luxo, que são âmbitos externos ao homem passam a ocupar o vazio deixado pelo outro estado, até mesmo o amor-de-si sendo preenchido pelo amor-próprio, as necessidades não são mais imediatas e moderadas, de acordo com *Cassirer*: “o homem só se refugia no mundo, na sociedade, numa multidão de ocupações e divertimentos, díspares porque não suporta sua própria presença (...) toda essa agitação incessante é fruto do pavor que o repouso lhe causa”⁶⁷⁹. Qualquer tentativa de conciliação entre ambos, doravante será impossível “forçado a combater a natureza ou as instituições sociais, é preciso optar entre fazer um homem ou um cidadão, pois não se podem fazer os dois ao mesmo tempo (...)”⁶⁸⁰.

Há, não somente na aparência, um desconforto proporcionado pela sociedade àquele que encontrava no seu instinto o necessário para viver no estado de natureza: “numa razão cultivada só encontra aquilo de que necessita para viver em sociedade”⁶⁸¹. Rousseau busca despertar o homem selvagem de um estado infantil em que a cultura o colocou, mesmo que sua espécie fosse envelhecida:

“Concluamos que, errando pelas florestas, sem indústria, sem palavra, sem domicílio, sem guerra e sem ligação, sem nenhuma necessidade de seus semelhantes, bem como sem nenhum desejo de prejudicá-los, talvez sem sequer reconhecer alguns deles individualmente, o homem selvagem, sujeito a poucas paixões e bastando-se a si mesmo, não possuía senão os sentimentos e as luzes próprias desse estado, no qual só sentia suas verdadeiras necessidades, só olhava aquilo que tinha interesse de ver, não fazendo sua

⁶⁷⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Do Contrato Social*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997c, p. 77. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.-J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 364.

⁶⁷⁹ Cassirer, Ernest. “*A Filosofia do Iluminismo*”, trad. Álvaro Cabral, Editora da UNICAMP, Campinas, 1997, p. 214.

⁶⁸⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 11. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 248.

⁶⁸¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997a, p. 75. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les Hommes”, Première partie, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 152.

inteligência maiores progressos do que a vaidade. Se por acaso descobria qualquer coisa, era tanto mais incapaz de comunicá-la quanto nem mesmo reconhecia os próprios filhos. A arte parecia com o inventor. Então não havia nem educação nem progresso; as gerações se multiplicavam inutilmente e, partindo cada uma sempre do mesmo ponto, desenrolavam-se os séculos com toda a grosseria das primeiras épocas; a espécie já era velha e o homem continuava sempre criança⁶⁸².

O fato é que o homem social aí está diversificado daquele homem do estado de natureza; da mesma forma que a sociedade diverge, em sua essência, do estado natural. Sobre isso diz *Starobinski*:

“(...) a condição do selvagem não pode mais ser reconquistada, e a do ‘civilizado’ é inaceitável (...) A figura mítica do selvagem e a de uma sociedade fundada no verdadeiro Contrato servem de caução à negatividade crítica, que tem necessidade de opor a um mundo mau a figura verossímil de um mundo ou de um homem melhores”⁶⁸³.

Nesse ponto, vale atentar para a condição atual do homem. Para Rousseau, ele não é capaz de reconhecer a sua natureza e termina por confundir sua própria essência:

“Aquele que, na ordem civil, quer conservar o primado dos sentimentos da natureza não sabe o que quer. Sempre em contradição consigo mesmo, sempre passando das inclinações para os deveres, jamais será nem homem nem cidadão, não será bom nem para si mesmo, nem para os outros. Será um desses homens de hoje, um francês, um inglês, um burguês; não será nada”⁶⁸⁴.

Como fruto da sociabilidade humana e não da condição natural, a razão ganha notoriedade, passando a ser um forte opositor daquele sentimento natural; ao confrontar a condição de ambos sabe-se que: “Na ordem natural, sendo os homens todos iguais, sua vocação comum é a condição de homem, e quem quer que seja bem educado para tal condição não pode preencher mal as outras relacionadas com ela”⁶⁸⁵; na ordem civil: “o homem civil nasce, vive e morre na escravidão; enquanto conservara figura humana

⁶⁸² Ibidem, p. 81. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les Hommes”, Première partie, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 159.

⁶⁸³ Cfr. Starobinski, Jean, “*Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o Obstáculo*”, trad. Maria Lúcia Machado, Companhia das Letras, São Paulo, 1991, p. 308.

⁶⁸⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 12. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 248.

⁶⁸⁵ Ibidem, pp. 14-15. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 250.

está acorrentado por nossas instituições”⁶⁸⁶. Determina-se, agora, o que pertence a natureza do homem e o que o predispõe a agir:

“Quais são as causas que, modificando uma humanidade inteiramente animal, fizeram dela o sujeito e o agente da história? Na falta da experiência, essa transformação pode ser relatada somente de maneira hipotética. Todos os documentos de que dispomos referem-se aos fatos ocorridos em uma humanidade já evoluída, e arrastada pelo movimento da história. (...) É preciso resolutamente “afastar todos os fatos”. Pois os fatos são vestígios históricos do homem, eles nos retêm na história; a partir daí, prender-se aos fatos seria entrar-se em um domínio já afastado da origem. É preciso sair da história para ver nascer a história humana”⁶⁸⁷.

Conforme a citação de *Starobinski* fica declarado, no modo mais radical, a polarização entre o estado natural e homem de natureza por um lado e a sociedade em que vive o homem de razão e o homem civil, de outro. Ao se referir ao homem natural e ao mundo natural, logicamente, para que ambos se configurem e se estabeleçam, requer o afastamento do homem social ou homem civil; a recíproca também é verdadeira, ou seja, para que se possa dar forma ao homem civil ou a sociedade da razão, as leis da lógica ou a coerência impulsionam ao entendimento que: o homem de natureza precisa se afastar. O afastamento não é a solidão, é um rompimento; o homem de natureza rompe com tudo e com todos que estão vinculados à sociedade. No momento em que Rousseau se sente um homem de natureza, traz para o seu interior todas as características peculiares ao homem natural, o afastar-se é uma atitude ética e moral, a coerência com seu ideal e seus princípios se efetivam.

Aquilo que é indestrutível na natureza humana, reservado, mas não encoberto, que pode até furtar às vistas, mas está na interioridade mais absoluta do eu, é a liberdade. Rousseau soube preservá-la. Somente aquele que vive a liberdade pode vivenciar a bondade natural, justificar o afastamento da sociedade civil e em meio à natureza encontrar a fonte inspiradora que justifica sua construção teórica, inclusive, a construção de uma teoria educacional, mesmo sendo aquele pai que um dia abandonou os filhos, mas em nenhum momento lhe faltou a piedade, em nenhum instante deixou de buscar o bem com o menor mal possível para o próximo:

⁶⁸⁶ Ib., p. 16. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Emile Ou De l’éducation”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 251.

⁶⁸⁷ Cfr. Starobinski, Jean, “*Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o Obstáculo*”, trad. Maria Lúcia Machado, Companhia das Letras, São Paulo, 1991, p. 296.

“(…) A piedade representa um sentimento natural (…) Ela nos faz, sem reflexão, socorrer aqueles que vemos sofrer; ela no estado de natureza, ocupa o lugar das leis, dos costumes e da virtude, com a vantagem de ninguém sentir-se tentado a desobedecer à sua doce voz, ela impedirá qualquer selvagem robusto a tirar a uma criança fraca ou a um velho enfermo a subsistência adquirida (…) ela em lugar dessa máxima sublime da justiça raciocinada – *Faze a outrem o que desejas que façam a ti* – inspira a todos os homens esta outra máxima de bondade natural, bem menos perfeita, mas talvez mais útil do que a precedente – *Alcança o teu bem com o menor mal possível para outrem*”⁶⁸⁸.

Se a ética e a moral da sociedade estão voltadas para o costume, a conduta e o modo de agir de um povo e as leis que dão sustentabilidade a ambos são promulgadas pelos que exercem o poder, estratos dominantes. Daí se segue que a lei, a ética e a moral que vigem não podem ser critério de bondade ou justiça, porque em sua formatação, parcela da sociedade é excluída. Como consequência, a repugnância por parte de Rousseau que busca nova formatação da teoria política e da ética tendo como produto uma escolha livre e participação consciente do sujeito nas decisões sociais, se traduzem em atos de liberdade frente ao sistema societário. Entende-se que Jean-Jacques apresenta uma forma para o homem agir moralmente, fazendo desabrochar uma nova norma ética que guia a conduta humana, fundamentada na liberdade.

A sociedade dominante estabelecia as próprias práticas morais como boas, seu fim, seu *télos*, porém, não atendia a concepção de sociedade, estado e pátria projetada por Rousseau que consistia, sobretudo, na plenitude da liberdade, igualdade e respeito aos direitos do homem, indistintamente:

“A pátria não pode subsistir sem liberdade, nem a liberdade sem a virtude, nem a virtude sem os cidadãos; tereis tudo se formais cidadãos; sem isto tereis apenas escravos cruéis, a começar pelos chefes do Estado. Ora, formar cidadãos não é tarefa de um dia, e, para ter homens é preciso instruir as crianças”⁶⁸⁹.

Para que os homens em sociedade pudessem viver de modo igualitário, Rousseau propõe a construção de um sistema social baseado na vontade geral, na qual se possa ter a segurança sem perder a liberdade:

⁶⁸⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997a, pp. 78-79. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les Hommes”, Première partie, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 156.

⁶⁸⁹ Rousseau, Jean-Jacques, “Economia (moral e política)”. In: *DIDEROT, Denis; D’ALEMBERT, Jean le Ronde. Verbetes políticos da Enciclopédia*, trad. Maria das Graças de Souza, Discurso, Unesp, São Paulo, 2006. p. 83-127. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’ économie politique”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 254 e 259.

“Mas, para segui-la, *vontade geral*, é necessário conhecê-la e, sobretudo, distingui-la da vontade particular, a começar por si mesmo; distinção sempre muito difícil de fazer, e para a qual só a mais sublime virtude pode proporcionar luzes suficientes. Como para querer é necessário ser livre, uma outra dificuldade, não muito menor, é assegurar ao mesmo tempo a liberdade pública e a autoridade do governo. Os homens – que na grande sociedade já estavam unidos por sua necessidade mútuas – foram levados a se juntarem mais estreitamente através das sociedades civis, apenas para assegurar os bens, a vida, e a liberdade de cada membro pela proteção de todos”⁶⁹⁰.

O ser livre é uma condição para o homem viver com dignidade, do contrário vai parecer com um animal qualquer; desfrutar desta liberdade na sociedade civil equivale, também, ao zelo sobre os objetos da propriedade⁶⁹¹. Do pensamento de Jean-Jacques nasce, como se falou anteriormente, a concepção ética fundamentada na liberdade como um valor inalienável. De fato, no século XVIII o critério fundamental de agir dos estados era aquele da utilidade, ou seja, o estado deveria fazer aquilo que era útil para os súditos e estes se submeterem aos interesses do Estado; a originalidade de Rousseau consiste em ter substituído o critério da utilidade pelo critério da eticidade e, para isto, o homem precisa ser dotado de virtudes.

Em vários momentos desse trabalho apresentou-se um Rousseau crítico da sociedade, solitário e até mesmo afastado de tudo e de todos, vivendo prazerosamente em meio ao mundo natural que idealizou, bem próximo a uma comunidade simples⁶⁹² como forma de não compactuar com o descaso que via na sociedade. O homem que cumpriu o desejo da sociedade europeia do século XVIII, que foi obediente às práticas e normas teve os seus valores aceitos, as virtudes consideradas, reconhecidas como boas, justas. Conforme a concepção rousseaneana houve, neste fato, uma total inversão de valores. Ao invés dos homens justos e virtuosos contribuírem para a mudança da

⁶⁹⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques. “Discurso sobre a economia política”. Tradução de Maria Constança Peres Pissarra. Vozes, 1996, Petrópolis, p. 28. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’ économie politique”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, pp. 247-248.

⁶⁹¹ Rousseau concorda com Locke, quando este se refere aos objetivos da propriedade na sociedade civil: “se o homem é tão livre no estado de natureza, como se tem dito, se ele é o senhor absoluto de sua própria pessoa e de seus bens, igual aos maiores e súdito de ninguém, por que renunciaria a sua liberdade, a esse império, para sujeitar-se à dominação e ao controle de qualquer outro poder? A resposta é evidente: ainda que no estado de natureza ele tenha tantos direitos, o gozo dele é muito precário e constantemente exposto às invasões de outros. Todos são tão reis quanto eles, todos são iguais, mas a maior parte não respeita estritamente, nem a igualdade nem a justiça, o que torna o gozo da propriedade que ele possui nesse estado muito perigoso e muito inseguro. Isso faz com que ele deseje abandonar essa condição, onde, embora livre, está repleta de medos e perigos contínuos; e não é sem razão que ele deseja unir-se em sociedade com outros, que estão reunidos ou que planeja unir-se, visando a salvaguarda mútua de suas vidas, liberdade e bens, que se designam pelo nome geral de propriedade” (Cfr. John Locke, “Dois tratados sobre o governo”, Martins Fontes, São Paulo, 1998, p. 495).

⁶⁹² Ao retratar a vida simples e o desinteresse de Rousseau por aquilo que é desnecessário, Guyon apresenta o seu comentário: “Avoir subsistance (et par là, la paix la sécurité) est nécessaire pour être heureux, mais non suffisant. Il faut aussi du superflu. Il faut avoir du ou des plaisirs. Il faut jouir. Mais Rousseau se contente d’esquisser ce développement don til pose les premiers principes et qu’ il développera largement plus loin dans l’exposé sur l’art de jouir”. Cfr. GUYON, Bernad. “Notes”. *Julie ou La nouvelle Héloïse*. Paris, Pléiade, 1964, p. 1652, *Oeuvres Complètes*.

sociedade, segundo Rousseau, corrupta, a sociedade é que os transforma e faz com que todos os homens que aceitam a corrupção se tornem valorosos.

A ideologia social encobriu o perfil ético do homem e Rousseau não aceitou esta dominação, logo chamando atenção dos representantes quanto a imposição e mau uso do poder: “Chefes ambiciosos! Um pastor conduz seus cães e seus rebanhos e não passa do último dos homens, só vale a pena comandar quando aqueles que nos obedecem podem nos honrar; respeitem, portanto, seus cidadãos para se tornarem respeitáveis, respeitem a liberdade (...)”⁶⁹³. O genebrino optou por ser um homem moral, ético, que defende e ama a lei, desde que seja justa e que todos contribuam para sua elaboração de forma livre e consciente:

“Mas, quando todo o povo estatui algo para todo o povo, só considera a si mesmo e, caso se estabeleça então uma relação, será entre todo o objeto sob um certo ponto de vista e todo um objeto sob um outro ponto de vista, sem nenhuma divisão do todo. Então, a matéria sob a qual se estatui é geral como a vontade que a estatui. A esse ato dou o nome de lei”⁶⁹⁴.

O desequilíbrio social, trabalhadores em situação vexatória, a transmissão de valores da classe dominante, a marginalidade, o próprio sistema político depravado, marcam uma moral corrompida, esta é a moral da sociedade parisiense. Para esta moral, o fim e as normas que a sociedade institui, tudo que ela impõe, torna-se justo. Tanto a sociedade quanto as instituições educacionais formam ou educam a consciência moral dos seus membros segundo seus critérios, para se adequarem a esta sociedade corrupta, logo, quem não cumprir as normas, torna-se excluído, quem contraria, torna-se injusto.

Nesta sociedade o homem pode ou grupos de homens podem, conforme sua consciência moral, arrebatam uma vasta propriedade e torná-la privada, ou até mesmo a despossessão do trabalho de outro aparece como legítima, de forma que ninguém pode, sequer, tocá-la. Neste caso, o ato é moralmente bom porque atende aos critérios da sociedade que domina, atende as normas vigentes. Mas, para aquele que não aceita, ao contrário, vê neste ato uma injustiça⁶⁹⁵, naturalmente é visto como um sujeito inadequado para a vida social:

⁶⁹³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques. “Discurso sobre a economia política”. Tradução de Maria Constança Peres Pissarra. Vozes, 1996, Petrópolis, p. 28.3 Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’ économie politique”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 259.

⁶⁹⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Do Contrato Social”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997c, pp. 106-107. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.-J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 379.

⁶⁹⁵ Rousseau não compactua com as injustiças e Guyon considera isto de modo notável ao comentar: “Ces travaux d’érudition, précieux pour l’historien des idées, le son beaucoup moins pour le psychologue ou pour l’historien de Jean-Jacques.

“O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer *isto é meu* e encontrou pessoas suficientemente simples para acreditá-lo. Quantos crimes, guerras, assassínios, misérias e horrores não poupou ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou enchendo o fosso, tivesse gritado a seus semelhantes: “Defendei-vos de ouvir esse impostor; esquecerdes que os frutos são de todos e que a terra não pertence a ninguém!”⁶⁹⁶ .

A propriedade privada passa a ser uma lei e do ponto de vista social se justifica moralmente como um bem. Demonstrando a consciência moral e seu comportamento ético, Rousseau não compactua com os procedimentos dos homens daquela sociedade. Ele vê na usurpação de um bem de todos, na extorsão da coisa alheia, uma atitude perversa, de dominação. Frente a esta situação irrompem as teses fundamentais da ética que visam normativizar e buscar mudança essencial nas estruturas da sociedade, nas relações sociais vigentes. Para que o homem seja contrário à corrupção, alcance um novo perfil e não se deixe abater se excluído for, novas ideias são apresentadas, podem não ser consideradas perfeitas, mas são novas posturas para o corpo social, portanto, uma ética em prol da liberdade e da justiça social para todos⁶⁹⁷ .

Para Rousseau é fundamental que se torne presente um modelo de sociedade onde a pujança do amor próprio se amenize e vigore o princípio da piedade⁶⁹⁸ : “virtude que é tanto mais universal e tanto mais útil, na medida em que resulta de um movimento puro da natureza e que procede a qualquer reflexão”⁶⁹⁹ . A sociedade é o espaço onde cada um dos membros devem se sentir seguro, é uma área privilegiada onde os membros podem se unir formando um todo coletivo, depositário da vontade geral, pois bem, esta sociedade é o *Contrato*. A liberdade experienciada no estado de natureza

Sans doute permettent-ils de contrôler des affirmations, de dénoncer des oublis, des excès, des injustices, mais des enquêtes de ce genre ne sauraient être exhaustives”. (Cfr. GUYON, Bernad. “Notes”. *Julie ou La nouvelle Héloïse*. in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 1472.

⁶⁹⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997a, p 87. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les Hommes”, Première partie, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 164.

⁶⁹⁷ Na comunidade de Clarens, o genebrino deixa transparecer a importância do olhar alheio e, assim, ressalta Starobinski: “a partir daí, não sofrem solidão nem servidão; sua existência pessoal é justificada e sustentada pelo reconhecimento de fundada em uma benevolência unânime. Vivem sob os olhares uns dos outros; constituem um corpo social. Assim, em A Nova Heloisa, Julie percebe o círculo de seus amigos como uma parte de seu ser”. Cfr. Jean Starobinski, “*A transparência e o Obstáculo*” trad. Maria Lúcia Machado, Companhia das Letras, São Paulo, 1991, p. 95-96).

⁶⁹⁸ “L’homme n’est donc point, nous l’avons vu, social par nature, c’est-à-dire engagé naturellement dans des liens sociaux, comme l’abeille dans la ruche. Il a avant tout le souci de sa propre conservation; mais dans les conditions naturelles de son existence, cet égoïsme instinctif est innocent, incapable de nuire gravement; d’ailleurs il est tempéré, l’écas échappant, par un sentiment naturel de pitié pour son semblable...” Cfr. Moreau, Joseph, “*Jean Jacques Rousseau*”, PUF, Paris, p. 19.

⁶⁹⁹ Cfr. Martins, Custódia A. A., “*A pedagogia de Jean Jacques Rousseau: Praxis, Teoria e Fundamentos*”, CIED, Braga, 2009, p. 350.

ganha um enorme sentido em uma sociedade que o indivíduo, ao se voltar para o bem comum, aceita livremente as regras da vontade geral.

É desta forma que prevalece na sociedade do *Contrato*, não os interesses individuais, mas o desejo da coletividade. De acordo com Dent, os indivíduos que passam a fazer parte do *Contrato* precisam ser dotados de uma consciência e disposição para que o mesmo vigore. O *Contrato* simboliza uma: “[...] filiação numa associação civil que deve ser vista como voluntária; ninguém se filia e obedece à associação por motivos que nada tenham a ver com a promoção do seu próprio bem”⁷⁰⁰. O que se deseja é uma sociedade justa, onde todos sejam respeitados pela lei, daí se segue a necessidade de quem será a autoridade legítima. Essa tarefa caberá a cada membro do contrato que oferta os seus direitos e poderes à vontade geral que passa a formar um corpo moral e coletivo.

2. Ética e sociedade

A sociedade do século XVIII está centrada nas relações econômicas capitalistas, no desenvolvimento científico, fortalecimento da burguesia que se impõe politicamente na intensidade da racionalidade humana, a razão sendo a detentora da verdade, época do esclarecimento e na demarcação do ser humano como um valor em si mesmo:

“Na maioria das vezes, não nos apercebemos dessa relação porque nos falta um termo médio. Consideremos dois edifícios afastados. É-nos impossível saber com precisão quanto se assemelham e quanto diferem. (...) Tal é o papel da razão: em presença do obscuro, do duvidoso, lança-se ao trabalho, julga, compara, utiliza uma medida comum, descobre, pronuncia-se. Não há função mais alta que a sua, pois está encarregada de revelar a verdade, de denunciar o erro. Da razão depende toda ciência e toda filosofia”⁷⁰¹.

É dentro da sociedade onde a razão basta a si própria, que os homens clamam pelo seu quinhão de felicidade. Ser feliz deixou de ser um estado de espírito, um dom, uma graça conforme diz o cristianismo: “Havemos de pecar, já que não vivemos sob o regime da Lei, mas sob o regime da graça?”⁷⁰² e passou a ser uma conquista e junto a ela as benesses de uma sociedade capitalista, a chegada ao poder político, grande acúmulo de valores econômicos, além das propriedades comerciais e marítimas.

⁷⁰⁰ Dent, N.J.H., “*Dicionário Rousseau*”, Jorge Zahar Editó, Rio de Janeiro, 1996, p. 85.

⁷⁰¹ Cfr. Hazard, Paul, “*O Pensamento Europeu no Século XVIII de Montesquieu a Lessing*”, trad. Carlos Grifo Babo, Editorial Presença, LDA., Lisboa, 2007, pp. 44-45.

⁷⁰² Bíblia de Jerusalém, “*Carta de São Paulo aos Romanos*, capítulo 6, versículo 15”, Edições Paulinas, São Paulo, 1973.

Felicidade não era mais se contentar com o possível para sobreviver, era a busca do útil e do prazer⁷⁰³, felicidade era ser livre para fazer, ter, poder e luxar:

“O luxo tudo corrompe, quer o rico que goza dele, quer o pobre que o cobiça. Não se pode dizer que constitua um mal em si mesmo usar punhos de renda, uma roupa bordada e estojo esmaltado. Mas grande mal é fazer caso dessas bagatelas, considerar feliz quem os possui e consagrar o tempo e o trabalho, que todo homem deve a objetivos mais nobres, para pôr-se em situação de adquirir outras semelhantes”⁷⁰⁴.

A maneira como se demonstra a riqueza e o poder domina moralmente o outro e turva a visão do homem como um ser de igual natureza. Da mesma forma o nível de dependência dos homens em relação a bens e luxúria é enorme e quando usados de modo errado, excessivo escraviza-o. Isto não quer dizer que Rousseau valoriza o empobrecimento absoluto; o que propõe é que o uso dos bens seja com equilíbrio e moderação provenientes do espírito livre e simples. Vejamos o que fala Rousseau sobre as mesas dos Wolmars “A mesa assinala a abundância geral, mas essa abundância não é ruínosa, nela reina uma sensualidade sem refinamento, todos os pratos são comuns, mas excelentes em sua espécie, seu preparo é simples e contudo delicado”⁷⁰⁵.

Quando o homem se enquadra na sociedade, automaticamente é convocado a participar da vida social. O amor pela cidade e pelo estado precisa ser expresso nas iniciativas a fim de que se restaure e preserve a liberdade que perdeu com a saída do estado natural. Para isto, torna-se fundamental mudar o campo de visão, o foco deve ser a vivência da liberdade na sociedade. Não há mais a possibilidade para que este homem recue, os novos desafios impulsionam cada vez mais ao convívio social de modo permanente, logo, é na vida em sociedade que os homens podem ter a consciência de elementos morais.

No decurso dos anos o genebrino amadureceu a consciência para a importância da formação dos membros do *Contrato*. Com educação de qualidade e atitude crítica frente à sociedade corrupta, considerada verdadeiro obstáculo para manifestação da

⁷⁰³ “É absolutamente necessário dar uma ideia da comparação que o autor faz entre os graus de prazer e dor, e os números, pois tal ajudará o leitor a entrar com maior facilidade nas mais abstractas proposições desta secção, onde o autor faz constantemente alusões à aritmética” (Cfr. Wollaston, William, “*Religion of nature delineated*, 1722. Ébauche de la religion naturelle, traduzido do inglês. La haye, 1756. Secção II, De la félicité, nota na página 110).

⁷⁰⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discurso sobre as Ciências e as Artes*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997b, p. 255. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur les sciences et les arts”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 51.

⁷⁰⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Júlia ou a Nova Heloísa, trad. Fúlvia M. L. Moreto, Campinas-Hucitec, Editora da Unicamp, São Paulo, 1994, p. 470. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Julie, ou La Nouvelle Héloïse”, in *J.-J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 538.

bondade, essência constitutiva do homem, Rousseau, não somente quer a mudança da sociedade, mas a mudança de comportamento que expressa um novo homem, isto porque o homem tomado de conhecimento sobre sua realidade, faz com que se comprometa com a sociedade e ao mesmo tempo, ao se comprometer, obriga-se a tomada de novos conhecimentos.

No *Emílio*, Livro V, os últimos dois anos de educação são dedicados às viagens, mas antes, o educando tem uma formação da vida pública social através de conhecimentos dos princípios do direito político e do direito positivo dos governos: “No entanto, quem quer julgar de modo sadio os governos tal como existem é obrigado a reunir os dois estudos; é preciso saber o que deve ser para bem julgar o que é.”⁷⁰⁶, ou seja, para bem julgar os governos era preciso saber o que eles deveriam ser. Agora, o que se pretende é uma ordem estatal legítima, livre, soberana.

Mas, não vai ser no *Emílio* ou no *Contrato Social* que o filósofo genebrino vai estabelecer o caminho prático e os fatos políticos concretos, este trabalho será desenvolvido nas *Considerações sobre o Governo da Polônia*, *Projeto de Constituição para a Córsega* e as *Cartas Escritas Montanha*. No *Contrato* ele vai se ocupar de como deve a sociedade ser justa e a ordem política legítima. O genebrino faz que se apresente o dever ser e não a aplicação minuciosa do texto contratual: “O *Contrato Social* não passará de uma grande ‘escala’, na qual estarão todos os elementos constitutivos das relações de poder, desde o grau máximo da servidão até o grau máximo da liberdade política ou civil”⁷⁰⁷.

Além da formação e participação na vida pública, Rousseau, conhecia bem as instituições políticas das diferentes sociedades da história. Este conhecimento lhe possibilitou julgar corretamente a sociedade e apontar como as instituições deveriam ser: “é preciso saber o que deve ser para bem julgar o que é”⁷⁰⁸. O *Contrato Social* é um

⁷⁰⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 677. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 859.

⁷⁰⁷ Cfr. Nascimento, M. M., “*O Contrato Social entre a escala e o programa*”, Discurso. Nº 17. 1988, p. 119-129.

⁷⁰⁸ Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 677. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 859.

modelo de sociedade perfeita que se funda através de um pacto legítimo⁷⁰⁹. A pretensão de Rousseau era encontrar o que fundamenta o estado, uma nova forma de autoridade política; se outrora esta autoridade estava concentrada no monarca ou na obediência do povo a um chefe, de agora por diante, o pacto de fundação da autoridade política ocorrerá entre os próprios homens, eis portanto, a inovação rousseauiana referente ao pacto até então existente, desta forma o forte não subjugará o mais fraco:

“É preciso, então substituir esse falso contrato por um verdadeiro contrato social que garanta a cada cidadão a proteção da comunidade, proporcionando-lhe as vantagens da liberdade e da igualdade; isto é, Rousseau discute no *Contrato Social* o que é uma sociedade justa, quais são seus princípios absolutos e se pode decorrer daí algum valor universal”⁷¹⁰.

Rousseau apresenta no *Contrato Social*, um paradigma. É aí que o homem livre vai construir a sua tenda, portanto, há de se apresentar um fundamento legítimo da moralidade e da vida política. É na sociedade do *Contrato* que as condições são apresentadas, que a linha reguladora do traçado de um caminho do processo de socialização do homem originário do estado de natureza é dada. Ninguém é excluído dessa sociedade, todos deverão ser atendidos de igual modo, de forma que a liberdade e a igualdade sejam refletidas no todo, no Estado. Os inscritos têm a consciência de que estão filiados em uma associação e de acordo com o Livro III, apresenta a função e as várias formas de governo, fazendo a distinção entre poder legislativo, que pertence ao corpo soberano e o poder executivo, que pertence ao governo⁷¹¹.

Dentre as categorias qualitativas do homem bem formado está a participação ativa na vida em sociedade e isto o faz construtor de uma nova identidade, protagonista de uma vida participativa, emancipado do egoísmo e posto numa condição de solidariedade. Se, em dado momento da história o homem, ontologicamente, viveu isolado de modo pré-social, com o discurso de Rousseau, no *Contrato*, este homem é elemento constitutivo no processo de socialização a tal ponto de que sua própria

⁷⁰⁹ Ao analisar o pensamento de Montesquieu, (1689-1755), Livro o *Espírito das Leis*, escrita a catorze anos antes do *Contrato*, sobre esta temática, Rousseau, observador atento da vida social, não perde a oportunidade de apresentar a crítica: “O único moderno em condições de criar essa grande e inútil ciência teria sido o ilustre Montesquieu. Mas ele não se preocupou como tratar os princípios do direito político; contentou-se com tratar do direito positivo dos governos estabelecidos, e nada no mundo é tão diferente quanto esses dois estudos.” (Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, pp. 676-677. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 859).

⁷¹⁰ Pissarra, Maria C. Perez, “*Rousseau: a política como exercício pedagógico*”, Moderna, São Paulo, 2002, p. 73.

⁷¹¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Do Contrato Social*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997c, p. 135. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Du contract social ou Principes du droit politique*”, in *J.-J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 422.

vontade é posta a serviço da coletividade, a vontade geral e o interesse comum não se impõem, mas emana do próprio sujeito.

Não há como não dizer que a pessoa não participa do contrato. Ao buscar os fundamentos políticos da sociedade: “Antes, pois, de examinar o ato pelo qual um povo elege um rei, conviria examinar o ato pelo qual um povo é povo, pois esse ato, sendo necessariamente anterior ao outro, constitui o verdadeiro fundamento da sociedade.”⁷¹² Rousseau pretende afirmar que o princípio da soberania popular, a única autoridade capaz de decidir, realmente, é a própria sociedade, as pessoas quando participam, decidem, eis a República, eis o corpo político: “Para Rousseau, essa autoridade não tem seu fundamento na natureza, mas em convenções”⁷¹³.

A partir do momento que a vida coletiva se torna coesa, participativa, gratificante, onde os ideais e os princípios daqueles seres possessivos e autocentrados que visam garantir sua segurança pessoal e a posse de suas propriedades, seus interesses, não são levados em consideração, ou melhor, não têm mais espaço, ganha sentido o homem-civil que se realiza no empenho por uma coletividade. Não há como não identificar no pensamento do genebrino uma vasta preocupação com o sentimento social. Cada indivíduo a se tornar participante e submeter-se à comunidade dá azo ao corpo moral e coletivo:

“A importância do Contrato social reside em sua tentativa de articular a base legítima da autoridade política no domínio das pessoas sobre si mesmas e em sua descrição da maneira como as pessoas ratificam seus próprios termos e condições para associação através dos atos da vontade geral”⁷¹⁴.

Como Rousseau tem uma compreensão do homem dotado de uma dinâmica e isto fica comprovado quando de um estado pré-racional evolui para o pensamento racional⁷¹⁵, passa a ter uma linguagem articulada, forma uma consciência moral, tudo isso se fortifica no processo de socialização. A natureza do homem, enquanto perfectível, caminha em direção a justiça e a ordem que são os fundamentos de uma verdadeira comunidade. Tanto no *Contrato* com no *Emílio* o homem percorre esse caminho, condição precípua para alcançar a tão almejada sociedade livre e igualitária:

⁷¹² Ibidem, p. 68. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.-J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 359.

⁷¹³ Cfr. Derathé, Robert, “*Rousseau e a ciência política de seu tempo*”, trad. Natália Maruyama, Discurso Editorial/Barcarolla, São Paulo, 2009, p. 270.

⁷¹⁴ Dent, N.J.H., “*Dicionário Rousseau*”, Jorge Zahar Editó, Rio de Janeiro, 1996, p. 88.

⁷¹⁵ Cfr. Derathé, R. “*Le Rationalisme de Jean-Jacques Rousseau*”, PUF, Paris, 1948, pp. 09-32.

“A passagem do estado de natureza para o estado civil determina no homem uma mudança muito notável, substituindo na sua conduta o instinto pela justiça e dando às suas ações a moralidade que antes lhe faltava. É só então que, tomando a voz do dever o lugar do impulso físico, e o direito o lugar do apetite, o homem, até aí levando em consideração apenas sua pessoa, vê-se forçado a agir baseando-se em outros princípios e a consultar a razão antes de ouvir suas inclinações”⁷¹⁶.

A unificação dos interesses visando o bem comum precisa ficar deliberado por quem de direito: a lei. A maior expressão do sentimento coletivo só pode ser enunciada na forma da lei, logo, é um ato que exprime a vontade do povo, uma soberania popular e implica participação de todos os membros. Através da lei os interesses individuais conflitantes são substituídos pelo interesse comum que na lei é expressa. O procedimento coletivo com o qual é elaborada, desencadeia uma modalidade de procedimento formal que é diferente de qualquer outra forma de governo, até mesmo de outros contratualistas.

Prosseguir com determinação tanto sobre conteúdos como sobre procedimentos dos desejos da vontade geral visando o bem do povo requer uma motivação consensual. Para que o consenso continue prevalecendo não pode ocupar espaço na subjetividade de cada membro do *Contrato* o amor-próprio nem tão pouco a nível social pode gerar espaço para a desigualdade. Se as condições individuais e sociais não forem dadas não haverá a possibilidade de se efetivar no *Contrato* aquele momento de felicidade, liberdade. A ausência tanto de um quando do outro foram pontos extremamente criticados por Rousseau no Segundo Discurso e sua teoria visa preencher, ou melhor, extirpar da própria sociedade este mal social.

A tomada de posição para que prevaleça a vontade geral trilha um caminho que nos parece de mão dupla. Para que o interesse comum continue sendo prioridade e o consenso seja marcante a trilha é de um movimento essencialmente ético, no qual o individual se torna comum, o bem público é de maior monta do que o bem privado:

“Importa, pois, para alcançar o verdadeiro enunciado da vontade geral, que não haja no Estado sociedade parcial e que cada cidadão só opine de acordo consigo mesmo. (...) Caso haja sociedades parciais, é preciso multiplicar-lhes o número a fim de impedir-lhes a

⁷¹⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Do Contrato Social ou Princípios do Direito Político*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997c, p.77. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Du contract social ou Principes du droit politique*”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 364.

desigualdade, como fizeram Sólon, Numa e Sêrvio. Tais precauções são as únicas convenientes para que a vontade geral sempre se esclareça e não se engane o povo”⁷¹⁷.

Ao mesmo tempo, para que o interesse particular não possa deixar de ser reconhecido em que pese a condenação por parte de Rousseau da existência de associações particulares:

“(…) mas quando se estabelece facções, associações parciais a expensas da grande, a vontade de cada uma dessas associações torna-se geral em relação a seus membros e particular em relação ao Estado, não nos parece, assim, uma incompatibilidade entre o comum e o particular, entre a existência daquilo que é público e do privado”⁷¹⁸.

Não nos parece, também, a negação da autonomia da esfera privada em razão da vontade de todos, mas, repete-se, um caminho de mão dupla onde princípio ético se faz necessário para a boa existência do *Contrato*.

Em tal abordagem se apresenta uma visão do Rousseau não como fiel defensor do Estado totalitário, aquele que a partir de dado momento não reconhece os direitos de cada cidadão em virtude de um bem maior: a vontade geral. Não há a simples negação da vontade de todos: “(…) o poder soberano, por mais absoluto, sagrado e inviolável que seja, não passa nem pode passar dos limites das convenções gerais; e que todo homem pode dispor plenamente do que lhe foi deixado, por estas convenções, de seus bens e de sua liberdade”⁷¹⁹. A ordem social estabelecida no *Contrato* é capaz de manter o singular equilíbrio entre os valores da vontade geral e a força do interesse particular, entre a defesa dos bens e o controle do abuso de poder dos soberanos.

Para que a sociedade do *Contrato* possa efetivamente vingar, continuar mantendo equilíbrio, o caminhar em mão dupla como foi anotado acima, requer no plano privado um apelo à consciência moral dos indivíduos e quando este não for o suficiente, que recobre à educação, à direção de um preceptor capacitado para o ensino individual. Como Rousseau anteviu a não capacidade da educação pública de cumprir esta tarefa, nem tampouco aquelas instituições educacionais que se predispunham a

⁷¹⁷ Ibidem, pp. 92-93. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 372.

⁷¹⁸ Cfr. Vita, Álvaro de. “Vontade coletiva e pluralidade: uma convivência possível?”. In *Lua Nova*, São Paulo, 1991, n. 23, pp. 211-231.

⁷¹⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Do Contrato Social ou Princípios do Direito Político*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997c, p.98. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 375.

ensinar o que era e o que não era pecado, os paradeiros do inferno e uma rígida moral, ele próprio se responsabiliza na efetivação desta tarefa.

O pacto que origina a vontade geral é um processo educativo, faz o cidadão, pois exige uma dedicação no papel a ser desempenhado, sobretudo na união dos membros: “a união é tão perfeita quanto possa ser e a nenhum associado restará algo mais a reclamar”⁷²⁰. O caminho trilhado para se chegar a esta unidade social e o nascimento de uma sociedade estruturada politicamente tomará corpo numa legislação que vai articular e regular toda a vida humana:

“Assim, para Rousseau, o nascimento das sociedades estruturadas politicamente não se deve fundamentar nem nas conquistas dos mais poderosos, pois o direito de conquista não pode ser fundamentado em outro direito qualquer e aquilo que permanece não é outra lei a não ser a do mais forte, nem na união dos fracos, porque a liberdade era apenas o bem que os pobres tinham a perder, ao contrário dos ricos, que tinham a perder os seus bens. Daqui ser uma ilusão acreditar que os primeiros abdicaram do único bem que possuíam e que o segundo não defenderam os seus. Por isto mesmo, entendia o nosso autor ser mais razoável acreditar que a polis foi”⁷²¹.

Conforme Rousseau, as convenções sociais possibilitaram um modelo de sociedade que foi baseado nas precauções e nos interesses, daí afirmar que sobre a sociedade “é razoável crer-se ter sido uma coisa inventada antes por aqueles a quem é útil do que por aqueles a quem causa mal”⁷²². Para que o contrato vigore com plena condição em âmbito da sociedade, com os deveres e direitos, sobretudo dos mais simples economicamente sendo respeitados, solicita-se o vigor ou a inflexibilidade da lei; para isto o papel do legislador é fundamental. Sendo a lei um modo de enunciar por meio de vocábulos os anseios do povo entende-se o porquê a liberdade e a aceitação delas que não mais são impostas – mas aceitas, abre margem para que se perceba o relevo que é dado ao sentido de vida em comunidade⁷²³.

O Contrato Social não é só uma forma de melhoria da sociedade, mas a construção de um espaço onde o homem possa ser feliz. Os sentimentos, amour-de-soi e

⁷²⁰ Ibidem, p. 70. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 357.

⁷²¹ Cfr. Martins, Custódia Alexandra Almeida, “A pedagogia de Jean Jacques Rousseau: Praxis, Teoria e Fundamentos”, CIED, Braga, 2009, pp. 365-366.

⁷²² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Do Contrato Social ou Principios do Direito Político”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997c, p. 102. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 389.

⁷²³ Cfr. BACZKO, B. “Rousseau. Solitude et Communauté”, La Haye - Mouton, Paris, 1974.

a pitié⁷²⁴ que o progresso desenfreado fez exalar da natureza humana renascem no homem do *Contrato* que vai atuar na nova sociedade. Estes sentimentos renascidos podem dar aquela virtuosidade tão necessária para dar corpo a consciência de uma sociedade civil. As ações do homem novo em uma nova sociedade priorizam atitudes racionais, os desejos e inclinações cedem espaço à razão:

“Embora nesse estágio se prive de muitas vantagens que frui da natureza, ganha outras de igual monta: suas faculdades se exercem e se desenvolvem, suas ideias se alargam, seus sentimentos se enobrecem, toda a sua alma se eleva a tal ponto, que, se os abusos dessa nova condição não o degradassem frequentemente a uma condição inferior àquela donde saiu, deveria sem cessar bendizer o instante feliz que dela o arrancou para sempre e fez, de um animal estúpido e limitado, um ser inteligente e um homem”⁷²⁵.

Uma sociedade onde possa existir sentimento de igualdade e liberdade entre os cidadãos pode se concretizar o *Contrato Social*, entretanto, alguns indícios são necessários: o povo precisa ter acesso aos bens indispensáveis, depois disto, ter as mesmas oportunidades na conquista dos mesmos, as condições de disputa pela posse precisam ter a mesma igualdade; em um segundo momento é de fundamental importância garantir o cumprimento do que foi determinado pela vontade geral, pela liberdade do povo: “Afirmo, pois, que a soberania, não sendo senão o exercício da vontade geral, jamais pode alienar-se, e que o soberano, que nada é senão um ser coletivo, só pode ser representado por si mesmo. O poder pode transmitir-se; não, porém, a vontade”⁷²⁶.

A ordem dos dominadores é contraposta à ordem do povo. É um espírito novo que Rousseau faz restabelecer na sociedade. Agora, porém, a lei e a moral da sociedade burguesa cede seu espaço para as novas exigências éticas no serviço ao bem comum,

⁷²⁴ Conforme a posição de Dent: “a pessoa identifica-se com a que sofre e é objeto de preocupação. O uso desse termo levou alguns críticos a dizerem que o sentimento de piedade anula a distinção entre pessoas e, assim, não estabelece qualquer relacionamento real entre indivíduos distintos – o que Rousseau pretende, pelo contrário, que seja o caso. Isso é um equívoco. O que ele quer dizer é que, movida pela piedade, uma pessoa ajuda o sofredor com a mesma espontaneidade e prontidão com que busca aliviar-se de sua própria dor. A disposição para prestar ajuda imediata não tem mediação de pensamentos de reciprocidade ou recompensa. Somente nesse sentido, uma pessoa assume o sofrimento de outrem como se fosse o seu próprio; não existe perda de percepção de que a pessoa está separada de outro eu. De fato, Rousseau diz que uma razão por que ajudar uma pessoa que está sofrendo não é sentida, com frequência, como uma imposição reside no fato de que sua relativa fraqueza nos proporciona um agudo senso de nosso próprio vigor e bem-estar, que sentimos prazer em expressar. Isso dificilmente teria o menor sentido se ocorresse qualquer amálgama autêntico do eu e do outro. Cfr. Dent, N.J.H., “*Dicionário Rousseau*”, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1996, p. 67.

⁷²⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Do Contrato Social ou Princípios do Direito Político*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997c, p. 77. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Du contract social ou Principes du droit politique*”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 364.

⁷²⁶ Ibidem, p. 86. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Du contract social ou Principes du droit politique*”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 368.

sem distinção de classe e a construção de uma nova sociedade; quem vai libertar o povo não é a moral ou a ética da sociedade burguesa, mas a efetivação da vontade geral. A partir do contrato e da soberania popular o que redime a sociedade dos vícios, das máscaras, etc., é a aceitação da vontade às leis. A prática ética parte da vontade e da esperança do povo e a realiza. A prática moral a partir da lei da sociedade burguesa, embora seja legal e em cumprimento da lei (moral), exclui, denigre e afasta o homem. A prática da ética, porém, se funda na obediência à vontade geral e à soberania do povo.

O *Contrato Social* baseia-se numa lei nova elaborada e comandada pelo soberano que é o povo. Na sociedade onde o soberano tem toda condição de determinar o modo de organização política não haverá o predomínio dos interesses pessoais de grupos em detrimento de outros ou da grande maioria da população, inclusive a propriedade deve estar à disposição do interesse comum:

“Todo homem tem naturalmente direito a quanto lhe for necessário; mas o ato positivo que o torna proprietário de qualquer bem, o afasta de tudo o mais. (...) Bastará pôr os pés num terreno comum para logo pretender ser senhor? Bastará ter a força de afastar dele num momento os outros homens, para destruí-los do direito de novamente voltar a ele?”⁷²⁷.

Na sociedade do *Contrato*, quem quer que seja julgado, passará pela lei da liberdade; a ordem moral da classe burguesa será substituída pelo princípio ético da liberdade, com isto o povo passa a ter um paradigma para diferenciar a legalidade moral dominadora, até então, vigente, da legalidade ética da liberdade que vigora no *Contrato*. A digressão feita por Rousseau a fim de esclarecer bem ao seu leitor o objetivo do *Contrato* traz como principal argumento a crítica bem dirigida à sociedade burguesa do século XVIII.

Todo o sistema social, por uma questão de dignidade humana e por direito deve servir de base a todos de forma igualitária. Referindo-se à ética e a moral burguesa se chega à conclusão de que não é por que uma lei é legal que necessariamente tenha que ser boa. Com a soberania popular no comando surge uma nova lei que não é uma lei qualquer, é uma lei boa porque se baseia na vontade livre. O princípio da liberdade para todos torna-se absoluto e não relativo. A ninguém é dado o direito de usurpar aquilo que a todos pertence. A propriedade privada está subordinada ao interesse comum:

⁷²⁷ Ib., pp. 79-80. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 366.

“O pacto fundamental, em lugar de destruir a igualdade natural, pelo contrário substitui por uma igualdade moral e legítima aquilo que a natureza poderia trazer de desigualdade física entre os homens, que, podendo ser desiguais na força ou no gênio, todos se tornam iguais por convenção e direito”⁷²⁸.

Jean-Jacques não se apresenta só como um crítico severo dos costumes e dos hábitos da sociedade na qual vive, mas parece propor uma real fuga da realidade que encontra como um modo de dizer não à moral e a ética da sociedade. O abandono da sociedade pode contar com normas éticas que guiaram sua vida, foi conviver afastado e desfrutar do encontro místico com a natureza despida do elemento da alteridade⁷²⁹. Pelo fato de ter descoberto um homem escravizado por todo sistema social, tornou-se característico da sua consciência ética a busca da liberdade e este compromisso se amplia porque não deseja somente a sua liberdade, mas a liberdade de todos. O conjunto de pessoas forma um todo social⁷³⁰. Aí está o princípio prático da moral⁷³¹ e da ética e não de cumprimento de normas morais, vivenciada pela sociedade burguesa.

A ética da liberdade justifica o despendimento de todas as forças em prol da justiça, do direito de todos os homens de expressar seu pensamento, de se movimentar, manifestar seus desejos: tudo isto torna-se uma modalidade privilegiada para unir por vínculos morais ou afetivos as pessoas que habitam em dada sociedade. A vivência do princípio ético da liberdade conduz a indagar as condições para construir uma sociedade que evolua e seja bem ordenada:

“A alma de tal evolução é a liberdade, a liberdade sob a forma mais sã de entre tudo o que se designa por este vocábulo, liberdade de fazer, publicamente, uso da razão. – mas eis que se erguem vários brados; o oficial diz a seus soldados: não raciocinem, executem a manobra; o financeiro: não raciocinem, paguem; o eclesiástico: não raciocinem, creiam! O

⁷²⁸ *Ib.*, p. 81. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 367.

⁷²⁹ O interesse pelas observações naturais se acompanha durante os anos do exílio com uma paixão sempre mais crescente pela botânica. Uma paixão que provavelmente nasceu durante o período vivenciado ao lado da Madame de Warens, mas certamente cresceu e se tornou uma verdadeira e própria ocupação intelectual em torno dos anos setenta, como testemunham as cartas a Madame Delessert entre os anos de 1771 – 1774. Em 1771 escreve também a Lineu para manifestar-lhe a sua estima e os seus interesses em relação aos estudos naturalísticos. (Cfr. Emma Nardi, “*Oltre l’Emmilio*”, Scritti di Rousseau sull’educazione, Franco Angeli Edizioni, Milano, 2005, pp. 137-181).

⁷³⁰ Na comunidade de Clarens, o genebrino deixa transparecer a importância do olhar alheio e, assim, ressalta Starobinski: “a partir daí, não sofrem solidão nem servidão; sua existência pessoal é justificada e sustentada pelo reconhecimento de fundada em uma benevolência unânime. Vivem sob os olhares uns dos outros; constituem um corpo social. Assim, em A Nova Heloísa, Julie percebe o círculo de seus amigos como uma parte de seu ser”. Cfr. Starobinski, Jean, “*Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o Obstáculo*”, trad. Maria Lúcia Machado, Companhia das Letras, São Paulo, 1991, pp. 95-96.

⁷³¹ Guyon, ao explicar e mostrar o objetivo e a importância que tem os valores morais na comunidade afirma: “La charité: protestation contre les promesses non ténues, contre l’inégalité des fortunes, contre toutes les formes du mépris de l’homme. Exaltation au contraire de certains actes de générosité accomplis avec une exquise délicatesse”. (GUYON, Bernad. “Notes”. Cfr. “Julie, ou La Nouvelle Héloïse”, in *J.-J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p.1473.

facto é que uma certa limitação é necessária, uma limitação que, longe de ser nociva ao Aufklärung, o favorece. A liberdade de falar é ilimitada entre os homens cultos e sábios; mas é, pelo contrário, limitada entre aqueles que, exercendo uma função integrada no corpo social, a devem levar a cabo sem discutir”⁷³².

Já que todos nascem livres não é possível renunciar a liberdade e deixar de exercitá-la. Não pode haver uma comunidade saudável, que propicie a felicidade⁷³³ humana, quando a liberdade que é oriunda da natureza espiritual do homem é reprimida. Importa educar o homem para vivenciá-la da maneira mais absoluta, pois, tanto os processos educativos quanto as relações sociais estão intrinsecamente vinculadas à ética e a moral de Rousseau. Reivindicar a consciência da dignidade do homem, dos seus valores torna-se uma grande demonstração de que Jean-Jacques não está preocupado com as questões individuais, aquilo que interessa a ele como escritor consagrado, mas seu ideal ético se traduz no sentimento que abrange a todos e todos trazem no eu interior: o sentimento do amor-de-si e não naquele sentimento egoísta e particular denominado de amor-próprio.

A educação proposta por Rousseau está além daquela formação fornecida nos domínios institucionais. Devido a isto, suas ideias não foram aceitas nem pelas religiões nem pelo Estado. A moral e a ética da sociedade burguesa implantadas na sociedade parisiense e de outros estados da Europa encontravam na educação pública e privada uma das fontes de transmissão. As instituições erraram duas vezes: uma porque a moral e a ética ensinadas não eram superiores a outras tantas éticas e moral promulgadas em diversas culturas e tampouco as únicas consideradas como verdadeiras. Rousseau dá origem a um princípio ético onde a evolução é tão lenta quanto o período de formação, a revolução propiciada pela educação é gradual, avança de modo imperceptível porque ela não é dominadora nem tampouco utilitarista.

A ética e a moral pautada na liberdade têm espaço em sociedade que foge dos modelos políticos de grupos dominadores; negam os padrões da sociedade vigente a partir da afirmação de que todos podem construir seu objetivo de vida não alicerçados sobre a areia movediça de uma sociedade injusta e racionalista, mas sobre os princípios

⁷³² Maiores conhecimentos sobre a análise do homem na sociedade e a busca da sua liberdade e conhecimento remete-se ao texto de Kant, E. Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung? (Resposta à pergunta: Que é o Iluminismo?), 1784.

⁷³³ Viver de modo feliz em Clarens é possível dentro das condições que são dadas, felicidade não é viver de igual modo ou com a mesma quantidade de bens e fortuna, diz Starobinski: “Os senhores conservam o privilégio de se sentir iguais se bem lhes parece; mas esse privilégio pertence apenas a eles, e não aos servidores. O sentimento de igualdade permanece, assim, um luxo de senhor (...)”. Cfr. Starobinski, Jean, “Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o Obstáculo”, trad. Maria Lúcia Machado, Companhia das Letras, São Paulo, 1991, p. .108.

que regem o direito, a justiça e a experiência de uma vida pautada na comunidade onde o erro e o vício sejam combatidos por todos. Preservando o coração do vício e o espírito do erro⁷³⁴ se abre o caminho para a virtude. De forma que conjugar as inclinações naturais e as exigências sociais no comportamento de uma pessoa requer, dentre outras coisas, trabalhar não somente com a racionalidade, mas com o sentimento.

A educação assume um papel preponderante na formação do homem ideal. O homem feliz, síntese de tudo aquilo que Rousseau aspira, não é aquele selvagem, esta não é a posição que aqui se defende, mas aponta-se o homem moral que sabe antepor o dever ao interesse pessoal. É este sentimento que faz o homem se relacionar com o outro e torná-lo, não simplesmente como meio, mas como fim, sentindo-se livre para obedecer as leis que ele mesmo é responsável, é esta a liberdade democrática. No *Contrato social* o homem ganha uma espécie de “segunda natureza” que traz consigo a liberdade civil e a liberdade moral. A consciência de si e do outro leva a uma responsabilidade, uma exigência elementar de justiça e que negar aos dominados o direito de se defenderem ou apoiar quem os defenda, significa estar ao lado de burgueses opressores, ou seja, junto com aqueles que Rousseau condenava na sociedade.

O rompimento com um modelo tradicional de educar faz o genebrino apresentar como novidade na educação a valorização das experiências, os préstimos das potencialidades individuais, o favorecimento e elaboração de pensamento próprio, pois, do contrário se formaria na sociedade indivíduos intolerantes que em nada contribuiriam com uma sociedade moralmente justa e eticamente eficaz. Por ser a educação das instituições da sociedade atreladas aos que detém o poder e por isso não se preocupam em ensinar o que deve ser ensinado, mas apresentar um conteúdo que está de acordo com interesses da sociedade, as pessoas se calam, têm medo de dizer a verdade: “as pessoas não ousam ou não querem dizer nada que não convenha aos que comandam, e, pagas pelo forte para pregar aos fracos, só sabem falar a este último de seus deveres, e ao primeiro dos seus direitos”⁷³⁵.

⁷³⁴ Ao apontar, no *Emílio*, a educação negativa como referencial, Rousseau salienta que é básico e essencial na primeira etapa da educação da criança, não se preocupar tanto com a virtude ou com a verdade, muito menos com os conhecimentos já estabelecidos, mas em preservar a criança dos vícios e dos erros, o primeiro corrompe o coração e desfigura o homem e o segundo, o compromete socialmente.

⁷³⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Carta a Christophe de Beaumont e outros escritos sobre a Religião e a Moral*”, Org. José Oscar de Almeida Marques, Estação Liberdade, São Paulo, 2005, p. 79.

Estranho um iluminista pensar questões éticas e morais para a sociedade que privilegiava a razão, mas Rousseau disse que naquela sociedade a moral e a ética contribuíam para desfigurar o homem. Negar a lógica da sociedade: alguns homens eram livres e a grande maioria de escravizados, seria o mesmo que negar o direito justo de defesa da vida. Rousseau propõe uma inversão pautada na liberdade, que cada homem torne-se consciente dos deveres e responsabilidades de cidadão: “seu objetivo principal é educar à liberdade, não somente ao seu exercício, mas à compreensão do seu sentido, porque só o homem livre é responsável e não se sujeita ao arbítrio daqueles que buscam um poder sem controle”⁷³⁶.

II - JEAN-JACQUES ROUSSEAU: ÉTICA, O CONTRATO E A RELIGIÃO CIVIL

1. A ética e o contrato

Em 1762, época da publicação do *Contrato Social*, a Europa vivia a efervescência do Iluminismo, movimento que conduziria à queda de monarquias, notavelmente a cidade de Paris. Na elaboração da obra encontram-se as diversas experiências de Rousseau com o mundo político: funcionamento das tramas, formas de governo, estado, etc., desde o tempo em que foi auxiliar do inábil conde de Montaigu, Veneza, Itália.

A proposta do *Contrato* é considerar a possibilidade de um sistema político alternativo, fundado no pacto social estabelecido entre os cidadãos. Pelo fato de conceber uma sociedade livre, legislada pela soberania popular, que garanta a dignidade moral de todos e a observância da vontade geral, não significa que não haja necessidade do debate, das discussões na formatação de propostas para a sociedade. No campo político nenhuma decisão acontece sem um motivo devido que ora satisfaz a vontade de uns, ora satisfaz a vontade de outros. Uma coisa é a prática política, outra, bem diferente, é a teoria.

A construção política contratual proposta pelo genebrino permite ao indivíduo inserir-se na sociedade de modo simétrico, como cidadão; a ideia é construir com o *Contrato* uma sociedade justa, com homens que tenham pensamentos políticos

⁷³⁶ Cfr. Bobbio, Norberto. “*Entre duas repúblicas*”, Editora UnB, Brasília, 2001.p. 37.

semelhantes, que estejam de acordo com o que propõe Rousseau, o pacto. É um objetivo em que a dimensão individual e social podem encontrar guarida em uma decisão livre e responsável de todos os membros da comunidade:

“(…) só a vontade geral pode dirigir as forças do Estado de acordo com a finalidade de sua instituição, que é o bem comum, porque, se a oposição dos interesses particulares tornou necessário o estabelecimento da sociedade, foi o acordo desses mesmos interesses que o possibilitou. O que existe de comum nesses vários interesses forma o liame social e, se não houvesse um ponto em que todos os interesses concordassem, nenhuma sociedade poderia existir. Ora, somente com base nesse interesse comum é que a sociedade deve ser governada”⁷³⁷.

A ideia central contida no *Contrato* e que possibilita estas reflexões procura argumentar sobre a tese da existência de uma construção de uma sociedade justa, onde povo e soberano vivam uma condição bem ordenada tendo em vista o bem comum:

“Sem entrar, nesse momento, nas pesquisas que ainda restam por fazer sobre a natureza fundamental de qualquer governo, limito-me, seguindo a opinião comum, a considerar aqui o estabelecimento do corpo político como um verdadeiro contrato entre o povo e os chefes que escolhe, contrato pelo qual as duas partes se obrigam à observância das leis nele estipuladas e que formam o liame de sua união”⁷³⁸.

De fato, como se apresenta em boa parte do terceiro capítulo⁷³⁹ do texto de *Starobinski*, Rousseau, no *Contrato Social*, manifesta e codifica os seus pensamentos sobre a realidade da sociedade à qual, segundo ele, tende a desagregar-se. Fragmenta-se pelo fato de que o homem não quer mais reconhecer seus semelhantes, está tão preso a si, tão cheio de egoísmo que não é capaz de reconhecer o outro. Pleno do instinto de rivalidade e de amor próprio enquanto vive na sociedade civil, distancia-se dos outros, logo, carregado de orgulho é impedido de fomentar a paz na vida social. Não é possível

⁷³⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Do Contrato Social*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997c, p. 85. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.-J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 368.

⁷³⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997a, p. 107. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les Hommes”, Première partie, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 184.

⁷³⁹ O terceiro capítulo do livro Jean-Jacques Rousseau a Transparência e o Obstáculo é reservado à problemática da solidão. Neste momento, Rousseau não está preocupado com o julgamento dos homens sobre a sua pessoa, o seu comportamento, etc. A preocupação do genebrino está voltada para a questão da sociedade como antítese à natureza, portanto, seu afastamento do tumultuado mundo teve como um dos motivos a busca do frescor da natureza. No estado solitário Rousseau sente-se feliz e recobra a imagem de um tempo em que o mundo era mundo. Apesar dos conflitos sociais e no convívio natural que sua alma encontra a paz. Cfr. Starobinski, Jean, “*Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o Obstáculo*”, trad. Maria Lúcia Machado, Companhia das Letras, São Paulo, 1991, pp. 45-74.

o bem-estar da sociedade se o homem não é transparente com seu próximo e o vê como obstáculo, impedimento ao seu crescimento.

É o próprio Rousseau que se afasta desse mundo para melhor compreender os problemas da sociedade e apontar um direcionamento, tendo em vista a realização do homem. Ao averiguar as condições para uma boa sociedade e as circunstâncias necessárias para o retorno à unidade perdida, o genebrino chega à conclusão que tal propósito passa pela igualdade de direitos dos partícipes, isto reflete em um dos conceitos caro à filosofia, desde a sua origem, o conceito de justiça. A justiça é o fundamento da paz e ela acontece na sociedade do *Contrato* quando todos passam a se sentir responsáveis por aquilo que acordam.

As influências de instituições políticas antigas sobre a formação do Estado Moderno foram marcantes. O Estado tem o seu início com o fim do teocentrismo feudal e foi apresentado, na sua forma de desenvolvimento, de três modos: “Estado Estamental, durante os séculos XV e XVI; Estado Monárquico absoluto, durante os séculos XVII e XVIII e Estado Democrático, que tem sua origem no pós Revolução Francesa com duração até nossos dias”⁷⁴⁰. Os filósofos que refletiram sobre a concepção de Estado e sociedade agrupam-se em duas vertentes, conforme *Norberto Bobbio*⁷⁴¹: “o modelo jusnaturalista e o modelo hegeliano-marxista”, ambos se contrapondo.

Por que um novo estado? Devido a estrutura da sociedade do *ancien regime* que tem uma postura desigual, impositiva, sendo a sociedade dos fortes que mantem uma unidade contra os fracos e desacreditados que vivem uma paz mentirosa outra alternativa não há senão planejar outra possibilidade de estado. Do jeito em que as leis e política estatal se encontram não se constrói uma sociedade justa, é preciso que as vontades se reúnam em uma só e que todos que participam desta sociedade estejam integrados num só propósito, do contrário acontece a anarquia:

“É no governo que se encontram as forças intermediárias, cujas relações compõem a relação do todo com o todo, ou do soberano com o Estado. (...) O Governo recebe do soberano as ordens que dá ao povo e, para que o Estado permaneça em bom equilíbrio, é preciso que, tudo compensado, haja igualmente entre o produto ou o poder do Governo, tomado em si mesmo, e o produto ou a potência dos cidadãos, que de um lado são soberanos e de outros súditos. (...) Se o soberano que governar ou se o magistrado quer fazer leis ou, ainda, se os súditos recusam-se a obedecer, a desordem toma o lugar da regra, a força e a vontade não

⁷⁴⁰ Cfr. Naef, Werner. “*La Idea del Estado em la Edad Moderna*”, Aguilar, Madrid, 1973, p. 35ss.

⁷⁴¹ Para um maior aprofundamento sobre a formação dos Estados modernos apontamos para o clássico livro de BOBBIO, Norberto/ BOVERO, Michelangelo, “*Sociedade e Estado na Filosofia Política Moderna*”, Brasiliense, São Paulo, 1987, p. 84ss.

agem mais de acordo e o Estado, em dissolução, cai assim no despotismo ou na anarquia”⁷⁴².

Levando-se em consideração estes aspectos: formação do homem para a vida em sociedade e construção de um estado que, como organismo político, possibilite o bem-estar na vida social, Rousseau torna-se consciente de algumas perdas, onde aqueles direitos naturais, próprios do período natural são substituídos pelos direitos civis. Ora, cada cidadão governado abre mão dos seus direitos individuais em detrimento dos direitos civis, há uma alienação desses direitos em virtude da sociedade política. A alienação e a restituição se dão concomitantemente: aos cidadãos são assegurados os direitos efetivos por meio das leis estabelecidas. Tal garantia mostra-se mais vantajosa que a defesa impulsiva dos direitos de cada indivíduo como acontecia no estado de natureza.

O homem que experienciou a bondade natural é fruto do estado de natureza. Mas, assim como a água que jorra não retorna à fonte, recobrar aquele estado vivido pelo homem é impossível; a vida pautada na bondade natural ou pelo menos num estado ideal não há mais possibilidade. Diferente do *Emílio* e do Segundo Discurso, ao escrever o *Contrato*, Rousseau se abstrai da natureza e da história, não se procura a origem empírica do direito e do estado, mas com uma nova metodologia constitui uma ordem política conforme as exigências da justiça e da razão.

A liberdade é sempre a razão e o fim do *Contrato*, não se trata mais da liberdade natural, fonte de escravidão moral e política, mas a liberdade de um ser de razão que impõe a si a lei à qual deve obedecer. O ideal de sociedade preconizado por Rousseau é aquele onde cidadãos podem participar com plena liberdade e autonomia da vida política da comunidade. A liberdade e a noção implícita de autonomia conferem unidade ao discurso pedagógico-político; a partir daí se compreende as críticas aos efeitos negativos causados pela ordem social, pelo ordenamento político, pela má educação e ausência da ética.

Se a sociedade é marcada por tamanha desigualdade social é preciso que se entenda que ela não é natural, mas historicamente produzida e como tal pode ser revertida. Houve um processo de consolidação da não igualdade humana a partir do momento que predominou a posse, neste ínterim, apresenta o genebrino, o início da

⁷⁴² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Do Contrato Social ou Princípios do Direito Político*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997c, pp. 137-138. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Du contract social ou Principes du droit politique*”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 397.

sociedade civil: “O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer isto é meu e encontrou pessoas suficientemente simples para acreditá-lo”⁷⁴³. A partir do momento que se constitui a lei e se justifica o direito de propriedade nasce um novo instituto social que principia um mal na sociedade, a desigualdade, tema que será questionado e combatido nos textos rousseauianos.

Mas como o homem natural do discurso se torna o homem moral do Contrato? Mediante o Estado. Rousseau é eminentemente um crítico severo do individualismo ético e político. Também sob este aspecto ele reagia contra uma tendência geral da época e proclamava que só no Estado o indivíduo é livre e encontra as condições da vida moral. O problema do Estado se torna um problema moral. Só no Estado as ações conquistam a moralidade.

No Estado, garantir os direitos dos cidadãos mediante convenções legais, compensa em forma de segurança e liberdade moral, a perda dos direitos individuais:

“A passagem do estado de natureza para o estado civil determina no homem uma mudança muito notável, substituindo na sua conduta o instinto pela justiça e dando às suas ações a moralidade que antes lhe faltava. (...) Embora nesse estágio se prive de muitas vantagens que frui da natureza, ganha outras de igual monta: suas faculdades se exercem e se desenvolvem, suas ideias se alargam, seus sentimentos se enobrecem, toda a sua alma se eleva (...)”⁷⁴⁴.

Na vastíssima literatura que busca interpretar os muitos pontos polêmicos da obra de Jean-Jacques Rousseau, dentre eles a vinculação educação-política, não há mais controvérsia sobre a disseminação desta proposição em diversos trabalhos. O *Emílio* é fundamental ao estudar o tema, sim, mas ao seu lado está o *Contrato Social*. Quando se refere ao cidadão e o Estado, ao homem moral e o indivíduo isolado não se pode olvidar o processo de renaturalização; é impossível deixar sair da memória aqueles traços iniciais do homem natural e o processo de reintegração na sociedade, muito bem explanado pelo genebrino, no Segundo Discurso.

⁷⁴³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997a, p. 87. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les Hommes”, Première partie, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 164.

⁷⁴⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Do Contrato Social ou Princípios do Direito Político*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997c, pp. 77. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 364.

A crítica radical à sociedade, a reconstrução racional do futuro e a estratégia complexa para atuação do homem bem formado estão no coração da pedagogia de Rousseau, encontram-se presentes na obra. Há uma unidade sobre estes temas⁷⁴⁵ através do específico e original modo pelo qual soube articulá-los a partir do discurso pedagógico-político, portanto, entende-se o discurso pedagógico ao lado do discurso político o ponto nevrálgico do pensamento de Rousseau.

Assim, deseja-se argumentar favoravelmente à vinculação entre o *Contrato Social* e o *Emílio ou Da Educação* na matéria pedagogia-política. Entender conceitos fundamentais de formação do educando implica uma compreensão da concepção da vontade geral, das leis, do papel do legislador, religião civil, do sentido de uma igualdade social. As lições políticas apresentadas nas páginas do *Contrato*, contém um programa complexo que se desenvolve em uma teoria do Estado que converge plenamente para uma sociedade onde o homem viva nas condições de igualdade.

Se no Segundo Discurso, o genebrino aborda uma sociedade desigual, corrupta, que favorece à classe burguesa, fazendo com que os homens vivam submetidos às ordens da mesma, onde existe um Contrato que favorece aqueles que usurparam o bem comum e cercaram-no como se deles fosse, percebe-se uma crítica radical aos proprietários de bens que exploram o povo gerando uma desigualdade social, corrupção, degeneração da sociedade; no *Contrato Social* há o pacto onde todos estão de comum acordo com as leis, há o predomínio do interesse comum⁷⁴⁶, onde os homens possuem uma virtude como prática cidadã.

No *Contrato* de Rousseau tudo converge para uma transformação radical do homem plenamente integrado em uma sociedade em que se vive a condição do bem comum. Neste estado que é republicano, a soberania é do povo e se exercita através de momentos participativos. Não se pode perder da memória que a forma de organização política proposta por Rousseau não está desvinculada do contexto vivido pelos filósofos contratualistas. A sociedade do século XVII e XVIII está marcada por um modelo econômico e social que influencia de modo determinante no contexto político. A formação social que está na base do Estado absolutista de Hobbes:

⁷⁴⁵ Sobre o tema da unidade no pensamento rousseauiano há o texto clássico de *Ernest Cassirer*, *The question of Jean-Jacques Rousseau*, Indiana University Press, Bloomington-Londres, 1975. Publicado em alemão. Em português tem como título *A Questão Jean-Jacques Rousseau*. Tradução: Erlon José Paschoal e Jézio Gutierre, editora UNESP, São Paulo, 1999.

⁷⁴⁶ Cfr. Fetscher, Iring, “*La Filosofia Política di Rousseau: per la storia dell concetto democratico di libertà*”, Feltrinelli, Milão, 1977, p. 42. O autor analisa o *Contrato* a partir do contraponto com o *Discurso sobre a Origem e o Fundamento da Desigualdade entre os Homens*. Chega a falar de dois contratos alternativos presentes na obra de Rousseau.

“Diz-se que um Estado foi instituído quando uma multidão de homens concordam e pactuam, cada um com cada um dos outros, que a qualquer homem ou assembleia de homens a quem seja atribuído pela maioria o direito de representar a pessoa de todos eles, todos os que votarem contra ele, deverão autorizar todos os atos e decisões desse homens ou assembleia de homens”⁷⁴⁷ .

E do governo liberal de Locke:

“Sendo os homens, por natureza, todos livres, iguais e independentes, ninguém pode ser expulso de sua propriedade e submetido ao poder político de outrem sem dar consentimento. A maneira única em virtude da qual uma pessoa qualquer renuncia à liberdade natural e se reveste dos laços da sociedade civil consiste em concordar com outras pessoas em juntar-se e unir-se em comunidade para viverem com segurança, contato e paz umas com as outras, gozando garantidamente das propriedades que tiverem e desfrutando de maior proteção contra quem quer que não faça parte dela”⁷⁴⁸ .

Enquanto regimes políticos são diferentes, mas no exercício da atividade política e econômica, no dia a dia do povo eles são muito parecidos porque privilegiam a individualidade, a propriedade, justificam a situação atual de dominados e dominadores porque não há sociedade de mercado sem classes e sem aqueles que são donos do modo de produção. Ambos se caracterizam por uma ordem mercantil e de total individualismo⁷⁴⁹ . Rousseau, por sua vez, vai além da preocupação da ordem política: absolutismo, democracia, a razão de ser do *Contrato* está, também, em demonstrar que cada um desses regimes corresponde como pressuposto uma diferente formação econômico social.

2. O contrato e a religião civil

É dever incontornável de todos aqueles que pensam a partir do respeito aos direitos e a liberdade a tarefa de construir uma sociedade justa. Com as novas mudanças ocorridas na sociedade Moderna: crescimento populacional, aumento das concentrações nos grandes centros, os burgueses enriquecendo cada vez mais e aumentando o fosso entre as classes sociais, o poder político distante do povo, enfim, remoções provocadas pela nova ordem social, etc., o genebrino nota a presença de um povo sem referência,

⁷⁴⁷ Cfr. Hbbes, Thomas, “*Leviathan*”, Coleção Os pensadores, tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva, Abril Cultural, São Paulo, 1983, p. 107.

⁷⁴⁸ Cfr. Locke, John. “*Ensaio Acerca do Entendimento Humano*”, Segundo tratado sobre o governo, Tradução de Anoar Aieix. 5.ed. Nova Cultural, São Paulo, 1991, p. 253.

⁷⁴⁹ Para um melhor entendimento sobre o problema do individualismo cfr: Macpherson, C.B. *A Teoria Política do Individualismo Possessivo: de Hobbes até Locke*, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979.

vivendo como se fossem anômalos: “os homens não são feitos para serem amontoados em formigueiros, mas para se espalharem pela terra que devem cultivar”⁷⁵⁰.

Toda a conformação estatal deve contribuir para sanar aquilo que dificulta a unidade social. Se por um lado a proposta apresentada por Rousseau foi pela via da consciência, da educação, por outro, não esqueceu que dentre as ações políticas perfiladas pelo Estado apresenta-se a religião. Se na mentalidade do autor do *Contrato* está a harmonia das classes sociais, dos indivíduos e a construção de uma identidade social, visando a garantia de leis justas e que os cidadãos a elas obedecessem de forma livre, necessário se faz uma instituição que auxilie na formação moral. Eis, portanto, o valor e importância da religião civil apresentada por Rousseau, ela torna-se um suplemento que auxilia e fortalece a lei, possibilitando um maior nexo e melhor adequação entre indivíduo e sociedade.

A tônica abordada por Rousseau na questão religiosa se baseia, não na presença em rituais vazios, mas na total participação do homem na sociedade, seus atos, ações, comportamentos que reflitam o respeito, a liberdade, a prática da justiça. Os fundamentos do significado religioso que percebe-se na religião civil e no Segundo Discurso não estão na dimensão vertical: Eu e Deus. Visão tradicional que se perpetua até os dias de hoje quando se fala no discurso religioso; o credo apresentado por Rousseau é totalmente civil: “Há, pois, uma profissão de fé puramente civil”⁷⁵¹. A disposição da religião tem outra visão, outra vertente, aquela que se estabiliza de modo horizontal, isto é, entre a sociedade, o Eu e o Outro.

A questão religiosa é parte da dimensão humana enquanto membro de uma sociedade. Presença em todas as culturas, em todos os povos, em todos os tempos e assumindo diversas formas, doutrinas e princípios éticos, buscando o sentido da vida e, ao mesmo tempo, dando uma resposta para a questão da transcendência, a religião é da natureza do Estado⁷⁵². A religião tem suas especificidades, mas tem também um patamar de moralidade e profunda penetração na vida social, na política e na formação social de um povo:

⁷⁵⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Carta sobre a Providência*”. In: Carta a Cristophe de Beaumont e outros escritos sobre a Religião e a Moral/ J. J. Rousseau; organização e apresentação José Oscar de Almeida Marques, Estação Liberdade, São Paulo, 2005, p. 19.

⁷⁵¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Do Contrato Social ou Princípios do Direito Político*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997c, p. 241. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Du contract social ou Principes du droit politique*”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 468.

⁷⁵² Para maior aprofundamento sobre o tema da Religião Civil e suas implicações políticas remeto ao trabalho do prof. Dr. Genildo Ferreira da Silva, Dissertação de doutoramento, UNICAMP, 2004, cujo Título: Rousseau e a Fundamentação da Moral: Entre Razão e Religião.

“Distingo na religião duas partes, além da forma de culto que é apenas um cerimonial. Essas duas partes são o dogma e a moral. [...] Quanto à parte da religião que diz respeito à moral, quer dizer, à justiça, ao bem público, à obediência às leis naturais e positivas, às virtudes sociais e a todos os deveres do homem e do cidadão, cabe ao governo conhecê-la. Apenas nesse ponto a religião entra diretamente sob sua jurisdição, devendo ele banir não o erro, do qual não é o juiz, mas todo sentimento nocivo que tende a romper o liame social”⁷⁵³.

As implicações da religião que Rousseau propôs trouxeram como sustentáculo a visão de sociedade e concepção de Deus: “(...) creio em Deus tão fortemente quanto em qualquer outra verdade(...)”⁷⁵⁴. Daí um compromisso religioso que vise estritamente assumir um papel social de valorização do homem e prática da verdade que aqui se coloca com o mesmo sentido da justiça: “porque, se, por um lado, é permitido à razão questionar e especular, por outro lado, o mesmo não ocorre com a fé, a qual”⁷⁵⁵ segundo Rousseau: “(...) não pode permanecer muito tempo em suspenso e se decide sem ela [razão]”⁷⁵⁶. De tal forma passa-se a entender que: “O dogma não é nada, a moral é tudo, Deus não exige que creiamos pois não nos dá esse poder, mas exige a prática da virtude porque cada um é senhor das suas ações (...)”⁷⁵⁷.

Onde está a base para sustentação do sentimento religioso? Em primeiro lugar na visão natural que leva consigo, Deus se revela na própria natureza; em segundo lugar a afirmação que: “não confundamos o cerimonial da religião com a religião. O culto que Deus pede é o do coração, e este, quando sincero é sempre uniforme”⁷⁵⁸; terceiro é uma visão de comprometimento com a vida em sociedade, assim ele se expressa na profissão de fé do vigário: “o que importa ao homem é cumprir seus deveres na terra”⁷⁵⁹. Em

⁷⁵³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Cartas escritas da montanha*”, Trad. Maria Constança Peres Pissarra e Maria das Graças de Souza. Ed. Unesp; Educ, São Paulo, 2006, 156-157. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Lettres écrites de la montagne*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 694-695.

⁷⁵⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Lettre de J.J. Rousseau a M. de Voltaire*”, in *J.-J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 1070.

⁷⁵⁵ Cfr. Martins, Custódia Alexandra Almeida, “*A pedagogia de Jean Jacques Rousseau: Praxis, Teoria e Fundamentos*”, CIED, Braga, 2009, p. 390.

⁷⁵⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Lettre de J.J. Rousseau a M. de Voltaire*”, in *J.-J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 1070.

⁷⁵⁷ Ibidem, p.1077.

⁷⁵⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 420. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l'éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 608.

⁷⁵⁹ Ibidem, p. 421. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l'éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 608.

momento algum o genebrino deixa de visualizar e apontar alguns atributos a Deus: “perfeito”⁷⁶⁰, “justo, sábio e poderoso”⁷⁶¹.

Adota-se a tese de que Rousseau foi um cristão, mas a condição em que apresenta o seu cristianismo é problema, pois, as raízes do protestantismo se fazem presentes, bem como, os ensinamentos do catolicismo romano, a influência do teísmo, próprio da sua época, e, também, suas convicções pessoais, exemplo a não crença no pecado já que o homem nasce bom por natureza. Todas estas visões estão disseminadas na proposta de Rousseau, mas um tema circundava todos estes: “Eu sinto, creio nela, quero-a, espero por ela, defendê-la-ei até ao meu último suspiro; e essa será, de todas as discussões que terei sustentado, a única em que meu interesse não será esquecido”⁷⁶².

É da forma citada acima que Rousseau se refere à providência: “Entenda-se, contudo, que, na economia do pensamento rousseauneano, a Providência divina tem um sentido cósmico geral e não um sentido de uma Providência atenta à vida de cada ser humano”⁷⁶³. Por ter sido educado com princípios da fé cristã, para os pensadores do cristianismo, Rousseau não passa de um deturpador do evangelho, veja o posicionamento de um intelectual católico, *Maritain* sobre o pensamento religioso de Rousseau: “(...) desnaturou o Evangelho arrancando a ordem sobrenatural, transpondo certos aspectos funcionais do cristianismo ao plano da simples natureza (...). O rousseuismo é uma radical concepção naturalista do sentimento cristão”⁷⁶⁴.

Conforme *Maritain*: “desnaturar o evangelho” significa extrair os pontos fundamentais da fé protestante e ressequir os fundamentos dogmáticos do catolicismo: Revelação, Redenção, Encarnação, Graça, e desacreditar nos conteúdos evangélicos sobre os mistérios e milagres: “mesmo os que ainda consideram como um cristão devem reconhecer que subsiste em Rousseau apenas um cristianismo empobrecido, privado dos seus dogmas essenciais”⁷⁶⁵; por sua vez, o comentador *Masson* expressa sobre esta problemática: “A religião de Rousseau é um cristianismo não somente sem disciplina

⁷⁶⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques. “*Lettere de J.J. Rousseau a M. de Voltaire*”, in J.-J. Rousseau: (Euvres completes, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 1070.

⁷⁶¹ Ib..

⁷⁶² Ibidem, p. 1075.

⁷⁶³ Cfr. Martins, Custódia Alexandra Almeida, “*A pedagogia de Jean Jacques Rousseau: Praxis, Teoria e Fundamentos*”, CIED, Braga, 2009, p. 391.

⁷⁶⁴ Cfr. Maritain, Jacques. “*Trois Réformateurs: Luther, Descartes, Rousseau*”, Librairie Plon, Paris, 1937, pp. 204 e 2011.

⁷⁶⁵ Cfr. Silva, Genildo Ferreira. “*Rousseau e a Fundamentação da Moral: Entre Razão e Religião*”. Dissertação de doutoramento, UNICAMP, 2004, p. 207.

doutrinal (...), é ainda um cristianismo sem redenção e sem arrependimento, de onde o sentimento do pecado desapareceu”⁷⁶⁶. Tornou-se um cristianismo vulgar.

Utilizando um recurso literário crítico sobre a posição de Rousseau frente aos dogmas da religião cristã, outro renomado comentador se posiciona com altivez mostrando que o genebrino pouco admite e nada acredita nos fundamentos cristãos, seja de linhagem protestante, seja de vertente católica: Revelação, Graça, Redenção, Pecado e assim se expressa: “se aconteceu as vezes a Rousseau pensar ou sentir como cristão, sua ternura de espírito, seus sentimentos dominantes, suas fórmulas próprias se assemelham, no entanto, mais à alma antiga que à mentalidade cristã”⁷⁶⁷.

Desde que a religião não vá pelo caminho do verbalismo com explicações obscuras e tenha um significado que possa ser entendido pelo viés da moral, nada há de mal que elas existam e cumpram suas atividades: “Mantenham sempre vossos filhos no círculo estreito dos dogmas que se relacionam com a moral. Convençei-os de que para nós não há nada de útil a saber além do que nos ensina a agir bem”⁷⁶⁸. O que não pode acontecer é ter uma religião com princípios como este: “fora da igreja não há salvação”. O que o nosso filósofo propõe é uma religião tolerante, que supere aquela radical alteridade entre religião e política imputada ao cristianismo e que Rousseau considerava perigosa para o êxito de um estado e absolutamente contrário ao espírito social:

“Não se trata de tolerantismo, pois a tolerância em Rousseau não se confunde com indiferença teológica ou aceitação irrestrita dos outros cultos, como se tolerar fosse o mesmo que ser condescendente em matéria de religião; muito pelo contrário, o Estado tolerante não deixa de excluir certas doutrinas, de tal modo que a tolerância se apresenta nos textos de Rousseau não como aceitação absoluta das diversas religiões, mas tão-somente como uma condição necessária para a manutenção da unidade do corpo político”⁷⁶⁹.

A proposta de uma religião que não seja um estorvo para o exercício da liberdade, da igualdade e da tolerância fica muito bem definida no discurso rousseaneano porque, no fundo, ele quer salvaguardar a identidade religiosa do homem. Que identidade é esta? Aquela em que o homem não precisa de religião com

⁷⁶⁶ Cfr. Masson, P. Maurice, *La Religion de J.-J. Rousseau*, Slatkine, Genebra, 1970, p. 294.

⁷⁶⁷ Cfr. Derathé, Robert, “Jean-Jacques Rousseau et Le Christianisme”. In *Revue de Métaphysique et de Morale*, Paris, PUF, 1948b, p. 413-414.

⁷⁶⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 556. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l'éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 729.

⁷⁶⁹ Cfr. Kawauche, Thomas. “*Tolerância e Intolerância em Rousseau*”. Texto apresentado no VII Colóquio Nacional Jean-Jacques Rousseau: Política e Moral, Fortaleza, Ceará, 2015.

dogmas, preconceitos e uma tradição hierárquica sob a base da autoridade dos homens. O homem deve procurar sempre as verdades evidentes que justifica o sentimento interior e a sua consciência. Neste ínterim encontramos a posição de Júlia frente à postura dos místicos, assim nos lembra Gouhier:

“(…) quando eles nos afastam de nossos deveres e quando, enfastiando-nos da vida ativa pelos encontros da contemplação, levam-nos a esse quietismo do qual me imaginei tão próxima e do qual creio estar tão longe quanto vós. Servir a Deus não é passar a sua vida de joelhos em um oratório, eu sei bem; é realizar sobre a terra os deveres que ele nos impôs, é fazer, com o objetivo de satisfazê-lo, tudo o que convém ao estado em que ele nos deixou. (…). É preciso, primeiramente, fazer o que se deve e depois orar quando se pode”⁷⁷⁰.

Não poderá haver um princípio religioso sincero enquanto uns poucos têm tudo ou tudo está bem para muitos poucos. O princípio religioso rousseauiano passa por um prisma prático, qual seja, tudo deve estar bem para todos e ao viver na sociedade é preciso respeitá-la, o mesmo se diz para o homem e seus direitos. A busca do bem comum e da sociedade é o fundamental. Com esta atitude, o homem se torna verdadeiramente um homem religioso, um fervoroso adepto da religião republicana e civil que não tem dogmas, mas sentimentos de sociabilidade, feita de amor pela lei, para a justiça e para o dever:

“A religião civil é a que convém à nossa situação de homem dividido que, com o artifício da consciência combina com a razão para estabelecer seus dogmas simples, utiliza nossas paixões legítimas para os ritos e tenta restabelecer a unidade do homem que foi rompida e que só se reconstitui no grupo”⁷⁷¹.

Embora Rousseau utilize sua crítica de forma peculiar visando combater o mal da história e da sociedade ele não deixa de fazer uma autocrítica. Se ele desejava uma forma de religião comprometida com o Estado e com as mudanças sociais é porque já percebera que toda a sua formação religiosa, inclusive a forma com que vivenciava seu ser religioso era deteriorada e o seu compromisso com a religião cristã de origem protestante ou de matriz católica não era verdadeiro. Ao propor para a sociedade uma religião civil, também estava propondo para si uma nova forma de ser religioso que

⁷⁷⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Nova Heloísa”, VI, carta 8 apud Gouhier, R, H. “*Les méditations métaphysiques de Jean-Jacques Rousseau*, Librairie Philosophique J. Vrin, Paris, 2005, p. 127.

⁷⁷¹ Cfr. Ravier, André. “Le Dieu de Rousseau et le Christianisme”, In: *Archives de philosophie*, Paris, tome 41, cahier 3, 1978, p. 353-434.

pudesse deixá-lo sereno, apaziguado com sua consciência. Por isso, a manifestação da fé em uma dada sociedade é elemento fundante em seu discurso político.

Antes mesmo de apresentar os pressupostos da Religião Civil faz a crítica àquelas instituições religiosas que nortearam o destino do povo no quesito fé. Elas se apresentam em três espécies e todas têm seus defeitos na matéria política:

“A religião considerada em relação à sociedade, que é geral ou particular, pode também dividir-se em duas espécies, a saber: a religião do homem e a do cidadão. A primeira, sem templos, altares e ritos, limitada ao culto puramente interior do Deus supremo e aos deveres eternos da moral, é a religião pura e simples do Evangelho, o verdadeiro teísmo e aquilo que pode ser chamado de direito divino natural. A outra, inscrita num só país dá-lhe seus deuses, seus padroeiros próprios e tutelares, tem seus dogmas, seus ritos, seu culto exterior prescrito por lei. Afora a única nação que a segue, todos os demais para ela são infiéis estrangeiros e bárbaros; ela só leva os deveres e os direitos do homem até onde vão seus altares. Foram assim as religiões dos primeiros povos, às quais se pode dar o nome de direito divino civil ou positivo. Há uma terceira espécie de religião, mais estranha, que, dando ao homem duas legislações, dois chefes, duas pátrias, o submete a deveres contraditórios e o impede de poder ao mesmo tempo ser devoto e cidadãos. Tal é a religião dos lamas, a dos japoneses e a do cristianismo romano. Pode-se chamar, a esta a religião do padre. Dela resulta uma espécie de direito misto e insociável que não tem nome”⁷⁷².

A curiosidade rousseaneana fez com que encontrasse na Religião Civil, não somente a tentativa de resposta para satisfazer os seus críticos sobre o problema da fé, uma vez que era tido como ateu por pastores, bispos e padres, para isto, fundamenta sua proposta religiosa em alguns princípios dogmáticos:

“Os dogmas da religião civil devem ser simples, em pequeno número, enunciados com precisão, sem explicações ou comentários. A existência da Divindade poderosa, inteligente, benfazeja, providente e provisora; a vida futura; a felicidade dos justos; o castigo dos maus; a santidade do contrato social e das leis – eis os dogmas positivos. Quanto aos dogmas negativos, limito-os a um só: a intolerância, que pertence aos cultos que excluimos”⁷⁷³.

Os elementos predominantes na constituição dos dogmas, visivelmente, apontam para uma posição conciliadora entre o que está em conformidade com seu espírito e a forma de pensar a religião em todos os tempos e todos os povos, sobretudo os cristãos de Paris sob o pastoreio do arcebispo Christophe de Beaumont. De acordo com a

⁷⁷² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Do Contrato Social ou Princípios do Direito Político*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997c, p.237. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 464.

⁷⁷³ Ibidem, p. 241. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 468.

averiguação feita por *Hume*: “se ela não é um instinto original, ao menos acompanha no geral a natureza humana e pode ser considerada como marca ou carimbo que obreiro deixa sobre sua obra”⁷⁷⁴.

Rousseau tem consciência da sua excentricidade nesta matéria e, não por acaso, escreve na carta ao arcebispo Beaumont:

“Por que um homem tem o direito de inspecionar a crença de um outro, e o Estado o de inspecionar a crença dos cidadãos? É porque se assume que a crença dos homens determina sua moral, e que das ideias que eles têm sobre a vida futura depende sua conduta nesta. Se não fosse assim, que diferença faria que cressem ou apenas fingissem crer? A aparência da religião serve apenas para dispensá-los de terem uma”. Na sociedade, cada qual tem o direito de se informar se um outro se crê obrigado a ser justo, e o Soberano tem o direito de examinar as razões sobre as quais cada um funda essa obrigação”⁷⁷⁵.

Por estarem despidos de um espírito autêntico, os contemporâneos de Rousseau não estão empenhados na busca de verdades que visem dissipar o mal social, principalmente aquelas de cunho moral, eis, portanto, o momento em que a Religião Civil e o Estado se interconectam em um processo quase missionário para que possam suprir essa carência a partir daquele momento que o indivíduo é convocado e aceita renunciar a liberdade natural em vista da vontade geral: “os particulares se unem por convenções, alienam em comum acordo sua liberdade natural em proveito de um rei ou de uma assembleia, dando nascimento a esse ‘ser moral’ ou mais exatamente a esse ‘atributo moral’ que se chama soberania”⁷⁷⁶.

É a Religião Civil que exerce o papel de mediadora em uma dimensão totalmente nova àquela que se atribui à religião oficial, o cristianismo; a religião cristã que se sedimenta na dimensão teológica para fundamentar seus preceitos e atos litúrgicos, àquela se torna estável e se consolida pelos laços sociais e submissão ao Estado que está presente na história, tem seus meios e fins, logo, é uma religião atrelada ao poder político, tem uma dimensão laica:

“Assim, os princípios do direito político podem ser descobertos e fundados fora de qualquer teodiceia, mas desde que se trate da vida cotidiana das cidades, a definição abstrata do

⁷⁷⁴ Cfr. Hume, David, “*Diálogos Sobre a Religião Natural*”, São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 468.

⁷⁷⁵ Cfr. Marques, José Oscar de Almeida, “*Carta a Christophe de Beaumont e outros escritos sob a religião e a moral / Jean-Jacques Rousseau*”; Organização, tradução e apresentação de José Oscar A. Marques, Estação Liberdade, São Paulo, 2005, p. 84.

⁷⁷⁶ Cfr. Derathé, Robert, “*Rousseau e a ciência política de seu tempo*”, trad. Natália Maruyama, Discurso Editorial/Barcarolla, São Paulo, 2009, p. 44.

cidadão toma forma concreta no homem, [...] esse homem a que se refere Rousseau conhece apenas o que é e o que deve ser consentido na Profissão de fé do vigário saboiano”⁷⁷⁷.

Quis, o genebrino, satisfazer a todos. As detrações que desabaram sobre Rousseau após apresentar suas convicções religiosas, por assaz cruéis, foram muitas e inusitadas. O fato é que por agudeza de espírito e perspicácia ou por sutileza quis corresponder ao interesse e a esperança de todo o staff religioso, não conseguiu. Desagradou ao Estado burguês, escandalizou o protestantismo, melindrou a instituição católica romana, o que mais queria a não ser criar a indignação?

No contexto de suas buscas sobre as questões religiosas afirma que: “Sempre disse a mim mesmo: tudo isso são apenas argúcias e sutilezas metafísicas que não têm nenhum peso ao lado dos princípios fundamentais adotados pela minha razão, confirmados por meu coração e que trazem todos o selo do assentimento interior no silêncio das paixões”⁷⁷⁸ o impulsionou cada vez mais a ser um homem taciturno, por opção pessoal escolhe, portanto, viver uma vida afastada de tudo e de todos. Nem mesmo alguns amigos como Hume e outros deixaram de lhe dar abrigo, procurá-lo, mas o experiente genebrino, autor e músico consagrado incide em erros por não considerá-los.

Como se isto não bastasse resolve não ter mais paciência para suportar as discórdias proveniente do mundo acadêmico, dos intelectuais contemporâneos. Diante da desavença inevitável, passou a almejar, copiosamente, a solidão e afastar-se. Trilha o seu caminho na mais absoluta convicção de que tornou-se avesso à sociedade, aos homens do seu tempo; afastou-se dos pretensos amigos, autodenominou-se homem da natureza, encontrou-se consigo mesmo, passou a viver livre e feliz a seu modo.

III – JEAN-JACQUES ROUSSEAU: DO PERCURSO ÉTICO-POLÍTICO AO AFASTAR-SE EDUCACIONAL

1. A Solidão e o Afastar-se

O homem Rousseau foi o contraponto do homem desfigurado pela sociedade. Se este era infeliz, desestruturado e incapaz de praticar o sentimento do amor-de-si,

⁷⁷⁷ Cfr. Gouhier, R, H, “*Les méditations méthaphysiques de Jean-Jacques Rousseau*, Vrin, Paris, 1984, p. 258.

⁷⁷⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Os Devaneios do Caminhante Solitário*”, trad. Fúlvia Maria Luiza Moretto, Editora da Universidade de Brasília, Hucitec, Brasília, 1986, p. 47. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Réveries du Promeneur Solitaire*”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p 1018.

Rousseau, ao contrário foi aquele que procurou, foi ao encontro da sua felicidade. Se foi ou não um homem feliz ainda não há, por parte dos comentadores, um consenso. Optamos pela opinião que, a partir do momento que se descobre homem de natureza e caminha, movimenta-se em sentido interior, do seu próprio eu, ele está vivendo a felicidade e não somente isto, vê, também a felicidade nos outros. Só encontra a felicidade quem se abre para ela e quem a procura, isto ele fez:

“A felicidade não possui marca exterior; para a conhecer seria preciso ler no coração do homem feliz, mas a alegria se lê nos olhos, no porte, no acento, no andar e parece comunicar-se àquele que a percebe. Pode haver um prazer mais doce do que ver um povo inteiro entregar-se à alegria, num dia de festa, e todos os corações desabrocharem aos raios supremos do prazer que passa rápida e intensamente através das nuvens da vida?”⁷⁷⁹.

Para bem entender este trajeto da felicidade que não aconteceu repentinamente, pode-se processar um movimento que vai da exclusão e decepção da vida social e aí chega à solidão, mas mesmo assim, convive com pessoas, participa de modo acanhado da vida social, mas mantém a solidão consigo; em outro momento caminha para o afastar-se, é a descoberta do pórtico interior, esse liame é feito com experiências e, como toda decisão, antes se passa pelo acrisolamento. Seja como solitário, seja com afastado, é importante salientar que Rousseau não se deixa ser alienado pelo sistema social, não é egoísta, sabe, com clareza qual é o seu lugar na sociedade.

Como ser solitário ou a caminho do afastar-se, como ser afastado ele jamais perdeu aquele sentimento puro e simples que só as pessoas felizes têm. A sua condição em meio à natureza ao final da vida foi a de bastar a si mesmo. Jamais Rousseau teria a concepção de homem para liberdade se não fosse ele próprio um se livre e desapegado de bens: “No fundo, a teoria pedagógica de Rousseau pretende levar o homem à clarividência, sendo que, nesse sentido, é preciso afastar a criança daquilo que dificulta essa visão e a confunde”⁷⁸⁰.

Concluimos então, que Rousseau não precisou se ajustar à sociedade, não precisou se igualar a tantos outros homens que revestidos de máscara apareceram como justos, amigos de todos; não, Rousseau fez a opção por ser feliz encontrando-se consigo mesmo: “mas, ao primeiro momento de descanso, volto a ser o que a natureza quis; este

⁷⁷⁹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Os Devaneios do Caminhante Solitário*”, trad. Fúlvvia Maria Luiza Moretto, Editora da Universidade de Brasília, Hucitec, Brasília, 1986, p. 117. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Rêveries du Promeneur Solitaire*”, in *J.J. Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1085.

⁷⁸⁰ Cfr. Martins, Custódia Alexandra Almeida, “*A pedagogia de Jean Jacques Rousseau: Praxis, Teoria e Fundamentos*”, CIED, Braga, 2009, p. 410.

é, apesar de tudo o que possam fazer, meu mais constante estado e aquele pelo qual, a despeito do destino, saboreio uma felicidade para a qual me sinto constituído”⁷⁸¹.

2. O homem Jean-Jacques Rousseau e o afastar-se

O paradoxal estilo de escrita imputado por Rousseau não impede a observância da idiosincrasia da natureza humana. Mesmo sofrendo as influências da cultura, do meio social, das diversas ramificações regionais, as intempéries, acidentes naturais, etc., a natureza se vê lastreada entre suas inclinações naturais e as exigências sociais independentemente de onde esteja a pessoa humana. O Homem, quase que instintivamente, acolhe estas influências tornando-se tão diferentes quanto a região na qual habita, por isso, que é bom conhecê-los se se pretende ter ciência daqueles que temos próximos a nós, isto é, apreciar, julgar, avaliar aqueles oriundos de culturas diferentes para que se possa ter um parâmetro para conhecer o homem que temos:

“Suponhamos um Montesquieu, um Buffon, um Diderot, um Duclos, um d’Alembert, Condillac ou homens dessa têmpera, viajando para instruir seus compatriotas, observando e descrevendo, como o sabem, a Turquia, o Egito, a Barbária, o império de Marrocos, a Guiné, o país dos Cafres, o interior da África e suas costas orientais, as Malabares, o Mongol, os rios do Ganges, os reinos de Sião, de Pegu e de Ava, a China, a Tartária e, sobretudo, o Japão. Depois, no outro hemisfério, o México, o Peru, o Chile, as terras Magelânicas, sem esquecer os patagões verdadeiros ou falsos, o Tucumã, Paraguai, se fosse possível, o Brasil e, por fim, as Caraíbas, a Flórida e todas as regiões selvagens. Seria a viagem mais importante de todas e a que se deveria fazer com maior cuidado. Suponhamos que esses novos Hércules, de volta das jornadas maravilhosas, escrevessem depois, à vontade, a história natural, à moral, à política do que tivessem visto: viríamos nós mesmos sair de sua pena um novo mundo e aprenderíamos assim a conhecer o nosso”⁷⁸²

O olhar de Rousseau sobre a realidade do seu tempo é tão aguçado que não perde a oportunidade de demonstrar a imagem do homem que os tradutores e narradores de viagens apresentam para os leitores e admiradores de todos os tempos. Os textos rousseauianos nos coloca em contato com o mundo e refletem a visão sobre o homem:

⁷⁸¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Os Devaneios do Caminhante Solitário*”, trad. Fúlvia Maria Luiza Moretto, Editora da Universidade de Brasília, Hucitec, Brasília, 1986, p. 113. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Rêveries du Promeneur Solitaire*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 1084.

⁷⁸² Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997a, p. 140. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les Hommes*”, Première partie, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 238.

“toda filosofia começa com o olhar do filósofo sobre o universo e sua vida cotidiana”⁷⁸³. Rousseau imagina um perfil de homem com sensibilidade para saber lidar com as discussões, debates, próprios de uma sociedade onde cada um tem seus interesses, conjectura um homem que se adeque e que não seja corrompido. Como ainda não há essa possibilidade, o genebrino propõe o *Emílio* como aquele que melhor reúne a relação entre as inclinações naturais e as exigências sociais.

O ambiente que circundava a vida de Rousseau foi marcado pela exposição educacional. Assim aconteceu na casa da Madame Warens, no seminário, o trabalho com preceptor na casa de Mably, etc., deste período há o trabalho *Projeto para a Educação de M. de Sainte-Marie*, um projeto voltado para dois jovens que além do saber precisava de boas maneiras. Não durou muito tempo este período de formação educacional. O único revés se deu com a educação dos seus filhos, cuja formação, ele gostaria de ter tido. Rousseau não educou seus filhos, todos foram entregues à roda dos expostos. Qual a razão que o levou a isso? Entregar seus filhos para que outros cuidassem foi uma decisão que o marcou, isto foi tão primordial que passou a dedicar a vida, ocupar-se intensivamente e durante anos, com os problemas da infância e de teorias educacionais.

Ao entregar os filhos para o orfanato, por que decide ocupar-se intensivamente e durante anos com problemas da infância e de teorias educacionais? Há justificativas para tal atitude e uma delas se torna plausível em um dos textos autobiográficos, nomeadamente, as *Confissões*:

“Tal solução pareceu-me tão boa, tão sensata, tão legítima, que, se não me gabava francamente dela, era apenas em atenção à mãe; (...) Tudo bem pesado, escolhi para os meus filhos o melhor ou o que julgava sê-lo. Teria desejado, desejaria ainda haver sido criado e alimentado como eles o foram.”⁷⁸⁴

Foi um gesto tão relevante que passou a ser entendido como uma das formas de inspiração para o desenvolvimento da sua maior obra, o *Emílio ou Da Educação*. Rousseau procurou manter uma coerência em suas ações, em suas vivências, a entrega dos filhos é um ato de afastar-se. Não seria capaz, com a vida que abraçou, sempre absorto na concentração dos seus ideais, dos seus escritos, na sua interioridade, na vida

⁷⁸³ Cfr. Gouhier, Henri, “*Les Méditations Métaphysiques de Jean-Jacques Rousseau*”, Paris, Vrin, 1984, pp. 9-10. Tal temática é abordada quando passa a refletir sobre a clássica posição apresentada por Rousseau entre Natureza e Cultura.

⁷⁸⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Confissões*”, Vol II. trad. Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa 1988, pp. 82-83. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Les Confessions de J.J Rousseau*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 357-358.

intelectual, construir um projeto pedagógico e ao mesmo tempo ser guardião, educador, professor, isso era impossível.

Então, o ato de entregar os filhos, pode ser visto como um sinal de fracasso? Não. Este ato foi motivo para termos uma teoria educacional partindo de um homem que foi solitário, afastou-se, recolheu-se, mas sobretudo amou a vida e a pessoa humana, ergueu o estandarte de que o homem, individualmente, deve estar preparado para não ser envolvido pelas artimanhas das instituições sociais e perder sua identidade, autonomia e liberdade. A inspiração para as brilhantes passagens do *Emílio* vem, exatamente, daquilo que ele gostaria de ter feito na educação e não fez. Se estivesse voltado para a educação dos filhos, para o acompanhamento, jamais conseguiria encontrar as concepções educacionais, muito menos a harmonização do pensamento entre educação e sociedade porque o vazio seria preenchido. .

A sensação de não ter educado inspira as ideias para o bom educador; o sentimento de não ter sido aquele que educou os filhos o fez entusiasmar-se, sentir e imaginar as etapas de crescimento desde criança até a fase adulta onde está preparado para a vida. Foi na condição de solitário e afastado de tudo e de todos, menos da natureza e do seu eu puro e simples que pode empreender a sua maior obra e ao mesmo tempo buscar resposta para o principal problema que o afligia: o que sou, afinal? Eis que responde com a mais absoluta convicção: “Mas eu afastado deles e de tudo, que sou eu mesmo? Eis o que me falta procurar. Infelizmente, essa procura deve ser precedida por um exame da minha situação. É uma ideia por que devo necessariamente passar para chegar deles a mim⁷⁸⁵. Ou seja, queria chegar ao conhecimento de si, mas sem deixar de amar o outro. Afastar-se, para Rousseau, não é uma atitude de rejeição a tudo e a todos, é tomar a justa medida para que o amor-de-si se complete.

Entende-se que, sem a experiência absorvida entre a solidão e o afastar-se, que permitiu o reconhecimento de si, tornou possível a maturação de ideias sobre a educação natural e proporcionou o tempo suficiente para organizá-las, com a tranquilidade que somente os solitários têm para produzir o novo, não seria capaz de nos presentear com tão grande dádiva. Sem estas experiências e frustrações, Rousseau não teria originado o grande tema educacional do *Emílio* e sua relação entre pedagogia e

⁷⁸⁵ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Os Devaneios do Caminhante Solitário*”, trad. Fúlvia Maria Luiza Moretto, Editora da Universidade de Brasília, Hucitec, Brasília, 1986, p. 23. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Rêveries du Promeneur Solitaire*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I. Éditions Gallimard, Paris, 1959, p. 995.

política. Afirma-se que o êxito de Rousseau na educação teve o seu início com as experiências frustradas.

Enquanto se manteve envolvido com os fatos ocorridos na sociedade até a tomada de decisão por afastar-se, Rousseau não tinha a visão do todo. Ao sair de Genebra e emblematicamente ver o pórtico desta cidade fechar-se atrás de si foi como, paradoxalmente, o mundo se abrisse para si. Ao afastar-se, sobretudo, do ambiente familiar, pode visualizar situações que a convivência com uma sociedade corrompida não permitia: compreender o homem na sua totalidade, sentimento e razão.

As próprias vivências que pode experimentar se tornaram a fonte inspiradora daquilo que pensa e escreve e a sua aplicabilidade. A experiência direta de preceptor não instituiu só o momento inicial que dá vida ao romance *Emílio*, mas se torna também a condição concreta e constante de possibilidade. A ideia de educação natural deriva daquilo que o autor pensou e sentiu durante e após as vivências e, talvez, sem estas vivências que lhe possibilitaram amarguras não teríamos a riqueza de material, a criatividade e metodologia educacional que perpassa as principais obras de Rousseau.

Em todo este contexto *Emílio* representa a essência universal da criança, entendida como sujeito singular em formação que não pode ser reduzido a um adulto. Rousseau tem a ideia de infância, cria um modelo de criança, um método educacional que é a educação natural para fazer do homem um paradigma para a sociedade. O *Emílio*, embora seja educado individualmente, vai ser formado para atuar na sociedade onde as decisões políticas são quase que cotidianas. A fase de preparação, que não é somente receber as instruções para resolver conflitos, mas sobretudo exercitá-los com o objetivo de senti-los, faz com que a educação tenha um forte viés político.

A vida social, em si, é marcada por embates, desavenças, jogo de interesse seja na esfera individual ou em classes e só se aprende a lidar com estas questões e trabalhá-las visando pôr um fim à degeneração social, quando se está a par do conhecimento empírico da política. O poder político e a educação ou a cultura devem buscar a harmonização, jamais a discórdia:

“O que Rousseau deplora é que o poder político e a cultura visem a fins discordantes. Pois ele está pronto a absolver a cultura, com a condição de que se torne parte integrante de uma totalidade harmoniosa, e não incite mais os homens a buscar vantagens e prazeres separados. Portanto, ele não sonha de modo nenhum com a extinção da ciência; ao contrário, aconselha conservá-la, mas suprimindo o conflito que opõe atualmente “o poder” e “as luzes”... Rousseau apela aos príncipes e às academias (sem dúvida por polidez em

relação à academia de Dijon). Mas, por trás da adulação de certas fórmulas, percebe-se nitidamente o voto de retorno à unidade, de um despertar da confiança, de uma comunicação reconquistada. Então, nada do que os homens pensaram e inventaram seriam rejeitado, tudo seria retomado na felicidade de uma vida reconciliada”⁷⁸⁶.

Enveredar pela proposta educacional de Rousseau requer confiança: ela preza pela vida “viver é o ofício que quero ensinar-lhe”⁷⁸⁷ e pelo conhecimento de si. Adequar sentimento e o saber adquirido é fundamental para que o aprendiz possa atuar em toda sociedade sob a orientação de qualquer constituição política. Mas, o viver em sociedade, tendência natural do homem, vai enlaçando esse homem a um outro, tanto quanto ao traço natural, quanto às marcas do homem civil, de antemão sabendo que há uma enorme tendência para se tornar homem-do-homem, que já é aquele adaptado ao formato e circunstâncias da ordem civil.

Adaptado às vivências sociais, o homem vai se distanciando das origens naturais. Inserido na sociedade não há mais como manter as raízes, é exatamente neste ponto que desagua a formação na tentativa de preservar as disposições naturais. Ao preparar o homem para viver em sociedade Rousseau quer zelar pelas virtudes naturais presentes, dentre elas a liberdade. Preservá-la no convívio social depende da formação, ela deve ser trabalhada visando a preservação, mas sabendo que quando atuar na sociedade civil haverá uma transição da liberdade natural para a liberdade civil, passagem que não é só tarefa da política.

O processo formativo leva em consideração que a liberdade não é uma propriedade da educação nem da política, a liberdade é do indivíduo, do homem, sendo assim, a educação só é possível quando o homem se predispõe a seguir o preceptor – sem a vontade livre para a vida social não seria possível formar o homem de acordo com o que Rousseau propõe. A proposta formativa que tem como base o respeito à ordem regular da aprendizagem, da liberdade, do sentimento, aquela que preserva o homem natural do caminho trilhado pelo homem social, pode ser o único rumo para encontrar o equilíbrio entre o indivíduo e o cidadão e para criar as condições para constituir uma sociedade bem ordenada. Qualquer outra tentativa de formação que não cuide deste aspecto, faz a opção pelo pior: “o homem, portanto, tinha sobreposto, na

⁷⁸⁶ Cfr. Starobinski, Jean, “*Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o Obstáculo*”, trad. Maria Lúcia Machado, Companhia das Letras, São Paulo, 1991, p. 44.

⁷⁸⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emílio ou Da Educação*”, trad. Roberto Leal Ferreira, Editora Martins Fontes, São Paulo, 2004, p. 15. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Emile Ou De l’éducation*”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 253.

educação, os seus critérios aos da natureza, tinha optado pela educação social em vez de ter respeitado as directrizes da natureza”⁷⁸⁸.

O reconhecimento das diretrizes da natureza é o primeiro passo para aceitar o pacto educacional proposto por Rousseau. Sobre esta temática Spink se pronuncia na primeira versão do *Emílio*⁷⁸⁹. A educação que não visa formar o homem para que tenha respeito com o preceptor, com as leis, com o pacto social estabelecido, com o amor à pátria não se configura dentro da metodologia reousseauneana, jamais poderá ser compreendida com a positividade da educação natural. Pelo fato do preceptor se doar ao educando através da companhia e da solidariedade, da observação atenta da sua performance, que respeita o processo de crescimento e aprendizagem, considera as ideias que vão tomando forma ao longo do período formativo, espontaneamente o educando responde de modo positivo ao processo e, isto é expresso quando o educando demonstra ter a confiança e tomar o remédio que possibilita a estatura necessária para fazer frente a degeneração social.

A atuação neste momento é fruto de toda tradição recebida, será o resultado da cultura, do ambiente, a ciência de toda construção histórica do homem, portanto, não há um momento certo em que todo esse cabedal de dados aflora, é uma construção, vê-se portanto, como a formação do homem, Emílio é um fundamento para a sociedade e daí mais um fato que possibilita a imbricação entre política e educação, assim, Rousseau expressa no *Discurso sobre a Economia Política*:

“Uma das máximas fundamentais do governo popular ou legítimo é a educação pública, segundo as regras prescritas pelo governo e os magistrados estabelecidos pelo soberano. Se as crianças são educadas em comum sob o princípio da igualdade, se são imbuídas das leis do Estado e das máximas da vontade geral, se são instruídas a respeitá-las acima de todas as coisas, se são envolvidas por exemplos e objetos que lhes falam o tempo todo da mãe terna que as alimenta, do amor que tenho? por elas, dos bens inestimáveis que recebem e do reconhecimento que lhe devem, não se pode duvidar de que aprendem assim a se querer mutuamente como irmãos, a querer apenas aquilo que quer a sociedade, a substituir o

⁷⁸⁸ Cfr. Martins, Custódia Alexandra Almeida, “*A pedagogia de Jean Jacques Rousseau: Praxis, Teoria e Fundamentos*”, CIED, Braga, 2009, p. 325.

⁷⁸⁹ “Rétrograder vers la première enfance, c’est en quelque sorte rétrograder vers l’avie primitive. Renoncer à l’éducation du citoyen, c’est défaire en quelque sorte le contrat social. Rousseau opérât une manière de retraite stratégique em remplaçant l’éducation publique par l’éducation privée, et cette retraite correspond à celle qui conduit vers la première jeunesse de l’élève (...)”. Cfr. SPSpink, J. S., “Première Version D’Émile”, in *J.-J. Rousseau: OEuvres completes*, Vol IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. LVII.

fatalatório vão e estéril dos sofistas por ações de homens e de cidadãos, e um dia se tornarão os defensores e os pais da pátria, da qual foram por muitos filhos”⁷⁹⁰.

Com tais argumentos se percebe o porquê a educação não está desvinculada dos demais temas da filosofia de Rousseau. Sem a educação não é possível a formação de similaridade sucessiva, o convergir das vontades particulares dos indivíduos que compõem a sociedade e a vontade geral. A educação é parceira e ao mesmo tempo projeto de formação do homem que atende à vontade geral: “a primeira e mais importante máxima do governo legítimo ou popular, ou seja, daquele que tem por objeto o bem do povo, é, pois, como já o disse, seguir em tudo à vontade geral”⁷⁹¹, à formação do cidadão, ao amor à pátria, à vontade particular que precisa estar conformada à vontade geral, para daí desembainhar a virtude:

“Não é suficiente dizer aos cidadãos que sejam bons; é preciso ensiná-los a ser; e o próprio exemplo, que neste sentido é a primeira lição, não é o único meio que se deve empregar: o amor à pátria é o mais eficaz, porque, como já disse, todo homem é virtuoso, quando sua vontade particular está em conformidade com a vontade geral e de bom grado quer aquilo que querem as pessoas que ama”⁷⁹².

Mas Rousseau fala do homem virtuoso, quem é este homem? Quando se tem a concepção de que a pátria é fundamental para o exercício da liberdade, é sinal de que alcançou o nível de formação desejada, ou seja, que o projeto educacional vingou e atingiu o ponto máximo porque, somente aquele que se despe de seus interesses particulares em favor do interesse comum, coletivo, por amor à pátria é capaz de ser considerado, aí está o homem virtuoso. A maior condição da virtude é o amor à

⁷⁹⁰ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discurso Sobre a Economia Política*”, trad. Maria Constança Peres Pissarra, Vozes, Petrópolis, 1996, pp. 40-41. Cf. “Discours sur l’Économie Politique”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, pp. 260-261.

⁷⁹¹ Ibidem, p. 28. Cf. “Discours sur l’Économie Politique”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 248.

⁷⁹² Ib., p. 34. Cf. “Discours sur l’Économie Politique”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 254.

pátria⁷⁹³. É a pátria o grande espaço público para o indivíduo exercer a plenitude da sua liberdade:

“A pátria não pode subsistir sem a liberdade, nem a liberdade sem a virtude, nem a virtude sem os cidadãos; isso é possível quando os cidadãos são educados para tal, caso contrário têm-se apenas escravos ruins, começando pelos próprios chefes de Estado. Ora, formar cidadãos não é trabalho para um dia, e, para que se façam homens, é preciso instruí-los desde crianças”⁷⁹⁴.

Para que se tenha indivíduos, homens virtuosos, dotados de liberdade e capacitados para viver em sociedade sem perder as raízes naturais é preciso que o Estado se predisponha a arcar com a responsabilidade da educação que será transmitida aos cidadãos e que seja desde a mais tenra idade, esta educação é aquela considerada pública:

“É preciso que desde o primeiro momento de existência se aprenda a merecê-la; e como, ao nascer, se participa dos direitos dos cidadãos, o instante do nascimento deve ser o começo do exercício dos deveres de cada um. Se existem leis para a fase adulta, devem existir também outras para a infância, e que ensinem a obedecer aos outros”⁷⁹⁵.

É ledó engano pensar que Rousseau, com tal proposta, queira deslegitimar a liberdade individual, ao contrário, ele deseja o homem exercendo a sua liberdade, isto porque a liberdade é algo intrínseco à natureza, ela está situada em frente ao projeto educacional rousseauiano. Ser livre e virtuoso passa pela identificação com outros seres livres e virtuosos e não pela exploração dos outros ou até mesmo pela exclusão política, aqui todos são partícipes porque agem em sociedade, obedecem as leis, vivem a liberdade civil impulsionados pelo sentimento e pela razão:

⁷⁹³ Referindo-se ao amor à Pátria logo se sobressai o interesse de todos e não de uma classe ou grupo. Para isto é preciso que o povo esteja imbuído de “O sentimento de humanidade parece que se dissipa ou enfraquece ao espalhar-se e que nós não nos sensibilizamos pelas calamidades da Tartária ou do Japão, tanto quanto pelas de um povo europeu. De qualquer forma, é preciso limitar e cumprir o interesse e a comiserção para lhe dar atividade. Ora, como essa inclinação só pode ser útil àqueles com quem vivemos, é bom que o sentimento de humanidade concentrado entre os cidadãos tenha neles uma nova força através do hábito de se reunir e pelo interesse comum a todos. É certo que os maiores prodígios de virtude foram produzidos pelo amor à pátria: esse sentimento doce e vivo que une a força do amor próprio a toda a beleza da virtude lhe dá uma energia, que, sem desfigura-la torna-a a mais heroica de todas as paixões. Foi ele que produziu tantas ações imortais cuja luminosidade cega nossos olhos fracos, e tantos grandes homens cujas antigas virtudes parecem fábula, depois que o amor à pátria tornou-se desprezível. (Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discurso sobre a Economia Política*” trad. Maria Constança Peres Pissarra, Vozes, Petrópolis, 1995, pp. 34-35.

⁷⁹⁴ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Discurso sobre a Economia Política*” trad. Maria Constança Peres Pissarra, Vozes, Petrópolis, 1995, p. 39. Cf. “Discours sur l’Économie Politique”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 259.

⁷⁹⁵ Ibidem, p. 40. Cf. “Discours sur l’Économie Politique”, in *J.J.Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 260.

“O que o homem perde pelo contrato social é a liberdade natural e um direito ilimitado a tudo quanto aventura e pode alcançar. O que com ele ganha é a liberdade civil e a propriedade de tudo que possui. A fim de não fazer um julgamento errado dessas compensações, impõem-se distinguir entre a liberdade natural, que só conhece limite nas forças do indivíduo, e a liberdade civil, que se limita pela vontade geral, e mais, distinguir a posse, que não é senão o efeito da força ou o direito do primeiro ocupante, da propriedade, que só pode fundar-se num título positivo. Poder-se-ia a propósito do que ficou acima, acrescentar a aquisição do estado civil a liberdade moral, única a tornar o homem verdadeiramente senhor de si mesmo, porque o impulso do puro apetite é escravidão, e à obediência à lei que se estatuiu a si mesma é liberdade”⁷⁹⁶.

Aquelas paixões que em tempos memoráveis foram vivenciadas com intensidade são experimentadas na sociedade civil. Durante o processo formativo, os sentimentos, as paixões e o afeto não foram eliminados pelo educador, foram trabalhados visando um objetivo: a transição do homem de natureza para o homem-do-homem. De forma que não há como se falar em uma liberdade civil excluindo os sentimentos, as paixões, mas há liberdade moral anulando a liberdade natural. É esta liberdade que faz com que o homem não venha sucumbir diante do fracasso do corpo político⁷⁹⁷.

Aí está o homem de Rousseau exposto a uma intensidade para qual o *Emílio* foi preparado, isto é, saber se equilibrar entre dois polos: natureza e sociedade. O cidadão virtuoso ultrapassa esse limiar com auto estímulo, com absoluta felicidade, numa busca íntima por si mesmo. Daí não excluir os elementos provenientes da natureza e que são trabalhados na formação: sentimento, paixão, liberdade se se quer construir o homem novo:

“Que me digam que qualquer um que tem homens para governar não deve procurar fora de sua natureza uma perfeição da qual eles não são suscetíveis; que não se deve querer destruir neles as paixões e que a execução de um tal projeto não seria igualmente desejável nem

⁷⁹⁶ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Do Contrato Social ou Princípios do Direito Político*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997c, pp.77-78. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 364-365.

⁷⁹⁷ Se por um lado havia a moralidade no Contrato social, por outro não se pode dizer o mesmo no Segundo Discurso; a moralidade não havia no estado de natureza. Na sociedade civil é justamente a moral que dará a possibilidade para o homem viver a liberdade, a ser pleno de autonomia e senhor do seu destino, de acordo com Rousseau: “a liberdade moral, única a tornar o homem verdadeiramente senhor de si mesmo”; “renunciar a liberdade é renunciar a qualidade de homem, aos direitos da humanidade e até aos próprios deveres. Não há recompensa possível para quem a tudo renúncia. Tal renúncia não se compadece com a natureza do homem e destituir-se voluntariamente de toda e qualquer liberdade equivale a excluir a moralidade de suas ações” (Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Do Contrato Social ou Princípios do Direito Político*”, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997c, p.62. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Du contract social ou Principes du droit politique”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p 349).

possível. Concordarei com tudo isto, mesmo porque um homem que não tem paixões certamente seria um mau cidadão”⁷⁹⁸.

Por isso Rousseau tem a preocupação pelo homem e diz que naquela sociedade não se encontra homens livres; para o filósofo genebrino os homens são: paixão, sentimento, razão, liberdade, autonomia. A política e a educação não existem para privar no homem ou obscurecer nenhum destes pressupostos, ao contrário, deve oferecer as condições para que atuem com o que a natureza e a sociedade civil lhe dão como possibilidade, contudo, que sejam homens livres.

Não saciado com a beleza, conteúdo e forma literária do *Emílio ou Da Educação*, o caminhante solitário prossegue com sua imaginação criativa, mostrando a importância e vigor de uma boa educação em outra obra de realce filosófico e educacional, *Emílio e Sophia ou os solitários*⁷⁹⁹. Construído como personagem imaginário, Emílio adquire forma viva e ativa neste escrito. Rousseau expõe o seu educando a provas, situações aflitivas, penosas. O educando sai vitorioso devido à formação educacional que recebeu em meio a natureza e na formação individual com seu preceptor. Emílio é apresentado como um homem que subsistirá a sociedade corrompida, vai conservar a sua essência, sua força frente a situações que poderiam levá-lo ao desespero, no entanto, se sentirá livre, autônomo, solidário e ao mesmo tempo solitário.

Apto para a convivência social, Emílio faz uso da racionalidade e do sentimento com muita presteza, mas não só isto, suas ações são pautadas na mais absoluta candura e solicitude para com o outro, isto é reflexo do modo como olha para si mesmo. Ainda que seja um texto inacabado, escrito por volta de 1762, também conhecido como um complemento do *Emílio ou Da Educação*, no momento em que escrevia, o autor dos *Os Solitários* alude para importância da memória: “essa espantosa propriedade da memória: que a lembrança é mais real que a sensação, que podemos reencontrar o tempo; que

⁷⁹⁸ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques. “Discurso sobre a economia política”. Tradução de Maria Constança Peres Pissarra. Vozes, 1996, Petrópolis, p. 104. Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “Discours sur l’ économie politique”, in *J.J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964, p. 259.

⁷⁹⁹ Por volta de 1762, Rousseau começou a escrever uma sequência para o Livro V do *Emílio*, a respeito de Emílio e sua recente esposa, Sofia, quando iniciaram sua vida conjugal. Embora voltasse ao material de tempos em tempos durante muitos anos, pouco progresso ele fez. Ganha a forma de duas cartas (a segunda incompleta; ambas publicada a título póstumo em 1781), supostamente endereçadas por Emílio ao seu antigo preceptor, guia e amigo, Jean-Jacques (isto é, o próprio Rousseau), e narrando tudo o que lhe tem acontecido desde que se separaram. Cfr. Dent, N.J.H, “*Dicionário Rousseau*”, Jorge Zahar Editó, Rio de Janeiro, 1996, p. 119.

existem lugares mágicos e objetos talismãs”⁸⁰⁰. A lembrança e a recordação da educação recebida deixa o imaginário, não é uma surpreendente lição preliminar, o conteúdo aprendido é manifestado por uma força interior e se faz eternamente presente na história de vida.

Ao narrar as histórias em forma de cartas, na verdade, foram duas cartas profundamente significativas que Emílio enviou ao mestre, fazendo a narrativa de fatos acontecidos e que marcaram a sua alma, o primeiro a traição de Sophia e o segundo o momento em que ele e amigos foram capturados por corsários. Nestas missivas se apresentava como um homem que desfruta de satisfação e ventura por viver em paz consigo mesmo, um espírito que se declara viver em paz, livre e feliz. O Emílio era dotado de um imenso potencial, pois, por ter recebido a melhor das educações durante a convivência com o preceptor e viver em comum com Sophia estava preparado para tudo:

“Eu era livre, era feliz, oh, mestre! Você fizera em mim um coração apropriado para desfrutar da felicidade, e me dera Sophie. Às delícias do amor, às efusões da amizade, uma família incipiente acrescentava os encantos do afeto paterno: tudo me prenunciava uma vida agradável, tudo me prometia uma doce velhice e uma morte tranquila nos braços de meus filhos”⁸⁰¹.

Sophie era a mulher perfeita para gozar e viver a plenitude do amor; era amiga, afetuosa e dedicada à família, a pessoa amada de Emílio que, estava preparado para o desafio e desta vez não mais acompanhado, mas solitário. Para Rousseau, aquilo que é bom e natural fica para sempre como uma marca indelével da pessoa. No momento em que caminhava pelas ruas, após saber da infidelidade conjugal de Sophia, ferido de paixão, é capaz de superar a dor e não se abate pelo ciúme.

Em dado momento da narrativa, em que há a separação com Sophia, Emílio viaja e de lá, relata ao preceptor em forma de cartas, suas desventuras. Aqui, Emílio se faz falar pela pena de Jean-Jacques Rousseau. Embora esta pequena obra seja incompleta, nela, o pupilo de Rousseau é posto à prova e faz o leitor identificar a solidez de sua educação, apresenta as lições tomadas de seu mestre, faz-se ver o quanto o aprendizado sobre sua condição fez sentido, e, mesmo tendo sido tomado como

⁸⁰⁰ Cfr. Fabre, Jean. “Les grands écrivains du XVIII”. In *Raymond Queneau (Org.). Littérature Française*, tomo III de Histoire des littératures. Paris, Gallimard, 1967, p. 748.

⁸⁰¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Émile e Sophie, ou os Solitários*”, trad. Françoise Galler, Introdução de Walter Carlos Costa, Hedra, São Paulo, 2010, p. 23.

escravo sentia-se livre. As relações estabelecidas com as coisas, consigo mesmo e com os demais homens, até mesmo tendo ficado 36 (trinta e seis) horas sem se alimentar, o levou a uma libertação; a execução de seu trabalho de carpinteiro, a integridade de seu caráter, todas essas demonstrações são relatadas ao preceptor em forma de reconhecimento.

Não por acaso, Rousseau escreve o *Emílio e Sophia ou Os Solitários*⁸⁰², um livro que dá prosseguimento às teses contidas no *Emílio ou Da Educação*, porém, o objetivo é mostrar o quanto uma boa educação tem respostas imediatas e, também, a longo prazo. Por ser bem preparado moralmente, por ter sido trabalhado o sentimento e a racionalidade, Emílio foi capaz de agir com tenacidade frente aos momentos difíceis apresentados por uma sociedade corrupta:

“Nunca senti tanto a força da educação como naquela cruel circunstância. Nascido com alma fraca, sensível a todas as impressões, fácil de perturbar, tímido para decidir, após os primeiros momentos cedidos à natureza, me vi senhor de mim mesmo e capaz de considerar minha situação com tanto sangue frio quanto a de outra pessoa. Submetido à lei da necessidade cessei minhas paixões vãs, dobrei minha vontade ao jugo inevitável, olhei o passado como algo estranho a mim, imaginei que começava a nascer e, extraindo do meu estado atual as regras de minha conduta, enquanto esperava ser suficientemente instruído por elas, pus-me serenamente ao trabalho como se fosse o mais satisfeito dos homens”⁸⁰³.

O conhecimento adquirido na etapa formativa do Emílio não apenas ficou retido na memória, ele se fez história: “Ora, o que sucede, é que Emile parece ter aprendido a lição de seu mestre”⁸⁰⁴. Na passagem que se segue percebe-se de que modo a educação foi essencial e determinante para que Emile pudesse ultrapassar todos os obstáculos que a vida na cidade lhe causou⁸⁰⁵. A aprendizagem construída ao longo do período de formação, onde se respeitou o tempo necessário para a criança e o jovem discernirem e

⁸⁰² Sobre esta obra Trousson faz o seguinte comentário: “Dès lors, si Les Solitaires témoignent d’un échec, ce n’est pas celui d’une éducation. L’échec est bien plutôt dans l’impossibilité de s’insérer dans un monde corrompu en y conservant une chance de bonheur par la vertu. La retraite dans l’île annonce la faillite irrémédiable du monde extérieur. Le bonheur et la paix ne sont concevables que dans l’île hors du monde. Solitaire, réfugié enfin à Ermenonville, c’est à ranimer le sentiment de ce Bonheur tender et triste que songeait sans doute Rousseau quand il rêvait de continuer Émile et Sophie. L’île est finalement la représentation de l’insularité intérieure de Jean-Jacques, douloureusement conquise...” Cfr. Trousson, R., “Émile et Sophie, ou Les Solitaires”, in Dictionnaire De Jean Jacques Rousseau, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 294.

⁸⁰³ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Émile e Sophie, ou os Solitários*”, trad. Françoise Galler, Introdução de Walter Carlos Costa, Hedra, São Paulo, 2010, p. 52.

⁸⁰⁴ Nunca senti tanto a força da educação como naquela cruel circunstância. Nascido com alma fraca, sensível a todas as impressões, fácil de perturbar, tímido para me decidir, após os primeiros momentos cedidos à natureza, vi-me senhor de mim mesmo e capaz de considerar minha situação com tanto sangue frio quanto a de outra pessoa. (Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Émile e Sophie, ou os Solitários*”, trad. Françoise Galler, Introdução de Walter Carlos Costa, Hedra, São Paulo, 2010, p. 52).

⁸⁰⁵ Martins, Custódia Alexandra Almeida, “*A pedagogia de Jean Jacques Rousseau*” Praxis, Teoria e Fundamentos, CIED, Braga, 2009, p. 219.

apropriarem o objeto pelo pensamento, requer a paciência, a perda de tempo no sentido rousseauiano, sobretudo, deixar sentir dentro de si o que significa o erro e o que exprime o acerto neste processo.

Diante do desafio que deixou o Emílio arrasado⁸⁰⁶, a posição tomada antes de deliberar foi manter a tranquilidade, pleno domínio das emoções. A posição assumida teve antes um processo de ponderação. Em uma sociedade que prevalece as máscaras, a hipocrisia, a mentira é preciso ter uma profunda formação para agir com sabedoria e prudência frente a um fato de traição. Estando em uma situação de afastamento, numa vida extremamente simples, Jean-Jacques aproveita cada momento, no qual nenhum desespero é capaz de o abater física ou moralmente, o que importa é aquele momento de felicidade:

“Oh! Que é feito desses tempos felizes de alegria e de esperança, onde o futuro embelezava o presente; onde o meu coração, liberto para alegria, se aproveita de cada dia como de um século de felicidade? Tudo se esvaneceu como um sonho; jovem ainda tudo perdi, mulher, filhos, amigos, tudo enfim, até ao comércio com os meus semelhantes. Estou sozinho, perdi tudo, mas resto-me a mim, e o desespero em nada me aniquilou (...).”⁸⁰⁷

Emílio passou por uma “prova de fogo”, talvez tenha sentido a dor que não se manifestou com intensidade no momento, devido a profundidade, mas aos poucos foi brotando porque foi uma sensação desagradável que atingiu a alma, uma manifestação da sensibilidade, do sentimento que nesta hora afeta e fala mais alto que a profunda racionalidade; a dor não foi branda, por isso, pode considerar mais fácil perdoar um erro que curar um vício: “Que me importava o que pensassem de mim, contanto que em meu coração eu não cessasse de ser bom, justo, honesto? Era um crime ser misericordioso? Era covardia perdoar uma ofensa? Em que deveres, afinal, iria me basear?”⁸⁰⁸.

Qual a finalidade da educação ofertada pelo preceptor senão para que diante de uma experiência tão dolorida, tão difícil, o jovem aprendiz soubesse usar a razão e o sentimento? Não há sentido uma educação quando o aprendiz não se apropria das

⁸⁰⁶ Após triunfar sobre a invencível resistência de Sophia que, com profunda dureza de coração insistia em não se abrir para o jovem apaixonado. Levado pelos impulsos, carregado pelas mais “ternas súplicas, as mais ardentes carícias, vi que ela estava emocionada (...). Sufocada e palpitante, ela estava a ponto de sucumbir quando, de repente, mudando o tom, a postura, a expressão, ela me rejeita com uma presteza, uma violência incrível e, fitando-me comum olhar que a fúria e o desespero tornavam assustador: “Pare, Emílio”, ela me disse, “e sabia que não sou mais nada para você. Um outro maculou sua cama, estou grávida, nunca mais em minha vida você irá me tocar” e no mesmo instante precipita-se para o seu gabinete, cuja porta fecha atrás de si. Fico arrasado. (Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Émile e Sophie, ou os Solitários*”, trad. Françoise Galler, Introdução de Walter Carlos Costa, Hedra, São Paulo, 2010, pp. 37-38).

⁸⁰⁷ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Émile e Sophie, ou os Solitários*”, trad. Françoise Galler, Introdução de Walter Carlos Costa, Hedra, São Paulo, 2010, p. 35.

⁸⁰⁸ Ibidem, pp. 53-54.

especificidades que constituem aquisições, vantajosas ou não, acumuladas historicamente na sua vida, isto é entendimento; também, nenhum sentido tem a educação onde o aprendiz não assume o papel de criador de conhecimento. As lições aprendidas diretamente da convivência com a natureza e com o preceptor fizeram com que Emílio abandonasse a posição ingênua e idealista, aprendesse a refletir e externasse com a mais absoluta sinceridade: “a honra de um homem, dizem, acaso depende de sua mulher?”⁸⁰⁹.

A decisão tomada por Emílio no episódio da traição de Sophia demonstra exatamente aquilo que o genebrino estava vivendo naquele momento; ele poderia ser arrogante, manifestar-se com atitudes mais altivas e desdenhosas, no entanto foi meigo, compassivo, suave; não importou com que os outros estavam pensando sobre ele, olhava para si, para sua reputação consigo. Prevaleceu a integridade do seu caráter, a marca de um homem sensato, daquele que reconhece que foi preparado para viver tais circunstâncias. Tudo isto é fruto da boa educação. Mas, como não poderia deixar a marca da educação que era apresentada na sociedade idealista, fantasiosa, que acoberta as mentiras com palavras rebuscadas, Rousseau, no mesmo texto elabora a segunda carta. Nesta carta retrata um episódio em que foi capturado por piratas: “este episódio serviu de pretexto para o nosso autor fazer uma reflexão sobre a noção de liberdade, retomando criticamente o tema da socialização do homem natural”⁸¹⁰ e, além disso, procura demonstrar a maturidade de quem foi formado com os princípios da educação natural e o despreparo para a vida por parte daqueles que receberam uma educação deformada, oriunda das instituições públicas:

“Os dois cavalheiros, um jovem e um velho, eram instruídos e não careciam de mérito em sua condição. Mas o mérito era desperdiçado na atual situação. Conheciam a engenharia, a tática, o latim, as belas letras. Tinham talentos para brilhar, comandar, que para escravos tinham pouca utilidade. Além disso, suportavam suas correntes com impaciência, e a filosofia de que se gabavam tanto não ensinara esses nobres altivos a servir de bom grado os plebeus e os bandidos; pois não chamavam seus chefes por outro nome. Eu tinha pena dessas pobres criaturas; tendo renunciado, por causa da nobreza, à sua condição de homens, em Argel não eram nada; eram até mesmo menos que nada”⁸¹¹.

⁸⁰⁹ *Ib.*, p. 53.

⁸¹⁰ Martins, Custódia Alexandra Almeida, “*A pedagogia de Jean Jacques Rousseau*” Praxis, Teoria e Fundamentos, CIED, Braga, 2009, p. 220.

⁸¹¹ Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Émile e Sophie, ou os Solitários*”, trad. Françoise Galler, Introdução de Walter Carlos Costa, Hedra, São Paulo, 2010, p. 84.

Com elementos bem concretos, Rousseau elabora, de dois modos, a crítica ao modelo de educação que não considera a apropriação e construção de conhecimento, a educação que não faz com que a pessoa tenha autoridade sobre si mesmo. Ao demonstrar determinação, o Emílio discursa:

“Camaradas, disse-lhes, escutem-me. O que me resta de força não há de suportar nem mais quinze dias do trabalho com que me sobrecarregam, e sou um dos mais robustos da tropa; uma situação tão violenta há de ter imediatamente um término, seja por esgotamento total, seja por uma resolução que o impeça. Escolho a segunda solução e estou determinado a me negar a qualquer trabalho a partir de amanhã, mesmo com o risco de minha vida e de todos os maus tratos que esta recusa deverá me causar”.⁸¹²

Por ter um período formativo que lhe propiciasse, através dos conteúdos e experiências, condições para superar os desafios, Emílio, não renuncia à posição de destaque⁸¹³. O discurso é apelativo no sentido de formar um grupo, unir forças para conquistar o objetivo, tornar aquele enfadonho fardo possível de ser suportado. Foi um apelo⁸¹⁴ tão forte que rendeu ao Emílio o olhar do tirano, tornando-se assessor do poderoso Dey:

“Não preciso lhe dizer qual foi minha atitude neste novo cargo e não é disto que se trata aqui. Minha aventura causou sensação, o cuidado que ele teve de espelhá-la me angariou a estima de toda Argel. O próprio Dey ouviu falar em mim, quis me ver. Meu patrão, levando-me até ele e achando que eu lhe agradava, presenteou-o com minha pessoa. Eis seu Émile escravo do Dey de Argel”⁸¹⁵.

A crítica que Rousseau dirige à educação ofertada pelas instituições públicas é devido a só considerar o conteúdo que é ofertado pelos padrões acadêmicos e rejeita o

⁸¹² Ibidem, p. 87.

⁸¹³ Sobre este assunto escreve Trousson: “Émile se souvient aussi que l’un des instincts fondamentaux de l’homme naturel est il pitié, et il aide les moins robustez, ce qui lui vaut la persécution du surveillant. Il obéit alors au second instinct primordial, l’instinct de conservation, et fomenté une résistance passive, convainc les prisonniers de cesser le travail. Il ne s’agit pas d’une action révolutionnaire: reconnaissant toujours la loi de la nécessité, il ne met en question ni le principe de l’esclavage, ni l’autorité du maître, mais seulement la barbarie du traitement que risque de priver le maître de son capital. Dans la société des esclaves comme dans celle du *Discours sur l’inégalité*, seul existe le pacte de sujétion, non celui d’association, qui formerait le véritable contrat social. Émile parle donc au maître le langage de son intérêt...” (Cfr. Trousson, R., “Émile et Sophie, ou Les Solitaires”, in *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001, p. 293).

⁸¹⁴ Pierre Burgelin analisa o apelo com sendo: “une sorte de volonté générale, une loi que chacun reconnaisse comme sienne, dans la cité des esclaves. Mais le pacte de servitude qui les lie à leur maître n’existe que dans l’intérêt des maîtres, comme dans la société du *Discours sur l’inégalité*. Pour obtenir un adoucissement, il faut donc parler au maître le langage qu’il comprend: celui de son vrai intérêt. Il est déraisonnable de ne pas bien soigner et ménager des esclaves, puisqu’on risque de perdre leur capacité de travailler, donc de se ruiner soi-même...” Cfr. Burgelin, P., “Notes e Variantes” [921], in J.-J. Rousseau: *Oeuvres Complètes* Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969, p. 1727.

⁸¹⁵ Martins, Custódia Alexandra Almeida, “A pedagogia de Jean Jacques Rousseau” Praxis, Teoria e Fundamentos, CIED, Braga, 2009, pp. 92-93.

patrimônio cultural fornecido pela humanidade. Como consequência desta postura temos um modelo educacional que visa formar o homem como uma peça instrumental para se adequar ao jogo social, dando consubstancialidade à máquina organizacional. Aqui os sujeitos são quantificados, valem pelo cabedal de conhecimento que repassam para sociedade e esperam, a todo instante, a lucratividade.

Outra crítica importante que é feita pelo genebrino é a respeito ao senso comum pedagógico. O que se aprende e o que se repassa está distante de uma leitura crítica da sociedade, é como se o conhecimento fosse único, um só por todo o sempre e verdadeiro, como se o aprendizado e o conhecimento estivessem desvinculados do jogo de interesse social, tão combatido por Rousseau; como se não houvesse intervenção da sociedade e de suas instituições, principalmente, influência política, na formação do homem. Neste modelo de educação o que importa é, por um lado, um professor bem formado com as técnicas científicas e de outro o educando que ouve o conteúdo e manipula o material didático, ao final um teste, uma aprovação e o diploma. Daí, Rousseau pergunta: qual a validade de tudo isso para a vida? Para enfrentar os desafios diários? Qual a contribuição para a realização do eu em sentido moral e ético?

Pois bem, voltemos à experiência dos dois cavalheiros⁸¹⁶: sabem latim, filosofia, artes, letras, uma sólida formação acadêmica, mas não aprenderam fazendo. A valorização da aprendizagem experimental, isto é, um estudo envolvido com o meio natural e social, que toca a natureza do aprendiz, que possibilita a superação dos desafios e daí o estímulo à reflexão. A educação recebida pelos companheiros de Rousseau estava distante deste perfil, portanto, não estava a favor do homem, do eu, da formação individual. Formar homens livres e autônomos e possibilitar ao educando dispor de informações e instruções que lhe permitam pesquisar a descoberta de soluções e colocá-las à prova, a fim de determinar sua utilidade para a vida⁸¹⁷.

⁸¹⁶ Em viagem pelo mar a dentro, ambos, tomados pelos corsários. Capturados, desembarcam no porto de Argel e são mandados para trabalhos forçados em situação vexatória. Com eles, Emílio, também, estava. Tendo recebido uma formação com base nos desafios práticos e na alegria de superá-los, aprendendo paulatinamente a se defender, não teme situação adversa. Sempre lembrando, que a liberdade não consiste em fazer o que se quer, mantém-se arauto como uma esfinge, senhor de si, “Sim, meu pai, posso dizê-lo; o tempo de minha servidão foi o de meu reinado, e nunca tive tanta autoridade sobre mim mesmo como quando carregava as correntes dos bárbaros. Submetido às suas paixões sem compartilhá-las, aprendi a conhecer melhor as minhas. Os erros deles foram para mim instruções mais fortes do que haviam sido as suas lições, e fiz com aqueles duros mestres um curso de filosofia ainda mais útil do que fizera com você”, enquanto, os doutos, educados com outro perfil, com as descrições da educação tida como referencial na sociedade; de nada adiantava em tal situação, escravos, o velho e novo “não tinham prática. O jovem, mais impaciente ainda, porém, ardente, ativo, intrépido, perdido em projetos de revolta e conspiração de execução impossível, as quais, sempre descobertas, só faziam agravar sua miséria”. (Cfr. Rousseau, Jean-Jacques, “*Émile e Sophie, ou os Solitários*”, trad. Françoise Galler, Introdução de Walter Carlos Costa, Hedra, São Paulo, 2010, pp. 84-85).

⁸¹⁷ Para um maior aprofundamento das Correntes Pedagógicas que sofreram influência da filosofia da educação de Jean-Jacques Rousseau, remetemos ao trabalho do professor, Dermeval Saviani, *Educação: Do Senso Comum à Consciência Filosófica*, Cortez Editora/Autores Associados, São Paulo, 1980.

A educação rousseauneana tem um sentido e significado. O sentido não pode ser dominante, aquele que ainda se faz presente na grande maioria das instituições de ensino; o significado não pode deixar de ser um olhar crítico, consciente e explícito tanto dos conteúdos quanto da ação docente⁸¹⁸. Se Rousseau, solitário, afastado, mas feliz consigo mesmo demonstrou o quanto é importante amar a si mesmo, independentemente do que os outros pensam de você, para se alcançar a plenitude da vida, da mesma forma evidencia e revela a importância da educação neste processo. A proposta educacional de Rousseau está a favor do homem, do eu, do sujeito, da formação do indivíduo autônomo, livre. Toda educação deve estar a serviço de uma melhor condição humana. O Emílio é o modelo e paradigma que se opõe a uma educação deformada.

O fato de ser um escritor considerado, com belos textos carregados de lirismo, colorindo os fatos da vida que tornaram-se elementos do seu filosofar, permite a Rousseau superar os seus limites de preceptor e de pai e assumir um poder quase catártico, uma espécie de purificação do eu, que, porém, não leva a uma completa salvação. De fato Rousseau, como escritor, pode só indicar o justo caminho, mesmo estando distante, afastado e mostrar, nas páginas dos seus escritos, o seu verdadeiro valor e aquilo que teria a possibilidade de ter sido, mas não pode modificar as próprias experiências que recorda, todas elas, como falidas.

⁸¹⁸ Luckesi, Cipriano Carlos, “*Filosofia da Educação*”, Cortez/Autores Associados, São Paulo, 1980, pp. 97-99.

CONCLUSÃO

1. Conclusões quanto à vida e à obra

Durante todas as fases da vida de Rousseau: infância, a adolescência e fase adulta nos deparamos com um ser que está em constante mudança, um processo de mutação, deslocamento que envolve a fluência de pessoas com as quais ele se depara e deixam marcas profundas. Na infância os momentos de leitura e conversas com o pai, os momentos tristes ao ver o papai dar sucessivas correções no filho mais velho a ponto de se colocar à frente do irmão demonstrando, naquele momento, uma criança de extrema sensatez; as primeiras lições de educação com a tia Mademoiselle Lamercier deixaram marcas profundas que se perpetuaram pela vida.

Na adolescência não é diferente. Do educandário de jovens convertidos ao catolicismo, administrado por aquela que marcará sua vida para sempre, a eterna Louise-Éléonore de Warens, a querida Mamã, que além das lições diárias lhe encaminhou ao mundo do amor, da afetividade, da primeira experiência com uma mulher e por outro lado a que o fez amadurecer como homem, sobretudo, quando sentiu o desgosto ao ser substituído nos momentos íntimos. Mas não só isto, a Madame Warens e o padre da paróquia, o reverendo Montverre, conduziram o jovem Rousseau ao seminário em Turim. Durante certo tempo recebeu a formação católica, abjurou a fé protestante, em seguida, pelas ruas a vagar, tornou-se o que sempre quis ser, pobre, sem dinheiro, sem trabalho, um jovem a vagar pelo mundo. Na fase adulta retomou a sua fé protestante.

Do período de Turim à volta à casa da Madame Warens. Uma longa estrada que foi trilhada ora com amigos ou acompanhado de uma só pessoa, ora sozinho a perambular, relata nas *Confissões*, que no trajeto, seja lá como for, sentia-se um ser de alma liberta. A educação deste período se dá de dois modos: primeiro a feição ou forma particular de ensinar com prazer e sentimento, de fazer o educando aprender com alegria, ardor, paixão esta foi a metodologia do padre Gouvon; em segundo momento as viagens a pé o expôs diante do mundo natural, dizer de um ditado popular do sertanejo oriundo do nordeste brasileiro, “o homem precisa ser bem lido e bem corrido”, este é Rousseau. Bem lido porque muito estudou o que desejava aprender, sempre sozinho; bem corrido porque conhecia as estradas, viajou muito a pé ou em simples carruagem e durante o trajeto, sabia contemplar a vida e a natureza e fez isto por livre e espontânea vontade, sem se importar com as consequências.

A aprendizagem livre, sem regramento, o contato com as coisas naturais, as dificuldades superadas lhe valeram ensinamentos que nenhuma escola institucional lhe daria. Não por acaso, na construção do primeiro projeto Educacional dedicado ao Senhor de Sainte-Marie, excluía a formação livresca que só visava a repetição. Parece ser o fato mais imediato e tangível o vínculo com o mundo físico, a relação com o natural e ambiental, sempre levando em consideração um aspecto essencial da condição humana que defendeu em todos os momentos, o sentimento.

O homem é antes de tudo sensibilidade física, sentimento, isto não significa a exclusão da racionalidade, significa que no processo educativo, pioneiro no mundo moderno, o sentimento, a sensibilidade física não pode ser sacrificada em detrimento da racionalidade pura. Toda a riqueza de um homem, a felicidade e a saúde, pode ser experimentada quando cresce e se educa em contato com a natureza.

Os homens de ciência que vêm, apenas, a natureza racional, como se a racionalidade tivesse a resposta para tudo, até mesmo para saber o que é a verdade, não podem agir com autodeterminação sobre o destino dos outros homens. A natureza dotou o homem da perfectibilidade, potência nata que impulsiona a condição humana em direção ao que lhe dá prazer, alegria, felicidade; por outro lado, a principal distinção do humano de todos os outros animais não se caracteriza pela racionalidade, mas pela liberdade, autonomia, capacidade de tomar nas mãos o seu destino, a sociedade não pode privar o homem de um direito natural nem tampouco, ofuscar o brilho daquilo que é natural, logo, a sociedade que corrompe o homem precisa encontrar um contraponto no homem ético, livre, feliz.

Rousseau, enquanto pessoa, tem uma consistência ontológica, uma originalidade e finalidade e, exatamente por isto, não foi absorvido pela corrupta sociedade. Para não se adequar a ambição dos cidadãos parisienses buscou a solidão, não se deixou ser levado pelos ideais de grandeza, luxuosidade e busca de poder, tornando-se um contraponto à cultura racional. Na sua pessoa estava o oposto à sociedade, afastou-se, encontrou na natureza o espaço para concretização de seu ideal, viveu o ser homem natural. Se dizia autêntico e verdadeiro, pontos permanentes do seu eu em todo o arco da existência, raiz e fonte das mais variadas atividades, dentre elas a composição das obras que serviram de maior interação com esta dissertação: *Discurso sobre a origem e Fundamento da Desigualdade entre os Homens*, o *Emílio ou D'Educação* e o *Contrato Social*.

Encontrou na fase madura os elementos necessários para a justificativa de algumas posições um tanto quanto radicais, como aquela de depositar os cinco filhos em uma roda dos rejeitados. As frustrações na aplicabilidade do seu projeto educacional e as posturas não tanto moderadas aos olhos do leitor atento, lhe renderam a maturidade. Sem a vivência destes momentos dolorosos na vida, provavelmente, a humanidade não gozaria de trabalhos filosóficos educacionais e políticos de tamanha envergadura que até os dias atuais inspira as civilizações, as culturas. Desta forma entende-se que o princípio espiritual e o elemento corpóreo formam uma incessante interação que fez desabrochar o Rousseau, homem de natureza, fonte e causa de sua própria atividade.

Do que foi exposto sobre a vida de Rousseau se conclui que ela foi a fonte inspiradora para os dois momentos: no primeiro instante, quando o portão de Genebra é fechado, ele busca o caminho da sociedade; o segundo, quando a sociedade lhe fecha as portas, é aberto o portão do seu mundo interior, aí encontra o verdadeiro homem de natureza, se depara consigo e encontra a felicidade e, como consequência, sua vida foi a manifestação direta e indireta do seu pensamento. A autoimagem construída em meio a relacionamentos ou na solidão, reflete um Rousseau inquieto, triste, contrariado; quando encontra-se no mais absoluto afastar-se de tudo e de todos encontra-se consciente de si, salienta a importância do autoconhecimento.

Conclui-se ainda, que Rousseau fez a experiência do seu limite, do seu ser imperfeito, da insuficiência da racionalidade para compreender o homem, a sociedade. Esta aprendizagem vem desde os tempos da adolescência precoce, onde, com idade própria para brincar com outros jovens se dispôs ao trabalho como aprendiz de gravador, a conflitos que provocaram o desabrochar do sentimento, do desencanto, da dor, da solidão, até mesmo a educação lhe rendeu experiência frustrante a ponto sentir prazer com o sofrimento. A doença, os erros, até mesmo em um dos poucos momentos que mentiu, mostram que o homem não tem em si a razão do próprio existir quando se deixa corromper e se escravizar, perdendo o sentido da existência e o preservar da liberdade que é dada pela natureza.

Podemos deste modo concluir que Rousseau, como um brilhante autodidata manteve-se disciplinado nos estudos, foi um apaixonado pela aprendizagem, um eterno aprendiz da natureza, isto o fez entender que não se adquire conhecimento quando se copia ou repete o que os outros dizem, é preciso criar, neste momento as experiências são fundamentais, esta metodologia é muito expressiva no *Emílio*. O conhecimento da sociedade, dos problemas políticos, dos meandros do poder, desde os tempos que

chegou a Paris, com os contatos com os intelectuais, com secretário do embaixador Monsieur Montaigne em Veneza, tudo isto o transformou num rigoroso crítico da sociedade.

2. Conclusões quanto às obras estudadas para a pesquisa

As obras de Rousseau possibilitaram extraordinárias mudanças na forma de pensar a educação, a política, a sociedade. Por um lado a individualidade e originalidade ao imaginar e possibilitar a compreensão das fases de desenvolvimento da criança; por outro de proporcionar o alerta sobre a vinculação entre a educação e a política. Quem aprende é um sujeito com capacidade de ação e de crescimento, por isto, um sujeito com aptidão de aprendizagem. Compreendê-lo é necessário a partir de seus condicionantes: cultura, classe, sociedade, vínculo político, se se quer trabalhar adequadamente.

Cada homem, de acordo com sua natureza, é aberto ao mundo do ser e da humanidade e isto pode ser expresso na vasta obra literária de Rousseau. Conclui-se que a diversidade de gêneros literários: autobiografia, política, educação, moral, poesia, composição teatral, ópera, harmonia e música, botânica, como não poderia deixar de ser, a filosofia, enfim, as temáticas mais livres como livre foi seu comportamento e vida, possibilita conhecer um Rousseau dinâmico, apaixonado pelo homem autônomo e justo, simples e natural. Dentre as obras utilizadas neste percurso dissertativo apontamos com relevância as obras políticas, educacionais, morais e autobiográficas.

3. Conclusões quanto às concepções pedagógicas

A dimensão que caracteriza, verdadeiramente, o homem de Rousseau é aquela propiciada pela educação, a política e a ética. Com a educação há a possibilidade do indivíduo bem formado buscar a sua liberdade e autenticidade, não se deixando ser usurpado por um sistema social corrupto. A vida, o agir, as decisões não podem ser pautadas numa concepção egoísta, individualista e utilitária; é preciso buscar o bem comum, a solidariedade, o que é bom para todos, fazer com que o sentimento do amor-de-si prevaleça ante aos princípios defendidos na sociedade, na sua amplitude aqueles definidos pelo amor-próprio.

Os fatos da vida não podem ser baseados nos estímulos incontroláveis, ou aqueles que a pura racionalidade determina, estes não consideram o outro, o diferente, não estimam a vida como um dom natural e de outra parte como a tarefa a ser realizada.

Neste quesito as concepções pedagógicas são apresentadas no sentido de privilegiar aquilo que constitui o ser humano – a liberdade. Para que de fato se concretize, Rousseau aponta a primeira concepção: é preciso respeitar o andamento do aprendiz. Ao desenvolvimento do homem natural é necessário o respeito a dimensão física, moral e racional, ou seja, aquelas três dimensões apresentadas no *Emílio*: a educação da natureza, a educação do homem e educação das coisas. Este é o sentido da educação natural que Rousseau faz contradistinguir da educação implantada pelas instituições da sociedade que não permitem ao homem a educação para ser livre.

Como não poderia deixar de ser, os princípios educacionais não consistem em fazer do educando aquele que não tem uma rota, um planejamento; educar não é fazer o que se quer e o que bem se entende, o papel do preceptor, neste momento, é aquele de criar as condições para que o educando aprenda e se desenvolva, de forma ativa, inteligível e sistemática; esta é a segunda concepção exposta ao longo da dissertação. Também neste item Rousseau faz a crítica ao preceptor das escolas tradicionais que visam tornar o aprendiz peça de instrumentação para a sociedade. Diz o genebrino que, o preceptor com a sua metodologia torna o aprendiz um ser passivo, sem autonomia, descompactado com a sociedade, ou seja, não prepara o indivíduo para viver e participar da sociedade, partilhar os seus talentos para o bem de todos.

A terceira concepção é genuinamente educacional. O ato de educar não significa excluir os conhecimentos anteriormente estabelecidos, isto é, o que se aprende na vida, em contato com as coisas, as experiências anteriores. A educação tradicional deixa uma enorme lacuna entre o conteúdo livresco e o que se aprende na vida. A boa educação terá que ter a parte real, a natureza da coisa ensinada diferente, bastante diversa daquele exposta pelas instituições tradicionais. A acusação à educação tradicional feita por Rousseau chega de modo tão sintomático que se entende como aquela que é responsável pelo desatino social enquanto é responsável pela infelicidade dos aprendizes. Neste sentido é a educação negativa aquela que possibilita não só o conhecimento da realidade, mas a preparação do homem para a vida social.

Por fim, se conclui que a relação entre educação e política em Rousseau, sobretudo a educação proposta no *Emílio*, texto básico desta dissertação, não é a educação para ser solitário, egoísta, com o pensamento voltado para si. O Emílio foi educado em meio a natureza para se preparar para a vida social. Aqui é preciso levar em consideração dois elementos: a vida privada e a vida pública. O momento mais difícil da vida é quando não se vê mais sentido, quando não se encontra um significado naquilo

em que se acredita e naquilo que se faz. No mundo privado há a realização; na vida pública a decepção. Emílio foi preparado para a vida social, isto é, pública, é responsável, tem autonomia porque reconhece o seu passado, experimentou no tempo decorrido aquilo que a vida é, quer dizer, de um lado a vida é doação e de outro é tarefa para se concretizar.

4. Conclusão quanto aos fundamentos filosóficos da educação de Rousseau

Basicamente, três eixos filosóficos para serem considerados: o primeiro é quanto a condição de homem. Contrapondo o homem de natureza ao homem civil, Rousseau considera a beleza do homem natural, a sua constituição essencial, pleno de liberdade e amor à natureza de onde retira o seu sustento, exclusivamente, para a sobrevivência e não para o acúmulo de propriedade. Este homem foi desfigurado, totalmente adulterado a ponto de degradar a sua condição natural.

O que o homem faz, realiza é reflexo de si mesmo, ao crescer na racionalidade e esquecer do sentimento, do amor-de-si ele nega a sua própria constituição de homem e disso Rousseau não pode compactuar, se faz necessário o afastar-se desse homem e dessa sociedade. Ao se voltar sobre si e viver em plena harmonia com a natureza, Rousseau está pondo sobre si a responsabilidade do homem natural e afastando-se do homem social. A dimensão ética e moral do homem social nega a bondade, nega os princípios originários do homem natural então é preciso resgatar isto, porque é lá que o homem vive feliz consigo mesmo.

O segundo eixo que se apresenta está voltado para a questão social. Dois momentos: o primeiro é representado pela família que tem uma constituição hierárquica, primeira forma de sociedade, uma instituição que tem suas normas e regras nas relações, seja com pai e filho seja entre os demais membros. É uma hierarquia distinta, oposta àquela instituição social que tem uma hierarquia que não iguala os membros, de um lado o Chefe de Estado, de outro o povo, diametralmente opostos. O que faz, Rousseau? Diferentemente de todas as outras formas de contratos existentes, lança mão da perfeita harmonia de todos através do Contrato social, aqui todos se sentem, verdadeiramente, livres pela sua própria vontade. Aqui não há divisão e dissimulação.

O terceiro eixo é aquele em que o homem ao reconhecer a sua própria finitude exige e reclama a existência de um Deus como fonte de vida, aqui o homem procura inserir-se em uma dimensão religiosa. O modo como absorvemos essa imagem de Deus

vai ser distinto na sociedade: a religião natural permanece na esfera do privado, a religião civil na esfera do público; esta distinção acompanha aquela divisão entre o público de um lado e privado de outro. É a religião revelada. O relacionamento do homem com Deus está na esfera do privado e descarta qualquer tipo de intercessor entre homem e Deus. Na natureza encontramos e nos relacionamos com o sublime e Divino Autor.

BIBLIOGRAFIA

I - De Jean-Jacques Rousseau

a) Edição francesa referida

(1740) “Mémoire présenté a Monsieur de Mably sur l’éducation de M. son fils”, in *J.-J. Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969.

(S/D) “Projet pour l’éducation de Monsieur de Sainte-Marie”, in *J.-J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969.

(1750) “Discours sur les sciences et les arts”, in *J.-J. Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1754) “Discours sur l’économie politique”, in *J.-J. Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1754) “Discours sur l’ origine et les fondements de l’inégalité parmi les hommes”, in *J.-J. Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1756) “Lettre de J.-J. Rousseau a M. de Voltaire”, in *J.-J. Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969.

(1758) “À M. D’Alembert”, in *J.-J. Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995.

(1758) “Lettres morales”, in *J.-J. Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969.

(1760) “Julie, ou La Nouvelle Héloïse”, in *J.-J. Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1761) “Emile Ou De l’éducation”, in *J.-J. Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969.

(1761) “Essai sur l’origine des langues” in *J.-J. Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995.

(1763) “Jean Jaques Rousseau, citoyen de Genève, a Christophe de Beaumont”, in *J.-J. Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969.

(1764) “Lettres écrites de la montagne” in *J.-J. Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1768) “Emile et Sophie, Ou Les solitaires”, in *J.-J. Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969.

(1770) “Les Confessions de J.-J. Rousseau”, in *J.-J. Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959.

(1771) “Considerations sur le gouvernement de Pologne”, in *J.-J. Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. III, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1778) “Les Rêveries du promeneur solitaire”, in *J.-J. Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959.

b) Edição portuguesa referida

Confissões, Volume I e II, trad. de Fernando Lopes Graça, Relógio d’Água, Lisboa, 1988.

Carta 2 ao Sr. De Malesherbes, in *Carta a Christophe de Beaumont e outros escritos sobre a religião e a moral*, trad. de José Oscar de Almeida Marques, Estação Liberdade, São Paulo, 2005.

Carta a Christophe de Beaumont e outros escritos sobre a Religião e a Moral, trad. de José Oscar de Almeida Marques, Estação Liberdade, São Paulo, 2005.

Carta a D’Alembert, trad. de Roberto Leal Ferreira, Unicamp, São Paulo, 1993.

Carta de J.-J. Rousseau ao Senhor de Voltaire, in *Escritos sobre a Religião e a Moral*, trad. de Ana Luiza Silva Camarani, IFCH/Unicamp, São Paulo, 2002.

Carta Sobre a Música Francesa, trad. de José Oscar de Almeida Marques e Daniela de Fátima Garcia, IFCH-Unicamp, Campinas, 2005.

Carta sobre a Providência, In: *Carta a Cristophe de Beaumont e outros escritos sobre a Religião e a Moral*, trad. de José Oscar de Almeida Marques, Estação Liberdade, São Paulo, 2005.

Cartas Escritas da Montanha, trad. Maria Constança Peres Pissarra, Editoras EDU & UNESP, São Paulo, 2006.

Cartas Morais, in *Escritos sobre Religião e a Moral*, trad. de José Oscar de Almeida Marques, IFCH/Uicamp, São Paulo, 2002.

Discurso Sobre a Economia Política, trad. Maria Constança Peres Pissarra, Vozes, Petrópolis, 1996.

Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens, Vol. II, trad. de Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997a.

Discurso sobre as Ciências e as Artes, Vol. II, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997b.

Do Contrato Social, Vol. I, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1997c.

Émile e Sophie ou os Solitários, trad. de Françoise Galler, Hedra, São Paulo, 2010.

Emílio ou Da Educação, trad. Roberto Leal Ferreira, 3ª ed. Martins Fontes, São Paulo, 2004.

Júlia ou A Nova Heloísa, trad. Fúlvia M.L. Moretto, Hucitec/Unicamp, São Paulo, 1994.

Manuscrito de Genebra, in *Obras Políticas*, Globo, Porto Alegre, 1962.

Os Devaneios do Caminhante Solitário, trad. Fúlvia M.L. Moretto, Editora da Universidade de Brasília/ Hucitec, Brasília, 1987.

Projeto para a Educação do Senhor de Sainte-Marie, trad. Dorothee de Bruchard, Editora Paraula, São Paulo, 1997.

Textos Autobiográficos e Outros Escritos, trad. Fúlvia M. L. Moretto, editora UNESP, São Paulo, 2006.

Ensaio Sobre a Origem das Línguas, trad. Lourdes Santos Machado, Editora Abril Cultural, São Paulo, 1983.

c) Edição francesa consultada

(1738) “Le Verger de Madame la Baronne de Warens”, in *J.-J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1964.

(1753) “Lettre sur la musique Française”, in *J.-J. Rousseau: Oeuvres Complètes*, Vol. V, Éditions Gallimard, Paris, 1995.

(1755 – 1756) “Fragment biographique” in *J.-J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1959.

(1776) “Rousseau juge de Jean Jacques – Dialogues” in *J.-J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol. I, Éditions Gallimard, Paris, 1959.

II – Sobre J.-J. Rousseau

a) Referida

BACZKO, B., *Rousseau Solitude et Communauté*, La Haye – Mouton, Paris, 1974.

CASSIRER, E., *A questão de Jean-Jacques Rousseau*, trad. Erlon José Paschoal e Jézio Gutierrez, Editora UNESP, São Paulo, 1999.

CERIZARA, A. B. *Rousseau: a educação na infância*, Scipione, São Paulo, 1990.

DENT, N.J.H., *Dicionário Rousseau*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1996.

DERATHÉ, Robert, *Rousseau e a ciência política de seu tempo*, trad. Natália Maruyama, Discurso Editorial/Barcarolla, São Paulo, 2009.

DERATHÉ, Robert, *Le Rationalisme de Jean-Jacques Rousseau*, PUF, Paris, 1948.

DERATHÉ, Robert, Jean-Jacques Rousseau et Le Christianisme, In *Revue de Métaphysique et de Morale*, PUF, Paris, 1948b.

DERATHÉ, Robert, L'homme selon Rousseau, In *Pensée de Rousseau*, Éditions du Seuil, Paris, 1984.

EMMA, Nardi, *Oltre l'Emilio, Scritti di Rousseau ed'educazione*, Franco Angeli Edizioni, Milano, 2005.

FAÇANHA, L., *Para ler Rousseau: uma interpretação da sua narrativa confessional por um leitor da posteridade*, Edições inteligentes, São Paulo, 2006.

FREITAS, J. *Política e Festa Popular em Rousseau: a recusa da representação*, Humanitas / FFLCH/USP, São Paulo, 2003.

GILLOT, M. & SGARD, J. *Le Vocabulaire du sentiment dans l'oeuvre de Jean-Jacques Rousseau*, Slatkine, Genève-Paris, 1980.

GOUHIER, Henri, *Les Méditations Métaphysiques de Jean-Jacques Rousseau*, Vrin, Paris, 1984.

GUYON, Bernad, "Notes" Julie ou La nouvelle Héloïse, in *J.-J. Rousseau: Oeuvres edaction*, Vol. II, Éditions Gallimard, Paris, 1961.

JIMACK, P.D., *La Genèse et la edaction de l'Émile de J.J. Rousseau*, Institut et Musee Voltaire, Genève, 1960.

KAWAUCHE, Thomas, *Tolerância e Intolerância em Rousseau*. Texto apresentado no VII Colóquio Nacional Jean-Jacques Rousseau: Política e Moral, Fortaleza, Ceará, 2015.

MALANDAIN, P., Prefácio, In *ROUSSEAU, J.-J. Les Rêveries du promeneur solitaire*, Pocket, Paris, 1988.

MARQUES, José Oscar de Almeida, “Apresentação”. In: *Jean-Jacques Rousseau –Escritos sobre Religião e a Moral*, trad. José Oscar A. Marques, IFICH/Unicamp, Campinas, 2005.

MARQUES, José Oscar de Almeida, *Carta a Christophe de Beaumont e outros escritos sob a religião e a moral*, Estação Liberdade, São Paulo, 2005.

MARTINS, Custódia A. A. *A pedagogia de Jean Jacques Rousseau, Praxis, Teoria e Fundamentos*, CIED, Braga, 2009.

MASSON, Pierre Maurice, *La formation religieuse de Rousseau*, Librairie Hachette et Cie, Paris, 1916.

MASSON, Pierre Maurice. *La Religion de J.-J. Rousseau*, Slatkine, Genebra, 1970.

MONTEAGUDO, Ricardo, *Entre o Direito e a História: a concepção do legislador em Rousseau*, Editora UNESP, São Paulo, 2006.

MOREAU, Joseph, *Jean Jacques Rousseau*, PUF, Paris, 1991.

O’HAGAN, Timothy, *Rousseau*, Routledge, London, 1999.

OLIVEIRA, A.P.M. *Rousseau e Sua Teologia Política*, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Salvador, Bahia. Dissertação de Mestrado, 2009.

PARRY, Geraint, Émile: Learning to Be Men, Womem, and Citizens, in: *The Cambridge Companion to Rousseau*, Cambridge University Press, Cambridge, 2001.

PISSARRA, Maria Constança Perez, *Rousseau: a política como exercício pedagógico*, Moderna, São Paulo, 2002.

POMEAU, René, *Jean-Jacques Rousseau: la révolution de la sensibilité, Études Jean-Jacques Rousseau*, Ville de Montmorency, 1988.

PRADO, Júnior Bento, *Starobinski Penetra no Silêncio de Rousseau*, Folha de São Paulo, 11 de janeiro, “caderno” Letras, São Paulo, 1992.

PRADO, Júnior Bento, *A Retórica de Rousseau*, Cosac Naif, São Paulo, 2008.

SCOTT, J.T, “la morale sensitive” dans L’Essai sur l’origine des langues de Rousseau et ses sources, in “*Études Jean-Jacques Rousseau*”, XVI, Musée Jean-Jacques Rousseau, Montmorency, 2005-2006.

SILVA, Genildo Ferreira, *Rousseau e a Fundamentação da Moral: Entre Razão e Religião*. Dissertação de doutoramento, UNICAMP, 2004.

SIMPSON, Matthew, *Compreender Rousseau*, trad. Andréa Drumond, Vozes, Petrópolis, 2009.

STAROBINSKI, Jean, Jean Jacques Rousseau: *A transparência e o Obstáculo*, trad. Maria Lúcia Machado, Companhia das Letras, São Paulo, 1991.

STRECK, Danilo Romeu, *Rousseau & a educação*, Autêntica, Belo Horizonte, 2004.

TODOROV, Tzvetan, *Essai sur Rousseau*, Hachette, Paris, 1985.

TODOROV, Tzvetan, *Poética da Prosa*, trad. Maria de Santa Cruz, Edições 70, Lisboa, 1979.

TROUSSON, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau*, Éditions Hachette, La Flèche, 1993.

TROUSSON, Raymond, Emile et Sophie, ou Les Solitaires, in: *Dictionnaire De Jean-Jacques Rousseau*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

TROUSSON, Raymond, *Jean-Jacques Rousseau: heurs et malheurs d’une conscience*, Hachette, Paris, 1993.

VARGAS, Yves, *Introduction à l’Emile de Rousseau*, Press Universitaires de France, Paris, 1995.

VAUGHAN, C.E., *The political writings of Jean-Jacques Rousseau*, Cambridge University Press, Cambridge, 1915.

b) Consultada

BURGELIN, P., “*La Philosophie de l’existence de J.-J. Rousseau*”, Vrin, Paris, 1973.

Gauthier, David, “*Rousseau – The sentiment of existence*”, Cambridge University Press, New York, 2006.

GUICHET, J. L., Nature et origine: l’accident de Mênilmontant. In: *O’NEAL, J. The Nature of Rousseau’s Rêveries: physical, human, aesthetic*, Voltaire Foundation, Oxford, 2008.

SCHOLZ, Sally, *On Rousseau*, Wadsworth, Belmont, 2001.

SPINK, J. S., Première Version D’Émile, in *J.-J. Rousseau: Oeuvres complètes*, Vol IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969.

III. Complementar

a) Referida

BARBOSA, W., O Iluminismo no Século XXI: Rousseau e a Decepção com o Iluminismo. In: *Ciências & Vida: Filosofia Especial*. V. I, nº 5, pp. 20-29, 2007.

BÍBLIA DE JERUSALÉM, *Carta de São Paulo aos Romanos, capítulo 6, versículo 15*, Edições Paulinas, São Paulo, 1973.

BLANCHOT, Maurice, *O Espaço Literário*, trad. Álvaro Cabral, Rocco, Rio de Janeiro, 1987.

BOBBIO, Noberto, BOVERO, Michelangelo., *Sociedade e Estado na Filosofia Política Moderna*, Brasiliense, São Paulo, 1987.

BOBBIO, Noberto, *Entre duas repúblicas*, Universidade de Brasília, UNB, Brasília, 2001.

BOTO, Carlota, *A Invenção do Emílio como Conjectura: opção metodológica da escrita de Rousseau*, Educação e Pesquisa, São Paulo, v.36, n.1, p. 207-225, jan./abr., 2010.

CAMBI, Franco, *História da Pedagogia*, UNESP, São Paulo, 1999.

DALBOSCO, Cláudio Almir, *Educação natural em Rousseau: das necessidades da criança e dos cuidados do adulto*, Cortez, São Paulo, 2011

DARNTON, Robert, *Grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural*. Graal, Rio de Janeiro, 1986.

FABRE, Jean, Les grands écrivains du XVIII. In: *Littérature Française, tomo III de Histoire des littératures*, Gallimard, Paris, 1967.

FAÇANHA, Luciano da Silva, Esquecimento, *Solidão e Memória no Iluminismo-antecipação de uma nova linguagem a partir da relação autor, leitor, obra, O Caso Rousseau*. Comunicação apresentada no III Colóquio Nacional: J. J. Rousseau e o Iluminismo. Salvador, Bahia, 2007.

FETSCHER, Iring. *La Filosofia Política di Rousseau: per la storia dell concetto democratico di liberta*, Feltrinelli, Milão, 1977.

FORTES, L.R.S. “*Paradoxo do espetáculo*”, Discurso, São Paulo, 1997.

FRANCISCO, Maria de Fátima Simões, A Filosofia da Educação de Rousseau – uma proposta de releitura do Emílio, In: *Cadernos de História e Filosofia da Educação, V II, n. IV*, Editora da Faculdade de Educação, USP, São Paulo, 1988.

HAZARD, Paul, *O Pensamento Europeu no Século XVIII (De Montesquieu a Lessing)* trad. Carlos Grifo Babo, Editorial Presença, LDA., Lisboa, 2007.

HOBBS, Thomas, *Leviatã ou matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil*. Trad. João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva, Abril Cultural, São Paulo, 1979.

HOBBS, Thomas, *Leviathan*, trad. João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva Nova Cultural, São Paulo, 1997.

HUME, David, *Diálogos Sobre a Religião Natural*, Martins Fontes, São Paulo, 1992.

KANT, I., *Metaphysische Anfangsgrunde der Naturwissenschaft*, Vol IV, Cassirer, Berlino, 1913; tr. It. Primi princípi metafisici dela scienza dela natura, Giardini, Pisa, 2004.

LOCKE, John, *Dois tratados sobre o governo*, Martins Fontes, São Paulo, 1998.

LOCKE, Jonh, *Ensaio Acerca do Entendimento Humano*. Segundo tratado sobre o governo. Trad. Anoar Aieix, Nova Cultural, São Paulo, 1991.

LUCKESI, Cipriano Carlos, *Filosofia da Educação*, Cortez/Autores Associados, São Paulo, 1980.

MACPHERSON, C.B., *A Teoria Política do Individualismo Possessivo: de Hobbes até Locke*, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979.

MARITAIN, Jacques, *Trois Réformateurs: Luther, Descartes, Rousseau*, Librairie Plon, Paris, 1937.

MARITAIN, Jacques, *Nove Lezione Sulla Legge Naturale*, trad. Francesco Viola, Editoriale Jaca Book SpA, Milano, 1985.

NAEF, Werner, *La Idea del Estado em la Edad Moderna*, Aguilar, Madrid, 1973

NASCIMENTO, M. M., *O Contrato Social entre a escala e o programa*, Discurso. Nº 17, 1988.

PLATÃO, Diálogos. *Timeu, Crítias, O segundo Alcebiades, Hípias Menor*, Universidade Federal do Pará, Belém, 1986.

RODIS-LEWIS, G., L'Art de parler et l'Essai sul l'origine des langues, in *Revue interntionale de philosophie*, 21, nº 4, pp. 407-420, 1967.

Sahd, L. F. N. A. E. S., *Rousseau e os limites da lei natural, Cadernos de Ética e Filosofia Política* (USP), v. 21, p. 119-128, 2013.

SAVIANNI, Dermeval, *Educação: Do Senso Comum à Consciência Filosófica*, Cortez Editora/Autores Associados, São Paulo, 1980.

SÊNECA, L. A., *Cartas a Lucílio*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2004.

SÊNECA. L. A., *De la constance sus age; De la tranquillité de l'âme; De la brièveté de l'avie; De l'a vie heureuse; De la providence*, trad. Emile Bréhier. In: Les Soiciens, Gallimard,. T.II, Paris, 1962.

VITA, Álvaro de, *Vontade coletiva e pluralidade: uma convivência possível?* IN: Lua Nova, São Paulo, 1991.

WILSON, A. M., Diderot: *Gli anni Decisivi*, Feltrinelli, Milano, 1971.

c) Consultada

BLANCHOT, Maurice, “*O livro por vir*”, trad. Leyla Perrone-Moisés, Martins Fontes, São Paulo, 2005.

BURGELIN, Pierre, *Émile ou de l'éducation*, in *J.-J. Rousseau: OEuvres complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969.

BURGELLIN, P., “Notes e Variantes” [921], in *J.-J. Rousseau: OEuvres Complètes*, Vol. IV, Éditions Gallimard, Paris, 1969.

CASSIRER, Ernest, “*A filosofia do Iluminismo*”, trad. Álvaro Cabral, Editora da UNICAMP, Campinas, SP, 1997.

CASSIRER, Ernest, “*Rousseau, Kant, Goethe*”, trad. Roberto R. Aramayo, Fundo de Cultura Econômica, México, 2007.

CHAUÍ, Marilena, “*Curso de Filosofia Livre, série Ética*”, Cultura, Fundação Padre Anchieta, São Paulo, [s/d].

DELEUZE, Gilles, “Jean-Jacques Rousseau – precursor de Kafka, Celine e de Ponge”, in *A Ilha Deserta*, trad. Hélio Rabelo Cardoso Júnior, Iluminuras, São Paulo, 2006.

FAÇANHA, Luciano da Silva, “*Para Ler Rousseau: uma interpretação de sua narrativa confessional por um leitor da posteridade*”, Edições Inteligentes, UFMA, 2006.

FORTES, L.R.S., “*Rousseau: da teoria à prática*”, Ática, São Paulo, 1976.

FORTES, L.R.S., “*Rousseau: o bom selvagem*”, FTD, São Paulo, 1996.

FREIRE, Paulo, “*Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa*”, Paz e Terra, São Paulo, 1996.

GADOTTI, Moacir, “*História das Ideias Pedagógicas*”, Ática, São Paulo, 2001.

GOLDSCHIMIDT, Victor, “*Antropologie et politique. Les principes du système de Rousseau*”, Vrin, Paris, 1974.

GRAÇAS DE SOUZA, Maria, “*Ilustração e História: o pensamento sobre a história do iluminismo francês*”, Discurso Editorial & Fapesp, São Paulo, 2001.

GROSRICHARD, Alain, “Comentários acerca da obra de Bento Prado Júnior, A Retórica de Rousseau”, in *Prado Júnior Bento, A Retórica de Rousseau e Outros Ensaios*, trad. Cristina Prado, Cosac Nayf, São Paulo, 2008.

MASSEAU, Didier, “*L’ Invention de l’intellectuel das l’Europe du XVIIIème siècle*”, Puf, Paris, 1994.

RAVIER, André. “Le Dieu de Rousseau et le Christianisme”, In: *Archives de philosophie*, Paris, tome 41, cahier 3, 1978.

MARQUES, José Oscar de Almeida, “*A Rainha Fantásiosa*”, trad. Renato Moscateli, in *Reflexos de Rousseau*, Associação Editorial Humanitas, São Paulo, 2007.

MONTESQUIEU, Charles de Secondat Baron de, “*O Espírito da Leis*”, trad. Cristina Muracho, Editora Martins Fontes, São Paulo, 1993.

NOVAES, Adauto, “Cenários”, in *Ética*, Companhia das Letras, São Paulo, 1992.

SOUZA, Maria das Graças, “História e Declínio em Rousseau”, in *Ilustração e História: o pensamento sobre a história no Iluminismo francês*”, Discurso Editorial, São Paulo, 2001.

STAROBINSKI, Jean, “*As máscaras da Civilização*”, trad. Maria Lúcia Machado, Companhia das Letras, São Paulo, 1994.

TROUSSON, Raymond, “*Jean Jacques Rousseau*”, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2001.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima, “*Escrito de Filosofia II*”, Loyola, São Paulo, 1993.

VOLTAIRE, “*Cartas Inglesas ou Cartas Filosóficas*”, trad. Marilena de Souza Chauí Berlinck, Abril Cultural, São Paulo, 1973.